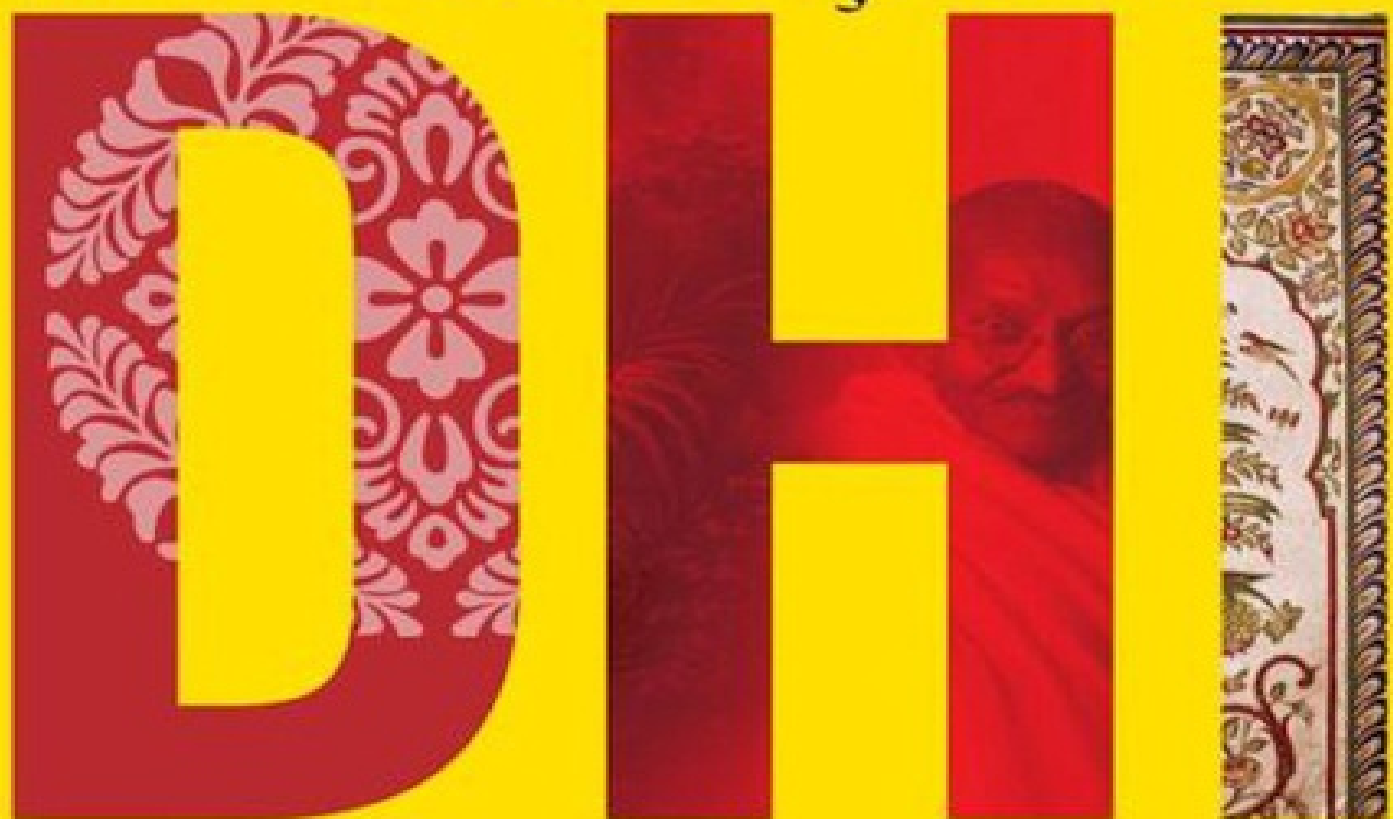


GAN

JAD ADAMS

ambição nua



A face oculta do santo que libertou a Índia,
mas destruiu a sua própria família





Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)

JAD ADAMS



gandhi

ambição nua

TRADUÇÃO

Fulvio Lubisco



Título original:

Gandhi: Naked ambition

Copyright © 2012 by Jad Adams

1ª edição — Agosto de 2012

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009

EDITOR E PUBLISHER

Luiz Fernando Emediato (licenciado)

DIRETORA EDITORIAL

Fernanda Emediato

PRODUTOR EDITORIAL

Paulo Schmidt

ASSISTENTE EDITORIAL

Erika Neves

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Megaarte Design

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Vinicius Tomazinho

REVISÃO

Valquíria Della Pozza

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Adams, Jad

Gandhi : ambição nua / Jad Adams ; tradução Fulvio Lubisco. – São Paulo : Geração Editorial, 2012.

Título original: Gandhi : naked ambition

Bibliografia

eBook ISBN 978-85-8130-068-9

Print ISBN 978-85-8130-067-2

1. Estadistas – Índia – Biografia 2. Gandhi, Mahatma, 1869-1948 3. Pacifistas – Índia – Biografia I.
Título.

12-10239

CDD-923.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Pacifistas : Índia : Biografia 923.2

GERAÇÃO EDITORIAL

Rua Gomes Freire, 225 – Lapa

CEP: 05075-010 – São Paulo – SP

Telefax : (+55 11) 3256-4444

E-mail: geracaoeditorial@geracaoeditorial.com.br

www.geracaoeditorial.com.br

twitter: [@geracaobooks](https://twitter.com/geracaobooks)

Para Julie



Sumário

A Partição da Índia, 1947

África do Sul, 1893

Introdução

1 Infância e casamento

2 Lições londrinas

3 Aventuras em Natal

4 Desafio e castidade

5 O Exército dos Pobres

6 Ativista de aldeia

7 Despertando a Índia

8 A Marcha do Sal

9 Ícone mundial

10 Saiam da Índia

11 Partição e morte

12 Legado

Bibliografia

Glossário

Índice remissivo



A Partição da Índia, 1947



África do Sul, 1893



Introdução

“Minha vida é a minha mensagem”¹

O acontecimento que mudou o mundo em 1930 foi registrado em todos os jornais e meios de comunicação nacionais: num ato tempestivo, Gandhi desafiara o Império Britânico ao pegar sal ainda não legalizado (sem o recolhimento dos devidos impostos), ou seja, contrabandeado de seu próprio país.² Relatos informam como, então, ele se lavou no mar; fotografias da época mostram o pequeno indivíduo, vestido de branco, contra o puro branco das salinas, um símbolo de pureza desafiando o maior império que o mundo viera a conhecer. Ao levantar os cristais brancos para que todos os vissem, a poetisa nacionalista Sarojini Naidu gritou, para aclamação da multidão: “Salve, libertador!”.

Como é normal nesses casos, a foto icônica é uma falsificação, uma criação por parte de jornalistas, produtores de filmes e biógrafos aduladores. Realmente, Gandhi foi para Dandi, mas as imagens e os relatos dessa sua visita foram fruto da montagem de um cenário muito bem pensado e cuidadosamente preparado. A famosa imagem mostra Gandhi, três dias depois de sua chegada, colhendo sal perto de Bhimrad, a dez quilômetros da costa e a 25 quilômetros de Dandi. Sarojini Naidu estava presente quando Gandhi chegou a Dandi, mas ela não expressou o frequentemente referido e notório grito (o qual teria representado para ela uma expressão decepcionantemente banal).³ O grande momento fotográfico foi uma reencenação para as câmeras do evento que havia ocorrido numa praia lamacenta onde o sal não era visível e, portanto, o ato era, aparentemente, menos simbólico.

A realização de Gandhi não foi o desafio à lei ao apanhar o sal (os camponeses o faziam constante e impunemente), mas foi o seu anúncio público de que ele quebraria a lei, andando durante vinte e quatro dias para fazê-lo, dando à mídia muito tempo para comentar e orquestrar sua cobertura.

Tanto seus colegas políticos quanto as autoridades britânicas, que não quiseram fazer uma demonstração de força devido à insignificância do ato, ficaram perplexos, pois nunca haviam considerado o sal como produto de alta relevância. Mas Gandhi conhecia a importância do simbolismo. Ele era um homem de grande espiritualidade, orava duas vezes por dia e murmurava incessantemente o nome de Deus; o cuidado com a sua dieta incluía um determinado número de grãos de uva a ser consumido. Mas muito mais importante do que

qualquer conhecimento espiritual era a sua consciência da imagem. Sua estranha forma de se vestir refletia a maneira pela qual tanto se esforçara para fazer de si mesmo a própria mensagem: a cartola e os adereços de um advogado londrino, a camisa simples e o *dhoti* (tipo de calçola indiana) de um simples camponês, as roupas caseiras daqueles que se recusavam a comprar tecidos importados da Inglaterra. Finalmente, ao conseguir um exército de adeptos trajados com vestuário feito em casa, ele apareceu com uma tanga, quase nu. Essa foi a imagem que percorreu o mundo — um homem santo, quase nu, contra um império. Ele tornou-se um ícone. Naquela época, somente Charlie Chaplin e Adolf Hitler tinham conseguido o reconhecimento mundial apenas por suas imagens, de maneira tal que todos sabiam o que eles representavam.

A vida de Gandhi foi o derradeiro desafio para um biógrafo, pois ela teve muitas facetas, e, além disso, existe muita informação contemporânea a seu respeito. Muitas pessoas demonstram dois aspectos de interesse em suas vidas. Um líder nacional pode ter uma carreira política incandescente e uma fantástica vida sexual, mas nada mais digno de ser comentado a seu respeito. Não é raro encontrar reformistas sociais com um complexo relacionamento com alimentação ou com religião; muitas pessoas famosas por suas realizações têm uma vida familiar tumultuada. A vida política de Gandhi, sua vida espiritual, sua vida familiar e sexual foram todas fascinantes; seu relacionamento com o alimento poderia, por si só, preencher um livro inteiro.

Em todas essas áreas, o próprio testemunho de Gandhi ainda sobrevive, suas obras totalizam cem volumes entre livros, artigos, cartas e discursos. Para alguns personagens famosos, como Homero, não existe nenhuma informação biográfica confiável; para outros, como Abraão, há pouca informação, enquanto para Gandhi, há uma abundância de informações. Gandhi sabia a maneira pela qual esse material seria usado e, por isso, ele dizia: “Minhas obras devem ser cremadas com o meu corpo. O que realizei perdurará, mas não o que eu disse ou escrevi”.⁴

Apesar de sua advertência, esta biografia baseia-se em fontes primárias, em suas próprias obras e relatos de pessoas que lhe eram próximas. Dessas pessoas, as mais importantes foram seu secretário, Mahadev Desai, entre 1917 e 1942, que escreveu um diário de nove volumes, e o assistente de Desai, posteriormente seu secretário principal, Pyarelal, que assistiu Gandhi de 1920 até a sua morte. Junto com sua irmã Sushila Nayar, médica de Gandhi, Pyarelal escreveu uma biografia de dez volumes. Todo outro material aqui utilizado foi extraído de testemunhas oculares e, particularmente, de diários ou de relatos quase contemporâneos, aos quais foi dada preferência em vez de posteriores interpretações.

As duas autobiografias do próprio Gandhi, uma sobre a sua vida na década de 1920 e a outra sobre suas experiências na África do Sul, são um guia para a relativa importância que ele dava aos vários aspectos de sua vida. Assim, menos ênfase deve ser colocada na lei e nas políticas, quando Gandhi era um estudante em Londres, do que na sua dieta vegetariana, porque era essa dieta que mais o obcecava. Na África do Sul, a vida das comunidades ideais que ele estabelecera e a sua própria castidade foram a parte mais importante de sua obra. A luta com o governo sobre os direitos indianos foi o que ele *fez*, a luta com a sua própria sexualidade foi o que ele *era*. Tal como muitos homens ambiciosos, Gandhi era altamente *sexuado*: o interesse

para o biógrafo é a maneira pela qual ele tentara conter essa sexualidade e a forma pura pela qual ele conseguia escrever a esse respeito.

Qualquer crédito dado às obras do próprio Gandhi abre imediatamente uma questão de confiança: Será que ele disse a verdade? Sua autobiografia tem o subtítulo de: *A História de Minhas Experiências com a Verdade*, mas em que tipo de verdade ele acreditava? Qualquer político poderia dizer que teve experiências com a verdade, mas isso seria um eufemismo para mentir.

Há uma evidência de que a incompetência de Gandhi demonstrada no início de sua vida pública foi exagerada, dando uma impressão mais dramática aos seus clamorosos sucessos posteriores. Alguns historiadores também acharam muito exagerada a sua contribuição às políticas da África do Sul. Certamente, seus adeptos ficaram decepcionados depois que seus supostos acordos com o governo sul-africano foram desfeitos. Entretanto, não é a respeito desses assuntos ou de suas interpretações que a verdadeira questão da veracidade de Gandhi emerge. A verdade de Gandhi é seletiva, não tanto pelo que ele queira ocultar, mas pelo que ele quer explorar em seu passado: o seu desenvolvimento moral. A *Autobiografia* começou como uma série de artigos instrutivos em seu jornal *Young India*, no qual cada capítulo, individualmente, tinha de representar a sua própria moral. Portanto, a obra tem o formato de uma série de lições, como *The Trials of Gandhi* (As Provações de Gandhi) ou *Gandhi's Progress* (O Progresso de Gandhi) de acordo com um de seus livros favoritos, a biografia espiritual de Bunyan *The Pilgrim's Progress* (O Progresso do Peregrino). A preocupação de Gandhi não era tanto com a precisão dos fatos de um incidente, mas com o seu significado espiritual.

Para Gandhi, o empenho na busca da verdade não era uma tentativa de alcançar a inquestionável precisão dos fatos, mas o esforço na busca da perfeição espiritual. Para ele, a verdade era eterna, e, por outro lado, se alguma coisa fosse transitória, ela não poderia ser chamada de verdade. “Muitas vezes, em meu progresso encontrei lampejos fugazes da Verdade Absoluta, Deus, e cresce em mim a diária convicção de que somente Ele é real e que todo o resto é irreal”, ele escreveu.⁵ A verdade de Gandhi era a divindade: “Verdade é Deus ou Deus nada mais é do que Verdade”.⁶ Ele explicou os passos pelos quais alcançara essa posição: “Em vez de dizer ‘Deus é Verdade’, eu agora digo ‘Verdade é Deus’... Houve um tempo em que duvidei da existência de Deus. Mesmo nessa época, eu não duvidei da existência da Verdade. Essa Verdade não é uma qualidade material; é pura consciência. Como a Verdade rege todo o universo, então ela é Deus”.⁷

No dia a dia, a verdade não é imutável, mesmo quando questões religiosas estão sendo consideradas. Em 1920, num pronunciamento sobre a questão do relacionamento entre castas, Gandhi disse: “A proibição de casar e comer entre pessoas da mesma casta é essencial para uma rápida evolução do espírito”.⁸ Na década seguinte, ele modificou o seu ponto de vista: “A restrição de casar e comer entre pessoas da mesma casta não faz parte da religião Hindu. Trata-se de um costume social que foi introduzido no hinduísmo quando, possivelmente, se encontrava em declínio”.⁹ Já, na década de 1940, ele dizia: “Definitivamente, eu não aprovo os casamentos entre pessoas da mesma casta”, e começou ativamente a discriminar os casa

mentos dentro das castas da maneira mais direta possível.¹⁰ Ele abençoou um casamento entre um professor brâmane e uma mulher intocável e ainda declarou que, a partir desse momento, suas bênçãos somente seriam auferidas em casamentos desde que uma das partes fosse um/uma *Harijan* (intocável).¹¹

Ele explicou àqueles que ficaram perplexos com suas posições: “Eu não me preocupo em ser consistente ou não. Em minha busca pela Verdade, descartei muitas ideias e aprendi muitas coisas novas... O que mais me preocupa é a minha presteza em obedecer à chamada da Verdade, o meu Deus, a cada momento e, portanto, quando alguém encontrar alguma inconsistência entre duas de minhas obras, se ele ainda tiver fé em minha sanidade, deverá preferir escolher a mais recente das duas sobre o assunto”.¹² E, mais diretamente, esclareceu: “Meu objetivo não é ser consistente com minhas afirmações anteriores, mas ser consistente com a Verdade, da maneira como ela me é apresentada num determinado momento. O resultado é que passei de uma verdade para outra”.¹³ E, conseqüentemente, esse é o dilema que o biógrafo tem ao interpretar as obras de Gandhi sobre a sua própria vida.

Até a não violência foi classificada. Em 1930, ele concordou em parar com a desobediência civil desde que fosse aceita uma lista de exigências que incluísse o direito dos indianos ao porte de armas. No início da 2ª Guerra Mundial, ele explicou: “Se a Polônia tiver a maior bravura e a mesma medida de altruísmo, a História se esquecerá de que ela se defendeu pela violência. Suaviolência será contada como umaquase não violência”.¹⁴ Sua disposição em considerar a guerra civil na Índia, na década de 1940, foi considerada um horror pelos britânicos com quem ele estava negociando.

Ele afirmou claramente que aprendera das grandes religiões “que deveríamos permanecer passivos com respeito aos desejos mundanos e ativos com respeito às buscas espirituais, que deveríamos pôr um limite à nossa ambição mundana e que as nossas ambições religiosas deveriam ser ilimitadas”.¹⁵ Fez referências diárias a outras religiões, cantou hinos cristãos e foi submetido ao abuso público quando fez uso de citações do Corão em suas reuniões de oração, mas a sua crença fundamental sempre foi o hinduísmo. Aparentemente, ele não achava satisfatórios os sistemas cosmológicos de outras religiões — apenas o hinduísmo tinha a resposta à unicidade espiritual. Ele considerava a reencarnação um assunto factual. Em 1909, escreveu para Tolstói: “Reencarnação ou transmigração é uma crença prezada e aceita por milhões de pessoas na Índia, assim como também é prezada e aceita na China. Muitos diriam que se trata de uma questão de experiência e não mais uma questão de aceitação acadêmica. Ela realmente explica muitos mistérios da vida”.¹⁶

Para Gandhi e outros devotos hindus, a parte pessoal da cosmologia é o movimento do espírito através de aparentes refinamentos ilimitados para alcançar a perfeição. Gandhi descreveu-a como “uma autorrealização para ver Deus frente a frente, para alcançar o *moksha*. Eu vivo, movimento-me e faço com que o meu ser esteja sempre em busca dessa meta”.¹⁷ *Moksha* é o termo para a libertação do ciclo de renascimento e morte; essa libertação não era uma meta modesta, mas uma que Gandhi achava possível para o seu alcance: “Estou impaciente com a minha realização em atingir o *moksha* nesta mesma existência. Meu serviço

nacional faz parte do meu treinamento para libertar minha alma da escravidão da carne. Portanto, o meu serviço pode ser considerado puramente egoísta. Não tenho nenhum desejo pelo reino perecível da Terra. Meus esforços são dirigidos ao Reino do Céu, ao *moksha*”.¹⁸

Essa é a pista para o comportamento às vezes contraditório de Gandhi: ele era um homem intensamente ambicioso. Mas essa ambição não era uma ambição comum. Pessoalmente, ele pouco se importava com o sal que procurava eliminar de sua dieta; ele realizou campanhas para os trabalhadores que tingiam tecidos, embora não aprovasse esse tingimento; ele apoiou os trabalhadores de tecelagens, embora estivesse se opondo ao tecido produzido industrialmente; ele queria que indianos governassem a Índia, mas não tinha tempo disponível para eleições e assembleias; ele gozava do suporte total dos ricos enquanto promovia os valores da pobreza. Nada disso importava; a meta não estava na realização de coisas transitórias, mas no acúmulo de poder espiritual. E, como ele dizia, a vida era a própria mensagem. A ambição não era conseguir justiça para os trabalhadores ou a independência da Índia — essas eram exigências transitórias. O objetivo de Gandhi nada mais era do que a perfeição espiritual.

1

Infância e casamento

“Você se encontra na esquina de uma rua pública”, escreveu Gandhi, lembrando-se da Índia de sua infância, na época do festival de inverno de Diwali. E continuou:

Observe o pastor correndo em seu terno branco, trajado pela primeira vez, sua longa barba virada para cima ao longo de seu rosto e amarrada sob o seu turbante, e cantando alguns versos entrecortados. Um rebanho de vacas, com seus chifres pintados de vermelho e verde e enfeitados com prata, o segue. Logo depois, um grupo de garotinhas, carregando sobre suas cabeças vasilhas feitas de massa e apoiadas sobre uma almofada... Depois, observe aquele homem alto com suíças brancas e um grande turbante branco ostentando uma longa pena, um cálam, presa nele. Ele tem uma longa faixa ao redor de sua cintura e um tinteiro de prata ajustado nela. Você deve saber que esse é um grande banqueiro.¹

Esse era o mundo onde Mohandas Karamchand Gandhi nasceu em 2 de outubro de 1869, na cidade portuária de Porbandar. Ele era da casta Vaishya, a casta dos comerciantes, dos artesãos e dos proprietários de terras, classificada como terceira na hierarquia espiritual das quatro principais divisões da sociedade hindu, depois da casta Brâmane e Kshatriya, mas antes da casta Shudra. Dessa casta, ele pertencia à subdivisão Bania, à qual, geralmente, pertencem os comerciantes — esses eram tantos que os britânicos passaram a usar o termo Bania para se referirem aos “comerciantes”. Dentro desse grupo, com a costumeira complexidade da organização social indiana, a família de Gandhi pertencia ainda a outra subdivisão, a Modh.

Gandhi afirma que seus antepassados eram donos de mercearia, mas, na época de seu nascimento, a família tinha se estabelecido no serviço público. Desde a época de seu avô Uttamchand Gandhi, os homens de sua família haviam sido primeiros-ministros nos principados de Kathiawar, a parte peninsular de Gujarat que se estende para o Mar Árábico, a mesma parte da província à qual pertencia a família comerciante de Mohammad Ali Jinnah, o grande adversário de Gandhi.

Mohandas Gandhi era o mais jovem dos três filhos e uma filha de Putlibai, a última esposa de Karamchand Gandhi, primeiro-ministro de Porbandar na época de seu nascimento. Posteriormente, ele seria primeiro-ministro de Rajkot e de Vankaner. Havia cerca de duzentos principados em Kathiawar, mas apenas catorze tinham o que diziam ser um sistema político independente, com permissão de funcionar desde que permanecessem nos limites estabelecidos pelo agente político britânico que atuava como seu “conselheiro”.

As qualidades que Gandhi admirava em seu pai eram a sinceridade, a coragem e a generosidade. Do lado negativo, ele observou que seu pai era irritadiço e, “até certo ponto, ele tinha tendências aos prazeres carnavais”.² Esses também eram traços refletidos em Gandhi: certamente, ele era corajoso, tanto que teve de superar a timidez até mesmo em sua idade adulta; era generoso com suas habilidades, ajudando pessoas, como os agricultores da África do Sul, além de preocupar-se com a Verdade em níveis metafísicos. Sua definição da Verdade à qual ambicionava era “a sinceridade na palavra como também no pensamento, e não apenas a relativa sinceridade de nossa concepção, mas a Verdade Absoluta, o Princípio Eterno, que é Deus”.³

Por outro lado, quanto aos traços que disse não respeitar em seu pai, Gandhi raramente se irritava com membros do público, embora fosse frequentemente colérico com sua esposa e outros membros de sua família. Possivelmente e, em parte, por um desejo de distanciar-se da natureza “carnal” de seu pai, Gandhi fez questão de ser abstêmio de álcool, de fumo e de carne. Ele também praticava exercícios para controlar o seu apetite sexual. Costumava levar esses exercícios, assim como relatórios a respeito, a níveis que muitos consideravam obscenos.

De modo geral, o pai de Gandhi foi um homem religioso, sem treinamento ou ritual regular, até o fim de sua vida, quando começou a ler diariamente o grande poema religioso e filosófico *Bhagavad Gita*. Sua mãe teve uma influência muito mais profunda nessa área. Ele observou: “Se vocês encontrarem em mim alguma pureza, eu a herdei de minha mãe, e não de meu pai”.⁴ Ela era extremamente religiosa — Gandhi escreveu a respeito de sua “santidade”.⁵ Essa “santidade” referia-se à sua ida diária ao templo, mantendo tanto a limpeza espiritual quanto a corporal por meio de rituais ao banhar-se e ao defecar; nunca comendo sem antes orar; e praticando o jejum durante o período de quatro meses de chuvas, o *Chaturmas*. Gandhi observou que “manter dois ou três jejuns consecutivos não era um sacrifício para ela”. Ela inventava novos e engenhosos jejuns para si mesma; durante um *Chaturmas*, em vez de comer uma refeição por dia, ela comia uma refeição em dias alternados — um dia sim e outro não; em outra ocasião, ela só comia depois de ter visto o Astro-Rei, o Sol. Esse era um teste para o jovem Gandhi, que ficava olhando para o céu enquanto o sol era obscurecido pela chuva a fim de poder avisar sua mãe assim que o astro aparecesse, e ela pudesse comer naquele dia. Ela, então, corria ao ar livre para ver o Sol e, caso ele tivesse desaparecido, ela manteria o seu voto. “Isso não importa”, ela dizia, “Deus não quer que eu coma hoje”, e voltava para seus afazeres. Esse modo de proceder acabou por incutir no filho a percepção de uma próxima ligação entre a observância religiosa e a vida cotidiana, algo que ele sempre exibiria quando adulto. Ele foi introduzido na disciplina do jejum, uma parte integrante das religiões hindus e jainista (com suas variações de Quaresma e Ramadã, nas religiões cristã e muçulmana). Gandhi elevaria o jejum a um novo nível.

Foi de Putlibai que Gandhi adquiriu o seu meticuloso cuidado com a ordem e a limpeza. Também havia um elemento universalista em sua influência, pois seus pais tinham sido membros da seita Panami, cujo objetivo é combinar os melhores elementos do islão e do hinduísmo. Entretanto, Putlibai era uma hindu ortodoxa em assuntos de castas. Ela dizia a seus filhos para não tocarem o garoto “intocável” que cuidava dos banheiros e que, se tivessem

contato com um intocável, eles teriam de tomar um banho ritualista; caso isso não fosse possível, eles deveriam tocar um muçulmano para passar adiante as impurezas. À medida que envelhecia, ele começou a argumentar com Putlibai: “Eu disse à minha mãe que ela estava totalmente errada em considerar o contato físico com *Ukas* (os intocáveis) um pecado”, Gandhi lembrou.⁶ Ele considerava que se Deus estivesse em todos os lugares, então Deus também estaria nos intocáveis. O seu hinduísmo era monoteísta: todos os deuses do panteão eram aspectos de uma única entidade divina.

Gujarat era uma das sedes dos membros da antiga religião jainista, para os quais o princípio de não agressão aos seres humanos é sacrossanto, enfatizando, ao mesmo tempo, a independência espiritual e a não violência. Os jainistas são eruditos importantes, pois fundaram algumas das mais antigas bibliotecas da Índia. Em sua infância, Gandhi não tinha interesse pelo estudo; por exemplo, ele somente leu o *Bhagavad Gita* depois dos seus vinte anos, em 1890, quando, então, leu a versão em inglês. Ele demonstrou uma tendência totalmente natural de aprender o que achava atrativo por suas influências, descartando o resto. Em seu caso, isso era incomum no sentido de que ele procurava apenas a mensagem moral e não a aventura, que também fazia parte das histórias religiosas.

Ele era levado a melhorar os contos da literatura hindu, sentindo que eles não eram meras fantasias, mas exemplos morais a serem copiados. Ele escolhia as histórias de Shrivana, tão especiais para seus pais idosos, a ponto de levá-las consigo em peregrinações; e a história do rei Harishchandra, que nunca proferira uma mentira e sempre mantivera a sua palavra. A força moral de Harishchandra levou-o a entregar o seu reino e, depois, a vender a sua esposa e filho, e, finalmente, a si mesmo em servidão. Esse comportamento foi louvado pelos deuses; e a sua virtude, recompensada. Gandhi observou que a história de Harishchandra o assombrava e que queria passar por essas mesmas provas por amor à verdade.

Quando Gandhi tinha cerca de sete anos, sua família mudou-se para Rajkot, onde seu pai havia sido nomeado primeiro-ministro e membro da Corte de Rajasthanik, a qual havia sido estabelecida pelos britânicos a fim de resolver disputas locais. Gandhi foi então exposto à operação do governo britânico e dos principados. Até o fim da vida de Gandhi, dois quintos do território da Índia e um quinto da população encontravam-se sob o domínio dos governantes locais. O restante era governado diretamente pelo vice-rei britânico, no ápice da hierarquia administrativa, representando a Coroa.

Posteriormente, Gandhi observou que, provavelmente, ele era um aluno indiferente — tudo o que podia se lembrar da sua primeira escola era a dificuldade que tinha com a tabuada. Ele próprio se lembra de ter sido tão tímido a ponto de chegar à escola assim que ela abrisse e de voltar para casa assim que as aulas terminassem a fim de evitar falar com as pessoas, pois temia ser ridicularizado. Ele era pequeno e magro, com medo de fantasmas, de ladrões e de cobras, e não podia dormir sem alguma luz no quarto. Sua ama dizia-lhe constantemente para repetir o nome de Deus — “Ramanama”. Ele nunca mais esqueceu essa lição e, em sua vida adulta, descreveu essa prática como “um Sol que abrilhantou o meu momento mais tenebroso”.⁷ Ele costumava pronunciar o nome de Deus em momentos de ataque físico.

Gandhi teve três irmãos: uma irmã mais velha, Raliatbehn, nascida em 1862, e dois irmãos,

Laxmidas (1863) e Karsandas (1866). Seus primeiros companheiros de brincadeiras foram os membros da família, particularmente os Karsandas. Juntos, eles desafiavam as restrições que lhes eram impostas, demonstrando o ressentimento que sentiam ao ter de pedir autorização para tudo o que fossem fazer. Eles começaram por fumar as bitucas que um tio descartava e, em seguida, roubavam dinheiro (provavelmente acessível devido à expectativa de honestidade dentro de casa) de um criado para comprar cigarros. Sua falta pueril de julgamento foi demonstrada por uma ação drástica: os dois estavam tão frustrados com a falta de liberdade que decidiram suicidar-se e conseguiram sementes de uma planta venenosa da floresta. Mas, no derradeiro instante, eles desistiram e não ingeriram as sementes. Mais tarde, Gandhi disse que essa experiência o levou a não dar importância às ameaças de suicídio que as pessoas expressavam.

Ainda criança, os pais de Gandhi começaram a procurar uma esposa para ele, de acordo com a prática habitual de Kathiawar (e de outras partes da Índia), preparando o seu “noivado” com uma garota apropriada. Ele ficou noivo três vezes, a morte das duas primeiras garotas demonstra por que esse costume prevalecia: era sábio “reservar” uma futura esposa receando não haver nenhuma disponível da casta apropriada e de *status* social, na época do casamento.

O noivado era uma prática estabelecida em lugares onde os casamentos eram arranjados pelos pais. Gandhi ficou noivo pela terceira vez em 1876, com sete anos, mas pode até não ter sido informado a respeito. O casamento infantil não era uma parte necessária desse procedimento, embora fosse culturalmente aceitável. O casamento de Gandhi, com treze anos, foi motivo de um constante desgosto. Ele descreveu-o como “um dos eventos mais amargos” que teve de suportar no momento de estabelecer a verdade sobre a sua vida e escreveu: “Não posso enxergar qualquer argumento moral para dar suporte a esse casamento absurdamente precoce”.⁸

De fato, Gandhi tinha um autêntico desprezo pelos costumes hindus com relação ao casamento que ele relacionava a um desperdício, não enxergando nenhum prazer ou objetividade alguma nisso.

Frequentemente, os pais dos noivos arruinam-se... desperdiçando suas finanças e perdendo seu tempo. Meses são gastos com os preparativos, que incluem a confecção de trajes e ornamentos e o levantamento de dinheiro para o jantar; cada família quer superar a outra em número de variedade de pratos a serem preparados. As mulheres, de boa voz ou não, cantam até ficar roucas ou doentes e perturbam a paz de seus vizinhos. Esses últimos, por sua vez, aguentam silenciosamente esses distúrbios e toda a sujeira consequente das festas, porque sabem que virá o momento em que também estarão se comportando da mesma forma.

Essa não é apenas uma crítica ao casamento infantil, parece ser também uma demonstração de intolerância à atenção dada aos casamentos — parte da impaciência geral de Gandhi com as coisas que pessoas comuns consideram importantes. Ele também apresenta aqui um traço que se desenvolveria na vida adulta: uma intolerância ao vínculo do próprio casamento, sugerindo a relativa insignificância do relacionamento com esposa e família em comparação a uma união mais transcendental com a divindade e uma conexão com a humanidade em geral. O

casamento de Gandhi, em 1883, foi particularmente infeliz

para alguém que não se impressiona com as coisas deste mundo, pois sua família decidira realizar o seu casamento junto com o de seu irmão Karsandas e o de seu primo, de mesma idade, formando um casamento triplo. Dessa forma, o custo seria dividido entre seu pai e seu tio, e os problemas seriam resolvidos de uma só vez — uma felicidade para os dois homens que já estavam envelhecendo e que queriam apressar o casamento de seus últimos filhos quanto antes.

Na época do casamento, seu pai ficou ocupado com negócios oficiais até que, afinal, ele teve de empreender uma viagem apressada de Rajkot para Porbandar em três dias, sendo geralmente feita em cinco. Durante a viagem, a carruagem capotou, e Karamchand ficou gravemente ferido, mas, como todos os planos já haviam sido feitos, o casamento foi realizado num local alugado para esse propósito. Posteriormente, o ferimento do pai daria a Gandhi outro motivo para pensar em seu casamento com desgosto, mas, na época, a cerimônia representava trajes deslumbrantes, música, cerimônias e “uma garota diferente com quem brincar”. Ele foi afastado da escola devido ao seu próximo casamento, perdendo quase um ano de sua educação na preparação do evento.

Kasturbai Kapadia tinha a mesma idade de Gandhi. Ela nascera em abril de 1869, de maneira que, na época de seu casamento, em maio, tinha catorze anos; e ele, treze. Mais tarde, Gandhi achou adequado “criticar severamente o meu pai por fazer-me casar em minha infância” (embora a crítica não tenha sido feita na presença do pai). Nessa época, a maioria na Inglaterra era de treze anos, e a idade para casar era de doze para as meninas e catorze para os meninos; um casamento como o de Gandhi poderia ser realizado na Inglaterra, embora os costumes não permitissem casamentos tão precoces. Por outro lado, pelos padrões Kathiawar, o casamento de Gandhi estava longe de ser considerado precoce, pois a maioria das meninas se casava com oito anos.

Kasturbai (a forma Kasturba foi usada depois de ela assumir o controle de sua própria casa) também nascera em Porbandar. Seu pai, Golkaldas Kapadia, era comerciante de tecidos, grãos e algodão e também foi prefeito de Porbandar; sua mãe era Vraikunwerba. Eles também pertenciam à seita *Modh Bania* (de fato, os pais de Gandhi e de Kasturbai não teriam combinado esse casamento caso não pertencessem a essa seita). A casa da família de Kasturbai era próxima à casa dos Gandhis, embora os dois não tivessem brincado juntos quando menores. Fora do horário da escola, Gandhi tinha liberdade para sair às ruas, seguir uma parada cerimonial ou subir em árvores no pátio próximo ao templo. Por outro lado, Kasturbai não teve oportunidade de frequentar a escola nem permissão de brincar ao ar livre e foi mantida dentro de casa para aprender a ser mãe e dona de casa. Ela cresceu ouvindo histórias de boas esposas como Anasuya, que permaneceu casta quando a sua virtude foi testada, e a de Sita, que foi fiel ao marido, Rama, apesar das muitas tribulações.

Kasturbai levou consigo um baú cheio de roupas novas e um cofre contendo joias de ouro. Antes do casamento, os corpos dos noivos foram ungidos com cúrcuma, amêndoa, sândalo e creme pelos membros da família do mesmo sexo deles. Numa cerimônia sânscrita num período propício de acordo com as previsões astrológicas, os jovens noivos empreenderam juntos os

seus primeiros sete passos, repetindo frases sobre o significado de cada passo. No último, Gandhi exclamou que esse passo significava “poder viver eternamente juntos como amigos”, ao que Kasturbai respondeu: “É o fruto de minhas boas ações que fez com que eu tenha você como marido. Você é o meu melhor amigo, meu mais alto guru e o meu senhor soberano”.⁹

Nessa noite, ele relatou que eles estavam nervosos demais para se encararem, embora seu cunhado já houvesse lhe explicado os fundamentos do sexo, e ele pensasse que alguém tivesse feito o mesmo com Kasturbai. Ele escreveu: “Ah! Naquela primeira noite, duas crianças inocentes mergulhavam desordenadamente no oceano da vida”.¹⁰ O posterior repúdio de Gandhi acerca de sua natureza sexual fez com que ele relutasse em descrevê-la e apenas proporcionou alguns detalhes de seu “desejo carnal”. Ele escreveu: “proponho-me a cobrir com uma cortina a minha vergonha”. De fato, parece que ele tivera um apetite sexual normalmente saudável, cuja expressão, apesar de sua pouca idade, fora sancionada pelos hábitos locais e por sua família. A repulsa era algo que ele próprio criou em reflexões posteriores.

A vida dos jovens não era como se estivessem vivendo sozinhos — longe disso: eles moravam na casa da família de Gandhi, em Rajkot, um lar sob o controle de sua adorada mãe. Felizmente para a jovem noiva, Putlibai não foi a tirânica sogra como outras tantas jovens noivas se queixavam. Jovens maridos e esposas deveriam ignorar-se durante o dia: expressões de afeto eram consideradas indecentes; eles ficavam juntos apenas em seu pequeno quarto. Sem experiência no campo do casamento, Gandhi lia pequenos panfletos que falavam sobre o amor conjugal, frugalidade, casamento infantil e outros assuntos semelhantes. Ele observou: “Era um costume meu esquecer o que eu não gostava e praticar tudo o que eu gostava de fazer”. Um dos princípios que ele adotou desses panfletos foi o dever de um marido ser fiel à sua esposa. Ele abraçou esse princípio e o estendeu a Kasturbai, insistindo em sua fidelidade. Isso não foi difícil, mas ele começou a ficar ciumento de qualquer compromisso que não fosse com e para ele. Fazia questão de que ela ficasse em casa, dizendo-lhe que não podia sair sem a sua permissão. Ela recusou-se a aceitar essas indignas restrições e continuou indo ao templo e a visitar suas amigas. Ele escreveu: “Quanto mais restrições eu impunha, mais liberdade ela tomava, o que me deixava cada vez mais com raiva”. Esse jogo de adolescentes quanto à autoridade de marido foi redimido, aos olhos de Gandhi, porque sua severidade se baseava no amor e em seu desejo “de que ela vivesse uma vida pura, que aprendesse o que eu aprendi”.

Kasturbai não tivera nenhuma instrução formal, era analfabeta. Gandhi, então, incumbiu-se de melhorar a educação dela, mas deparou-se com dificuldades, pois ela “não tinha vergonha de sua ignorância”. Assim, o tempo que ele tinha para ensiná-la era à noite e “contra a vontade dela”. Tal como essa relutância dela, ele também lastimava o fato de que o seu “amor libidinoso” não lhe deixava tempo suficiente para instruí-la. A educação dela permaneceu rudimentar, algo que Gandhi, posteriormente, culpou sua vida sexual ativa: “Tenho certeza de que, se o meu amor não tivesse sido totalmente maculado pelo desejo sexual, ela teria sido hoje uma senhora erudita”.

Depois da interrupção por causa de seu casamento, Gandhi continuou seus estudos de segundo grau, chegando a ser considerado um aluno acima da média e conquistando o afeto de

seus professores. Raramente era castigado, mas, se o fosse, a vergonha de tê-lo merecido era ainda maior do que o próprio castigo. Com o tempo, o ensino foi administrado em inglês, e ele ainda se dedicou a aprender o sânscrito, com o qual teve certa dificuldade, mas, afinal, foi recompensado, pois era a linguagem dos livros sagrados hindus.

Gandhi não foi mais rebelde do que a maioria dos adolescentes de sua idade; ele foi levado a praticar maus costumes na companhia de um amigo de seu irmão, Xeique Mehtab, um garoto mais velho que Gandhi imaginava poder se transformar. Ele contou a sua ideia à esposa, à mãe e ao irmão, que o aconselharam a não andar com ele. Mehtab aparece no livro *Autobiography* (Autobiografia) como uma escura sombra de Gandhi — abraçando todas as maldades que Gandhi experimentou, mas resistiu; o menino é o tentador na história da moralidade que é a vida de Gandhi. Ele não é nomeado nesse livro porque, sem dúvida, quando foi publicado, na década de 1920, Gandhi não quis enfatizar o fato de que um de seus poucos e totalmente negativos personagens em sua vida fora um muçulmano, numa época em que estava promovendo a unidade entre hindus e muçulmanos. Mehtab, forte e atlético, atribuía a sua constituição ao fato de comer carne. Ele também atribuía o domínio dos ingleses sobre a Índia devido ao seu regime alimentar.

Olhem para o poderoso inglês
Ele reina sobre o pequeno indiano
Porque, sendo comedor de carne,
Ele tem dois metros de altura.

Gandhi ficou impressionado com essa possibilidade de cura para os males nacionais. Ele disse: “Começou a crescer em mim o pensamento de que comer carne fosse saudável, de que isso me tornaria forte e audacioso e de que, se todo o país comesse a comer carne, os ingleses seriam derrotados”.¹¹ É possível ver que, em sua adolescência, ele já pensava em expulsar a presença imperial da Índia — assim como já pensava que a dieta alimentar tinha um papel importante na política.

Seus pais pertenciam à maioria da seita Vaishnava, uma seita hinduísta que proibia terminantemente comer carne e tinha uma forte influência jainista, com seu extremo respeito por todas as formas de vida. Um dia, incentivado pela vontade de incutir a “reforma alimentar” e pelo entusiasmo de enveredar por outro caminho na vida, Gandhi sentou-se à beira de um rio com Mehtab e tentou comer um pouco de carne de cabrito com um pedaço de pão. A carne era dura, e ele ficou enjoado. À noite não conseguiu dormir, pois sonhos com um cabrito vivo balindo dentro dele o perseguiram. Seu amigo persistiu até que Gandhi se convenceu de que comer carne era um dever e, no ambiente de uma sala de jantar atraente e com vários pratos de carne preparados por um chef, tomou gosto por essa comida. A fase de comer carne durou talvez umas doze refeições durante o período de um ano, quando ele tinha catorze ou quinze anos. A carne não era mais fisicamente ofensiva para Gandhi ao final desse período, mas ele não suportava mais o fato de ter de mentir para seus pais sobre sua falta de apetite pelas refeições familiares, as quais ele agora achava insuportáveis. A solução que ele encontrou para esse dilema — não querer perder a amizade do amigo, tampouco ter de mentir para seus pais

— foi assegurar a Mehtab que, embora fosse essencial comer carne e empreender a causa nacional da reforma alimentar, ele só o faria depois que os pais morressem, a fim de não ter de mentir para eles.

Esses capítulos de sua autobiografia referem-se às “tentações de Gandhi”: ele conta como foi levado a fumar, a roubar, a comer carne e a praticar sexo, mas revela que encontrou a derradeira santidade ao rejeitar esses desvios do verdadeiro caminho. Ele até conta que as suspeitas que desenvolveu a respeito de Kasturbai foram alimentadas por Mehtab, como se Gandhi não fosse responsável ou nada fizera de errado, salvo quando fosse tentado. Ao recordar-se dessa época, cinquenta e cinco anos mais tarde, ele se lembra de que o Xeiique Mehtab “me manteve sob o seu pulso por mais de dez anos. Suas sugestões fizeram com que eu viesse a duvidar do caráter de Ba (Kasturbai). Quebrei suas joias, recusei-me a ter qualquer contato com ela e mandei-a de volta para a casa de seus pais”.¹²

Xeiique Mehtab era filho de um carcereiro empregado pelos ingleses e, portanto, fazia parte de uma família bem inferior à de Gandhi. Por que esse amigo gastava tanto dinheiro com Gandhi? Ele levava-o para comer em restaurantes e uma vez chegou a pagar pela visita a um prostíbulo. É de suspeitar que Gandhi fosse um participante mais do que voluntarioso nessas aventuras sociais: ele tinha medo — “Ele me ameaçou muitas vezes”, ele disse —, mas também admirava e temia Mehtab.¹³ Ele não foi o único jovem a ser desviado do caminho reto por ter amigos de má índole. No prostíbulo, o tímido jovem não conseguiu atuar: “Entrei no antro do pecado, mas Deus, em sua misericórdia infinita, me protegeu de mim mesmo”, ele escreveu; “Fiquei quase cego e mudo nesse antro de vício”.¹⁴ Ele sentou-se perto de uma prostituta, mas não conseguia falar; ele não menciona os esforços que ela fez para estimulá-lo. Por fim, ela perdeu a paciência e, insultando-o, mandou que fosse embora. Ele preocupou-se em contar esse episódio para dizer que houve quatro incidentes “semelhantes” em sua vida — provavelmente aqueles em que tivera sexo fora do casamento — “e, na maioria, minha sorte, em vez de qualquer esforço de minha parte, me salvou”.

Essas transgressões de adolescente foram insignificantes, mas de interesse biográfico, devido às suas considerações de culpa a esse respeito. A maioria das pessoas (e a maioria dos sistemas legais) se satisfaz em fechar os olhos para essas transgressões menores, cometidas quando as faculdades morais não são totalmente formadas. Gandhi, o homem, estava interessado no desenvolvimento desse processo moral; ele queria saber de que forma isso o mudara. O valor comparativo que colocou em suas transgressões é interessante. Ele repetidamente considera o sexo (inclusive dentro do casamento) vergonhoso; ele extensivamente pondera sobre o pecado de comer carne; no entanto, ele faz constar em apenas uma linha o ato de roubar centavos de um pedinte, ato esse que muitas pessoas considerariam desprezível. Gandhi disse que isso ocorreu quando tinha doze ou treze anos — preocupa-se muito por ter roubado uma peça de ouro de seu irmão, quando tinha quinze anos. Esse crime o preocupou tanto que jurou nunca mais roubar e confessá-lo a seu pai. Mas, como não teve coragem de fazê-lo em viva voz, ele escreveu e entregou o papel para Karamchand, esperando que este fosse ficar muito irado. Mas o pai apenas chorou e não disse nada, deixando uma profunda impressão sobre Gandhi, que concluiu que “uma clara confissão, combinada com a

promessa de nunca mais cometer tal pecado, quando oferecida a alguém que tem o direito de recebê-la, é o mais puro tipo de arrependimento... Desse dia em diante, dizer a verdade tornou-se uma paixão para mim”.¹⁵

Karamchand ficara doente durante algum tempo, e seu filho tinha de voltar da escola para casa para cuidar do pai, que nunca mais se restabeleceu completamente das feridas sofridas no acidente da carruagem na época do casamento. Ele tinha uma fístula no pescoço que não respondia ao tratamento médico. Um cirurgião inglês recomendara uma cirurgia, mas o médico local da família aconselhou não fazê-la. Gandhi cuidava dos remédios do pai, trocava os curativos da ferida e o alimentava. Às vezes, essas tarefas eram assumidas por outros membros da família, inclusive o irmão de Karamchand que viera visitá-lo e insistira em dormir ao lado da cama do doente.

Foi na noite de 16 de novembro de 1885 que o irmão de Karamchand assumiu os cuidados, dizendo a Gandhi que fosse dormir. O adolescente estava ansioso por fazer sexo com Kasturbai e a acordou para esse propósito. Entretanto, minutos depois, uma doméstica bateu à porta, informando que o pai acabara de morrer. Ele correu para o quarto do pai e se deparou com Karamchand morto. Amargamente, lastimou o fato de o pai não ter morrido em seus braços. “Foi meu tio que teve esse privilégio.”¹⁶ Gandhi associou a sua dor pela morte do pai à culpa de não ter estado presente e à “vergonha de meu desejo carnal até nessa hora crítica da morte de meu pai que exigia constante atenção”. Ele nunca pôde se perdoar por ter “atendido ao chamado da luxúria” naquele momento. Com cinquenta e seis anos, quando escreveu a respeito dessa memória, ele ainda ponderava sobre o acontecimento: “Levei muito tempo para me libertar das correntes da luxúria e tive de passar por muitas provações antes de poder superá-las”. Gandhi acrescentou que Kasturbai estava grávida na época e que a criança que ela carregava viveu apenas alguns dias. Ele também assumiu essa culpa: “Nada mais do que isso podia ser esperado. Que todos aqueles que são casados tenham o meu exemplo como advertência”.

A família agora tinha um problema sério: a pensão que Karamchand ganhava do governador de Rajkot não foi mais recebida, e os irmãos mais velhos de Gandhi tinham apenas posições legais menores. Eles não possuíam o domínio da língua inglesa necessário para uma função governamental mais importante, como a de seu pai, agora que os ingleses estavam tão proeminentes no sistema político. Karamchand havia gasto o dinheiro à medida que o recebia; ele deixou alguma propriedade, mas quase nada mais.

Agora, a família dependia de Gandhi para levar adiante a sua sorte. Ele teria de melhorar a sua educação para conseguir um trabalho bem remunerado a fim de ajudá-los a sobreviver. Ele era um aluno acima da média, embora não tenha sido um estudante exemplar no segundo grau, que frequentou com a ajuda de bolsas de estudo. Ele foi um dos quatro candidatos matriculados para as provas de admissão do Samaldas College, no qual foi admitido em janeiro de 1888, com dezenove anos.

Solidão e saudade de casa eram sentimentos constantes que Gandhi sentia enquanto morava sozinho pela primeira vez na vida e fazia faculdade em Bhavnagar, a 150 quilômetros de Rajkot. As aulas eram ministradas em inglês, o que era uma dificuldade para ele. O ensino era

superior ao que ele tivera e não conseguia muito bem acompanhar as matérias. Consequentemente, suas notas eram baixas. A interrupção ocorrida por ocasião de seu casamento e o tempo que passou cuidando do pai podem ter prejudicado seu desempenho como aluno. Ele conseguiu progredir posteriormente ao aplicar disciplina e determinação em seus estudos, mas nunca foi um estudante talentoso.

Kasturbai estava grávida novamente, mas, desta vez, do primeiro filho que sobreviveu, Harilal. Assim, o pensamento de sua paternidade iminente pode muito bem ter afetado Gandhi. Ao final do primeiro ano, quando voltou para casa, ele discutiu os seus problemas com a família, cuja sorte dependia muito de seus esforços. Com a ausência de Karamchand, a família contava com o aconselhamento de um amigo, Mavji Dave, um Brâmane erudito com grande sabedoria secular. Ele disse que, se Gandhi superasse suas dificuldades e continuasse seus estudos no colégio, poderia conseguir um diploma em administração de empresas, mas isso não o qualificaria para uma alta função — ele não teria condição de seguir os passos de seu pai e tornar-se primeiro-ministro. O que ele deveria fazer era ir para Londres e frequentar um curso de direito no Colégio de Advogados.¹⁷ Um curso de três anos lhe proporcionaria grandes recompensas.

Havia barreiras a serem superadas: o custo de três a quatro mil rúpias significava uma fortuna para uma família que lutara para que o filho menor pudesse estudar numa faculdade a 150 quilômetros de casa. Também havia o fato de que um hindu ortodoxo não deveria atravessar o mar por temer a poluição ritualista, além do medo real de sua mãe de que Gandhi se envolvesse com mulheres, bebesse bebida alcoólica e comesse carne caso fosse sujeitado às tentações da vida londrina. Se Kasturbai manifestou alguma opinião a respeito, ela não foi registrada. Seu filho nasceu na primavera de 1888 enquanto planos estavam sendo programados para o futuro de Gandhi.

Gandhi pensou: “Se eu for para a Inglaterra, não apenas me tornarei um advogado (algo sobre o qual pensei muito), como também terei a oportunidade de conhecer o país, a terra de filósofos e poetas, o próprio centro da civilização”.¹⁸ Ávido por novas experiências, “ele imediatamente aceitou a proposta” de ir para Londres, embora não tivesse certeza se deveria escolher direito ou medicina, a qual ele preferia. Entretanto, a família tinha opinião formada; não queria, por motivos religiosos, que Gandhi se envolvesse com dissecação; eles também consideraram que a medicina não seria tão adequada se ele quisesse seguir os passos do pai, como primeiro-ministro. Contudo, a escolha da carreira não era apropriada para a natureza de Gandhi — ele levou muito tempo para chegar a ser um advogado razoável. Por outro lado, ele era naturalmente atraído pela cura: aproveitava qualquer oportunidade para participar de reuniões sobre trabalhos relacionados à saúde — ao atender os feridos durante a guerra, em trabalhos de saneamento, ao tratar dos males de amigos e da família e experimentando seus próprios remédios para curá-los.

Se estivesse à procura de uma função na administração indiana, ele antes teria de conseguir a assistência dos britânicos para seus estudos, pois, através de agentes políticos, eles não somente controlavam a Índia Britânica, como também os principados. Havia um agente britânico em Porbandar, onde a família era conhecida pelo trabalho realizado por Karamchand

e onde seu irmão Tulsidas vivia. Assim, Gandhi foi a Porbandar visitar seu tio, esperando obter dele uma carta de recomendação. Mas ele não teve sucesso; Tulsidas não gostava dos indianos que retornavam da Inglaterra como advogados, porque eles adotavam o estilo de vida europeu — seus trajes, sua alimentação, seus charutos, enfim, tudo o que lhe era desagradável.

Gandhi, então, resolveu escrever diretamente para Frederick Lely, o agente político, que o convidou para ir à sua casa. O oficial não tinha feito nenhum arranjo para uma audiência especial com Gandhi, mas, assim mesmo, quis resolver a questão rapidamente. Gandhi fez-lhe uma grande reverência e formulou as poucas frases que havia preparado para o evento, a sua primeira entrevista com um cavalheiro britânico, falando (de maneira bem desajeitada para alguém que queria estudar na Inglaterra) em guzerate. Lely simplesmente lhe disse: “Termine primeiro seus estudos superiores e depois volte para me ver. Por enquanto, nenhuma assistência pode ser dada a você”.¹⁹ Embora seja estranho pensar que o administrador dispensara Gandhi levianamente, esse administrador que, posteriormente, teria tanto a ver com o desmantelamento da Índia Britânica, a partir de seu ponto de vista, Lely tomara uma decisão lógica, afinal seus fundos limitados deviam ser alocados aos melhores alunos, e Gandhi era um candidato insatisfatório. Ele escolhera ir para a Inglaterra devido às dificuldades com seus estudos na Índia. Apesar de não ter sido informado a respeito, a atitude de Lely certamente era desencorajar esses candidatos. Além disso, Gandhi não apresentara nenhuma carta de recomendação, sua única referência era a de ser filho de Karamchand, e seus irmãos tampouco demonstraram qualquer tipo de virtude.

Gandhi voltou para Rajkot muito frustrado e ficou pensando em suas opções. Laxmidas, seu irmão mais velho, em quem sempre confiou, deveria ter condições de ajudá-lo ou, então, Gandhi poderia vender as joias de Kasturbai. De volta para casa, Gandhi agora enfrentava a oposição de sua mãe, que temia as tentações morais que ele poderia sofrer na Inglaterra. Ela foi aconselhar-se com um monge jainista, um amigo que havia pertencido à casta *Modh Bania* antes de converter-se. A solução foi fazer o filho jurar não beber vinho, não tocar em mulheres nem comer carne. Somente assim, sua mãe deu-lhe permissão. E ele recorda: “Dormindo, despertando, bebendo, comendo, andando, correndo ou lendo, eu estava constantemente sonhando e pensando sobre minha ida à Inglaterra”.²⁰ Com algum autoconhecimento, aos dezenove anos, ele escreveu: “Eu não sou um homem que facilmente desiste de proposições já formadas”.²¹

Durante a primavera de 1888, Gandhi e sua família passaram a fazer contatos com amigos e familiares a fim de levantar os fundos necessários para o seu propósito. Finalmente, eles conseguiram o suficiente — era todo o dinheiro que a família Karamchand possuía. Era tão raro o fato de um jovem de Rajkot ir estudar na Inglaterra que o colégio preparou uma despedida em sua honra. Ele havia preparado algumas palavras de agradecimento, mas era tão tímido e desacostumado a falar em público que mal conseguiu balbuciar as palavras. Ele escreveu a esse respeito: “Lembro-me de que minha cabeça rodopiava e o meu corpo tremia ao levantar-me para apresentar a leitura”.²² E, quanto à sua despedida, em 10 de agosto, ele escreveu: “Minha mãe escondia em suas mãos o rosto cheio de lágrimas, mas seus soluços eram claramente ouvidos... eu estava no meio de um círculo de cerca de cinquenta amigos. Se

chorasse, eles poderiam pensar que eu fosse fraco. Portanto, não chorei, apesar de meu coração estar em frangalhos”. Por último, chegou a vez de se despedir de Kasturbai. Como os costumes proibiam que a visse ou lhe falasse na presença de amigos, os dois tiveram de se retirar para um quarto separado. “Ela, é claro, começou a soluçar muito antes. Por um momento, fiquei à sua frente, mudo como uma estátua. Depois a beijei, e ela disse, ‘Não vá’.”²³

Laxmidas e os amigos de Gandhi, inclusive Xeique Mehtab, viajaram junto com ele até Bombaim, onde os irmãos se hospedaram na casa da irmã, Raliatbehn. Naquele momento, o Oceano Índico estava muito revoltado; não fazia muito tempo que um navio afundara. Assim, Gandhi foi aconselhado a esperar algumas semanas para viajar. Durante a sua estada em Bombaim, assim que outros membros da casta *Modh Bania* souberam de sua viagem, ele passou a ser apontado e ridicularizado.

O chefe dessa comunidade, que estivera em bons termos com o pai de Gandhi, promoveu uma reunião geral da casta para a qual Gandhi foi convocado. O chefe apresentou suas oposições como obrigações religiosas: “Nossa religião proíbe as viagens ao estrangeiro”, ele disse, explicando que não era possível viver entre os europeus sem comprometer o hinduísmo. Gandhi, então, contou-lhes o juramento que havia feito à sua mãe e disse que a casta não deveria interferir. O chefe injuriou-o e declarou: “A partir deste momento, este garoto será tratado como um pária. Quem o ajudar ou o acompanhar ao porto para se despedir será punido com uma multa”.²⁴

Com Gandhi sendo declarado um pária, e as pessoas que o apoiavam sendo ameaçadas com a mesma condenação, a situação do jovem era precária. “Até os poucos que antes me deram o seu apoio me abandonaram e me deixaram sozinho.”²⁵ Ele, agora, estava mais do que ansioso por partir. Quando, finalmente, encontrou um navio, foi buscar o dinheiro que fora deixado sob a guarda do cunhado, mas o cunhado recusou-se a entregar-lhe para não incorrer na punição da casta — ele não deveria ajudar Gandhi em sua viagem. Gandhi, então, resolveu o problema pedindo o dinheiro emprestado a um amigo que foi, então, reembolsado pelo cunhado, evitando, assim, que este o ajudasse diretamente.

Gandhi partiu de Bombaim a 4 de setembro de 1888. Pela primeira vez, ele estava em companhia de britânicos. Ele dividiu uma cabine com o único outro indiano a bordo.

Na Índia, Gandhi trajava uma jaqueta longa sobre calça de pano e um turbante. Ele usava o seu cabelo amarrado em um nó, mas preferiu abandonar esse hábito durante a viagem à Inglaterra, temendo se expor ao ridículo. Querendo se misturar ao máximo com a sociedade inglesa, ele comprou trajes britânicos, inclusive uma gravata que ele “detestava” — mas que, posteriormente, “veio a apreciar” — e um paletó, o qual, por ser mais curto do que o paletó indiano, ele considerava como “indecente por não cobrir as nádegas”.²⁶ Há uma foto de Gandhi, com os cabelos alisados e partidos ao meio, trajando um terno de três peças, uma camisa de colarinho e uma gravata-borboleta, parecendo muito com um inglês de classe média.

Como era a sua primeira vez em companhia de um grande grupo de ingleses, sentiu-se desconfortável: não estava acostumado a falar o idioma inglês, não conseguia acompanhar suas observações e, quando entendia, não respondia. Ele precisava separar cada frase em sua mente antes de poder entendê-la, não sabia usar garfo e faca e não tinha coragem de perguntar quais

os pratos que não continham carne.

Antes de partir, amigos advertiram-no de que não suportaria o clima da Inglaterra sem comer carne, de que congelaria se não tomasse alguma bebida alcoólica e de que fumar era obrigatório. Um bondoso companheiro de viagem também o aconselhou a se acostumar a comer carne, fosse agora ou na Inglaterra, mas ele resistiu. A bordo do navio, ele ficava surpreso e fascinado com tudo; ficou admirado com os banheiros — “Na Índia, não temos água nos banheiros. Usamos pedaços de papel”.²⁷ Ao entrar pela primeira vez num elevador, em Londres, ele imaginou ser um quatinho onde teria de esperar, até começar a subir. Quando desembarcou em Tilbury, em 29 de setembro, Gandhi não estava vestido propriamente para o clima da época. Inexperiente e despreparado, ele tomou o trem para Londres.

A relação entre a Índia e a Inglaterra foi (e continua sendo) muito complexa, provocando uma variedade de respostas de lado a lado. Basicamente, a Grã-Bretanha era um poder estrangeiro de ocupação. Os britânicos haviam superado outros poderes europeus na corrida para dominar a Índia e, ao mesmo tempo, conseguiram deslocar os mongóis, os conquistadores anteriores da Índia. Doze anos antes do nascimento de Gandhi, o amotinamento das tropas indianas, em 1857, tinha por objetivo expulsar os ingleses a fim de restaurar o decadente imperador mongol. O amotinamento começou quando surgiram rumores de que as balas de fuzis — cujas extremidades eram retiradas com os dentes — eram preparadas com gordura de porco e de boi, animais tabus para muçulmanos e hindus respectivamente. Esses rumores e outros (inclusive de que a farinha de trigo havia sido contaminada com farelo de osso) encontraram um solo fértil nos soldados ressentidos que haviam anteriormente se amotinado por outros motivos. As pessoas que espalharam os rumores conseguiram unir os hindus e os muçulmanos da Índia numa queixa de causa comum — essa foi a base das agitações nacionalistas que nunca mais se repetiram tão firmemente: Gandhi foi um dos muitos que falharam em arregimentar as diferentes religiões da Índia sob a bandeira antibritânica, a não ser por curtos períodos de tempo.

Depois que a rebelião de 1857 foi reprimida, a Coroa Britânica tomou o controle direto da nação sob a liderança de um vice-rei nomeado pela rainha. Assim, a Inglaterra conquistou o mercado indiano, tomando conta da exportação de seus produtos, principalmente o algodão. Havia emprego para os expatriados ingleses, especialmente para aqueles que possuíam habilidades, mas não os meios para operarem ferrovias, construírem estradas e pontes e tornarem-se oficiais do exército. Em 1930, havia cerca de 7.500 oficiais britânicos aposentados recebendo entre 3,5 e 4 milhões de libras esterlinas em pensões da Receita indiana. A Índia supria um vasto exército ativo e reservistas voluntários, com os quais era possível contar para ir a qualquer lugar do império a fim de defender os interesses britânicos.

Por outro lado, a Índia conseguiu uma relativa paz interna, sistemas de correio, de estradas e de ferrovias, outras infraestruturas e um sistema jurídico e administrativo em constante desenvolvimento. A disparidade entre o que as duas nações lucraram com essa relação é óbvia: uma vez que a Índia conseguira a sua infraestrutura operacional, não havia mais necessidade do poder imperial. Entretanto, para a Inglaterra, não havia um fim previsto para a necessidade

de dinheiro, de mercado e de exército imperial.

A vasta maioria dos indianos, ocupados em trabalhos agrícolas, não tinha mais contato com os britânicos do que tinha com os próprios príncipes — os padrões de vida em aldeias progrediam sem nenhuma referência aos governantes. Entre a classe média, as reações indianas, com respeito à Inglaterra, variavam de uma violenta antipatia num extremo a uma lealdade que envolvia a adoção do maneirismo, dos trajes e das atitudes ingleses, no outro extremo. Muitos eram seletivos, tal como era Gandhi na década de 1880, absorvendo o que parecia ser valioso da Grã-Bretanha em termos de modernidade, mas mantendo, amplamente, as tradições religiosas e sociais.

A sempre presente lição do amotinamento de 1857 demonstrou que a expulsão dos ingleses não seria conseguida pela violência. Gandhi sempre foi um nacionalista indiano. O que ele finalmente levou ao cenário foi uma abordagem exclusivamente Gandhiana ao nacionalismo, que fora engendrado durante os vinte e seis anos que ele passou longe da Índia (com exceção de curtos períodos) depois que de lá saíra em 1888. Nesse momento, a adoção das maneiras ocidentais e uma educação ocidental ainda eram o caminho para o progresso.

2

Lições londrinas

Quando Gandhi chegou a Londres, o aristocrático lorde Salisbury dirigia o Partido Conservador como primeiro-ministro; no ano anterior, a rainha Vitória celebrara seus cinquenta anos no trono. Os edifícios públicos de Whitehall administravam 400 milhões de pessoas. Londres era a maior cidade do mundo no centro do primeiro e verdadeiro império global.

Visto dessa perspectiva, o império parecia ser indestrutível, algo a ser admirado em vez de atacado. Mas as fissuras já eram aparentes. Os contínuos tumultos na Irlanda já haviam convencido os mais previdentes de que um governo local era a única solução. Em 1888, as mulheres que trabalhavam nas fábricas de fósforos, as operárias mais sacrificadas e mais ignorantes de Londres, haviam promovido com sucesso uma greve para a melhoria de seus salários e de suas condições. No ano após a chegada de Gandhi, os estivadores também entraram em greve interrompendo o comércio no centro do império.

Essas manifestações de insatisfação poderiam parecer alheias à autoimagem do estudante tímido de Kathiawar que desembarcara em Tilbury, mas Gandhi acompanhou o progresso irlandês para a independência por meio da imprensa; ele procurou e conseguiu uma audiência com o cardeal Manning a fim de parabenizá-lo sobre o seu papel conciliatório e no restabelecimento da ordem dos estivadores grevistas. Ele também se encontrou, em Londres, com a líder do movimento grevista das mulheres das fábricas de fósforos, Annie Besant, e, posteriormente, trabalharam juntos para a independência da Índia quando, então, ela seguiu o seu próprio caminho para o misticismo, em Madras.

Centrada em Londres, a cultura britânica oferecia outras manifestações de incerteza. A Igreja estabelecida continuava a sua luta contra as forças do racionalismo representadas pelos darwinistas, enquanto a autora de maior sucesso, Marie Corelli, escrevia a respeito da natureza masculina e feminina de Deus, sobre a reencarnação e sobre o papel do oculto na evolução. O mundo de Londres, no qual Gandhi se introduziu, estava repleto de novas e insistentes ideias — da Federação Democrática Social socialista, da Sociedade para Pesquisas Psíquicas, da Sociedade Teosófica e da Sociedade Antivivisseccção. Ele não poderia ter chegado num momento de maior desafio e excitação do que a última década do século XIX.

Em sua chegada, Gandhi foi para o centro de Londres de trem com um companheiro do navio e dirigiu-se para o Victoria, um hotel de luxo que lhe fora recomendado. Seu novo amigo

aceitou os primeiros quartos oferecidos ao primeiro preço — seis xelins por dia. Para se ter uma ideia do valor do dinheiro: 20 xelins equivalem a uma libra esterlina (R\$ 2,90), e os estivadores haviam promovido a greve por um salário mínimo de meio xelim por hora — embora, na maioria das vezes, conseguissem uma jornada de trabalho de três horas por dia.

Uma rede de expatriados indianos proporcionava suporte aos recém-chegados, e Gandhi havia levado consigo cartas de recomendações para várias pessoas a fim de facilitar sua entrada na sociedade britânica. Um de seus contatos era o dr. Pranjivan Mehta, que estudava direito e participava de um curso avançado de medicina. Quando ele visitou Gandhi em sua primeira noite no hotel, sua impressão foi estar na presença de um jovem selvagem — Gandhi tocava as roupas de Mehta com um interesse ingênuo, e o seu inglês era lastimável. Mehta também ficou preocupado com o custo do hotel e fez com que fosse alojar-se com uma família inglesa que alugava quartos.

O custo dos poucos dias que ficara no hotel chegou a £3, o que o chocou. Gandhi tinha consigo um total de £400 programado para a sua estada de três anos na Inglaterra. Ele havia feito suas refeições no hotel, embora achasse a comida intragável, e ficou surpreso pelo fato de ter de pagar por pratos que pedira, mas que acabara não comendo.

Gandhi acabou tendo dificuldades para encontrar alimento que condissesse com o seu paladar — a dona da pensão cozinhava as verduras sem nenhum tempero e eram totalmente insípidas. Além disso, elas faziam parte de um prato principal de carne. Ele era tímido demais para indicar melhor as suas necessidades e acabava por comer apenas o pão, sem repetir as verduras. Ele ainda tinha outra desvantagem, pois ainda considerava que comer carne fosse essencial para alcançar a liberdade nacional; o seu vegetarianismo era apenas o resultado do juramento feito à sua mãe, mas ele estava sendo forçado a desistir de sua promessa — “Qual o valor de um juramento feito a uma mãe analfabeta e em total ignorância das condições onde você vive?”, perguntou-lhe um amigo, mas, para Gandhi, um juramento era inviolável.¹

Ele chegou a chorar de tanta saudade durante a época em que morava com várias famílias em pensões, em Richmond e em Kensington Oeste. Ele também começou a ler os jornais, uma importante contribuição na educação política de alguém que nunca estivera ao corrente dos assuntos atuais.

Depois de levar algum tempo para orientar-se no novo país, Gandhi inscreveu-se no Inner Temple, um dos quatro Colégios de Advogados. A qualificação necessária para a admissão era passar nas provas de direito romano e comum e participar de vários jantares na própria faculdade. Havia pouco treinamento formal; a maioria dependia do estudo individual. Não parece que Gandhi tenha apreciado muito o medieval Colégio de Advogados, apesar de passar muitos dias trabalhando na biblioteca do Inner Temple, economizando, assim, carvão para o aquecimento de seu quarto. Ele participou dos jantares obrigatórios no Inner Temple, onde, surpreendentemente, considerando suas dificuldades em outros lugares, lhe foi possível pedir comida vegetariana. Ele descobriu que a abstinência tinha suas compensações: como todas as mesas eram supridas com a mesma quantidade de vinho, ele era um conviva bem-vindo às mesas daqueles que gostavam de beber, pois eles podiam beber a parte que lhe era destinada. Ele comprou e estudou os livros que lhe foram recomendados, mas descobriu que muitos

estudantes passaram estudando com tutores e resumos, sem precisar ler os livros-textos — “as provas eram fáceis; e os examinadores, generosos”.² Seus estudos de direito comum inglês, que incorporava o direito criminal e o civil, proporcionaram-lhe os conceitos de direitos iguais perante a lei, indicando que havia valores dentro dos quais o governo devia operar.

Sua luta para conseguir comida adequada terminou quando encontrou um restaurante vegetariano, o Central em St. Bride Street, perto de Farringdon Street, onde passou a fazer suas refeições com o sentimento de que “Deus veio me acudir”.³ Ele comprou um exemplar do livro proselitista *A Plea for Vegetarianism* (Um Apelo para o Vegetarianismo), escrito por Henry Salt. Salt era um socialista, ex-professor da Universidade de Eton, que calçava sandálias (ato inusitado na época) e que tentava viver uma vida simples com sua esposa, uma estudiosa de sânscrito chamada Kate Joynes, usando uma quantia mínima de dinheiro. Gandhi estava contente por ter encontrado um local vegetariano de reunião, mas olhava com desdém aqueles vegetarianos obcecados pela saúde que só falavam de doenças. Ele estava progredindo para a incorporação do vegetarianismo num esquema espiritual próprio que lhe proporcionaria grande parte de suas experiências londrinas. Conforme já foi mencionado, ele havia anteriormente considerado o vegetarianismo uma necessidade moral, embora uma dieta de carne fosse dada como “cientificamente” superior. Ele, então, convertera-se à superioridade da dieta vegetariana, inscrevendo-se na Sociedade Vegetariana de Londres em 1890, na qual conheceu outros entusiastas; começou a ler revistas vegetarianas e foi convidado pelo editor da revista *The Vegetarian* (O Vegetariano), Josiah Oldfield, a participar do Congresso Vegetariano Internacional a ser realizado em setembro de 1890. Dentro dessa rede, Gandhi descobriu uma grande liberdade: ele podia comer em restaurantes vegetarianos e viajar pelo país usando acomodações de orientação vegetariana, conforme anunciado pela sociedade. Posteriormente, transferiu-se para um quarto na residência de Oldfield, em Bayswater. Gandhi comentou entusiasticamente sobre o seu amigo: “Eu o vi trabalhando dezesseis horas ou mais por dia e comendo apenas pão, figos e água”.⁴ E Oldfield disse: “Esses foram dias felizes, conscientes de que estávamos ajudando a melhorar o mundo”.⁵

Em 1891, Gandhi estava defendendo o vegetarianismo em artigos do *The Vegetarian* e atribuindo a fraqueza da Índia a outras causas, inclusive ao casamento infantil, o que, supostamente, produzia filhos fracos e estresse nos jovens pais.⁶ Em sua busca pelo perfeito equilíbrio nutricional, ele ficou sujeito a todas as novidades alimentícias, que tivessem ou não qualquer base racional. Ele registra: “Naqueles dias havia o ponto de vista de que o chá e o café fossem prejudiciais à saúde e de que seria preferível tomar chocolate”.⁷ A semente para todas as suas futuras experiências em dietas, ele registrou, foi plantada em Londres (provavelmente, ele não incluía as suas experiências com a carne enquanto estivera na Índia). Ele também criou dietas próprias, desistindo de alimentos com amido e comendo apenas pão e frutas, e, depois, queijo, leite e ovos.

O envolvimento de Gandhi com o que eram considerados alimentos excêntricos desagradava a Dalpatram Shukla, outro indiano de Kathiawar que morava em Londres. Este queria que seu jovem amigo se tornasse um sofisticado homem do mundo. Certa noite, ele levou Gandhi ao teatro, precedido por uma refeição num restaurante durante a qual ele ficou sem graça quando

Gandhi perguntou ao garçom se a sopa era vegetariana. Ao perceber o seu desconforto, Gandhi disse-lhe que, embora não viesse a comer carne, ele ainda se tornaria um cavalheiro inglês.

Para isso, ele melhorou o guarda-roupa a um custo considerável; comprou uma cartola e um terno novo e começou a reforma de seu maneirismo; foi aconselhado a ter aulas de dança e a falar o idioma francês. Ele teve dificuldade com a dança e acabou comprando um violino e contratando um professor a fim de adquirir algum conhecimento da música ocidental, assim como contratou um professor de elocução. Esse “entusiasmo”, como costumava chamá-lo, durou cerca de três meses, quando, então, decidiu dispensar os serviços de todos os seus professores e, novamente, adotou uma posição extrema. De fato, lições de elocução para alguém não nativo do idioma teriam sido para ele de grande valor — o fato de pensar que não as necessitava era por achar que, no futuro, não faria discursos em inglês, mas trabalharia nos tribunais ou serviço público indianos, tal como o seu pai. Apesar dessa dispensa, ele manteve o rigor de seus trajes e assim se conservando, certamente pelo período que ficou na Inglaterra, tornando-se a imagem do “Inglês Marrom”.⁸ Um indiano que estava em Londres, nessa época, assim o descreveu: “Gandhi portava uma cartola lustrosa de seda, uma camisa de listras finas e colarinho engomado (conhecida na época como Gladstone) e uma gravata exibindo todas as cores do arco-íris. Ele vestia um casaco leve sobre um paletó de duplo peito, calça escura listrada, botas de couro e polainas; carregava luvas de couro e uma bengala com cabo de prata”.⁹

Agora, ele estava ficando preocupado com o minguar de seus fundos. Viver com uma família estava se tornando muito caro e, então, alugou um quarto, provavelmente em Store Street; ele andava a pé, cobrindo distâncias de doze a dezesseis quilômetros por dia, e começou a preparar algumas de suas receitas. Ele gostou da disciplina de progressivamente reduzir suas despesas: “Tomei nota de cada centavo gasto, e minhas despesas eram cuidadosamente calculadas”. Finalmente, ele conseguiu viver gastando em alimentação cerca de um xelim por dia.¹⁰ Também reduziu a variedade de alimentos que comia, muito mais no sentido de disciplina do que de despesa, parou de usar as especiarias que lhe enviavam da Índia e ficou apaixonado por espinafre cozido.

Uma vez, quando Gandhi teve bronquite, um médico foi chamado e lhe aconselhou comer carne para recuperar as suas forças. O médico ofereceu-lhe um caldo de carne bovina dizendo que teria de tomá-lo ou morreria. Lembra-se Gandhi: “Tive de responder que se fosse essa a vontade de Deus, eu morreria, mas que eu tinha certeza de que a vontade de Deus era que eu não quebrasse a promessa que fizera à minha mãe antes de sair da Índia”.¹¹

Ele também decidiu participar de um curso para preencher o intervalo de tempo quando as provas de admissão à universidade não o absorvessem e prestou o exame geral do London Matriculation, que aumentou o seu conhecimento geral a um custo insignificante. Ele organizou o seu programa minuto a minuto e estudou muito matérias como latim e ciências. Apesar de não passar nas primeiras provas (sendo reprovado em Latim), em junho de 1890, ele as repetiu e, no fim, foi aprovado.

Gandhi observou que todos deveriam ir à Inglaterra para estudar porque, ali, havia muito para aprender, não pelas coisas existentes, mas pelas coisas que faltavam: “Na Inglaterra, o

estudante está sozinho, sem esposa para incentivá-lo ou lisonjeá-lo; sem pais para defendê-lo; sem crianças para cuidar e sem companhia para atrapalhá-lo”.¹² Gandhi já estava percebendo a liberdade pessoal em termos de estar livre de sua família, algo que seria um assunto constante no tratamento com seus parentes.

Não participou de círculos literários quando estava em Londres (como fez, posteriormente, sua amiga Sarojini Naidu), mas leu os livros da época, inclusive *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde. Ele observou: “Um grande crime cometido por um homem conseguiu mudar a sua face de tal forma a estampar o crime na mesma”, como se a verdade da literatura pudesse ser lida como um fato literal — assim como ele também contava eventos das histórias religiosas indianas como se fossem a respeito de personagens históricas.¹³ Sobre o autor, ele comentou: “Wilde enxergava a Arte maior simplesmente pelas formas externas e, portanto, ele conseguiu embelezar a imoralidade”.¹⁴

Em dezembro de 1890, ele prestou as provas da Ordem, que duravam quatro dias. No início do ano seguinte, verificou ser um dos três quartos dos candidatos aprovados. Ele foi solicitado a permanecer em Londres a fim de completar os requisitos da Ordem, mas, agora, estava livre para incrementar o seu envolvimento com a Sociedade Vegetariana.

Gandhi tinha cartas de apresentação para quatro pessoas, inclusive Dadabhai Naoroji, um intelectual pársi (adepto do zoroastrismo) e comerciante de algodão que também era de Gujarat. Naoroji se tornaria o primeiro membro asiático do Parlamento, representando Finsbury Central de 1892 a 1895 (sua campanha eleitoral seria ajudada por Mohammad Ali Jinnah, que estava, na época, estudando direito em Londres). Gandhi não apresentou a sua carta para Naoroji até muito mais tarde de sua estada em Londres, sentindo que não tinha o direito de perturbar esse grande homem. Embora o veterano aceitasse calorosamente a sua admiração, Gandhi não conseguiu aceitar a oferta de assistência de Naoroji.

O Comitê Britânico do Congresso Nacional Indiano foi fundado em julho de 1889, e parece que Gandhi participou de suas reuniões. Entretanto, ele participou das reuniões da Sociedade Indiana de Londres, que discutia “assuntos políticos, sociais e literários relacionados à Índia”, e trabalhou no sentido de esclarecer o público na Inglaterra a respeito da opinião indiana “sobre todas as questões importantes que pudessem surgir ocasionalmente”.¹⁵ A sociedade havia sido fundada por Naoroji em 1865 e, portanto, tratava-se de uma instituição madura na época em que Gandhi participou de suas reuniões. Naoroji visualizava o progresso constitucional da Índia através da justa e equitativa administração britânica, orientada pelo seu sentido de “jogo limpo”. Era uma posição que tomava em consideração o valor do projeto liberal dessa regra iluminada. Quando a Índia veio a ser malgovernada, Naoroji criticou-a, chamando-a de “perversa e não britânica”.¹⁶

A principal atividade de Gandhi em Londres era com a Sociedade Vegetariana. Ele foi eleito para o comitê executivo em setembro de 1890, mas provou ser uma decepção: embora falasse bem com indivíduos, era tímido demais para abrir sua boca numa reunião do comitê. Gandhi escreveu: “Frequentemente acontecia que assim que eu conseguisse criar coragem para falar, outro assunto era iniciado”.¹⁷ A Sociedade Vegetariana confirmou que ele acreditava que a dieta era uma força reformadora. Ali, ele também encontrou opositores ao álcool e sentiu-se

confiante ao proclamar que, na Índia, “um dos grandes males percebidos do governo britânico era a importação de bebidas alcoólicas — esse inimigo da humanidade, essa maldição da civilização”; posteriormente, ele amaldiçoaria o fumo.¹⁸

A sociedade era amplamente financiada pelo rico proprietário de uma metalúrgica, Arnold Hills, que praticava a sua própria filosofia de capitalismo paternalista e promovia um extremo puritanismo em questões de fumo, álcool e sexo. Sua forma de cristianismo, que dizem ter sido influente no pensamento de Gandhi, dizia respeito à perfectibilidade do homem: as pessoas poderiam tornar-se como Jesus ao controlar os apetites desregrados do corpo. Em *Essays on Vegetarianism* (Ensaio sobre Vegetarianismo), Hills promoveu o *Gospel of Vitality* (Evangelho da Vitalidade), que envolvia comer “alimentos vitais”, tais como frutas, vegetais, legumes, nozes e grãos não cozidos a fim de cultivar a “força vital”. Ele acreditava que o cozimento anulava o poder dos raios solares armazenados nos alimentos e aconselhava comer os vegetais crus. Ele explicou: “Não é suficiente abster-se da indulgência aos alimentos mortos e estimulantes; pelo evangelho do vegetarianismo, observamos as beatitudes do Alimento e da Bebida Vitais”.¹⁹ Gandhi tentou uma experiência com o alimento vital em Bombaim e em Pretória (África do Sul), em 1893, mas foi-lhe difícil digeri-lo, e ele ficou com fome e doente — o tipo de reação que deve advertir o iniciante mais entusiasta de que alguma coisa está errada.

Parte da preservação da força vital, na opinião de Hills, está em refrear o sexo, com exceção da intenção específica da procriação. O sexo “foi proporcionado para o seu próprio e especial propósito e para nenhum outro. Ele não pode ser usado para o prazer e não pode ser entregue à paixão”.²⁰ Foi na Sociedade Vegetariana (e nos textos de *The Vegetarian* [O Vegetariano] de Hills) que Gandhi encontrou pela primeira vez essa doutrina de extremo puritanismo com respeito ao sexo, um princípio que não estava presente no hinduísmo de sua família. Mais extremo ainda foi outra crença de Hills, a de que o celibato deveria ser mantido até mesmo depois do casamento, a chamada “castidade dentro do vínculo do casamento”; isso formaria um pilar na organização de Gandhi e de sua própria sociedade-modelo em sua vida futura.²¹

Thomas Allinson era um membro líder da Sociedade Vegetariana, um médico e fundador da naturopatia, a qual promovia a saúde por meio do exercício, do ar fresco e de uma dieta vegetariana, evitando o fumo, o álcool, o café e o chá. Até aqui, tudo combinava com o ponto de vista de Hills, mas, por simpatia pela supercriativa mulher vitoriana, ele também promoveu o controle de natalidade. Gandhi foi envolvido no argumento entre esses dois, o que culminou em uma moção para a expulsão de Allinson da sociedade. Gandhi tendia a simpatizar com Hills em sua oposição ao controle da natalidade, mas pensou que fosse impróprio para Hills excluir um homem “simplesmente porque se recusava a considerar as morais puritanas como um dos objetivos da sociedade”.²² Gandhi colocou seus pensamentos por escrito e dirigiu-se à reunião do comitê com o discurso em seu bolso, mas, novamente, ele não foi corajoso o suficiente para apresentá-lo, e o presidente fez com que outra pessoa o lesse. Mas de nada adiantou, e Allinson foi expulso; mais tarde, seu nome foi retirado do Registro Médico devido aos seus pontos de vista avançados e fundou a padaria “grão total”, que ainda mantém o seu nome.

Em Londres, parece que Gandhi se dedicou à alimentação, mas ele não registra extensas ponderações sobre sexo, que tanto o preocuparia mais tarde. Certa vez, numa conferência vegetariana em Portsmouth, em 1890, ele ficou hospedado numa casa que também funcionava como bordel. Numa conversa animada que tomava um rumo óbvio, Gandhi lembrou-se da promessa feita à sua mãe e fugiu da cena. Mais tarde, ele confessou que essa havia sido “a primeira vez que uma mulher, com exceção de minha esposa, despertou o meu desejo”.²³

Pouco mais ele reportou a respeito de diversão sexual, com exceção de visitas que ele fazia todos os domingos a uma senhora de idade com quem fizera amizade e que estava ansiosa por apresentá-lo a garotas a fim de impressioná-lo com os méritos do casamento. O “flerte” era encorajado, e ele era frequentemente deixado sozinho com uma jovem em particular. Finalmente, não pôde mais aguentar a situação e, ainda muito tímido para falar pessoalmente, ele enviou uma carta à sua amiga, confessando que era casado e que tinha um filho. A carta dizia: “Você me perdoa? Asseguro-lhe que não tomei nenhuma liberdade imprópria com a jovem”.²⁴ A senhora idosa respondeu com bom humor, e ele continuou sendo convidado a ir à sua casa. Gandhi sentiu o seu extremo respeito pela verdade, que o livrou de um desastre moral. Aliás, vale a pena notar a ausência de preconceito racial evidenciado pelos seus encontros com famílias britânicas comuns durante a sua estada em Londres. Se houve algum desagrado, ele não o registrou, em nítido contraste às posteriores descrições de suas experiências na África do Sul.

Foi na religião que, separado do ortodoxo hinduísmo de sua casta, Gandhi fez o maior progresso enquanto estava em Londres. Ele conseguiu tomar conhecimento das maiores religiões do mundo e até leu um livro que promovia o ateísmo. Também leu partes da Bíblia, que lhe fora doada por um cristão vegetariano. Ele descobriu que o Velho Testamento o embalava para o sono, enquanto o Novo Testamento o encantava, principalmente o Sermão da Montanha. Seus estudos nesse campo não obedeciam a um sistema. Ele leu sobre Maomé no livro de Carlyle, *Heroes and Hero Worship* (Heróis e Adoração de Heróis); sobre Buda, no poema popular *The Light of Asia* (A Luz da Ásia), de Edwin Arnold; e foi introduzido pela primeira vez ao *Bhagavad Gita*, em outra tradução em versos de Edwin Arnold, *The Song Celestial* (A Canção Celestial). Gandhi tinha tanta confiança em Arnold que acreditava em seu retrato sentimental de Buda com os animais, demonstrando a sua superioridade sobre Jesus, devido ao consequente amor comprovado de Buda por todo tipo de vida e não meramente para com os seres humanos. Na verdade, essas cenas, como a de Buda carregando uma ovelha doente, eram invenções de Arnold e não têm base nos textos budistas. Gandhi iniciou um clube vegetariano em Bayswater, onde morava, nomeando a si secretário, Oldfield presidente e convidou Arnold, também vegetariano e residente local, para ser vice-presidente. Por algum tempo o clube foi bem, isto é, antes de Gandhi mudar de área. Ele deve ter-se encontrado com Arnold em várias ocasiões, mas não há registro a esse respeito.

Gandhi foi introduzido à versão original do *Bhagavad Gita* em sânscrito por dois membros da Sociedade Teosófica, Bertram e Archibald Keightley, tio e sobrinho, que provavelmente conhecera por intermédio de pessoas vegetarianas. Eles estavam lendo a tradução de Arnold, mas queriam que Gandhi lhes desse uma opinião sobre a tradução. Ele teve de admitir que

desconhecia o poema e que o seu conhecimento de sânscrito não era tão bom, mas colocou o conhecimento que possuía a serviço deles. E foi assim que ficou a par do trabalho que, para ele, seria um guia em sua vida futura, o exemplo da verdade espiritual e o assunto de sua leitura diária.

Os Keightleys (que são descritos como “ambos solteiros” ; possivelmente um eufemismo para homossexuais) colocaram sua casa a oeste de Londres à disposição de madame Blavatsky, a fundadora da teosofia, a quem apresentaram Gandhi. Ele leu o livro *Key to Theosophy* (Chave para a Teosofia), de Blavatsky, o que reforçou o seu apego ao hinduísmo. Apesar de pouco conhecê-la, Blavatsky foi significativa na vida de Gandhi por dois motivos: primeiro, porque dirigia uma organização que promovia o pensamento hindu na Inglaterra e, portanto, reforçava a sua convicção de que os valores de sua terra natal não deviam ser descartados na pressa da “modernização”. Segundo, os teosofistas também tinham influência no movimento de independência indiano, eram devotos desempenhando um papel proeminente na fundação do Congresso Nacional Indiano.

Helena Petrovna Blavatsky nasceu na Rússia em 1831. Filha de pais proeminentes, começou a viajar muito cedo, inclusive para a Índia e para o Tibete. Entusiasmada religiosamente, ela estabeleceu-se nos Estados Unidos, onde conheceu um ex-coronel, Henry Olcott, que estava escrevendo sobre espiritualismo. Juntos, eles e outros indivíduos afins fundaram a Sociedade Teosófica em 1875, em Nova York. A sociedade era dedicada à fraternidade universal da humanidade independente de gênero ou crença. Seu objetivo era encorajar o estudo comparativo de religiões, filosofias e ciências e investigar leis inexplicáveis da natureza e dos poderes latentes do homem. O grupo transferiu-se para a Índia e, em 1882, eles estabeleceram sua sede permanente em Adyar, perto de Madras. Apesar de ser desacreditada devido à exposição de falsos fenômenos psíquicos, a teosofia exerceu uma poderosa influência principalmente sobre os reformadores sociais de tendência espiritual, tal como Annie Besant, cuja leitura das obras de Blavatsky fez com que abandonasse o ateísmo — algo que impressionou Gandhi para quem os livros sempre tiveram uma grande influência. Ele também assistira a uma palestra de Besant em Londres, ficando impressionado com seu comentário final de que “estaria bem satisfeita se o epitáfio escrito em sua campa mencionasse que ela vivera e morrera para a verdade”.²⁵ Quando Blavatsky morreu em 1891, Besant tornou-se uma dos líderes da organização e, em 1907, foi eleita presidente. Parte da mensagem da teosofia considerava que a alta sabedoria mundial pertencia ao Oriente e não estava totalmente contida no passado, mas era mantida correntemente por mestres vivos ou mahatmas.

Gandhi escreve que ele não fez parte dos teosofistas, mas evidência independente afirma que ele se tornara membro associado em 26 de março de 1891, um dos momentos em que as *Experiências com a Verdade* de Gandhi divergem da verdade na forma de como ela é geralmente interpretada.²⁶

Espiritualmente, Gandhi estava seguindo o seu próprio caminho para a perfectibilidade, observando posteriormente que foi com a idade de 20 ou 21 anos, quando estava em Londres, que ele, pela primeira vez, ansiava atingir “um estado mental que não pudesse ser afetado até mesmo em condições extremas ou no momento da morte”.²⁷ Perseguindo o seu intento, ele

procurou um guru ou guia espiritual a fim de que fosse entronizado em seu coração, como costumava dizer. Ele acreditava que deveria haver “esforços constantes na busca da perfeição, pois cada um tem o Guru que merece, e o resto está nas mãos de Deus”.²⁸ É óbvio que um indivíduo, até mesmo com tamanha força de vontade, nunca poderia encontrar o seu perfeito guia espiritual; ele continuaria como um buscador solitário, oferecendo suas percepções a outras pessoas.

O conhecimento de Gandhi sobre os outros países europeus além da Inglaterra era limitado, mas ele esteve em Paris durante a Exposição Mundial, em maio de 1889, onde permaneceu durante uma semana. Ele subiu na Torre Eiffel e visitou igrejas católicas, onde ficou impressionado com a devoção dos correligionários, com apenas uma porta fechada separando-os do barulho e do movimento das ruas da capital.

Antes de partir para a Índia, ele ofereceu um jantar de despedida aos membros da Sociedade Vegetariana, mas, como frequentemente acontecia, ficou tímido demais para apresentar um discurso: disse que a sua mente escurecera e sentiu-se envergonhado, mas registros contemporâneos divergem dessa opinião. De fato, Gandhi sempre se apresentou como sendo mais tímido e incapaz do que realmente era: na primavera e no verão de 1891, ele apresentou o seu documento sobre “Os Alimentos da Índia” a audiências interessadas em vegetarianismo em diferentes partes do sul da Inglaterra e também falou sobre outros assuntos, embora observasse que em Ventnor a sua timidez o impedira de discursar e um colega acabou lendo o documento.

Seus amigos vegetarianos registraram a sua partida assim: “Não havia sinal de tristeza porque todos sentiam que, apesar de o sr. Gandhi estar voltando para a Índia, ele levava consigo um trabalho ainda maior para o vegetarianismo e que, ao realizar a sua carreira como advogado, ele deveria ser parabenizado e não chorado”.²⁹ O vegetarianismo, a experiência da dieta e o jejum eram, no mínimo, tão importantes para o próprio Gandhi quanto a não violência, popularmente considerada como sendo o seu legado.

O vegetarianismo de Gandhi não era separado da visão geral do mundo; ele avisou outros indianos: “O movimento vegetariano ajudará indireta e politicamente a Índia... pois os Vegetarianos Ingleses estarão mais dispostos a simpatizar com a causa indiana (essa é minha experiência pessoal)”.³⁰ Ele acreditava no princípio, apoiado pelos liberais britânicos, de aumentar a participação indiana no governo, aproveitando o melhor da civilização britânica e, ao mesmo tempo, apresentando o melhor do Oriente.

Ele partiu de Londres fortalecido pela promessa feita à sua mãe, promessa esta mantida sob grande pressão, além do conhecimento sobre as organizações formais, adquirido por meio da Sociedade Vegetariana, e do proselitismo, por intermédio dos teosofistas e de Arnold Hills. Também partiu com ideias, promovidas por Henry Salt e pela obra de Edwin Arnold, sobre a perfectibilidade humana: que uma pessoa, pelos seus próprios esforços, poderia desenvolver poder espiritual. O que falta nos registros dessa época é qualquer pensamento estritamente político ou qualquer contribuição para a melhoria do funcionamento da lei.

Não havia nenhuma evidência dessa época em Londres de que, com vinte e dois anos, quando de lá partiu, Gandhi se tornaria um grande líder político e, certamente nenhuma, de que ele se tornaria um grande advogado. Ele foi chamado na Ordem em 10 de junho de 1891,

inscrito no Supremo Tribunal no dia seguinte, e, em 12 de junho de 1891, saiu do país pelo porto de Tilbury, a bordo do navio *Oceana*. “Foi com profundo pesar que saí de minha cara Londres”,³¹ ele declarou.

3

Aventuras em Natal

O irmão, Laxmidas, foi esperar por Gandhi em seu desembarque em Bombaim. Sua volta foi marcada pela tristeza, pois sua mãe, Putlibai, havia morrido com quarenta e um anos, logo depois de tomar conhecimento de seu sucesso nos estudos. A família preferiu ocultar esse fato, ocorrido no início de 1891, achando que isso não o beneficiaria enquanto estivesse fora do país. A primeira coisa que Gandhi fez foi perguntar: “Como está mamãe?”. Laxmidas procurou evitar a pergunta, mas, à noite, Gandhi perguntou novamente, e o irmão teve de dar-lhe a notícia. Gandhi disse que a sua dor “foi até maior do que a dor que senti quando meu pai morreu”, mas orgulhou-se de seu autocontrole que lhe permitiu agir como se nada tivesse acontecido.¹

A família continuou sofrendo a excomunhão da casta que a visita de Gandhi à Grã-Bretanha provocara, mas uma seção da casta *Modh Bania* estava preparada para readmiti-lo desde que se submetesse a uma limpeza ritualista. Afinal, ter um advogado diplomado na Inglaterra somente poderia beneficiar a casta. Putlibai havia desejado que Gandhi fosse readmitido, e ele concordou com a cerimônia. Seu irmão tomou as providências necessárias para a purificação no Rio Godavari e, depois, um jantar para os anciãos da casta que Gandhi, nu até a cintura, serviu. Outra seção da casta recusou-se a readmiti-lo, e, portanto, ele continuou sofrendo o banimento e a proibição de visitar seus cunhados. Kasturbai e o filho Harilal também ficaram sujeitos a essa restrição na ausência de Gandhi, embora desobedecessem e visitassem seus pais, com certeza em segredo. Gandhi declarou que ele visitaria seus cunhados aberta e honestamente ou, definitivamente, não os visitaria. E, assim, ele não os visitou mais. Ele nunca foi um homem muito voltado para a família e, portanto, não deve ter-lhe sido difícil cumprir essa proibição.

Gandhi não dá muita importância ao seu reencontro com Kasturbai depois de uma ausência de três anos. Parecia que nada havia mudado entre eles; sua intenção era ensiná-la a ler e escrever, mas a sua necessidade de sexo, todas as vezes que ficavam sozinhos, interferia — foi como ele disse: “meu desejo acabava interferindo”. Sua atitude com Kasturbai, em alguns aspectos, continuava sendo ruim; ele escreveu: “Continuei com minha mesquinha e minhas suspeitas a respeito de cada pequena coisa. Uma vez cheguei a mandá-la embora para a casa de seus pais e somente consenti que voltasse depois de muito judiar dela”.² Ele parecia ter mudado quando ela voltou depois de um mês, mas as suspeitas (e as lições) terminaram.

Talvez estivesse simplesmente preocupado com outros assuntos. Seu segundo filho, Manilal, nasceu um ano depois de sua volta, em outubro de 1892. Gandhi apreciava ficar com Harilal, agora com quase quatro anos, e assumiu a sua instrução e a das outras crianças da casa; instituiu um programa de exercícios físicos para “torná-los valentes”.

Laxmidas estava orgulhoso agora que Gandhi voltara; a família melhoraria de situação e queria que seus costumes acompanhassem suas aspirações. Ele tinha grandes esperanças pelo sucesso de seu irmão; Laxmidas tinha muitos amigos e uma personalidade generosa; esperava conseguir trabalho para Gandhi por meio de sua ampla rede social. A viagem de Gandhi e seus estudos em Londres haviam custado cerca de 13 mil rúpias, muito mais do que as 5 mil originalmente estimadas. Além disso, Laxmidas não havia medido seus gastos na expectativa de que seu irmão reavivaria as fortunas da família. Ele tentou criar uma atmosfera inglesa na casa de Rajkot; chá e café eram regularmente servidos, a louça, que era guardada para ocasiões especiais, estava agora em uso geral, e móveis novos foram comprados. A chegada de Gandhi fez com que Laxmidas implementasse outras “reformas”, incluindo chocolate, sopa e trajes europeus.

A culpa secreta de Gandhi era não ser um bom advogado: ele estava bem consciente de sua falta de experiência e de sua geral inadequação, como também não tinha confiança em suas próprias habilidades. Ele achava-se mal versado para os aspectos do mundo. Contudo, um profissional sênior assegurou-lhe que não precisava de qualquer habilidade especial para ser um advogado comum — honestidade e trabalho bastariam. Ele fez-lhe algumas perguntas sobre conhecimentos gerais para, em seguida, concluir que Gandhi tinha bem pouco conhecimento do mundo, assim como sobre a história da Índia. Imediatamente, Gandhi começou a ler livros sobre fisionomia que ofereciam o que diziam ser uma abordagem científica à natureza humana, mas a sua dificuldade com relação ao estudo não mudaria nunca.

Além disso, seus irmãos haviam exagerado em seus esforços para Gandhi se tornar um advogado de alta remuneração. Ele estudara a Lei Romana em latim e conhecia a Lei da Inglaterra, mas nada sabia sobre a lei de Kathiawar. Entretanto, um advogado formado na Inglaterra costumava cobrar honorários dez vezes maiores do que um advogado formado localmente, acreditando que pudesse ser um profissional mais eficiente. Assim, Gandhi foi a Bombaim para estudar a lei indiana e procurou conseguir casos para defender. Ali, ele foi informado de que um advogado recém-formado poderia levar cinco anos ou mais para que sua carreira progredisse.

Ninguém o procurou, e ele ficou tão aborrecido que até se recusou a contratar consultores para conseguir trabalho. Para economizar, ele andava de um tribunal para outro, apesar de ter de manter as aparências, sustentando uma casa e vestindo trajes europeus. Durante um curto período, ele experimentou o “alimento vital”, promovido por Arnold Hills — comendo apenas frutas, nozes, grãos e legumes crus. Ele ia ao Tribunal Superior de Bombaim todos os dias, mas não possuía conhecimento suficiente para seguir os casos e acabava dormindo. Tentou empregar-se como professor, mas sem o diploma de educação secundária estava em desvantagem. Fez algum trabalho avulso, o que aumentou a sua confiança, mas o seu primeiro comparecimento ao tribunal foi um desastre. Ele estava defendendo um indivíduo no Tribunal

de Pequenas Causas; quando chegou a hora de inquirir uma testemunha, ele conta: “Eu me levantei, mas o meu coração afundou em minhas botas. Minha cabeça rodava e parecia que todo o tribunal fazia o mesmo. Eu não sabia o que perguntar. O juiz deve ter dado uma boa risada, e os *vakils* (os advogados do tribunal) certamente divertiram-se com o espetáculo”.³ Gandhi sentou-se e disse ao agente que não podia conduzir o caso; ele devolveu os honorários e apressou-se em sair do tribunal, envergonhado. Ele não compareceria em qualquer tribunal até sair da Índia.

Gandhi não podia mais justificar o custo de seu estabelecimento de Bombaim, voltou para Rajkot e foi trabalhar com seu irmão, que se estabelecera como advogado em parceria com um homem mais experiente. Agora, Gandhi trabalhava preenchendo formulários e outros documentos jurídicos, cuja função não exigia dirigir-se ao tribunal.

O endividamento de Gandhi para com seu irmão levou-o a cometer o pior erro de sua vida profissional. Quando Laxmidas foi secretário do herdeiro do trono de Porbandar, ele deixou de relevar que o jovem havia roubado algumas joias do Estado. Os príncipes indianos não tinham a permissão de sequestrar a propriedade de seu Estado para uso pessoal, e o caso estava sendo investigado pelo agente político britânico, Charles Ollivant. Gandhi havia se encontrado com Ollivant em Londres, com quem tivera um relacionamento amigável. Laxmidas aproveitou-se disso e pediu a Gandhi que usasse a sua influência e falasse com ele. Gandhi resistiu, dizendo que ele deveria submeter uma petição da maneira correta e, caso fosse inocente, ele seria reivindicado. Laxmidas insistiu, dizendo que Gandhi não conhecia o mundo e, certamente, muito menos Kathiawar: “Aqui, somente a influência conta. É impróprio para você, um irmão, dar as costas ao seu dever quando poderia claramente inserir uma boa palavra a meu respeito a um oficial de seu conhecimento”.⁴

Com relutância, Gandhi procurou marcar uma audiência com Ollivant, visitou esse homem importante em seu escritório e fez menção do encontro que tiveram em Londres. Gandhi começou a falar sobre o caso, mas Ollivant indignou-se com, até mesmo, a suspeita de que pudesse ser prejudicado por um apelo pessoal: “Seu irmão é um intrigante”, ele disse. “Não quero mais saber de vocês. Não tenho tempo. Se o seu irmão tem alguma coisa a dizer, que o faça através dos canais competentes.” Gandhi deveria ter se desculpado e se retirado, mas ele continuou ofendendo o oficial com a sua presença e querendo terminar a sua história. “Você deve se retirar agora”, o agente político disse, mas Gandhi pediu licença para continuar. Ollivant, então, chamou o seu secretário e fez com que ele acompanhasse Gandhi até a porta.

Em vez de refletir sobre o que acontecera, Gandhi sentiu-se ultrajado com o tratamento que recebera e imediatamente enviou uma nota dizendo: “Você me insultou. Você me atacou com o seu secretário. Se você não se desculpar, eu o processarei”. Essa idiotice mereceu a seguinte resposta: “Você foi grosseiro comigo. Pedi que você se retirasse e você não me atendeu. Eu não tive opção senão mandar que meu secretário o conduzisse à porta. Até mesmo depois que pedi que se retirasse, você não o fez. Ele, então, teve de usar força suficiente para levá-lo para fora. Você tem a liberdade de me processar se quiser”.

Gandhi sentia-se deplorável e confuso quanto ao seu futuro. O que ele poderia fazer agora? Como seu irmão não podia ajudar, ele consultou um advogado sênior, Pherozeshah Mehta, que

o aconselhou a não fazer nada, pois nada ganharia processando um oficial político, e, ao mesmo tempo, poderia arruinar-se totalmente. Gandhi concordou e aceitou esse bom conselho, mas agora ele estava com um grande problema, pois boa parte de seu trabalho na região aconteceria no tribunal político desse agente. Ele sentiu que tinha de sair dessa atmosfera venenosa de Kathiawar.

Enquanto Gandhi se debatia com a questão de como ganhar dinheiro, Laxmidas ouviu dizer que uma empresa comercial de Porbandar, Dada Abdulla & Company, com negócios estabelecidos na África do Sul, precisava de um advogado para ajudá-la num grande caso. Os honorários eram bons, passagem de navio em primeira classe, e todas as despesas pagas. Dada Abdulla, cujo estabelecimento era sediado em Natal e cujo irmão dirigia a filial de Porbandar, tinha um império comercial operando entre a Índia e a África do Sul, onde dirigia a sua própria frota. Embora quase analfabeto, Abdulla multiplicara a sua fortuna várias vezes, principalmente durante a corrida do ouro entre 1888 e 1890, quando teve a possibilidade de comprar ouro a 27 rúpias por quilo. Ele precisava de um homem como Gandhi para atuar como intermediário entre os seus advogados, que não falavam guzerate, e ele (que tinha pouco conhecimento da língua inglesa). Gandhi, fluente nas duas línguas e familiar com o ambiente comercial (afinal, ele era, originalmente, da casta *Gujarati*, a casta dos comerciantes), estava no lugar certo no momento certo.

Em abril de 1893, ele partiu para a África, deixando Kasturbai com Harilal, então com cinco anos, e Manilal, com apenas seis meses de idade. Foi com algum pesar que se despediu de Kasturbai; a maturidade que desenvolvera em Londres estava, finalmente, dando fruto em seus relacionamentos, que estavam melhorando ainda mais nos últimos meses.

Quando o navio chegou a Durban, o porto principal de Natal, Gandhi foi recebido pelo idoso Dada Abdulla, que olhou, com alguma suspeita, para esse bem-vestido jovem em sua casaca, calça listrada e turbante preto. Era claro que Gandhi teria de comprovar as suas habilidades. Ele imediatamente percebeu o desprezo com que os indianos eram tratados pelos europeus na África do Sul. A manifestação política desse desprezo, em vez de jurisprudência, seria a base de seu principal trabalho nesse lugar.

Os asiáticos eram desprezados porque pareciam ser uma força incontrollável — havia um fluxo aparentemente inexaurível de imigrantes da Índia e da China; na África do Sul, suas habilidades de viver sobriamente e trabalhar muito eram o sinônimo de prosperidade; o apoio de suas estruturas familiares proporcionava o cenário ideal para criar filhos. O medo era que, se os europeus permitissem, os asiáticos excederiam o número de brancos e, economicamente, eles teriam um desempenho superior. Tanto os asiáticos quanto os europeus davam pouca atenção aos africanos nativos, os quais, no fim do século XIX, ainda estavam despreparados politicamente.

Depois de estabelecer suas acomodações, Gandhi foi levado, por Dada Abdulla, ao tribunal de Durban. Quando o magistrado viu que o jovem advogado trajava roupas ocidentais com um turbante, ele pediu que o tirasse; Gandhi achou o pedido absurdo, recusou e se retirou do tribunal. Os repórteres do tribunal publicaram o ocorrido, e a insistência de Gandhi em portar o seu turbante fez manchetes na mídia local. A sua chegada foi, assim, amplamente divulgada

poucos dias depois de seu desembarque em Durban. Por outro lado, Gandhi não sabia como proceder; se deveria trajar-se à moda inglesa ou à moda indiana a fim de manter a sua cultura, tal como faziam os indianos que não adotaram a religião cristã na África. Portanto, ele manteve essa combinação de casaca, calças e turbante.

Seu conhecimento de Lei Romana serviu-lhe bem, pois, na África do Sul, muitas leis se baseavam nas leis holandesas, que aplicavam elementos da jurisprudência romana como fundamento. Entretanto, Gandhi nada entendia de contabilidade, justamente o assunto do caso para o qual havia sido contratado. Então, ele comprou um livro e tratou de aprender o que precisava saber. Assim que se sentiu preparado, ele foi enviado para Pretória, no Transvaal, onde o caso entre Dada Abdulla e Tyeb Khan Mohammed devia ser julgado. Tyeb Khan Mohammed ocupava na República Bôer do Transvaal a mesma posição de antiguidade comercial que Dada Abdulla possuía na colônia britânica de Natal.

Na década de 1890, a África do Sul compreendia quatro áreas: as duas britânicas eram a Colônia do Cabo, autogovernada sob a Coroa, e Natal, que era uma colônia da Coroa; e as duas repúblicas bôeres eram o Transvaal e o Estado Livre de Orange. Havia discriminação racial em qualquer uma dessas áreas, mas a pior discriminação contra os indianos ocorria no Estado Livre de Orange, onde eles eram praticamente proibidos de viver. No Transvaal, eram tolerados, mas maltratados. Quando Gandhi viajou para Pretória, ele estava indo de um regime britânico mais ou menos tolerante para um regime bôer-draconiano. Como parte da viagem era por terra, ele comprou uma passagem de trem, de primeira classe, até Pietermaritzburg, capital de Natal. Quando um passageiro europeu entrou no vagão e viu Gandhi ali sentado, procurou dois encarregados da ferrovia e pediu que o transferissem para o vagão comum. Como Gandhi não quis acompanhá-los voluntariamente, alegando que havia devidamente comprado a passagem, eles chamaram um policial que o jogou para fora do trem junto com a sua bagagem. Não querendo se sujeitar a viajar no vagão comum, ele teve de passar a noite fria no salão de espera da estação, aguardando o próximo trem; seu casaco estava em sua bagagem, mas ela ficara retida com os oficiais da ferrovia, e ele não quis incomodá-los para não se sujeitar a outros insultos.

Gandhi tinha pouca experiência com discriminação racial. Certamente, ele a presenciara em Londres, mas não o suficiente para merecer uma menção em suas cartas e memórias. Na Inglaterra, os estrangeiros eram olhados com indiferença ou eram bem recepcionados como representações físicas da extensão do Império Britânico. Eles agregavam cor e variedade à vida londrina; eram visitantes que chegavam com o propósito de divertir-se, contribuir e, logo, sair do país. Entre as garotas que ele conheceu e na Sociedade Vegetariana, Gandhi, longe de ser aviltado, deparou-se com uma curiosidade que chegava ao ponto da fascinação. A sua estada no coração do império proporcionou-lhe a experiência da convivência entre os diversos tipos e classes de pessoas, da tolerância e da decência de uma sociedade cosmopolita. Os britânicos consideravam-se uma nação superior, sua proeminência era evidenciada pelo domínio imperial. Os brancos excediam tanto os não brancos que não havia nenhuma percepção de ameaça.

Já na África do Sul, os não brancos superavam excessivamente os brancos; para a sua

sobrevivência, a dominação branca precisava não apenas de força, como também de uma ideologia baseada na superioridade racial. Na África do Sul, Gandhi estava testemunhando, no fim do século XIX e no início do século XX, a criação de um estado racial unificado. Os bôeres, através da Igreja Reformada Holandesa, tinham uma justificativa cuidadosamente planejada e baseada nas escrituras para a sua estratificação racial da sociedade, a qual, para eles, tinha tanta validade quanto, por exemplo, a imposição hindu da “intocabilidade” sobre sua sociedade. Os governantes brancos podiam convencer-se de que não estivessem engendrando um sistema de injustiça, mas realizando a obra de Deus ao manter as raças separadas.

Os indianos enquadravam-se entre os africanos negros e as populações brancas como intermediários raciais e culturais. Havia comerciantes indianos, muçulmanos (frequentemente referidos como árabes, embora não fossem) e cristãos que trabalhavam nas indústrias, escriturários pársis e hindus, que, na maioria, eram ajudantes agrícolas. Dentro desse sistema, uma força de trabalho foi importada e contratada para trabalhar durante um período de cinco anos. Isso aconteceu porque os europeus e os africanos não queriam trabalhar por salários da maneira arregimentada necessária para a produção moderna; a falta de oportunidades na Índia levou muitos indianos dessa força de trabalho a permanecerem na África do Sul depois do término do contrato. À medida que essa comunidade crescia e se estabelecia, uma classe mercantil foi atraída para a área, pagando por sua passagem na Índia. Entretanto, devido à sua origem operária, eles eram chamados coletivamente de *coolies* (operários). Na África do Sul, Gandhi não era respeitado por suas viagens, por sua educação ou porque nascera numa família que trabalhava no serviço público; ali, ele era considerado um *coolie barrister* (advogado de operários).

Na estação de Pietermaritzburg, Gandhi passou a noite pensando se ele deveria esquecer esse emprego e voltar para a Índia ou seguir adiante para Pretória e lutar por seus direitos. Ele sentiu que as dificuldades com as quais se deparava eram apenas um sintoma da profunda doença da discriminação de cor. Mais tarde, descreveu sua luta interna como a especial experiência que mudou o curso de sua vida: “Minha não violência começou a partir dessa data”.⁵

Na manhã seguinte, ele enviou um telegrama ao gerente-geral da ferrovia e a Dada Abdulla, que também entrou em contato com as autoridades da ferrovia e enviou uma mensagem aos comerciantes em Pietermaritzburg para se encontrarem com Gandhi na estação. A reputação de Dada Abdulla fez com que Gandhi fosse recebido por uma comitiva de comerciantes indianos com o intuito de confortá-lo e contar as histórias de insultos semelhantes a respeito dos quais não quiseram criar conflitos. À noite, um trem chegou com uma passagem de primeira classe reservada para Gandhi — os protestos haviam dado resultados. Na qualidade de agente de um homem poderoso como Dada Abdulla, Gandhi acrescentou poder prático à indignação moral; foi uma lição digna de nota.

Quando Gandhi chegou a Charlestown e prosseguiu para a próxima etapa da viagem que devia ser feita por diligência, pois não havia uma conexão ferroviária, ele sofreu outra discriminação. Primeiro, informaram-no de que sua passagem havia sido cancelada; depois,

devido à sua insistência, foi-lhe permitido abordar a carruagem, mas o condutor recusou-se em deixá-lo subir. Geralmente, o condutor sentava-se ao lado do cocheiro, mas ele cedeu o seu lugar a Gandhi e sentou-se dentro da diligência. Entretanto, quando a carruagem parou, o condutor queria fumar e disse para Gandhi descer. “Sami, sente-se aqui”, ele ordenou, dizendo ao seu passageiro que se sentasse no estribo.⁶ Gandhi recusou-se a sentar a seus pés, mas estava preparado para sentar dentro da diligência. O condutor começou a bater nele e procurou arrastá-lo para fora. Os passageiros, então, começaram a protestar; isso fez com que Gandhi aprendesse uma lição valiosa — que a injustiça demonstrada publicamente estimula protestos por pessoas aparentemente desinteressadas. Os passageiros preferiram ver Gandhi sentado dentro da carruagem a testemunhar a insolência e intolerância do condutor. Mas o condutor não se deu por vencido e fez com que um serviçal negro que estava sentado ao lado do cocheiro se sentasse no estribo e ordenou que Gandhi tomasse o seu lugar.

Já era noite quando ele chegou a Johannesburg, no território bôer do Transvaal. Gandhi chamou um táxi e foi levado ao National Hotel, onde lhe disseram que não havia quartos disponíveis. Ele, então, dirigiu-se para a casa de um indiano, associado de Dada Abdulla, onde foi muito bem recebido e onde muitas pessoas lhe contaram experiências de insultos e de tratamentos injustos. Quando contou o que havia ocorrido no National Hotel, todos caíram na gargalhada e lhe disseram que, no trem para Pretória, ele teria de viajar na terceira classe.

Mas, teimoso, ele pediu uma passagem de primeira classe. O encarregado da estação era branco, mas não bôer, e não lhe recusou a passagem. Entretanto, ainda havia o guarda da ferrovia. E, de fato, quando o bilheteiro veio para coletar as passagens na primeira classe, ele mandou que fosse para a terceira. E, novamente, foi um passageiro que protestou; o único outro passageiro no vagão, um inglês, defendeu o direito de Gandhi de viajar em primeira classe com a devida passagem.

Ele também encontrou dificuldades em Pretória ao procurar um hotel, e um negro americano o aconselhou a dirigir-se a um hotel americano, onde não seria recusado. Ali, ele conseguiu um quarto, mas não foi permitido fazer suas refeições com os outros hóspedes; teria de comer no próprio quarto. Mais tarde, o próprio dono do hotel foi ao seu quarto e disse: “Eu tive vergonha em ter de lhe pedir que fizesse suas refeições no quarto”. Por isso, ele falou com os outros hóspedes, e ninguém se opôs a que Gandhi jantasse com eles. E foi assim que ele foi à sala de jantar para tomar a sua refeição.⁷

Esses detalhes de discriminação racial barata são dignos de menção porque foi ali que Gandhi observou como o Estado funcionava de modo geral. O problema não era o fato de as leis básicas oprimirem um grupo específico em áreas particulares da vida, mas sim o fato de que isso ocorria de maneira geral e em qualquer lugar; qualquer interação entre brancos e outras raças era opressiva — uma opressão que era mitigada de caso a caso por pessoas decentes para quem essa maneira de agir era claramente uma abominação. Gandhi era pessoalmente ofendido, mas, muito mais importante, era o fato de ele sentir-se moralmente ultrajado. Era forte o sentimento de vergonha que ele tinha pelo sofrimento de seus conterrâneos que tinham de sujeitar-se a esse tipo de tratamento.

Gandhi demonstrou ser um excelente advogado ao preparar os fatos do caso de Dada

Abdulla & Co. que envolvia o alto valor de £40.000. Ao completar a análise do caso, ele verificou que, se fosse ao tribunal, arruinaria as duas partes que eram parentes. Os honorários dos advogados estavam devorando todos os seus recursos, e o caso os ocupava tanto que nada mais podiam fazer. Gandhi conseguiu convencê-los a entregar o caso para arbitragem, no qual o seu cliente saiu vencedor (possivelmente ele não teria sugerido a arbitragem se sentisse que seu cliente viria a perder). Então, Gandhi conseguiu negociar um acordo entre as duas partes que permitia que o pagamento fosse feito em parcelas a fim de que o perdedor não viesse a falir. Ele anotou alegremente: “Verifiquei que a verdadeira função de um advogado era unir as partes envolvidas numa disputa”.⁸ Ele não encontraria um consenso universal a respeito de sua afirmativa, mas, em sua comunidade, recebeu o respeito de homens influentes por suas habilidades; Gandhi tornara-se uma pessoa que precisava ser ouvida.

O seu solicitador no caso (Gandhi era um advogado que se apresentaria no tribunal preparado por um solicitador) foi Albert Baker, um advogado e diretor da Missão Geral Sul-Africana, que trabalhava para levar os africanos para a Igreja Cristã. Baker era um fundamentalista cristão da melhor espécie: ele acreditava que a salvação somente seria conseguida ao aceitar Jesus como filho de Deus, mas pregava a sua doutrina com uma indiferença que transcendia as divisões da sociedade sul-africana. Baker ajudou Gandhi a encontrar um lugar para se instalar; e Gandhi, ansioso por conhecer melhor outras religiões, começou a participar de reuniões de oração com cristãos, que tentaram convertê-lo, mas sem sucesso, embora lesse os livros que seus novos amigos lhe ofereciam. Dizem que, durante esse período, Gandhi leu cerca de oitenta livros sobre religião.⁹

Devido ao fato de ser importunado pela polícia ao andar pelas ruas à noite, um amigo *Quaker* (seita protestante) levou Gandhi para conhecer o procurador-geral do Estado, Dr. F.E.T. Krause, que havia sido convocado pela Ordem Britânica dos Advogados e se hospedava no mesmo hotel em que Gandhi estava. Ele foi solidário e entregou ao seu jovem colega uma carta declarando que Gandhi podia transitar pelas ruas a hora que bem quisesse. Ele também o apresentou a seu irmão, o promotor público de Johannesburgo. Foi assim que Gandhi criou um círculo de relacionamentos por meio da lei e de seus amigos cristãos, o que, para ele, seria inestimável em seu trabalho para a comunidade indiana.

Gandhi escreveu que, no início de sua vida em Pretória, quando estava trabalhando no caso de Dada Abdulla, ele decidiu entrar em contato com todos os indianos que ali residiam a fim de compreender seu estilo de vida e de tentar melhorá-lo. Ele escreveu: “Meu primeiro passo foi promover uma reunião de todos os indianos em Pretória e apresentar-lhes uma ilustração de suas condições no Transvaal”.¹⁰ Para isso, ele foi conhecer o adversário de seu cliente, Tyeb Khan Mohammed, o indiano mais poderoso do Transvaal — ele não indica que esse foi um comportamento inusitado, o que serve para demonstrar quanto ele era diferente dos outros membros de sua profissão.

E, assim, Gandhi convocou uma reunião em junho de 1893 na casa de um muçulmano que conhecera. A maioria era composta de comerciantes muçulmanos, a quem ele pediu que deixassem de lado suas diferenças comunitárias, religiosas e provinciais no interesse comum indiano. Ele destacou a ideia de que o comércio e a verdade não eram compatíveis e que a

religião e os assuntos particulares deviam ser tratados separadamente. Em seu primeiro e registrado discurso moralista, para o que viria a se tornar a sua comunidade, ele declarou estar “despertando os comerciantes para um sentido de dever dividido em duas partes: em primeiro lugar, ele se referiu à maior responsabilidade de dizer a verdade em uma terra estrangeira, pois a conduta de alguns refletiria na conduta de milhões de conterrâneos”.¹¹ A segunda parte dizia respeito à higiene pessoal: ele chamou a atenção para os insuficientes hábitos sanitários dos indianos “em comparação aos costumes dos ingleses a seu redor”; e, finalmente, ele enfatizou a necessidade de aprender o inglês, oferecendo os seus serviços para os jovens que estivessem dispostos a aprendê-lo.

Em outras palavras, Gandhi apresentou uma palestra preparatória como aquelas apresentadas pelos professores aos seus alunos, dizendo-lhes que eram embaixadores de sua nação e que deviam abandonar os maus costumes. O fato de eles consentirem em ser assim dirigidos sobre a moralidade de sua profissão e de seus estilos de vida é questionável. É provável que a curiosidade tivesse um papel importante, pois se tratava de um homem que havia sido educado na Inglaterra e trazido à África na esperança de que suas habilidades fossem úteis. Além disso, a sua participação no círculo de homens poderosos da comunidade também o ajudou a ser ouvido pela plateia.

Gandhi ofereceu um pacote completo de autoaperfeiçoamento: o aperfeiçoamento moral (a verdade nos negócios), o avanço prático (higienização) e a educação (o aprendizado da língua inglesa). É óbvio que eram os ingleses, e não os bôeres, que ele queria impressionar com a elevação do padrão de vida de seus compatriotas, em uma de cujas repúblicas ele falava. Talvez pensasse que os bôeres fossem um caso perdido, enquanto os ingleses eram mais tratáveis e de mente aberta ou, quem sabe, ele usasse o termo “ingleses” como termo genérico para “brancos”.

Sem dúvida, Gandhi dirigiu-se às plateias às quais se referiu. Entretanto, em sua biografia, ele omite qualquer contexto político de maneira a fazer com que o seu compromisso com os comerciantes indianos fosse totalmente um assunto de liderança moral; trata-se de uma característica de suas obras biográficas, que refletem as suas preocupações no momento de escrevê-las, nesse caso na década de 1920, em vez de aplicar uma perspectiva histórica. Seus próprios escritos e imagens posteriores desse período apresentam a África do Sul como uma *tábula rasa* antes de ele começar a imprimir nela a sua marca, como se ele, sozinho, fosse capaz e estivesse disposto a lutar contra a opressão racial dos indianos, os quais, aparentemente, nada haviam feito até a sua chegada. De fato, já existiam poderosas organizações indianas de autoajuda agindo dentro da comunidade, assim como já existia algum compromisso com a atividade política.

De acordo com Gandhi, ele se tornou um herói relutante do estágio seguinte na história da democracia sul-africana. Ele havia completado a sua obra sobre o caso Dada Abdulla e deveria voltar para a Índia. Quando chegou a Durban, em Natal, ele teve a oportunidade casual de ver um parágrafo num jornal sob o título “Franquia Indiana”. Dizia respeito a um projeto de lei apresentado ao Poder Legislativo de Natal, que procurava privar os indianos de seu direito de eleger membros da Assembleia Legislativa. No jantar de despedida, Gandhi chamou a atenção

de Dada Abdulla para o assunto, dizendo-lhe: “O que podemos entender desses assuntos? Nós somente entendemos o que diz respeito aos nossos negócios. Como você sabe, todos os nossos negócios no Estado Livre de Orange foram varridos. Protestamos, mas em vão... Nada sabemos sobre legislação!”.¹² Ele explicou que os indianos haviam se inscrito a fim de dar apoio a Harry Escombe, um advogado europeu que trabalhara como conselheiro jurídico na empresa de Dada Abdulla e era por causa desse envolvimento que providências estavam sendo tomadas para impedi-los de votar.

É claro que Dada Abdulla, apesar de declarar o seu desinteresse, soubesse alguma coisa sobre as políticas da África do Sul. Os colonizadores brancos ressentiam-se do sucesso dos comerciantes indianos. Como consequência, os indianos foram expulsos do Estado Livre de Orange; é claro que também estavam preocupados com sua situação em Natal e no Transvaal. Eles não precisavam que Gandhi lhes dissesse que seu futuro era incerto. Dada Abdulla chefiava o Comitê Indiano de Durban que se reunia numa base *ad hoc* para discutir assuntos que diziam respeito à comunidade comercial. No ano anterior à chegada de Gandhi, o comitê enviara uma lista de reclamações ao Secretário Colonial de Natal, a qual foi descartada de imediato. O fato pode ter sido responsável pela aparente indiferença indiana sobre o projeto de impedir que indianos votassem em membros da Assembleia Legislativa — eles sabiam que não existia nenhum respeito por suas opiniões.

Entretanto, eles foram encorajados pela eloquência de Gandhi, e outros vieram juntar-se à discussão, pedindo que ele não os deixasse — “e lutaremos de acordo com a sua orientação”. Os comerciantes sabiam do significado do projeto de lei que poderia muito bem ser o prelúdio para um ataque sobre seus interesses comerciais. Gandhi, como advogado temporariamente sem emprego, fluente em inglês e guzerate, e bem relacionado com as comunidades tanto indiana quanto inglesa, tinha a ambição de deixar a sua marca. Os comerciantes ofereceram honorários por seus serviços, que ele recusou, dizendo que não deveria cobrar honorários por serviços públicos. Esse foi um gesto tipicamente magnânimo por parte de Gandhi, mas foi um gesto que o colocou credor de todos aqueles cujos interesses defenderia; por outro lado, se tivesse aceitado os honorários, ele se tornaria seu criado.

Gandhi logo demonstrou o zelo e o cuidado organizacional para detalhar o que o distinguiria nos cinquenta anos seguintes de sua vida pública. O projeto de privação dos direitos indianos estava para ser passado em sua segunda leitura. Ele então solicitou mais tempo para preparar o seu caso, enviando um telegrama ao orador da assembleia, pedindo que postergasse a discussão do projeto. O orador respondeu bem a esse audacioso pedido e concedeu um adiamento de dois dias. Em seguida, Gandhi redigiu uma petição argumentando que os indianos “tinham direito a uma franquia em Natal”, mandou que fosse copiada à mão, e os comerciantes saíram às ruas com suas carruagens ou veículos alugados a fim de obter o maior número possível de assinaturas. Os jornais divulgaram a petição e corresponderam de maneira positiva. O projeto estava para passar à sua segunda leitura, mas Gandhi considerou uma vitória o fato de a comunidade ter se mobilizado e organizou uma petição mais ampla pedindo que o projeto fosse vetado em seu próximo estágio. Equipes de voluntários coletaram 10 mil assinaturas para a petição que foi apresentada a Lorde Ripon, secretário de Estado para as

Colônias. Como resposta, Ripon rejeitou o projeto por introduzir uma distinção especificamente racial na franquia, e outra lei foi aprovada que admitia às urnas somente eleitores cujos países nativos possuísem a franquia parlamentar — os indianos possuíam apenas uma franquia municipal em seu país e, portanto, foram excluídos na África do Sul.

Gandhi foi persuadido a ficar em Natal por seus conterrâneos, que imploraram e o lisonjearam. Ele, finalmente, concordou e continuou insistindo em não receber pagamento por seus serviços públicos, mas alegou que precisava de, pelo menos, £300 por ano a fim de manter uma moradia decente. Ele achou que não poderia representar a comunidade se não mantivesse um estilo de vida digno de um advogado. Ficaria se pudessem garantir essa receita por seu trabalho jurídico. E, assim, cerca de vinte comerciantes garantiram-lhe essa receita, e Dada Abdulla mobiliou a sua nova casa, Vila Beach Grove, um sobrado com um portão de ferro e uma varanda de frente para a praia, em Durban.

Mais tarde, Gandhi declarou que ele enxergava a prática de um advogado como uma “ocupação subordinada” ao serviço público, mas, havendo encontrado a sua vocação ao representar movimentos de protesto público, ele tinha de manter a prática para poder sobreviver. A Sociedade de Direito de Natal contestou o seu pedido de admissão no Supremo Tribunal como advogado, mas Gandhi havia prudentemente solicitado de dois europeus as necessárias cartas de recomendação a fim de afiançar o seu bom caráter. O seu pedido estava sendo agora apresentado pelo procurador-geral da época, Harry Escombe, o qual fora conselheiro de Dada Abdulla & Co. e, agora, era vizinho de Gandhi em sua nova residência.

A Lei de Direito pediu maiores particulares sobre Gandhi, o que foi cumprido, e, em seguida, ela continuou a opor a sua solicitação. Quando, finalmente, a sua petição foi ouvida, o tribunal declarou não haver distinção entre brancos e não brancos e permitiu que fosse admitido. Entretanto, foi solicitado que removesse o turbante e, dessa vez, ele estava preparado para fazê-lo: essa foi uma das ocasiões em que Gandhi comprometeu uma pequena questão de princípio a favor dos frutos de lutas mais importantes. Nesse momento, seus trajés consistiam em um terno europeu, uma camisa de colarinho, uma gravata-borboleta e sapatos lustrosos.

Os comerciantes indianos fundaram o Congresso Indiano de Natal a 22 de agosto de 1894 para “lidar com a atividade legislativa, de caráter retrógrado, do primeiro Governo Responsável da Colônia com respeito aos indianos”.¹³ Embora a associação fosse aberta a “qualquer pessoa que aprovasse o seu trabalho”, a taxa anual de £3 limitava o número de membros às pessoas relativamente ricas. Gandhi encarregou-se de cobrar as inscrições e descobriu o truísmo das organizações voluntárias: é mais fácil extrair dinheiro quando existe um evento interessante no qual focar; a manutenção da organização não estimulava esse entusiasmo.

Os comerciantes muçulmanos tinham uma comunidade de interesses em seus negócios, mas Gandhi esforçava-se para que enxergassem sua identidade coletiva como indianos. Um dos objetivos do Congresso Indiano de Natal era o alívio do sofrimento dos trabalhadores servis, que eram hindus. Além disso, Gandhi exortava seus conterrâneos a aceitar que indianos cristãos também eram indianos. Ele disse: “Eu senti que essa classe devia ser reivindicada como nossa. Será que eles deixaram de ser indianos simplesmente porque se converteram ao

cristianismo?”.¹⁴ Gandhi tinha apenas sucesso teórico em suas tentativas de ampliar a divulgação do trabalho do Congresso. De fato, a organização enfatizava a proteção do *status* comercial e social dos homens de negócios indianos, o que significava que eram uma organização essencialmente conservadora sem nenhuma inclinação para desafiar a ordem social existente. O Congresso devia assegurar que os comerciantes continuassem a gozar dos privilégios, que sua riqueza e suas habilidades empreendedoras mereciam. Da mesma forma, a inferioridade racial assumida das pessoas de cor e dos africanos estava implícita nas tentativas dos comerciantes de manter sua própria posição.

Não se sabe ao certo se, nessa época, Gandhi tomava em consideração essas contradições.

Politicamente, ele observava as divisões europeias impostas sobre as sociedades que governavam. Em 1896, assim se dirigiu a um público: “A nossa é uma constante luta contra uma degradação que os europeus procuram nos infligir, os quais desejam nos degradar ao nível do próprio *kafir*, cuja ocupação é caçar e cuja única ambição é possuir um certo número de gado e, assim, poder comprar uma esposa para, em seguida, passar a viver na indolência e na nudez”.¹⁵ Ele apelou a lorde Ripon, secretário de Estado para as Colônias, para que não permitisse o mau trato aos indianos, o que poderia causar a sua “degeneração e que, embora civilizados, eles seriam levados a praticar os costumes dos nativos aborígenes”.¹⁶ Ao escrever sobre os africanos, cerca de trinta anos mais tarde, em 1924, ele comentaria: “É apenas a vaidade que faz com que consideremos os negros como selvagens. Eles não são os bárbaros que imaginamos que são”.¹⁷

A igualdade espiritual entre os amigos cristãos inconformistas de Gandhi contrastava com a inerente desigualdade do hinduísmo pelo qual uma pessoa nascida como brâmane ou um como intocável era obrigada a viver a sua vida de acordo com as regras impostas aos respectivos grupos. Mais tarde, Gandhi pensou em suas próprias humilhações raciais como “o prêmio” pela intocabilidade. Em Pretória, quando um barbeiro inglês se recusou a cortar seus cabelos, ele observou: “Na Índia, não permitimos que um barbeiro corte os cabelos de nossos irmãos intocáveis. Essa é a contrapartida que recebi na África do Sul, não apenas uma, mas várias vezes, e a minha convicção de que esse foi o castigo por nossos próprios pecados fez com que eu não ficasse irado”.¹⁸ Certamente, ele estava promovendo uma abordagem ecumênica à vida, jantando com cristãos, muçulmanos e pársis e até convidando um intocável a viver com ele. Notável é o fato de que Gandhi pensasse de *si mesmo* passando por uma humilhação como castigo pelos “pecados” coletivos dos hindus. Por que pensar dessa forma, a menos que acreditasse ter sido selecionado para o papel de um homem predestinado?

Outro tópico de sua vida, o de se preocupar com os pobres, agora começa a ser mencionado em seu registro, embora, no passado, não apresentasse essa característica. Anteriormente, em Kathiawar, Londres e África do Sul, Gandhi preocupara-se com a classe média — primeiro com os funcionários públicos, depois com os advogados e, então, com os comerciantes. Ele observou: “Servir aos pobres tem sido o desejo do meu coração”, sem obviamente relacionar essa observação a qualquer período de tempo. Em sua autobiografia, ele conta como, em 1894, na qualidade de um advogado de 25 anos, ele recebeu a visita de um trabalhador tâmil contratado que havia sido severamente surrado por seu empregador, quebrando-lhe os dois

dentes frontais. Fazendo uso dos serviços de interpretação de seu auxiliar, que também era tâmil, Gandhi encaminhou o pobre homem a um médico que avaliou seus danos pessoais e, depois, levou-o para um magistrado que expediu uma convocação. Em posse dessa convocação, Gandhi foi até o empregador do indivíduo, um cidadão europeu de liderança em Durban, e apresentou-lhe suas opções: ser processado ou liberar o contrato de trabalho do empregado. Surpreso com a temeridade de Gandhi, o europeu preferiu a segunda opção, e Gandhi procurou um europeu decente a quem o trabalhador pudesse servir o resto de seu período de trabalho.

O incidente demonstra o compromisso que Gandhi assumira ao tomar o curso de ação moral junto à esfera pública — e a sua segurança de que as autoridades britânicas o apoiariam numa justa causa, uma importante parte de sua advocacia. Gandhi, então, passou a ser considerado um amigo dos trabalhadores servis que começaram a fluir em seu escritório, dando-lhe a “melhor oportunidade de inteirar-se sobre suas alegrias e suas tristezas”.¹⁹

O governo de Natal procurou estabelecer um imposto anual de £25 para os indianos que desejavam permanecer na África do Sul depois do término de seu contrato de trabalho. O objetivo era fazer com que fosse antieconômico para eles ficarem e, ao mesmo tempo, prevenir um maior desenvolvimento da minoria indiana, temendo que prosperassem a ponto de ameaçar a pequena comunidade branca. O Congresso Indiano de Natal contestou o imposto em todos os níveis. Essa oposição, indubitavelmente, contribuiu com a sua redução para £3 por adulto, apesar de ainda ser uma imposição amargamente ressentida e somente revogada quase vinte anos mais tarde. A preocupação central mais alinhada do Congresso Indiano de Natal, como grupo de pressão da classe média, era a proposta de um projeto de lei do governo pelo qual “nenhuma pessoa de raça, nascimento ou descendência asiática tivesse permissão de obter licença para funcionar como loja comercial”, proposta que foi derrubada em 1894.²⁰

Gandhi e, de modo geral, os indianos na África do Sul confiavam na justiça do governo britânico. Acreditando ser-lhes totalmente benéfico, eles entoavam o hino nacional britânico em suas reuniões. Os indianos de Natal e do Transvaal enviaram uma mensagem à rainha Vitória por ocasião de seu Jubileu de Diamante, em 1897, redigida por Gandhi. Estava escrito: “Temos orgulho em pensar que somos seus súditos, pois sabemos que a paz que gozamos na Índia e a confiança na segurança da vida e da prosperidade que possibilita aventurar-nos no estrangeiro são devidos a essa nossa condição”²¹ (de súditos).

Como cidadão de mais de um mundo, Gandhi podia perceber como os europeus enxergavam os indianos, destacando “a nossa indiferença às leis da higiene e da sanitização, nossa lentidão na manutenção da limpeza e da ordem de nossos ambientes, nossa sovinice na manutenção do estado de nossas casas”.²² Isso fez dele um nacionalista mais equilibrado do que aqueles que se queixavam da vitimização de sua raça ou argumentavam sobre a superioridade de sua própria cultura. Ele também estava passando por experiências que o levaram a questionar a exatidão das noções recebidas a respeito da superioridade das castas mais altas. Quando voltou para a Índia, durante um curto período de tempo, em 1896, ele ofereceu seus serviços voluntários ao comitê de sanitização durante o período de uma epidemia em Rajkot e verificou que os padrões de higiene dos ricos eram repugnantes; por outro lado, os pobres estavam

dispostos a melhorar suas condições, enquanto as casas dos intocáveis eram limpas apesar da falta de recursos.

Gandhi tinha um cozinheiro na Vila Beach Grove, vários de seus auxiliares viviam na casa e ele, frequentemente, tinha hóspedes ingleses e indianos, de maneira que a sua casa era uma forma embrionária das comunidades que ele fundaria posteriormente. A sua natureza confiante foi novamente exposta como um ponto fraco quando convidou Xequê Mehtab, o seu amigo de infância, para morar com ele em sua chegada a Natal. Gandhi o recebeu como um companheiro e, efetivamente, como gerente de sua casa. Gandhi sempre foi atraído por pessoas de mau caráter, pois achava que podia reformá-las. Contudo, ele não parece ter sido imunizado pelas experiências em sua juventude contra o caráter duvidoso de Mehtab.

Gandhi deu-lhe atenção um dia, quando Mehtab criticou um assistente do escritório que também estava morando na Vila, e passou a desconfiar do assistente o qual, na primeira suspeita de desconfiança, iradamente saiu da casa e demitiu-se. O cozinheiro, então, decidiu ele próprio expor Mehtab. Ele foi buscar Gandhi em seu escritório, mas sem dizer por que ele queria que seu patrão fosse almoçar mais cedo naquele dia. Ao chegar em casa, o cozinheiro levou-o para o andar superior, para o quarto de Mehtab. Gandhi bateu forte à porta, e Mehtab abriu-a — ele estava fazendo sexo com uma prostituta. Imediatamente, Gandhi o expulsou dizendo que nunca mais queria saber dele. Mehtab ameaçou “expô-lo”, mas Gandhi disse que chamaria a polícia. E foi assim que o seu antigo amigo saiu de sua casa. Gandhi estava transtornado: ele percebeu que “na tentativa de reformá-lo, eu estava me arruinando”.²³ Sua palavra final sobre “essa longa história, agradável e, ao mesmo tempo, patética” de seu relacionamento com Mehtab foi que “ele continuou a admirar-me a distância”.²⁴

Objetivamente, a ofensa era menos séria do que Gandhi a considerara: a licenciosidade sexual, como Gandhi parecia pensar, não denotava um caráter irremediavelmente deplorável; a sua resposta foi extrema, como era de maneira geral com assuntos sexuais. Entretanto, o problema era que na conservadora África do Sul, o caso o excluiria da sociedade respeitável caso ele permitisse que a sua casa fosse usada para encontros com prostitutas. Também havia o elemento de miscigenação: provavelmente, a prostituta era africana — o número de homens indianos superava em muito o número de mulheres indianas na África do Sul —, de maneira que os relacionamentos sexuais, dentro desse grupo racial, seriam duplamente desaprovados.

Gandhi coloca esse episódio de confiança mal atribuída num cenário cósmico: “Deus veio em minha ajuda... O cozinheiro foi um aparente mensageiro enviado do céu”. O sábio cozinheiro, (que diziam ser péssimo em sua função) pediu demissão alegando que Gandhi era facilmente enganado. Também deve ser por esse motivo que o assistente inocente, do qual havia suspeitado, não quis se reconciliar com Gandhi, apesar de seu pedido de desculpas.

Gandhi retomou suas experiências com o “alimento vital”, voltando a comer somente vegetais, cereais, frutas e nozes, todos crus, até que a sua falta de saúde o forçou a voltar para uma dieta mais razoável. Apesar de tudo, ele sempre consideraria que o controle das necessidades de seu corpo o levaria ao controle do mundo externo — uma proposta muito duvidosa. Sua rígida determinação irritava até os seus amigos. Certa vez ele foi convidado para um almoço de domingo junto a uma família cristã que se dispôs a satisfazer os seus requisitos

alimentares. No entanto, ele não resistiu em exortar ao vegetarianismo o filho de apenas cinco anos: “Eu desprestiguei o pedaço de carne que estava em seu prato e elogiei a maçã que estava no meu”.²⁵ Além disso, ele comparou Buda com Jesus, a desfavor deste último, o que os levou a mutuamente concordar que Gandhi não os visitaria mais.

Depois de três anos na África do Sul, Gandhi voltou à Índia para uma visita, aproveitando a oportunidade de viajar de navio até Calcutá, sempre para o seu autoaperfeiçoamento: entre os passageiros, ele conheceu um homem que falava urdu, a quem pediu que lhe ensinasse o idioma, falado principalmente entre os muçulmanos da Índia. Ele também comprou um livro de autoajuda para aprender o tâmil a fim de poder comunicar-se com os indianos da área de Madras, de onde a maioria dos trabalhadores servis procedia.

Mais tarde em sua viagem, quando perdeu o trem em Allahabad, ele caracteristicamente aproveitou bem o seu tempo e procurou uma entrevista com o editor de um dos principais jornais da Índia, o *Pioneer*, que ficou impressionado com Gandhi e disse que publicaria material sobre os indianos na África do Sul, embora não se compromettesse a dar apoio à causa indiana naquele país. Gandhi ficou satisfeito pedindo apenas que fosse justamente ouvido; ele acreditava que os fatos, por si só, venceriam os argumentos. Esse encontro encorajou-o a pressentir que haveria uma audiência para esse trabalho e, de volta a Rajkot, ele imediatamente começou a preparar o seu primeiro grande projeto, uma descrição dos indianos na África do Sul. Deliberadamente, adotou um tom moderado a fim de não ser acusado de exagero e ele sabia que a distância, de qualquer forma, daria força ao seu argumento.

Ele mandou imprimir dez mil exemplares de *The Grievances of the British Indians in South Africa: An Appeal to the Indian Public* (As Queixas dos Indianos Britânicos na África do Sul: Um Apelo ao Público Indiano), que ficou conhecido como o *Green Pamphlet* (Panfleto Verde), devido à cor de sua capa. Gandhi enviou cópias a todos os jornais e líderes de partidos da Índia. Para empacotar e endereçar os exemplares, Gandhi pediu a ajuda de seus filhos e de crianças da localidade. O *Pioneer* deu cobertura ao panfleto como havia prometido, publicando um artigo baseado nele, chamando a atenção da agência de notícias *Reuters* de Londres, que o distribuiu de forma resumida, inclusive em Natal, entre outros lugares. Foi o primeiro aparecimento de Gandhi no cenário internacional, embora ele não fosse nomeado: “Um panfleto publicado na Índia declara que os indianos em Natal são roubados, atacados e tratados como animais sem poder conseguir reparações”.²⁶

Com a assistência ativa de Pherozeshah Mehta, o advogado que o havia aconselhado anteriormente e membro importante da autoridade local, a Bombay Corporation (Corporação de Bombaim), Gandhi organizou uma reunião pública em Bombaim. Em 1904, Mehta, a figura dominante das políticas nacionalistas, receberia o título de cavaleiro por serviços prestados ao Império Britânico. Ele aconselhou o jovem a não improvisar o seu discurso como pretendia, mas a escrever e imprimi-lo. Pherozeshah dirigiu a reunião e encorajou Gandhi, ainda hesitante, a falar. Finalmente, ele entregou o discurso preparado para um partidário, ótimo orador. O público ouviu a mensagem com entusiasmo. Gandhi viajou pela Índia encontrando-se com pessoas influentes e informando-as quanto às condições dos indianos na África do Sul. Trabalhando dessa forma por conta do Congresso Indiano de Natal, ele estava demonstrando

suas qualificações para a campanha nacional quando voltasse mais permanentemente para a Índia. Ele fez questão de encontrar-se com os dois candidatos para a posição de Pherozeshah, duas pessoas de proeminência no movimento nacionalista: Bal Gangadhar Tilak e Gopal Krishna Gokhale. Ele achou Tilak incompatível, mas “apaixonou-se” por Gokhale, que ficou impressionado com Gandhi e assegurou-lhe o seu apoio.²⁷

Ele viajou para Madras impressionando a comunidade tâmil ao contar-lhes a respeito do trabalhador que havia sido surrado e cujo contrato conseguira transferir para um empregador decente. Em Calcutá, ele se reuniu com pessoas interessantes que também estavam passando por problemas. Gandhi estava tentando organizar uma reunião pública quando recebeu um telegrama de Durban pedindo que voltasse para a África do Sul.

Ele voltou para Rajkot, onde se reuniu com a esposa, da qual ficara afastado durante três anos, e com seus dois filhos, para os quais era um completo estranho. Com sua cunhada chefe da casa de Gandhi, Kasturbai ali vivia como uma esposa inferior. Ela pouco sabia da vida de Gandhi. Como era analfabeta, ele não lhe escrevia; ela apenas ouvia as cartas formais que ele enviava para seu irmão. Por meio delas, Kasturbai sabia que ele estava prosperando e que, com base em sua profissão de advogado, conseguia pagar as dívidas nas quais incorrera para a sua educação. Sua autoconfiança e sucesso evidente devem ter agradado a Kasturbai, que, sem dúvida, ficara entusiasmada ao saber que viajaria para a África do Sul com Gandhi e que, finalmente, teria a sua própria casa, mesmo que fosse em outro país. Gandhi embarcou com sua esposa, seus filhos e Gokaldas, filho de sua irmã viúva, no navio *Courland*, que pertencia à frota de Dada Abdulla; suas passagens foram oferecidas gratuitamente pelo próprio Abdulla. Os asiáticos mais respeitados na África do Sul eram os pársis, e, portanto, Gandhi fez com que sua esposa se vestisse à moda das mulheres pársis: um longo sári, uma blusa de mangas compridas, meias e sapatos; os garotos vestiam casacos e calças pársis. Ele esperava que, dessa maneira, sua família fosse considerada respeitável. Ele fez com que Kasturbai praticasse andar com sapatos e meias na ponte do navio, de Bombaim até a África do Sul, insistindo que os calçasse todos os dias, o que ela achava oneroso. Ele também os ensinou a usar talheres, sentados a uma mesa e fazendo com que se acostumassem à comida europeia.

A viagem foi tempestuosa, mas Gandhi era um bom marinheiro e facilmente se movimentava entre os passageiros, encorajando e confortando-os. Depois de dezoito dias, o *Courland* e outro navio de Dada Abdulla, que o acompanhou na viagem, chegaram a Durban. Os oficiais sanitários subiram a bordo e ordenaram que os navios ficassem em quarentena — esse era o procedimento padrão caso uma embarcação procedesse de uma área atingida por epidemia. Os capitães e os proprietários obedeceram, mas, depois de cinco dias, a quarentena foi prorrogada. Pelas informações recebidas da empresa de Dada Abdulla, Gandhi soube que o vírus que impedia o desembarque era ele próprio. A história alarmante era que Gandhi estava voltando e trazendo consigo centenas de novos imigrantes que lutariam por seus direitos. As acusações de discriminação racial especificadas no Panfleto Verde haviam circulado em Natal, inicialmente devido ao relatório da Reuters, baseado no artigo do *Pioneer*, mas a cobertura continuava com os discursos de Gandhi na Índia.

O governo queria intimidar os imigrantes para que voltassem para a Índia ou, mais

realisticamente, mantê-los encurralados até que a atenção pública fosse desviada do assunto. Numerosas reuniões foram promovidas em Durban sob a bandeira de organizações com nomes como Liga de Proteção Europeia e a União Patriótica Colonial, que emitiram ameaças a Dada Abdulla & Co. para induzi-los a voltar para a Índia; havia inclusive ofertas de compensação para a companhia caso concordasse.

A quarentena foi além do período das comemorações do Natal. No dia de Natal, Gandhi e sua família foram convidados a jantar com o capitão e, logo após a refeição, Gandhi apresentou um discurso falando sobre a Civilização Ocidental quando, na realidade, a ocasião pedia um toque mais leve. Posteriormente, ele lembrou: “Deplorei a civilização da qual os brancos de Natal foram os frutos e que eles representam e defendem”.²⁸

Ele estava ciente do perigo no qual colocara a companhia como também sabia que levaria o generoso Dada Abdulla por um caminho que o obrigaria a lutar por princípios em vez de simplesmente tratar de seu comércio, assim como colocou em risco sua própria família e as de outros passageiros, pois ameaças estavam sendo feitas de que os passageiros seriam afogados antes que fossem autorizados a desembarcar. A desculpa de que a questão fosse uma quarentena havia ultrapassado o seu limite; o oficial responsável pela quarentena admitiu que estivesse recebendo ordens diretas do governo. Finalmente, em 11 de janeiro de 1897, depois de ficarem retidos em quarentena durante vinte e três dias, o *Courland* e o *Naderi* foram autorizados a aportar e a desembarcar os passageiros. Uma multidão de brancos reuniu-se a fim de evitar que os imigrantes saíssem dos navios. Harry Escombe conseguiu dispersar os manifestantes depois de prometer que a “questão indiana” seria tratada numa imediata sessão do Parlamento.²⁹

Por meio de uma mensagem de Harry Escombe, que queria evitar uma desordem pública provocada pela presença de Gandhi ou dos imigrantes, Gandhi havia sido avisado de que deveria desembarcar somente no final da tarde e de que o superintendente do porto o escoltaria junto com sua família para casa. Entretanto, o advogado de Dada Abdulla & Co., Frederick Laughton, sugeriu que Kasturbai e as crianças fossem para a casa de um amigo pársi, Jivanji Rustomji, enquanto Gandhi e Laughton entrariam no porto a pé. Ele estava preocupado com a dignidade da empresa, mas o orgulho de Gandhi foi afetado — ele não queria entrar sorrateiramente como se tivesse vergonha dos pontos de vista que publicara ou medo de seus inimigos.

Ele acabou por desembarcar com Laughton, mas, assim que chegaram às ruas, algumas crianças reconheceram Gandhi e começaram a gritar o seu nome. Cerca de seis homens acorreram no local, e Laughton chamou um riquixá para poder escapar, mas o condutor ficou assustado e fugiu.

A multidão cresceu rapidamente, Laughton foi agarrado e separado de Gandhi, que foi, então, surrado com pedras e outros objetos — alguém lhe tirou o turbante enquanto outros chutavam e batiam nele. Ele começou a perder os sentidos e tentou agarrar-se à grade de uma casa para não cair, mas os manifestantes não paravam de agredir. Jane Alexander, esposa do superintendente da polícia de Durban, viu o que estava acontecendo e, armada de seu guarda-sol e gritando “Covardes!”, se interpôs entre Gandhi e a multidão a fim de protegê-lo. Como

não podiam atingi-lo sem machucá-la, os manifestantes desistiram.

Um indiano que vira o ataque correu para avisar a polícia sobre o que estava acontecendo. Imediatamente um grupo de policiais foi enviado para escoltar Gandhi e dispersar a multidão. Richard Alexander, o superintendente, sugeriu que ele ficasse no posto policial, mas Gandhi, sem entender esse tipo de comportamento, recusou a oferta, dizendo: “Certamente, eles se acalmarão ao perceber o erro que cometeram. Tenho confiança em seu sentido de justiça”.³⁰ E, assim, em plena luz do dia, ele foi escoltado pela polícia até a casa de Jivanji Rustomji, onde sua mulher e filhos o aguardavam. Eles ficaram horrorizados ao vê-lo todo machucado e ensanguentado.

Agora, a turba sabia onde Gandhi se encontrava, e, no calar da noite, uma multidão reuniu-se na frente da casa do comerciante à medida que a notícia do local do alvo se espalhava. Eles ameaçaram Jivanji caso não entregasse Gandhi em suas mãos. O superintendente Alexandre chegou com reforços, mas percebeu que a situação estava fora de controle e ficou com receio de que a casa do comerciante fosse atacada e derrubada. Ele enviou uma mensagem para Gandhi, dizendo que, se quisesse salvar a casa de seu amigo e de sua família, ele deveria fugir disfarçado. Gandhi já havia sido solicitado duas vezes antes a fazer isso — por Harry Escombe quando estava no navio e por Alexander quando passavam pelo posto policial. Agora Alexander descobrira a maneira certa de lidar com ele: apelando para o seu interesse em proteger outras pessoas, ele finalmente conseguiu com que Gandhi agisse com mais sensatez e permanecesse sob a proteção da polícia.

Alexander manteve a turba ocupada entoando uma canção que dizia *Hang old Gandhi/On a sour apple tree* (Pendurem o velho Gandhi/No alto de uma macieira azeda) enquanto dentro da casa Gandhi vestia um uniforme de policial com um capacete improvisado: uma panela amarrada com um xale. Assim, disfarçado e acompanhado de dois detetives, ele saiu pela porta de uma casa vizinha, passou pelos manifestantes ainda violentos e entrou na carruagem que estava à sua espera. Ao receber a notícia de que Gandhi estava em segurança, o superintendente disse aos manifestantes que ele fugira. Ao duvidarem de sua palavra, Alexander convidou-os a escolher algumas pessoas para fazer uma busca na casa. Depois de submeter Rustomji a essa humilhação, a turba finalmente se dispersou.

Mais tarde, Harry Escombe ofereceu-se para processar os agressores, caso pudesse identificá-los, mas Gandhi recusou, alegando, desgostosamente, que os culpados eram os líderes da turba, assim como o próprio Escombe, por não ter conseguido refrear o povo. Gandhi acusou-o de acreditar que ele, Gandhi, tivesse feito declarações exagerando o repreensível comportamento dos brancos em Natal, ao passo que deveria ter esperado pela evidência. Ignorando essa acusação, Escombe agora engendrara um meio de encerrar esse horrível incidente. Ele disse a Gandhi que, se não prestasse queixa, isso o ajudaria a restaurar a calma e melhoraria a sua reputação. Administradores espertos como Escombe haviam aprendido que, para lidar com Gandhi, era preciso apelar para os seus instintos mais “gandhianos”, o que também serviria aos seus interesses. Contudo, Gandhi, apesar desse terrível incidente, não conseguiu captar a mensagem (embora isso seja implícito em seus posteriores relatos) de que a discrição é a melhor parte da coragem e de que deveria ter

aproveitado o conselho de Escombe para sair da casa de seu amigo ao escurecer. Pensar que, às vezes, as autoridades agem no melhor interesse da lei e da ordem não era algo que Gandhi favorecesse. A moral que ele deduzira do acontecimento era tipicamente gandhiana, a moral de que uma demonstração pública de perdão aos seus agressores seria tão notável que faria com que os europeus de Durban ficassem envergonhados de sua conduta.

A sua decisão de não processar provocou um efeito internacional imediato: pela primeira vez, Gandhi chamou a atenção do Império Britânico. Na Índia, o vice-rei ficou preocupado com esse ataque; em Londres, o secretário colonial, Joseph Chamberlain, ordenou que os agressores fossem punidos. A fim de liberar Escombe de suas obrigações legais, Gandhi assinou um depoimento juramentado declarando que fora sua a decisão de não abrir um processo. De fato, a publicidade adquirida foi muito maior do que aquela que um processo no tribunal poderia ter. Os jornais de Natal cederam um espaço a Gandhi para declarar que nada tivera a ver com a organização das duas levadas de imigrantes que com ele viajaram da Índia para a África do Sul e que, de qualquer forma, a maioria não permaneceria em Natal, mas seguiria viagem para o Transvaal. Mais importante ainda foi o fato de que nada do que dissera no estrangeiro foi mais provocante do que ele expressara, livre e repetidamente, na própria África do Sul. A atenção que ele recebeu deu aos europeus motivos para eles refletirem, bem como atraiu um numeroso fluxo de clientes ao seu escritório.

Gandhi aproveitou essa atenção pública fazendo um apelo para a associação e fundos destinados ao Congresso Indiano de Natal. Suas experiências na África do Sul permitiram que ele desenvolvesse um modelo dinâmico para as organizações sem fins lucrativos: elas não deveriam ter fundos permanentes, pois isso as levaria a se tornar institucionais e não responsáveis pelo público para o qual eram estabelecidas. Ao contrário, o gasto operacional deveria ser sustentado pelas doações oferecidas anualmente, obrigando essas organizações a prestar contas constantemente e restringindo-as a fim de elas não se tornarem maiores do que as causas que deram motivo para o seu estabelecimento.

A publicidade de Gandhi também estimulou a oposição, que, com sucesso, promoveu o Immigration Restriction Bill (Decreto de Restrição à Imigração) e o Dealers' Licences Bill (Decreto de Licenças para os Comerciantes) a fim de restringir a imigração e o comércio, dirigidos principalmente aos indianos. O decreto das licenças afetou particularmente os grandes comerciantes, os únicos a dar apoio ao Congresso Indiano de Natal, que agora se restringia a casos legais que contestavam a recusa de renovar licenças ou transferir as licenças para novas instalações.

A família Gandhi logo se transferiu da casa do amigo Rustomji para a Vila Beach Grove, que estivera fechada durante a ausência de Gandhi e onde, pela primeira vez em sua vida, Kasturbai se tornou responsável pela própria casa e assumiu o nome de Kasturba, o que indicava a sua superioridade. Ela veio a compreender a respeitabilidade individual que seu marido havia adquirido; as pessoas constantemente se dirigiam a ele para pedir conselhos. Mas ela não ficou dona de sua casa por muito tempo, pois Gandhi convidou alguns de seus assistentes legais a morar com eles e, certa vez, ele até hospedou um mendigo leproso. Esse mendigo tinha batido à sua porta para pedir esmola, e Gandhi, sempre pronto para atender os

feridos e doentes, tratou de suas feridas e convidou-o a ficar na casa, mas as suas necessidades eram maiores do que ele podia suprir, e levou-o para um hospital do governo para trabalhadores servis. Mais tarde, Gandhi incrementaria a sua experiência no tratamento de doentes ao se oferecer como voluntário num pequeno hospital, delegando a sua prática legal, durante duas horas diárias, a um assistente.

A posição de Gandhi permitiria que seus filhos fossem educados numa escola europeia, mas ele não quis beneficiar-se de favores diferenciados dos de seus conterrâneos. De qualquer forma, ele considerava as escolas missionárias inadequadas e, sem dúvida, temia que seus filhos fossem contagiados pela cultura cristã. Decidiu, então, contratar uma tutora inglesa. Porém, não satisfeito com a sua instrução, ele próprio tentou educar os filhos, mas como chegava muito tarde, à noite, e queria que eles se levantassem muito cedo, pela manhã, esse tipo de ensinamento não poderia ser adequadamente descrito como educação. Apenas Harilal conseguiu frequentar um pensionato quando a família voltou para a Índia. Em sua autobiografia, Gandhi contou a respeito de seu fracasso em fazer com que seus filhos fossem devidamente educados: “Meus filhos tiveram motivos para queixar-se de mim a respeito desse assunto”. Ele foi igualmente repreendido por seus amigos sobre a educação de seus filhos, mas ele persistiu em acreditar que, se tivesse permitido que fossem educados de uma maneira diferente de outras crianças, ele os teria “privado da lição objetiva em liberdade e da autoestima que eu lhes dei à custa do treinamento literário”.³¹ E ele, assim, convenceu-se de que cometeria o sacrifício da educação para o seu próprio bem espiritual.

Kasturba achava intolerável simplesmente aceitar os princípios morais de Gandhi, apesar de tentar ser uma esposa obediente. Gandhi escreveu: “Considerarei-me professor de minha esposa, mas eu a perseguia constantemente devido ao meu cego amor por ela”. Ele decidiu que os residentes da Vila Bea ch Grove deviam esvaziar seus próprios penicos, uma atividade que jamais teria sido realizada por uma mulher brâmane — essa era uma função própria de um intocável. Se os penicos fossem algumas vezes esquecidos, Gandhi decidiu que ele e Kasturba se encarregariam de esvaziá-los em vez de pedir que um criado o fizesse — presumidamente a fim de envergonhar os ocupantes da casa e para que eles mesmos se incumbissem da tarefa numa próxima vez.

Certa vez, um assistente, um cristão de família de intocáveis, deixou o seu penico embaixo da cama. Ele era recente morador da casa e desconhecia as regras. Kasturba sabia que Gandhi o esvaziaria, então achou que seria menos depreciável ela fazê-lo do que Gandhi. Ela levou o penico, desceu as escadas e esvaziou-o, chorando de raiva por ter chegado a esse ponto em sua vida.

Gandhi viu-a chorando e também ficou irado: ele queria que ela cumprisse a tarefa com boa vontade. Ele disse-lhe: “Eu não vou aturar essa bobagem em minha casa”, e ela respondeu: “Fique com a sua casa e deixe-me ir embora”. Gandhi escreveu que perdera a cabeça, pegou-a pelo braço, arrastou-a até o portão de casa e abriu-o pretendendo empurrá-la para fora. Nesse momento, Kasturba gritou: “Você não tem nenhum sentido de vergonha? Aonde você quer que eu vá? Não tenho pais nem parentes para me abrigar. Eu não tenho de aturar os seus socos e chutes só porque sou sua esposa. Pelo amor de Deus, comporte-se e feche o portão. Não deixe

que os vizinhos presenciem essas cenas”.³²

Ele sentiu vergonha, embora não se saiba do que — de sua ira numa trivial função doméstica? Porque ela provocara sua ira? Ou por sua violenta reação? Posteriormente, ele escreveu sobre como “sua esposa, com seu incomparável poder de tolerância, sempre acabava vitoriosa”. Parece que ele nunca relaxou esse seu princípio — contudo, é possível que, mais tarde, ele fosse mais tolerante quanto a essas tarefas da noite, mas não há nenhuma indicação de que tenha questionado o princípio de um regime doméstico tão draconiano a ponto de ser ridículo: ele estava pedindo que não somente mexesse com fezes, mas que o fizesse com prazer.

Como advogado, Gandhi nunca defendeu a falsidade, recusando-se a fazer parte de uma falácia. Isso fez com que os juízes tendessem a confiar nele, embora durante a sua carreira perdesse vários milhares de libras esterlinas em honorários de causas rejeitadas. Além disso, ele não se dignava em processar as pessoas por falta de pagamento de seus honorários, o que também lhe custou muito. Apesar disso, ele logo se tornou um advogado bem-sucedido, com uma equipe de doze pessoas, mas isso apenas fez com que o impulso espiritual, cada vez mais forte, fosse sentido por Gandhi, longe da vida de luxo que ele então gozava. Sua solução foi reduzir as despesas domésticas a fim de liberar mais recursos para as obras públicas. Ele começou por despedir os criados. Não apresenta nenhum indício de que pudesse levar em consideração pontos de vista alternativos, como, por exemplo: que a riqueza tinha suas obrigações e que uma delas era o emprego de outras pessoas; que deveria permitir que outras pessoas trabalhassem em seu próprio nível a fim de deixar-lhe tempo suficiente para realizar obras públicas que elas mesmas viessem a respeitar, e que ele proporcionasse satisfação às pessoas ao permitir que o servissem da melhor forma possível. Para Gandhi, somente a busca espiritual pessoal importava: o caminho para a iluminação espiritual por meio de pequenos atos de autossuficiência; a família também iria participar, de maneira que Kasturba e os meninos começaram a desempenhar trabalhos domésticos.

Gandhi aprendeu a lavar a sua própria roupa, bem como, anteriormente, aprendera a cortar o próprio cabelo depois que um barbeiro inglês se recusou a fazê-lo — é como ele disse: “Eu me libertei da escravidão do lavador de roupa e me desembaracei da dependência do barbeiro”.³³ Algumas de suas experiências para o autoaperfeiçoamento eram até cômicas, tais como a sua primeira tentativa de cortar o cabelo e ao engomar excessivamente o colarinho de suas camisas, mas, quando determinava que era certo fazer alguma coisa, por mais ridícula que fosse, ele era irredutível.

Durante esses anos na África do Sul, ele estava lendo a tradução para o inglês dos *Upanishads*, pela Sociedade Teosófica, e (certamente influenciado pelos amigos pársis) ele leu *The Sayings of Zarathustra* (Assim Falou Zaratustra). Também foi influenciado por obras mais populares: a *Biografia do Profeta Maomé e Seus Sucessores* e releu *The Light of Asia* (A Luz da Ásia), o fantasioso poema sobre a vida de Buda, e o Corão, traduzido. Foi particularmente influenciado pelas obras didáticas de Liev Tolstói. Leu *The Kingdom of God is Within You* (O Reino de Deus Está Dentro de Você), que comenta a respeito do Sermão da Montanha e apresenta Jesus não como a figura do divino resgate dos pecados dos homens, mas como um

vidente oferecendo orientação prática no caminho para viver uma vida espiritual. Tolstói foi um modelo importante para o seu pensamento, especialmente no desenvolvimento da não violência. (Gandhi não estava interessado na ficção superlativa de Tolstói, enquanto o autoaperfeiçoamento e o trabalho espiritual desse último não são altamente classificados no cânone literário.)

Gandhi descreveu-se, nos primeiros anos na África do Sul, atuando como “agente para a União Cristã Esotérica e da Sociedade Vegetariana de Londres”. Ele promoveu ativamente a União, representando “a unidade e a fonte comum de todas as grandes religiões do mundo”, e difamou “a total inadequação do materialismo que se vangloria de ter proporcionado ao mundo uma civilização jamais testemunhada antes⁽³³⁻¹⁰⁸⁾, mas a qual havia, de fato, dado à humanidade “as mais terríveis armas de destruição, o terrível crescimento do anarquismo, as apavorantes disputas entre o capital e o trabalho e a diabólica crueldade infligida a inocentes e ignorantes animais em nome da Ciência”.³⁴ Ele recomendava a União como “um sistema de religião que ensina a universalidade baseada nas verdades eternas e não nos meros fatos fenomenais ou históricos”.³⁵ Ele podia enxergar “sinais inconfundíveis de um retorno das tendências materialistas, que nos tornaram tão cruelmente egoístas, aos ensinamentos esotéricos inalterados não apenas de Jesus Cristo, mas também os de Buda, de Zoroastro e de Maomé”.³⁶

Gandhi não parece ter conhecido a religião internacionalista do século XIX (ou pelo menos não foi diretamente influenciado por ela): a Bahá’i, que representa Krishna, Jesus, Maomé e outros personagens religiosos como profetas do Deus único. O ponto de vista monoteísta do divino, ao reconhecer a contribuição dos profetas de todas as religiões, era um critério entre os pensadores, pessoas espirituais, no fim do século XIX e início do século XX. Ao aceitar o valor de outras religiões e pesquisar suas literaturas para textos de apoio, Gandhi também mantinha a sua crença na noção hindu do ciclo da vida e do renascimento, assim como do aperfeiçoamento espiritual com o derradeiro objetivo do *moksha*: escapar do ciclo de vida e morte. Sua incansável busca pelo aperfeiçoamento espiritual, inclusive suas experiências em dietas e sexo, era, na realidade, uma preocupação hindu.

Em maio de 1898, Kasturba deu à luz o terceiro filho, Ramdas. Gandhi assistiu o médico durante o parto — a sua busca pelo autoaperfeiçoamento levou-o a estudar um livro sobre gravidez e parto. Depois de uma difícil operação, Kasturba foi confinada à cama com anemia, e Gandhi cuidou dela, do recém-nascido e dos outros dois filhos. Um quarto filho, Devdas, nasceu em 23 de maio de 1900: o trabalho de parto começou rapidamente, e, sem tempo para pedir ajuda, Gandhi teve de trazer à luz o próprio filho. Foi outro parto difícil, e Gandhi, vendo o sofrimento de Kasturba, contribuiu para a sua decisão de não ter mais filhos. Ele tinha conhecimento suficiente de anticoncepcionais, adquirido quando de sua estada em Londres fazendo parte da Sociedade Vegetariana, mas também acreditava que o autocontrole fosse um meio melhor de prevenir a concepção do que outros métodos.

Mais tarde, ele não conseguia lembrar-se por que havia desenvolvido esse entusiasmo pela castidade no casamento, lembrava apenas que ele surgira durante a sua estada na África do Sul. Assim, Gandhi foi levado a fazer um voto de castidade, conhecido como *brahmacharya*

(embora o termo englobe um significado espiritual mais amplo, ele é geralmente usado para significar castidade). Ele acreditava que fora influenciado por Raychandbhai, um homem de negócios jainista com tendências espirituais, com o qual se encontrara em Kathiawar depois de sua volta de Londres à Índia e com quem se correspondia. As cartas de Gandhi escritas na África do Sul refletem os enigmas espirituais com os quais se defrontava. Ele queria saber: “O que é a alma? Ela age de alguma forma? As ações do passado impedem o seu progresso ou não? É possível para uma pessoa saber com certeza, enquanto vivo, se ela conseguirá ou não atingir o *moksha*?”.³⁷

Gandhi não cita nenhuma troca de correspondência sobre a abordagem da castidade no casamento, mas ponderou sobre o seu relacionamento com a esposa, como se a condenação da luxúria já estivesse fazendo parte da equação. Ele perguntou: “É possível que a minha fidelidade consista em fazer de minha esposa o instrumento de minha luxúria? Enquanto eu fui escravo da luxúria, minha fidelidade de nada valeu”. Nesse momento, a opinião de Kasturba não foi procurada; “ela nunca foi a tentadora”, mencionou Gandhi. Ela não demonstrara um grande interesse por sexo, e ele não proporcionou nenhuma indicação de que tentara agradar-lhe. Eles começaram a dormir em camas separadas, e Gandhi somente ia deitar depois de ter se exaurido com o trabalho. Ele ainda não conseguira manter o seu imposto autocontrole, e o voto de castidade seria assumido somente muitos anos mais tarde.

Ao falar sobre esses pensamentos trinta anos depois, ele revelou um dogmatismo espiritual: “É o cúmulo da ignorância acreditar que o ato sexual seja uma função necessária independente, como dormir ou comer. Para a sua existência, o mundo depende do ato da geração, e, como o mundo é o recreio de Deus e um reflexo de Sua glória, o ato da geração deve ser controlado para o crescimento ordenado do mundo”.³⁸ Essa noção peculiar, de que o controle do sexo influencia o funcionamento do mundo, tinha suas raízes nesses primeiros esforços para a renúncia sexual, no fim da década de 1890, na África do Sul; isso chegaria à sua bizarra culminância na Índia, em 1947. As tentativas de Gandhi para controlar o seu grande desejo sexual, condenando expressões de sexualidade nas outras pessoas, prejudicariam enormemente a sua atividade política.

As causas das Guerras dos Bôeres diziam respeito aos conflitos entre as duas tribos brancas que invadiram a África do Sul, deslocando os zulus, os primeiros conquistadores da área. Essas tribos eram os bôeres de descendência holandesa, que defendiam ferozmente a sua independência, e os britânicos, cuja lealdade era dedicada à Coroa. O conflito aumentou ainda mais quando o presidente do Transvaal, Paul Kruger, se recusou a conceder direitos políticos aos recém-chegados que haviam sido atraídos pela descoberta de ouro no território bôer. Os brancos recém-chegados, a maioria britânicos, tinham permissão para trabalhar, mas estavam sujeitos a altos impostos; a franquia também lhes era negada, pois se baseava numa qualificação de residência que era continuamente dificultada de maneira que estivesse fora de seu alcance. E foi assim que Kruger tentou aumentar a divisão do estado racial, subdividindo-o entre os brancos favorecidos, que eram de descendência holandesa, os brancos que falavam o africânder e os brancos britânicos que falavam inglês.

As forças de Kruger atacaram a Colônia do Cabo e Natal em setembro de 1899. Gandhi

tinha uma simpatia pessoal pelos bôeres por respeito ao seu espírito de independência, mas ele tomava o partido dos britânicos por vários motivos. Ele tinha um afeto genuíno por eles e acreditava em sua influência geralmente benéfica. Apesar dos momentos de injustiça, a regra da lei e a crença na decência comum eram parte integral de suas próprias noções imperialistas e de sua missão em criar e governar o Império. Com os britânicos, ele podia apelar para um padrão comum de justiça. Ele também sabia que a exigência de direitos como cidadão britânico envolvia obrigações em tempo de guerra e que aceitar tais obrigações reforçava o direito dos indianos em permanecer na África do Sul. Além disso, acreditava que a Índia poderia chegar à independência dentro do Império Britânico. Portanto, era o seu dever para com os seus conterrâneos manter a amizade com os britânicos. Por outro lado, os bôeres nada podiam oferecer com respeito à Índia, senão um tratamento melhor aos indianos em suas próprias terras, mas não haviam demonstrado nenhuma inclinação para isso.

Havia ainda outro motivo para Gandhi que servir o interesse britânico em tempo de guerra: acreditava-se, de modo geral, que o indiano fosse um covarde que não assumiria riscos ou que iria além de seu próprio e imediato interesse. Gandhi determinou desafiar esse conceito e, portanto, criou um corpo de ambulâncias recrutadas da comunidade indiana e providenciou treinamento de enfermagem para voluntários. O advogado de Dada Abdulla & Co., Frederick Laughton, e o procurador-geral de Natal, Harry Escombe, apoiaram o plano, mas o governo de Natal, embora grato, informou a Gandhi que não havia necessidade de sua ajuda.

Entretanto, durante os primeiros meses, a guerra desfavoreceu os ingleses que logo perceberam que o contingente de Gandhi seria valioso. Ele reuniu cerca de 1.100 homens sob o comando de quarenta líderes, dos quais ele participava, com o grau de sargento-major. Tratava-se de um contingente que procedia de comunidades hindus, muçulmanas e cristãs, e havia indianos livres e contratados (os contratados, cedidos por seus empregadores). Sua obrigação não era trabalhar sob fogo, mas, durante a desastrosa batalha de Spion Kop, em 1900, eles foram solicitados a recuperar os britânicos feridos no campo de batalha e, assim, trabalharam dentro da linha de fogo. Eles marchavam até 40 quilômetros por dia, carregando os feridos sobre macas. Os comerciantes indianos, o pilar do Congresso Indiano de Natal, reconheceram a oportunidade para demonstrar o seu merecimento como cidadãos e doaram dinheiro em apoio ao contingente e para comprar presentes a serem distribuídos entre os feridos.

Vere Stent, um jornalista britânico nascido na África do Sul, presenciou o trabalho dos carregadores de macas na estrada de Spion Kop:

Depois de uma noite de trabalho que abalou homens de estrutura muito maior, encontrei Gandhi, de manhã cedo, sentado à beira da estrada comendo biscoitos do exército. Todos os homens do general Buller estavam tristes e deprimidos, e a danação era invocada de coração sobre todas as coisas. Mas Gandhi estava estoico, alegre e confiante em sua conversa e tinha um olhar gentil. Ele fez um grande bem... Eu vi o homem e o seu pequeno e indisciplinado contingente em muitos campos de batalha durante a Campanha de Natal. Quando socorro se fazia necessário, ali estavam eles. A coragem custou-lhes muitas vidas.

Esse último comentário foi apenas um floreado jornalístico: Gandhi declara especificamente que nenhum de seus homens havia sido atingido por balas e que os indianos na guerra “não sofreram nenhuma perda de vida”.³⁹ O contingente foi dissolvido depois de seis semanas, quando a guerra tomou um rumo diferente e os comandantes decidiram esperar por reforços em vez de lançar novos ataques frontais. Gandhi recebeu a Medalha de Guerra do Império Britânico, e o seu contingente foi mencionado em despachos. Esse reconhecimento oficial e a apreciação dos voluntários indianos pelos soldados levaram Gandhi a acreditar que havia entrado num período de melhores perspectivas para a comunidade indiana. Quando a vitória britânica foi assegurada (depois de uma guerra de brutalidade excepcional), esperava-se que as antigas repúblicas bôeres do Transvaal e o Estado Livre de Orange liberalizassem suas leis e facilitassem as condições dos indianos.

Assim, depois da guerra, Gandhi achou que poderia sair da África do Sul, uma vez que os indianos não precisavam mais de seus serviços, bem como — conforme a lógica gandhiana — devido ao fato de que estava obtendo sucesso demais na África do Sul e não estava seguindo o caminho espiritual. Seus amigos e partidários de Natal lamentaram a sua iminente viagem em reuniões de despedidas, durante as quais ele recebeu muitos presentes em ouro, prata e diamantes. Isso causou um problema para Gandhi, pois ele sempre dissera que trabalharia para a comunidade gratuitamente. Como consequência, não conseguia dormir à noite. Ele havia simplificado a vida familiar em casa, dispensando ornamentos e outras coisas não essenciais. Como seria possível para ele, agora, sair às ruas com um relógio de ouro no pulso ou um anel de diamante no dedo? Ele mesmo poderia decidir doar os presentes, mas como poderia persuadir Kasturba a se desfazer, entre outras coisas, do colar de ouro que recebera como presente? Advogado esperto, Gandhi primeiro convenceu seus filhos com o seu modo de pensar e encarregou Harilal, Gokaldas e Manilal de persuadir Kasturba a se desfazer dos presentes. Mas sua esposa conhecia os seus truques e disse: “Você pode não precisar deles (dos presentes). Seus filhos também podem não precisar e, lisonjeados, eles farão tudo o que você quiser. Eu posso entender a sua proibição de portá-los. Mas tenho de pensar em minhas noras. Elas, certamente, precisarão deles. E ninguém sabe o que pode acontecer no dia de amanhã. Eu seria a última pessoa a me desfazer desses objetos tão carinhosamente oferecidos”.⁴⁰

Gandhi respondeu que, quando chegasse o momento de as crianças se casarem, elas seriam grandes o bastante para tomarem conta de si mesmos. Se suas noivas precisassem de joias, Kasturba poderia pedi-las novamente para ele. Nisso ela explodiu: “Pedir para você? Eu o conheço muito bem. Você me privou de todos os meus ornamentos e nunca me deixou em paz a esse respeito. Imagine, você oferecendo joias para as suas noras! Você que já está tentando transformar meus filhos em *sadhus* (homens santos itinerantes)! Não, de forma alguma! As joias não serão devolvidas”. Quando ela perguntou que direito tinha Gandhi de tirar-lhe o colar de ouro que recebera de presente, ele respondeu que o colar lhe fora dado em consequência de seu trabalho. Kasturba, então, recordou-o de como trabalhara para ele, particularmente para as pessoas que ele levava para casa: “Você me obrigou servir a todos, como uma escrava, fazendo com que eu chorasse lágrimas amargas”.

Gandhi escreveu que ele, finalmente, “de alguma forma, conseguira obter o consentimento

dela”. O seu relato sobre o evento (o único existente) não foi escrito por autorrecriação: ele declarou que nunca se arrependeu da devolução dos presentes, os quais, de fato, foram colocados num fundo para ser usado em obras públicas. É claro que nada expresso por Kasturba faria alguma diferença. Gandhi não somente já tinha tomado a sua decisão como também havia rascunhado o contrato fiduciário doando as joias, até mesmo antes de falar com seus filhos.

Embora esse evento seja de interesse biográfico, ele também é de importância histórica, pois mostra como Gandhi chegava às suas decisões sem aceitar nenhum argumento: ele assumiu uma posição de absoluta retidão desde o começo, tratando qualquer objeção como meros desafios a serem superados por atos maiores de determinação espiritual. Mais tarde, os líderes do Congresso Nacional Indiano e representantes do governo britânico considerariam esse tipo de abordagem com certa perplexidade. Quando a renúncia aos presentes veio a público, a sua fama cresceu na África do Sul como também na Índia, o que era mais importante, onde logo pretendia aparecer em Calcutá na sessão do Congresso Nacional Indiano e lançar-se à frente da vida pública indiana.

A família partiu para Bombaim em outubro de 1901.

Desafio e castidade

O Congresso Nacional Indiano havia sido fundado para proporcionar representação política à classe média que estava emergindo na sociedade indiana no fim do século XIX. Gandhi foi iniciado por Allan Hume, um teosofista britânico que trabalhara para o Serviço Civil Indiano até a sua renúncia, irritado que ficou por ter-lhe sido negada uma promoção devido às suas tendências pró-nativas. Hume, então, sugeriu uma reunião de indianos que foi realizada em Bombaim em 1885 cujos procedimentos começaram com uma declaração de lealdade à Grã-Bretanha e a afirmação de que o objetivo do Congresso não era a independência política, mas melhores oportunidades para os profissionais indianos. O Congresso assumiu rapidamente os anseios de indianos letrados e absorveu organizações como a Associação Nacional Indiana de Dadabhai Naoroji.

Apesar do objetivo do Congresso em representar todos os indianos letrados, falhas eram evidentes desde a sua concepção. Os muçulmanos tendiam a visualizar ceticamente a organização devido à sua maioria hindu, apesar da presença em suas fileiras de ativistas muçulmanos, como Mohammad Ali Jinnah. Por outro lado, hindus ortodoxos suspeitavam da aparência ocidentalista do Congresso — eles teriam preferido um discurso hinduísta que colocasse a preservação de sua tradição ao centro da vida política. Durante os primeiros anos, o povo comum não dedicava nenhum interesse ao Congresso, pois não tentara tratar de questões como a pobreza e a falta de serviços essenciais em saúde e educação. Com o passar dos anos, Gandhi empregaria seus esforços a essas questões tentando incluir nas atividades do Congresso os três grupos de interesse: as massas da Índia, cuja preocupação principal era a sobrevivência diária, os ativistas muçulmanos e os hindus ortodoxos.

Havendo acomodado sua esposa e filhos na casa da família, em Rajkot, Gandhi apresentou-se à sua primeira reunião do Congresso, em Calcutá. Ele empreendeu a viagem de trem para levar consigo delegados itinerantes devido a uma resolução para o avanço nos interesses dos indianos na África do Sul. O arrogante Pherozeshah Mehta disse-lhe que nada podia fazer pelos indianos nas colônias por eles não terem nenhum direito em seu próprio país.

Por ocasião da conferência, Gandhi fez a sua costumeira inspeção das instalações sanitárias e, como sempre, achou-as repugnantes. Ele se queixou com os voluntários que ali vieram para ajudar com a reunião, mas eles não estavam interessados considerando esse tipo de trabalho próprio para intocáveis. Gandhi pediu uma vassoura e limpou uma latrina. Mais tarde, ele

convidou voluntários para ajudá-lo a limpar as fezes da varanda onde os delegados ali hospedados haviam defecado durante a noite. Como ninguém se prontificou em ajudá-lo, ele mesmo resolveu o problema.

Gandhi fez questão de procurar membros líderes do Congresso e de renovar o seu relacionamento com alguns, como Tilak e Gokhale que já conhecera anteriormente. Para Bal Gangadhar Tilak, também conhecido como *Lokamanya* (Amado do Povo), as instituições ocidentais eram o meio para um fim — para a independência e reafirmação do caráter nacional hindu. Tilak entrou na política ativa quando, em 1891, os britânicos elevaram a idade de consentimento para doze anos, quando uma jovem noiva morrera de lesões sexuais; essa interferência na prática religiosa não podia ser tolerada. Ele também passou um período na prisão por incitar a violência ao publicar artigos inflamados citando o *Bhagavad Gita*, dizendo que uma pessoa que matasse um opressor não deveria ser considerada culpada de assassinato. Coincidência ou não, pouco tempo depois, um administrador britânico foi assassinado. Apesar de admirá-lo, Gandhi mantinha-se distante de Tilak.

Muito mais tratável na abordagem de Gandhi foi Gopal Krishna Gokhale, líder dos moderados, que admirava os meios e os métodos ocidentais e trabalhava dentro das estruturas britânicas, mas não para elas. Ele fez campanhas a favor da justiça social (através de organizações como a sua Sociedade dos Servos da Índia — não se tratava de uma prioridade do Congresso) e agia mais como um liberal gladstoniano do que um nacionalista indiano e, de fato, ele modelava suas abordagens naquelas de Gladstone. Para Gandhi, ele era um herói, chamando-o de “meu guru político” e tratando-o como a paterna figura política embora Gokhale fosse apenas três anos mais velho do que ele.¹

A primeira experiência de Gandhi com a democracia constitucional não foi positiva. Havia extensos discursos sobre principais resoluções, e todas elas tinham um líder bem conhecido para apoiá-las. As resoluções finais foram apressadamente concluídas tarde da noite, quando todos já queriam abandonar o ambiente, sem nenhuma verdadeira consideração. A resolução de Gandhi a respeito do apoio aos indianos da África do Sul tinha o suporte de Gokhale, que falou por Gandhi quando a reunião estava para ser encerrada. Com a apresentação desse notável político — em vez de qualquer sentido sobre a importância da moção —, Gandhi teve permissão para falar durante cinco minutos. Ele começou, porém, nesse ambiente estranho, a facilidade de falar em público, que adquirira na África do Sul, o abandonou. Ele leu a resolução e começou suas observações introdutórias quando a campainha tocou para avisar que já usara três dos seus cinco minutos. Pensando que o seu tempo se esgotara, ele sentou-se. Ficou indignado, pois vira delegados falarem durante meia hora sem nenhum toque de campainha. Sua resolução foi aceita e, como nenhuma foi rejeitada, a reunião foi considerada um sucesso qualificado. Tanto Gandhi quanto o Congresso tinham muito para aprender a respeito de conduzir uma bem-sucedida reunião política. Tampouco atraía a simpatia da liderança ao culpar o Congresso Nacional Indiano por não agir em defesa dos indianos no Transvaal e no Estado Livre de Orange, concluindo que “se ele não tivesse tomado as necessárias medidas, a posição desses indianos poderia estar muito pior do que estava”.² Em outras palavras, se Gandhi não tivesse organizado os indianos em Natal, sua situação estaria

nas mesmas horríveis condições daquela das repúblicas bôeres, o que era, na melhores das hipóteses, uma proposta questionável.

Gandhi pretendia impressionar o Congresso, mas a sua primeira experiência com as políticas nacionais não foi encorajadora. Em Calcutá, depois da sessão do Congresso, ele ficou com Gokhale, que o introduziu a pessoas importantes e elogiou os seus hábitos de autossuficiência. Gandhi até se atreveu a aconselhar o seu mentor sobre o seu estilo de vida, explicando as virtudes da vida simples, tal como andar a pé em vez de andar de carruagem ou de trem. Gokhale ouvia-o indulgentemente, mas não alterou o seu estilo de vida.

O sacrifício de um animal presenciado num templo de Kali, em Calcutá, fez Gandhi refletir que “a vida de um cordeiro não deveria ser menos preciosa do que a de um ser humano”, uma crença que ele compartilhava com os jainistas de sua nativa Gujarat.³ Ele havia lido a respeito da organização reformadora hindu, a Brahma Samaj, e agora veio a conhecer alguns de seus membros. Chegou a viajar para Benares (Varanasi), onde, como de costume, visitou lugares santos e ficou enojado com a sujeira. Ele aproveitou sua viagem para visitar Annie Besant, líder dos teosofistas, mantendo, assim, contato com o movimento que apresentava os seus próprios pontos de vista. Saiu da casa de Gokhale para fazer um giro pela Índia, de Calcutá até Rajkot, durante o qual preferiu viajar de trem, na terceira classe. Levava consigo uma caixa de alimentos oferecida por Gokhale, um casaco longo para abrigá-lo do frio, uma sacola de lona e uma garrafa de água; nessa época, ele ainda trajava o paletó e a calça pársi. Na Europa, ele havia viajado tanto de primeira quanto de terceira classe, deparando-se, então, com pouca diferença entre as básicas amenidades. Na Índia, Gandhi ficou abismado com a indiferença das autoridades ferroviárias com respeito ao conforto dos passageiros da terceira classe e com a sujeira e os hábitos descuidados dos próprios passageiros, que incluíam fumar, cuspir e jogar lixo no chão. A ideia de Gandhi de melhorar as coisas era propor que “os homens educados deveriam experimentar uma viagem de terceira classe a fim de se inteirar do que ali ocorria e tentar reformar os costumes do povo”.⁴

Gokhale havia dito a Gandhi para se estabelecer na área onde vivia, trabalhar como advogado e contribuir com o trabalho do Congresso. Ele chegou a Rajkot em fevereiro de 1902 e, em seguida, estabeleceu-se em Bombaim, um lugar melhor para a ação política. Ficou em dúvida sobre retomar a prática de sua profissão, lembrando seus fracassos anteriores e desprezando as convenções da Ordem. Entretanto, achou que a sua experiência na África do Sul e a sua atenção diligente no Ato da Evidência Indiana haviam produzido um bom advogado, usando um material nada promissor.

Se não fosse pela obrigação de uma remuneração para sobreviver, ele não teria voltado a advogar. Mas ele praticou — à sua maneira — simplesmente porque gostava e podia imediatamente reconhecer o seu valor. Durante essa viagem à Índia, Manilal, seu filho de dez anos, contraiu pneumonia e febre tifoide. Não havia tratamento eficiente senão manter o paciente em conforto e fortalecendo-o o suficiente para que o sistema imunológico combatesse as infecções. Um médico pársi disse a Gandhi que seu filho precisava comer ovos e caldo de frango. Gandhi respondeu que, como a sua família era vegetariana, o filho não comeria tal alimento. O médico aconselhou-o a não ser tão severo com seu filho, mas ele pressentiu que

somente nesses casos é que a fé de um homem é testada. Gandhi, então, decidiu cuidar do filho por meio da hidroterapia, um tratamento desenvolvido por um naturalista alemão, Louis Kuhne, que afirmava que as doenças eram o resultado da intoxicação causada por “matéria mórbida”. O tratamento consistia na eliminação dessa matéria por meio de banhos de água, envolvendo o paciente em lençóis úmidos e outras práticas relacionadas à água. Gandhi ainda agregou o jejum que “poderia ser aproveitado com vantagem”. Foi assim que Manilal foi submetido a uma dieta de suco de laranja e água combinada com frequentes banhos de três minutos, da cintura para baixo.⁵ Gandhi estava apavorado com o fato de impingir aos filhos as suas manias, mas a febre da criança foi debelada, e Manilal se recuperou, confirmando para Gandhi a sua confiança na “cura pela natureza”. Ele ainda confirmaria as habilidades curativas de seus remédios quando tratou o braço quebrado de Ramdas, então com oito anos, com um cataplasma de terra. Dali em diante, ele usou terra, água e jejum para uma variedade de distúrbios.

A prática legal de Gandhi na Índia logo lhe proporcionou uma boa remuneração: seus clientes da África do Sul mantiveram o contato, fornecendo-lhe trabalho a ser realizado na Índia. Ao sair da África, Gandhi prometera voltar caso ele fosse necessário. Assim que começou a se estabelecer, ouviu dizer que o secretário britânico de Estado para as Colônias, Joseph Chamberlain, estaria visitando a África do Sul como parte dos exercícios para a cura de ferimentos depois da Guerra dos Bôeres. A comunidade indiana queria apresentar o seu caso para Chamberlain e sentiu que precisava da presença de Gandhi para ajudá-los nesse sentido.

Assim, Gandhi deixou a família em novembro de 1902 e partiu, esperando ficar na África durante um ano, no máximo. A guerra havia terminado com a expectativa de as quatro colônias se unirem sob um único governo. Durante o evento não houve nenhum progresso imediato para a união, mas cada colônia continuou com a sua própria legislação, e os bôeres recusaram-se a negociar com o governo central britânico. Essa era a situação com a qual Chamberlain se confrontava.⁶

Como a Guerra dos Bôeres fora supostamente realizada a fim de promover um governo justo na África do Sul, os indianos pensaram ter uma oportunidade razoável de serem ouvidos com justiça. Havia uma grande confusão a esse respeito, mas muitos europeus e indianos acreditavam que os regulamentos anti-indianos haviam cessado com a derrota dos bôeres — certamente, as leis antibritânicas haviam sido repelidas. Entretanto, Chamberlain recebeu friamente a delegação de Natal, formada por Gandhi. O governo não havia feito nenhuma declaração política sobre a posição dos indianos: a posição dos “nativos” foi considerada como sendo de importância maior. Chamberlain admitiu que os apelos dos indianos pareciam ser genuínos, mas enfatizou que o governo imperial tinha pouco controle sobre o autogoverno das colônias e, se os indianos quisessem viver numa região dominada por europeus, eles teriam de aplacar o governo dominante.

Terminada a sua representação em Natal, Gandhi queria visitar o Transvaal, onde os bôeres ainda eram predominantes, a fim de representar as preocupações indianas sobre o tipo de tratamento que lhes era dado nessa região, mas licenças eram necessárias para viajar ao Transvaal, e os indianos tinham dificuldade em obtê-las. Gandhi recorreu ao seu amigo

Alexander, o superintendente da polícia, que lhe concedeu a licença.

Quando ele chegou, o Departamento Asiático estava pronto para prendê-lo até descobrir que ele tinha uma licença, o que os deixou muito irados. O secretário assistente colonial recebeu Gandhi e outros delegados e explicou rudemente que Gandhi não teria permissão para ver Chamberlain. No evento, o lugar de Gandhi foi ocupado por outro advogado indiano, mas Chamberlain não foi mais encorajador em Pretória do que havia sido em Natal. Foi uma experiência que faria qualquer um sair da região para nunca mais voltar. Caracteristicamente, devido à sua coragem diante do perigo e a sua disposição para envolver-se numa longa luta, esse revés levou Gandhi a permanecer na África do Sul e, particularmente, no Transvaal, onde a opressão era a pior possível. Ele estabeleceu um escritório no distrito jurídico de Johannesburg, com quatro assistentes indianos e uma secretária escocesa. Logo, ele fundaria um partido, a Associação Indo-Britânica. Ao se juntar à luta na África, ele se apresentaria como um servo do povo, passando de um serviço “amplo”, na Índia, para uma região menor, onde ele era mais necessário.⁷ Na realidade, ele não fizera muito sucesso no trabalho público na Índia, enquanto na África do Sul ele encontrava as oportunidades profissionais e políticas que lhe haviam sido negadas em sua terra natal.

Sua primeira tarefa política na África do Sul foi limpar o Departamento Asiático, que era dirigido por pessoas cuja experiência de governo havia sido adquirida no subcontinente indiano e que desprezavam as pessoas cujos interesses deveriam proteger, além do fato de algumas delas serem corruptas. Depois que as restrições de licenças para europeus tinham sido liberadas, ficou aparente que indianos e outros asiáticos, como os chineses, eram obrigados a pagar propinas aos oficiais. Isso também significava que as licenças para viajar e trabalhar no Transvaal eram concedidas baseadas nas condições de pagar a despeito das necessidades do território.

Gandhi coletou evidência das propinas e levou-a ao comissário de polícia, que o ouviu pacientemente — era a segunda vez que Gandhi encontrava um oficial superior da polícia na África do Sul que fosse justo. Ele examinou as testemunhas de Gandhi e ficou satisfeito com a evidência, mas lamentou que seria difícil conseguir um júri branco que viesse a condenar um réu branco contra não brancos. Gandhi refinou a sua evidência e estreitou o caso a dois oficiais contra quem ele tinha provas irrefutáveis, e mandados foram emitidos contra eles. Um deles fugiu, mas a polícia encontrou e o trouxe de volta. Eles foram julgados, mas, apesar da evidência, o júri os absolveu. Gandhi estava ficando enojado com todo o sistema legal, mas o caso havia chamado a atenção para os abusos genuínos, e os dois oficiais foram finalmente exonerados de seus postos. A importância da honestidade foi reafirmada; e a comunidade indiana, tranquilizada. Além disso, a posição de Gandhi foi melhorada consideravelmente, proporcionando-lhe mais negócios.

Agora, Gandhi pôde trazer novamente sua família para a África. Ele achou que deveria assumir a responsabilidade pessoal da família por dois motivos: ele queria dizer para seu irmão que não lhe enviaria mais dinheiro e estava para cancelar a apólice de seguro que havia contratado a fim de proteger a sua família caso viesse a morrer. Gandhi havia lutado espiritualmente com suas obrigações para com a família. Ele havia formado um grupo de

estudos com alguns teosofistas observando as escrituras hindus, tanto no original quanto na tradução (tal como havia feito em Londres). O *Bhagavad Gita* agora se tornara o principal e profundo estudo de sua vida. Ele passou a decorar seções enquanto fazia suas abluções matutinas e, dessa forma, conseguiu decorar treze capítulos. Ele passou a considerar o *Gita* “um guia infalível de conduta. Tornou-se o meu dicionário de referência diária”. Isso é mais do que notável, pois pessoas com tendência espiritual fazem o mesmo com respeito à Torá, ao Novo Testamento ou ao Corão. O diferente em Gandhi é a forma pela qual ele queria questionar as Escrituras até conseguir repostas que a si mesmo se aplicassem. “Como era possível despojar-se de todas as posses?... Deveria eu desistir de tudo e segui-Lo?”.⁸

Difícil é fugir da conclusão de que a sua família fosse tratada como um traste velho e da qual ele teria de se separar a fim de atingir a perfeição espiritual. É de conhecimento geral que as pessoas que são grandes líderes espirituais ou pretendem sê-los chegam a renunciar às suas famílias: é isso o que Jesus e Buda fizeram, mas Maomé não — a sua missão foi ajudada e encorajada por sua esposa, Khadijah.

A prática dificuldade de Gandhi era que seu irmão Laxmidas, como chefe da família, estava cuidando da esposa e dos filhos de Gandhi, e Gandhi lhe enviava recursos com o intuito de sustentar sua família. Agora Gandhi decidira que Deus cuidaria deles e escreveu para seu irmão, que o havia sustentado durante todos os seus estudos, bem como no início de sua carreira, dizendo que lhe enviara todas as suas economias e que não deveria esperar mais dinheiro, pois os frutos de seu trabalho, a partir de então, seriam usados em benefício da comunidade. Laxmidas ficou profundamente ofendido e achou que Gandhi estivesse renegando o sagrado dever de cuidar de sua família. Numa carta fria, dirigida a Laxmidas como “Prezado Senhor”, Gandhi escreveu que toda a comunidade era a sua família, o que é bem parecido com a resposta que Jesus deu quando afirmaram que ele estava esquecendo sua mãe e irmãos (Mateus 12: 46-50), mas Gandhi não fez referência a essa passagem da Bíblia.⁹ Da mesma forma, parece que Gandhi contratara a apólice de seguro num momento de fraqueza. Agora ele a cancelava, sentindo que isso roubaria sua esposa e filhos da própria autodependência e que Deus os proveria.

Esse assunto sobre o futuro de sua família era, provavelmente, a coisa mais desonesta que Gandhi fizera em toda a sua vida — ele sabia muito bem que não era Deus diretamente, mas Laxmidas que cuidaria de sua esposa e filhos se ele viesse a morrer, mas o seu orgulho espiritual levou-o a renunciar aos seus vínculos com o irmão. Sua obrigação em contribuir na economia da família era clara: ele colhera os benefícios da obrigação familiar quando estudara e lutara como um jovem advogado para, então, em vez de contribuir para o sustento de seus descendentes, conforme o costume e a generosidade mandavam, ele descartara essa obrigação.

Agora ele tinha a liberdade de gastar como quisesse, mas algumas das utilidades públicas em que gastara o seu dinheiro eram questionáveis. Por exemplo, ele pediu mil libras emprestadas para o empreendimento de um grande restaurante vegetariano em Johannesburgo, mas o negócio fracassou, e Gandhi teve de devolver o dinheiro de seu próprio bolso.

Gandhi sempre foi escrupuloso com suas contas e esperava que as outras pessoas também o fossem. Quando um assistente, James W. Godfrey, aparentemente perdera 10 xelins nas contas

do dia, Gandhi o responsabilizou. Godfrey disse que “ele refez todas as contas e descobriu que o contador cometera um erro. Ele pediu desculpas para mim e puniu-se com um jejum de três dias. Gandhi disse que ele me havia prejudicado e que precisava castigar-se”.¹⁰

Laxmidas continuou agindo como chefe da família e, em janeiro de 1903, negociou o noivado de Harilal, que estava com catorze anos, com a filha de onze anos de um advogado amigo da família. A consternação de Gandhi somente pode ser imaginada — presumidamente, Laxmidas assim planejara e confirmara a sua autoridade sobre o seu caprichoso irmão. Finalmente, Gandhi deu o seu consentimento, e foi concordado que o casamento ocorreria muitos anos depois. Eles se casaram em 1906; Harilal com dezoito anos e Gulab Vohra, sua noiva, com quase quinze anos. Laxmidas preparou um casamento caro e, quando pediu para que o irmão o reembolsasse, Gandhi se recusou. Com uma benevolência menos do que paterna, Gandhi escreveu: “É bom que Harilal tenha se casado, mas também seria bom se não tivesse se casado. De qualquer forma, no momento deixei de pensar nele como filho meu”.¹¹

Kasturba e os garotos, Manilal, Ramdas e Devdas, chegaram à África do Sul no início de 1904, cumprindo uma promessa que Gandhi lhe fizera quando saíra da Índia: que ele estaria de volta dentro de um ano ou que ela viria ao seu encontro. Na primavera daquele ano, uma epidemia espalhou-se numa comunidade indiana e Gandhi trabalhou no turno de uma enfermaria improvisada. Pela primeira vez, Kasturba contribuiu diretamente para o trabalho do marido, visitando mulheres indianas em seus lares para explicar as medidas básicas de higiene e como detectar os sintomas da praga. Ela finalmente encontrara um meio para chegar a ele, e foi assim que o marido começou a demonstrar os primeiros sinais de respeito por ela.

Nessa época, Gandhi foi descrito como “alerta, alegre e com um pleno prazer pela vida”.¹² O jornalista britânico Arthur Hawks, ao visitá-lo, disse que se deparou com “um escritório simplesmente mobiliado, com uma área de 1,12 m²”, onde se encontrou com “um homem de baixa estatura, aparentando quarenta anos de idade, com um pequeno bigode preto num rosto não muito escuro, mas com um olhar inteligente. Sua voz possuía a suavidade que é própria de todos os indianos. Logo de início, percebi a sua fluência perfeita da língua inglesa — como se não tivesse falado outro idioma em toda a sua vida —, com uma melíflua dicção e inflexão”.¹³

O novo projeto de Gandhi na África do Sul, que absorvia todo o seu dinheiro, dizia respeito à imprensa. No início de 1903, ele foi abordado por um gráfico e ativista comunitário, Madanjit Vyavaharik, que pediu sua ajuda no lançamento do *Indian Opinion*, um jornal semanal a ser publicado em inglês, guzerate, tâmil e híndi. Ele foi lançado em 4 de junho de 1903, mas ficou claro que a variedade de línguas seria um trabalho insano, e o editor decidiu publicá-lo apenas em inglês e em guzerate. O declarado objetivo do jornal era “o ideal puro e imperial... visando a uma maior proximidade entre os súditos europeus e indianos do rei Eduardo”.¹⁴ Na primavera do ano seguinte, Vyavaharik, que queria voltar para a Índia, ofereceu o jornal a Gandhi em troca dos empréstimos que ele lhe havia proporcionado. E foi assim que Gandhi veio a assumir o controle da empresa.

Vyavaharik tinha trinta e três anos e ambicionava ser influente; tinha sido um advogado de sucesso e respeitado em sua comunidade, mas não havia conseguido prevalecer sobre Chamberlain e sobre as autoridades para que enxergassem o seu ponto de vista (e nem mesmo

recebê-lo no Transvaal). Tampouco teve muito sucesso nas políticas nacionalistas da Índia. Ele simplesmente tinha de elevar o seu projeto pessoal para outro nível, e o *Indian Opinion* seria o veículo que o promoveria. O jornal passou a apresentar muito mais as opiniões de Gandhi em vez das opiniões indianas propriamente ditas. Ele escrevia para o jornal todas as semanas e, portanto, continha a essência de seus pensamentos enquanto trabalhava sobre ideias que o tornariam mundialmente famoso.

O jornal cobria os eventos correntes a respeito da comunidade indiana na África do Sul e no estrangeiro. Assuntos mundiais escolhidos para a cobertura eram os que refletiam o cenário indiano na África do Sul: as greves na Rússia, em 1905; os tumultos relacionados com a divisão de Bengala, em 1906; e as celebrações da vitória dos japoneses sobre os russos na Guerra Russo-Japonesa de 1905. O futuro colega de Gandhi, Jawaharlal Nehru, a milhares de quilômetros de distância em Harrow School, também ficou emocionado com as notícias da primeira vitória asiática sobre uma potência europeia. O seu significado com respeito ao fim dos impérios europeus no Oriente se expandiria gradativamente no período dos quarenta anos seguintes. A expansão japonesa formaria o pano de fundo para todos os movimentos de independência regional.

O *Indian Opinion* apresentava características exaltadas sobre a vida de grandes reformadores ocidentais, como Elizabeth Fry, Florence Nightingale, Abraham Lincoln e Liev Tolstói. Gandhi também editava dicas sociais, como, por exemplo: “Evite ao máximo assoar o seu nariz ou cuspir na rua ou na calçada ou na presença de outras pessoas... Não se deve arrotar, soluçar, soltar gases ou coçar-se na presença de outras pessoas... a pessoa ficará aborrecida se o seu cuspe atingi-la...”.¹⁵ Ele dava conselhos moralistas sobre o vício de fumar: “Os efeitos maléficos desse vício tornam-se realmente perigosos ao se propagar entre os jovens. Eles aprendem a roubar e a cometer outros crimes. Eles enganam seus pais e prejudicam a sua saúde. Tornam-se irritáveis e, ao atingir a idade adulta, eles perdem a força de suas mentes”.¹⁶ Nisso, Gandhi seguia Tolstói, cuja opinião sobre o fumo ele citou: “o pior de todos os intoxicantes, pois o adicto ao fumo é tentado a cometer crimes, crimes que o bêbado não se atreveria a cometer”.¹⁷ É característico de Gandhi que, ao aceitar Tolstói como guia espiritual, ele também tenha aceitado como exatos seus pronunciamentos a respeito de meros assuntos materiais.

Em sua busca pela perfeição espiritual, Tolstói despojara-se de suas propriedades e riqueza, procurando viver a vida simples de um camponês a despeito de sua esposa e família. Foi mais a influência ocidental (e cristã) do que qualquer outro assunto especificamente indiano que apresentou o progresso de Gandhi durante os dez anos seguintes.

Politicamente, Gandhi enfatizava repetidamente o fracasso da elite comerciante em unir-se e organizar-se, reconhecendo suas obrigações para com a mais ampla comunidade. Tal como Maureen Swan observara, Gandhi “sempre procurava por uma deficiência no indivíduo” em vez de olhar para as instituições e para o clima político.¹⁸ Do lado positivo, não havia dúvida a respeito de seu genuíno desejo de elevar o nível de sua comunidade. Entretanto, o fato de ele não se juntar aos ativistas articulados das comunidades negras e de cor significava que o seu trabalho estivesse comprometido na subdivisão do estado racial a fim de separar os indianos de

outras raças não brancas. Gandhi era tão purista racial quanto os bôeres. Em setembro de 1903, ele escreveu: “Nós acreditamos tanto na pureza da raça quanto eles, só que nós acreditamos que eles serviriam melhor seus interesses, o que é tão importante para nós quanto para eles, se advogassem a pureza de todas as raças, e não apenas a de uma delas”. Indicando que se tivessem direitos de cidadãos, os indianos saberiam o seu lugar, ele continuou: “Também acreditamos que a raça branca na África do Sul deva ser a raça predominante”.¹⁹ Uma associação com a elite e de exclusividade racial se enquadraria perfeitamente com a opinião de Gandhi sobre o homem espiritualmente superior, seu corpo purificado pelo alimento correto e pela castidade, e sua mente rarefeita pela contemplação do valor moral de cada ação.

O jornalismo era uma força unificadora para a comunidade indiana, mas tão importante quanto ela mesma era uma ponte entre ela e os europeus que respeitassem os argumentos convincentes impressos. Foi através de seus artigos que Gandhi conheceu Henry Polak, um jornalista inglês e judeu que frequentava o restaurante vegetariano onde Gandhi almoçava e jantava. Polak havia se convertido ao vegetarianismo lendo Tolstói, de maneira que ele e Gandhi tinham muito em comum. Polak apresentou-se elogiando Gandhi por suas críticas dirigidas ao governo sobre a recente epidemia.

No dia em que conheceu Polak, em outubro de 1904, Gandhi tinha de ir a Durban a fim de verificar as finanças do *Indian Opinion*. Polak o acompanhou à estação de Johannesburg e entregou-lhe um livro de ensaios, *Unto This Last* (Até Este Fim), de John Ruskin, para que o lesse durante a viagem. Gandhi adorou o livro, pois parecia proporcionar respostas a todas as suas perguntas sobre como pôr em prática os seus anseios espirituais. A mensagem que extraiu dele foi o socialismo cristão que se tornara cada vez mais atraente na Europa em meados do século XIX: suas premissas básicas eram que o bem do indivíduo está contido no bem de todos, que há dignidade no trabalho e todo trabalho tem um valor igual, que uma vida de trabalho é uma vida que vale a pena viver, que cada pessoa seja capaz de sobreviver dos frutos de seu próprio trabalho, que a busca pelo luxo deve ser menosprezada. A declaração mais célebre de Ruskin é que “não há riqueza maior do que a vida”. Sua reputação foi maculada no século XX por eruditos que estudaram a sua vida pessoal — de modo particular, seu casamento não consumado e o seu apego emocional a meninas —, mas, no século XIX, quando esses assuntos eram menos discutidos, ele foi um visionário influente da cultura e da organização social, promovendo a educação, a autoconfiança e o autorrespeito entre a classe trabalhadora.

Havia em Gandhi uma cativante qualidade de adolescente — ao ler um livro que o inspirasse, ele frequentemente achava que este oferecia a resposta aos seus problemas e que teria apenas de pôr imediatamente suas ideias em prática. Ele escreveu: “Decidi mudar minha vida de acordo com os ideais de *Unto This Last*”.²⁰ E foi assim que as experiências de Gandhi com comunidades ideais começaram.

Ideias de autoajuda socialista haviam sido desenvolvidas na Inglaterra por pioneiros como Robert Owen e Edward Carpenter; o livro deste último pensador, *Civilization: Its Cause and Cure* (Civilização: Sua Causa e Cura), também foi avidamente devorado por Gandhi. Crenças socialistas eram desacreditadas durante meados do século XX pelas brutais experiências em socialismo de estado. Entretanto, elas foram uma alternativa progressiva no fim do século XIX

e no início do século XX. Num outro desenvolvimento, na Inglaterra, William Morris dedicou-se a noções do poder de elevação espiritual da arte que deveriam estar disponíveis a todos. Esse não foi um assunto de interesse particular para Gandhi; em seu modelo, a religião tomava o lugar da arte. A mensagem espiritual do trabalho e da autoconfiança havia evoluído para um corretivo na visão predominantemente baseada na classe da sociedade britânica, que enxergava o trabalho manual como inferior e indigno, o trabalho “intelectual” da classe média como mais elevado e o estado inativo dos aristocratas como o melhor de todos.

Ao chegar a Johannesburg, ele encontrou as finanças da gráfica num estado pior ainda do que imaginara. Ele havia recentemente contratado o inglês Albert West como impressor-chefe, um hábil profissional que conhecera no restaurante vegetariano e que saíra de seu emprego seguro para seguir Gandhi. Os lucros previstos do *Indian Opinion* não se concretizaram, mas West tinha um caráter sólido o suficiente para superar as dificuldades em vez de simplesmente se queixar delas. Ele explicou a Gandhi que o problema estava no fato de que os associados não eram cobrados e, além disso, as faturas não eram pagas; o jornal estava apurando prejuízo, e previa-se o mesmo para o futuro imediato. Inspirado pelo livro de Ruskin, a solução de Gandhi foi mudar a gráfica para uma propriedade onde todos poderiam trabalhar para produzir alimento para a comunidade; todos receberiam um salário básico de £3 por mês, independentemente da nacionalidade, da cor e do trabalho realizado, e o *Indian Opinion* seria produzido como um ramo dessa experiência, num estilo de vida alternativo.

Apesar da redução de salário de £10 para £3, Albert West ficou entusiasmado e, posteriormente, comentou: “Eu não somente aprovei como também fiquei apaixonado por essa ideia, e o meu amor por Gandhi era suficiente para fazer com que o projeto tivesse sucesso”.²¹ Chaganlal Gandhi, um primo que viera com Gandhi e trabalhava na gráfica, concordou em seguir o mestre em quem depositara toda a sua fé. Maganlal, outro primo, que logo se tornaria um dos favoritos de Gandhi, também se juntou à comunidade, embora suas mulheres achassem esse estilo de vida um sacrifício: dentre todos os deveres, elas tinham de purificar os utensílios de latão usados pelos amigos muçulmanos de Gandhi colocando-os no fogo. A maioria dos dez trabalhadores já empregados na gráfica rejeitou o novo plano, mas, em vez de encerrar seus contratos, Gandhi decidiu mantê-los com seus salários originais desde que se transferissem para o novo local da gráfica. O editor do jornal, outro partidário e ativista de Gandhi chamado Mansukhlal Nazar, não estava disposto a se transferir para o sítio, mas continuaria como editor em Durban.

Gandhi acabou comprando uma propriedade de 17 mil alqueires pelo valor de £1.000. O terreno estava coberto de vegetação e infestado de cobras, mas havia árvores frutíferas e vários edifícios dilapidados. O seu velho amigo Jivanji Rustomji colocou à sua disposição diversos materiais de construção e lâminas de ferro corrugado, e alguns trabalhadores que haviam conhecido Gandhi durante a Guerra dos Bôeres ajudaram a erigir uma barraca para abrigar a gráfica. O pesado equipamento de impressão teve de ser transportado de Durban para o sítio, localizado perto da estação ferroviária da cidade de Fênix. Foram usadas quatro carroças puxadas por sessenta e quatro bois, e tiveram de cruzar três rios para chegar à fazenda.

Enquanto tratavam da construção da gráfica, instalavam a prensa e abriam trilhas e canais de

irrigação, as pessoas trabalhavam até o pôr do sol e dormiam em tendas improvisadas. Durante esse período, apenas uma edição do *Indian Opinion* foi impressa por outra gráfica. Para a primeira edição de Fênix, trabalhando em um prazo bem apertado, a prensa foi ajustada, o papel preparado para a impressão e a dobradura feita manualmente para que o jornal fosse embarcado no trem da manhã para a sua distribuição nacional. Entretanto, na hora da impressão o motor falhou, e West caiu no choro. Todos temiam que a primeira edição não ficasse pronta no horário.

A única alternativa possível era usar uma roda adaptada na impressora para ser girada manualmente por quatro homens — o trabalho era tão exaustivo que foi necessário organizar equipes de revezamento. Os impressores ficaram exaustos, como também os carpinteiros que haviam trabalhado o dia inteiro nas construções: eles, agora, estavam dormindo, e West não queria perturbá-los. Mesmo assim, Gandhi acordou-os e, fazendo uso de sua especial habilidade de persuasão, pediu-lhes que ajudassem a girar a roda. Eles concordaram e trabalharam toda a noite, com Gandhi ao seu lado, enquanto West cantava hinos para manter altos os seus espíritos. Foi assim que a edição saiu a tempo. Essa foi uma lição para Gandhi de como incentivar as pessoas além dos supostos limites de resistência e ainda pediu-lhes outro sacrifício aos que aquiesceram com boa vontade.

A fim de seguir o plano da autossuficiência, a terra foi dividida para que cada trabalhador, inclusive Gandhi, tivesse meio alqueire para construir uma casa de ferro ondulado. Gandhi teria preferido casas de barro ou de tijolos, mas elas seriam mais caras do que as de ferro corrugado. A atmosfera do assentamento era de entusiasmo e felicidade, em parte devido à natureza da experiência e ao sentimento envolvente de otimismo, e também porque Gandhi ainda não havia imposto os seus regulamentos, que viriam a ser amaldiçoados em seus futuros assentamentos. Ele não tentou impor a castidade, por exemplo, ou a disciplina rígida da alimentação, que poderia tornar a vida intolerável.

De volta a Johannesburgo, Gandhi contou a Polak sobre o assentamento de Fênix — realmente, os frutos da leitura do livro *Unto This Last* —, uma revelação que, sem dúvida, aumentou a admiração de Polak por seu novo amigo. Logo Polak pediu demissão da revista onde trabalhava e seguiu Gandhi para Fênix. Gandhi realmente precisava de um assistente em Johannesburgo e convidou Polak para se juntar a ele e morar em sua casa, onde passou a treiná-lo em direito. Ele incentivou-o a trazer sua noiva Millie, da Inglaterra e, alguns meses depois, foi seu padrinho de casamento. Nessa época, ele estava encorajando seus seguidores a se casar e a ter uma vida normal de família. Millie havia conhecido Polak na Sociedade Ética de South Place, em Londres, e tinham adiado seu casamento por problemas financeiros, mas Gandhi assegurou que cuidaria deles.

Com a acomodação dos Polaks na casa de Gandhi, Kasturba teve de adaptar-se com a nova experiência de compartilhar suas áreas de trabalho com outra mulher que não falava a sua língua e com sua participação na organização familiar. Ciente do afeto que Gandhi tinha por Polak, ela costumava chamá-lo de “primeiro filho” de Gandhi — um comentário não muito sutil a respeito da diferença do afeto que ele demonstrava por seus filhos e o afeto que tinha pelos seus discípulos.²²

Com a introdução do casal Polak na casa de Gandhi, em Johannesburgo, houve a necessidade de uma maior simplicidade: ele comprou um moinho manual para que a família pudesse moer a própria farinha para fazer o pão. Seus filhos também ajudavam na lavanderia e, inevitavelmente, nos afazeres sanitários. Manilal e Ramdas, com doze e quatro anos em 1904, ainda não frequentavam a escola, mas Gandhi aumentou seus esforços em educá-los, levando-os para trabalhar consigo todos os dias, falando com eles durante o trajeto de oito quilômetros até o escritório e dando-lhes tarefas escolares enquanto lá permaneciam. Ele falava com as crianças exclusivamente em guzerate, apesar de Polak afirmar que o inglês lhes seria mais vantajoso. Gandhi contestava-o dizendo que o conhecimento da linguagem nativa seria mais útil para o país: com sua criação na África do Sul, eles não pareceriam estrangeiros ao voltarem para a Índia.

Gandhi incentivou alguns membros de sua aumentada família a se transferirem para o assentamento de Fênix e logo começou a planejar levar Kasturba e as crianças também. A oportunidade apresentou-se com a Rebelião Zulu de 1906, em Natal, quando um chefe zulu, irado com a imposição de outro imposto, aconselhou o seu povo a recusar-se a pagá-lo e matou o cobrador com a sua lança. Uma força expedicionária foi enviada para “subjugar” os zulus. Embora Gandhi simpatizasse com os africanos, ele devia sua lealdade ao Império Britânico e, aplicando a mesma lógica que empregara na Guerra dos Bôeres, perguntou-se o que era melhor para a comunidade indiana. Os indianos ainda eram considerados malandros covardes, e Gandhi estava ansioso para novamente demonstrar aos ingleses que isso não era verdade. Ele escreveu ao governador de Natal oferecendo seus serviços na organização de uma milícia indiana para prestação de socorro (apesar de viver em Johannesburgo, ele considerava-se um cidadão de Natal, a província onde Fênix estava situada). O governador aceitou, e logo Gandhi saiu da casa de Johannesburgo, acomodou os Polaks numa casa menor, enviou Kasturba e os filhos a Fênix e dirigiu-se para Durban a fim de recrutar homens para o seu novo empreendimento. Ele somente voltaria a morar com a família quatro anos depois.

Quando Gandhi chegou ao campo com seus 23 homens, era óbvio que não havia rebelião, pois o seu grupo acompanhava uma força punitiva. Sua principal tarefa era tratar zulus feridos durante operações do governo — alguns eram inimigos suspeitos que haviam sido chicoteados e cujas feridas maltratadas haviam infeccionado, enquanto outros eram zulus “amigos” que haviam sido feridos por engano. Quando o grupo de Gandhi acompanhou um destacamento no campo, eles encontraram um número maior desses últimos casos à medida que avançavam nas áreas zulus. Ele escreveu: “Essa não era uma guerra, mas uma caçada humana”.²³ Ele havia testemunhado a eficiente brutalidade de um poder imperial. Depois de seis semanas, a missão foi considerada concluída, e Gandhi voltou para Fênix. Ele não o declara explicitamente, mas suas experiências na Guerra dos Bôeres e na rebelião dos zulus ensinaram-lhe a futilidade de tentar um ataque militar frontal à nação dominante.

Durante as suas longas marchas nessa extensão de terra quase deserta, ele voltou a pensar sobre o que precisava fazer para aproximar-se da autorrealização espiritual. Chegou à conclusão, registrou mais tarde, de que “precisava aceitar a pobreza como companheira constante por toda a sua vida” e de que sem o celibato ele não podia servir a humanidade com

todo o seu espírito. “Eu deveria ter um número cada vez maior de oportunidades para esse tipo de serviço que estive prestando e... eu não estaria à altura desse serviço se estivesse ocupado com os prazeres da vida familiar e na geração e educação de filhos.”²⁴ Isso é apresentado como uma renúncia ao sexo e a adoção da castidade — o que fazia parte do pensamento hindu e budista e do conceito cristão, pelo menos na época de São Jerônimo, que teve uma grande influência nas tradições católica e grego-ortodoxa. Gandhi disse: “É o celibato que fez com que o catolicismo crescesse até a época atual”.²⁵

Nas tradições hindu e jainista, a castidade era geralmente reservada a homens mais velhos que já tivessem famílias, mas ela não faz parte do judaísmo nem do islamismo. Para Gandhi, isso representava muito mais a rejeição da esposa e da família do que a renúncia ao próprio sexo. Quando, da mesma forma, Tolstói renunciou à sua natureza sexual ao escrever o seu romance de desprezo sexual, a *Sonata Kreutzer*, em 1889-1890, sua esposa interpretou o fato como a rejeição de si própria.

Gandhi discutiu com seus primos Chaganlal, Maganlal e outros se ele deveria parar de ter relações sexuais com sua esposa. Ele havia tentado dominar sua forte compulsão sexual desde, pelo menos, o ano de 1900, quando as longas marchas durante a Guerra dos Bôeres lhe permitiram longos momentos de reflexão, mas ele considerou que houvesse falhado no passado porque o seu motivo não fora puro — ele simplesmente não queria ter mais filhos. Agora, em meados de 1906, ele tomou uma decisão e a anunciou “consultando” Kasturba justamente quando estava para assumir o voto. Como sempre, Gandhi estava entusiasmado com a sua nova ideia e encorajou outras pessoas a fazer o mesmo. Em dezembro de 1907, ele contou aos leitores do *Indian Opinion* que “o adultério não consiste apenas na relação sexual com a esposa de outro homem. Todas as religiões ensinam que possa haver adultério até na relação sexual com a própria esposa. A relação sexual é justificada somente como resultado do desejo de ter filhos... é o dever de todo bom indiano não se casar, mas, se vier a casar-se, ele deverá evitar a relação sexual com sua esposa”.²⁶

A ambição de Gandhi havia sido frustrada anteriormente por sentir que não realizara o voto *brahmacharya*: “Até então eu não tivera sucesso porque faltou a vontade, porque não tive fé em mim mesmo e nenhuma fé na graça de Deus. Portanto, minha mente foi arremessada no mar tempestuoso da dúvida”.²⁷ Uma vez assumido o voto, sua vida sexual não seria mais uma questão de autocontrole, mas de pureza espiritual, um contato com o eterno.

Agora que declarara sua intenção, de que forma ele poderia controlar as suas paixões? Seu objetivo era atingir um estado físico e espiritual totalmente integrado. Assim, ele voltou a experimentar a sua dieta incluindo o jejum combinado com a exclusiva dieta somente de frutas ou grãos. Porém, ele descobriu que a mudança de dieta aumentou o “sabor” com o qual o seu corpo recebeu o novo alimento. Pior ainda, o jejum elevou o seu apetite. Com o tempo, ele continuou com as suas experiências e decidiu por outras restrições, como não tomar chá ou fazer a sua última refeição antes do pôr do sol numa tentativa de reduzir a dependência da sensação física e comer apenas o que o corpo precisamente necessitava. Ele disse: “Toda restrição, o que quer que a motive, é saudável ao homem”.²⁸ A refeição ideal deve ser limitada, simples, sem temperos e, se possível, sem ser cozida.

Agora, ele estava estendendo suas experiências alimentares não apenas do ponto de vista vegetariano, mas a fim de manter a sua castidade. Anos de experiências dietéticas “mostraram-me que o alimento ideal do praticante do *brahmacharya* é fruta fresca e nozes. A imunidade da paixão que eu tinha enquanto comia esse tipo de alimento era-me desconhecida depois que mudei de dieta”.²⁹ Mas essas dietas tiveram seu preço. Ele escreveu para um amigo médico: “Penso que foi quando eu estava de dieta experimental de frutas e nozes que prejudiquei os meus dentes. Achei que eu tivesse definitivamente perdido dois molares”.³⁰

As ideias de Gandhi sobre dieta e sexo parecem idiossincráticas ao ponto de mania, mas pode ter havido um motivo fisiológico do porquê as diferentes dietas funcionaram para reduzir a sua compulsão sexual. Ele sofreu uma grave constipação. Seu futuro secretário, Pyarelal, observou: “Antes de adotar a naturopatia, o Mahatma era praticamente escravo do sal de frutas Eno. Todas as manhãs, ele tomava uma colher cheia do produto num copo de água, dando-lhe alívio”.³¹

Se a referência à naturopatia — o método do amigo londrino de Gandhi, dr. Thomas Allinson — for correta, ela aplica-se à condição de Gandhi quando jovem, mas Pyarelal poderia estar referindo-se a uma adoção posterior dos métodos naturopáticos. Enquanto estava na prisão da África do Sul, Gandhi observou que ele “tinha o mau costume de levar muito tempo para evacuar” e que ele ficava irado quando o guarda ou outros prisioneiros batiam à porta tentando apressá-lo.³² Gandhi não media as palavras quando falava de seu estado físico com seus amigos: em 1909, ele escreveu que as pessoas deviam seguir uma dieta e hábitos alimentares (número de mastigações, por exemplo) que produziriam fezes “consistentes, sem cheiro desagradável e que poderiam ser eliminados pelo ânus sem sujá-lo”.³³ Quando Gandhi era atormentado por pensamentos sexuais, é possível que o seu cólon inchado estivesse pressionando a próstata estimulando-o sexualmente. Isso explicaria por que algumas dietas, ao reduzir a sua constipação, o ajudaram a diminuir o seu desejo sexual.

Entretanto, a fisiologia funcionou; foi assim que, em 1907, armado de um jornal, de uma comunidade espiritual, uma dieta vegetariana e uma castidade rígida, Gandhi se sentiu equipado para enfrentar o que logo viria a ser a União Sul-Africana.

O Exército dos Pobres

As leis bôeres que discriminavam os ingleses foram revogadas depois da Guerra dos Bôeres, mas as leis que discriminavam os indianos continuaram sendo impostas. Isso resultou dos esforços do inteligente jovem administrador Lionel Curtis, cuja preocupação era o aparente crescimento industrial e financeiro dos indianos em Natal, o que os colocava no próximo nível de igualdade com os brancos; a fim de manter o equilíbrio, eles tinham de ser controlados. Curtis encontrara-se com Gandhi em 1903, quando este último tentara convencer o colonialista do trabalho, da boa vontade e da paciência de seus conterrâneos. Curtis respondera: “Sr. Gandhi, não são os vícios dos indianos que os europeus deste país temem, mas suas virtudes”.¹

Curtis era o problema imperial de Gandhi, um homem cujas ideias o assombrariam pelo resto de sua vida. Característico dos melhores oponentes imperiais de Gandhi, Curtis não era um homem sem moralidade ou visão, mas sua versão dessas qualidades era totalmente diferente daquela dos indianos. Apenas três anos mais jovem do que Gandhi, ele foi criado por uma família cristã evangélica e foi imbuído da convicção de que as distinções entre religião e política fossem falsas: a vida pública deve refletir a verdade espiritual. Ele viria a escrever que enxergava o Império Britânico como um simples sermão da montanha interpretado em termos políticos.² Diplomado pela Universidade de Oxford, ele escolhera trilhar os caminhos como um vagabundo a fim de aprender como funcionava a Lei dos Pobres e, mais tarde, trabalhou com os pobres no bairro East End de Londres. Ele estudou direito na mesma faculdade na qual Gandhi estudara e apresentara-se como voluntário para o serviço militar na Guerra dos Bôeres. Depois da guerra, decidiu participar da reconstrução das colônias atingidas pela guerra e tornou-se um dos jovens que participavam do círculo de Alfred Milner, o proeminente administrador colonial. Curtis logo abriu seu caminho chegando, em outubro de 1905, a ser promovido a encarregado dos assuntos asiáticos. Ele já havia apresentado um extenso relatório sobre os indianos do Transvaal que foi a base de um projeto de emendas para as leis asiáticas da província, em setembro de 1906.

Curtis acreditava que a imigração ilimitada de indianos significaria o fim de uma África do Sul branca, e suas ideias sobre a ascendência moral da Inglaterra no mundo estavam ligadas às noções de superioridade da civilização europeia. Se houvesse indianos em demasia ou qualquer outro tipo de civilização na mistura, o Império não conseguiria impor a sua magia moral. Ele já havia proposto o registro como medida administrativa, mas sem a força da lei; e

os indianos haviam aceitado o registro voluntariamente. Agora, visando ao rígido controle da imigração, ele apresentou um projeto de lei pelo qual todo indiano com mais de oito anos teria de obter um novo certificado de registro com a impressão do polegar e dedo, e outras características de identificação. A polícia poderia exigir a apresentação desses documentos a qualquer momento e poderia adentrar em residências para inspecioná-las.

Os termos da proposta lei eram ofensivos e, se não fossem contestados, eles seriam um grande passo a caminho da completa segregação e até mesmo a segregação do comércio varejista, bem como o fim do sucesso mercantil no Transvaal. O problema, conforme apresentado cruamente pelo filho de Jan Smuts na biografia de seu pai, era que “o povo indiano se reproduzia como coelhos, e o país estava sendo inundado por essa raça” — portanto, “era necessário agir”, ele disse ironicamente, “a fim de assegurar que o país permanecesse branco”.³

Gandhi estudou o projeto de lei, traduziu-o para o guzerate e publicou-o no *Indian Opinion*. Sua opinião era que a lei não era apenas opressiva em sua concepção, mas era “o primeiro passo para a expulsão dos indianos do país, destinada a atingir a própria raiz de nossa existência na África do Sul”.⁴ Gandhi discutiu o projeto com membros líderes da comunidade indiana que compartilhavam sua ansiedade a respeito. Eles alugaram o Empire Theater de Johannesburg para alertar todos os indianos do Transvaal com respeito a esse dilema.

A questão do registro desferiu um duro golpe no coração da elite da comunidade indiana do Transvaal, *raison d'être* — o direito de comercializar livremente. Ao submeter suas famílias ao registro, a lei, além disso, ofendia seus mais profundos princípios. Um assalto às esposas superava os limites do despotismo aceitável. Gandhi pediu aos mercadores, pequenos negociantes e mascates que encerrassem seus negócios antes de a reunião começar para que as ruas fossem testemunhas da realização de um evento dramático. A reunião tinha o apoio da Associação Indo-Britânica do Transvaal e de todos os principais interesses comerciais indianos.

Dois líderes comunitários, Haji Habib e Haji Ojer Ally, eram as atrações principais na reunião de 11 de setembro de 1906. O teatro estava lotado com mais de três mil indianos, que vieram de todo o Transvaal. Habib, um dos líderes dos residentes muçulmanos em Johannesburg, orou para Deus a fim de que fosse testemunha de ele nunca se curvar ao novo projeto de lei e pediu à plateia que prestasse o mesmo juramento — que prefeririam ir para a cadeia a submeter-se ao registro. Ele disse: “Ir para a cadeia não representa nenhuma desgraça, mas uma honra. Apenas algumas pessoas conheciam o sr. Tilak antes de ir para a cadeia, hoje o mundo todo o conhece”.⁵

Gandhi, então, ficou de sobreaviso, pois tomar decisões políticas era uma coisa, mas invocar Deus para a questão era necessário que ele explicasse o significado de suas ações. Ele ficou de pé e dirigiu-se à reunião: “Todos nós acreditamos em um só e mesmo Deus, apesar da diferença de nomenclatura no hinduísmo e no islamismo. Assumir um voto e prestar um juramento em nome de Deus ou invocá-Lo para ser testemunha não é algo para ser feito levianamente. Eu entendo que o homem que, deliberada e inteligentemente, presta um juramento e o quebra perde a sua hombridade”.⁶ Ele inseriu o juramento no contexto do

sacrifício pessoal dizendo que nenhuma maioria poderia vincular as pessoas numa reunião, mas que elas deveriam agir individualmente e estar preparadas para o pior: insultos, cadeia, extremos de calor e frio e trabalho forçado. Ele estava apelando para o estado de martírio, esperando que seus ouvintes o tivessem no peito, transformando um ponto de vista político em um espiritual — embora Gandhi não fosse o primeiro a introduzir valores espirituais num movimento político: a questão da fidelidade religiosa já havia sido levantada pelos líderes dos comerciantes muçulmanos.

Estimuladas pelas palavras de Gandhi, outras pessoas falaram sobre a gravidade da situação, e o público levantou-se com as mãos para cima e jurou diante de Deus a não se submeter ao Projeto Asiático do Transvaal caso se tornasse lei. A seriedade do juramento foi enfatizada no *Indian Opinion*: o indiano que se submeter à lei “terá esquecido o seu Deus. Em segundo lugar, ele não terá mais honra. Em terceiro lugar, ele terá incorrido na maldição de toda a Índia”.⁷

Gandhi escreveu sobre a resistência passiva nas páginas de seu jornal em dezembro de 1904. Ele argumentou que se houvesse acusações por comercializar sem licença, a pessoa processada devia recusar-se a pagar qualquer multa e, se necessário, ir para a cadeia: “Não há nenhuma desgraça no fato de ir para a cadeia por essa causa”.⁸ Entretanto, as licenças comerciais não eram o âmago da questão que levaria a atos heroicos de sacrifício pessoal. O governo viria a sentir a força do sentimento comunitário quando uma comitiva foi formada para falar com o secretário colonial, Patrick Duncan, e Haji Habib lhe disse: “Eu não poderei me conter se um oficial vier à minha casa e exigir tomar as digitais de minha mulher. Eu o matarei na mesma hora e, em seguida, me matarei”.⁹ O ministro respondeu que o governo estava reconsiderando a sua posição quanto às mulheres e, depois, disse que as cláusulas referentes às mulheres seriam anuladas.

A comunidade interpretou o fato como uma primeira vitória. Embora o governo declarasse que já havia decidido isentar as mulheres, isso não era convincente. Curtis era um homem que tendia a entusiasmar-se com as próprias ideias: provavelmente a verdade era que, assim que o projeto fosse impresso, conselhos mais sóbrios prevaleceriam, sabendo, de antemão, que o registro das mulheres seria inflamante.

Mantendo o princípio de fazer representações políticas no mais alto nível, Gandhi e Haji Ojer Ally foram a Londres para apresentar seu caso. Ali, eles foram ajudados por sir Mancherji Bhownaggee (que acabara de perder o seu lugar na Câmara dos Comuns durante a degringolada do Partido Liberal de 1906), por Dadabhai Naoroji e pelo Comitê do Congresso Nacional Indiano, com o qual Gandhi havia anteriormente estabelecido ligações. Eles encontraram-se com lorde Elgin, secretário de Estado para as Colônias, e com o sr. Morley (posteriormente lorde Morley), secretário de Estado para a Índia. Foi-lhes concedida uma audiência educada, e, em sua volta para casa, eles receberam um telegrama de Elgin dizendo que ele não aconselharia o consentimento do governo imperial para que o Projeto Asiático do Transvaal se tornasse lei. Essa foi uma ocasião de grande júbilo, mas de curta duração, como Elgin já deduzira. Como parte da compensação do pós-guerra, grande parte do Governo Autônomo viria a ser conferida ao Transvaal, em 1º de janeiro de 1907, pelo qual os poderes de veto do poder imperial foram severamente limitados. A segunda legislação do governo do

Transvaal, depois do orçamento, foi o Ato do Registro Asiático de março de 1907.

Os indianos deveriam registrar-se antes de 31 de julho, e, nesse dia, uma grande reunião foi realizada na mesquita de Pretória. Gandhi traduziu o discurso em inglês do governo que apelava para os indianos enxergarem o lado da administração da questão: a comunidade europeia havia solicitado essa medida e fora passada de acordo com o devido processo; uma maior oposição seria fútil, mas o general Smuts (porta-voz chefe parlamentar no corrente estado autogovernado) estava disposto a rever representações a respeito de pequenas alterações na lei. A reunião novamente afirmou a sua determinada oposição.

A ênfase que Gandhi dera ao caráter e à força espiritual era específica de sua abordagem, mas ele ainda não tinha um nome para essa sua nova filosofia. Ele escreve sobre o princípio do *satyagraha* vindo a existir antes mesmo de a palavra ser criada para defini-lo. No início de 1908, ele promoveu um concurso entre os leitores do *Indian Opinion* com o propósito de encontrar uma palavra para descrever o que estavam fazendo — exercendo força moral a fim de obrigar um oponente a concordar. Seu primo favorito (frequentemente referido como seu sobrinho), Maganlal, ganhou o concurso com uma combinação de palavras guzerates para compor o nome *sadagraha* — firmeza numa boa causa. Gandhi modificou-a para formar *sat* e *agraha*, “firmeza na verdade”.

O desenvolvimento da filosofia do *satyagraha* na África do Sul foi a sua maior contribuição para o pensamento político. Embora ele seja, às vezes, traduzido como “resistência passiva”, não era bem isso o que Gandhi queria transmitir. Ele achava que nada havia de passivo no que eles estavam fazendo; além disso, era uma sugestão de passividade incluída como característica da indolência indiana. *Satyagraha* foi explicitamente, aos olhos de Gandhi, um movimento que não dizia respeito à autodeterminação, tampouco à igualdade racial, mas à “verdade” como ele a definia.

Ele foi interpretado por um dos seus mais fervorosos seguidores da seguinte forma:

Há uma centelha de divindade no peito de cada ser humano. O adepto do *Satyagraha* (*satyagrahi*) tenta fazer com que essa centelha brilhe no peito de seu oponente, fazendo com que brilhe primeiro em seu próprio peito. Portanto, *Satyagraha* deve basear-se na verdade e no amor. O *satyagrahi* se sujeita ao sofrimento para que o seu oponente pense a esse respeito e que nunca lhe seja infligido. As diversas formas de não cooperação e desobediência civil, com a pronta disposição de sofrer voluntariamente as consequências dessas ações e o jejum como último recurso, são as únicas ferramentas que o *satyagrahi* procura adotar para fazer com que o oponente pense e compreenda o ponto de vista do *satyagrahi*.¹⁰

O principal meio de propagar esse ponto de vista era o *Indian Opinion*. Ele estava encantado pelo fato de ter 3.500 associados no auge do conflito e com milhares de outros leitores, sendo que um associado lia o exemplar para um grupo de compatriotas. O sucesso nas vendas do jornal significava que não dependeriam mais da procura por anúncios, e a gráfica poderia parar com os pequenos trabalhos. A capacidade ociosa foi usada na publicação de livros de valor moral. O jornal foi editado — depois da morte súbita de Nazar, em 1906 — pelos europeus: Herbert Kitchin, Henry Polak, e um ministro batista, o ver. Joseph Doke. Doke também viria a

escrever a primeira biografia de Gandhi, em 1909. É claro que europeus não podiam ser aprisionados pelo Ato de Registro Asiático, e, portanto, o fornecimento essencial de informações para a nação e para o mundo não podia ser interrompido pela vitimização do pessoal do jornal.

Muitos dos partidários de Gandhi eram europeus: ele os individualiza com um louvor especial num capítulo de seu livro *Satyagraha in South Africa* (Satyagraha na África do Sul), talvez porque esse suporte fosse motivado apenas por interesse. Como Gandhi não tinha mais uma residência em Johannesburg, ele se hospedou na casa de um arquiteto alemão, Hermann Kallenbach, iniciando um longo processo para introduzi-lo no caminho da renúncia. Durante o curso dessa amizade, Gandhi convenceu Kallenbach a deixar de tomar leite como ele e a começar uma pura dieta de frutas. Kallenbach tornou-se um dos melhores amigos de Gandhi: eles mantiveram contato até a morte de Kallenbach, dois anos antes da morte de Gandhi.

Gandhi escreveu-lhe dizendo que não podia entender esse “amor extraordinário” por ele — “Espero realmente merecê-lo” — e, mais tarde, referindo-se a ele como “um amor quase sobre-humano”.¹¹ Ele acreditava que essa fosse uma prova de que teriam convivido juntos em outras vidas. Kallenbach viria, posteriormente, a assinar um acordo com Gandhi de que, quando visitasse sua família na Europa, ele viajaria de terceira classe, não gastaria dinheiro além do que gastaria um simples camponês e não olharia para uma mulher com luxúria. O acordo foi ratificado por “mais amor e ainda mais amor” entre eles, “tal amor que, espero, o mundo jamais tenha visto”.¹²

As cartas de Kallenbach podem ter sido até mais afetuosas; Gandhi descreveu-as como “notas charmosas de amor”. Ele destruiu-as, pois sabia que Kallenbach não gostaria que alguém as lesse — “todos consideram que o seu amor por mim seja excessivo”, ele escreveu.¹³ O único retrato que ele mantinha no console da lareira de seu dormitório era o de Kallenbach, quando estivera em Londres num lobby para o reconhecimento dos direitos indianos pela iminente União Sul-Africana. Deve haver a suspeita de uma relação homossexual por parte de Kallenbach, dois anos mais jovem do que Gandhi. Ele nunca se casara, mas não há nenhuma evidência de que esse afeto por Gandhi tenha abordagem física.

Kallenbach apresentou a Gandhi uma jovem de dezesseis anos, Sonja Schlesin, como uma potencial secretária. Kallenbach disse-lhe: “Ela é inteligente e honesta, mas é muito travessa e impetuosa”, e Gandhi respondeu: “Em um mês, ela conquistou o meu coração. Ela estava pronta para trabalhar a qualquer momento, durante o dia ou à noite. Para ela, nada havia de difícil ou de impossível”.¹⁴ Tal como Polak, Kallenbach e outro seguidor anterior, Herbert Kitchin, Schlesin era judia (embora nenhum deles, aparentemente, fosse praticante da religião; Polak era notável como teosofista). De princípios escrupulosos, Schlesin adotou e assumiu as finanças do movimento *satyagraha* enquanto os seus líderes permaneciam na cadeia. Ela até controlava a direção da campanha naqueles tempos desafiantes. Gandhi disse que ela tinha “um caráter tão claro quanto o cristal e uma coragem que envergonharia qualquer guerreiro”.¹⁵ A vida de escritório nem sempre foi fácil. Gandhi menciona que certa vez “a srta. Schlesin, em sua loucura, começou a fumar um cigarro em minha presença. Dei-lhe um tapa e joguei fora o cigarro... Depois, ela me escreveu dizendo que não faria tal coisa novamente e que ela

reconhecia o meu amor”.¹⁶

Schlesin tinha cabelos curtos, portava colarinho e gravata e possuía um espírito independente — cursou o segundo grau e tentou, com a ajuda de Gandhi, tornar-se a primeira mulher a entrar na profissão legal na África do Sul. Ele pediu que fosse admitida como assistente, mas, por ser mulher, ela foi recusada. Schlesin também tomou coragem das sufragistas, dizendo num discurso para os *satyagrahis*: “Quero aqui recordar-lhes uma cruzada semelhante que hoje está sendo empreendida por minhas irmãs, na Inglaterra. Estou me referindo às sufragistas... Muitas já foram encarceradas, outras já estão prontas para sê-lo. Se delicadas mulheres podem fazer isso, será que homens fortes e acostumados a trabalhos mais árduos não podem fazer o mesmo ou mais?”.¹⁷

O procedimento de desafiar a lei e de ser aprisionado a título de protesto político seguido por uma manifestação a fim de que o mártir seja solto já foi experimentado e testado na Inglaterra em outubro de 1905 com a prisão das primeiras sufragistas. Inúmeras “voluntárias à cadeia” foram encarceradas em Londres, em fevereiro de 1907, provocando uma considerável publicidade. No ano anterior, Gandhi escreveu, distintamente louvando as sufragistas: “Hoje o país todo está zombando delas, pois há poucas pessoas que lhes dão apoio. Porém, sem se abalarem, essas mulheres continuam trabalhando pelos seus direitos. Elas, seguramente, terão sucesso e ganharão a causa pelo simples motivo de que as ações são melhores do que as palavras”.¹⁸ Ele deu cobertura a todas as suas atividades com entusiasmo no *Indian Opinion*. “Será que os homens indianos são afeminados? Ou eles imitarão a masculinidade das mulheres inglesas e despertarão para a ação?”.¹⁹

A técnica para obrigar um oponente a usar uma força superior a fim de envergonhá-lo e conseguir um objetivo político não era especificamente gandhiana. Ele também se baseou nas palavras sábias do livro de Henry David Thoreau, concordando totalmente com o ponto de vista desse americano, para o qual o melhor governo é aquele que governa menos; ele também acreditava, tal como Thoreau, no dever do cidadão de desobedecer às leis injustas, no valor da resistência sem violência e no estilo simples de vida, vivida atentamente. Repetidamente ele se referia a Thoreau sobre a desobediência e citava favoravelmente, no *Indian Opinion*, sentimentos como: “Sob um governo que aprisiona as pessoas injustamente; o verdadeiro lugar para um homem justo também é uma prisão... Numa prisão, em estado de escravidão, é a única casa onde um homem livre pode residir com honra”.²⁰

Ao agir contra o Ato de Registro Asiático, postos de licenças foram instalados a fim de prender as pessoas que pretendiam cancelar suas licenças, e alguns abusos foram cometidos, o que Gandhi considerou como deplorável. Quando foi verificada a impossibilidade de o governo registrar mais de 500 indianos, as autoridades cometeram o erro de prender um líder a fim de forçar os outros a se sujeitarem à lei: um homem chamado Ram Sundara, que fora de grande ajuda na construção de um templo hindu em Johannesburgo, foi detido e julgado na sala de um tribunal lotada de espectadores. Ele foi condenado a um mês de prisão e foi aclamado pela comunidade, que declarou estar disposta a ser encarcerada. Gandhi publicou a foto dele com uma curta biografia no *Indian Opinion*. Na prisão, ele recebeu muitos donativos e foi muito festejado ao ser libertado. Foi de especial importância para Gandhi o fato de

Sundara ter sido considerado um mártir hindu, aplaudido pelos principais comerciantes muçulmanos.

No entanto, para a tristeza de Gandhi, Sundara provou não ser de bom caráter e, pouco mais tarde, saiu do Transvaal para não ser detido novamente. A ira de Gandhi foi tipicamente irrestrita: “Agora que o hipócrita foi desmascarado, não temos porque não expô-lo aos nossos leitores... A partir de hoje, Ram Sundara está morto. Ele não tem mais razão para viver. Ele envenenou-se com as próprias mãos. A morte física deve ser preferida a esse tipo de morte social”.²¹ Haji Ojer Ally também sairia do Transvaal para não ser encarcerado. Numa manifestação dessas divisões da sociedade indiana, que seriam o tormento de Gandhi até a sua morte, Ally raciocinou que os correligionários de Gandhi, os camelôs hindus, sofreriam menos na campanha do que seus irmãos, os comerciantes muçulmanos, que seriam arruinados. Sombriamente, Gandhi comentou: “O sr. Ally não pôde continuar confiando em mim plenamente porque eu era hindu”.²²

O próprio Gandhi e outros líderes foram intimados a comparecer ao tribunal, no fim de dezembro de 1907, acusados de não serem registrados e convocados para demonstrar por que não deviam ser extraditados. Todos receberam a ordem de sair do país, mas ninguém respeitou a ordem no prazo indicado. Em 10 de janeiro de 1908, eles compareceram à sala lotada do tribunal para receber a sentença — o mesmo tribunal em que Gandhi comparecera como advogado. Ele ouvira que companheiros haviam sido sentenciados a três meses de prisão com trabalhos forçados e, quando teve permissão para se dirigir à corte, ele declarou que, se homens que cometeram uma ofensa haviam sido assim sentenciados, ele próprio cometera uma ofensa ainda maior, incentivando pessoas a desobedecer à lei e, portanto, deveria receber um castigo mais severo. O magistrado não concordou com essa declaração e o sentenciou a dois meses de simples prisão.

Gandhi foi obrigado a vestir os trajes sujos da prisão e foi colocado numa grande cela, onde alegremente se encontrou com outros contestantes. Agora, ele estava em seu elemento cercado de sofrendores *satyagrahis*. Disse: “Cada um de nós ficou firme na decisão de passar um prazo na cadeia em perfeita satisfação e paz”.²³ Dois ou três dias depois do aprisionamento dos líderes, outros prisioneiros chegaram em grande número: camelôs indianos, conforme combinado, enfrentaram a detenção ao se recusarem a apresentar as suas licenças e, assim, encheram as cadeias. No fim de janeiro, cerca de dois mil asiáticos haviam sido presos, a maioria dos quais eram indianos, embora os chineses também resistissem ao Ato, sob sua própria liderança.

Numa charge do *Rand Daily Mail*, o general Jan Smuts foi retratado como um gângster do faroeste com um revólver etiquetado “Projeto Asiático”, ameaçando o santo Gandhi, que o desafiou a fazer o que podia realizar de pior, mas descobriu que o seu revólver não funcionava.²⁴

Gandhi aproveitou o seu tempo na prisão para recuperar a leitura; além dos velhos favoritos, Ruskin e Tolstói, ele leu Platão sobre Sócrates. Para ajuda religiosa, seguiu um programa: lia o *Bhagavad Gita* pela manhã, o Corão à tarde e, à noite, ele lia a Bíblia para um chinês cristão, companheiro de cela.

Depois de duas semanas de prisão, ele foi visitado por Albert Cartwright, editor do jornal *Transvaal Leader*, um homem que se comportara com justiça razoável a respeito da causa indiana e que era próximo do general Smuts. Cartwright fora levar os termos de um acordo de Smuts, cuja essência era que os indianos se registrassem voluntariamente, e, uma vez que a maioria o fizesse, o governo revogaria o Ato do Registro Asiático, tomando as medidas necessárias para legalizar o registro voluntário. Gandhi foi informado de que a proposta não estava aberta a negociações, embora o general quisesse tornar claras as condições que fizessem com que o governo revogasse o Ato. O que promovia esse compromisso era o fato de que o movimento estivesse fracassando: alguns de seus principais líderes, tais como Ally e Haji Habib, haviam saído da colônia, e os camelôs tinham interrompido seu trabalho, receando uma maior perseguição. No fim de dezembro de 1907, Gandhi admitiu que 511 indianos “se candidataram ao registro como escravos” — esse não é um propósito pelo qual vitórias são conquistadas.²⁵

Alguns dias depois, ele foi levado para um encontro com Smuts. Com quase a mesma idade de Gandhi e, como ele, um advogado de firmes convicções diplomado na Inglaterra, Smuts havia sido procurador-geral no Transvaal, general na Guerra dos Bôeres para, em seguida, voltar à vida política e ainda dedicado aos direitos dos bôeres. Gandhi foi bem recebido por Smuts, que o lembrou de que ele também era advogado e que, na Inglaterra, conhecera estudantes indianos. Gandhi disse que Smuts lhe assegurara que o Ato seria revogado assim que a maioria dos indianos se registrasse voluntariamente e que não haveria mais distúrbios. Mais tarde, Smuts negou ter concedido isso. É como um comentarista disse: “Tanto Gandhi quanto Smuts sabiam como agir em águas tempestuosas, e o compromisso permitiu aos dois temporizar a questão”.²⁶ O próprio Smuts, demonstrando um respeito genuíno por Gandhi, chegou a comentar: “Se Gandhi estivesse certo em levar em consideração o seu povo, eu estaria certo em fazer o mesmo para o meu”.²⁷ Ao final do encontro, já eram 7 horas da noite, e lá estava Gandhi, em Pretória, sem um centavo no bolso; a secretária de Smuts ofereceu-lhe dinheiro suficiente para comprar uma passagem para Johannesburg, e ele pegou o último trem.

Em Johannesburg, Gandhi pediu ao presidente da Associação Indo-Britânica do Transvaal que convocasse uma reunião naquela mesma noite. A maioria dos indianos vivia na mesma área, e uma reunião foi realizada no ambiente da mesquita. Mais de mil pessoas compareceram. Gandhi explicou os termos do acordo, e a comunidade reagiu com ceticismo: elas podem não ter sido sofisticadas nas artes políticas, mas sabiam muito bem como tratar os negócios e acharam que, no caso de se registrarem voluntariamente, estariam entregando o seu trunfo mais poderoso a troco de nada — a correta ordem da negociação seria que o Ato fosse revogado para que, em seguida, ocorresse o registro voluntário.

Gandhi argumentou que a comunidade não era contrária a algum tipo de registro, mas contra o estigma do registro não voluntário. Ele enfatizou que, no espírito da “nova e poderosa força que emergira da comunidade, um *satyagrahi* se despe do medo. Portanto, ele nunca teme confiar em seu oponente. Mesmo que esse oponente o engane vinte vezes, o *satyagrahi* está pronto para confiar nele pela vigésima primeira vez, pois a confiança implícita na natureza

humana é a própria essência de sua fé”.²⁸

Esses eram ótimos sentimentos, mas um *pashtun* que sempre honrara a causa fez com que Gandhi se lembrasse de quando dissera que a luta se concentrava na obrigação de ceder as impressões digitais, uma obrigação própria de criminosos: então, como isso se enquadrava no que Gandhi dizia agora? Gandhi explicou que as circunstâncias haviam mudado: “O que ontem poderia ter sido um crime contra o povo, hoje, em circunstâncias modificadas, é considerado a marca de um cavalheiro”.²⁹ É fácil verificar como a comunidade poderia considerar que Gandhi os houvesse traído. De fato, alguém afirmou que Gandhi recebera de Smuts uma propina de £15 mil, declarando que nunca daria suas impressões digitais nem permitiria que outras pessoas as dessem. Além disso, ele mataria o primeiro homem que se submetesse ao registro. Gandhi respondeu que estava livre de pensamentos de ira ou de ódio contra qualquer agressor. Finalmente, depois de horas de discussão, a maioria dos participantes da reunião endossou o acordo. Mas essa não seria a última vez que Gandhi elevaria os ânimos e as expectativas da comunidade, como agente facilitador, para, então, muito irada, ela se deparar com o sentimento de que ele a havia traído.

Na manhã de 10 de fevereiro de 1908, conforme havia sido combinado, Gandhi preparou-se para entregar um certificado de registro de que os líderes deveriam ser os primeiros a registrar-se. Ao saírem do escritório da associação, um dos *pashtuns*, Mir Alam, juntou-se à comitiva. A poucos minutos do escritório do Registro Asiático, Mir Alam, de constituição forte, aproximou-se de Gandhi e desferiu-lhe um golpe pelas costas. Gandhi caiu ao chão exclamando “He Rama!” (Ó Deus!) e foi chutado no rosto e nas costelas por companheiros de Mir Alam. Quando os outros líderes ao redor de Gandhi procuraram defendê-lo, eles também foram agredidos, até que alguns passantes europeus apareceram, e Mir Alam com seus comparsas fugiram, mas foram perseguidos pelos europeus e levados em custódia pela polícia.

Gandhi foi levado para um escritório das proximidades, e um médico tratou de suas feridas. Ele sofreu danos nas costelas, no lábio superior, no olho esquerdo e na fronte; havia sido agredido com cano de ferro e bastão de madeira além de socos e pontapés. Ele solicitou que os agressores fossem soltos e ao encarregado dos registros que comparecera à cena pediu que lhe trouxesse os documentos, pois havia jurado ser o primeiro a registrar-se — “se eu estiver vivo e for aceitável a Deus”.³⁰ Ele foi levado para a casa de Joseph Doke, o qual pediu que descansasse. Quando Joseph lhe perguntou se queria alguma coisa, ele pediu que sua filhinha cantasse o hino “Lead, Kindly Light” (Guie, Bondosa Luz). Nos dez dias seguintes, enquanto Gandhi se recuperava, a casa de Doke tornou-se um centro de peregrinação para a comunidade indiana, desde camelôs até o presidente da Associação Indo-Britânica do Transvaal.

Assim que se recuperou o bastante, Gandhi voltou para Natal, onde os termos do Ato do Registro Asiático não eram aplicados. Mas, ali também, os indianos observavam o progresso do movimento, pois se temia que a repressão no Transvaal fosse imitada em toda a África do Sul. Gandhi explicou o acordo numa reunião em Durban. Ele foi novamente agredido e, outra vez, socorrido pelo superintendente Alexander.

Os partidários de Gandhi acompanharam-no a Fênix, onde teve, pela terceira vez, de explicar o acordo nas páginas do *Indian Opinion*. Ele publicou o significado de suas ideias do

satyagraha ao ser posto em prática. Agora que os indianos haviam se registrado voluntariamente, eles esperavam que o governo revogasse o Ato do Registro Asiático — mas isso não aconteceu. O general Smuts manteve o Ato no livro de estatutos, introduziu uma medida validando os registros voluntários e, além disso, emitiu outras provisões para o registro de asiáticos, as quais os colocava numa situação pior ainda do que a do regime bôer do pré-guerra.

Chocado, Gandhi convocou uma reunião de seu comitê, que fez com que ele se lembrasse de ter sido acusado anteriormente de ser crédulo demais, de acreditar em tudo o que lhe fosse dito e que, agora, a comunidade seria vítima dessa sua ingenuidade. Ele respondeu que sua “credulidade” era, de fato, a sua confiança nas pessoas, um teste à sua fé no *satyagraha*.

A comunidade, então, procurou fazer ressurgir o seu movimento de protesto. Gandhi escreveu para Smuts, acusando-o de violação de sua promessa, mas Smuts não lhe respondeu. Assim, Gandhi procurou Albert Cartwright, o mediador do acordo, que se lembrou, perfeitamente, do fato de Smuts haver prometido revogar o Ato. Mas o máximo que ele poderia fazer era denunciar Smuts num artigo do jornal, o que não afetaria o político.

A comunidade europeia, a base eleitoral de Smuts, não tinha nenhum interesse em responsabilizá-lo. Sem dúvida, o general também estava cedendo a uma verdade superior, mas uma verdade de interpretação diferente: a sua maior verdade era o valor do domínio europeu sobre o mundo e, particularmente, sobre a África “selvagem”, o que fazia parte do plano de Deus, como também sendo de interesse para o progresso humano.

Agora os indianos tinham de se desfazer dos certificados de registro, tão traiçoeiramente conseguidos, e decidiram fazê-lo da maneira mais pública possível. Um enorme caldeirão foi instalado na Mesquita Hamidia de Johannesburgo, em 16 de agosto de 1908, o dia em que o Projeto de Lei Asiático seria aprovado. O caldeirão era destinado a queimar os certificados se o governo não abrandasse. À medida que milhares de indianos se aglomeravam ao redor de um telegrama do governo anunciando a recusa em seu curso de ação, a multidão inflamou-se e dirigiu-se ao caldeirão para queimar seus certificados. Foi um gesto dramático que foi registrado até pela imprensa britânica — uma vitória para Gandhi, pois esse tipo de notícia era raramente coberto pelos jornais ingleses.

Smuts continuou atacando a comunidade indiana com medidas como o Ato de Restrição dos Imigrantes do Transvaal, que proibia a entrada na região a todos aqueles que não falassem ou, pelo menos, compreendessem uma língua europeia, bem como propostas para um novo e consolidado projeto de lei de imigração para toda a União Sul-Africana. Gandhi assinou um acordo provisório com Smuts, que prometeu levar em consideração as preocupações dos indianos no Parlamento seguinte, mas ele nada conseguiu, pois se deparou com uma forte oposição, principalmente por parte dos representantes do Estado Livre de Orange, que se recusaram a tolerar qualquer imigração indiana. Gandhi recusou-se a incluir toda a legislação anti-indiana da África do Sul em sua campanha, pensando que esse tipo de abordagem afetaria o *satyagraha*.

Entretanto, a luta estava em perigo de fracassar porque, agora, o governo evitava processar qualquer pessoa a respeito do Ato de Registro. Assim, o *satyagraha* não estava mais

produzindo o necessário elemento do sofrimento. O Ato da Restrição de Imigrantes proporcionou aos indianos a oportunidade de desafiar a lei e o governo a processá-los. É claro que eles teriam de estar fora do Transvaal, portanto, Gandhi chamou os seus contatos de Natal. Então, um grupo de indianos de Natal entrou no Transvaal. Eles foram presos, ordenados a sair da província, mas recusaram-se a fazê-lo e foram devidamente encarcerados. Outros indianos também foram aprisionados por trabalhar sem licença.

O próprio Gandhi, durante a sua campanha, passou vários períodos na prisão além de ser confinado em regime de isolamento. Ele até preferiu essa última penalidade em vez de compartilhar da companhia de certas pessoas “violentas, homicidas e imorais”. Certa noite, numa cela lotada de Johannesburg, dois homens ameaçaram estuprar Gandhi: sorratoriamente, eles olhavam para esse advogado magricela e começaram a zombar dele e a contar “casos obscenos, desavergonhadamente colocando à mostra os próprios genitais”. Gandhi ficou acordado e em estado de atenção grande parte da noite.³¹ Ele também escreveu que “muitos prisioneiros nativos se encontravam em estado quase animal”.³² Disse que os seus resistentes passivos tinham uma particular objeção em vestir uniformes estampados com a letra “N”, que significava “Nativos”: “Podíamos aceitar o fato de sermos considerados diferentes dos brancos, mas sermos comparados aos nativos era difícil de ser suportado”.³³ Entretanto, Gandhi conseguiu fazer com que os indianos tivessem banheiros separados e com que eles não fossem misturados com os nativos, embora alguns, aparentemente, preferissem permanecer com eles, pois podiam negociar fumo e outros itens.³⁴

Durante esse período, o *Indian Opinion* estava publicando uma série chamada *Story of a Soldier of Truth* (História de um Soldado da Verdade), uma tradução de Gandhi, para o guzerate, do livro de Platão *Os Últimos Dias de Sócrates*. Ele havia começado a publicar uma tradução da vida de Maomé, de Washington Irving, em 1907, mas teve de interrompê-la, por mais reverente que fosse, pois os muçulmanos consideravam uma ofensa o fato de Maomé ser referido em termos factuais. Depois de tantos anos trabalhando com muçulmanos, Gandhi ainda não conseguia conciliar o seu próprio mundo com o deles.

Durante o período de sua detenção, de outubro a dezembro de 1908, Gandhi recebeu uma carta informando-o de que Kasturba estava muito doente; ela sofria de hemorragias frequentes, perdendo muito sangue e pondo a sua vida em perigo. Mas Gandhi recusou-se a pagar a multa que lhe permitiria sair da prisão. Ele escreveu que a amava muito e pediu a sua compreensão:

Mesmo que você morra, para mim você estará eternamente viva. Sua alma é imortal. De minha parte, eu asseguro-lhe que não tenho nenhuma intenção de me casar novamente depois de sua morte. Já lhe disse inúmeras vezes. Você deve ter muita fé em Deus e libertar a sua alma. A sua morte será outro grande sacrifício para a causa de *Satyagraha*. Minha luta não é apenas contra as autoridades, mas contra a própria natureza. Espero que você me compreenda e não fique ofendida.³⁵

No entanto, ela conseguiu superar a crise e, quando Gandhi foi libertado, viajou com ele para Durban, onde foi submetida a um procedimento de curetagem. Em sua fraqueza pós-operatória, o médico receitou-lhe caldo de carne a fim de reduzir a sua forte anemia. Gandhi

era contra esse tratamento e, por mais absurdo que parecesse, Kasturba também. Então, o médico recusou-se a atendê-la pelo fato de seu tratamento não ser seguido. Por conseguinte, Gandhi levou-a de volta a Fênix, sendo carregada numa maca num trajeto de 3,5 quilômetros, da estação de trem até a fazenda.

Kasturba aceitou ser tratada pelos métodos hidropáticos de Gandhi, embora não acreditasse em seus remédios. Como sempre, ela também recebeu o dubio benefício dos compostos alimentares de seu marido. Ela argumentou a respeito da proposta dele de que devesse evitar o sal e os legumes no interesse de sua saúde; ele acreditava que os que sofressem de fraqueza física deviam evitar os legumes (ele também acreditava que a castidade era promovida pela falta de sal — não está claro porque ele a recomendou para Kasturba). Ele explicou: “Eu sugeri-lhe que deixasse totalmente de comer legumes e sal. Ela deveria comer apenas trigo e frutas”.³⁶ Kasturba recusou-se a reduzir ainda mais o seu mísero regime, mas Gandhi pressionou-a moralmente, dizendo que ele também deixaria de comer legumes e sal pelo período de um ano; ela implorou-lhe para mudar de ideia, porém, incentivado por esse seu novo sacrifício, ele recusou. Finalmente, ela aquiesceu e deixou de comer legumes e sal, o que não a prejudicou, e ela se restabeleceu. Gandhi considerou o fato como um triunfo do *satyagraha*.

Kasturba pode não ter sido a melhor paciente, mas Gandhi tampouco tinha o tato de um médico inato. Ele confidenciou a Kallenbach: “Gentilmente, mas de forma repreensiva, eu lhe disse novamente que seu pensamento era pecaminoso e que a sua doença era amplamente causada pelos seus pecados. Imediatamente, ela passou a lamentar-se. Fiz com que ela deixasse de comer os bons alimentos a fim de matá-la. Eu estava cansado dela e queria que morresse. Fui uma cobra disfarçada”. Refletindo sobre esse episódio, ele lembrou-se de como Kasturba lhe ensinara a necessidade da paciência e do autossacrifício e, finalmente, chegou a uma conclusão moral: “Não é possível dedicar-se a uma particular mulher e, ao mesmo tempo, dedicar-se à humanidade. Os dois não se harmonizam”.³⁷

Não havendo conseguido o seu intento por meio de multas e aprisionamentos, o governo resolveu começar com a deportação; primeiro para outros lugares da África e, depois, de volta para a Índia. Alguns indianos perderam terras e propriedades com essas deportações, mas muitos eram antigos trabalhadores servis, sem família ou ligações com sua terra natal. Gandhi fez com que um de seus empregados embarcasse com o primeiro grupo de deportados e assegurou-se de que fossem bem recebidos em sua chegada à Índia. Eles também haviam conseguido confundir o governo, em certos processos, questionando a legalidade da deportação, mas essa prática foi interrompida.

A causa continuou sendo apoiada por meio de doações de benfeitores, como Ratanji Jamshedji Tata, que fundou a empresa Tata Iron and Steel Works, mas as necessidades eram grandes, e a destituição dos *satyagrahis* deixou o movimento num dilema. As famílias das pessoas encarceradas precisavam de cuidados. Gandhi resolveu o caso sugerindo levar as famílias para uma comunidade ideal, como a de Fênix, a comunidade que ele estabelecera em Natal. Dessa forma, “os fundos públicos seriam amplamente poupados, e as famílias de *satyagrahis* treinadas para viver uma vida nova, simples e em harmonia”.³⁸ A nova

comunidade tinha de ser localizada perto de Johannesburgo. Em maio de 1910, Hermann Kallenbach adquiriu uma fazenda com mais de 400 hectares perto da cidade e autorizou Gandhi a fazer uso dela, livre de aluguel. Havia na fazenda um enorme pomar, dois poços, uma fonte e algumas acomodações.

Gandhi decidiu chamá-la de Fazenda Tolstói, de maneira que a sua nova comunidade não era apenas construída em terra de propriedade de europeus e baseada em princípios promovidos por Ruskin, outro europeu, como também teve um nome europeu. Ele estivera em contato com Tolstói, chamando o autor de “Titã da Rússia” e denominando a si mesmo “um humilde seguidor de sua doutrina”. Tolstói respondeu pedindo que Gandhi transmitisse o seu sentimento de companheirismo aos “amados irmãos, os trabalhadores indianos do Transvaal”.³⁹

A Fazenda Tolstói era menos ameaçadora do que Fênix, devido à influência de Kallenbach, pois ele podia aceitar um grau de renúncia, mas não possuía nenhum paixão para mortificar a carne em busca do espiritual. Gandhi também achou a sua experiência, nesse lugar, bastante compensadora: “Minha fé e coragem estavam no ápice na Fazenda Tolstói”.⁴⁰

Não havia domésticas: cada tarefa, desde o transporte de água até as construções para os alojamentos, tinha de ser feita pelos sitiantes, sempre que possível. “Certamente, o trabalho na fazenda era bem mais árduo do que na cadeia”, Gandhi anotou.⁴¹ Ele descreveu os seus princípios para um grande público branco, na Sociedade Socialista de Johannesburgo, em 1910, comparando a “egoísta, hipócrita e sem fé” da civilização moderna com a do passado. “Na época da civilização antiga”, ele parafraseou para o jornal *Indian Opinion*, “os homens eram bons, tementes a Deus e simples, e consideravam o corpo como um meio de elevação espiritual. É preciso reverter para o antigo modo de vida e, com esse propósito, adotar a simplicidade e a vida comunitária.”⁴² As palestras de Gandhi envolviam pouca história, diferentemente, por exemplo, das palestras de Nehru, pois as suas noções do passado não se relacionavam à realidade, mas ao Rama Raj (a lei de Rama) do mito hindu.

Na Fazenda Tolstói, homens e mulheres eram alojados separadamente, e a bebida alcoólica e o fumo eram proibidos. Gandhi incentivava as mulheres cristãs e outras mulheres cujos maridos haviam sido aprisionados a mudar para uma dieta vegetariana (embora lhes assegurasse que poderiam comer carne se assim desejassem). A comida era a mais simples possível e consistia em arroz, lentilhas, vegetais e sopa. A hora das refeições era fixa e todos jantavam juntos depois de enfrentar uma longa fila. Depois do jantar havia orações e leitura do épico livro *Ramayana* ou de textos islâmicos. Todos se vestiam como agricultores — mas com roupas de agricultores europeus e não indianos —, com calças azuis e camisas que imitavam os uniformes dos prisioneiros. Quando precisavam ir a Johannesburgo, eles caminhavam num trajeto de 35 quilômetros para não gastar a passagem de trem. Também aprendiam a fazer sandálias a fim de evitar a compra de sapatos.

Como era habitual, nas experiências de Gandhi sobre o modo de vida ideal, a educação das crianças era negligenciada, pois elas deviam participar de todas as atividades da fazenda. A pouca educação que recebiam era proporcionada depois das tarefas da manhã e do almoço, quando até Gandhi afirmou que era difícil ficar acordado. A insistência de Gandhi a respeito da

importância da língua nativa significava ensinar híndi, tâmil, guzerate e urdu, assim como inglês (os hindus aprendiam o sânscrito). Ele também não incentivava a leitura dos livros que ali estavam disponíveis e dizia: “Eu nunca achei necessário encher a cabeça de meus filhos com a leitura de uma série de livros. Eu sempre achei que o verdadeiro livro de estudo para um aluno é o seu professor”.⁴³ Ele admite as suas próprias deficiências acadêmicas, as quais eram evidentes para outras pessoas em sua vida pública. Até mesmo falando em híndi, a sua gramática era pobre — um observador percebeu que, frequentemente, Gandhi usava os gêneros dos substantivos incorretamente. Quando ele se ofereceu como tradutor para Gopal Krishna Gokhale, Gopal respondeu que as habilidades linguísticas de Gandhi eram “uma realização pela qual ele não poderia ser precisamente parabenizado”.⁴⁴

Gandhi gostava de “experimentar” não apenas com a sua própria restrição, mas com a de outros. “Eu fiz com que os garotos mais maliciosos e as garotas inocentes tomassem banho juntos”, ele disse certa vez, depois de haver-lhes explicado o dever da autorrestrição. Eles tomavam banho num horário estabelecido, e Gandhi, de maneira geral, estava presente. Também fazia com que dormissem juntos, numa varanda aberta, os garotos, as garotas e ele próprio, a uma distância de apenas um metro entre suas camas. “Realizei essa experiência acreditando que garotos e garotas poderiam assim viver juntos sem nenhuma maldade.”⁴⁵

Inevitavelmente, a natureza cumpriria o seu trabalho, e, nessa ocasião em particular, houve uma provocação sexual entre os garotos e duas moças, que, presumidamente, estavam se desenvolvendo fisicamente. Quando o caso foi relatado a Gandhi, ele repreendeu os garotos, mas não sabia o que fazer com as moças. Ele queria que elas portassem algum sinal físico como lição e como aviso aos moços. “Qual marca as moças deveriam portar?.” Ele ponderou sobre essa pergunta a noite toda e, afinal, sugeriu que ele lhes cortasse o cabelo. As garotas recusaram, mas Gandhi tratou de convencer as mulheres mais velhas e conseguiu o apoio de que precisava; e, finalmente, as culpadas se apresentaram e deixaram que Gandhi lhes cortasse o cabelo.

O filho mais velho de Gandhi, Harilal, havia se reunido com seus pais na África do Sul, em companhia de sua mulher. Ele e seu irmão Manilal juntaram-se ao movimento e foram presos várias vezes. O ressentimento dos irmãos a respeito de sua falta de educação foi intensificado quando Gandhi aceitou a oferta de uma bolsa de estudo na Inglaterra de seu velho amigo Pranjivan Mehta, que o ajudara durante os seus primeiros dias em Londres. Em vez de ceder essa bolsa a um de seus próprios filhos (tal como Mehta sugerira), ele a ofereceu para seu sobrinho Chaganlal. Além disso, repreendeu Manilal, dizendo-lhe: “Por que você insiste tanto em querer estudar? Se você pensa em estudar para ganhar dinheiro para viver, isso não é apropriado, pois Deus proporciona comida para todos. Você pode conseguir comida suficiente fazendo até trabalhos manuais”.⁴⁶ E para Harilal ele escreveu: “Devo avisar-lhe que desista dessa vontade de participar das provas. Se você passar, eu não ficarei impressionado; e, se não passar, você se sentirá muito infeliz”.⁴⁷ Ele até recusou fornecer dinheiro a Harilal para que voltasse à Índia com sua esposa e filho. Entre 1908 e 1911, Harilal sofreu seis períodos de prisão na campanha de seu pai.

Quando Chaganlal adoeceu e não conseguiu completar os estudos, Gandhi ficou novamente

em posição de escolher um estudante para viajar a Londres a fim de ser treinado como advogado. Outra vez, Harilal ficou na expectativa, mas Gandhi acabou favorecendo outro jovem. Era claro que Gandhi não queria ser acusado de nepotismo, mas isso parecia ser discriminação da própria família. Esse conflito entre pai e filho pode ser observado em uma carta que Gandhi escreveu a Harilal, em março de 1911.

Não há porque você sentir vergonha por ter dificuldade em matemática e em educação literária. Você poderia tê-las aprendido se eu lhe tivesse dado a oportunidade necessária. O conhecimento prático que os meninos na Índia possuem não é devido à educação que recebem nas escolas, mas ao único e especial modo de vida indiano. É devido às ações misteriosas dos nossos ancestrais que encontramos os saudáveis padrões de comportamento, de economia etc., ao nosso redor, a despeito das repetidas intromissões da educação moderna, da imoralidade que observamos entre os povos e de seu crescente egoísmo.⁴⁸

Em maio de 1911, Harilal saiu da comunidade em busca de um futuro na Índia, dizendo à sua mãe: “Ele não se importa com nenhum um de nós”.⁴⁹ E, em resposta à acusação do filho, Gandhi afirmou: “Diferentemente de outros pais, eu nunca admirei meus filhos, nem tampouco fiz algo especial em seu benefício; sempre os considerei, bem como a Kasturba, como minha última preocupação. Essa foi a acusação”.⁵⁰

Em 1915, Harilal escreveu uma carta, de distribuição limitada, acusando o seu pai, agora famoso, de negligência com respeito à sua família e de ter, particularmente, deixado seus filhos na “ignorância” ao negar-lhes educação. A respeito de si mesmo e de seus irmãos, Harilal escreveu: “Você tratou-nos como um domador age com animais selvagens no picadeiro de um circo... Você nunca nos falou com amor, mas sempre com raiva. Durante conversas, você sempre usou uma linguagem humilhante: ‘Você é ignorante... falta-lhe compreensão; você pensa ter alcançado a última fronteira do conhecimento’. Em movimento ou parado, dormindo ou sentado, você sempre nos atemorizou. Você tem um coração de pedra”. Ele sentiu que o sentimento de Kasturba era ainda pior.⁵¹

Outro incidente, quase no fim da campanha, quando as negociações com o governo da África do Sul estavam num estágio crucial, mostrou a forma pela qual Gandhi tratava seriamente os assuntos de moralidade pessoal. Descobriu-se que, na comunidade de Fênix, seu filho Manilal e uma mulher chamada Jeki, filha de Pranjivan Mehta, haviam cometido adultério duas vezes, durante as viagens de negócios do marido dela a Fiji. A reação de Gandhi, como sempre agira com relação a assuntos sexuais, foi extrema: ele impôs a si mesmo um jejum de sete dias e fez o voto de fazer uma só refeição por dia durante quatro meses e meio, dizendo: “Assim, todos poderão perceber como é terrível ser um pecador”.⁵² Manilal jejuou junto com seu pai. “Espero que ele tenha a capacidade de suportar esse jejum de sete dias”, disse Gandhi, “mas, se morrer, ele não será motivo de remorso.”⁵³ Ele ainda fez com que Manilal jurasse assumir a castidade por toda a vida, mas, sob pressão de Kasturba, Gandhi liberou-o desse juramento em 1927, quando Manilal já estava com 35 anos.

Quanto a Jeki, ele a submeteu a um jejum, cortou-lhe os cabelos, tirou-lhe as joias e fez com que vestisse trajes de luto em sinal de arrependimento. Ele escreveu: “Eu nunca havia passado

dias de tanta agonia... O coração parecia ter secado, pois essa agonia pela qual passei era indizível. Várias vezes tive vontade de pegar uma faca e enfiá-la em meu estômago”.⁵⁴ Mais tarde, ele enviou Jeki de volta para seu marido, pois ela não demonstrara “humildade nem arrependimento”.⁵⁵ Também pode ter havido outro elemento em sua angústia sobre o assunto: é possível que estivesse envolvendo Jeki em suas experiências de controle sexual, o qual, posteriormente, dominaria a sua vida. Certa vez, ele escreveu a respeito da maneira como todos dormiam na comunidade de Fênix: “A nossa maioria dormia na varanda, um ao lado do outro, e Jeki dormia ao meu lado”.⁵⁶ De certa forma, ele achou a experiência de Manilal e Jeki de muita ajuda, pois teve a possibilidade de aperfeiçoar a técnica de um longo jejum: ele aprendeu a necessidade de beber água mesmo que não quisesse ou gostasse, além do benefício que conseguira ao fazer com que o *Ramayana* lhe fosse lido.

O relacionamento conturbado de Gandhi com sua família é um dos aspectos mais difíceis de seu complexo caráter. Ele fez o seguinte comentário a respeito de seus filhos: “Eles têm um caráter melhor do que outros garotos. É somente quando eu os julgo pelos meus próprios padrões que os considero com falta de caráter”.⁵⁷ Harilal acusara seu pai de dar maior preferência aos sobrinhos (primos de segundo grau, para ser preciso) do que aos próprios filhos. Como primeiro filho, ele achava ter um maior direito ao amor de seu pai do que qualquer outra pessoa. De fato, foi esse relacionamento que assegurou a rejeição de Gandhi. O desgosto de Gandhi por sexo surgiu pelo fato de acreditar que devesse controlar o seu forte desejo sexual, pois, do contrário, não poderia alcançar a grandeza espiritual. A ira de Gandhi contra o próprio pai pelo seu casamento precoce deveria ser observada no contexto de seu desejo de estar livre das coisas carnis. Esse seu casamento fez com que ele se corrompesse com a carnalidade antes de conhecer melhor a própria mente. Antes de poder rejeitá-la, ele foi sobrecarregado pelas coisas desse mundo — sua esposa e filhos. Mais tarde, ele desenvolveu uma indiferença ao produto do sexo: seus filhos, como se eles o amarrassem ao mundo material como símbolos vivos de sua natureza carnal e, portanto, de nenhuma importância. Quando eles próprios se tornaram seres sexuais, sua repugnância era quase palpável.

Promovida por idealistas imperialistas, como o administrador Lionel Curtis, a união das quatro nações sul-africanas era a principal questão nacional depois da Guerra dos Bôeres. A união deveria ocorrer em 1910, e, à medida que a data se aproximava, Gandhi viajou novamente a Londres para angariar políticos a favor dos indianos, dessa vez acompanhado por Haji Habib (que retornara à África do Sul). Ele teve a possibilidade de ser ajudado por um amigo, lorde Ampthill, um ex-vice-rei na Índia. O primeiro-ministro do Transvaal, Louis Botha, informou à delegação que se comprometeria com a operação prática da lei, mas não revogaria o Registro Asiático, tampouco a Lei da Imigração.

Ele manteve a sua determinação para que a nova União da África do Sul fosse um estado racial, com a porta da imigração bem aberta para brancos, mas aberta esporadicamente e sob condições específicas para os asiáticos. Lorde Crewe, na época secretário de Estado para as Colônias, ao negociar com Gandhi, declarou que “ele era uma pessoa impossível e impraticável para qualquer tipo de negociação, mas com uma espécie de ardente, embora contida, honestidade própria de uma enraizada teimosia no momento mais crítico”.⁵⁸ Nessa

época, Gandhi ainda usava a linguagem da assimilação e trajava chapéu de seda, terno, gravata, meias e sapatos.

Quando, em Londres, escreveu para casa, ele incluiu uma fotografia de algumas sufragistas com a mensagem de aprovação: “Muitas das mulheres na foto foram parar na cadeia”.⁵⁹ Ele perdeu o interesse nelas quando começaram a assumir uma “militância” maior, que incluía ataques a propriedades, mas, ao observá-las, adquiriu experiência, mencionando suas atividades em quase todos os relatórios que enviava para o *Indian Opinion*. O valor publicitário inerente à prisão de mulheres na cadeia pode ter-lhe ocorrido nesse momento, e ele queria preparar seus seguidores para o estágio seguinte.

Gokhale visitou a África do Sul em outubro e novembro de 1912, incentivado pelo governo imperialista e pelo convite e recepção de boas-vindas das autoridades sul-africanas para esse indiano moderado. Ele achou a experiência da Fazenda Tolstói menos do que aceitável, desaprovou essa demonstração de pobreza que ele considerou como “extremismo” e não gostou das tentativas de Gandhi e de Kallenbach para tornarem sua estada mais confortável ao ceder-lhe uma cama de campanha e uma cômoda e servir-lhe comida. “Vocês todos pensam que nasceram para sofrer dificuldades e desconfortos e que as pessoas como eu nasceram para ser mimadas por vocês”, ele disse. “Posso muito bem suportar qualquer dificuldade, mas eu apenas humilharia o seu orgulho.” Ele falou incisivamente da “avalanche de ideias que estavam sendo cogitadas” e que ameaçavam inundar a Índia.⁶⁰ Entretanto, ele tinha uma profunda admiração por Gandhi e disse a uma grande plateia indiana: “Gandhi possui o maravilhoso poder espiritual para transformar homens comuns à sua volta em heróis e mártires”.⁶¹

Depois de uma breve instrução por parte de Gandhi, Gokhale reuniu-se com Smuts e Botha. Ao voltar, ele comunicou a Gandhi o resultado dessa reunião: “Você deve voltar para a Índia dentro de um ano. Tudo já foi combinado. A Lei Negra (Registro Asiático) será revogada. A barreira racial será retirada da lei de emigração. A taxa de £3 será abolida”.⁶² Dessa vez, Gandhi não acreditou nas afirmações do governo sul-africano — foi a vez de Gokhale ser ludibriado. Gandhi agradeceu o seu empenho. Quando o seu “guru político” partiu, em 1º de dezembro de 1912, Gandhi voltou a vestir-se com trajes indianos, pela primeira vez, desde a sua infância.

Agora, o estado estava aumentando os seus ataques. O estado racial sul-africano encaminhava-se para a sua apoteose, na completa discriminação racial do *apartheid* (que se tornaria lei em 1950). Como parte desse processo, a máquina do estado, em todas as suas manifestações, movia-se para a criação de uma dimensão racial em todas as partes da vida. Assim, em 1913, o Supremo Tribunal decretou que somente casamentos cristãos seriam considerados legais na África do Sul; os casamentos hindus, muçulmanos e zoroastrianos (pársis) seriam considerados nulos — um insulto inescrupuloso aos indianos. Agora, as mulheres seguidoras de Gandhi, as quais ainda não haviam considerado ser encarceradas, começaram a participar ativamente do movimento — entrando no Transvaal ilegalmente, vendendo nas ruas sem licença e cometendo outras ofensas, mas o governo recusou-se a prendê-las. Um novo decreto de imigração, publicado em abril de 1913, tinha o objetivo de

restringir ainda mais os direitos existentes.

A campanha *satyagraha* de Gandhi não havia incluído a taxa de £3 a ser paga pelos trabalhadores que haviam concluído o contrato de trabalho servil, o que era uma imposição amarga sobre a classe dos indianos mais pobres de Natal. Agora que o governo prometera a Gokhale que revogaria a taxa (uma promessa que, como sempre, foi renegada posteriormente), ele sentiu-se justificado para incluí-la em suas exigências. Isso faria com que, pela primeira vez, a vasta massa de trabalhadores servis, livres de seus contratos, participasse da luta — um assunto consequente numa época em que as forças de Gandhi estavam debilitadas. Ele escreveu para Gokhale sobre 65 ou 66 e um mínimo de 16 com os quais podia contar. Esse mal poderia ser chamado de movimento em massa. Mantendo essa mudança de foco, ele fechou a Fazenda Tolstói e concentrou seus seguidores na comunidade de Fênix, pois era mais lógico empenhar os trabalhadores servis, já livres, em Natal.

Essa mudança de direção envolvia desafios à liderança de Gandhi após o seu fracasso em conseguir qualquer benefício a favor de seus partidários, a elite dos comerciantes: o registro, a localização dos bazares e o movimento livre dentro da África do Sul. Gandhi estava enfrentando tantas acusações de fracasso a ponto de recusar-se a participar de uma reunião do Congresso Indiano de Natal, enquanto os secretários que haviam rejeitado as suas políticas permaneciam na função. Em uma reunião pública, ele foi, de fato, acusado de ter sido a causa da erosão dos direitos dos comerciantes durante o período em que esteve ativo. Com maior justiça, foi criticado por assumir cada vez mais o manto da liderança, a sua relutância em adotar políticas alternativas àquelas que ele próprio desenvolvera e por sua confiança nos mandatários europeus, desconsiderando indianos capacitados. Uma moção de “falta de confiança” em Gandhi foi posteriormente ratificada pelo Congresso, mas, até então, ele já havia superado seus oponentes com uma ação dinâmica.

Com sua influência pessoal em declínio, com as costas na parede e um pequeno bando de seguidores em oposição ao seu próprio movimento e com a comunidade de comerciantes relutando em sacrificar seus pertences, Gandhi determinou “minha oferta final ao Deus da Verdade”.⁶³ Ele decidiu sacrificar todas as pessoas da comunidade de Fênix, homens e mulheres, com exceção de apenas algumas para ajudá-lo a continuar com o *Indian Opinion* e das crianças com menos de dezesseis anos. E, realmente, à medida que a campanha prosseguia, uma edição do jornal foi publicada, um trabalho realizado unicamente pelas crianças. Os *satyagrahis* deviam procurar ser presos da forma mais direta possível.

Ele não confidenciou a sua ideia a Kasturba, pois ela a entenderia como uma ordem a ser executada, quando, na realidade, devia procurar ser presa por sua própria vontade. Ela ficou ofendida com a sua aparente falta de confiança e insistiu em se juntar à “comitiva invasora”. Ela e outras três mulheres foram presas pela entrada ilegal no Transvaal e ficaram encarceradas durante três meses. O efeito na opinião pública na Índia sobre mulheres serem aprisionadas foi imediato. Outros insultos à comunidade indiana haviam sido aceitos como sendo o destino daqueles que imigravam para outros países em busca de uma vida nova. Mas o insulto às mulheres implícito na nova interpretação do casamento e seu aprisionamento era maior do que podia ser suportado. Por meio de reuniões programadas por Gokhale, reclamações de

indignação choveram contra o governo da África do Sul.

O movimento também teve os seus mártires. Gandhi escreveu a respeito de Valliamma Munusamy, uma menina de dezesseis anos que ficou com febre na cadeia e morreu pouco depois de ser libertada. Como verdadeira mártir, ela insistiu, mesmo sabendo que isso a levaria à morte, que poderia voltar para a prisão novamente para poder ajudar o movimento e, ao mesmo tempo, o seu país, a Índia. E ele conta que, mesmo nessas condições, ela ainda se perguntou, referindo-se ao movimento do qual ela participava:⁶⁴ “Será que os pobres da África do Sul acreditam que seus sacrifícios foram realizados pensando na Índia?”.

Outras mulheres, principalmente do Tâmil, dirigiram-se ao centro de mineração de carvão de New Castle e pediram que os trabalhadores servis, que trabalhavam nas minas, entrassem em greve por causa do imposto de £3. A greve foi precedida de uma reunião pública dirigida por um *satyagrahi* veterano, Thambi Naidoo, também do Tâmil, que soube incendiar o ressentimento amargo sobre o imposto, pois os indianos liberados de seus contratos de trabalho servil sabiam que ele havia sido criado como meio de o governo se livrar deles, uma vez que a intenção desses asiáticos, que ali se dirigiram para trabalhar, era criar uma nova vida na África do Sul. Muitos foram forçados a trabalhar novamente sob contrato. Com esses trabalhadores, Gandhi havia finalmente encontrado uma força que poderia ser mobilizada e arregimentada — grande parte de sua energia nessa última campanha não foi para motivá-los, mas sim para contê-los.

Gandhi viajou para o norte de Natal e visitou as minas em greve, onde os trabalhadores viviam em recintos fechados, com acomodações providenciadas pelos donos das minas que, agora, haviam cortado a eletricidade e o fornecimento de água. Ele decidiu levá-los para fora desses recintos, mas o problema era encontrar comida e acomodações para essas centenas de grevistas que haviam trabalhado a troco de comida e, portanto, não possuíam nenhum economia.

Os comerciantes indianos doaram comida, embora não quisessem dar apoio público a Gandhi, pois mantinham relações comerciais com os donos das minas. Um cristão do Tâmil, chamado Lazarus, colocou à disposição um espaço de seu pequeno sítio onde os trabalhadores pudessem dormir. Em uma de suas surpreendentes demonstrações de confiança, Gandhi disse aos grevistas para ali se dirigirem apenas com suas roupas e lençóis — prometeu-lhes fornecer alimento até o fim da greve. À medida que a informação se espalhava, centenas de trabalhadores e suas famílias, carregando suas trouxas de roupa na cabeça, fluíram para o local no qual Gandhi se encontrava, sujeitando-se a dormir no chão e comendo em recipientes comunitários. Gandhi explicou que a sua intenção era “levá-los até a fronteira do Transvaal para ali provocarem o seu encarceramento. Deveremos ser parados no caminho, mas isso evita as dificuldades de acomodações etc., e mantém viva a energia dos homens”.⁶⁵ E, assim, a máquina do estado seria usada para alimentar e acomodar os grevistas, o que, consequentemente, prolongaria a greve.

Os donos das minas pediram uma entrevista com Gandhi e apresentaram-lhe um argumento razoável: disseram que o imposto de £3 fora decretado pelo governo, mas que a greve dos mineradores era contra eles próprios, e não contra o governo. A greve era a única arma dos

trabalhadores, Gandhi respondeu; ele disse aos donos para que pressionassem o governo a fim de que ele revogasse o imposto — o que, de fato, era o que já estavam fazendo. A política de Smuts era esperar e ver o que aconteceria, sabendo que a necessidade de cuidar dos grevistas estava pondo em risco as finanças de Gandhi.

Agora, Gandhi tinha sob seu encargo mais de quatro mil grevistas e seus dependentes. Disse que poderia fornecer-lhes 750 gramas de pão e 30 gramas de açúcar por dia; que poderiam sofrer abusos e violência por parte das autoridades e que, se fossem presos, deveriam obedecer silenciosamente e aguentar as dificuldades da prisão sem reclamar. Os trabalhadores explicaram que estavam acostumados às dificuldades e, em 28 de outubro de 1913, eles marcharam com Gandhi à sua frente. O próprio Gandhi participou de todas as necessárias operações do “exército”, supervisionando os arranjos sanitários, cozinhando e servindo alimentos. Como líder, ele não apenas era visível aos seus seguidores, mas também participante das mesmas atividades que eram esperadas deles. Essa empatia foi uma das melhores qualidades de sua liderança. Um jornalista descreveu os viandantes como “uma turma excessivamente pitoresca. Observando-os, eles parecem magros, quase macilentos; suas pernas são meros ossos, mas da forma como marcham, apesar de suas limitadas rações de alimento, eles parecem estar particularmente em forma... O sr. Gandhi é observado com veneração e é geralmente chamado de *Bapu* (pai)”.⁶⁶

Gandhi escreveu para o governo assegurando que ele e os seus trabalhadores não tinham a intenção de se instalarem no Transvaal, mas que queriam protestar contra a violação da promessa de revogar o imposto de £3 e “como pura demonstração de nossa aflição relativa à perda do nosso autorrespeito”.⁶⁷ E ainda acrescentou que o governo tinha o pleno direito de prendê-los onde estivessem.

Gandhi fez com que os seus *satyagrahis* mais experientes fossem à frente da tropa a fim de organizar, por antecipação, a alimentação — pessoas como Hermann Kallenbach e Sonja Schlesin, os quais, sendo europeus, tinham alguma, mas não total, proteção contra serem presos. Na cidade de Volksrust, logo na entrada da fronteira do Transvaal, os europeus locais promoveram uma reunião durante a qual alguns ameaçaram receber os indianos a bala caso cruzassem a fronteira. Bravamente, Kallenbach participou da reunião, apesar do envolvido risco de violência, e apresentou o caso dos indianos. A procissão passou pela cidade pacificamente.

A polícia não prendeu ninguém, mas o fez duas vezes com Gandhi, embora a marcha prosseguisse em seu caminho conforme planejado e todas as vezes Gandhi pagava a fiança e se reunia ao grupo, que agora se aproximava de Johannesburg. A intenção era parar na Fazenda Tolstói, mas eles foram presos em massa em Balfour e colocados em três trens especiais que os levaram de volta a Natal.

E Gandhi foi preso novamente, julgado e sentenciado a nove meses de trabalhos forçados por induzir os trabalhadores servis a sair de Natal. Na prisão de Volksrust, ele encontrou-se com Kallenbach e Polak, que também haviam sido presos. Outros *satyagrahis* chegavam à prisão todos os dias por cruzar o Transvaal. Em Natal, os trabalhadores que haviam sido transportados de trem foram julgados sumariamente e enviados para a prisão. Agora o governo

tinha um problema: ao serem presos, os grevistas não podiam voltar ao trabalho mesmo que quisessem. As minas de carvão teriam de fechar, o que prejudicaria a indústria nacional. Foi quando o governo agiu da pior forma possível aos olhos do mundo: declarou as minas território avançado das prisões da província, designou o pessoal europeu das minas como carcereiros e obrigou os trabalhadores a ficarem dentro das minas, embaixo da terra. Portanto, isso não era sequer trabalho contratado, mas trabalho escravo. A estratégia de Gandhi forçara o governo a usar o seu poder máximo e a comportar-se com extrema brutalidade para defender uma lei injusta com uma injustiça ainda maior. Do ponto de vista de Gandhi, o sofrimento dos trabalhadores estava sendo apresentado a uma plateia mundial.

Assumindo a mesma postura dos mineradores, trabalhadores de outras indústrias também entraram em greve, começando pelos que trabalhavam nas plantações de cana-de-açúcar, ao sul de Natal. Isso levou a outras violências: a polícia militar montada avançou, e a polícia armada disparou contra os grevistas. Em novembro de 1913, a maioria dos 60 mil trabalhadores indianos de Natal estava em greve. Não havia nenhuma lei contra a greve, e as ações do governo eram totalmente ilegais. O vice-rei da Índia, lorde Hardinge, criticou o governo da África do Sul pela maneira que tratou os protestantes; assim fez também, porém mais diplomaticamente, o Departamento Colonial de Londres. Finalmente, Smuts ordenou que Gandhi, Polak e Kallenbach fossem libertados, e, logo depois, todos os prisioneiros *satyagrahis* também foram. A fim de disfarçar a sua embaraçosa retirada, ele estabeleceu uma comissão de investigação que garantisse a participação dos indianos enquanto tentava justificar o comportamento do governo.

Nesse momento, Gandhi adotou um tipo diferente de traje e, pela primeira vez, seguiu o exemplo de seu herói, Tolstói, que decidira não somente viver, mas também se vestir como um camponês. Em vez de aparecer como um advogado indiano educado no Ocidente, em uma combinação de traje europeu e pársi, Gandhi vestiu uma túnica de algodão branco que o cobria até os joelhos e um *lungi*, tipo de saíote portado pelos trabalhadores indianos. Estava descalço; e a sua cabeça, quase totalmente raspada, com exceção de um tufo de cabelos em sinal de luto pelos dez indianos mortos no confronto com a polícia e por cujas mortes ele assumira a responsabilidade. Ele estava assim trajado quando ficou à espera, fora da prisão de Pietermaritzburg, em 22 de dezembro de 1913, pela libertação das mulheres, entre as quais estava Kasturba, visivelmente enfraquecida pela provação. Ao todo, 2.500 indianos, cerca de um quinto da população indiana residente no Transvaal, foram encarcerados, muitos dos quais por várias vezes.⁶⁸

Gandhi não participou do processo tolo da “comissão de investigação”, mas estava preparado para encontrar-se com Smuts e outros membros do governo da União. Agora Smuts estava preocupado com a greve dos trabalhadores brancos da ferrovia, para a qual ele declarou lei marcial. Os grevistas europeus não fizeram nenhuma pretensão a um protesto pacífico — eles estavam prontos para derrubar o governo se não conseguissem o seu intento. Não querendo aproveitar-se do desconforto de seu oponente, Gandhi desistiu de uma marcha que deveria acontecer para criticar a composição partidária da comissão de investigação.

Gandhi parecia apreciar o seu relacionamento com os administradores europeus, até mesmo

quando os contestava. Quando estava na Cadeia Central de Pretória, ele passou algum tempo fazendo um par de sandálias de couro para Smuts a fim de mostrar a sua falta de rancor. O general apreciou-as, mas, quando Gandhi saiu, Smuts comentou: “O santo saiu de nossas praias, espero que seja para sempre”.⁶⁹

A comissão fez o seu trabalho de justificar as ações do governo e propôs uma retirada aceitável. O Ato de Alívio Indiano (Indian Relief Bill) de 1914 aboliu o imposto de £3 e cancelou os retroativos, e os casamentos não cristãos foram reconhecidos. Entretanto, o movimento livre entre as fronteiras da África do Sul ainda continuou restrito, o registro ainda era obrigatório, e nenhuma outra administração justa do comércio indiano foi introduzida. Mesmo assim, em 1914, Gandhi considerou a luta *satyagraha*, iniciada em 1906, completada, embora fosse severamente criticado por aqueles que o haviam apoiado anteriormente, os quais destacaram as diferenças entre os objetivos da campanha e as suas realizações. O fato positivo foi que, durante todos esses anos, os indianos tinham adotado um sentido de comunidade e de orgulho por seus antecedentes e, agora, eles haviam se tornado uma força a ser levada em consideração.

Os administradores e manifestantes que se opunham aos indianos também expressavam os seus direitos no contexto do estado racial que Gandhi e seus seguidores não apresentavam sinais de oposição em sua totalidade. O argumento dos comerciantes indianos era que a sua raça e situação financeira deveriam garantir-lhes direitos; isso não queria dizer que todos os indianos (ou africanos) deveriam ter direitos cívicos. Gandhi estava forçando o estado racial para a forma que, derradeiramente, viria a assumir: uma classe racial intermediária formada por um grupo de indianos e de “coloreds” entre os brancos, acima, e os negros, abaixo.

A falta de preocupação na campanha pelos direitos dos nativos africanos era compreensível nessas circunstâncias, mas pouco atrativa. Gandhi demonstrava simpatia pelos direitos dos africanos, porém qualquer outra aliança concreta teria estremecido os europeus e não agradaria aos comerciantes que Gandhi defendia. Entretanto, a sua campanha havia promovido algum benefício para os africanos pelo fato de ter demonstrado não apenas que a luta contra o regime sul-africano era possível, mas que, caso a luta fosse travada como uma campanha contra a injustiça, ela proporcionaria um bom apoio até por parte de europeus — uma mensagem que Nelson Mandela e o Congresso Nacional Africano aproveitariam com um efeito devastador. Esse foi o presente mais importante de Gandhi ao povo da África do Sul: a criação da luta racial de uma forma que atraísse o máximo de apoio moral.

Da mesma forma que aconteceu com muitas pessoas que tiveram de imigrar em busca de um futuro, assim como fizeram os comerciantes e os trabalhadores servís, a África do Sul educou Gandhi e lhe proporcionou personalidade. Em termos práticos, seu trabalho para com o Congresso Indiano de Natal e para a Associação Indiana do Transvaal ensinou-o a operar uma organização política; o *Indian Opinion* ensinou-o a dirigir uma editora de jornais, e as fazendas Fênix e Tolstói ensinaram-no a organizar e dirigir uma comunidade autossuficiente.

Financeiramente, Gandhi tinha uma boa renda de sua profissão como advogado; ele devolveu mais de cinco vezes o valor que gastara em Londres com a sua educação por meio de sua bem-sucedida prática como advogado, na África do Sul, de maneira a sentir-se livre das

obrigações familiares.

Aos olhos das pessoas, Gandhi adquirira reputação internacional, e suas técnicas e habilidades políticas causavam comentários. Na Índia, ele receberia acesso aos altos níveis da política nacionalista, o que ele não conseguira em 1902, antes de a campanha sul-africana elevar o seu perfil. Em 1910, Gokhale até lhe propôs ser presidente da sessão daquele ano do Congresso Nacional Indiano.

Mas Gandhi não teria considerado essas como as suas realizações mais importantes: o seu progresso espiritual era o que mais lhe importava. O especulativo jovem em Londres dirigindo experiências com alimentos havia encontrado o seu próprio caminho e sentiu-se levado a instruir outras pessoas. Ele havia formulado os princípios básicos do *satyagraha*: a não violência e o sofrimento por uma causa. Havia começado não apenas a praticar, mas também a promover a castidade; ele havia desenvolvido a habilidade de motivar grandes grupos de pessoas. Na África do Sul, Gandhi encontrara o que procurava; muitos de seus discípulos mais próximos eram e continuariam sendo cristãos e judeus. As pessoas com as quais se sentia bem eram buscadores ocidentais à procura da verdade espiritual que aprovavam a visão de sua jornada espiritual. Os muçulmanos eram mais resistentes à sua mensagem, querendo mensurar as vantagens de sua abordagem em comparação a outras; deve-se presumir que os comerciantes muçulmanos estivessem espiritualmente satisfeitos com a mensagem do Islão e não visualizavam nenhum benefício numa busca maior. As atitudes de Gandhi eram grosseiramente discordantes das atitudes deles: era difícil deixar de notar que ele tentava viver o mais profundamente possível, enquanto o objetivo dos comerciantes era a prosperidade material.

Os hindus cultos podiam respeitá-lo, mas não queriam segui-lo. Ele poderia receber apoio de indianos abastados e de uma das duas religiões, mas foi pela motivação dos pobres que ele iluminaria o mundo político. Ele conseguiu o seu maior sucesso por meio dos empobrecidos trabalhadores hindus do Tâmil que lhe indicaram o caminho.

Em 18 de julho de 1914, com quase quarenta e cinco anos, Gandhi reuniu seus seguidores e amigos mais próximos e foi da África do Sul para a Índia depois de mais de vinte anos. Agora, ele era um homem maduro com um propósito.

Ativista de aldeia

Gandhi havia dedicado seus esforços práticos aos direitos dos indianos na nova União da África do Sul e, ao mesmo tempo, ao desenvolvimento de uma teoria para a independência da Índia. Sua visão estava sempre voltada para a emancipação de sua terra natal. Durante os primeiros anos do século XX, ele preparou-se diligentemente para a liderança do movimento da independência indiana. Decidiu que, na próxima oportunidade que se apresentasse no cenário político do subcontinente, ele não seria ludibriado em aceitar uma função inferior, como acontecera em 1901 na sessão do Congresso Nacional Indiano, em Calcutá.

Durante a sua estada em Londres, em 1909, Gandhi fizera questão de entrar em contato e tentar compreender a comunidade expatriada indiana, a qual, em sua juventude, tendia para a violência. Ele disse que entrara em contato com “todos os anarquistas indianos em Londres”, cuja bravura o impressionava, achando, porém, que a comunidade estivesse mal orientada.¹

Gandhi havia chegado a Londres em julho. No início desse mês, sir Curzon Wylie, um oficial da Secretaria de Estado para a Índia, fora assassinado por um estudante, Madanlal Dhingra, durante uma recepção da Associação Nacional Indiana. Um médico pársi, que tentara impedir o crime, também fora vitimado. Dhingra insistira que agira sozinho e foi enforcado. Na realidade, ele havia sido inspirado por um grupo de revolucionários nacionalistas liderados por Vinayak Savarkar, um inflamado revolucionário dono da pensão India House para estudantes em Highgate, norte de Londres. Savarkar havia treinado Dhingra para o homicídio. Uma tentativa anterior contra o próprio lorde Curzon, responsável pela divisão, profundamente ressentida, de Bengala, havia fracassado.

Inequivocamente, Gandhi condenou a violência: “Nenhum ato traiçoeiro jamais poderá beneficiar uma nação. Mesmo que os ingleses saíssem da Índia em consequência de atos homicidas desse tipo, quem então governaria o país? A única resposta seria: os criminosos”. Ele era intolerante tanto com respeito aos próprios atos violentos quanto ao efeito espiritual sobre aqueles que os cometiam. A liberdade não poderia resultar de atos vis: “A Índia nada pode lucrar com um governo de criminosos”.² A posterior ascendência da atitude de Gandhi através do Partido do Congresso obscureceu o fato de que a violência de indivíduos como Savarkar competia com a resistência passiva como uma técnica dos nacionalistas. A violência também era, significativamente para os ingleses, uma probabilidade sempre presente para o movimento de independência caso a abordagem não violenta fracassasse.

Gandhi fez questão de encontrar-se com extremistas. Vestido com uma camisa engomada e um casaco de cauda de andorinha, ele apresentou um discurso durante um jantar organizado por alguns dos mesmos. Gandhi explicou para lorde Ampthill:

Fiz questão de entrar em contato com os chamados extremistas, que seriam mais bem descritos como o partido da violência. Fiz isso a fim de, se possível, convencê-los do erro de suas ações. Notei que alguns dos membros desse partido têm um espírito responsável, com um alto grau de moralidade, uma grande habilidade intelectual e uma alta disposição ao autossacrifício. Eles têm, aqui, uma grande influência sobre a juventude indiana.³

Esse era o pano de fundo contra o qual, durante a viagem de volta para a África do Sul, no outono de 1909, a bordo do *Kildonan Castle*, Gandhi escreveu o *Hind Swaraj* (Regulamentos Internos Indianos) em guzerate e em papel de carta do navio. O manuscrito original apresenta poucas exclusões. “Essa obra, a mais importante de sua vida, surgiu diretamente de seu coração. Ela foi redigida em um pouco mais do que uma semana, literalmente com as duas mãos, pois, ao desenvolver câimbras de escritor em sua mão direita, ele passou a escrever com a esquerda. Em seu prefácio, ele declarou: ‘Escrevi por não poder me conter’.”⁴

Esse manuscrito foi chamado de “um manifesto um pouco inflamado para um homem de paz”.⁵ Seu texto de trinta mil palavras repele a forma das lutas ocidentais, assim como o terrorismo. Gandhi declarou que o escreveu “como resposta à escola indiana de violência”.⁶ Ele apresenta uma curta história do movimento do governo indiano, a divisão de Bengala, que causou um “despertar” da vida política indiana, e o movimento *swadeshi*, inaugurado pelo líder nacionalista Bal Gangadhar Tilak, que incentivou o boicote aos produtos estrangeiros e a promoção da produção local.

Hind Swaraj contém tudo o que Gandhi havia absorvido de Ruskin, Tolstói e Thoreau sobre a vida simples e bem vivida, com inclusões de Edward Carpenter. O livro é uma forte condenação do que o progresso representava para o Ocidente: “Sinto que, se a Índia descartasse a ‘civilização moderna’, ela somente se beneficiaria com isso”; assim ele escreve em sua mensagem. “Minha intenção não é destruir ferrovias ou hospitais, embora, certamente, eu apreciaria sua destruição natural. Nem as ferrovias, tampouco os hospitais são sinais de alta e pura civilização. Na melhor das hipóteses, eles são um mal necessário. Os dois nada agregam à moral de uma nação.”⁷ Sua destruição, assim como a destruição dos tribunais, das máquinas e das tecelagens, ocorreria no devido tempo à medida que a integridade moral da nação fosse refinada. Gandhi queria um retorno às condições do país antes da revolução industrial, a qual tornou a prosperidade econômica o objetivo central das políticas.

“Se a Índia adotasse a doutrina do amor como parte ativa de sua religião e a introduzisse em suas políticas, o próprio Swaraj desceria do céu sobre a Índia... Eu não considero os ingleses meus inimigos, mas eu assim considero sua civilização.”⁸ Ele elogiava a cultura da Índia antes do advento das grandes cidades e das redes de ferrovias, a Índia das aldeias que ainda existiam em lugares que essa amaldiçoada civilização moderna não alcançou. Ele enxergava que o legado espiritual da Índia havia sido corrompido pelas ideias e tecnologia ocidentais. “Eu não

considero mais o que vocês e eu já consideramos até aqui como benéfico para a Índia... ferrovias, advogados e médicos empobreceram o país de tal forma que, se não despertarmos a tempo, seremos arruinados.”⁹ Ferrovias espalharam pragas; os advogados eram preguiçosos e superlativamente remunerados por serviços questionáveis; os médicos estimulavam as doenças ao tratar efetivamente as doenças que não teriam surgido se as pessoas tivessem um estilo de vida melhor. “Supondo que eu me viciasse, um médico me trataria, mas as probabilidades seriam que eu voltasse a me viciar.”¹⁰ Certa vez, Gandhi disse que desejava ser médico, mas essa não era mais a sua ambição. Em outro lugar, ele escreveu: “Eu estava desorientado quando considerei que deveria receber um treinamento médico. Seria pecaminoso até presumir que eu fizesse parte das abominações que ocorrem em hospitais”.¹¹ Ele também acusou as fábricas, o transporte aéreo e as editoras. “A forma de voltar a esse abençoado estado pré-industrial seria por meio da ‘resistência passiva’ definida como ‘um método de assegurar direitos através do sofrimento pessoal’; é o inverso da resistência pelas armas... Os que queiram se tornar resistentes passivos a serviço do país têm de observar uma castidade perfeita, adotar a pobreza, seguir a verdade e cultivar o destemor”, Gandhi advertiu. “Um homem que não é casto perde a sua resistência, torna-se emasculado e covarde. Aquele cuja mente é dada à paixão animal não é capaz de nenhum grande esforço.”¹²

A surpresa imediata de *Hind Swaraj* é a forma pela qual o livro está escrito — a do diálogo socrático com o qual Gandhi havia se familiarizado ao ler Platão enquanto estava na prisão. O “Editor” representa Gandhi como o “Leitor”, ao contrário de seus oponentes que preferem os meios mais violentos da ação direta. As autoridades que ele cita são quase todas ocidentais: seis livros de Tolstói, dois de Ruskin e dois de Thoreau, como também *The White Slaves of England* (Os Escravos Brancos da Inglaterra), o livro de R.H. Sherard (1897) sobre o sofrimento dos trabalhadores industriais, e o livro *Civilization: Its Cause and Cure*, do utópico socialista homossexual Edward Carpenter, que descreve a civilização como uma doença das comunidades de homens. Carpenter era um vegetariano que liderava a sua própria e pequena comunidade, perto de Sheffield. O fato de Gandhi usá-lo é particularmente digno de nota, porque Carpenter pregava a igualdade dos sexos e uma abertura maior a respeito de sexo, um reconhecimento da decência e beleza das relações sexuais como parte de uma “libertação” geral do jugo da civilização. Gandhi, seletivo como sempre, simplesmente preferiu não fazer referência a esse assunto.

Hind Swaraj era revolucionário em sua rejeição da modernidade; outros movimentos de libertação haviam rejeitado seus mestres com base no liberalismo ocidental, numa chamada para a autodeterminação e para os direitos do homem. Gandhi rejeitou tudo pelo modelo puramente indiano com o seu apelo para a agricultura e para a economia de aldeia como ideais a serem perseguidos, enquanto a nação desse as costas à modernidade. Gandhi não queria um “governo inglês sem os ingleses”. Não se tratava da força britânica, mas da fraqueza e do cego autointeresse indianos que mantiveram os ingleses na Índia, ele argumentou.

Anteriormente, ele havia lido a obra nacionalista de Annie Besant e reimprimiu o seu ensaio *How to Build a Nation* (Como Construir uma Nação) no *Indian Opinion*, em 1907. Ele também foi influenciado pelas reflexões do católico conservador, G.K. Chester, de que o nacionalismo

indiano não seria propriamente indiano se ele apenas apoiasse instituições ocidentais. Essa foi uma época de manifestos revolucionários para o novo século. Poucos anos antes, em 1902, Lenin escrevera o seu panfleto *What Is to Be Done?* (O Que Há de Ser Feito?), o qual descreveu o caminho para o comunismo, afirmando que não se deveria esperar que a classe operária levasse adiante a revolução espontaneamente — o que produziria apenas uma consciência sindicalista. O que eles precisavam era de um grupo de dedicados revolucionários profissionais para liderar e inspirá-los. Gandhi, com seus *satyagrahis* treinados no *ashram* (eremitério hindu) e uma base teórica centralizada, não estava longe desse ideal. Ele era notável, mas também era um homem de sua época: as influências que agiram nele haviam agido em outros que também almejavam remodelar o mundo.

Diferentemente dos comunistas que abraçaram a modernidade e o progresso material (sua filosofia subjacente era, apesar de tudo, *materialismo* dialético), Gandhi pensava que o estado de perfeita harmonia poderia ser alcançado somente por meios espirituais. Ele certamente percebia as realizações de outros revolucionários e, a respeito do bolchevismo, disse que “um ideal santificado por sacrifícios desses espíritos mestres como Lenin certamente deixaria a sua marca”.¹³ E, tal como os comunistas, Gandhi desconfiava do que os marxistas viriam a chamar de “democracia burguesa”. Ele estava desconfortável quanto à volubilidade das opiniões dos eleitores e com o controle pelos partidos políticos sobre o processo político, que deixavam pouco espaço para a ascendência gandhiana da consciência individual. Embora trabalhasse sempre dentro de organizações com um declarado objetivo democrático, Gandhi não queria comprometer-se como um batalhador pela democracia. Quando perguntaram que tipo de governo ele pretendia para a Índia, Gandhi respondeu: “Não estou interessado em palavras, e eu nunca me preocupo com a forma de governo”.¹⁴ Suspeita-se que Gandhi estivesse a favor de um rei benevolente governando uma nação de aldeias. Ele também acreditava na cooperação, e não no conflito entre o trabalho e o capital. Não tinha dificuldade em aceitar apoio de Ghanshyam Das Birla, um líder industrialista com interesses em quase toda a indústria, um benfeitor e seguidor de Gandhi durante trinta e dois anos, desde sua volta à Índia até a sua morte.

Astutos observadores indianos notaram as raízes do pensamento cristão na redenção pelo sofrimento também promovido em *Hind Swaraj*. Shyamji Krishna Varma, em seu jornal mensal *The Indian Sociologist* (“um órgão da liberdade e de reforma política, social e religiosa”), descreveu Gandhi como “Admirador de Jesus Cristo” e argumentou que ele estivesse tentando pôr em prática “a extrema teoria cristã”. Gandhi satirizou a crença no cristianismo dos imperialistas: “Eles parecem pensar que Jesus Cristo quis que os ingleses fossem os impositores de castigos; e os indianos, as vítimas, que deviam apresentar a outra face”.¹⁵ Krishna Varma, outro advogado nacionalista educado na Inglaterra, criticou a “doutrina de Gandhi do autossacrifício ou da rendição voluntária”. Ele estava certo ao acreditar que Gandhi aprovava a elevação do sofrimento do cristianismo: “Gandhi fez com que os seus seguidores indianos aprendessem as palavras do hino ‘When I Survey the Wondrous Cross’ (Quando Olho para a Esplêndida Cruz); ele sempre se emocionava até as lágrimas por versos como *See from his head, his hands, his feet/Sorrow and love flow mingling down* (Vejo desde

sua cabeça, suas mãos, seus pés, a emanção de um fluxo mesclado de tristeza e de amor)”.¹⁶

Hind Swaraj foi publicado em série no *Indian Opinion* da África do Sul e, depois, num livro em guzerate. Em março de 1910, o governo de Bombaim confiscou cópias de *Hind Swaraj*, como também as traduções em guzerate de *Defesa de Sócrates*, de Platão, e de *Unto This Last*, de Ruskin. Gandhi disse: “Eles estão num estado de pânico e, querendo fazer alguma coisa, pretendem parar a circulação de literatura que apresente o mínimo espírito de independência”. Ele então se ofereceu para ensinar o governo indiano a parar a disseminação da violência: “A única forma conhecida para erradicar a doença é popularizar a resistência passiva da forma correta. Qualquer outro método, principalmente a repressão, está destinado a fracassar a longo prazo”.¹⁷ A própria resposta de Gandhi a essa repressão foi repetir a ofensa: publicar a sua própria tradução em inglês de *Hind Swaraj*.

Depois de completada a campanha da África do Sul, Gandhi pôde retomar o seu trabalho sobre a independência indiana. Ele embarcou para Londres em julho de 1914, acompanhado por Kasturba e Kallenbach. Este levou consigo um par de binóculos, que Gandhi jogou ao mar para enfatizar a necessidade de abandonar os bens materiais. E foi melhor assim, pois um alemão chegando a um porto inglês, em agosto de 1914, com um potente binóculo poderia muito bem ser considerado um possível suspeito de espionagem. Enquanto as famílias Gandhi e Kallenbach estavam a caminho da Grã-Bretanha, a Europa preparava-se para a guerra.

E, novamente, Gandhi ofereceu-se para servir no corpo de ambulâncias, o que se tornou uma experiência menos compensadora à medida que Gandhi se envolveu na desafiadora disciplina que os instrutores, simples recrutas, tentavam impor — ele denominou essa disciplina de “*minissatyagraha*”. Gandhi adoeceu com pleurisia e, por conseguinte, foi dispensado da enfermaria. A sua saúde e a sua resistência, de modo geral, haviam sido solapadas pelo jejum de outono quando da “queda” de Manilal com Jeki e pelas dietas excessivas (nessa época, ele comia amendoins, bananas, limões, azeite de oliva, tomates e uva, mas nada de leite, cereais ou vegetais). Ele prometera não tomar mais leite ou *ghee* (manteiga de garrafa).

Em Londres, ele foi visitado pelo subsecretário de Estado da Índia, Charles Roberts, e sua esposa, dona Cecília, que o aconselhou a tomar leite e até encontrando um substituto para ele, mas Gandhi descobriu que esse nada mais era do que leite em pó e o rejeitou. Para tratar de sua doença com mais sensibilidade aos seus desejos, ele chamou o seu velho colega da Sociedade Vegetariana dr. Allinson, que o assegurou não haver necessidade de tomar leite e, além disso, receitou uma dieta sem gordura, com um regime de ar fresco e banhos quentes. Porém, a opinião médica era que Gandhi não melhoraria no clima inglês e que seria melhor se ele voltasse para a Índia, o que, na verdade, era o que ele havia planejado. Kallenbach pretendia acompanhá-lo, mas, como súdito de uma nação inimiga, ele não poderia ter acesso à Índia e, portanto, voltou para a África do Sul.

Gandhi esperava encontrar Gokhale em Londres a fim de discutir a sua futura carreira política, mas o seu mentor viajara para a França para tratar de sua diabetes e ali ficou preso por causa da guerra. Gokhale pediu à sua amiga, a poetisa nacionalista Sarojini Naidu, que visitasse Gandhi, um encontro que deu início a um longo e afetuoso relacionamento, sem

nenhuma adulação para com Gandhi, que era a característica de suas relações com muitos outros seguidores que lhe eram próximos. Naidu, uma mulher culta e independente, sempre manteve o respeito por ele com humor por seu orgulho espiritual. Em seu primeiro encontro com Naidu, Gandhi era “o retrato vivo de um homem pequeno com a cabeça raspada, sentado no chão sobre um lençol preto de cadeia, comendo uma refeição de tomates amassados, com azeite de oliva, numa tigela de madeira”. Ela riu ao ver essa distorcida figura do grande líder. Gandhi convidou-a a participar de sua refeição: “Não, obrigada”, ela respondeu. “Essa é uma mistura abominável.”¹⁸

Uma recepção foi realizada em sua honra por admiradores ingleses e indianos no Hotel Cecil. Entre os presentes estavam Sarojini Naidu e Mohammad Ali Jinnah, que liderava a delegação do Congresso e se encontrava em Londres representando o Parlamento. Gandhi disse ao público que os seus trabalhadores empobrecidos eram “o sal da Índia, sobre os quais será edificada a Índia do futuro”.¹⁹ Essa era uma novidade: a Índia independente das aspirações anteriores seria construída pelos advogados e administradores da classe média indiana — a introdução das massas ignorantes seria a contribuição de Gandhi.

Conforme mencionado anteriormente, o que deveria trajar em ocasiões específicas era sempre uma preocupação para Gandhi. Naquela época, ele havia definido o traje próprio para o clima em vez de qualquer outra coisa, condenando a noção popular “de que é melhor para nós usar trajes europeus por serem mais imponentes e imporem respeito por parte das pessoas”. Ele admitiu que “os trajes europeus eram próprios para os países frios da Europa, enquanto os trajes indianos eram próprios para os hindus e muçulmanos da Índia”.²⁰ A caminho da Índia a bordo do *Arabia*, no fim de 1914, Gandhi voltou a vestir os trajes dos trabalhadores servis em vez dos trajes europeus e, por conseguinte, identificou-se com o seu maior triunfo embora decidisse que, no futuro, ele vestiria “os trajes habituais” de sua classe em Gujarat — um turbante, uma camisa, o *dhoti* (calça de tecido indiano), manto e bandana. Não era a primeira vez que ele apresentava, de um lado, um desafio ao governo e, por outro lado, uma preocupação com o seu guarda-roupa. Quando ele e sua família chegaram a Bombaim em 9 de janeiro de 1915, era óbvio que a preocupação com sua aparência fosse justificada: uma grande multidão estava à espera para assistir à volta do grande líder à sua terra natal. Ele foi festejado com recepções realizadas em sua honra, inclusive uma recepção organizada pela comunidade de Gujarat e dirigida por Jinnah, um de seus líderes políticos. Gandhi surpreendeu seus anfitriões com o seu simples traje indiano e com a sua insistência em falar o seu nativo guzerate em vez do inglês.

Sua resposta ao discurso educado de boas-vindas de Jinnah foi a de “estar contente por encontrar um muçulmano da assembleia de sua região como também a presidindo”.²¹ Sua intenção era expressar essa frase de maneira positiva, mas essa foi a primeira vez, embora não fosse a última, que ele deixou totalmente de compreender Jinnah, para quem a sua religião era um fato, tal como a sua altura e a cor de seu cabelo, e não um caminho pelo qual ele deveria viver a sua vida e, certamente, não era um assunto de que ele gostava de falar a respeito.

Raithana Tyabji, filha de uma família rica de Bombaim, testemunhou sua atração por Gandhi apesar de sua deliberada aparência comum: “Eu estava em minha adolescência quando

tive a oportunidade de vê-lo em meio a sedas e brocados, ornamentos e joias brilhantes. Ele estava vestindo um *dhoti* feito à mão e parecia um pequeno alfaiate que entrara em cena por engano. A partir desse momento, meu coração passou a pertencer-lhe. Ele tornou-se meu pai, minha mãe, minha amiga, meu amigo, minha filha, meu filho, meu tutor, meu guru”.²²

Suas realizações haviam impressionado também os imperialistas: o governador de Bombaim, lorde Willingdon, quis reunir-se com Gandhi e lhe perguntou se ele pretendia agir contra o governo, ao que Gandhi respondeu voluntária e positivamente. Willingdon continuou: “Você pode me procurar sempre que quiser e verá que o meu governo nada faz de errado deliberadamente”.²³ Mais tarde, em 1915, o governo da Índia concedeu-lhe a medalha de ouro “Kaisar-i-Hind” por serviços prestados aos indianos na África do Sul. E, assim, os ingleses temporizaram suas suspeitas políticas sobre Gandhi, com elogios por suas indubitáveis qualidades de liderança, esperando poder ludibriá-lo e torná-lo um reformador, como Gopal Krishna Gokhale, em vez de um agitador, como Bal Gangadhar Tilak, que havia sido libertado da prisão no ano anterior.

Trabalhadores dirigiram-se a Gandhi com respeito a um opressivo cordão de isolamento na alfândega da estação de Viramgam (entre o principado de Kathiawar e a Índia britânica). Gandhi falou com Willingdon, que se condeou, dizendo, porém, que esse era um assunto do governo nacional. Quando Gandhi teve a oportunidade de encontrar-se com o vice-rei, em 1917 (na época em que a posição era ocupada por lorde Chelmsford), ele apresentou o assunto, e o cordão foi retirado. Gandhi assumiu o fato como um sucesso do *satyagraha* — embora, objetivamente, o ocorrido mais parece ter sido uma rotina diplomática a fim de prevenir a desobediência civil com respeito a um procedimento injustificável.

Laxmidas morreu em março de 1914, e seu irmão do meio, Karsandas, no ano anterior, deixando Gandhi como chefe da família. Ele viajou para Rajkot e Porbandar para visitar seus desolados parentes e, logo em seguida, estava ansioso por ver a sua comunidade de Fênix. A comunidade itinerante dos seguidores de Gandhi havia chegado a Shantiniketan, um centro educativo perto de Calcutá, fundado pelo poeta nacionalista de Bengala Rabindranath Tagore, o qual, em 1913, havia recebido o Prêmio Nobel de Literatura. Ali, eles foram assistidos por Charles Freer Andrews, um professor do centro.

Andrews, ex-pastor anglicano, encontrara-se com Gandhi na África do Sul durante o fim da campanha, quando Gokhale o enviara à Índia, como observador. Ele se tornou um dos mais entusiastas (embora crítico) seguidores de Gandhi, escrevendo vários livros e promovendo a sua mensagem ao público ocidental. Alojamentos separados haviam sido designados ao grupo de Fênix com Maganlal, primo de Gandhi, o seu encarregado, que fazia questão de que as regras de Gandhi fossem rigorosamente observadas.

Ao chegar a Shantiniketan, Gandhi tentou estender a sua mensagem de autoajuda aos alunos do centro, fazendo com que os cozinheiros fossem dispensados e com que os próprios alunos assumissem a tarefa de cozinhar. O fato é que nem todos aceitaram a nova regra de bom grado, alegando estarem no centro para serem educados e não para aprenderem a cozinhar. “Havia discussões diárias a esse respeito”, ele declarou laconicamente. A “experiência” foi descartada. Embora Gandhi estivesse ansioso por aplicar os princípios do *satyagraha* na Índia, Gokhale

aconselhou-o a não se envolver diretamente em ativismo, mas a ficar observando e aprendendo durante um ano. Gokhale considerou o *Hind Swaraj* concebido muito apressadamente e pensou que Gandhi chegaria a destruí-lo depois que vivesse um ano na Índia. Mas, em 1921, ele recomendou-o, dizendo: “Ele ensina o evangelho do amor em vez do ódio. Ele substitui a violência pelo autossacrifício e estabelece a força espiritual em vez da força bruta”.²⁴

Quando Gokhale morreu em Poona, a 19 de fevereiro de 1915, Gandhi para lá se dirigiu imediatamente. Ele considerou que Gokhale teve uma boa morte: “Ele morreu devidamente preparado, estava de posse de todas as suas faculdades e trabalhou até o fim”.²⁵ A respeito da mensagem que Gokhale lhe deixara, ele escreveu: “Ele costumava dizer que eu era tão rigoroso que as pessoas ficavam aterrorizadas e permitiam ser arrastadas contra a própria vontade, por medo ou para me satisfazer, e que os mais fracos simplesmente acabavam assumindo uma postura artificial; e também que eu sobrecarrego demais as pessoas”.²⁶

Gandhi nunca participara dos Servidores da Sociedade da Índia, sob o comando de Gokhale, porque sentia que fazer o que Gokhale queria fosse suficiente, sem a restrição de uma organização. Com a morte de Gokhale, Gandhi, então, queria tornar-se membro dessa sociedade, significando que, devido à sua experiência e posição nacional, ele teria condição de assumir a liderança da organização. Alguns membros da sociedade, que se reuniu em Poona, favoreceram a sua admissão, enquanto outros foram totalmente contra, provavelmente temendo que, em pouco tempo, a sociedade se tornasse apenas um veículo para as ideias de Gandhi. Ele simplesmente desistiu de sua associação a fim de não causar maiores conflitos.

Ele participou do festival religioso de Kumbha Mela, que ocorre uma vez a cada doze anos, onde ele foi introduzido ao tipo de vida que ele poderia esperar quando aparecesse em público: passou todo o tempo sentado numa tenda discutindo assuntos religiosos com peregrinos que queriam lhe falar e sendo tratado como um objeto de *darshan* — mérito religioso adquirido por observadores ao contemplar uma pessoa exaltada. A partir desse momento, ele seria procurado pelo resto de sua vida. Durante o festival, ele queixou-se: “Fui seguido até quando fui tomar banho por esses buscadores de *darshan*; tampouco me deixaram sozinho enquanto fazia minhas refeições”. Ele escreveu a respeito do “amor cego” dessas pessoas, que o deixaram irado e “triste de coração”.²⁷ Ofendido pela impiedade dos gananciosos homens santos, pela hipocrisia e pelo desmazelo de muitos peregrinos, Gandhi decidiu impor um ato de autonegação “em compensação pela iniquidade que ali prevalecia e para me purificar”.²⁸ Em abril de 1915, ele assumiu o compromisso de comer apenas cinco tipos de alimentos por dia, contando os condimentos separadamente, tal como cardamomo, e de nunca comer à noite.

Em maio de 1915, Gandhi estabeleceu o Ashram de Satyagraha em Kochrab, perto de Ahmedabad, onde os seguidores de Fênix formaram o núcleo numa casa em terreno alugado de um advogado local. Gandhi teria preferido estabelecer-se em Gujarat, a sua província de origem (e de muitos outros seguidores), mas também queria estar perto de Ahmedabad, um centro de tecelagem manual, e havia determinado que esse tipo de tecelagem fosse um importante movimento de independência. Ele também sentiu, desavergonhadamente, que os fundos teriam melhores condições de serem conseguidos de doadores dessa rica cidade. Era importante estar numa área britânica e não numa região que pertencesse a um principado, pois

seria o poder britânico que Gandhi desafiaria.

Considerando que o primeiro *ashram*, Fênix, havia sido fundado para economizar dinheiro a fim de poder assegurar o sucesso do jornal *Indian Opinion*, e o segundo, a Fazenda Tolstói, para abrigar os resistentes passivos encarcerados, nesse momento Gandhi declarava ao *Madras Mail* que o seu objetivo era “treinar jovens assim como mulheres e crianças para servir à Pátria”. Todos deviam desempenhar algum trabalho manual, e pela primeira vez foi “proposto introduzir também a tecelagem manual” e, inevitavelmente, assumir o compromisso de pobreza e de castidade, o qual seria “rigidamente observado na instituição”.²⁹

A disciplina que Gandhi impôs era ainda mais severa do que nos *ashrams* da África do Sul. Ele ficou revisando as suas já rígidas regras de conduta: “Se eu precisar de uma camisa para me cobrir, mas usar duas, serei culpado de roubar uma de outra pessoa, pois uma camisa que poderia ser usada por outra pessoa não me pertence. Se cinco bananas forem suficientes para satisfazer minha fome, ao comer a sexta, eu estarei cometendo uma espécie de roubo”.³⁰ Ele compilou listas de ferramentas e de utensílios de cozinha para o *ashram*, a serem pagos pelos Servidores da Sociedade Indiana, conforme prometido por Gokhale. Dessa vez, as regras foram escritas com bastante antecedência. Os residentes foram divididos em três classes: os controladores, os noviciados e os estudantes. Os controladores deviam comprometer-se, sob juramento, em dizer sempre a verdade, recusando-se a mentir mesmo que fosse para o bem do país; em praticar a não violência; em adotar a castidade, para “controlar o desejo”; em não roubar (no verdadeiro sentido da palavra e, ao mesmo tempo, não tomar da comunidade além do que era estritamente básico para suas necessidades); e em nada possuir. Eles também deviam usar *swadeshi* (produtos indianos), deviam ser destemidos, falar línguas nativas em vez da língua inglesa, desempenhar trabalhos manuais e tecer em teares manuais. As outras duas classes deviam seguir os mesmos padrões.

Posteriormente, as regras foram refinadas para exigir que os residentes do *ashram* renunciassem às crenças hindus quanto à intocabilidade e agissem como se estivessem fora do sistema de castas — mas sem solapar a disciplina da castidade. Gandhi manteve um delicado equilíbrio entre as crenças hindus da renúncia em geral, que poderiam ter alienado o seu vasto e potencial círculo de eleitores, e uma rejeição de práticas, como a intocabilidade, que eram incompatíveis com a decência comum. Um dos companheiros de Gandhi sugeriu sabiamente um voto de humildade para o *ashram*, talvez porque ele tivesse observado a arrogância espiritual dos *ashramitas*; mas Gandhi rejeitou a sugestão temendo que a “humildade deixaria de ser humildade no momento em que se tornasse uma questão de compromisso”.³¹ Charles Andrews também tinha dúvidas quanto às regras — ele disse: “Eu redigi para ele um extenso relatório e pedi, sinceramente, que retirasse o voto de castidade, que, para mim, parecia um desses atalhos, alheios à religião hindu, e que inevitavelmente desencadearia o mal ao seu redor”. Gandhi respondeu, entre outras coisas: “As pessoas que queiram praticar o serviço nacional ou aquelas que queiram ter um vislumbre da verdadeira vida religiosa devem praticar a castidade, casadas ou não”.³² Seus seguidores, assim como seus oponentes, viriam a se familiarizar com sua abordagem a esse criticismo, que simplesmente reiterava a proposta inicial com maior ênfase. Andrews permaneceu no acampamento de Tagore e não se juntou ao

grupo de Gandhi.

Havia muito tempo que Gandhi estava refinando a sua proscrição do sexo para incluir as pessoas casadas, e já era óbvio que considerava que o sexo deveria ser evitado até para efeito de procriação. Ele escreveu que a liberalidade sexual “e a consequente perda causam muito dano físico. A vitalidade da mente e do corpo desenvolvida durante muitos anos é tão prejudicada, até numa única ocasião, que leva muito tempo para recuperá-la, e, mesmo assim, o estado original nunca é recuperado totalmente... Tenho memórias vivas do estado mental exaltado antes de um lapso e da condição deplorável depois do mesmo”. Seu conselho aos maridos “era para que não ficassem sozinhos com suas esposas, que devessem dormir em quartos separados e que ficassem ocupados com afazeres úteis e pensamentos puros, e, quando sentissem desejo sexual, que tomassem um banho frio”.³³

Com o passar do tempo, uma disciplina até mais severa foi imposta, de maneira que, no fim da década de 1920, três violações às regras significavam a expulsão da fazenda; as violações mais frequentes incluíam o atraso na hora das orações e não tecer a cota diária de fio. É possível dizer que as muitas regras e o regime imposto tinham por função a disciplina do local: a manipulação do sexo por um líder de culto, como Gandhi, somente serve para aumentar a devoção ao próprio líder, enfraquece os elos entre os casais e intensifica a conexão com o guru.³⁴

O dia no *ashram* começava às 4 horas, orações às 5 horas, depois, o café da manhã e trabalho manual das 7h até 8h30. Em seguida, escola para as crianças e, ao meio-dia, o almoço. Das 12 às 15 horas mais trabalho escolar e, em seguida, trabalho manual. O jantar acontecia entre 17 e 18 horas, com orações às 18h30. A partir das 19 horas, os *ashramitas* estavam livres para estudar ou receber visitas. Na fazenda não havia professores empregados, mas cinco pessoas dentre os trinta e cinco *ashramitas* eram professores e com condições de desempenhar a tarefa de educar as crianças, portanto, esse aspecto da vida não foi tão negligenciado quanto o foi nas comunidades anteriores de Gandhi.

Com a praga castigando Kochrab, no verão de 1917, o *ashram* foi transferido para um novo campo, a cerca de 8 quilômetros de Ahmedabad. Gandhi estava satisfeito com a sua proximidade do Presídio Central de Sabarmati, o local de encarceramento onde os *satyagrahis* pretendiam ser presos. Muitos ficaram decepcionados com a falta de envolvimento governamental no *ashram*, onde o tempo era tomado pelas tarefas monótonas e orações, mas nunca se duvidou de que Gandhi estivesse preparando seus seguidores para uma guerra santa na qual alguns poderiam morrer. Certa noite, após as orações, ao explicar a importância da disciplina do *ashram* e o papel que lhe reservava na luta nacional para a liberdade, ele disse que

esperava pelo dia em que convocaria todos os residentes do *ashram*, treinados nessas disciplinas, para se sacrificarem no altar da não violência. Insensibilizado, ele os observaria caindo, um a um, diante de uma saraivada de balas, sem nenhum indício de medo ou de ódio, mas apenas amor em seus corações. E, quando o último caísse, ele também os seguiria.³⁵

Contudo, Gandhi não chegou a ordenar que seus seguidores se suicidassem, porém à luz dos

cultos, do fim do século XX, de Jim Jones em Jonestown, de David Karesh em Waco e de Marshall Applewhite em Rancho Santa Fé, as exortações de Gandhi têm uma nuance inconfortavelmente moderna.

Gandhi tinha uma desafiadora reforma a ser realizada no *ashram*: banir “esse miserável, deplorável e escravizador espírito de ‘intocabilidade’... uma mancha inapagável que o hinduísmo carrega consigo”.³⁶ Os *ashramitas* eram submetidos ao juramento de se oporem à discriminação dos intocáveis, mas esse foi um juramento fácil de ser assumido num lugar onde não havia intocáveis, pois não era esperado que essa desdenhada classe quisesse entrar para o *ashram* — os “intocáveis” haviam incorporado o desgosto que os outros sentiam por eles e raramente tentavam se misturar com outras castas. Alguns meses depois do estabelecimento do *ashram*, em setembro de 1915, Gandhi recebeu um pedido por meio de um confiável seguidor para que uma família de intocáveis se juntasse a ele. Gandhi não esperava que esse juramento fosse posto à prova tão rapidamente, mas ele deu as boas-vindas a Dudabhai, um professor de Bombaim, e a sua esposa e filha, recebendo-os em seu meio desde que observassem as regras que todos seguiam.

Com o *ashram* agora “contaminado”, todo o apoio financeiro parou. O encarregado do poço, que o *ashram* compartilhava com outros locais, considerou que as gotas de água dos baldes puxados por Dudabhai seriam contaminadas e começou a insultar os *ashramitas* e a molestar Dudabhai. Eles foram ameaçados de um boicote social — seriam alienados e lhes seriam negadas as facilidades da comunidade de maneira que fossem forçados a sair. Gandhi disse a Dudabhai para suportar o abuso e continuar a puxar a água do poço a qualquer custo. Isso causou um resultado positivo: percebendo que o seu abuso não tinha efeito algum, o encarregado “ficou envergonhado e parou de persegui-los”.³⁷

Gandhi reagiu às críticas com a sua característica coragem: caso fossem forçados a sair da área, ele transferiria a comunidade inteira para o bairro dos intocáveis, em Ahmedabad, e ali estabeleceria o *ashram*. Ele não se sujeitaria à injustiça. Porém, logo descobriu que o *ashram* não tinha mais fundos e que nada tinham para o próximo mês. Pouco tempo depois, um carro estacionou fora do *ashram*, e dele desceu um mensageiro enviado para buscar Gandhi. O dono do carro era Ambalal Sarabhai, dono da maior tecelagem de Ahmedabad, que lhe proporcionou dinheiro suficiente para assegurar o futuro do *ashram* durante um ano — financeiramente, eles agora podiam acalmar a tempestade.

Entretanto, havia hostilidade também no *ashram*: as mulheres estavam particularmente ofendidas pela presença dos intocáveis. A mulher e a filha de Dudabhai não tinham permissão para entrar na cozinha, e qualquer coisa que a criança tocasse era imediatamente lavada. Kasturba e a esposa de Maganlal, Santokben, eram as que mais ofendiam, evitando escrupulosamente qualquer contato com a família intocável.

Para o recém-estabelecido *ashram*, esse era um desafio de maior magnitude do que os seus problemas financeiros. Certo dia, durante as orações da noite, Gandhi deu um ultimato: Dudabhai e sua família deviam ser completamente aceitos, e quem não quisesse aceitá-los deveria sair da comunidade. Ele havia colocado esse ultimato para Kasturba pessoalmente: “Eu disse a sra. Gandhi que ela podia me deixar e que nos separaríamos como bons amigos”.³⁸

Kasturba permaneceu, movida pelo paradoxal apelo à ortodoxia de Gandhi: “O argumento de que uma mulher que seguisse os passos de seu marido não incorreria em pecados a ele atribuídos acalmou-a”.³⁹ Vários residentes foram ao quarto de Gandhi e pediram o seu perdão, alguns até se aproximaram da família intocável para se desculparem. Entretanto, Maganlal, o discípulo mais confiável de Gandhi, jejuou a título de protesto contra a admissão dos intocáveis, e Gandhi jejuou em resposta. Maganlal e sua esposa acabaram abandonando a comunidade.

A posição de Gandhi foi assim corroborada: seus seguidores foram advertidos de que a oposição à intocabilidade não era um sentimento piedoso, mas um fato. Mais tarde, ele descobriria que eram os hindus mais ortodoxos que continuavam a prover fundos para as crescentes despesas do *ashram*; a sua firmeza nesse princípio não os havia afastado.

Gandhi estava ativamente buscando pessoas de habilidade que lhe fossem úteis e obedientes. Essa era uma combinação-chave. De fato, os *ashramitas* eram obedientes, mas faltava-lhes a capacidade de agir independentemente, enquanto os ativistas do Congresso possuíam as qualidades opostas — demasiada independência sem suficiente obediência ao pensamento gandhiano.

Um novo discípulo que deixaria registro permanente foi Mahadev Desai, um advogado e membro do *Home Rule League* (Liga do Governo Autônomo) de Annie Besant. A respeito de uma visita, em agosto de 1917, ele escreveu que Gandhi “criou em mim uma mistura de sentimentos de amor, de espanto e de deleite”. Gandhi confidenciou ao idealista de 25 anos: “Não foi sem motivo que pedi a sua visita diária a esse local. Quero que você venha e fique aqui comigo. Percebi a sua capacidade durante os últimos três dias. Descobri em você o tipo de jovem pelo qual estive à procura durante os últimos dois anos”. Ele contou que falara dessa forma a apenas três pessoas antes — Polak, Schlesin e Maganlal —, mas a respeito desse último ele disse: “Entretanto, vamos deixar de lado Maganlal. A inteligência que percebi em você, eu não a percebi nele”.⁴⁰ Nas palavras de Gandhi, “Desai tornou-se o meu homem”. Com sua esposa, Desai juntou-se a Gandhi em Champaran na campanha seguinte, a do anil, tornando-se o constante companheiro e amanuense de Gandhi até morrer, ao lado do mestre, vinte e cinco anos mais tarde.

O comportamento ditatorial de Gandhi com seus filhos continuou no *ashram*. Em 1916, ele expulsou Manilal por ter ajudado seu irmão Harilal, que precisou de ajuda por haver perdido dinheiro especulando com os fundos de seu empregador, o qual o dispensou. Ele escreveu para Kallenbach: “Esta carta lhe desagradará, mas tenho de transmitir-lhe esta informação. Manilal decepcionou-me novamente. Ele deu dinheiro para Harilal, mas, quando o questionei, ele disse que nada sabia a respeito”.⁴¹ Manilal foi enviado para Madras, onde teria de viver com seus próprios recursos. Ele somente seria readmitido depois de conseguir o mesmo valor que dera a Harilal além do custo da passagem. Gandhi, então, iniciou um novo jejum. Ele não conseguia entender que, ao dar a Manilal a opção entre desobedecer ao seu pai e abandonar o seu irmão, colocara uma carga moral impossível sobre o jovem. Para Gandhi não havia meio-termo: a ação era certa ou errada. Entretanto, ele enviou, posteriormente, uma carta a uma editora em Madras, recomendando Manilal para um emprego na empresa gráfica.

Pode ter sido a repreensão silenciosa de Kasturba que fez com que Gandhi tivesse compaixão por Manilal. Ela não podia criticar abertamente as suas decisões, mas a sua contrariedade era óbvia. Ele disse: “Aprendi de minha mulher as lições da não violência. Sua determinada resistência à minha vontade, de um lado, e sua silenciosa submissão ao sofrimento que minha estupidez provocava, por outro lado, faziam com que eu ficasse envergonhado de mim mesmo e curaram minha estupidez”.⁴² Mais tarde, Gandhi se queixaria pelo fato de que Manilal “encontrara meios de viver com comodidade e luxo. Ele abandonou a vida disciplinada para ser iniciado na vida da indulgência”.⁴³ Por outro lado, Harilal não teve condições de sustentar sua esposa, Gulab, que teve de voltar à casa de seus pais. Ela também visitou o *ashram*, onde Gandhi achou mais fácil desfrutar a presença de seus netos do que a de seus filhos.

Agora, Gandhi demarcava o seu eleitorado. O seu grande sucesso na África do Sul havia sido com os pobres, e ele identificava-se cada vez mais com eles pelos seus trajes, pelo seu padrão de vida no *ashram*, pelo seu uso do vernáculo em vez da língua inglesa e pelas suas incansáveis viagens nos deploráveis compartimentos da terceira classe. O Congresso havia ignorado as massas, afirmando que nunca falava pelos milhões de pobres e analfabetos da Índia. Os ingleses haviam encorajado a estável classe média: seus direitos eleitorais baseavam-se na renda tributável ou na educação. Gandhi fez campanhas para o autoaperfeiçoamento; ele queria que seus compatriotas prestassem mais atenção à limpeza pessoal e à higienização, e argumentava com as autoridades por condições melhores para os passageiros das ferrovias e dos barcos.

Ele também argumentava por uma linguagem comum, originalmente promovendo o híndi, mas, achando que não fosse suficientemente inclusivo, ele preferiu que fosse adotado o hindustâni, uma mistura de híndi e urdu, como idioma nacional na sua forma escrita em substituição ao urdu (uma escrita arábica modificada) e na forma da escrita devanagari (com traços distintos acima das letras combinando e juntando-as). Portanto, esse não era um assunto insignificante, mas uma potencial fonte de desunião entre os hindus, que queriam a forma pura do híndi como idioma nacional, e os muçulmanos, que queriam a permanência do urdu. Finalmente, Gandhi sugeriu que todos os alunos devessem aprender o hindustâni escrito nas duas formas. Ele teve trabalho com aqueles que o acusaram de insinceridade sobre a questão da língua, devido ao seu próprio uso liberal do inglês. Ele também foi criticado por aqueles que sentiram que o charme e a pureza do híndi estavam sendo sacrificados para satisfazer os muçulmanos. Um crítico severo (um militante hindu), Nathuram Godse, observou: “Todos na Índia sabem que não existe nenhum idioma chamado hindustâni; não tem gramática nem vocabulário. Trata-se de um simples dialeto falado, mas não escrito. É uma língua bastarda de criação cruzada entre o híndi e o urdu, e nem mesmo o sofisma do Mahatma poderia torná-lo popular”.⁴⁴

Na abertura da Universidade Hindu de Benares, em fevereiro de 1916, naquele que foi chamado o discurso mais incendiário que Gandhi poderia ter feito, Gandhi seguiu a mesma linha de Annie Besant, que tinha elaborado uma reflexão sobre o desenvolvimento constitucional do *status* da Índia dentro do Império Britânico. Havendo servido mais do que o

ano de silêncio político exigido por Gokhale, Gandhi agora era mais radical. Na atmosfera difícil que seguiu o atentado a bomba à vida do vice-rei lorde Hardinge (o qual, acidentalmente, simpatizava com a causa de Gandhi e havia atuado para acabar com o sistema de trabalho servil), ele falou contra a violência na causa nacionalista. Suas boas distinções podem não ter sido compreendidas ou foram mal interpretadas, pois ele falava a respeito da violência política e aplaudia o espírito, e não as ações, dos “anarquistas”. “Por favor, parem com isso”, dissera Annie Besant, e os príncipes que se encontravam na plataforma levantaram-se e saíram em bloco, talvez pensando equivocadamente que ele estivesse desculpando os ataques sobre a dominante classe política.

Mas Gandhi seguiu dizendo: “Eu comparo os nobres, ricamente enfeitados, com os milhões de pobres e sinto que devo dizer a esses nobres: ‘Não há solução para a Índia a menos que vocês se livrem dessas joias e as coloquem em confiança, a benefício de nossos compatriotas na Índia’... A nossa salvação somente pode proceder por intermédio do agricultor. Nem os advogados, tampouco os médicos ou os ricos proprietários de terras a conseguirão”.⁴⁵ O que parecia tão inflamatório, até semelhante ao comunismo, não era bem isso: ele não estava incitando os camponeses a derrubar seus senhores, mas incitando os senhores a desempenhar suas responsabilidades morais junto aos pobres.

Em 1916, avanços foram feitos na política nacionalista da Índia, com Gandhi assumindo um papel menor. Como Pherozeshah Mehta e Gokhale haviam morrido em 1915, o caminho estava aberto para os radicais progredirem. Tilak e Besant estabeleceram o Home Rule Leagues (Ligas de Governo Autônomo) em 1916, em Poona e Madras respectivamente, e Jinnah tornou-se presidente de uma das Ligas em Bombaim. “Autonomia” significava *status* de domínio dentro do Império, tal como era o *status* da Austrália, da Nova Zelândia, do Canadá, da Terra Nova e da África do Sul.

Todos os nacionalistas estavam preocupados com respeito à unidade da Índia depois da independência; grandes esforços foram feitos para que os muçulmanos favorecessem a autonomia. Os muçulmanos, que constituíam um quinto da população da Índia, temiam ser esmagados pela “hinduização” da nação caso os ingleses saíssem da Índia. Isso se baseava, sem dúvida, em clara justificativa. Os muçulmanos haviam conquistado a Índia no século XVI para serem novamente vencidos pelos ingleses. Para muitos hindus, a autonomia significava a restauração de uma nação hindu, e o hinduísmo profundo de Gandhi nada fazia para dispersar essa noção. Os secularistas de aparência ocidental, como Jinnah e a família Nehru, eram uma melhor opção para um estado no qual a cidadania seria mais importante do que a religião, mas esse estado seria considerado anátema para a forma de pensar de Gandhi.

Embora Jinnah fosse conhecido como embaixador da unidade hindu-muçulmana, ele estava longe de ser um muçulmano convencional. Era um sofisticado, ocidentalizado e secular muçulmano, que bebia, comia carne de porco e se casara com uma mulher pársi, filha de um amigo, por quem se apaixonara à primeira vista quando ela estava, então, com dezesseis anos. Ele não tinha vergonha de desfrutar tanto da cultura ocidental quanto da oriental e das boas coisas da vida. Portanto, ele nada tinha a ver com os propósitos de Gandhi, embora compartilhasse de sua mesma bancada, e, na Conferência Provincial de Bombaim ocorrida em

Ahmedabad, em outubro de 1916, Gandhi propôs — com sucesso — que Mohammad Ali Jinnah devesse presidi-la.

Jinnah não havia sido membro da Liga Muçulmana quando ela foi fundada, em 1906, pois a Liga havia sido dedicada à lealdade do conceito do governo britânico na Índia. Entretanto, em 1913, a Liga modificou sua plataforma, dedicando-a à independência da Índia. Em seguida, Jinnah tornou-se membro da Liga e uma figura de liderança tanto da Liga Muçulmana quanto do Congresso Nacional Indiano. Do seu ponto de vista, numa Índia independente, a segurança dos muçulmanos era garantida, detendo um terço dos representantes parlamentares.

Em 1910, Jinnah tornara-se um membro do Conselho Legislativo Imperial. Outro membro era Motilal Nehru, um advogado de grande sucesso e desafiadoramente secular em seu comportamento: ele insistia que o inglês fosse falado em sua grandiosa residência, bebia os melhores vinhos, não era considerado religioso e, como indicação de seu desprezo pelo fanatismo hindu, embora fosse um brâmane, tinha um “intocável” como servidor pessoal.

O Pacto de Lucknow foi um acordo entre o Congresso Nacional Indiano e a Liga Muçulmana. Em uma reunião na residência da família Nehru, em Allahabad, nas Províncias Unidas, o Congresso e a Liga, num acordo simultâneo em Lucknow, em dezembro de 1916, concordaram em trabalhar juntos para um próximo governo autônomo com base em entendimentos que proporcionariam um sistema constitucional, com eleições diretas e eleitorados separados para as minorias religiosas. Gandhi não teve um papel importante nessas manobras políticas. Realmente, a mente secular que concebia a Índia com eleitorados separados a fim de proteger os interesses das minorias religiosas era, de fato, remota a partir de sua noção de uma Índia com aldeias autossuficientes baseadas no *Ramayana* e seus habitantes unidos em suas aspirações espirituais.

Em 1916, Gandhi encontrou-se pela primeira vez com Vallabhbhai Patel, um homem de origem camponesa que, pelos seus próprios esforços, chegou a ser um advogado treinado em Londres. Ele era de Gujarat, como Gandhi e Jinnah. Destinado a se tornar ministro do Interior e, em seguida, vice-primeiro-ministro no primeiro governo indiano, Patel tinha Gandhi sob suspeita por suas ideias loucas, sugerindo certa vez que ele “lhe perguntasse se saberia como separar seixos do trigo. E isso, supostamente, deveria levar-nos à independência”.⁴⁶ Posteriormente, ao se reencontrarem nesse ano em Lucknow, quando o Congresso e a Liga Muçulmana se reuniram, ele caiu sob o feitiço de Gandhi. Mais tarde, Gandhi fez com que Patel assumisse o comando de uma *satyagraha* de camponeses que resistiam à exigência de um imposto injusto em Kheda, distrito de Gujarat; foi ali que Patel ganhou o direito de ser considerado o primeiro tenente de Gandhi no campo da campanha.

O modo de operar de Gandhi, como de costume, era por meio da religião, e não pela máquina eleitoral. Ele formou um relacionamento com os irmãos Ali, dois educados muçulmanos que dele se aproximaram depois de um discurso que fizera a estudantes de Calcutá. Em comum com muitos muçulmanos, os irmãos estavam preocupados quanto à posição que a Índia tinha no Império Britânico, ou seja, eles sentiam que estavam na mesma posição quando da guerra contra o Império Otomano, iniciada em 1914.

Desde o século XVI, todo imperador otomano se declarava califa ou chefe da comunidade

de crentes, assumindo, assim, a autoridade do estado e da religião. Como a Turquia dominava a Arábia, onde os santuários islâmicos se localizavam, os partidários dos otomanos poderiam declarar que um ataque ao seu império seria um ataque à sua religião e aos herdeiros do Profeta. Esse era o Califato, referido como Khilafat, na Índia. Mohammad Ali e Shaukat Ali haviam sido aprisionados, de acordo com o Ato de Defesa da Índia, por pregar oposição ao esforço da guerra britânica e dar suporte ao Khilafat.

Gandhi enxergava a questão do Khilafat como um assunto que lhe era caro, combinando a religião com o sentimento antibritânico. Ele pressentiu que essa era uma questão com a qual poderia unir hindus e muçulmanos. Parecia-lhe impróprio beneficiar-se das dificuldades pelas quais a Inglaterra estava passando na 1ª Grande Guerra, e, nessa época, ele moderou o seu sentimento antibritânico. Por outro lado, Annie Besant acreditava que “a necessidade da Inglaterra fosse a oportunidade da Índia” e começou a explorar o pressionado império. Animada pela reação dos ingleses ao Levante da Páscoa, em Dublin, em 1916, Besant elevou a sua denúncia do império às alturas. O novo vice-rei, lorde Chelmsford, concordou com as exigências de fazê-la calar, e ela foi presa em 1917.

Gandhi havia considerado realizar uma campanha *satyagraha* sobre a questão, mas, não recebendo o suporte do Congresso, pensou melhor em não realizá-la. Annie Besant foi liberada em setembro daquele ano. Gandhi estava preparado para promover heróis locais, mas foi somente quando se sentiu mais confiante para dar apoio a Jawaharlal Nehru que as suas campanhas deram apoio a figuras nacionais. Ele também considerou um *satyagraha* para os irmãos Ali, mas, quando teve condições de prosseguir, havia outros assuntos mais prementes para ocupá-lo.

Gandhi não fez grandes tentativas para persuadir líderes do Congresso, tal como fizera em suas tentativas anteriores a fim de introduzir-se na política nacional. Sua grande realização, durante seus primeiros anos na Índia, foi mobilizar os trabalhadores industriais e agrícolas. Ele havia sido provocado por um agricultor chamado Rajkumar Shukla, primeiro em Lucknow, onde ele e Gandhi participaram do Congresso de dezembro de 1916. Shukla queria que Gandhi voltasse a sua atenção para a péssima situação em que os plantadores de anil se encontravam em Champaran. Gandhi nada sabia sobre o anil, como tampouco sabia onde Champaran se situava e, quando soube, ele não tinha nenhuma intenção de viajar até o sopé do Himalaia, na província de Bihar. Shukla o seguiu para outra cidade e, em seguida, foi para o *ashram*, onde esperou por Gandhi para repetir o seu pedido. Quando Gandhi foi para Calcutá, onde tinha um compromisso, Shukla também estava lá. Finalmente Gandhi concordou em visitar Champaran e viajou de trem para Bihar com Shukla, que passou a lhe informar tudo o que ele precisava saber sobre a situação dos plantadores de anil.

Para poder sobreviver, os plantadores de anil eram obrigados a cultivar três de cada vinte partes de sua melhor terra com a planta que produzia o precioso corante a ser entregue, a preços fixos, aos seus senhores. Essa era uma imposição injusta, mas os plantadores haviam sido explorados mais ainda, e seus aluguéis eram manipulados pelos ambiciosos fazendeiros à medida que o preço mundial do anil oscilava. Os plantadores tinham sido envolvidos em disputas legais, nas quais seus advogados os haviam grandemente empobrecido sem resolver

os problemas. Shukla era um plantador razoavelmente bem-sucedido que havia sido envolvido em agitações contra os fazendeiros e preso temporariamente devido a essa sua campanha. Percebendo que nada podia fazer sozinho, ele procurou as habilidades inspiradoras de Gandhi.

Quando chegaram ao destino, pouco antes da meia-noite, uma multidão de estudantes estava à espera do grande homem, mas ficaram desapontados por não encontrá-lo nem nos vagões de primeira nem nos de segunda classe. Eles haviam ignorado Shukla, um mal-educado camponês, até revelar que Gandhi estava com ele. Shukla levou-os a Gandhi, dizendo: “Eis o Mahatma”. Essa, talvez, tenha sido a primeira vez que o título honorífico de “grande alma”, normalmente dirigido na Índia a pessoas que atingiram um nível de iluminação espiritual, foi dirigido a Gandhi.⁴⁷ Os estudantes ficaram tão entusiasmados com a sua presença que desatrelaram os animais da carruagem que havia sido enviada para buscá-lo e puxaram-na eles mesmos.

A primeira ação organizacional de Gandhi foi convocar os advogados que haviam representado os agricultores a fim de dizer-lhes que esquecessem o processo no tribunal — essa situação tinha de ser tratada politicamente. Eles tinham de coletar declarações dos agricultores para demonstrar a precariedade da situação e não deveriam esperar nenhum honorário por esse trabalho. Gandhi desconhecia duas das línguas locais e tinha dificuldade com o dialeto híndi, falado regionalmente; portanto, precisava de intérpretes. Seis advogados concordaram em assisti-lo, talvez impressionados com a novidade e a audácia da sugestão de Gandhi e pela própria força de sua personalidade. Um dos ajudantes, um *vakil* (advogado de tribunal) e intérprete, chamava-se Rajendra Prasad, o qual, posteriormente, se tornaria o primeiro presidente da Índia.

Em abril de 1917, Gandhi convocou a Associação dos Fazendeiros Britânicos para informá-los do seu trabalho e passou a visitar os arredores da região a fim de se cientificar da real situação. Ele levantou fundos dos ricos residentes do local e, através dos jornais, publicou vários artigos para que a nação ficasse a par dos acontecimentos nesse remoto canto do subcontinente. Para coletar informações das aldeias, enviou voluntários, que viajavam a pé e montados em elefantes para as áreas mais distantes. Dentre os aldeões, que nada sabiam de Congresso ou de políticas nacionais, Gandhi adquiriu um estado mítico. Ele passou a ser considerado como o destemido vingador de suas aflições, herdeiro do manto dos heróis do *Ramayana*. A certo ponto, o governo local, que estava no bolso dos fazendeiros, ordenou-lhe sair da região. Gandhi negou-se a obedecer e foi preso para ser levado a julgamento.

O governo de Bihar tentou adiar o caso contra Gandhi, mas ele estava determinado a assumir a culpa por desobedecer à ordem de sair da província e pediu para fazer uma declaração. Ele explicou que ali viera para estudar os problemas entre os fazendeiros e os plantadores de anil “com a assistência, se possível, da administração e dos fazendeiros”, com os quais entrara em contato para obter suas observações.⁴⁸ Gandhi também havia reportado detalhes da situação para o vice-rei e para outros dignitários. Depois de um curto espaço de tempo, o caso contra Gandhi foi anulado e foi-lhe assegurada assistência oficial para a sua investigação.

Gandhi acomodou-se, juntamente com seus ajudantes, numa casa para a qual os camponeses

se dirigiam para contar-lhe suas histórias ou simplesmente para reverenciá-lo. Seu comissionamento tolerava a presença dos detetives do governo, tratando esses indesejados convidados com cortesia, e, longe de intimidar os entrevistados, eles confirmavam a oficialidade e a aprovação dos procedimentos. Cerca de oito mil depoimentos foram coletados de 850 aldeias, num período de seis meses.

Porém, havia outro caso acontecendo em Bihar. Os fazendeiros controlavam as autoridades governamentais, mas os oficiais mais sofisticados do governo nacional sabiam que essa era uma província afligida e que o seu comportamento fraudulento não suportaria o tipo de escrutínio internacional que Gandhi poderia atrair. O *satyagraha* de Gandhi era apoiado pelo governo da Índia, o qual não permitiria que a administração de Bihar viesse a perseguir seus seguidores a fim de favorecer os lucros dos fazendeiros.

Consequentemente, o vice-governador, sir Edward Gait, pediu uma entrevista com Gandhi e disse-lhe estar disposto em concordar com uma investigação governamental. Gandhi participou desse comitê de investigação, que resultou num relatório unânime a favor dos plantadores, recomendando que aos fazendeiros que devolvessem alguns valores em dinheiro e pedindo ao governo que proibisse por lei o plantio compulsório. Finalmente, o Ato Agrário de Champaran, em 1917, aboliu o cultivo forçado do anil e reduziu os aumentos de aluguéis impostos aos fazendeiros. Essas providências não acabaram com os conflitos entre plantadores e fazendeiros, mas as habilidades organizacionais foram amplamente elogiadas.

Com a disputa dos operários de Ahmedabad, um conflito às portas do *ashram*, Gandhi passou a envolver-se num território muito mais controverso. Os donos das tecelagens eram representados por Ambalal Sarabhai, um simpatizante de Gandhi, conforme demonstrara com sua anterior doação de fundos na época das dificuldades financeiras do *ashram*. Ele recebia em sua residência amigos do grupo de Gandhi, tal como Rabindranath Tagore, Motilal Nehru, Harry e Millie Polak, e C.F. Andrews. Ele também era incomum em outros aspectos: tratava sua esposa em pé de igualdade, sendo que ele próprio a escolhera, e não seus pais. Mais tarde, ele disse que sua amizade por Gandhi se baseava numa paixão comum pela abolição do sistema de castas e de outras desigualdades dentro da sociedade indiana, e num interesse comum pela derrubada do domínio britânico.⁴⁹ Gandhi havia apoiado o movimento *swadeshi* a fim de promover os tecidos produzidos na região, o que provocou um enorme incremento no segmento das tecelagens, como a de Sarabhai, mas, agora, Gandhi estava voltando-se contra os métodos fabris para promover a tecelagem manual, mesmo não se tornando a obsessão que viria a ser posteriormente.

Os operários das tecelagens eram representados pela irmã de Ambalal, Anasuya. Renunciando a um casamento anterior, ela fora para Londres estudar medicina e, em seguida, serviço social. De volta à Índia, ele passou a se dedicar a questões sociais que afetavam os trabalhadores industriais, sendo apelidada de mãe do Sindicato do Trabalho. Suas campanhas eram dirigidas aos direitos das trabalhadoras e estabeleceu escolas para seus filhos.

A presente disputa havia começado depois que uma epidemia em Ahmedabad levou os donos das tecelagens a pagar um “bônus de epidemia”, visando a manter os trabalhadores em

suas máquinas quando muitos estavam fugindo da cidade. Isso representava até 70 por cento de seus salários básicos. Quando a epidemia amainou, os bônus também foram sendo reduzidos, e, então, os operários pediram um aumento em seus salários. Anasuya pediu a Gandhi que falasse com eles. Gandhi ficou satisfeito em poder entrar nas relações trabalhistas — afinal, foi nesse mesmo segmento que ele teve o seu único e verdadeiro sucesso na África do Sul. Fez um discurso pedindo aos trabalhadores que apresentassem exigências justas, que fossem asseados, que se livrassem de seus vícios e que assegurassem a educação de seus filhos.

Em face da agitação, os proprietários das tecelagens decidiram neutralizar antecipadamente qualquer ação industrial ao tomar a iniciativa e impuseram um *lock-out* (greve patronal) a partir de 22 de fevereiro de 1918. Como representante dos donos das tecelagens, Ambalal Sarabhai estava em contraposição não apenas à sua própria irmã, mas também a Gandhi, o líder espiritual cujo trabalho ele estava financiando. De acordo com os termos da greve patronal, somente os trabalhadores que estivessem preparados a aceitar um aumento inegociável de 20 por cento sobre seus salários básicos teriam permissão para trabalhar nas fábricas. Os trabalhadores combinaram entre si a somente aceitar um aumento de 35 por cento.

Gandhi ofereceu-se para arbitrar a questão e passou dias e noites nos distritos dos operários, acompanhado por Anasuya e por alguns de seus partidários, aconselhando, proporcionando ajuda médica e distribuindo panfletos cuja mensagem era transmitida pelos poucos alfabetizados. Gandhi sentava-se embaixo de uma árvore e ensinava a necessidade do sofrer e do temor a Deus. Mais tarde, eles voltavam à casa de Ambalal para tomar chá quando o anfitrião, às vezes, comparecia para trocar ideias a respeito dos eventos do dia ou dirigia-se ao *ashram* para falar com Gandhi sobre a disputa. Lá, Gandhi e Ambalal comiam a pouco rebuscada refeição do local junto com os representantes dos trabalhadores.

A greve patronal chegou ao fim, e uma greve dos trabalhadores foi iniciada em 11 de março. As condições dos grevistas pioraram, e eles começaram a ficar impacientes quando Gandhi proibiu que fizessem piquetes em frente às fábricas. Evidentemente, essa não era uma disputa industrial como eles a entendiam. À medida que a greve seguia o seu curso, o comparecimento dos grevistas às grandes reuniões diárias diminuía cada vez mais, e as pessoas que delas participavam já estavam muito desanimadas. Em 15 de março, quando seu sobrinho e substituto convocou uma reunião, Gandhi foi rechaçado. Anasuya e Gandhi “passeiam de carro o dia inteiro, comem do bom e do melhor enquanto nós sofremos as agonias da morte e participamos de reuniões que não suprem a nossa falta de alimento”,⁵⁰ eles protestaram.

Na reunião seguinte, Gandhi estava penalizado, mas a sua resposta foi inequívoca: “As palavras vieram à minha boca improvisada e inesperadamente: ‘Caso os grevistas não persistam e continuem com a greve até que um acordo seja concluído ou se demitam definitivamente das tecelagens, eu jejuarei’”. Os operários ficaram admirados com a sua sinceridade e pediram que desistisse, mas, uma vez que Gandhi assumia uma promessa, ele estava determinado a cumpri-la. Mais tarde, ele explicou: “Meu compromisso está dirigido aos operários das tecelagens para que honrem o seu próprio a fim de que aprendam a dar valor a uma promessa... Percebi que era necessário mostrar-lhes pelo exemplo que, pelo compromisso

de uma pessoa, outras também deviam passar pelo sofrimento”.⁵¹

Os seguidores de Gandhi queriam juntar-se a essa sua empresa, mas ele os proibiu dizendo: “Deixem isso comigo, o jejum é assunto *meu*”.⁵² Essa não seria a última vez que ele usaria o próprio corpo numa luta com a qual ele se identificava, mas o fato de ele recorrer a esse tipo de arma moral por causa de uma mera disputa a respeito de um aumento salarial era realmente extremo. Ele havia jejuado anteriormente por motivos espirituais pessoais ou (discutivelmente) a fim de penalizar aqueles que lhe desobedeciam. Agora, o jejum havia evoluído de uma resposta ao comportamento de sua família ou dos membros do *ashram* para uma tentativa de influenciar outros eventos. Ele estava usando esse recurso para pressionar os industriais, embora ele, explicitamente, rejeitasse essa óbvia conclusão e se focasse no jejum como um meio de fazer com que os grevistas mantivessem a palavra.

Seria negativo para o prestígio nacional de Gandhi fracassar nessa disputa à soleira de sua porta. Ele queria que os trabalhadores insistissem em seus 35 por cento de aumento, porém os proprietários das tecelagens também insistiam em não conceder mais do que 20 por cento: por que de dois compromissos, um valeria algo e o outro nada? Ambalal ofereceu aceitar o aumento de salários de 35 por cento caso Gandhi promettesse manter-se, para sempre, fora das disputas trabalhistas de Ahmedabad. O psicólogo Erik Erikson, que, detalhadamente, estudou esse acontecimento na vida de Gandhi e conversou com muitas pessoas envolvidas, considera que, nessa época, Gandhi sofreu uma inconstância extrema de humores, às vezes enxergando o jejum como um passo necessário para a liderança da Índia e outras vezes como uma traição aos princípios do *satyagraha*. “Ao tentar usar a sua pátria como uma plataforma da qual ascender à liderança nacional, ele suspeitou ter escorregado na lama das desavenças dos *Bania* (comerciantes)”.⁵³

A greve terminou depois de três dias de jejum, em 18 de março, quando os proprietários das tecelagens aceitaram a arbitragem e todos assumiram um compromisso — 35 por cento para o primeiro dia e 20 por cento além de uma fórmula complicada para o período transitório até que o árbitro chegasse a uma decisão. Gandhi considerou esse resultado como o cumprimento da promessa de que os operários das tecelagens não voltariam ao trabalho sem ter conseguido os 35 por cento de aumento, embora afirmasse que esse aumento para um dia preenchesse a palavra, mas não o espírito do compromisso. Os proprietários das tecelagens e os grevistas haviam aceitado essa arbitragem porque nenhuma das partes queria ser responsável pela morte de Gandhi. Esse foi o primeiro dos dezessete jejuns públicos de Gandhi.

Apesar da guerra em curso, os ingleses continuavam com propostas para a reforma do governo indiano, que havia sido iniciada com as reformas Morley-Minto, que introduziram a eleição direta dos indianos para os conselhos legislativos, em 1909. O novo secretário de Estado para a Índia, Edwin Montagu, um verdadeiro apaixonado pela Índia, iniciou o seu mandato na função declarando que, embora ainda não fosse chegado o momento do governo autônomo como havia sido pretendido, os princípios já estavam sendo encaminhados para a independência: “A política do Governo de Sua Majestade, com a qual o Governo da Índia está em perfeita concordância, é a da crescente associação de indianos em toda a ramificação da

administração e o gradual desenvolvimento das instituições de Governo Autônomo, visando à realização progressiva de um governo responsável na Índia, como parte integrante do Império Britânico”.⁵⁴

Montagu viajou para a Índia em 1917 a fim de investigar, junto com o novo vice-rei, lorde Chelmsford, meios pelos quais os indianos pudessem absorver mais oportunidades políticas. Ele encontrou-se com Gandhi, Annie Besant, que já havia sido liberada da prisão, e Jinnah. Acreditava-se amplamente (e talvez pelo próprio Jinnah) que, quando os septuagenários Besant e Tilak estivessem mortos ou enfermos, Jinnah seria o único indiano com experiência e habilidade suficientes para tornar-se o líder nacionalista. Montagu observou que Gandhi “se veste como um *coolie* (operário)” e “vive praticamente de ar”.⁵⁵

Favorecido pelo solidário vice-rei e pelo secretário de Estado, Gandhi sentiu que a Índia, agora, estava indo suficientemente a caminho de sua independência para que impusesse efetivamente as suas crenças radicais a respeito da reforma nacional. O Governo Autônomo era tanto o objetivo de Gandhi quanto o era para a maioria dos políticos.

O secretário de Estado e o vice-rei elaboraram o Relatório Montagu-Chelmsford, em julho de 1918, propondo “o estado de nação dentro do Império”, no qual os representantes eleitos assumiriam todos os assuntos da Índia, salvo os assuntos relativos às relações estrangeiras, às finanças e à lei e à ordem. No fim de agosto, a fim de discutir as propostas, o Congresso convocou uma sessão especial em Bombaim, a qual culminou no Ato de 1919 do Governo da Índia, que estendia a franquia e aumentava os poderes do conselho legislativo central e provincial e introduzia o conceito de diarquia, governo dual, com o poder supostamente compartilhado entre as autoridades do Império Britânico e as autoridades democráticas indianas. O conceito havia sido originalmente proposto pelo antigo opositor de Gandhi na África do Sul, Lionel Curtis, e o seu grupo de mesa-redonda de pensadores políticos. Esses imperialistas progressistas sentiam que o Império somente poderia ser preservado como uma federação de partes autogovernadas.

Nessa época, a atitude de Gandhi para com os ingleses era cordial. Ele aceitou um convite para participar de uma conferência de guerra, em abril de 1918, durante a qual afirmou novamente o seu apoio ao Império. Escreveu para o vice-rei que, se estivesse em seu poder, “eu faria com que a Índia oferecesse todos os seus filhos capacitados em sacrifício ao Império nesse crítico momento; e eu sei que a Índia, por esse mesmo ato, se tornaria a parceira mais favorecida do Império; e as distinções raciais, uma coisa do passado”.⁵⁶ Ele argumentou com seus amigos indianos que era seu dever assistir os ingleses, que os indianos não poderiam preservar o país enquanto não tivessem uma tradição militar e que receber treinamento militar seria um passo adiante para o Governo Autônomo. “Se exigissem dos ingleses um *status* semelhante ao da Austrália e do Canadá, eles deveriam prestar toda a ajuda possível ao governo na presente conjuntura... Nossa esperança está na sobrevivência do Império... Além disso, à medida que ajudamos o Império, também aprendemos a disciplina e adquirimos experiência militar, assim como a força para nos defendermos.”⁵⁷

Ele produziu e fez circular um panfleto de arrolamento: “Somos considerados um povo de covardes. Se quisermos livrar-nos dessa pecha, devemos aprender o uso das armas”.⁵⁸ Em

resposta à indagação de Andrews de que o seu gesto contradizia a sua proclamada não violência, Gandhi observou que não seria possível ensinar a não violência a alguém que não conseguisse matar e que poderia apenas ser considerado como covarde. Esse era um argumento que ele passaria a usar a respeito de sexo — que a impotência sexual de um homem não seria uma virtude caso não conseguisse praticar uma relação sexual. Voltando à sua sempre presente admiração pelos ingleses, ele disse: “É devido à autonomia do homem inglês e às condições de defender a sua casa e sua aldeia contra qualquer invasor que a aldeia inglesa é tão comparativamente superior às nossas”.⁵⁹

O recrutamento era frustrante e solitário, e Gandhi estava sem o apoio de muitos de seus admiradores. O Congresso estava contra o apoio incondicional à guerra e às reformas Montagu-Chelmsford, que considerava insuficiente. Gandhi estava isolado com exceção de seu recém-convertido Vallabhbhai Patel, que caminhava ao seu lado até quase 40 quilômetros por dia na região de Kheda de Gujarat, onde haviam realizado uma campanha contra impostos injustos. Apenas alguns recrutas responderam ao seu panfleto de encorajamento: muitas pessoas achavam que o governo pouco fizera por eles e deixaram de seguir a complexa lógica espiritual de Gandhi, considerando o seu pedido para pegar em armas uma franca contradição à sua exortação à não violência.

A sua então limitada dieta já estava lhe causando dificuldades e escreveu: “A pele tornou-se fina e delicada. Uma faca poderia cortá-la bem mais facilmente do que a pele de qualquer outra pessoa. Apesar de invariavelmente andar descalço, as solas dos meus pés não mais ficam fortes e resistentes como aconteceria com qualquer outra pessoa. Minhas gengivas tornaram-se flácidas, e os poucos dentes que restam servem mais para enfeite do que para mastigar”.⁶⁰ Agora, na campanha de recrutamento, recebendo pouco apoio dos camponeses em termos de transporte e até mesmo de alimento e com os seus dias exaustivos sustentados apenas por pasta de amendoim e limões, Gandhi caiu doente. Inevitavelmente, ele respondeu à sua doença jejuando.

Ele voltou ao *ashram*, onde Kasturba, vendo a sua fraqueza, decidiu alimentá-lo, oferecendo-lhe os pratos favoritos. Ele acreditava estar cometendo o pecado de superalimentação: “O demônio estava apenas à espera por uma oportunidade dessa. Em vez de comer pouco, eu comi uma refeição completa, e isso foi suficiente para abrir as portas ao anjo da morte. Em uma hora a disenteria apareceu de forma aguda”.⁶¹ Ele, então, seguiu para o seu compromisso seguinte, mas teve de pedir ajuda e logo sucumbiu à doença. “Eu sempre pensei que tivesse um corpo de ferro”, ele disse, “mas descobri que ele se transformou numa estrutura de barro.” Ele recusou ajuda médica, de maneira que seus anfitriões chamaram Ambalal Sarabhai, que o levou para a sua residência, insistindo para chamar um médico cujo diagnóstico foi um exacerbado estresse nervoso devido à fraqueza causada pela sua rígida e deplorável dieta.

Depois de quase dois meses de enfermidade, ele voltou para o *ashram* acreditando que estivesse para morrer. Redigiu cartas de despedida para seus filhos: “Sinto que estou chegando ao fim. É apenas uma questão de dias”. Recomendou que zelassem pelo dom de caráter que ele lhes transmitira.⁶² Ele falava com muita dificuldade e passava o tempo ouvindo os membros

do *ashram* lendo-lhe trechos do *Bhagavad Gita*. Seus amigos e partidários pediam a ele que se alimentasse melhor, principalmente para que tomasse leite. Ele era tratado por Kasturba, mas escreveu para Maganlal: “Eu simplesmente não aguento mais ver o rosto de Kasturba. Muitas vezes sua expressão me parece a de uma vaca dócil e me lembra a expressão que ocasionalmente uma vaca tem e que, em sua maneira simples, esteja dizendo alguma coisa... a sua gentileza me oprime”.⁶³ Kasturba conhecia seus hábitos e ela lhe disse, em janeiro de 1919, depois de meses de enfermidade, que o seu voto de abstinência dizia respeito apenas ao leite de vaca e que, portanto, ele poderia tomar leite de cabra. E, assim, o dilema ético foi solucionado, e o leite de um ungulado diferente trouxe-lhe de volta a saúde — combinando o leite com repouso e alívio de suas onerosas responsabilidades de recrutamento quando, finalmente, a Alemanha e seus aliados foram derrotados, em novembro de 1918.

A pandemia da gripe abateu-se sobre o *ashram* em 1918, vitimando o terceiro filho de Harilal e sua esposa, Gulab, que ali se encontravam, assim como alguns dos *ashramitas*. As palavras de conforto que Gandhi deu ao seu filho foram em seu próprio e curioso estilo: “Eu sei que o seu presente estado é como o de um homem sonâmbulo. Suas responsabilidades e dificuldades aumentaram, assim como aumentarão suas tentações. Para um homem com família, o custo de uma esposa é grande. Agora, esse custo desapareceu. Você tem agora dois caminhos que pode optar em seguir. Você precisa decidir qual dos dois escolherá”.⁶⁴ Entretanto, com vinte e oito anos, Harilal derivou para o alcoolismo.

Politicamente, Gandhi havia sido marginalizado pelos constitucionalistas Motilal Nehru e Jinnah, que haviam transformado a religião numa questão de porcentagens de eleitores e no bom relacionamento com o poder imperial. Uma atitude de reforma progressiva por parte do governo britânico destacava uma intenção de, paulatinamente, progredir para uma nação independente e democrática dentro do Império Britânico. Isso poderia ter sido o fim de Gandhi como importante figura política se os ingleses não tivessem cometido o monumental erro de julgamento, determinado pelo Rowlatt Act (Ato Rowlatt) de março de 1919.

Despertando a Índia

Justificadamente, a Índia podia orgulhar-se de sua contribuição na vitória da Grande Guerra: mais de 1.400.000 indianos se apresentaram voluntariamente ao serviço — um dos motivos do insucesso de Gandhi no recrutamento se deu porque os indianos que tinham capacidade e disposição de ir para a guerra já se haviam alistado. Essa contribuição espontânea fora impressionante principalmente porque, diferentemente do serviço militar na Inglaterra, depois de 1916, o serviço militar havia sido por opção individual e não por convocação. Se a Inglaterra fosse fiel à sua palavra, os indianos poderiam esperar uma recompensa por sua lealdade.

Entretanto, os legisladores britânicos levantaram um antiquado ponto de vista próprio de governantes e de governados. E, desconfiados da democracia, não queriam desistir dos poderes adotados durante a guerra em conformidade à Lei em Defesa da Índia. Em 1917, o governo da Índia designou um Comitê de Sedição, com Justice Sidney Rowlatt como presidente, a fim de investigar a atividade revolucionária na Índia. O comitê reuniu-se em sala fechada, de maneira que os detalhes de suas deliberações ficaram sem ser conhecidos ou sujeitos ao escrutínio diário. Em abril de 1918, o relatório conclusivo apresentou os problemas políticos da Índia em consequência dos nacionalistas que eram considerados violentos e anarquistas. A única solução oferecida pelo relatório era criar novas leis que restringissem as liberdades políticas, estendendo essas restrições às implementadas em tempo de guerra para uma nação que tanto havia contribuído para os esforços empenhados na vitória da Grande Guerra.

O Relatório de Rowlatt baseou-se em princípios exatamente contrários aos princípios em que se baseou o Relatório Montagu-Chelmsford, o qual enfatizava a cidadania, e não a sujeição. Um secretário de Estado mais forte do que Montagu ou mais corajoso do que Chelmsford teria simplesmente anotado as descobertas do Comitê Rowland sem maiores consequências. Entretanto, o Relatório Rowlatt proporcionou munição aos afiados políticos da reforma política na Índia, e seus autores estavam ainda mais determinados do que Montagu e Chelmsford.

A legislação de Rowlatt foi o maior erro que os britânicos cometeram com respeito à Índia em todo o período de seu domínio: a repressão de seus oponentes marcou o início da derrocada da administração britânica. As propostas, introduzidas em 6 de fevereiro de 1919, haviam sido redondamente denunciadas pelo Congresso Nacional Indiano e pelo Partido do Governo

Autônomo e foram contestadas por todos os membros indianos do Conselho Legislativo Indiano, inclusive por Vithalbhai Patel, irmão de Vallabhbhai, partidário de Gandhi.

Gandhi participou dos procedimentos da Câmara Legislativa do governo, pela única vez em sua vida, para ouvir os debates sobre a lei (sua não participação geral demonstrava uma falta de interesse no funcionamento da democracia). Ele ficou impressionado com a eloquência do liberal Srinivasa Sastri, ao contrário do vice-rei. Sastri e Jinnah renunciaram ao Conselho Legislativo em sinal de protesto contra a intransigência do governo.

Gandhi ainda não estava bem de saúde. Ele escreveu para Sastri que

não consigo mais ver o progresso dos procedimentos sem reagir. Para mim, os procedimentos são sintomas agravados de um mal profundamente enraizado. Eles são uma evidente demonstração da determinação do serviço social em manter as correntes em nosso pescoço... Considero esses procedimentos um desafio aberto dirigido a nós. Se sucumbirmos, estaremos perdidos... Se os procedimentos fossem apenas um mero exemplo de falta de honradez e de justiça, eu não me preocuparia, mas, por eles serem claramente uma evidência de uma determinada política de repressão, a desobediência civil parece ser um dever imposto sobre todos os amantes da liberdade individual e pública.¹

Ele, então, decidiu partir para a ação, apesar da advertência de seus médicos. Em 24 de fevereiro, convocou ao *ashram* alguns dos líderes do governo local: de Bombaim, Sarojini Naidu; do jornal *Bombay Chronicle*, o editor B.G. Horniman; Vallabhbhai Patel e Anasuya Sarabhai. Ele esboçou um compromisso *satyagraha* no sentido de que, se os procedimentos se tornarem lei, e até o momento em que forem revogados, “nós nos recusaremos civilmente a obedecer a essas leis e a qualquer outra lei que um nomeado comitê possa considerar adequada”. Portanto, se o governo podia promulgar leis totalmente inclusivas, Gandhi podia igualmente oferecer-lhe oposição totalmente inclusiva. Ele considerou os que assumissem o compromisso como “partidários indianos”, os quais, pela primeira vez, desafiavam abertamente os britânicos.

Entretanto, os membros do Conselho Legislativo Imperial, embora fossem contrários aos propostos procedimentos, recusaram-se a dar apoio à desobediência civil. Os líderes do Congresso não estavam a favor de um movimento de massa, tampouco Annie Besant ou Jinnah consideraram o *satyagraha* como uma opção viável. Annie Besant achou que a desobediência indiscriminada das leis fosse uma ação perigosa, e Jinnah acreditava que a política suave determinava as condições do clima — ele não levou em consideração a mobilização das massas. Sem se deixar intimidar, em 7 de março de 1919, apesar do desdém daqueles que chamavam de “intelligentsia” os quais questionavam os seus métodos de trabalho e sua insistência no uso do idioma guzerate na comunidade (dialeto falado apenas por uma minoria de indianos, uma escolha bastante peculiar para um movimento de nível nacional), Gandhi convocou a Sociedade Satyagraha.

Gandhi tinha dúvidas de como iniciar a agitação, até que, em suas próprias palavras, adormeceu pensando sobre o assunto, e a resposta foi-lhe dada. Ele apressou-se em explicar: “A ideia surgiu num sonho, ontem à noite, de que deveríamos convocar o país para um *hartal*

geral (greve geral). O *satyagraha* é um processo de autopurificação, e o nosso é uma luta sagrada. Para mim, parece adequado que deva começar com um ato de autopurificação. Portanto, é preciso que todas as pessoas da Índia suspendam seus negócios nesse dia e observem essa data jejuando e orando”.²

Em janeiro de 1919, Gandhi foi submetido a uma cirurgia das hemorroidas e, em maio, participava sentado das reuniões, pois ainda estava muito fraco para manter-se em pé. Ele foi aclamado ao encontrar o quadro médio dos governantes locais avidamente apoiando-o, e o seu protesto desenvolveu-se numa campanha nacional com jejuns, orações, greves e grandes reuniões. Muitos outros se apresentaram para assinar o compromisso *satyagraha*. Posteriormente, ele declarou aos seus partidários que essa foi uma das ocasiões em que viu Deus: “Ele atribuiu o sucesso em conseguir o apoio do povo à intervenção de Deus”.³ Gandhi sugeriu leis que pudessem ser não violentamente desobedecidas através, por exemplo, da distribuição de seus livros proscritos, *Hind Swaraj*, e de sua tradução do livro de Ruskin, *Unto This Last*, contudo o governo se recusou a processá-lo. Ele enviou uma carta ao comissário de polícia em Bombaim: “Caro sr. Griffith, posso enviar-lhe uma cópia do jornal não registrado, por mim editado e publicado hoje? Atenciosamente, M.K. Gandhi”. Porém até mesmo essa provocação não conseguiu uma reação por parte do governo.⁴

A data para a greve nacional estava marcada para 30 de março e, depois, alterada para 6 de abril, embora, em alguns lugares, principalmente em Deli, a primeira data tenha prevalecido devido a uma confusão nas mensagens. Cidades inteiras pararam o trabalho enquanto o povo andava pelas ruas gritando: “*Mahatma Gandhi ki jai*” (Vitória para Mahatma Gandhi). Parecia que toda a Índia esperara pela palavra. Hindus e muçulmanos, com suas distintas reclamações, juntaram-se ao protesto. Houve paradas e discursos nas mesquitas e nos templos, mas os protestos logo passaram para a violência, iniciando com um tumulto em Deli quando os *satyagrahis* se confrontaram com os vendedores de chá indianos, em frente à estação ferroviária, os quais não queriam aderir à greve, provavelmente porque não pudessem abrir mão da receita do dia. Em Lahore e Amritsar também houve violência. Os cabos telegráficos foram cortados; e as pontes ferroviárias, sabotadas; lojas e casas foram pilhadas; e edifícios do governo, destruídos.

Gandhi foi preso quando tentou chegar a Deli. Em seguida, ele foi liberado e enviado de volta a Bombaim, onde presenciou a polícia montada investindo sobre a multidão. Ele voltou para Ahmedabad, que estava sob a lei marcial em consequência da violência praticada pelos operários das tecelagens. Então, ele convocou uma reunião, prometeu um jejum de três dias, pediu aos responsáveis que confessassem sua culpa e suspendeu a campanha — o número de seus voluntários havia diminuído, e os que se ofereciam eram indisciplinados e não aceitavam um treinamento sistemático. Essa não era a visão do *satyagraha* de Gandhi. Ele logo percebeu que os protestos estavam ficando fora de controle e, antes de ser informado dos acontecimentos em Amritsar, ele confessara que a convocação para a desobediência civil de uma população não treinada era, em suas palavras, “um erro de cálculo himalaico”.

As autoridades em Amritsar, preocupadas com as implicações da união hindu-muçulmana, prenderam dois líderes do Congresso, um de cada comunidade religiosa. O consequente

protesto levou tropas do governo a disparar contra as multidões e os manifestantes. Edifícios foram incendiados, oficiais britânicos foram mortos; e uma missionária, brutalmente atacada. O general-brigadeiro Reginald Dyer assumiu o controle militar e proibiu toda e qualquer reunião pública. Quando uma reunião foi convocada em Jallianwala Bagh (Jardim), em 13 de abril de 1919, cerca de dez mil pessoas ali compareceram. O general Dyer posicionou tropas Gurkha e Baluchi em terreno alto e ordenou que atirassem na multidão até que suas munições se exaurissem: 379 pessoas foram mortas e 1.137, feridas. Dyer, então, emitiu uma série de ordens com o propósito de humilhar a população de Amritsar, tal como ordenando os indianos a andar de quatro no local onde a missionária britânica havia sido agredida. Provavelmente essa ordem nunca foi implementada, mas houve açoitamentos para pequenas ofensas, como, por exemplo, a desobediência ao toque de recolher e a recusa em saudar oficiais britânicos.

A censura que estava em vigor envolvia a demora na publicação das notícias. A Índia, o Império e, em seguida, o resto do mundo reagiram com uma previsível indignação. Era como se, de um instante para outro, os ingleses tivessem abandonado qualquer pretensão à autoridade moral. Gandhi, sempre fiel à sua personalidade, não ficou tão revoltado pelas mortes (pois a morte podia ser sempre concebida como um ato de heroísmo pela causa) quanto o ficou pela abnegação da regência da lei em arbitrariamente aplicar castigos nessa repressão de lei marcial: “Esses tribunais não administravam a justiça, mas serviam de instrumentos para praticar a vontade arbitrária de um autocrata. As sentenças eram decretadas sem consideração às evidências e em flagrante violação da justiça”.⁵

Uma dessas afrontas foi a detenção e deportação de B.G. Horniman, editor do *Bombay Chronicle* e partidário de Gandhi, bem como o consequente fechamento do jornal. Os nacionalistas que controlavam o *Chronicle* também publicavam o semanal inglês *Young India* e decidiram, então, publicá-lo com maior frequência a fim de substituir o *Chronicle* e fazer com que Gandhi o editasse. E, dessa forma, ele conseguiu o que anteriormente lhe faltara na Índia — o meio regular de divulgação nacional que não tivera desde a época do *Indian Opinion*, na África do Sul. Ele também assumiu o controle editorial do *Navajivan*, um jornal guzerate. Embora não tenha permanecido por muito tempo como editor do *Young India*, devido à pressão de suas outras tarefas, ele ainda o utilizou para publicar as suas opiniões.

A opinião pública também estava desconfortável na Inglaterra, e uma comissão foi finalmente organizada pelo governo da Índia a qual censurou e exonerou o general Dyer de seu comando. O secretário de Estado, Edwin Montagu, criticou o seu comportamento, mas foi atacado pelo Partido Conservador: Dyer tinha partidários entusiastas na Inglaterra. Uma combinação de fatores, que nada tinham a ver com a Índia, enfraqueceu Montagu: ele tinha poucos amigos, suas alianças políticas eram fracas, e o antissemitismo de alguns membros do Parlamento o havia solapado.

O efeito mais impressionante da Lei de Rowlatt e do massacre em Amritsar foi eliminar a opinião moderada entre os nacionalistas indianos. Qualquer crença em progresso gradativo, até mesmo entre os membros ocidentalizados da classe média, como os Nehrus, desaparecera. O filho de Motilal Nehru, Jawaharlal, frequentara Harrow e Cambridge e passara pelo exame da Ordem dos Advogados, em Londres. De volta à Índia, foi-lhe arranjado o casamento com uma

moça brâmane, Kashmiri, e, no ano seguinte, nascia sua filha Indira, futura primeira-ministra da Índia. Annie Besant era amiga da família Nehru, e Jawaharlal Nehru tornou-se secretário do ramo da Liga do Governo Autônomo. Ao voltar da Inglaterra, Jawaharlal estabeleceu-se como advogado e passou a interessar-se pela política nacionalista. Encontrou-se com Gandhi em 1916, no Congresso de Lucknow, havendo-o admirado, de longe, pelo trabalho que realizara na África do Sul, “mas ele parecia estar muito distante, diferente e apolítico para muitos jovens como nós”.⁶

Jawaharlal havia lido a respeito do comprometimento *satyagraha* de Gandhi contra a Lei de Rowlatt e quis juntar-se à campanha, mas Motilal, um advogado líder e político constitucional, não podia suportar o fato de seu filho ter violado a lei e de ser encarcerado. Por respeito a seu pai, Jawaharlal restringiu-se a gestos provocativos como comer o seu jantar, exigindo que fosse de pão e leite, num prato de ferro comum, o qual, incongruentemente, ficava no meio da prataria e dos cristais da família. Motilal passou a dormir no chão, a fim de poder experimentar as inconveniências às quais seu amado filho estaria sujeito caso fosse aprisionado.

As divisões dentro da família Nehru chegaram a tal ponto que, para reduzir a tensão, Motilal convidou Gandhi a passar alguns dias em sua opulenta casa, que acabou se tornando sua sempre que estivesse em Allahabad. Certa vez Motilal comentou: “Eu não concordo com tudo o que Gandhi diz, e ele sabe disso, mas, mesmo assim, ele tem muito mais respeito por mim do que por aqueles seus discípulos ignorantes”.⁷ Quando saiu da casa, Gandhi levou consigo a filha de Motilal, Sarup; ela levava a união hindu-muçulmana longe demais, apaixonando-se por um empregado muçulmano de seu pai que foi incentivado a deixar o país. A jovem foi levada por Gandhi para o *ashram*, que ela achou austero demais, com o dia começando às 4 horas, alimentação horrível, nada de chá ou café e a proibição dos relacionamentos românticos.⁸ Finalmente, Motilal encontrou um rico brâmane para ser o marido de sua filha mais velha, que agora assumia o nome de Vijaya Lakshmi. Depois do casamento, o casal foi visitar Gandhi para obter sua bênção, e Gandhi, com uma palestra sobre o sacrifício para a causa nacional, pediu-lhes que assumissem o voto de castidade. Vijaya, futura embaixatriz nas Nações Unidas, contestou tal desafio dizendo: “Por que permitiu que nos casássemos se você pensou que fosse errado vivermos juntos como marido e mulher? Eu quero ter uma vida normal de casada”.⁹ E Gandhi retirou o seu pedido de sacrifício.

Motilal fora mais afetado pelo massacre de Amritsar do que Jawaharlal, pois ele havia confiado na decência e na justiça britânica e no gradativo progresso para a independência. Motilal Nehru foi ativo no Congresso desde 1888 e foi presidente do Congresso, em Amritsar, de dezembro de 1919 até janeiro de 1920, período durante o qual a Lei do Governo da Índia foi aceita com relutância, mas condenada como inadequada e precisando de outras reformas, assim como a revogação da Lei de Rowlatt. Na realidade, as provisões de Rowlatt nunca foram usadas, e a lei foi revogada em 1922. Nunca um poder imperial sacrificou tanto por tão pouco.

Jawaharlal descreveu o Congresso em Amritsar como “o primeiro Congresso de Gandhi... a maioria dos delegados, e até mesmo as grandes multidões do lado de fora, olhavam para Gandhi como o seu líder”. Foi solicitado a Gandhi que modernizasse a constituição do Congresso, o que ele fez de forma a tornar os requisitos de associação tão mínimos a ponto de

deixá-los acessíveis a qualquer pessoa na Índia. Posteriormente, falando a um grupo de partidários, Nehru descreveu Gandhi:

Ele era humilde, mas também claro e duro como um diamante, agradável e de fala macia, mas inflexível e terrivelmente convicto. Seus olhos eram suaves e profundos, no entanto, deles emanava uma ardente energia e determinação. Essa será uma grande luta, ele disse, e contra um poderoso adversário. Se quiserem aderir, vocês devem estar preparados a perder tudo o que têm e devem sujeitar-se à mais estrita não violência e disciplina. Quando a guerra for declarada, a Lei Marcial prevalecerá, e, em nossa luta sem violência, a ditadura e a Lei Marcial também deverão servir aos nossos propósitos, se quisermos vencer.¹⁰

Jawaharlal Nehru descreveu vivamente a ampla excitação experimentada quando, durante a estada de Gandhi em sua casa de Allahabad, uma delegação de camponeses ali se apresentou à sua procura. Jawaharlal saiu para vê-los e, depois, seguiu-os até suas aldeias, onde ouviu suas queixas sobre a opressão dos terríveis senhorios. A visita a lugares onde a maioria dos indianos vivia foi uma revelação para Nehru: deparou-se com toda a região inflamada de entusiasmo, multidões reunidas pela notícia transmitida boca a boca: “As pessoas acorriam de suas casas e até correndo no limite de suas forças. Vestiam trapos miseráveis, homens e mulheres, mas seus rostos irradiavam esperança, e seus olhos brilhavam, parecendo esperar acontecimentos inusitados, os quais, como por milagre, dariam um fim aos seus sofrimentos”.¹¹ Foi então que Nehru se conscientizou da realidade da Índia, tal como acontecera com Gandhi: as massas estavam prontas para ser mobilizadas.

Em meados de 1919, eles estavam a caminho do *ashram* não apenas para tecer (como fizeram por muito tempo, usando matéria prima [fios] das fiações), mas para fiar seus próprios fios. Primeiro Gandhi enfatizou a prática de fiar e tecer por motivos econômicos: as aldeias poderiam tornar-se autossuficientes com os tecidos produzidos, e a Índia não teria necessidade de importá-los de outros países — principalmente da Inglaterra, para quem a Índia fora um grande mercado para as fiações de algodão de Lancashire. Mais tarde, Gandhi pronunciou-se sobre os benefícios espirituais de fiar e pediu às pessoas que assumissem o compromisso do *swadeshi*: as pessoas deviam, sob juramento, restringir-se a usar tecidos fabricados na Índia, destruindo todos os importados. Ele descreveu “as pequenas rodas de Deus” que “giram lenta, mas eficientemente”.¹²

Curiosamente, Gandhi veio a dominar o movimento muçulmano para o Khilafat. Depois de serem liberados da cadeia, os irmãos Ali juntaram-se ao Congresso; e Gandhi, ao comitê do Khilafat. Esse era um problema para os partidários mais sóbrios de Gandhi, que ficaram ponderando sobre os seus motivos por defender os direitos do Império Otomano e, ao mesmo tempo, atacar o Império Britânico, pois ele havia sempre declarado ser contra o imperialismo, e não contra os ingleses. Condescendentemente, ele escreveu para Harry Polak: “Você não pode compreender o ponto de vista religioso que me guia nesse assunto”.¹³ Até o fiel Maganlal sugeriu que ele estivesse apoiando o Khilafat por conveniência própria, ao que ele respondeu explícita, embora cinicamente, usando a figura de “agitar um mar espiritual para torná-lo manteiga”: “Khilafat é o grande processo de agitação do oceano que é a Índia. Por que

nos preocupar sobre o que poderá resultar (veneno ou néctar) desse movimento? É suficiente ter a certeza de que a agitação seja pura e honesta”.¹⁴

De fato, não havia nenhum núcleo religioso nesse assunto — as pessoas da Arábia, que haviam lutado para derrubar o domínio turco, estavam em perfeitas condições de cuidar dos lugares sagrados do Islão. O movimento Khilafat era um meio oportuno de mexer com a opinião pública na Índia; o resto do mundo muçulmano, preocupado com seus próprios problemas, não tinha muito interesse no sultão da Turquia. O apoio de Gandhi ao Khilafat significava que ele tinha de exagerar a habilidade dos turcos em manter o seu Império e minimizar seu desgoverno. Entre os recentes incidentes, havia o genocídio de quase 1,25 milhão de armênios na Guerra de 1914-18, uma atrocidade em excesso de qualquer coisa perpetrada pelo Império Britânico. Gandhi recusou-se a reconhecer o massacre: “Eu desconfio do caso armênio”, ele argumentou.¹⁵ Foi um instante de negligência moral que seria espelhado pelo seu posterior fracasso em apreciar a enormidade do holocausto. Ele estava ofuscado pela luz espiritual ao pensar que a única coisa importante era a experiência individual de Deus, ignorando o cenário maior.

Em sua peregrinação no interior da Índia, Jawaharlal Nehru deparou-se com camponeses, na maioria das áreas rurais, pensando que o termo “khilafat” derivasse de *khilaf*, uma palavra urdu que significa “contra”, e a entenderam como oposição ao governo pelos diversos agravos sofridos nas mãos das autoridades.

Os nacionalistas tentaram encorajar o apoio hindu aos muçulmanos sobre a questão do Khilafat, tentando sobrepujar a animosidade entre hindus e muçulmanos a respeito de questões como o abate de vacas. Os hindus estavam furiosos por causa do uso da carne bovina pelos muçulmanos, e, embora Gandhi também estivesse ofendido pelo abate de vacas, ele insistiu em lembrá-los de que a crueldade demonstrada ao gado mantido em cativeiro era um mal com o qual eles tinham o poder de lidar, assim como não haveria nenhuma honra matar o muçulmano que abateu uma vaca. Ele não estava preocupado com as vacas, mas racionalizava a sua posição no hinduísmo, dizendo a Andrews: “A veneração à vaca é a especial contribuição dos hindus à evolução de humanitarismo. Trata-se de uma aplicação prática da crença na unicidade e, portanto, à sacralidade de todo tipo de vida. A grande doutrina da transmigração, ou do renascimento, é uma consequência direta dessa crença”.¹⁶ Ele resistiu a uma oferta dos muçulmanos de oficialmente ligar o apoio hindu ao Khilafat com a sua própria restrição de praticar o abate de vacas, sentindo que eles deveriam fazê-lo de maneira voluntária.

Sem a concordância do Congresso, Gandhi decidiu que a não cooperação com o governo começaria em 1º de agosto de 1920. Coincidentemente, esse foi o dia em que Tilak morreu, de maneira que, agora, Gandhi estava ainda mais claramente identificado como o maior líder nacionalista — os outros haviam morrido ou sido estrategicamente vencidos.

A não cooperação envolvia a recusa em observar as funções do governo, a retirada das crianças das escolas e colégios do governo, o boicote aos tribunais britânicos, a desistência de votar, o boicote aos produtos estrangeiros e a adoção do *swadeshi* em grande escala. A estratégia incluía a renúncia a títulos e funções honoríficas concedidas pelos ingleses. Com isso, Gandhi devolveu ao vice-rei suas medalhas do Kaisar-i-Hind, da Guerra Zulu e da Guerra

dos Bôeres — “com certo sentimento de tristeza”, ele escreveu.¹⁷

Em seu apelo aos estudantes para saírem das escolas e dos colégios, Gandhi estava dirigindo-se aos jovens, sem consultar os pais, para o bem da revolução nacional, um apelo que, posteriormente, Mao Tsé-tung adotaria na China. A natureza radical de sua chamada levou ao conflito com os educadores liberais, que consideravam a promoção da educação um elemento positivo do regulamento britânico. Assim como era evidente a sua atitude para com a educação de seus filhos (porém não a sua própria), Gandhi desconfiava da influência da educação. Se ele os convencera da deslealdade para com a Índia devido ao fato de receberem instrução do Império Britânico, ele agora ordenava aos estudantes da Universidade Hindu de Benares: “Não fiquem nem mais um minuto na universidade, tampouco respirem o seu ar”.¹⁸ Duzentos alunos assumiram o compromisso em não continuar seus estudos. Muitos de seus antigos seguidores, principalmente Tagore, se opuseram a Gandhi nessa campanha.

Uma sessão do Congresso foi promovida em Calcutá no período de 4 a 9 de setembro de 1920 a fim de considerar as questões do Khilafat e da não cooperação. Gandhi sofria a oposição de Jinnah e de Annie Besant, mas, com os irmãos Ali e Motilal Nehru de seu lado e os trens lotados de seguidores do Khilafat que compareciam à sala de conferência, ele claramente estava em maioria. Ao final, a votação resultou em 1.855 votos a favor das políticas de Gandhi e 873 contra. Em sequência, foi participar de uma reunião da Liga do Governo Autônomo, em Bombaim, e insistiu em alterar o seu programa para a lei do governo local, enquanto Jinnah argumentou que “o Governo Autônomo dentro do Império Britânico” ainda era a meta mais realista. Jinnah e outras autoridades renunciaram, era o início da amarga rivalidade entre eles. Gandhi convidou Jinnah a voltar, mas ele respondeu estar totalmente convencido de que o programa de Gandhi “levaria ao desastre” e declarou: “Os seus métodos já causaram uma cisão e divisão em quase todas as instituições com as quais você conversou até agora e na vida pública do país, e não somente entre hindus e muçulmanos, mas entre hindus e hindus, muçulmanos e muçulmanos e até entre pais e filhos”. O programa extremo de Gandhi havia conseguido o sucesso porque “nesse momento ele havia conseguido estimular a imaginação principalmente da juventude inexperiente, dos ignorantes e dos analfabetos”.¹⁹

Na sessão anual do Congresso, ocorrida em dezembro daquele ano em Nagpur, Jinnah apresentou-se imaculadamente portando trajes ocidentais, como sempre. Compareceu diante dos delegados do Congresso, que vestiam o *khadi* (túnica de algodão), e declarou a sua oposição ao programa de não cooperação, referindo-se ao programa como sendo de Gandhi. A multidão que ocupava a sala de conferência irrompeu com gritos de “Mahatma Gandhi”. O discurso de Jinnah foi seguido de expressões de desgosto por parte dos presentes até que, afinal, ele foi retirado da plataforma, humilhado diante de sua linda e jovem esposa. Mais tarde, ele renunciou ao Congresso e dedicou-se à sua prática lucrativa de advogado e a uma carreira política independente. A aquiescência de Gandhi nesse humilhante evento político foi um grande erro que resultaria em frutos amargos vinte e cinco anos mais tarde.

Do lado de fora, as pessoas que haviam presenciado o fato faziam fogueiras de tecidos importados, apossando-se de bebidas das lojas vizinhas e confraternizando com intocáveis — pela primeira vez o Congresso incluía uma campanha contra a intocabilidade como parte de

seu programa. Em apenas um ano, havia mais de seis milhões de novos membros. O Congresso adotou uma bandeira tricolor para representar a Índia Livre: a cor laranja para os hindus, a cor verde para os muçulmanos e a cor branca para os outros (na bandeira da República da Irlanda constam as seguintes cores: verde para os católicos, laranja para os protestantes e branco para a paz entre os dois). Gandhi também propôs que a roda de fiar (*charkha*) deveria ser colocada no centro da bandeira.

Agora, a promoção de fiar era uma importante preocupação, incentivada pela crença de Gandhi de que, antes da chegada dos ingleses, a Índia era autossuficiente, pois todas as famílias fiavam seus próprios fios. Isso não é verdade: havia muitos lugares na Índia que não fiavam antes da chegada dos ingleses; mas, depois de Gandhi, não havia escassez de fiandeiros. A fiação tornou-se uma atividade essencial não somente para os pobres, que lhes proporcionava trabalho quando o plantio ou a colheita não fosse possível, mas também para todos os nacionalistas. Rabindranath Tagore criticou o “culto ao *chakra* [sic]” argumentando que, “ao criar a mente do homem, Deus não tinha como modelo a mentalidade da aranha sendo condenada à perpétua conformidade de produzir a sua teia... é uma ofensa contra a natureza humana forçá-la a trabalhar numa fábrica, reduzindo-a a um produto padronizado de tamanho, forma e finalidade uniforme”.²⁰

Gandhi disse que, ao sugerir por primeiro a tecelagem manual como panaceia para a Índia, em *Hind Swaraj*, ele nunca vira um tear manual ou uma roda de fiar. Agora, ele estava promovendo a fiação manual não apenas por ser economicamente desejável, mas também por ser espiritualmente necessário. Ele começou a dedicar uma hora por dia para fiar numa roda, e os residentes do *ashram* deveriam superar as dificuldades técnicas a fim de fiar e, em seguida, tecer suas próprias roupas. Não demorou muito para que todos estivessem trajando o rústico *khadi* branco. Essa túnica se tornaria um símbolo em toda a Índia como meio de chamar atenção da nação para a independência e para a autossuficiência. O reconhecimento da importância da confecção de roupas levou Gandhi a fazer com que o seu exército de liberalistas se vestisse de maneira a demonstrar inequivocamente o seu desafio ao Império e aos seus produtos.

A confecção do tecido rústico era uma coisa, e assegurar que o povo o vestisse era outra. A aliada de Gandhi nesse movimento, Saraladevi Choudhurani, era uma ativista nacionalista bengali que se casara com um nacionalista de Lahore, Rambhuj Dutt Choudhuri. Ao final das restrições com relação ao massacre de Amritsar, quando finalmente foi dada a Gandhi permissão oficial para visitar o Punjab, Choudhuri estava na prisão, e Saraladevi foi a sua anfitriã. Ela era uma nacionalista da realeza, sobrinha de Rabindranath Tagore, que fora ativa no Congresso havia muito tempo. Em 1920, quando Gandhi se hospedou pela primeira vez em sua casa, ela estava com quarenta e sete anos, e ele, com cinquenta. Ela representava toda a habilidade intelectual e o companheirismo feminino que Kasturba nunca lhe proporcionara. A seu respeito Gandhi escreveu para Kallenbach: “Chamo-a de minha esposa espiritual, e um amigo chamou esse nosso relacionamento de casamento intelectual”.²¹

Ela também podia fazer o que os seus seguidores (homens) não podiam — agir como uma modelo desfilando com o *khadi*, cujo tecido havia sido feito à mão e entremeado com ricas

cores, abrindo, assim, o caminho para a adoção do *khadi* pelas mulheres para as quais a paixão nacionalista não fosse suficiente para influenciar a preferência de seus trajes. Saraladevi acompanhou Gandhi em suas viagens pelo Punjab, falando em suas reuniões ou cantando hinos nacionalistas e, ao mesmo tempo, promovendo os méritos do tecido caseiro.

Em março de 1920, estando na casa de Saraladevi, Gandhi escreveu em seus costumeiros e afetivos termos: “Saraladevi cercava-me com seu amor de todas as maneiras possíveis”.²² Quando não se sentiu bem de saúde, ele escreveu-lhe: “Eu ainda não me sinto bem e devo confinar-me na cama. Você continua a assombrar até os meus sonhos”.²³ Quando ela visitou o *ashram*, houve um criticismo de ciúmes por parte dos outros residentes, devido ao tempo que Gandhi passava a sós com ela e pela maneira que ele lhe permitia não participar das tarefas domésticas, como, por exemplo, o fato de ela não esvaziar o próprio penico. Ele criticava-a por sua falta de interesse no âmbito da esfera doméstica e, numa carta, lhe escreveu: “Apesar de sua inteligência e bondade, você nunca será uma mulher completa se não conseguir a habilidade de tomar conta dos afazeres domésticos”. Ele assinou essa missiva como “LG”, *Law-Giver* (o Legislador), um apelido que ela lhe dera.²⁴

Gandhi até conversava sobre poligamia com Saraladevi, posteriormente relembrando o acontecimento como

um argumento que tive com uma mulher com a qual eu quase caí. Isso é tão pessoal que não o mencionei em minha autobiografia. Consideramos a possibilidade da existência desse tipo de relacionamento espiritual, pois o relacionamento matrimonial é uma questão de contrato. Seus pais o combinam em sua infância, e você nada pode fazer a respeito. Entro em contato com uma mulher analfabeta e mais tarde venho a conhecer uma mulher com uma ampla educação cultural. E eu me perguntei: “não seria possível desenvolver um contato mais íntimo?”. Esse era um argumento plausível, e eu quase escorreguei.²⁵

No fim de 1920, querendo que esse relacionamento esfriasse, ele enfatizou a natureza condescendente de seu afeto por ela de uma maneira que somente poderia irritar uma mulher madura que fora ativa no cenário do Congresso durante vinte anos: “Em meu entendimento, o nosso relacionamento sempre foi apenas fraternal. Eu preciso lembrar-lhe das leis e, assim, aborrecê-la. Devo pedir gentilmente, como um irmão que sempre se preocupa em usar a palavra correta, tal como faço com minha irmã mais velha”.²⁶ O final do relacionamento foi precipitado por outras pessoas, inclusive por seu filho Devdas e a sua estenógrafa, Mahadev Desai, que o alertaram do perigo em que se encontrava. É possível que esses avisos de sua excessiva intimidade com Saraladevi ocorressem num momento de estado receptivo, pois ela estava se tornando exigente, e ele sentiu que poderia não mais precisar dela.

Apesar de seu físico pouco apresentável, Gandhi sempre foi atraente para as mulheres e ele apreciava essa atenção. Saraladevi foi precisamente o mais sério de seus encontros. Normalmente, isso dizia respeito a mulheres solteiras que viviam no *ashram*, tal como a bonita missionária dinamarquesa Esther Faering, a qual foi a receptora de muitas de suas cartas afetivas. Millie Polak apresentou a sua interpretação sobre a atratividade de Gandhi: “A maioria das mulheres adora homens cujos atributos são geralmente considerados masculinos.

Entretanto, Mahatma Gandhi recebeu o amor de muitas mulheres por sua feminilidade — sua grande fé, sua grande força, sua grande devoção, sua enorme paciência, sua grande ternura e a sua grande simpatia”.²⁷

A magia de Gandhi também agia sobre os homens. Gandhi encontrou-se com Pyarelal, que viria a ser um dos seus mais fieis discípulos, seu companheiro constante e biógrafo, logo após o massacre de Amritsar. Pyarelal Nayar (conhecido apenas pelo seu primeiro nome) era então estudante e fazia parte de uma delegação que se aproximou de Gandhi quando o Congresso se reuniu em Amritsar no fim de 1919. A delegação apresentara-se para pedir o seu conselho por causa de uma pessoa envolvida nos julgamentos que diziam respeito à Lei Marcial então em vigor. Eles queriam saber se ele “poderia recomendar uma anistia”. Pyarelal assim descreveu a sua primeira impressão de Gandhi:

Ele tinha acabado de tomar um banho e estava a caminho para o seu almoço. Envolvido num xale branco de caxemira, sentou-se ereto, uma figura de dignidade e de repouso. Havia majestade em sua simplicidade. A sua voz melíflua e profunda era impressionante. Os olhos refletiam uma infinita bondade, compaixão e paz. O corpo era magro, mas o seu peito proeminente dava a impressão de tremendo poder. A fronte grande e lisa não tinha uma ruga sequer. O semblante era radiante; a pele, sedosa e lisa; e a sua tez, clara.²⁸

Os estudantes perguntaram-lhe que esperança poderia ter, nessa atmosfera, uma pessoa que confessasse um crime político? Gandhi respondeu: “Eu não condenaria à força o pior criminoso. Em meu *ashram*, há várias pessoas que foram envolvidas em casos de crime político. Eles confessaram-nos, converteram-se à não violência e, hoje, encontram-se entre os meus mais confiáveis trabalhadores”. Pyarelal, que havia perdido seu pai, um oficial do judiciário quando jovem, tornou-se um admirador fervoroso de Gandhi:

Em sua voz, havia uma calma segurança e uma infinita compaixão combinada a um desapego sobrenatural que proporcionavam uma estranha tranquilidade, uma quieta dignidade e um sentido de majestade que sugeriam o acesso a uma oculta reserva de poder que não admitia nenhum obstáculo, desconhecia a derrota e podia encontrar um caminho através de uma impenetrável parede de granito... Era possível *senti-lo*. Era o chamado das profundezas. Era isso que eu procurava — um vislumbre do poder do espírito, o seu próprio selo e sanção, que nenhum outro poder no mundo pudesse domar e que nunca falhasse.²⁹

No outono de 1920, Pyarelal abandonou seus estudos para atender ao chamado da não cooperação e juntou-se ao *ashram* de Sabarmati. Assim como Mahadev Desai, Pyarelal passou a dedicar todo o seu tempo a Gandhi. Ele descreveu como Gandhi passava dias e até semanas com apenas três ou quatro horas de sono e como ele esperava que as outras pessoas mantivessem os seus próprios altos níveis de desempenho. “Era preciso estar sempre pronto para qualquer emergência. A dificuldade de uma tarefa ou a falta de recursos nunca era aceita como desculpa para o não desempenho”.³⁰ Gandhi insistia em fazer tudo, dentro de suas possibilidades, por si mesmo. “Se ele precisasse de um papel ou que a cuspeira lhe fosse trazida, ele mesmo ia buscá-los em vez de pedir que alguém o fizesse. Até remendava sua

própria roupa e preferia escrever a ditar.” Um dia, Pyarelal contou cinquenta cartas escritas à mão por Gandhi ao final das quais estava tão exausto que, pressionando suas têmporas entre suas mãos, “caiu ao chão de onde estava sentado, sem estender a roupa de cama contra a qual estava apoiado. Ele simplesmente empurrou-a de lado”.³¹

Ele usava uma sacola vermelha de algodão para guardar suas pastas e documentos, escrevia com uma pena de aço e insistia em que a sua mesa ficasse sempre limpa e vazia: “Coitada da pessoa de sua equipe que lhe entregasse uma correspondência com um atraso de mais de quarenta e oito horas”.³² Quando outras pessoas preparavam cartas, ele preferia respostas curtas, as que continham mais de dez linhas ele simplesmente jogava fora. Sua dieta, agora, consistia em leite de cabra, uvas e outra fruta cuidadosamente dosada. Certa vez, Pyarelal aumentou o número de uvas de dezenove para vinte e três, mas “ele percebeu e deu-me uma lição sobre o perigo do ‘afeto cego’”.³³ O menu de cada refeição era medido cuidadosamente, de acordo com a reação de seu organismo à refeição anterior, o tempo de sono que ele tivera ou esperava ter e o esforço mental e físico que desempenhara ou pretendia desempenhar.

Em 1921, Gandhi tinha todos os elementos de seu especial empreendimento devidamente colocados: uma base segura no *ashram*; uma talentosa equipe de discípulos, dos quais Desai e Pyarelal eram os únicos mais hábeis; um partido nacional obediente aos seus desejos no Congresso; um uniforme, o *khadi*, para o seu exército; um programa econômico na fiação e autossuficiência; um jornal para os seus pronunciamentos semanais, e uma filosofia baseada no *satyagraha* para inspirar e encorajar os seus seguidores.

O novo vice-rei, o advogado lorde Reading (anteriormente Rufus Isaacs), reuniu-se com Gandhi seis vezes em 1921 e não achou nada de especial na aparência desse homem vestindo um *dhoti* (calça de tipo oriental deixando as pernas à mostra) e um gorro:

Na rua, eu passaria por ele sem notá-lo. Quando ele fala, a impressão é diferente. Ele é direto e se expressa bem no idioma inglês com uma boa apreciação do valor das palavras que emprega. Não há hesitação nele e é sincero em tudo o que ele pronuncia, salvo quando discute certas questões políticas... seus pontos de vista religiosos e morais são admiráveis e, realmente, de alta magnitude, mas devo confessar que acho difícil entender suas práticas na política.³⁴

Gandhi prometera que o Governo Autônomo poderia ser assegurado dentro de um ano, o que poderia ser conseguido por meio da não cooperação com os ingleses e no contexto de um programa construtivo da abolição da intocabilidade, da união hindu-muçulmana e da proibição da bebida alcoólica e das drogas. Ele viajou incansavelmente por toda a Índia, falando da não cooperação e da não violência para grandes multidões. Muitas pessoas nem sequer conseguiam ouvi-lo, mas satisfaziam-se em ver de longe o santo homem em seu *khadi* branco.

Ele convocou para 1º de agosto de 1921 um boicote completo dos tecidos estrangeiros, o que acabou levando a grandes fogueiras em 31 de julho. Em Bombaim, a pilha de tecidos condenados tinha aproximadamente 1,5 quilômetro de diâmetro. O próprio Gandhi ateou fogo a essa pilha fazendo com que fosse assemelhada a noção do valor simbólico da destruição e da renovação, próprias da mitologia hindu. As tradições judaica, cristã e muçulmana abominariam esse desperdício. Charles Andrews, partidário de Gandhi, protestou contra “a destruição pelo

fogo de nobres produtos feitos por homens e mulheres no estrangeiro”.³⁵ “Por que não doá-los aos pobres de dentro ou fora do país?”, perguntaram a Gandhi. Ele respondeu que tecido estrangeiro era “pecaminoso” — “Devemos olhar para os tecidos estrangeiros como se olhássemos para sujeira. Assim como não queremos sujeira para nós, não devemos passar essa sujeira de tecidos estrangeiros para outros”.³⁶ Entretanto, depois de escrever isso, ele amenizou, dizendo que os muçulmanos estavam enviando tecidos estrangeiros para ajudar os refugiados turcos de Esmirna.

Ele continuou com suas disciplinas espirituais, pois, na primavera de 1921, decidira manter o silêncio uma vez por semana — ele não falaria na segunda-feira, salvo em caso de emergência — e essa foi uma disciplina que manteve até o fim de sua vida. Mais tarde, em 1921, ele assumiu o compromisso de fiar todos os dias durante meia hora. Também decidira reduzir ainda mais as suas roupas. Descartou o *dhoti*, a jaqueta sem mangas e o gorro que estivera usando e, em 23 de setembro daquele ano, participou de uma reunião de fiandeiros portando apenas uma sunga. Ele considerou o fato como um ato de solidariedade para com os pobres que não conseguissem suficiente *khadi* para repor os tecidos estrangeiros queimados por sua insistência. Também argumentou que, no momento, não havia *khadi* suficiente para todos, portanto, “se os homens pudessem reduzir seus trajes como ele fizera, então haveria *khadi* suficiente para as mulheres” — embora nunca pedisse que as pessoas se vestissem com tão pouca roupa quanto ele (e esse argumento seria obviamente válido apenas por um curto período de tempo).³⁷ Nunca foi uma questão dos muçulmanos voluntariamente portar apenas uma sunga — a lei *sharia* requer modéstia tanto nos trajes dos homens quanto nos das mulheres —, portanto, quanto ao assunto de união, aí estava outro sinal claro de diferença.

Ao andar seminu, ele estava imitando os trajes — ou falta deles — dos *sadhus*, os homens santos que mendigam e povoam a Índia, pedindo esmolas e oferecendo graças espirituais, como a fecundação de mulheres inférteis. Mais tarde, ele andaria com o peito e as pernas descobertos, e uma sunga, além de um xale ou não, conforme a temperatura ditasse. Era como se, havendo conseguido com que seus partidários congressistas adotassem o *khadi*, ele tivesse de ir um pouco além.

Trinta anos antes, em Londres, ele vestira uma camisa de colarinho e uma cartola. Quando Sonja Schlesin lhe escreveu que esse modo de tirar a roupa era apenas um espetáculo, que se tratava de um show e de nenhuma substância espiritual, ele contestou-a dizendo que essa era uma progressão natural da maneira que o seu pensamento lhe ditava. “Acredite-me, nada há de espetacular numa sunga.”³⁸

A fase seguinte do programa do Governo Autônomo (ou *swaraj*), caso a não cooperação pelo público não obtivesse sucesso, seria Gandhi pedir às autoridades do governo que deixassem seus postos, que os soldados depusessem suas armas e que uma greve dos impostos tivesse início numa área selecionada. Ele tinha de conseguir a independência antes do fim de 1921, se o compromisso do “*swaraj* dentro de um ano” tivesse de ser cumprido. Seus pronunciamentos tornaram-se cada vez mais desesperadores: “Não devemos beber nem jogar. Devemos controlar nossas paixões animais. Se fizermos isso, certamente conseguiremos o *swaraj*”.³⁹

Agora, ele apresentava o governo britânico como satânico — *Ravena Raj*, e não *Rama Raj*, governo do demônio, e não de Deus —, que devia ser eliminado. Ele apresentou o seu movimento como sendo um movimento que abrangia “religião e irreligião, poderes da luz e poderes da escuridão”. Eram os muçulmanos e os hindus, que tinham “religião e honra como seus motivos”, contra a civilização europeia, que representava “o espírito de Satã”.⁴⁰

A visita do príncipe de Gales, mais tarde Eduardo VIII (servido pelo jovem Louis Mountbatten, entre outros), foi boicotada, e a comitiva real deparou-se com as ruas vazias. Em 21 de novembro de 1921, a violência irrompeu em Bombaim quando o elemento de autossacrifício da não cooperação apresentou o seu lado horrível. A violência não era um ataque contra os britânicos, mas uma perseguição aos indianos que não mantiveram o boicote. Lojas de bebidas foram quebradas, bondes foram parados e passageiros molestados, suas vestes ocidentais arrancados à força: pársis, cristãos e judeus foram atacados. Cinco policiais e cinquenta e três manifestantes foram mortos. Gandhi presenciou a violência das massas pilhando lojas e gritando: “Vitória para Mahatma Gandhi!”. Depois dos tumultos, C.F. Andrews descreve-o como “abatido e magro, como se ele tivesse andado pelo vale das sombras da morte”.⁴¹ Ele declarou que jejuaria até que hindus e muçulmanos fizessem as pazes com as outras comunidades cujos membros haviam sido atacados. Ele quebrou o jejum dois dias mais tarde, ao ser assegurado do bom comportamento dos vários grupos.

Reuniões foram proibidas como resposta à violência envolvendo a visita do príncipe, e Gandhi reagiu chamando as suas tropas para desafiar as proibições, praticarem reuniões e estarem preparadas para ser aprisionadas. Havendo a não cooperação assumido o movimento, em 1º de fevereiro, Gandhi escreveu para o vice-rei a fim de informá-lo de que tinha a intenção de lançar um movimento de desobediência em massa contra o governo. Como primeiro passo, a desobediência civil nacional foi estabelecida na área de Bardoli, no Gujarat, novamente escolhendo a província que conhecia melhor para um primeiro teste.

Em 4 de fevereiro, seus planos seriam brutalmente interrompidos: uma procissão gritando “Vitória para Mahatma Gandhi!” na aldeia de Chauri Chaura, nas Províncias Unidas, começou a ridicularizar e, em seguida, a agredir alguns policiais, os quais, amedrontados, abriram fogo contra os manifestantes. Ao acabar a munição, eles se abrigaram no posto policial que a multidão atacou e depois ateou fogo, queimando ou matando vinte e dois policiais. Em 12 de fevereiro, Gandhi convenceu o comitê atuante do Congresso a suspender a desobediência civil: a não cooperação devia ser substituída pelo programa de fiar, da temperança, da melhoria educacional e do trabalho com os intocáveis locais para melhorar suas condições. Ele recusou-se, assim disse, a liderar um movimento “metade violento e metade não violento, mesmo que isso resultasse no assim chamado *swaraj* (Governo Autônomo)”.⁴² Dessa forma, ele manteve a sua alta moral, recusando-se a desculpar ou a se comprometer com a violência.

Jawaharlal Nehru lembrou-se de que ele e outros prisioneiros ficaram cientes desses recentes acontecimentos “surpresos e consternados... Será que um remoto vilarejo e uma turba de camponeses revoltados e totalmente deslocados iriam pôr um fim, pelo menos por algum tempo, à nossa luta nacional pela liberdade?”.⁴³ Nehru e outros prisioneiros foram libertados em março. Mais tarde, ele declararia que Gandhi agira quase por instinto, gradativamente

desenvolvendo um sentido de como as massas estavam se comportando: “Toda organização e disciplina estavam desaparecendo: todos os nossos bons homens estavam na prisão, e as massas, até então, haviam recebido pouco treinamento para seguir adiante sozinhos”.⁴⁴

O movimento estava perdendo fôlego, e o que restava agora havia sido tomado por elementos anarquistas. Embora o levante do país promovido por Gandhi fosse impressionante, seu sucesso foi limitado. Os tribunais, as escolas e os colégios continuaram a funcionar; a polícia e o exército permaneceram leais ao Império. O movimento Khilafat já começara a ser reconhecido como o absurdo que sempre foi. Em 1922, os turcos seculares depuseram o sultão, supostamente o grande califa que os indianos estavam promovendo, e o Islão não ficou abalado em suas fundações. Os turcos anunciaram uma república secular, e o califado foi declarado extinto em 1924 por Kemal Atatürk, um líder muito moderno, muito mais nos moldes de Jawaharlal Nehru do que nos de Gandhi. E assim morreu o Khilafat, o derradeiro indicador significativo da união popular hindu-muçulmana na campanha nacionalista indiana.

Em 10 de março de 1922, Gandhi foi preso no *ashram*. Quando perguntado, ele disse estar com cinquenta e três anos e que sua profissão era “agricultor e tecelão”. Ele foi julgado oito dias mais tarde por incitar o desafeto contra o Governo de Sua Majestade em três artigos de *Young India*. Declarou-se culpado e que não pediria piedade: “Estou aqui para assumir e submeter-me alegremente à mais alta penalidade que possa ser infligida sobre mim pelo que, na lei, é considerado um crime deliberado e o que, para mim, parece ser o mais alto dever de um cidadão”.⁴⁵ Ele foi condenado a seis anos de prisão, mas o juiz demonstrou tanta compreensão que chegou a expressar a esperança de que o curso dos eventos na Índia tornassem as coisas mais fáceis para que o governo reduzisse a sua pena e o libertasse. A primeira grande campanha para a independência da Índia estava encerrada.

A Marcha do Sal

Para a prisão de Yeravda, em Poona, Gandhi levou alguns livros, como o *Bhagavad Gita*, um dicionário, uma tradução do Corão e da Bíblia. Ele também levou uma roca de fiar com a qual ficara muito assíduo, ouvindo o seu zunir como se fosse um mantra, mas os guardas não a permitiram. Ele disse que jejuaria se não pudesse fiar e, assim, ele conseguiu com que fosse permitido tê-la em sua cela. Em sua primeira noite na prisão, disse para Shankerlal Banker, o editor do *Young India*, que fora preso junto com ele: “Reze a Deus e vá dormir. A melhor forma de superar todas as dificuldades é recitar o Ramanama”.¹

“Finalmente, estou passando por um período de calma”, ele escreveu para Charles Andrews de sua cela de 10 pés quadrados (0,92 m²).² Acordava às 4 horas e ia para a cama às 22 horas, preenchendo o dia com atividades; ele dedicava seis horas do dia à leitura de história, biografia, teologia e até alguns versos de *Kipling*. Foi ali que ele escreveu *Satyagraha in South Africa* (Satyagraha na África do Sul) e o publicou em série no jornal *Young India*, ditando-o ao seu dedicado primo e discípulo, Maganlal Gandhi. Ele fiava ou desempenhava outras tarefas durante quatro horas ou mais e caminhava ao ar livre uma hora pela manhã e meia hora à tardezinha. Se estivesse chovendo, andava ao redor de sua cela. Ao surgir do Sol, ele rezava, recitava textos e cantava hinos devocionais. Devotava uma hora por dia a ensinar sânscrito a Shankerlal, que assumira o papel de servidor de Gandhi. Ele massageava a cabeça e os pés de seu mestre antes de deitar, cozinhava para ele, limpava a cela e lavava a roupa. Mais tarde, o próprio Gandhi passou a realizar essas duas últimas tarefas, pois acreditava limpar melhor a sua cela e conseguia economizar mais sabão do que seu amigo na lavagem da roupa. Shankerlal ainda se referiu a outras tarefas sob os cuidados de Gandhi: seu mestre contava os fósforos que estavam dentro da caixinha e designava quantos deveriam ser usados durante exatamente sete dias, insistia em receber exatamente cem uvas-passas para o café da manhã, e os pedaços de pão que lhe fossem servidos deviam ser de tamanhos iguais.³

Intermitentemente, Gandhi sofria de sérias dores abdominais que se intensificaram no início de janeiro de 1924, quando foi levado para o Hospital de Sasson, em Poona, sob a direção do coronel Maddock, diretor executivo da área. Em 12 de janeiro, ele foi operado de apendicite. Embora fosse liberado incondicionalmente em 5 de fevereiro, ele permaneceu no hospital por mais um mês recuperando as suas forças. Num gesto tipicamente gandhiano, resolveu não atacar o Império até que tivesse cumprido a sua pena de seis anos, em março de 1928, e,

portanto, respeitando o espírito de seu prazo de encarceramento.

Gandhi usava agora parte de seu tempo em atividades literárias: ele voltou a assumir a editoria de *Young India* e de *Navajivan* e publicou suas duas peças autobiográficas em série; a primeira, *Satyagraha in South Africa* (Satyagraha na África do Sul), e, em 1925, *An Autobiography or The Story of my Experiments with Truth* (Uma Autobiografia ou A História de Minhas Experiências com a Verdade). Em 1926, ele publicou seus discursos sobre o *Bhagavad Gita*.

No *front* político, o Congresso estava um pouco desordenado depois da saída de Gandhi. Eles haviam boicotado as eleições de 1920, mas muitos agora argumentavam que deviam lutar pelas eleições e apresentar as ideias de independência nos conselhos da Índia. Finalmente, Motilal Nehru, C.R. Das e Vithalbhai Patel formaram o Partido Swaraj. Por meio desse veículo, eles voltaram à política nacional: em novembro de 1923, foram eleitos para a assembleia nacional, na qual se encontraram novamente com Jinnah, que havia sido eleito como candidato muçulmano independente. A experiente manobra política de Jinnah levou à criação de um bloco a favor da independência, que consistia em seu grupo de independentes e dos *swarajistas*, que, dessa forma, superavam em número os legalistas imperiais.

Gandhi não ficou satisfeito com o fato de os *swarajistas* estarem cooperando com a legislatura; pensava que isso faria com que a mente das pessoas se desviassem da regeneração da vida nacional que ele achava ser o caminho ideal para a independência. Ele tentou impedir que os *swarajistas* assumissem posições de liderança no Congresso, mas depois de vencer por muito pouco, um voto contra eles, Gandhi cedeu, porém com a condição de que eles o apoiassem no movimento do *khadi*: e, assim, eles poderiam permanecer nos conselhos para os quais haviam sido eleitos como representantes do Congresso, desde que aceitassem que a associação ao Congresso estivesse aberta apenas para os que usavam uma roca de fiar. Agora, o seu compromisso para com a sociedade concentrava-se no *khadi*, ou seja, na união hindu-muçulmana e na oposição à intocabilidade.

Gandhi não foi o único inimigo dos ingleses a ser libertado, nem tampouco o único declarando ser o representante da verdadeira cultura indiana. Vinayak Savarkar, que havia sido envolvido no assassinato de vários oficiais britânicos, foi libertado em 1924. Em 1925, ele tomou parte na formação do Rashtriya Swayamsevak Sangh — o RSS ou Associação Voluntária Nacional — “a fim de proteger a cultura hindu”. Tratava-se de uma organização quase militar que praticava treinamentos, continências particulares e tinha a sua própria bandeira. Ideologicamente, eles eram antimuçulmanos e a favor da continuidade da diferenciação de castas, mantendo, ao mesmo tempo, a casta dos intocáveis. Alguns hindus estavam claramente pretendendo interpretações mais marciais de sua fé. Gandhi havia enfatizado o lado espiritual e contemplativo da advertência de Arjuna para Krishna no campo de batalha, interpretando a batalha do *Bhagavad Gita* no sentido espiritual. Para muitos, a interpretação literal era a correta: a batalha à qual foi levado a participar era real.

A Índia havia sido despertada pela ideia da não cooperação na esperança e na crença de que ela a levaria à confraternização religiosa e a uma nação pacífica e autossuficiente. Entretanto, tratava-se do despertar de uma fera adormecida, e não havia nenhuma certeza de que a fera, ao

ser despertada, seria dócil. Sarojini Naidu escreveu para Gandhi, numa carta que ele registrou, dizendo que “‘discursos e homilias sobre a paz não são suficientes’. Devo descobrir um remédio efetivo. Ela está certa em colocar em mim toda a responsabilidade. Por acaso não fui eu o instrumento que trouxe à baila a vasta energia do povo? Se essa energia provou ser autodestrutiva, eu devo descobrir como remediá-la”.⁴ Portanto, em setembro de 1924, ele praticou um jejum a favor da união hindu-muçulmana na fronteira noroeste, onde haviam ocorrido tumultos. Declarou que o seu jejum era uma penitência pessoal por ele próprio não ser totalmente não violento, um raciocínio cuja lógica não fazia sentido para o mais devotado seguidor. Já experimentado nesse exercício, ele jejuou durante vinte e um dias apenas bebendo água e submetendo-se a um enema duas vezes por dia. Ele empreendeu o jejum na casa de Muhammad Ali, em Deli, o qual achou que deveria ter sido consultado antes que seu hóspede empreendesse tal procedimento cujos requisitos devem ter estressado sua hospitalidade. Gandhi atraiu para o lado de sua cama tanto líderes hindus quanto muçulmanos e concentrou a sua atenção nas relações hindu-muçulmanas como questão-chave nacional. Orações foram oferecidas em todo o país por sua vida. Em Deli, Motilal Nehru presidiu uma conferência de unidade convocada para cerca de duzentos líderes nacionais de grupos com interesses diferentes. Eles emitiram requisitos para a tolerância das reconhecidas diferenças, aceitando que os muçulmanos continuassem abatendo vacas e que os hindus tocassem suas músicas, as quais poderiam, possivelmente, ser ouvidas nas mesquitas da vizinhança — dois dos mais frequentes gatilhos de conflitos comuns.

Porém, a unidade hindu-muçulmana tinha seus limites: em 1926, Manilal Gandhi, que estava na África do Sul, enviou uma mensagem para seus pais, dizendo que queria casar-se com Fatima Gool, filha de um comerciante muçulmano que fora, durante muito tempo, amigo da família. Seu pai respondeu: “O seu casamento terá um forte impacto na questão hindu-muçulmana. Casamentos intercomunitários não são a solução para este problema. Você não pode esquecer, tampouco a sociedade esquecerá que você é meu filho”. Advertências foram seguidas por ameaças — caso se casasse com Fatima, “creio que você não poderá mais ser a pessoa certa para dirigir o *Indian Opinion*” — e, portanto, perderia o seu emprego. Gandhi ainda o avisou de que também seria cortado da família. “Depois disso, acredito que será impossível você voltar a residir na Índia.”⁵ Como sempre acontecia, Manilal acabou desistindo do casamento, e, como compensação por manter a harmonia da família, Gandhi comprometeu-se a encontrar uma moça de Gujarat para Manilal. Ele pediu uma solene promessa do filho: “Que ele a tratasse como sua companheira e nunca como escrava; que cuidasse de sua pessoa como cuidaria de si mesmo; que não a forçasse a submeter-se à sua paixão, mas que tivesse relações quando ela permitisse. Aconselho-o a colocar certos limites à sua paixão”.⁶

O respeito por outras culturas era mantido desde que umas ficassem distantes das outras. Isso não era diferente da atitude de Gandhi com respeito às castas. Em 1916, ele disse: “Dediquei muito tempo pensando sobre o sistema de castas e cheguei à conclusão de que a sociedade hindu não pode dispensá-lo, pois ela sobrevive devido à disciplina da casta”.⁷ Agora, ele se opunha à reforma: “O sistema de castas é uma instituição perfeitamente natural... Eu sou contra os movimentos que estão sendo promovidos para destruir o sistema... Nós não

nos associamos com membros de outras comunidades para comer ou para criar laços de casamento com eles”.⁸ Ele achava que quanto menos mulheres pelas quais um homem poderia legitimamente sentir desejo, melhor; e, se o seu desejo se restringir a apenas mulheres da mesma casta, “você estará se beneficiando espiritualmente ao limitar o número de mulheres disponíveis para a sua escolha”.⁹ Como sempre, Gandhi deixara de considerar o fato de que o desejo sexual pode, da mesma forma, originar-se da mulher.

Um problema baseado na casta foi apresentado quando o seu filho Devdas, com a idade de 27 anos, quis se casar com Lakshmi, garota de quinze anos e filha de um importante partidário de Gandhi, Chakravarti Rajagopalachari (posteriormente governador-geral da Índia). Eles foram informados de que deviam passar alguns anos separados sem se verem ou se escreverem, para depois ver se ainda queriam se casar. Os motivos do adiamento do consentimento dos pais eram que Lakshmi pertencia à alta classe *Brahma* enquanto os Gandhis eram da baixa casta dos *Banias*, e porque Lakshmi era muito jovem para saber realmente o que ela queria. Além disso, Rajagopalachari disse que ele e Gandhi “havia decidido que sua associação política não deveria ser cimentada com uma aliança matrimonial”.¹⁰ Devdas e Lakshmi casaram-se seis anos mais tarde.

Um caso semelhante para as famílias envolvidas foi o casamento do terceiro filho de Gandhi, Ramdas, com uma garota também da casta *Bania*, Nirmala, uma órfã que vivia no *ashram* de Gandhi com sua tia (muitos dos discípulos de Gandhi não tinham pai ou eram órfãos). Gandhi escolheu-a como esposa para Ramdas quando ela tinha dezesseis anos, mas pediu que esperassem. Eles se casaram quando ela tinha dezoito; e Ramdas, trinta. Eles começaram a vida de casado trabalhando entre os camponeses de Bardoli, mas o estilo de vida de Ramdas demonstrou que os ensinamentos de seu pai poderiam ter um efeito contrário ao desejado. “Ramdasji alugou uma grande casa e encheu-a com produtos ingleses caros — talheres, cerâmica, relógios — e me dava muitos vestidos bonitos”, disse Nirmala. “Ele ganhava apenas quarenta rúpias por mês como trabalhador voluntário. Eu dizia-lhe: ‘Devemos viver de acordo com os nossos meios. De qualquer forma, de que serve toda essa grã-finagem e essa boa vida? Você pode ser preso a qualquer momento’. E ele respondia: ‘Essa pode ser a nossa última casa, portanto, vamos aproveitá-la, comer e viver bem. Deixe que o amanhã tome conta de si mesmo’.” Quando ele a viu lendo um dos trechos de Gandhi sobre o celibato, perguntou-lhe: “O que você está fazendo lendo essa besteira?”.¹¹

Romain Rolland, outro admirador de Tolstói, escreveu uma biografia sobre Gandhi em 1924, divulgando-a para um grande e receptivo público. O título descompromissado escolhido pelo Prêmio Nobel de 1915, *Mahatma Gandhi: The Man Who Became One with the Universal Being* (Mahatma Gandhi: O Homem que se Tornou Um com o Ser Universal), sugeriu uma abordagem menos crítica. A publicação desse livro foi um estágio importante no progresso da reputação de Gandhi como personagem do mundo. As primeiras palavras de Rolland proporcionam o que viria a ser a imagem universal de Gandhi: “Grandes olhos salientes, escuros e suaves, um homem pequeno e frágil, com um rosto magro; sua cabeça coberta com um pequeno gorro, seu corpo vestido em tecido rústico branco e descalço. Ele vive de arroz e frutas, e bebe apenas água. Ele dorme no chão — dorme muito pouco e trabalha

incessantemente”.¹² Rolland introduziu as ideias de Gandhi, da volta à natureza, infundidas com misticismo oriental no hemisfério norte, acostumado a polarizar escolhas políticas entre direita e esquerda. As pessoas espiritualizadas podiam olhar para Gandhi e ver uma solução alternativa num mundo de materialismo. “Se o espírito da Índia surge agora de templos e florestas é porque possui a mensagem pela qual o mundo anseia”, escreveu Rolland.¹³

Madeleine Slade era uma buscadora da verdade que foi influenciada pelo livro: ela viajou à Índia depois de lê-lo e escreveu para Gandhi. Filha do almirante sir Edmond Slade, ela fora uma criança solitária, dedicada à natureza e à música. Um encontro com Rolland quando ele estava escrevendo sobre Gandhi levou-a a transferir sua preferência por Beethoven para o Mahatma. Quando leu o livro de Rolland, “a aurora em meu coração brilhou cada vez mais, e, ao terminá-lo, o Sol da Verdade derramava seus raios em minha alma”.¹⁴ Ela tinha trinta e três anos quando, em 1925, viu Gandhi pela primeira vez e caiu de joelhos à sua frente, e ele, que nunca tivera uma filha, mas sempre ansiara por uma, lhe disse: “Você será minha filha”. Madeleine, que insistira em cortar seu longo cabelo em sinal de devoção espiritual (para a surpresa de outras mulheres *ashramitas* que não viam a necessidade de imitá-la), recebeu o nome de Mira, uma princesa que a tudo havia renunciado por Deus, acrescido do sufixo “-behn”, que significa irmã, de maneira que ela passou a ser chamada de Mirabehn — Irmã Mira. Ela foi muito importante como editora para o inglês de Gandhi, quando ele escrevia cartas para autoridades imperiais ou nas traduções de suas obras do guzerate para o inglês, inclusive o seu livro *Autobiografia*.

Portanto, durante certo período, ela fez parte de um triunvirato de secretários, junto com Mahadev Desai, como assistente principal, e Pyarelal (menos prático), como terceiro assistente. Em dezembro de 1925, Gandhi escreveu: “Você esteve constantemente em meus pensamentos. Essa separação de três dias é uma boa disciplina” — o que dá uma boa ideia de quanto tempo eles passavam juntos.¹⁵ Na Inglaterra, o conceito de viajar para o Oriente em busca de conhecimento espiritual não era algo importante nas mentes dos colonistas fofoqueiros, que consideravam estranho o fato de uma moça de classe alta desistir das perspectivas de casamento para conviver com um indiano seminu. Esse fato também era motivo de falatório no *ashram* — apesar de todas as pretensões espirituais, o *ashram* era sempre um foco de mexericos. Gandhi deparou-se com dificuldades cada vez maiores em lidar com essa intensa mulher, e suas cartas insinuam a sua frustração a seu respeito: “Ninguém consideraria suicidar-se em consequência de um inocente comentário meu... essa doença chama-se idolatria. Se não for, por que então esse afã por minha companhia? Por que tocar ou beijar os pés que um dia estarão mortalmente frios?”.¹⁶ Finalmente, ele decidiu enviá-la para trabalhar em outros *ashrams*, embora lhe escrevesse cartas saudosas: “Você está em meu cérebro. Olho à minha volta e sinto a sua falta... Você sempre esbanjou em mim, pessoalmente, o seu amor. Senti-me culpado por essa apropriação indevida e comecei a explodir sob o mínimo pretexto. Agora que você não está comigo, fico com raiva de mim mesmo por tê-la repreendido tanto, mas eu estava numa cama de brasas ardentes todas as vezes que eu aceitava o seu serviço”.¹⁷ Certa vez, ele confidenciou a um amigo: “Eu nunca levei alguém a um choro

tão amargo quanto o dela”.¹⁸

Gandhi viria a atrair um número cada vez maior de ocidentais ao seu estilo de vida. No fim do século XX, outros líderes espirituais haviam surgido da Índia para apresentar os mistérios espirituais do Oriente em inglês — Maharishi Mahesh Yogi, Bhagwan Shree Rajneesh (Osho) e Sathya Sai Baba —, todos com seus *ashrams* e suas exclusivas mensagens. O *ashram* de Gandhi pode ter sido a primeira tentativa bem-sucedida realizada pelos indianos para juntar suas crenças de uma forma internacionalmente atrativa. Seus antecessores imediatos, Annie Besant e a sua mentora, Madame Blavatsky, foram europeias que desenvolveram um interesse ativo no pensamento religioso indiano. A evolução de Gandhi foi um desenvolvimento local.

Os ocidentais encontraram muitas coisas familiares no *ashram*: as reuniões de orações de Gandhi incorporavam bênçãos e hinos cristãos, e a evidência do pensamento de Ruskin e de Tolstói não era difícil de detectar. O valor de despojar-se dos bens materiais estava enraizado profundamente na noção indiana da vida espiritual, mas o trabalho com as próprias mãos e a dignidade do trabalho em si eram uma importação do pensamento socialista europeu.

A crítica pungente com respeito à forma pela qual lidara com seu filho Harilal fez com que insistisse em regulamentos insignificantes com respeito ao sal ou ao leite ou a qualquer outra coisa que ele controlasse, e, conforme disse Harilal, em nada isso influenciava o caráter das pessoas. Havia outros aspectos mais importantes a serem estimulados: o altruísmo, a caridade, a coragem. Em vez de promover essas qualidades, Gandhi abrigava no *ashram* acólitos hipócritas que o satisfaziam apenas observando minuciosamente suas dietas alimentares e obedecendo às suas ordens à risca e sem questionamento.¹⁹ Mais tarde, um dos *ashramitas* falou sobre a absurda dependência que tinham de Gandhi: “Chegamos a ficar tão dependentes dele a ponto de não tomar nenhuma decisão sem antes consultá-lo: ‘Bapu, quanto óleo devo usar no cabelo?’; ‘Bapu, você acha que devo raspar o meu cabelo?’ ou ‘Bapu, devo comer uma ou duas colheres de pasta de soja?’”.²⁰

Enema era uma prática persistente na vida do *ashram*, e havia sido assim desde a África do Sul. Gandhi costumava contar um episódio sobre uma garota europeia que lhe era próxima na África do Sul e que sofria de constantes dores de cabeça. Ele disse-lhe: “Você deve estar constipada. Vou lhe fazer um enema”. Ao preparar a seringa, ela tirou sua roupa e, provavelmente, incapaz de conter o amor que sentia pelo homem que amava e estava por penetrá-la à sua própria maneira, aproximou-se de Gandhi e o abraçou. Ao que ele disse: “Você pensa que sou seu pai ou seu amante?”. Ela retrocedeu sem jeito, Gandhi aplicou-lhe o enema e, como sempre, fez com que ela confessasse a sua transgressão aos amigos e à família.²¹

Gandhi à parte (pois sofria de constipação crônica), a pergunta a ser aqui colocada é: os residentes do *ashram*, os quais praticavam uma dieta vegetariana, estavam de fato constipados ou Gandhi projetava sobre eles os seus próprios sintomas — ou será que a preocupação com enemas era apenas uma obsessão neurótica com a limpeza interna e externa do corpo? O próprio Gandhi submetia-se a um enema diariamente e prescrevia amplamente esse tipo de tratamento. Ele até disse a Kasturba para aplicar um enema em sua nora, Nirmala, que disse: “Eu tive vergonha pelo fato de minha futura sogra aplicar-me o enema, mas Ba foi gentil e

materna. Depois de alguns dias, aprendi a fazê-lo sozinha”.²² Embora Gandhi prescrevesse o enema aos *ashramitas*, nem sempre era ele que participava da aplicação. Caso assim fizesse (particularmente a mulheres indianas para quem a modéstia era e é um requisito cultural importante), teria sido considerado um comportamento extremo até para Gandhi.

Um dos grandes acontecimentos pessoais do “período de calmaria” foi a morte de Maganlal, seu braço direito, em abril de 1928, em Bihar, depois de uma curta doença. Com cinquenta e nove anos, Gandhi estava inconsolável com a perda do homem “que eu havia escolhido como herdeiro de tudo o que eu tivesse”. Em suas observações obituárias, ele foi meticuloso nos elogios que fez a respeito do celibato de Maganlal: “Quando apresentei aos meus companheiros de trabalho o *brahmacharya* como regra de vida até para os homens casados em busca da Verdade, ele foi o primeiro a perceber a beleza e a necessidade da prática e, embora isso lhe impusesse um terrível sacrifício, ele o levou até o fim com sucesso”.²³

Por outro lado, o fracasso em qualquer área era punido pela expulsão do *ashram*. Chaganlal Gandhi havia sido culpado de pequenos roubos envolvendo valores baixos de dinheiro durante alguns anos: ele teve de sair do *ashram*. Os *ashramitas* acharam justo entregar-lhe tudo ou parte das dez mil rúpias que havia economizado desde que se associara à comunidade, a fim de ajudar a ele e à sua família em sua nova vida. Mas Gandhi recusou, para decepção de muitos *ashramitas* que acharam que os seus princípios seriam mais bem temperados com a caridade.

Gandhi também achou que devia divulgar os pecados de Kasturba, o que ele fez publicando um artigo em guzerate no *Navajivan*: “Acredito que a sua vida foi imaculada. É verdade que a sua renúncia não se baseou numa apreciação inteligente dos fundamentos da vida, mas na cega devoção conjugal... Porém a superfície branca dessas virtudes não está isenta de bem aparentes manchas pretas”.²⁴ Embora impelida por um sentido de devoção conjugal para renunciar às posses materiais, o desejo por elas persistiu, pois ela guardou umas duzentas rúpias para o seu próprio uso do dinheiro doado por várias pessoas. Isso veio a ser conhecido quando essa pequena soma foi roubada de seu quarto, e ela ficou incomodada com o seu desaparecimento.

Quando uma viúva e um jovem solteiro tiveram um caso amoroso, Gandhi colocou o futuro do *ashram* nas mãos de Deus. Ele empreendeu outra experiência com “alimentos vitais” que “não haviam entrado em contato com o fogo”, ou seja, crus.²⁵ Vinte e duas pessoas juntaram-se a ele na experiência, numa tentativa de controlar as paixões descontroladas. Isso fez com que todos sofressem de problemas intestinais. Gandhi abateu-se com disenteria, e a experiência foi interrompida.

Gandhi foi eleito presidente do Congresso em 1925. Agora, ele dedicava pouco tempo às relações hindu-muçulmanas, dizendo: “Por enquanto guardei essa confusão hindu-muçulmana em meu armário. Isso não quer dizer que eu tenha desistido de procurar uma solução... Porém, devo confessar que hoje não posso apresentar-lhes uma solução funcional passível de sua aceitação”. Era uma triste premonição do futuro.²⁶ Os muçulmanos, como Shaukat Ali, queixaram-se de que, apesar de terem concordado com o movimento da não cooperação, inclusive das viagens de Gandhi e do jornal *Independent*, de Motilal Nehru, seus interesses não estavam sendo apoiados pelo Congresso. Gandhi escreveu uma nota de pesar, dizendo que o comitê do Khilafat pagara suas despesas por insistência própria e que, agora, ele estava

inclinado a devolver o valor total, com juros.

Durante o período de 1925 a 1927, Gandhi viajou muito para o leste e para o norte da Índia e, depois, para o sul e para o Ceilão. Em 1929, visitou o Himalaia, o norte da Índia, Sind e Birmânia. Um posterior seguidor de Gandhi, G. Ramachandran, explicou como ele viu o seu futuro líder pela primeira vez, com dezesseis anos: “Em Travancore, de repente, os inferiores intocáveis começaram a andar pelas estradas, que durante séculos haviam sido reservadas para os hindus de alta casta. O marajá prendeu centenas. Bapu (Gandhi) chegou, e os intocáveis organizaram um grupo para ouvi-lo falar”. Os pais de Ramachandran não permitiram que ele participasse, mas ele saiu de casa às escondidas e viu Gandhi de longe, no meio de uma grande multidão, ordenando o silêncio com um simples levantar de um dedo. Ele ainda disse: “A multidão esperava que Bapu atacasse o marajá, mas a primeira coisa que ele praticamente disse foi: ‘Eu vim aqui numa peregrinação para ajudar os Harijans a conseguirem o seu autorrespeito. Mas também vim aqui para pagar o meu respeito ao seu grande marajá’”. Gandhi sabia que os espiões reportariam ao marajá tudo o que ele dissesse. A multidão estava começando a ficar hostil, mas Gandhi controlou-a com o que Ramachandran chamou de “dedo mágico”. Poucos dias depois, Gandhi havia conseguido convencer o marajá a permitir que os intocáveis andassem pelas estradas.²⁷

Os ingleses agiram desastrosamente com respeito à reforma política indiana, a qual prosseguiu de acordo com a Lei do Governo da Índia de 1919. O governador conservador Stanley Baldwin estabeleceu uma comissão estatutária chefiada por sir John Simon, que faria uma viagem pela Índia em 1928. Eles cometeram o erro de não nomear um indiano para participar da comissão composta de sete homens, provocando, assim, a união no movimento nacionalista — todos os políticos indianos ficaram igualmente ofendidos. O país, anteriormente aquiescente, foi despertado, e a comissão, que incluía o futuro primeiro-ministro Clement Attlee, em seu giro pela Índia, veio a deparar-se com manifestantes portando bandeiras pretas com os dizeres “Vá embora, Simon!”. A violência das demonstrações anti-Simon levou a sérios danos e à morte de um líder proeminente, Lala Rajpat Rai, o que, por sua vez, levou a ataques a bomba, contra as autoridades, por parte da ultrajada juventude punjab. Gandhi não foi ativamente envolvido no boicote a Simon, temendo provocar e estimular uma revolta nacional despreparada e sem nenhum objetivo senão o de protestar.

As políticas do Congresso concentravam-se em dois grupos: o grupo que queria o *status* de domínio dentro do Império Britânico, composto, mormente, da geração mais velha, e o grupo dos jovens radicais, como Jawaharlal Nehru e Subhas Chandra Bose, que argumentavam pela independência completa. Bose era um jovem ativista do militarismo que gostava de vestir um uniforme e que acreditava que a não violência fosse um instrumento insuficiente para conseguir a independência indiana. Ele era imune ao charme de Gandhi e criticava o seu limitado raciocínio estratégico. Acreditava que a independência seria conseguida por meio de algum nível de luta armada.

Em resposta ao insulto à Comissão Simon e à implícita sugestão de que os indianos não poderiam produzir sua própria constituição de trabalho, Motilal Nehru presidiu um comitê de políticos que trabalhavam no que seria chamado de Relatório Nehru, o qual, derradeiramente,

viria a formar grande parte da base da constituição de independência da Índia. Sua provisão mais importante era o sufrágio universal, convocando igualmente homens e mulheres, um progresso democrático implementado na Inglaterra somente em 1928, o ano em que o Relatório Nehru foi elaborado.

No Congresso de Calcutá, no fim de 1928, Gandhi propôs um compromisso entre os que queriam uma campanha para a independência completa e os que queriam o *status* de domínio com uma constituição alinhada de acordo com o Relatório Nehru antes de 31 de dezembro de 1929, na falta do qual a luta seria para a independência completa. Gandhi apoiou Jawaharlal Nehru em sua candidatura para presidente do Congresso, em vez de Bose. Ele favorecia o jovem Nehru para a liderança havia algum tempo, apesar de Jawaharlal estar flertando com o socialismo, um credo rival ao qual Gandhi se opunha por considerá-lo muito materialista. Nehru tinha o charme e a habilidade para se tornar um líder, mas era curto de ideias; elas seriam supridas por Gandhi. “Que Deus o guarde por muitos anos e faça com que você seja o seu escolhido instrumento para libertar a Índia do jugo britânico”, ele escreveu.²⁸ O triunvirato de Motilal, Jawaharlal e Gandhi dominava o movimento da independência: diziam que o movimento estava sendo administrado pelo pai, filho e espírito santo.

O vice-rei lorde Irwin anunciava que o resultado natural do progresso constitucional da Índia seria alcançar o *status* de domínio. Isso, porém, não era mais do que havia sido declarado anteriormente — os nacionalistas queriam uma data. Entretanto, o governo britânico assim como o Parlamento, como um todo, estavam divididos. O primeiro-ministro Baldwin disse que quanto ao *status* de domínio ninguém sabe “se a data é próxima ou distante”.²⁹ Uma conferência de mesa-redonda estava programada para acontecer, mas o Congresso a boicotou. Os moderados do Congresso queriam realmente conferenciar, mas a ala radical e os extremistas fora do Congresso, com suas bombas e linguagem incendiária, obrigaram o partido a ser radical ou correr o risco de perder a iniciativa.

A Inglaterra recusou-se a conceder um cronograma para o *status* de domínio; o relatório de dois volumes da Comissão Simon ainda estava sendo elaborado quando o prazo do Congresso expirou. Jawaharlal Nehru levantou a bandeira tricolor em Lahore à meia-noite da muito fria véspera do fim de ano de 1929, dançando com certa rigidez ao redor do mastro da bandeira. Gandhi convocou uma reunião de todos os patriotas em 26 de janeiro de 1930 para assumirem o compromisso da independência e de sua disposição em quebrar a lei para conseguí-la. O compromisso declarou a lei britânica “um desastre quádruplo”: econômico, político, cultural e espiritual.

Gandhi preocupara-se em como realizar a prometida mobilização nacional; ele decidiu que, em primeiro lugar, apenas os seus partidários treinados realizariam atos de desobediência civil, e, em seguida, os destreinados *satyagrahis* se juntariam a eles. Caso alguma violência fosse justificadamente atribuída ao seu movimento, ele pararia a campanha. Mas qual seria o motivo da campanha?

Em fevereiro de 1930, Gandhi desenvolveu o seu espetacularmente simples plano. Ele declararia ao mundo que quebraria a lei e, depois, andaria duzentas milhas até a costa para realizar o feito. A lei que pretendia quebrar era a de produzir e vender o sal sem pagar o

imposto para os ingleses. Essa lei absurda exigia uma ação absurda na desobediência à lei: ele processaria sal e incentivaria outros a fazer o mesmo.

Ele interessara-se pelo sal quando ainda era um estudante em Londres, em 1891, observando: “Na Índia, há milhares de pessoas que vivem de um *pice* (um centésimo de rúpia) por dia. Eles alimentam-se de pão e sal, um produto pesadamente taxado”.³⁰ A lei proibia a produção de sal sem o pagamento do imposto; a posse e a venda de sal contrabandeado eram consideradas uma ofensa. Da renda anual de £800 milhões de impostos recolhidos na Índia, a participação do imposto do sal representava £25 milhões, um valor procedente desproporcionalmente da classe mais pobre. Todos precisavam de sal, mas as pessoas que exerciam trabalhos físicos precisavam de uma quantidade maior do produto, e o seu custo representava a maior parte de sua mísera renda. O imposto era também considerado absurdo por existir uma grande quantidade na Índia: ele poderia ser colhido livremente em partes da costa, mas tratava-se de um produto monopolizado pelo governo. Como símbolo da campanha, o sal também tinha outra conveniência, pois ele era usado tanto por hindus quanto por muçulmanos e, portanto, um fator de união entre as duas facções.

Pessoalmente, Gandhi usava pouco sal — de fato, ele tentara excluí-lo totalmente de sua dieta. Ele escreveu para um amigo: “A indução de um apetite artificial faz com que as pessoas comam mais e desperta os sentidos gratuitamente... Minha dieta exclui o sal e consiste, basicamente, de frutas. Não é para penalizar o corpo que eu o faço, mas para que o corpo, a mente e o *atman* (o espírito) possam estar num controle mais pleno e mais puro”.³¹

Ele escreveu para o vice-rei (“Caro Amigo”), dizendo que o governo britânico era uma maldição que empobrecera os milhões de indianos por meio de uma administração militar e civil onerosa, embora afirmasse de maneira tranquilizadora: “Vocês estão recebendo mais do que 5 mil vezes a receita média da Índia. O primeiro-ministro britânico recebe somente noventa vezes mais que a receita média da Inglaterra. De joelhos, peço-lhe que pondere sobre esse fenômeno”.³² Declarou ainda: “Minha ambição é converter o povo inglês por meio da não violência e, assim, fazê-lo enxergar o mal que foi causado à Índia”.³³ Ele convocaria uma campanha de desobediência civil a menos que o governo concordasse com uma lista de exigências. Nessa lista, ele incluiu a abolição do imposto sobre o sal, mas não a enfatizou. As outras exigências eram: a proibição da bebida alcoólica, a redução dos salários das autoridades e o direito de portar armas.

Não foi a primeira nem a última vez que Jawaharlal Nehru ficou perplexo: “Qual era a vantagem de fazer a lista de uma reforma política e social — boas, sem dúvida — quando estivemos falando o tempo todo em termo de independência? Será que a intenção de Gandhi era a mesma quando o termo foi usado ou estivemos falando uma língua diferente?”.³⁴

Em 5 de março de 1930, Gandhi anunciou a sua intenção de promover manifestações sobre o sal, numa reunião no *ashram*. Políticos, como Vallabhbhai Patel, Motilal e Jawaharlal Nehru, não ficaram impressionados. O imposto do sal era uma imposição menor; ninguém estava realmente preocupado com isso, tampouco as classes cultas, pois não parecia proporcionar o prometido estratagema para esmagar o Império. Os ingleses consideraram a campanha como uma postura infantil e, assim, ela não mereceu uma atenção mais minuciosa — que era

exatamente o ponto. Decidiram não tomar nenhuma ação e deixar que o protesto prosseguisse.

Em 12 de março, o agitador de sessenta anos, acompanhado de seus setenta e oito *satyagrahis*, saiu às 6 horas do Ashram de Sabarnati (também chamado de Ashram Satyagraha) em direção a Dandi, onde o Mar Arábico formara salinas e de onde o sal podia ser facilmente colhido. Com guirlandas e música, os caminhantes passaram por Ahmedabad e foram saudados por uma multidão de milhares de pessoas que relembavam as grandes batalhas épicas, muitas das quais choraram pensando que o grupo se encaminhava para a morte.

Gandhi trajava um *dhoti*, ao qual estava preso um grande relógio, e um xale. Ele carregava, como todos os seus companheiros, uma sacola no ombro contendo um saco de dormir, uma troca de roupa, uma roca manual para fiar, um diário e um copo. O plano era marchar durante vinte e cinco dias por um caminho já planejado através das aldeias da costa ocidental. A fim de manter a comunicação com o mundo, Gandhi escreveu dezenas de cartas por dia e, às vezes, ficava acordado até as 3 horas, escrevendo seus artigos para o jornal *Young India*, antes de retomar a marcha do dia. Como previsto, eles passaram por aldeias para serem supridos com os mais simples alimentos e um lugar para dormir e para cavar latrinas. Os residentes aglomeravam-se para saudar Gandhi e seus companheiros, as cidades eram enfeitadas e as estradas eram molhadas para não levantar poeira.

Gandhi fez da marcha a ocasião para promover as mensagens a favor da fiação e contra a intocabilidade. No vilarejo de Dabhan, ele passou pelo templo e dirigiu-se ao bairro dos intocáveis, onde puxou água do poço dos “intocáveis” e se banhou. Então, convenceu os hindus de casta alta do comitê de recepção a permitir que os intocáveis se juntassem à comitiva. A maioria das aldeias recebeu os viandantes calorosamente; outras não haviam preparado um comitê de recepção, e os tambores tiveram de despertar o interesse dos residentes. Um oficial de polícia, reportando sobre a marcha, relatou ao seu superior: “Gandhi está ficando cada vez mais fraco. Isso é visível em seu rosto abatido. Agora, ele leva mais tempo para realizar suas marchas da tarde do que no início, assim como os seus discursos são cada vez mais curtos. Ele próprio diz, às vezes, ‘que está cansado’”.³⁵

Eles concluíram a marcha de 241 milhas (385 quilômetros) em vinte e cinco dias e chegaram a Dandi em 5 de abril. Sarojini Naidu e outros ativistas ali estavam para recebê-los. Nas últimas milhas do trajeto, os *ashramitas* foram acompanhados por milhares de partidários que a eles se juntaram. Jornalistas do mundo inteiro convergiram ao ponto-final da longa caminhada, onde Gandhi expressou a seguinte mensagem: “Eu quero a solidariedade do mundo nessa luta do Direito contra o Poderio (*Right Against Might*)”.³⁶ Em 6 de abril, ele banhou-se no mar e quebrou as leis do sal ao colher uma pitada de sal (na realidade, tratava-se de água lamacenta), o sinal para toda a Índia fazer o mesmo. Ao longo da costa, os aldeões entraram no mar ou colheram sal das salinas. Nas cidades, voluntários do Congresso vendiam, nas ruas, sal produzido ilegalmente (de qualidade duvidosa). Gandhi produziu um pouco de sal que foi vendido ao mais alto arrematador e, assim, conseguiu 1.600 rúpias para a causa.

Milhares de pessoas foram presas por produzir e vender sal ou surradas por se recusarem a soltar o sal que haviam adquirido. Da costa sul até Bengala e a Província Fronteiriça do

Noroeste, manifestações ocorreram, em sua maioria pacífica, mas, em Peshawar, soldados indianos recusaram-se a abrir fogo contra os manifestantes desarmados — para os ingleses uma séria virada de eventos. Em Bengala, que sempre foi cenário de violentas discórdias, os nacionalistas atacaram um depósito do exército em Chittagong e apossaram-se de armas. Os ingleses fecharam os jornais nacionalistas, inclusive o *Young India* e *Navajivan*, e passaram a governar por decreto, ignorando as legislaturas democráticas.

Gandhi planejava ir além e chefiar uma marcha para um depósito de sal do governo, mas foi preso depois da meia-noite em sua choupana, em 5 de maio, de acordo com uma lei do início do século XIX a qual permitia a detenção sem julgamento. Ele pegou seus pertences, escovou seus poucos dentes e teve permissão para que o seu cantor cantasse uma oração — o campo já fora despertado e esperava silenciosamente a sua partida. Ele foi levado de trem e de carro de volta para a prisão Yeravda, em Poona, onde estivera preso anteriormente. Quando examinado, ele pesava 45 quilos e tinha 1,52 metro. Referia-se a essa prisão como Casa do Prazer de Yeravda. Nas cartas que dali escrevia, parecia estar contente com a tranquilidade que a detenção lhe proporcionava.³⁷

A proposta marcha para o depósito de sal do governo, em Dharasana, aconteceu, chefiada por Sarojini Naidu, com milhares de *satyagrahis*, aproximando-se do edifício solidamente fortificado, mas eles não apresentaram nenhuma resistência quando foram agredidos com bastões pesados (*lathis*) e obrigados a retroceder. O evento espetacular foi reportado ao mundo todo. Nas impressionantes palavras de Webb Miller, o correspondente da *United Press*: “De onde eu estava, podia ouvir as revoltantes pancadas dos bastões nas cabeças desprotegidas... As pessoas que eram atingidas caíam estateladas e inconscientes ou debatendo-se com os crânios fraturados ou com os ombros quebrados”.³⁸ Conforme o vice-rei Irwin escreveu para o rei: “O assunto todo era propaganda e, como tal, serviu especialmente bem ao seu propósito”.³⁹ De forma particular, a mídia americana achou a imagem de Gandhi desafiando o Império Britânico irresistível, evocando o imposto sobre o chá de 1776, com seu icônico lugar na história da Revolução Americana.

As detenções continuaram num ritmo rápido, e, assim que os líderes eram levados, outros tomavam seus lugares. Quando Jawaharlal foi preso, Motilal Nehru assumiu a presidência do Congresso em seu lugar, seguido por Vallabhbhai Patel e, depois, por Rajendra Prasad — uma sequência de detenções e de substituições que foi duplicada em todos os níveis da organização do Congresso. Cerca de 50 mil pessoas foram aprisionadas, mas, desafiando as expectativas do governo, a repressão teve um efeito contrário: a desobediência civil tornou-se mais agressiva com uma escalada da violência.

A conferência de mesa-redonda (posteriormente conhecida como a *primeira* conferência de mesa-redonda) sobre a constituição da Índia convocada pelo primeiro-ministro do trabalho Ramsay MacDonald, em Londres, foi aberta em 12 de novembro de 1930, por Jorge V. Apesar do apoio de alto nível, ela não obteve o sucesso esperado, pois não estava claramente representada pela maioria nacionalista hindu. Jinnah e Aga Khan representaram os muçulmanos, e, pela primeira vez, os príncipes estavam fortemente representados numa conferência política. Os que participaram concordaram com o princípio de uma federação

indiana e o desejo de um imediato *status* de domínio, sendo este último exigido pelos partidários do Congresso. Era o mínimo que os ingleses podiam conceder, e muito pesar teria sido evitado se tivessem agido mais rapidamente em concordar com a concessão. Se os ingleses tentaram reunir suas forças em oposição ao Congresso, a tática falhou. O Relatório Simon, quando afinal foi publicado, propunha uma Federação de Toda a Índia, o que deveria ser uma meta ilusória para os desenvolvedores da constituição britânica durante os dezessete anos seguintes.

Com esse nível de concordância, o governo da Índia estava preparado para demonstrar uma posição para chegar a um acordo com o Congresso, e, em 26 de janeiro de 1931, todos os líderes que haviam sido encarcerados foram soltos a fim de tornar possíveis as discussões. Ao ser libertado, Gandhi declarou ao *Associated Press*: “Saí da cadeia com a mente absolutamente aberta, livre de inimizade, sem preconceitos e preparado para estudar a situação toda, levando em consideração cada ponto de vista”.⁴⁰

Motilal Nehru morreu em fevereiro daquele ano. Quando Gandhi o visitou, o homem doente havia pedido uma bebida. Gandhi disse-lhe que devia estar recitando o *Bhagavad Gita* e pensar em coisas espirituais. “Eu deixo as coisas imateriais para você e para minha esposa. Enquanto ainda estou na Terra, praticarei as coisas terrenas”, respondeu o velho advogado.⁴¹ Com a morte do sábio e cínico Motilal, desaparecia a última influência que restringia Gandhi da velha geração, para o bem ou para o mal. Tudo o que aconteceu no Congresso durante os dez anos seguintes, ocorreu sob sua direção — o sucesso ou o fracasso estava em suas mãos.

O Congresso autorizou Gandhi a negociar um acordo sobre a campanha da desobediência civil com o vice-rei. Assim, ele escreveu para lorde Irwin, e os dois encontraram-se em fevereiro e março de 1931. Winston Churchill ficou indignado, famosamente referindo-se a Gandhi como um “maligno fanático subversivo”: era “alarmante e repugnante ver o sr. Gandhi, um subversivo advogado do *Middle Temple* (advogado que ainda não é aprovado pela Ordem dos Advogados quando, na realidade, Gandhi passara na prova da Ordem), assumindo agora o papel de um faquir, do tipo bem conhecido no Oriente, seminu, subindo a escadaria do palácio do vice-rei, enquanto ainda trama e dirige uma campanha desafiadora de desobediência civil, a fim de negociar, em condições de igualdade, com o representante do rei-imperador”.⁴² Churchill havia servido na Índia e sabia que o país pululava de homens santos autoestilizados, usando vários tipos de trajes (nudez), mendigando às pessoas já pobres e oferecendo falsas panaceias. Gandhi não fazia parte dessa classe — ele era totalmente genuíno. Porém, não era irracional para Churchill compará-lo a charlatães.

Churchill achava que seria um “crime” a Inglaterra conceder o *status* de domínio “à Índia enquanto ainda existissem violentas divergências raciais e religiosas e enquanto a retirada da proteção britânica significasse a volta às guerras medievais”. O seu ponto de vista era que a classe política representasse uma ínfima autointeressada fração dos 350 milhões de indianos e que nenhuma comunidade poderia ter a dignidade de *status* de domínio enquanto “discriminasse e tratasse sessenta milhões de seus membros, semelhantes seres humanos vivendo ao seu lado, como “intocáveis”, cuja abordagem fosse uma afronta e cuja própria presença fosse considerada pura poluição”.⁴³ De maneira que ele concordava com Gandhi

sobre o horror do grande conflito hindu-muçulmano e sobre a ofensa da intocabilidade. Mas, enquanto Gandhi tratava de sanar a situação, Churchill apresentava esses aspectos negativos da sociedade indiana como motivos para adiar, provavelmente indefinidamente, o progresso para a independência. Churchill renunciou ao gabinete Conservador quando o seu líder de partido concedeu apoio para a mudança constitucional indiana — esse não foi o passo mais adequado empreendido pelo futuro líder da guerra. Entretanto, Churchill estava certo ao destacar que a verdadeira importância da reunião era a percebida igualdade, de ambos os lados, proporcionada aos líderes indianos e à administração britânica: Gandhi não abordou Irwin como suplicante, mas como igual.

Irwin, posteriormente lorde Halifax, seria desafamado como ministro das Relações Exteriores para o apaziguamento na escalada para a 2ª Guerra Mundial. De porte aristocrático (com mais de dois metros de altura), ele parecia um gigante perto do pequeno sábio da Índia. A respeito dos “dotes físicos desfavoráveis” de Gandhi, ele observou numa carta: “Pequeno, mirrado, magro, sem dentes frontais, é uma personalidade de físico pobremente favorecido pela natureza. No entanto, não é possível deixar de sentir a força de caráter por detrás dos pequenos olhos inteligentes e uma mente instintivamente ativa e em trabalho constante”.⁴⁴ Ele não se perturbou com a aparência de Gandhi em sua sunga e xale, ou com a presença de Mirabehn (afinal Madeleine Slade, seu nome anterior, era uma dama), que o servia com tâmaras e leite de cabra, levados ao palácio real, quando as conversações passavam do horário do jantar. Um diplomata que estava presente observou: “Lembro-me de Gandhi, sentado no chão, e uma garota que apareceu trazendo-lhe uma horrível mistura amarela que ele começou a comer, sem sequer pedir licença”.⁴⁵

Irwin logo avaliou o caráter de Gandhi e decidiu apelar à sua “ vaidade de poder e de personalidade”.⁴⁶ Irwin chegaria a ser apelidado de *Holy Fox* (Santa Raposa), um trocadilho de seu título por ser tanto religioso quanto astuto, certamente um oponente à altura de Gandhi. Mas o progresso era lento. Irwin escreveu para o seu pai:

Fiquei me perguntando o tempo todo: “Seria esse homem totalmente sincero?”. Acredito que à medida que a nossa conversa prosseguia, eu cheguei a pensar nisso de duas formas. Cheguei a ter certeza de que, se o sr. Gandhi me desse a sua palavra sobre qualquer questão, essa palavra seria mantida e que eu poderia implicitamente confiar nela. Por outro lado, descobri que a impressão que eu sempre tive foi confirmada, ou seja, que, embora fosse intencional e completamente sincero, ele era, de outra forma, a vítima de uma autoilusão inconsciente.⁴⁷

Eles reuniram-se oito vezes e chegaram a um acordo em 4 de março de 1931, acordo que ficou conhecido como o Pacto de Déli, ou o Pacto Gandhi-Irwin. Gandhi fez com que a campanha da desobediência civil fosse suspensa e concordou em participar da segunda conferência de mesa-redonda. Os ingleses queriam que os indianos parassem de boicotar os produtos de algodão de Lancashire, o que estava causando dificuldades aos trabalhadores das cidades algodoeiras. Isso foi aceito, embora o estímulo aos tecidos indianos fizesse parte do acordo. A vigilância não violenta das lojas de bebidas seria permitida. O vice-rei não concordou em abolir o imposto sobre o sal, mas permitiu que as pessoas de certas aldeias

produzissem sal para o próprio uso e o vendessem individualmente. Ele recusou-se a promover uma investigação sobre os excessos da polícia durante a campanha. Deu ordem de soltura para todos os prisioneiros não violentos, mas não evitaria o enforcement dos homens envolvidos em ataques com bombas. Isso levou, pela primeira vez, a manifestações contra o próprio Gandhi. Os partidários de Bhagat Singh, que havia atirado duas bombas na assembleia legislativa, repleta de membros britânicos e indianos, e, mais tarde, matado um jovem policial inglês, receberam Gandhi em sua chegada ao Congresso de Karachi, em março de 1931, com bandeiras pretas e gritos “Vá embora, Gandhi!”.

E, novamente, os membros do Congresso sentiram-se traídos por Gandhi. Ele havia suspenso uma campanha pela segunda vez sem nenhum particular benefício. Entretanto, é possível dizer que ele havia, astutamente, suspenso as duas campanhas de desobediência civil no momento em que perdiam força, mantendo, conseqüentemente, o estímulo. Jawaharlal Nehru chorou amargamente e disse a Gandhi que esse acordo nunca teria sido permitido se seu pai estivesse vivo: “Foi para isso que o nosso povo se comportou tão bravamente durante um ano inteiro? Será que as nossas nobres palavras e atos tinham de acabar nisso?”.⁴⁸ Afinal, assentos numa conferência de mesa-redonda, sem nenhum pré-requisito, haviam sido colocados em oferta desde o início do “*satyagraha* do sal”.

E assim terminou a segunda campanha para a independência da Índia. Sua única realização, ao final, foi a considerável vantagem da percepção de que Gandhi estava, agora, em posição de negociar. Ele, então, incrementou o seu prestígio ao apoiar-se em seus colegas do Congresso para permitir que fosse o único representante, embora o governo tivesse alocado dezesseis lugares. Gandhi sabia que as divisões dentro do Congresso não seriam aparentes caso ele estivesse sozinho na mesa, como também sabia que todos os olhares estariam voltados para ele. Suas aparições, em 1930 e 1931, definiram a figura de Gandhi como sendo um ícone mundial.

Ícone mundial

Gandhi viajou para Londres no navio *SS Rajputana*, em 29 de agosto de 1931, acompanhado de Mirabehn, Mahadev Desai, Pyarelal e seu filho Devdas. Ele era o único representante do Congresso e com plenos poderes para tomar decisões em propostas de última instância. Também faziam parte da comitiva Sarojini Naidu, como delegada, representando as mulheres indianas, e G.D. Birla, representando a comunidade comercial. Gandhi viajou na segunda classe, mas passava a maior de seu tempo na ponte, ditando cartas e atendendo às pessoas que queriam lhe falar.

Inicialmente, ele recusara ir a Londres devido às pendências relativas às diferenças hindu-muçulmanas e pela inobservância do Pacto Gandhi-Irwin, mas, finalmente, curvou-se à orientação divina. “Minha fé está em Deus”, ele disse à *Associated Press*. “Parece que Ele preparou o caminho para que eu fosse a Londres. Portanto, acredito que Ele me usará como o Seu instrumento a serviço da Humanidade.”¹ A mídia perguntou se ele seria acompanhado por conselheiros, e ele respondeu: “Meu conselheiro é Deus. Se eu precisasse de conselheiros, eu os teria levado como delegados”.²

O pregador americano John Haynes Holmes descreveu Gandhi nessa época:

Ele tem o couro cabeludo raspado, orelhas de abano, lábios grossos e bem poucos dentes em sua boca. Mas a sua tez escura é magnífica em contraste com o branco de seu xale; seus olhos brilham como velas na escuridão da noite, e, sobretudo, o seu sorriso é radiante como raios de Sol num cenário matutino. O que mais impressiona não é a sua aparência física, mas a presença espiritual desse homem; sua simplicidade, sua sinceridade e sua inocência. Ele aborda as pessoas com toda a naturalidade e espontaneidade próprias de uma criança.³

Na Índia, discutira-se quais trajes Gandhi usaria no clima notoriamente terrível da Inglaterra. Esse seria um teste para o homem que ele se tornara e no qual Gandhi não tinha nenhuma dúvida a respeito. Encaminhou-se para Londres como representante dos “semifamintos e quase nus aldeões” e, como tal, ele vestiria apenas a sua sunga. “O tecido de minha sunga é uma evolução orgânica em minha vida. Ela surgiu naturalmente, sem esforço e sem premeditação”, ele decidiu, “sem nada além do que o clima possa exigir de mim.”⁴

Estava chovendo quando Gandhi desembarcou em Folkestone. Primeiro foi levado à sede Quaker, a Casa de Reuniões dos Amigos, onde foi recebido por uma multidão liderada pelo

sociólogo e escritor Laurence Housman. A composição do comitê de recepção mostrou onde Gandhi se encontrava e o apoio que teria na Inglaterra: nas igrejas, nas organizações femininas e na esquerda política representadas pelos sindicatos e o Partido Trabalhista, cujo baluarte, Fenner Brockway, estava presente nesse dia.

Em seguida, ele foi para Kingsley Hall, um abrigo para os pobres, na área leste de Londres, onde foi hospedado por Muriel Lester, uma pacifista e proibicionista que o havia visitado no *ashram* de Sabarnati. Ele havia sido convidado a ficar em lugares grandiosos no bairro grã-fino da área oeste de Londres, mas insistiu em dizer que queria ficar hospedado entre o seu próprio povo, os pobres. “Não há móveis supérfluos em todo o acampamento”, relatou impressionado, “e as pessoas que ali residem ocupam quartos chamados celas.”⁵

A Gandhi foi designada uma cela medindo 1,5 metro de largura por 2,4 metros de comprimento, em frente a um terraço, com apenas uma mesa, uma cadeira e um fino colchonete no chão como móveis. Ele estabeleceu um cronograma para o seu dia: às 3 horas, era despertado para suas orações e, depois, dava uma pequena volta pelas ruas. Ao voltar, tomava o seu desjejum e fazia uma reunião com suas secretárias e entrevistas. Às 10 horas, ia de carro para a conferência, seguido “por vários seguranças correndo ao lado do carro e algumas pessoas de sua comitiva segurando a famosa roca de fiar e sua cesta verde com o seu alimento”, conforme um observador descreveu.⁶ Às 19 horas, ele praticava suas orações da noite e, depois, ia a entrevistas e conferências que duravam até tarde da noite. A sua força era notável, mas o seu apertado cronograma pode ter impedido que conseguisse maiores benefícios na conferência; ele foi visto frequentemente ouvindo em silêncio os debates e com seus olhos fechados, talvez até dormindo.

O abrigo foi invadido por visitantes, curiosos e jornalistas. O interesse americano em Gandhi foi demonstrado numa transmissão de meia hora da CBS, promovendo o seu ideal de uma revolução sem violência para a liberdade da Índia. Ele já tinha uma multidão de seguidores fascinados, nos Estados Unidos; a revista *Time* promovera “Santo Gandhi” como o “Homem do Ano”, em 1930. Ele ainda se encontrou com Charlie Chaplin, outro inesquecível ícone mundial. Inicialmente, Gandhi havia se recusado a participar desse encontro, dizendo que não tinha interesse algum em atores e que nunca assistira a um filme. Porém, depois de ser informado da pobreza do ator em sua infância, ele acabou concordando. Também se encontrou com Lloyd George e apresentou uma palestra para os seus velhos amigos da Sociedade Vegetariana.

Seu grande prazer, em Londres, foi visitar os abrigos dos pobres. Muriel Lester descreveu como Gandhi, sempre seguido por uma grande multidão, decidira visitar famílias da vizinhança:

Dos dois lados da rua, ele saía de uma casa para entrar em outra. As mulheres estavam orgulhosas com esse prestígio. Elas não haviam sido avisadas sobre essa visita, e algumas estavam ocupadas em seus afazeres domésticos, passando roupa, limpando a casa, mas todas estavam dispostas a mostrar todos os cantos de seus pequenos domínios para a sua inspeção, respondendo às suas perguntas e demonstrando sua grande admiração. Ele queria saber qual tipo de trabalho os homens do local realizavam, os aluguéis das casas, as obras das autoridades sanitárias quanto à drenagem e à limpeza e

quais provisões haviam para o cuidado com as famílias no caso de desemprego... Elas mostravam-lhe seus animais de estimação, seus coelhos, suas galinhas e, ocasionalmente, havia um piano com o qual orgulhar-se. Era sempre óbvio de como tudo era aproveitado da melhor forma possível e de como tudo o que possuía algum tipo de beleza era prezado.⁷

Algumas crianças irreverentes da zona leste de Londres, às vezes, gritavam em sua passagem: “Gandhi, onde estão as suas calças?”.

Seu espírito jocoso fez com que fosse apreciado pelo público, acostumado a ver os seus sempre rígidos e sérios políticos, e repetindo as típicas anedotas de Gandhi enquanto se tornaram famosas no mundo. Quando perguntado sobre o que pensava da civilização ocidental, ele respondeu que seria uma coisa boa. E, depois de um encontro com o rei, perguntado se não sentia falta de trajes mais adequados, ele respondeu: “O rei tinha trajes suficientes para nós dois”.

A pedido de Charles Andrews, ele visitou as cidades têxteis de Lancashire, onde se encontrou com operários que haviam sido fortemente afetados numa época de depressão econômica e de um alto índice de desemprego provocado pelo movimento *swadeshi*, movimento de resistência à importação de tecido estrangeiro. Ele descreveu o padrão de vida dos pobres na Índia — muito pior do que o padrão de vida dos pobres da Inglaterra, ele afirmou — e explicou como estava tentando reavivar o segmento de artesanato em seu próprio país. Em certo momento, gravado em filme, ele foi cercado pelas mulheres operárias que o ovacionaram. Ele também falou com pessoas de grandes instituições do Império: jovens da universidade de Eton e estudantes das universidades de Oxford e de Cambridge. Um dos principais de Oxford, o missionário e historiador Edward Thompson, observou: “É desde Sócrates que o mundo não presencia o seu igual com respeito ao seu absoluto autocontrole e compostura”, e podia entender, ele acrescentou, por que os atenienses obrigaram Sócrates a se envenenar.⁸

A vida em Kingsley Hall pode ter sido mais agradável para Gandhi, mas era inconveniente para uma conferência que acontecia a 12 quilômetros de distância. De maneira que Andrews e Harry Polak, que administravam seus negócios em Londres, alugaram um local em 88 Knightsbridge, onde o pessoal de Gandhi se hospedou e que também serviu de escritório.

Ao se prepararem para a viagem a Londres, o cenário político na Inglaterra sofria mudanças. Em 24 de agosto, o governo Trabalhista havia sido substituído por uma coalizão dominada pelo Partido Conservador, mantendo, porém, Ramsay MacDonald como primeiro-ministro. De maneira geral, o caso era que os nacionalistas da Índia deveriam, preferivelmente, buscar apoio junto aos Liberais ou ao Partido Trabalhista, mas, na década de 1930, as políticas dos partidos estavam convergindo para a necessidade de uma reforma constitucional, e o processo que resultou na Lei do Governo da Índia, de 1935, teve lugar num Parlamento de maioria conservadora. Os parlamentares britânicos tinham o seu próprio cronograma; a reforma das instituições políticas indianas continuava, embora, e apesar de tudo, os nacionalistas não estivessem pedindo um governo melhor sob o domínio britânico.

Quando Gandhi chegou à conferência, era óbvio o motivo de sua inicial relutância em participar dela: numa conferência que consistia de sessenta e oito representantes da Índia

Britânica, vinte e três dos principados indianos e vinte da Inglaterra, ele seria apenas uma voz entre tantas. Sua pretensão em ser o representante de toda a Índia foi considerada com desdém pelos que pensavam que ele representasse apenas o seu idiossincrático ponto de vista. Sua decisão de participar sozinho e de não levar junto outros membros do Congresso foi esplêndida sob o ponto de vista de que, posteriormente, seria chamado de relações-públicas: toda a atenção da mídia estava concentrada nele. Mas, na sala de conferência, ele ficou isolado, sem demonstrar nenhuma representatividade. Tampouco o seu desempenho foi exemplar; embora Gandhi fosse claramente o indiano de maior superioridade na conferência, os observadores ficaram decepcionados. Um autor desconhecido do *Times* disse:

As expectativas aqui esperadas pelos vários setores de ver um homem com dons de comando não se realizaram. Ele não tinha domínio do detalhe: problemas constitucionais não o interessaram, como também não foi nenhum orador; sentado, ele apresentou seus discursos lentamente, em nível de baixa tonalidade, invariável em qualquer que fosse o assunto. Suas intervenções nas discussões foram principalmente propagandistas e, muitas vezes, não tinham conexão alguma com o assunto que estava sendo discutido. Ele não fez nenhuma real contribuição construtiva ao trabalho da conferência.⁹

Ele explicou suas dificuldades numa conversa com George Bernard Shaw, a quem confidenciou que uma conferência “requer mais paciência do que aquela empregada durante o desenvolvimento de uma tarefa. A coisa toda é uma grande camuflagem, e as discussões que nos são apresentadas são matérias apenas para preencher o tempo. Eu pergunto-lhes: por que não anunciar a sua política e deixar que façamos a nossa escolha? Mas essa não parece ser a natureza política dos ingleses”.¹⁰ De fato, não era da natureza política de Gandhi entender que o procedimento de manter as discussões com as partes interessadas até chegar a uma solução fosse realmente a política. Para Gandhi, a vida pública era a busca pela verdade, a qual, uma vez que ficasse satisfeito por encontrá-la, ele teria de divulgá-la ao mundo, usando todos os meios para que fosse aceita. Os políticos britânicos ficariam satisfeitos com um comprometimento pelo qual ninguém saísse ferido ou morto.

Particularmente, antes que a independência pudesse ser considerada, os ingleses estavam comprometidos a encontrar uma solução para as atuais diferenças comunitárias. Eles insistiam que as minorias tinham de ser protegidas: os muçulmanos, os intocáveis, os siques, os cristãos, os pársis e os europeus. Além disso, nenhum movimento, por parte dos ingleses, dirigido à independência ou à democracia poderia envolver todo o território da Índia, mas apenas os três quintos da nação controlada pelos eles; os príncipes decidiriam sobre o futuro de sua parte da nação. A Liga Muçulmana afirmava representar todos os muçulmanos da Índia, e o Congresso de Gandhi afirmava representar todos os indianos; suas diferenças eram irreconciliáveis. Além disso, Gandhi tinha problemas particulares em suas afirmações ao representar os intocáveis, que pediam eleitorados separados, assim como todas as outras minorias, com exceção dos siques. Mas os outros não eram hindus enquanto os intocáveis eram parte do hinduísmo, perversamente, em virtude de serem ritualmente excluídos dele.

O representante dos intocáveis era o dr. B.R. Ambedkar, que acreditava melhor representar essa casta de excluídos do que Gandhi. Filho de um intocável que havia servido o exército

britânico, ele frequentou o primário e, embora segregado e tratado com brutalidade, a tudo superou. Ele foi o primeiro estudante intocável do Colégio Público de Bombaim, apesar da cruel discriminação, e, depois, o primeiro intocável a receber educação superior. Conseguiu uma bolsa para estudar na Universidade de Columbia, Estados Unidos, onde conseguiu o seu Ph.D. em economia; continuou seus estudos em Londres, na London School of Economics (Escola de Economia de Londres), onde obteve outro Ph.D. e passou pelas provas da Ordem. Na década de 1920, ele voltou para a Índia, onde liderou movimentos de direitos civis, fazendo campanhas para permitir que os intocáveis tivessem acesso à água potável e aos templos.

Gandhi podia argumentar com seus amigos de casta alta, como os Nehrus, sobre o sofrimento e sobre os pobres, mas nada podia dizer a Ambedkar. O líder dos intocáveis percebeu que a elevação de seus companheiros somente seria conseguida por meio da educação e da melhoria das condições de vida. Ele achava que a intocabilidade era fruto de um sistema pernicioso em si mesmo, argumentando que o sistema de castas deveria ser abolido — em oposição a Gandhi, que a defendia desde que incorporasse os intocáveis.

Os dois estavam amargamente divididos sobre a questão dos eleitorados: Ambedkar apoiava um eleitorado separado e assentos reservados para intocáveis. Gandhi opunha-se à proteção estatutária, salvo para as comunidades religiosas muçulmanas e para os siques. Ele achava que deveria haver reformas no hinduísmo a fim de ilegitimar a intocabilidade. Também achava que eleitorados separados dividiriam a sociedade indiana: “Reivindico em minha própria pessoa a representação da vasta massa de intocáveis”, disse ele. Um eleitorado separado para os intocáveis estabeleceria em lei o princípio de sua degradação: “Será que os intocáveis permanecerão perpetuamente intocáveis? Prefiro muito mais ver a morte do hinduísmo à sobrevivência da intocabilidade”.¹¹ Eleitorados separados dividiriam as aldeias corrompendo a visão de Gandhi de um hinduísmo refinado pelo qual os hindus de castas desempenhariam suas responsabilidades com respeito aos intocáveis.

Quando Ramsay MacDonald, presidindo o comitê das minorias, parecia endossar a reivindicação de eleitorados separados, Gandhi quis retirar-se. A conferência terminou sem acordo na base de uma constituição; mas três comitês deveriam continuar trabalhando sobre os aspectos do problema até a realização da conferência seguinte. Na sessão plenária da conferência, Gandhi argumentou que a desobediência civil, e não meros argumentos, seria resposta para os problemas da Índia, com a sugestão de que a desobediência civil era a única alternativa ao terrorismo.

Em sua viagem de volta, Gandhi passou por Paris, onde grandes multidões o saudaram na Gare du Nord, e, depois, pela Suíça, onde foi hospedado por Romain Rolland. Curiosos europeus passaram a incomodar o grande homem: uma mulher italiana escreveu para pedir a Gandhi que lhe transmitisse os dez números ganhadores da loteria; nudistas suíço-alemães pediam apoio à sua causa; a imprensa fixou acampamento ao redor da casa de Rolland, e os hotéis estavam lotados de pessoas que para lá se dirigiram para ver Gandhi, no modelo ocidental de busca por celebridades.

Rolland e Gandhi passaram algum tempo juntos pensando no eterno princípio de Deus, embora Rolland achasse Gandhi tão determinado em seus próprios pontos de vista que pouca

discussão foi possível. Numa observação reveladora, falando em inglês (traduzido para o francês pela irmã de Rolland), Gandhi disse que pouco havia aprendido de história: “O meu método é empírico, todas as minhas conclusões se baseiam em experiência pessoal”.¹² Ele prosseguiu para a Itália, onde tinha uma audiência com Mussolini: a Índia independente queria uma constituição democrática, ele assegurou — e não uma ditadura, conforme sugerira Mussolini.

Se, para os ingleses, a conferência de mesa-redonda foi um fracasso, por não ter proporcionado uma solução constitucional, ela foi um enorme sucesso para Gandhi, que dela fez um show que o promoveu mundialmente. Seu método de vida asceta e devota e o discurso desafiador, com uma pitada de ironia, estavam agora incorporados à imagem de Gandhi, o fiandeiro de sunga. Para os leitores de jornais, as caricaturas políticas tornaram-no uma figura imediatamente identificável.

Para o Congresso, a conferência foi um completo desastre. O partido agora estava tão intimamente ligado a Gandhi que qualquer ação independente era impossível. Levou dezesseis anos para que os líderes do Congresso conseguissem desempenhar ações independentemente de Gandhi. O Congresso deveria ter estado presente na conferência, procurando reunir todas as diferentes facções da Índia, negociando e estabelecendo uma federação. Esse foi o primeiro grande erro que colocou a Índia a caminho da partição. Gandhi foi um grande líder, mas um deplorável político: ele deveria ter deixado a política nas mãos de homens como Nehru e Rajagopalachari.

Quando Gandhi desembarcou do navio *Pilsna*, em Bombaim, a 28 de dezembro de 1931, houve uma tumultuada recepção, pois, para as massas, o Mahatma nada podia fazer de errado. Entretanto, não somente não houve progresso algum, como também, de várias formas, a situação estava pior do que quando saíra do país: a violência aumentara, e a política estava mais fragmentada. Agora, o governo usava poderes de emergência para lidar com incidentes de terroristas e com a desobediência civil em Bengala e na Província da Fronteira Noroeste. Com a permissão de Gandhi (da Inglaterra), uma campanha de “aluguel zero” foi iniciada pelo Congresso nas Províncias Unidas, visando aos altos impostos tributados sobre os aluguéis. A resposta do novo vice-rei, lorde Willingdon, que Gandhi conhecera quando Willingdon era governador de Bombaim, foi prender todos os líderes. Gandhi sugeriu que a desobediência civil fosse reiniciada e foi preso em 3 de janeiro de 1932. Willingdon observou que “lidar com um homem que é uma mistura de santo e de ‘bania’ é realmente enervante”.¹³ Para os ingleses, a mensagem era que a negociação com Gandhi não conseguira resultados constitucionais positivos, tampouco a paz civil na Índia.

Gandhi foi levado para a sua velha “residência”, a cadeia de Yeravda. Nessa época, Vallabhbhai Patel era um companheiro de cadeia, e, mais tarde, a secretária de Gandhi, Mahadev Desai, também se juntou a eles. Gandhi tinha permissão para escrever e receber um número ilimitado de cartas sobre assuntos que não fossem políticos.

Novos decretos eram promulgados, o que proporcionava às autoridades plenos poderes para reprimir tumultos. Milhares de pessoas desafiavam os decretos e eram aprisionados ou surrados com porretes pelos policiais. Se esse fosse, literalmente, o porrete da política, havia

também a cenoura da mudança constitucional trilhando o seu lento caminho pelos corredores do poder. “Os cães ladram, mas a caravana passa adiante”, disse o secretário de Estado para a Índia, sir Samuel Hoare, como resposta aos distúrbios na Índia. Uma história do subcontinente contada apenas pelo ponto de vista do Congresso faz parecer esses distúrbios civis uma instigadora força de mudança, enquanto, de fato, a mudança prosseguia ao seu próprio ritmo. Também havia muitas pessoas no mundo político indiano, dispostas a confiar no processo britânico para a independência da Índia. Enquanto os eventos-chave da década de 1930 demonstravam que o Congresso estava perdendo a iniciativa, os ingleses conseguiam criar uma democracia mais avançada que jamais existira no Oriente. Gandhi percebeu o caminho à frente e discutia agora se o Congresso se candidataria para assumir o ofício sob a nova constituição. Ele até perguntou a Patel qual pasta ministerial gostaria de assumir num gabinete de Governo Autônomo: “Eu pegarei a tigela de mendigo”, ele respondeu, dizendo a Gandhi o que ele queria ouvir. Ele realmente esperava ser primeiro-ministro e, de fato, quase conseguiu.¹⁴

O tácito aceite de Gandhi quanto aos desenvolvimentos constitucionais em andamento foi desviado quando o esquema provisional do governo para a representação das minorias foi anunciado em agosto de 1932. As propostas eram para eleitorados separados para hindus e muçulmanos, assim como havia sido anteriormente, mas também para os intocáveis ou as “classes deprimidas”, conforme a expressão britânica. Em 18 de agosto de 1932, Gandhi escreveu para Ramsay MacDonald declarando: “Devo contestar a sua decisão com a minha vida. E a única forma de poder fazê-lo é declarando um perpétuo jejum de alimento até a morte, salvo água com ou sem sal ou soda”.¹⁵ Caracteristicamente, apesar de a carta ter sido escrita em 17 de agosto, Gandhi declarou que iniciaria o jejum em 20 de setembro, permitindo, assim, um prazo máximo para atrair publicidade a fim de pressionar o governo.

Numa longa e respeitosa carta, MacDonald expressou surpresa pelo fato de Gandhi “adotar o recurso extremo de jejuar até a morte... simplesmente para evitar que as Classes Deprimidas, as quais, admitidamente, sofrem atualmente de terríveis incapacidades, possam assegurar um número limitado de representantes de sua própria escolha para falar a seu favor nas legislaturas”.¹⁶ “Que capacidade ele tinha para chocar as pessoas!”, escreveu Nehru, que estava “irado com [Gandhi] por sua abordagem religiosa e sentimental a uma questão política” e porque escolhera “uma questão alternativa para o seu sacrifício final.”¹⁷

Os líderes do Congresso podem não ter gostado da decisão de Gandhi, mas eles não podiam perdê-lo. Assim como era uma pessoa de afeto genuíno, ele era o totem sem o qual o Congresso não poderia reivindicar a representação das massas.

No que diz respeito a Ambedkar, “as formas de pensar do Mahatma são estranhas e, certamente, estão além de minha compreensão”. Longe de querer aumentar o pouco poder político agora ao alcance dos intocáveis, “ao contrário, ele empenhou a sua própria vida a fim de privá-los” do pouco que lhes estava sendo oferecido.¹⁸

No dia em que iniciou o jejum, Gandhi escreveu para Mirabehn: “Ao escrever minha primeira carta transmitindo o meu compromisso, pensei em você e em Ba... Como vocês aguentariam esse peso?”.¹⁹ Durante a maior parte do período de jejum, ele permaneceu no pátio da prisão, sendo cuidado por Sarojini Naidu, que, na prisão, havia sido transferida da área

das mulheres. Mais tarde, Kasturba também foi transferida para poder ficar com ele. “Novamente, a mesma velha história”, comentou a pobre e sofredora mulher.²⁰

Agora, a pressão estava sendo aplicada em Ambedkar, que sabia que a morte de Gandhi resultaria num massacre de intocáveis em toda a Índia. Os líderes do Congresso e os ricos partidários reuniram-se com Ambedkar em Birla House, Bombaim, no dia do início do jejum. Eles combinaram um complexo esquema de nomeação e reservaram assentos para intocáveis, colocando Gandhi a par do feito. Delegações tiveram permissão para visitá-lo na cadeia — as autoridades sabiam que elas não o encorajariam a continuar com o jejum. Sua pressão sanguínea tornou-se perigosamente alta, colocando-o em real perigo.

Ambedkar visitou-o em 22 de setembro, quando Gandhi já estava fraco, depois do segundo e terceiro dia de jejum. No segundo e terceiro dia, ele voltou e negociou a respeito da questão dos números de assentos reservados que os intocáveis teriam e as propostas primárias para candidatos intocáveis. A solução final — não para eleitorados separados, mas para um número maior de assentos reservados — estava, de acordo com Ambedkar, disponível na conferência de mesa-redonda. Mas Gandhi rejeitou-a. Ambedkar observou: “Atendi ao apelo da humanidade e salvei a vida do sr. Gandhi, concordando em alterar a Concessão Comunitária [a distribuição de assentos entre as comunidades religiosas] de maneira a satisfazer o desejo do sr. Gandhi”.²¹

O acordo, conhecido como o Pacto de Yeravda, foi esboçado e assinado pelos negociadores encarregados e telegrafado para Londres, onde Andrews e Polak o submeteram ao governo. Era domingo, um dia difícil de convocar os políticos, mas, conscientes do perigo na demora, Ramsay MacDonald e sir Samuel Hoare reuniram-se em 10 Downing Street até a meia-noite, e os governos da Índia e de Londres anunciaram a aprovação do pacto em 26 de setembro. Gandhi interrompeu o seu jejum, nesse mesmo dia, com um copo de suco de laranja.

Ambedkar achou que o jejum fosse uma mera pressão política, mas era inegável que Gandhi fizera com que os hindus de casta considerassem a questão da intocabilidade de uma maneira nunca considerada anteriormente. Eles abriram as portas para os intocáveis, permitiram que usassem a água dos poços e até passaram a confraternizar com eles. Essa foi uma reforma de curta duração, pois os templos foram fechados novamente. Dizia-se que o jejum marcara um momento importante para a intocabilidade: anteriormente, era impróprio socializar com os intocáveis, mas, a partir desse momento, a prática da intocabilidade apontava para um fanático reacionário. Os partidários de Gandhi apelidaram o feito como “o jejum épico”, o qual foi usado como título de um livro escrito por Pyarelal. Nele, Rajagopalachari comparou o jejum de Gandhi ao suicídio de Sócrates e à morte de Jesus na cruz. Isso foi demais! Embora penoso, esse não foi o mais extremo jejum de Gandhi.

Até certo ponto, Gandhi recuperou a iniciativa como líder nacional em consequência de sua ação relativa aos intocáveis. Em 1933, ele consolidou a sua posição lançando um semanal em língua inglesa, o *Harijan*, que substituiu o seu jornal anterior, o *Young India*, que havia sido suprimido pelo governo. Quase que simultaneamente, agora um adepto nos negócios de mídia, ele lançou o *Harijan Sevak* (Irmão de Harijans). “Harijan” significa “filhos de Deus”, termo que Gandhi passou a usar a partir de setembro de 1932 para se referir aos intocáveis.

Ambedkar considerou o termo muito condescendente e, na melhor das hipóteses, um eufemismo para indivíduos fora das castas, e o seu uso é uma demonstração de que o próprio Gandhi não acreditava realmente que os intocáveis viessem a ser assimilados no sistema de castas. Ambedkar representava a opinião dos intocáveis com respeito a Gandhi: “Como eles podem acreditar que Gandhi seja seu amigo quando pretende manter as castas e abolir a intocabilidade, sendo claro que a intocabilidade é apenas uma forma extensiva da casta e que, portanto, sem a abolição das castas também não pode haver a abolição da intocabilidade?”.²²

O interesse de Gandhi era acabar com a intocabilidade, mas também era obrigado a querer preservar intacto o hinduísmo. Ele disse: “Devemos nos esforçar em trazer a ortodoxia para o nosso ponto de vista, se isso for possível. De qualquer maneira, não devemos ferir nenhuma suscetibilidade”.²³ Ele propôs um esquema no qual os templos ficariam abertos num certo horário do dia para os intocáveis e para as pessoas que concordassem com sua admissão, mas ficariam fechados para os intocáveis e abertos em outro horário para as castas às quais a intocabilidade “era uma profunda convicção religiosa”.²⁴ Poucos anos mais tarde, em 1935, ele voltou a promover a abolição das castas, mas, novamente, tornou a considerá-la uma questão de consciência — senão uma consciência coletiva — em vez de uma política, dizendo que “quanto mais rapidamente a opinião pública a abolisse, melhor”.²⁵

Logo após o seu “épico jejum”, Gandhi achou que não havia resposta suficiente ao seu trabalho sobre a intocabilidade. Ele considerou-se responsável e também culpou os membros do *ashram* que não foram suficientemente puros. Nesse ínterim, um residente do *ashram* havia mantido um caso amoroso clandestino, e, quando as cartas foram encontradas, elas foram encaminhadas a Gandhi — os *ashramitas* gostavam de denunciar uns e outros. E assim, Gandhi resolveu jejuar novamente, por um período de 21 dias, a partir de 8 de maio de 1933, contra a intocabilidade e pela força espiritual de seus oponentes. Considerando que o jejum de seis dias quase o matara, esse compromisso era realmente perigoso. O governo decidiu que já tinha aguentado o suficiente e, não querendo absolutamente ser considerado culpado por sua morte, libertou-o da prisão no dia em que iniciou o jejum. Ele sobreviveu, encerrando-o em 29 de maio, em uma mansão de Poona. Estava em dúvida quanto ao futuro da desobediência civil: primeiro argumentou com o Congresso para que ela continuasse e, logo em seguida, anunciou que estava terminada. Isso não foi o bastante, pois voltou a dizer que atos individuais de desobediência civil deveriam continuar. Isso demonstra a confusão em que estava; ele parecia um navio à deriva.

Gandhi propôs uma reunião com o vice-rei a fim de tentar uma solução para o conflito, mas ele não estava em situação de negociar. O vice-rei recusou-se a recebê-lo. Gandhi gostava menos de Willingdon do que de seu antecessor: “Gandhi é um tipo de Jekyll e Hyde (o médico e o monstro)”, ele disse, “e, embora tenha o seu lado do tipo ‘santo’, por outro lado, ele é extremamente maquiavélico, negociando pequenas besteiras como nunca vi”.²⁶ A magia de Gandhi não funcionava mais, seja do lado britânico, seja do lado do Congresso, o qual, agora, estava se fragmentando; radicais como Subhas Chandra Bose lideravam uma facção, a ala esquerda liderava outra, e os hindus ortodoxos lideravam uma outra mais.

Gandhi havia declarado, na marcha para Dandi, que não voltaria para o Ashram de Sabarnati

até que a vitória fosse conseguida, e o imposto do sal, abolido. Ele não voltou para o *ashram* para fixar residência. Como o *ashram* não recolhia o imposto territorial, seus bens foram sequestrados e vendidos pelos cobradores do governo. A comunidade estava agitada com a ausência de seu líder, e, indubitavelmente, Gandhi estava cansado de suas reclamações. Finalmente, em 1933, ele fechou o *ashram*; o local tornou-se uma associação para assistência aos intocáveis e foi renomeado Ashram Harijan.

No mesmo ano, ele pretendia empreender uma marcha do *ashram* até Ras, em Kheda, em solidariedade aos camponeses do local que haviam perdido suas terras; porém, ele e os seus trinta e dois companheiros foram presos antes de poderem realizá-la. Ele foi solto e, em seguida, preso novamente por recusar-se a observar as ordens que restringiam seus movimentos. Ele enviou membros do *ashram* para realizar atos individuais de desobediência civil, mas eles eram tão poucos que não faziam diferença alguma. Gandhi foi preso novamente, praticou outro jejum e foi libertado. Nada funcionava para ele — nem a campanha da intocabilidade, nem o *ashram*, tampouco a desobediência civil. Começou, então, a dizer aos *ashramitas* para procurarem trabalho em vez de se sujeitarem a ser presos novamente. Finalmente, em abril de 1934, ele encerrou todo tipo de desobediência civil.

No fim de setembro de 1933, Gandhi transferiu-se para Wardha, nas Províncias Centrais, perto do centro geográfico da Índia, onde foi hospedado por um importante financista e comerciante de algodão, Jamnalal Bajaj. Ele doou a terra para que Gandhi ali estabelecesse um novo *ashram*, perto da vizinha aldeia de Segaon. Outro motivo para Gandhi estar nesse lugar era que um dos seus seguidores, o erudito e asceta Vinoba Bhave, estivera trabalhando perto de Wardha.

O local do novo *ashram*, que ele chamou de Sevagram (Aldeia de Serviço), era terrível até para essa região: o clima era brutal, e a terra era plana e completamente seca durante os longos verões, sendo fustigada por turbilhões de poeira. Antes da chegada dos *ashramitas*, o local era apenas um viveiro de escorpiões e de cobras venenosas — que permaneceram ali para serem retirados, sem violência, das áreas residenciais. O alívio chegava com as monções; e os enxames de mosquitos, com a água. Uma estrada de terra ligava o *ashram* a Wardha, a cidade mais próxima. A aldeia de Segaon era habitada por uma maioria de intocáveis e era foco de doenças e de má alimentação. Não havia lojas nem instalações públicas, com exceção de um poço. Um seguidor descreveu Gandhi na aldeia: “Uma de minhas mais remotas lembranças é ver Bapu andando pelas ruas e varrendo os excrementos que os aldeões ali deixavam como cães, até mesmo perto do poço. Essa era a sua maneira de estabelecer o exemplo, de ensinar aos aldeões as lições mais elementares que ele queria que fossem aprendidas — que os excrementos humanos e animais eram as principais causas de doenças em todo o território”.²⁷

O *ashram* era um conjunto de choupanas feitas de lama e bambu ao redor de um pátio de cascalho. Os habitantes fizeram latrinas comunitárias cujos efluentes eram usados como fertilizantes para as suas plantações de cana-de-açúcar e vegetais. Um dia típico foi descrito por um ex-*ashramita*. Um relógio no salão de jantar foi sincronizado para ser observado por Gandhi (ele gostava de fazer uso de todo o tempo que lhe era designado). Às 4 horas, quando o *gong* tocava, Abha, uma menina que atendia às necessidades de Gandhi (e mais tarde casou-se

com o seu neto Kanu), chegava com uma lanterna e seus artigos de higiene, que consistiam em uma tigela de ferro, um copo com água, uma pasta feita de carvão e cascas de amêndoas e de nozes e o ramo de uma árvore local. Gandhi escovava seus poucos dentes (antes de serem todos removidos em dezembro de 1936), suas gengivas e limpava sua língua enquanto Abha retirava a escarradeira de latão que ele mantinha ao lado da cama. Vestia um *dhoti* limpo, colocava seus óculos e dirigia-se para uma árvore ao final do pátio, onde se sentava de pernas cruzadas sobre uma almofada. Os *ashramitas*, inclusive Kasturba, reuniam-se para as orações às 4h20 exatamente. O *ashram* tinha o seu próprio livro de orações, o *Ashram Bhajanavali*, o qual incorporava orações e hinos de várias tradições, a ele agregados por visitantes do *ashram*. Uma típica reunião de orações envolvia um canto budista, uma oração hindu, uma leitura do Corão, uma oração zoroastriana (pársi) e um hino cristão — o hino favorito de Gandhi era “Lead, Kindly Light” (Guia-me, Luz de Bondade). Os *ashramitas* cantavam invocações a Deus nos vários nomes da tradição hindu — “Hare Krishna”, “Hare Ram”, e assim por diante. Gandhi apreciava o canto que cada vez mais crescia em ritmo e sonoridade: “Nada emocionava tanto Bapu do que o canto. Ele era levado ao êxtase à medida que os nomes de Deus eram pronunciados”.²⁸

Depois, Gandhi voltava para a choupana e para o seu copo matutino de bicarbonato de sódio, mel e suco de limão, em água quente, e ali ficava ocupado durante noventa minutos. Ele trabalhava numa mesa improvisada que consistia em uma caixa de sabão coberta com um tecido de algodão. Ali estavam poucos itens, alguns dos quais eram feitos à mão: canetas, penas soltas e tinta. Era assistido por Mahadev Desai e Pyarelal, que, ora, estava em companhia de sua irmã mais jovem, Sushila Nayar, uma médica treinada no Ocidente que monitorava a pressão sanguínea de Gandhi e também anotava os escritos que ele lhe ditava em híndi. Quando Mirabehn estava com ele, Sushila dedicava-se ao material escrito em inglês, mas, depois de 1935, ele a manteve a distância. Gandhi também estava em constante contato com seus trabalhadores no campo, pessoas que promoviam as suas ideias para o melhoramento nacional e que se reportavam diretamente a ele.

Às 6h30, ele empreendia o seu passeio matutino acompanhado das crianças do *ashram* e, em seu caminho, era reverenciado pelos peregrinos e pelos camponeses locais, alguns dos quais se prostravam à sua passagem. A partir de 1932, ele não mais se apoiou nos ombros das mulheres que o acompanhavam. Ele explicou: “Eu não sabia que estava fazendo algo de errado até que, há alguns anos, em Sabarnati, uma pessoa íntima do *ashram* me disse que essa minha prática, quando estendida a garotas adultas e mulheres, ofendia a noção aceita da decência”.²⁹ Ainda não convencido de que houvesse algo errado nessa sua prática — e, realmente, não parece haver nada de errado nessa sua prática nas muitas fotografias tiradas durante os últimos dez anos de sua vida —, em 1936, ele voltou à prática de ter um suporte físico, apoiando-se em garotas do *ashram*, geralmente em Abha e Sushila. Ele chamava-as de suas “bengalas”. Sua primeira pergunta antes de sair andando era: “Seus intestinos funcionaram bem esta manhã, irmãs?”.³⁰ Sua preocupação com os intestinos era constante — ele ensinava os *ashramitas* a aplicar enemas um ao outro, tal como ele mesmo havia feito em outros *ashrams*.

Sushila Nayar estivera visitando Gandhi desde que sua mãe a levava para vê-lo, em 1920,

com a idade de seis anos. Sentada em seu colo, Gandhi pedira à sua mãe que ela lhe fosse doada. Mais tarde, ela visitou o *ashram* como adolescente e, ao se diplomar em medicina, tornou-se a sua médica pessoal. Tal como outros membros do *ashram*, ela passou a não se importar com os seus requisitos físicos — talvez até parecessem menos bizarros, porque tantas coisas no *ashram* estavam fora dos reinos do comportamento comum. Sushila dormia frequentemente com Gandhi. Ela dizia: “Não havia nada de especial em dormir ao lado de Bapu... eu costumava dormir com ele, assim como eu dormiria com minha mãe. Ele poderia dizer: ‘Minhas costas doem, faça uma pressão nelas’. Então, eu lhe fazia uma massagem ou me deitava em suas costas, e ele adormecia. No início, não era questão de chamar isso de uma experiência de *brahmacharya*. Era apenas parte da cura natural”.³¹ Nesses “dias iniciais” da vida de Sushila com Gandhi, ele ainda tinha uma esposa, Kasturba, com quem poderia ter dormido castamente. Entretanto, não havia nenhum conflito entre essas mulheres; Kasturba tinha um íntimo relacionamento com Sushila. Se Sushila tivesse uma rival pelo afeto de Gandhi, essa rival seria Mirabehn, ora exilada.

A relação de Gandhi com Abha era particularmente afetuosa: ela descreveu um episódio desse seu relacionamento: “Certa vez, eu o estava banhando, e ele pediu que me apressasse porque tinha uma reunião. Pediu que eu me apressasse três vezes, e eu lhe disse: ‘Você é um renomado Mahatma e, no entanto, é tão impaciente quanto qualquer outro mortal. O que importa se você se atrasar um pouco?’”. Gandhi gostava de sua espirotuosidade — ele riu: “Somente uma mãe se atreveria a falar com seus filhos da maneira que você fala comigo”.³²

Depois de seu passeio e de volta à sua choupana, ele “passava no mínimo vinte minutos em seu banheiro, sentado no vaso sanitário... De acordo com uma mulher do *ashram* que falou com o escritor Ved Mehta, no início da década de 1970, Gandhi “não tinha inibição alguma com respeito ao ato de urinar ou de defecar, tal como uma criança. Ele acreditava que essas funções corporais eram tão naturais e sagradas quanto comer, e costumava dizer: ‘O banheiro é um templo que deve ser tão limpo e convidativo a ponto de qualquer pessoa chegar a apreciar comer nesse local’. Se qualquer *ashramita* quisesse falar com ele, podia entrar e sair à vontade”.³³ Muitas vezes Gandhi fazia comparações entre comer e defecar: “O processo de comer é tão impuro quanto evacuar; a única diferença é que, enquanto a evacuação termina com uma sensação de alívio, comer, caso a língua não seja controlada, causa desconforto”.³⁴ Depois dessa sua função, Gandhi era acomodado sobre uma alta mesa de bambu, e Sushila e Abha massageavam o seu corpo com óleo de mostarda e suco de limão. Em seguida, voltava ao banheiro para um banho e se sentava na banheira para Pyarelal barbeá-lo. Ele, então, se preparava para passar uma hora com a sua papelada antes de visitar os doentes do *ashram*, fazendo massagens ou aplicando enemas conforme suas noções de enfermagem podiam ditar-lhe.

Às 11 horas, todos os *ashramitas* comiam juntos; mais de cem pessoas ocupavam o salão, muitas das quais procuravam chamar a atenção de Gandhi. Havia aprendido que podiam facilmente atrair a sua atenção ao ficarem doentes, de maneira que, frequentemente, o *ashram* dava a impressão de ser um abrigo para doentes. Para que pudesse comer, as dentaduras de Gandhi eram trazidas numa tigela com água. Ele mastigava exaustivamente a comida, levando

cerca de uma hora numa refeição e finalizando com leite de cabra. Com o condimento para os vegetais cozidos, ele comia folhas moídas de *neem* (árvore originária da Índia) e alho amassado, os quais ele acreditava serem saudáveis.

Depois do almoço, ele ia dormir em sua choupana com uma compressa de lama, preparada por Abha, em sua cabeça e estômago. Ele escrevia ou dava entrevistas nesse mesmo estado. Mahadev Desai registrou: “Na estação quente, uma bandagem de lama na cabeça é um item adicional”, e Gandhi adorava descrever aos visitantes “as propriedades maravilhosas da mãe Terra”.³⁵ Gandhi procurava continuamente educar Kasturba e, depois de sua sesta, ele fazia com que ela lesse um manual básico em guzerate e copiasse letras. Embora já conseguisse ler, dizia-se que ela esquecia tudo o que lhe fora ensinado no dia anterior. A sua força estava no trabalho prático, em organizar o *ashram* como se fosse um gigante agregado familiar. Ela controlava a cozinha, e, dentro do possível, ela contradizia o regime austero. Ela guardava docinhos para as crianças do *ashram* e, às escondidas, servia chá e café aos visitantes.

Gandhi passava outros vinte minutos no vaso sanitário e, em seguida, ficava uma hora ou duas fiando algodão em sua roca. Às vezes, enquanto fiava, ele recebia visitantes, trabalhadores do programa de construção da aldeia, membros do Congresso e várias autoridades que buscavam o seu conselho. Secretárias estavam sempre disponíveis para tomar notas que ele mais tarde revisava, e tudo o que considerasse de interesse era publicado em um de seus jornais semanais. Seu dia continuava com outra soneca e, depois, mais leitura e escrita até a refeição das 17 horas, uma longa caminhada e a reunião vespertina de orações iluminada por lampiões a querosene. Essa reunião envolvia um sermão de Gandhi sobre higiene, castidade ou outro de seus tópicos favoritos. Para finalizar, ele verificava a produção diária de fio de cada *ashramita*, que eram, depois, liberados para conversar ou dormir enquanto Gandhi se dirigia para a sua choupana para ler ou para fazer um enema antes de dormir. Às 21h30, os lampiões eram apagados, e o *ashram* adormecia.

A pioneira do controle de natalidade, Margaret Sanger, visitou Gandhi em 1935 e inspecionou a plantação de algodão, a produção de papel, a prensagem de óleo e a irrigação com a roda-d'água, que Gandhi havia implementado. Ela escreveu: “Não fiquei entusiasmada. Parecia um esforço tão miserável que, em vez de progresso, havia somente retrocesso”. A tentativa de estender esse princípio em toda a Índia resultava da “busca em manter milhões de pessoas trabalhando em processos manuais para apenas proporcionar-lhes trabalho pelo qual pudessem subsistir”.³⁶

À medida que seus netos cresciam, Gandhi passou a fazer com que praticassem a sua versão de serviço público. A filha mais velha de seu filho Ramdas, Sumitra, era uma criança inteligente e obstinada que resistiu à tentativa de Gandhi em recusar-lhe educação, tal como ele fizera com seu filho. Ele queria que todos os seus netos frequentassem o Centro de Educação Básica do Ashram de Sevagram, mas Sumitra recusou-se terminantemente a obedecer-lhe. “Isso levou a muitas divergências entre mim e meu avô”, ela recordou mais tarde. “Ele ficou furioso.” Entretanto, com a idade de dez anos e vendo que ela, obviamente, não se curvaria à sua vontade, Gandhi permitiu que frequentasse um colégio semelhante ao do sistema inglês de internato. Depois de sua formatura, tentou desviá-la da educação: “Qual é a necessidade de

uma educação maior?”, ele lhe disse. “Fique comigo e seja minha secretária — eu a treinarei.”

Sumitra respondeu: “Eu não quero ser uma de suas secretárias inferiores que lavam suas roupas e utensílios, organizam suas refeições, cuidam de seus compromissos, recebem e acompanham as pessoas no *ashram* e são cheias de autoimportância”. Mais tarde ela disse que havia notado que “as pessoas superiores, como Nehru, nunca haviam servido como secretárias de meu avô, pois haviam sido educadas na Inglaterra e se tornaram tão independentes que não sentiam nenhuma necessidade de viver com ele”.³⁷ Apesar de seus defeitos, Gandhi sempre admirou a honestidade e a coragem, e ele permitiu que ela frequentasse uma universidade na Índia. Posteriormente, Sumitra foi estudar nos Estados Unidos e voltou para casa para tornar-se membro do Parlamento.

Embora respeitasse o poder que Gandhi tinha sobre as massas, Nehru era extremamente crítico de sua atitude diante do sexo, o que ele descreveu, em 1936, como “anormal e chocante... Penso que Gandhiji esteja absolutamente errado nesse assunto. Esse seu aconselhamento pode ser adequado em alguns casos, mas, como política geral, ele pode levar à frustração, inibição, neurose e todo tipo de males físicos e nervosos”.³⁸ Nehru achava que possuía uma vida pessoal na qual o sexo fosse uma parte importante, mas não o obcecava, tampouco o desviava de suas outras atividades.

No início de dezembro de 1935, Margaret Sanger tentou a difícil tarefa de convencer Gandhi a apoiar o controle de natalidade. Ela sugeriu anticoncepcionais facilmente disponíveis como meio de promover a natalidade programada. Ele argumentou que o sexo era pecaminoso, salvo pela finalidade explícita de procriar. Referiu-se também à sua própria vida: “Eu sei, por experiência própria, que, enquanto olhasse para minha esposa de maneira carnal, nunca chegaríamos a uma real compreensão... No momento em que abandonei a vida do prazer carnal, o nosso relacionamento tornou-se espiritual. A paixão morreu, e o amor reinou em seu lugar”. Se, em algum momento, a opinião de Kasturba foi consultada a esse respeito, ela não foi registrada, embora Gandhi revelasse que “muitas vezes ela demonstrava restrição, mas raramente resistia à minha vontade, apesar de, às vezes, demonstrar falta de disposição”.³⁹

Sanger apresentou uma imagem esclarecedora de Gandhi aos sessenta anos, não parecendo pensar em novas ideias, mas apenas repetindo suas opiniões muito bem ensaiadas: “Percebi que o registro de suas impressões estava embotado”, disse ela. “Enquanto estava respondendo a uma pergunta sua, ele continuava atendo-se a uma ideia ou a uma própria linha de pensamento e, assim que eu fizesse uma pausa, ele continuava como se não tivesse me escutado... De fato, a despeito de afirmar a sua mentalidade aberta, ele tinha orgulho pelo fato de não alterar suas opiniões.”⁴⁰ Entretanto, Desai observou que Gandhi tendia a aprovar o método rítmico do controle de natalidade, acreditando que, pelo menos, proporcionaria alguma autorrestrrição durante períodos “inseguros”. Ele foi assediado por pensamentos eróticos durante uma enfermidade alguns dias depois de sua entrevista com Sanger: “Fiquei com nojo de mim mesmo”, ele declarou nas páginas do *Harijan*. “Assim que percebi o sentimento, informei meus assistentes e amigos médicos a respeito de meu estado. Eles não puderam me ajudar, mas o simples fato de confessar a mísera experiência proporcionou-me alívio”.⁴¹

Primabehn Kantak, uma de suas principais partidárias, achou esse artigo um pouco confuso

e, numa carta, ela pediu maiores informações. “Eu tive uma descarga”, ele respondeu, mas acrescentou de forma tranquilizadora: “mas eu estava acordado, e a mente estava sob controle”.⁴² Ela ainda deve ter solicitado outras informações, pois ele voltou a explicar gentilmente:

Eu sempre tive ejaculações involuntárias. Na África do Sul, elas ocorriam em intervalos de vários anos. Aqui, na Índia, os intervalos foram de meses... Se o meu *brahmacharya* estivesse completamente livre das ejaculações, eu conseguiria apresentar ao mundo muito mais do que já consegui apresentar. No entanto, parece praticamente impossível para alguém que se entregara ao prazer do sexo desde os quinze até os trinta anos, provavelmente apenas com sua mulher, poder, ao assumir o compromisso do *brahmacharya*, controlar completamente a descarga de seu fluido vital.⁴³

Em meados da década de 1930, ele ainda escrevia para Harilal que tentava uma reconciliação. “Você tomou alguma bebida depois de me escrever a sua primeira carta? Você entregou-se ao prazer sexual mental ou físico? Você fuma?”, ele perguntou com suas ameaças costumeiras — a um homem que agora tinha quarenta e seis anos. “Se, a qualquer momento, você quebrar a sua palavra ou se for provado que você me enganou, jejuarei por um período de, no mínimo, sete dias.”⁴⁴ Posteriormente, ele escreveu que Harilal o visitara e parecia ter-se absterido da bebida e não sofrer de “paixão carnal”, salvo o desejo de se casar, mas ainda era adicto ao fumo; Gandhi concordou com que ele fumasse “três cigarros por dia, com minha permissão”.⁴⁵

Harilal recaiu. Toda a sua vida parecia ser uma invectiva furiosa contra o tratamento que seu pai lhe impusera: ele ficava embriagado em público, saía com prostitutas e empreendeu negócios dúbios usando o nome Gandhi. Em 14 de maio de 1936, ele converteu-se publicamente ao islamismo, em Bombaim. Num comunicado à imprensa, Gandhi declarou: “A apostasia de Harilal não é nenhuma perda para o hinduísmo, e sua admissão ao Islão é uma fonte de fraqueza para ele próprio se, em meu entendimento, continuar sendo o mesmo fracasso anterior... A indulgência excessiva enfraqueceu o seu cérebro e minou o seu sentido de certo e errado, de verdade e falsidade”.⁴⁶ Ele ficou ofendido com a exaltação pública dos muçulmanos sobre o ocorrido, pelo qual Gandhi não enxergava nenhuma motivação religiosa.

Em 1933, Gandhi percorreu o país, cobrindo cerca de 20 mil quilômetros de trem, em terceira classe, de carro e a pé, pregando contra a intocabilidade e participando de até cinco reuniões por dia. Ele levantou fundos para a perfuração de poços para intocáveis e para as escolas. Embora água e educação fossem boas intenções em si mesmas, uma provisão separada para pessoas às quais o uso das instalações comunitárias era negado confirmava a separabilidade dos intocáveis.

Suas visitas eram motivo para jantares informais e concertos a fim de reunir as comunidades e, às vezes, para cerimônias de abertura de templos para intocáveis. A mudança pode ter sido de curta duração em muitos lugares. Os templos eram fechados novamente depois de sua saída, mas a mensagem havia sido dada. Mais seriamente, do ponto de vista de um sincero reformador, Gandhi sofria do feitiço da fama: as pessoas iam vê-lo pelo *darshan* de sua célebre imagem — elas não estavam particularmente interessadas no que ele tinha para dizer. Ele

proclamava: “Eu não tenho uma nova religião para apresentar nem uma nova verdade para expor. Meu humilde papel é, literal e espiritualmente, o de um limpador de detritos. Conheço a arte externa de limpar ruas, vasos sanitários e latrinas e estou me esforçando, no máximo de minha habilidade, em limpar também a minha parte interna para que eu possa me tornar um fiel intérprete da verdade tal como eu possa enxergá-la”.⁴⁷ Gandhi podia ser franco a respeito da ignorância das massas. Para alguém que perguntou por que os intocáveis não deveriam escolher a conversão ao islamismo ou ao cristianismo para evitar a opressão hindu, ele respondeu: “Alguns intocáveis são piores do que vacas para compreender. Quero dizer que eles não conseguem ser melhores do que as vacas para distinguir a diferença entre os relativos méritos do islão, do hinduísmo e do cristianismo”.⁴⁸ Ele ainda estava ansioso por manter os intocáveis no reduto hindu, embora, particularmente depois de 1935, quando, desgostoso com a falta de habilidade em prover básicos direitos humanos, Ambedkar, o representante dos intocáveis, tenha declarado a sua intenção de converter-se a uma nova religião.

A posição de Gandhi contra a intocabilidade fez com que hindus ortodoxos violentos promovessem reuniões alternativas em eventos nos quais ele devia comparecer, queimando imagens dele e agitando bandeiras negras no momento de sua chegada. Em certa época, em Poona, uma bomba foi arremessada contra um carro no qual se acreditava que ele viajasse, e, em consequência, sete pessoas ficaram feridas.

Grande parte da província sofreu um forte terremoto em janeiro de 1934. Milhares de pessoas morreram, e dez milhares mais ficaram sem ter onde morar. Gandhi interrompeu o seu roteiro e dirigiu-se para a área atingida, andando pelas aldeias e levando conforto, mas também, surpreendentemente, repreensão. Ele disse que o terremoto era um castigo para os pecados cometidos, particularmente o pecado da intocabilidade.

A primeira vez que fez referência a essa linha de pensamento, numa reunião pública em Tinnevely, ele disse: “Um homem como eu somente pode acreditar que este terremoto seja um castigo divino enviado por Deus em virtude dos nossos pecados”.⁴⁹ E mais adiante: “Acreditem comigo que os seus e os meus pecados são responsáveis por essa absolutamente impensável aflição em Bihar... Estou cada vez mais convencido de que essa aflição sobreveio em consequência desse atroz pecado da intocabilidade”.⁵⁰ Perguntado por que punir agora um pecado tão antigo, ele respondeu: “Eu não sou Deus. Portanto, o meu conhecimento a respeito de Seus propósitos é muito limitado”.⁵¹ Sua explicação prática do mecanismo aqui em jogo, se pudermos assim chamá-lo, era uma associação de princípios éticos com fenômenos cósmicos: “As coisas físicas têm origem na mesma fonte de energia das coisas espirituais, e, assim, não há nenhum abismo intransponível entre as coisas físicas e as espirituais”.⁵² Gandhi foi extremamente criticado pelos seus mais sofisticados partidários, principalmente por Rabindranath Tagore, o qual observou que ele havia aberto o caminho para os ortodoxos declararem que o terremoto resultara da ira divina provocada pelo trabalho de Gandhi contra a intocabilidade.

Ele renunciou ao Congresso em outubro de 1934 sem conseguir unir as suas conflitadas facções. O futuro ou, pelo menos, o futuro imediato seria construído pelos criadores da constituição, precisamente a área de liderança para a qual Gandhi não tinha tempo disponível.

Ele corretamente julgou o fato de ter muito pouco a oferecer ao processo político nessa fase. Lamentando-se, ele disse: “A fiação manual por parte da classe intelectual do Congresso praticamente desapareceu, por não acreditarem nela”. Ele estava sendo culpado pela hipocrisia e pela atitude evasiva do pessoal do Congresso, que, aparentemente, observava os princípios de Gandhi, mas seguia as suas próprias finalidades políticas.⁵³ Ele explicou: “Estou saindo do Congresso a fim de aliviar o peso que o esteve esmagando para que ele possa crescer e, ao mesmo tempo, para que eu possa crescer”. Respondendo a perguntas que lhe eram colocadas, ele foi ainda mais explícito: “Hoje, sinto que perdi o poder de convencê-los do meu ponto de vista. Tornei-me impotente. Não adianta manter um homem como eu na direção dos assuntos, um homem que perdeu a sua força”.⁵⁴

Agora, o prêmio para os nacionalistas era o poder real nas legislaturas — um curso pouco abordado pelo Congresso para, então, ser abraçado com entusiasmo. Para os pacientes edificadores ingleses da constituição, o resultado foi que todas as classes da sociedade indiana participaram das eleições de 1935 de acordo com os antigos regulamentos eleitorais (a Lei de 1935 do Governo da Índia ainda não estava em vigor). O cenário era uma Índia dividida: o governo e seus partidários conseguiram dois quintos das cadeiras; os “nacionalistas do Congresso”, os hindus ortodoxos, dois quintos; e os independentes (de maioria muçulmana), um quinto. Jinnah surgiu como líder dos muçulmanos independentes; sua habilidade em conseguir os votos desse grupo estabilizador fez com que se tornasse líder político desse segmento de democratas indianos.

O secretário de Estado para a Índia, sir Samuel Hoare, trabalhara diligentemente na preparação de uma constituição funcional. Um seletor comitê foi estabelecido a fim de considerar os resultados das conferências de mesa-redonda. Depois de quase dois anos, 1933 e 1934, lutando contra o ferrenho criticismo da direita conservadora, liderada por Winston Churchill, o resultado foi a nova Lei do Governo da Índia. Suas provisões para a federação, inclusive os principados indianos, nunca entraram em vigor — as discussões ainda aconteciam quando foi declarada a 2ª Guerra Mundial —, mas a autonomia provincial sob onze governadores diretamente eleitos e as legislaturas teve um grande sucesso.

A eleição de 1937 apresentou os líderes do Congresso demonstrando sua habilidade em fazer contato com o povo — Nehru percorreu cerca de 75 mil quilômetros por todos os meios, desde elefantes até aviões; um total de 10 milhões de pessoas o viram. Gandhi não fez nenhum discurso político, mas andou de aldeia em aldeia promovendo a sua nova Associação das Indústrias de Aldeias de Toda a Índia para a melhoria dos pobres, o que era então a aplicação, em âmbito nacional, das ideias que ele aproveitara de John Ruskin e de Liev Tolstói, e ele brilhou!

O Congresso conseguiu a maioria absoluta em cinco das onze principais províncias e foi o maior partido em outras três. Depois da costumeira discussão quanto à possibilidade de assumir qualquer poder que fosse nada menos do que absoluto, o Congresso tomou posse em março de 1937, formando ministérios em seis províncias. A Liga Muçulmana obteve pouco sucesso, com menos de 5 por cento do total dos votos muçulmanos. Os membros do Congresso demonstraram a sua falta de experiência política, com um triunfalismo cuja impressão era que

o corrente equilíbrio de poder fosse durar para sempre; acharam que não precisavam aliar-se à Liga Muçulmana embora os programas sociais e econômicos da Liga fossem semelhantes aos seus próprios. Eles trataram a Liga mais como uma oposição política do que compatriotas indianos lutando por um objetivo comum.

Caso não se associassem ao Congresso, os candidatos da Liga Muçulmana não teriam acesso a posições de gabinete. Mohammad Ali Jinnah entrou em contato com Gandhi sobre a situação em Bombaim, onde a Liga obteve resultados razoáveis entre o eleitorado muçulmano, mas Gandhi respondeu fazendo um místico pronunciamento: “Minha fé na unidade brilha tanto quanto antes; apenas não vejo nenhuma luz nessa escuridão impenetrável e, em minha angústia, peço a Deus que me ilumine”.⁵⁵ Jinnah queria uma reunião com Gandhi, mas ele respondeu que estava sendo orientado por Abul Kalam Azad, um membro muçulmano do Congresso, e que Jinnah deveria falar com ele. E, assim, facilmente e sem nenhuma preocupação aparente dos perigos, Gandhi desprezou a oportunidade mais propícia para conseguir a unidade hindu-muçulmana. O orgulhoso Jinnah não gostou da resposta de Gandhi e, logo, ele se referiria ao Congresso como um partido hindu conspirando para que os muçulmanos não tivessem acesso à palavra no governo. O resultado final desse pensamento seria o separatismo, uma noção cada vez mais aceita nos círculos muçulmanos.

Em uma manobra que quase não despertou atenção na época em que um erudito chamado Choudhary Rahmat Ali, inspirado nas discussões nada glamorosas da terceira conferência de mesa redonda, encerrada em 1933, havia sugerido um nome para a nação muçulmana que pudesse ser extraído da Índia, ele combinou a inicial dos nomes Punjab, Afeganistão (a Província da Fronteira noroeste), Kashmere (Caxemira), Sind e Baluchistão e formou o semiacróstico PAKSTAN, que era próximo ao termo urdu “Paquistão”, Terra dos Puros. Agora os muçulmanos tinham um objetivo pelo qual lutar.

Saiam da Índia!

Como um dos supremos moralistas do mundo, esperava-se que Gandhi tivesse algo a dizer sobre o estado de violência da década de 1930. Os imperialistas que estavam recolorindo o mapa da Ásia, nessa década, estavam mais próximos de casa do que os europeus que ali haviam deixado a sua marca: os japoneses, achando que os europeus haviam dominado por tempo suficiente, tinham seus olhos voltados para as possessões francesas, holandesas e britânicas do Extremo Oriente e na conquista da China.

A anexação da Manchúria, em 1931, foi seguida, em 1937, por uma invasão em larga escala, acompanhada por estupros e massacres nunca vistos anteriormente. Gandhi sugeria a resistência sem violência: “Não é próprio para uma nação de 400 milhões de pessoas, uma nação tão culta quanto a China, repelir a agressão japonesa recorrendo aos mesmos métodos utilizados pelos japoneses. Se os chineses tivessem o meu conceito de não violência, não haveria necessidade do uso do mais recente maquinário de destruição que o Japão possui”.¹

Na Alemanha, os ataques sobre a população judia eram bem semelhantes aos que Gandhi passara na África do Sul e na Índia, caracterizados pela imposição de leis injustas contra um segmento da população. “Minha empatia está com os judeus”, disse ele. “Eles foram os intocáveis do cristianismo... Se tivesse de haver uma guerra justificável em nome da humanidade e para a humanidade, uma guerra contra a Alemanha seria totalmente justificável a fim de prevenir a gratuita perseguição a toda uma raça. Mas eu não acredito em guerras.”² O seu conselho era: “Se eu fosse judeu nascido na Alemanha e ali tivesse o meu sustento, eu reivindicaria a Alemanha como a minha pátria mesmo que o mais cruel dos alemães ameaçasse me matar ou me aprisionar na mais profunda das masmorras”.³ Essa fraca resposta, que foi muito criticada na época, é ainda mais notável porque, quando Kallenbach o visitou na década de 1930, eles discutiram demoradamente sobre a perseguição aos judeus, e uma das mais permanentes discípulas de Gandhi, Margarete Spiegel, conhecida como Amala, era uma professora judia que fugira da perseguição nazista.

Adolf Hitler era um vegetariano nacionalista solteiro que não fumava, não bebia e tinha um forte sentido de sua missão pessoal. Era exatamente o tipo de pessoa que Gandhi admirava — uma observação que pode ser considerada sem ironia, pois Gandhi genuinamente levava em conta as escolhas que um homem fazia considerando o que comesse e se fumasse ou não como indicadores morais. Ele disse: “Eu não desejo que os aliados sejam derrotados, mas não

considero que Hitler seja tão ruim quanto dizem. Ele está demonstrando uma habilidade surpreendente e parece estar ganhando suas vitórias sem muito derramamento de sangue”.⁴ Em vez de considerar a qualidade maléfica que estava sendo desencadeada no mundo, na década de 1930, Gandhi buscava uma equivalência moral. Ele considerava os ingleses tão maléficos quanto os nazistas: “Nossa resistência ao imperialismo britânico não é inferior à resistência ao nazismo. A diferença está na graduação dessa resistência”.⁵ “Eu não vejo diferença entre os poderes fascistas ou nazistas e os poderes dos aliados. Todos são exploradores, todos recorrem à crueldade.”⁶

Em dezembro de 1940, ao divulgar a sua mensagem “Eu não tenho inimigos”, Gandhi escreveu uma carta a Hitler, dirigindo-se a ele como “Caro Amigo”, num momento em que a Inglaterra estava sendo bombardeada todas as noites: “Não temos dúvidas quanto à sua bravura ou devoção à sua pátria, como também não acreditamos que você seja o monstro descrito por seus oponentes, embora muitos de seus atos tenham sido monstruosos e impróprios da dignidade humana, especialmente no estigma de homens como eu, que acreditam na amizade universal”.⁷ Por outro lado, a opinião de Hitler quanto à forma de lidar com Gandhi havia sido expressa ao vice-rei anterior, lorde Irwin, em sua posterior função de secretário dos Assuntos Estrangeiros, lorde Halifax. O ditador observou abertamente: “O que você deve fazer é matar Gandhi e, se necessário, outros líderes do Congresso. Você ficará surpreso com que rapidez o tumulto será solucionado”.⁸

Gandhi, pelo menos, teve a coragem moral de admitir a sua impotência. Em 1938, ele observou que, ao considerar o que ele faria num país invadido por agressores, “minha cabeça começa a rodar. Vocês podem muito bem argumentar que o pouco progresso da não violência, depois de cinquenta anos de experiência, não poderá ajudar a nossa luta. Se pensarem dessa forma, vocês poderão desistir dela. Para mim não há espaço para essa desistência. Minha fé é inabalável. Mas sempre lastimarei o fato de o Senhor não ter me proporcionado clareza de expressão para que eu pudesse melhor expor minhas ideias”.⁹ Sua incompreensão do mal orquestrado pela violência do estado das coisas havia sido aparente em sua falta de habilidade de reconhecer o genocídio cometido pelo exército turco contra os armênios, quando estivera proclamando a validade moral do Khilafat. Essa não era uma grande falha em si mesma — afinal, “por que deveria ele comentar todos os acontecimentos mundiais?”, poderíamos nos perguntar. Entretanto, ela revela-nos uma falha subjacente e persistente na compreensão do mal radical. Sua visão das calamidades do século XX culminaria, horivelmente, num conceito metafísico que aceitava o caos a partir do qual, supostamente, surgiria a ordem à medida que a Índia prosseguia para o desastre da partição.

Os políticos do Congresso estavam aprendendo as dificuldades do governo. Até julho de 1937, eles haviam formado ministérios em sete províncias e, um ano mais tarde, em uma oitava. Suas campanhas para a alfabetização em massa e para as reformas agrária e social foram restringidas devido ao custo e à falta de experiência administrativa, mas seu entusiasmo pela reforma compensou muita coisa. Gandhi pouco contribuiu, salvo pela promoção de objetivos de longo prazo, tal como a proibição da bebida alcoólica, que ele descreveu como

“provavelmente o maior movimento moral do século”.¹⁰

Apesar de as províncias estarem agora sob controle político indiano, as marchas dos camponeses, as greves e os piquetes não pararam. Servidores corruptos estavam se associando ao Partido do Congresso, atraídos pela promessa de poder, e viciando a mensagem moral da liderança. O poder estava sendo usado como instrumento de dominação. O grosseiro nacionalismo de muitos líderes do Congresso fez com que os muçulmanos sentissem que estavam sendo hinduizados. A atenção era frequentemente focada na educação: as crianças eram forçadas a desempenhar atos de idolatria, tal como cantar “Vande Mataram” com sua invocação da Mãe Índia como Durga (uma encarnação da deusa Parvati). Dizia-se também que as crianças eram forçadas a prestar homenagem e a cantar hinos de louvor diante do retrato de Gandhi — certamente, isso não seria aprovado pelo próprio Gandhi. Os governos do Congresso Provincial tentaram evitar o abate de vacas e, em seguida, comeram sua carne sem que nenhum esforço fosse empreendido para salvaguardar a cultura muçulmana. Jinnah reclamou: “A atual liderança do Congresso, principalmente durante os últimos dez anos, foi responsável por alienar cada vez mais os muçulmanos da Índia ao estabelecer uma política exclusivamente hindu, e, como já formaram governos em seis províncias nas quais ela é maioria, por meio de palavras, atos e programas, foi demonstrado que os muçulmanos não podem esperar nenhum tipo de justiça em suas mãos”.¹¹ A violência nas comunidades continuou, agora com os ministros do Congresso chamando os militares para reprimir os desordeiros, como ocorreu em Allahabad em março de 1938, para o desgosto de Gandhi. Apesar de seus maravilhosos discursos sobre a união hindu-muçulmana, o povo comum não aquiesceu e, ao contrário, reavivou os ódios ancestrais.

Tardiamente reconhecendo Jinnah como o principal protagonista pelo lado muçulmano, em abril de 1938, Gandhi estava preparado para um encontro, numa tentativa de recuperar algo que sobrara da união hindu-muçulmana. Entretanto, a reunião estava fadada ao insucesso, e isso exclusivamente por uma ocorrência gandhiana. Em 7 de abril, enquanto estava no *ashram* com seus ajudantes, Gandhi teve uma ejaculação involuntária. Isso era importante, pois ele acreditava ter conseguido controlar totalmente a sua natureza sexual e também devido à sua quase mágica crença no poder do fluido seminal. Ele escreveu: “Aquele que conserva o seu fluido vital adquire poder inesgotável. Por que perder minha vitalidade a troco de um instante de prazer?”.¹² Precisamente uma semana mais tarde, isso aconteceu novamente. Ele descreveu o ocorrido a Mirabehn: “Essa abominável, suja e torturante experiência de 14 de abril abalou-me terrivelmente e fez com que eu me sentisse sendo expulso por Deus de um paraíso imaginário no qual eu não tinha nenhum direito de estar devido à minha falta de pureza”.¹³

Ele explicou às outras mulheres de seu círculo o que havia acontecido, um exercício que deve ter posto à prova até os consideráveis poderes de descrição de Gandhi. Ele então pensou em afastar-se delas, mas achou que devia atender às súplicas dessas mulheres que tanto necessitavam de sua presença. “Certa vez, tive a intenção de dispensar os serviços de Sushila (Nayar), mas, em doze horas, o meu coração fraquejou e acabou com essa intenção. Eu não pude suportar as lágrimas de Sushila e os desvanecimentos de Prabhavati.”¹⁴ Ele mergulhou no “rio do desânimo”. “Pela primeira vez em minha vida pública e privada, parece que perdi

minha autoconfiança”, ele escreveu numa comunicação à imprensa. “Eu não me considero apto para negociações ou para qualquer outra coisa nesse momento... Peço ao público que não dê muita importância à entrevista”.¹⁵ Com esses prognósticos, ele enfrentou a reunião de três horas de discussões com Jinnah.

As reuniões da primavera de 1938 não obtiveram resultado algum. Jinnah queria que Gandhi o reconhecesse como líder dos muçulmanos, enquanto Gandhi representaria toda a Índia. Ao final daquele ano, Jinnah respondia à acusação de Gandhi de que ele, Jinnah, havia abandonado o nacionalismo pela política sectária: “Não tenho nenhuma dúvida em afirmar ser o sr. Gandhi que está destruindo o ideal que deu origem ao Congresso. É ele o responsável por transformar o Congresso num instrumento de revigoração do hinduísmo. O seu ideal é reavivar a religião hindu e estabelecer o Hindu Raj neste país”.¹⁶

Nessa época, Gandhi sofria ataques de tremor durante a noite — provavelmente devido ao frio ou, quem sabe, fosse um fator psicossomático. Ele era confortado pelo contato de quatro jovens mulheres deitadas ao seu lado. Conforme mencionado anteriormente, ele costumava ter mulheres ao seu redor enquanto desempenhasse suas necessidades físicas. Certa vez explicando ao ser questionado, ele disse: “Sushila sempre esteve presente no banheiro enquanto eu me banhava e, em sua ausência, Ba (Kasturba) ou Prabhavati ou Lilavati me assistiam”.¹⁷ A provisão desses serviços pessoais a Gandhi era muito procurada pelos *ashramitas*, pois eles demonstravam o seu favoritismo, mas, ao mesmo tempo, provocavam o ciúme entre as mulheres. Mirabehn aconselhou-o a manter distância das mulheres do *ashram*. Ela nunca participara de suas “experiências” de *brahmacharya*, provavelmente com receio de que ela, ou ele mesmo, não demonstrasse suficiente reserva. Ela poderia muito bem ter sentido ciúme da proximidade física (e, portanto, confiança) permitida a essas outras mulheres.

Gandhi perguntou a Mirabehn: “Por que eu deveria negar os serviços proporcionados por Sushila? Por que deveria abster-me das massagens de homens como Lilavati ou de Amtul Salaam? Ou você quer dizer que eu nunca deva apoiar-me nos ombros de garotas?”.¹⁸ Entretanto, ele seguiu o conselho de Mirabehn ao negar-se esses serviços pessoais que envolviam o contato físico consigo e se desculpou publicamente diante das mulheres do *ashram* que poderiam ter apresentado sinais de revolta. Ele desculpou-se por negar-lhes “a liberdade que eu me permiti... minha ação foi impelida pela vaidade e pelo ciúme... Minha experiência foi uma violação das normas estabelecidas pelo *brahmacharya*”. Essas “experiências” sexuais eram realmente uma violação das normas aceitas. Ter contato físico com mulheres e dormir com elas era a contribuição de Gandhi para a prática da castidade. Elas não eram aprovadas por qualquer tradição e, de fato, era proibidas em textos sobre o assunto.

Ele não somente assumiu a própria responsabilidade pelos “lapsos morais”, como também a responsabilidade pelos *ashramitas*.¹⁹ Ele dizia: “Até a proximidade, a palavra e o olhar de uma mulher poderiam provocar o mal tanto quanto o seu toque”. Em uma observação feita em Oedipal, ele declarou: “Eu deveria arrancar meus olhos antes de deixar que o animal em mim seja despertado”.²⁰ Ele discutia detalhadamente sobre sexo com Sushila, que, em 1938, tinha vinte e quatro anos. Numa carta a ela dirigida, com um insulto afetuoso, ele escreveu: “Garota estúpida, se você experimentou o desejo, isso é normal, pois estamos no mesmo barco e

devemos estar atentos... Com os meus sessenta e nove anos, o seu desejo não pode me afetar. Eu ardo com o meu próprio desejo e é por isso que acho impróprio que eu seja atendido por qualquer mulher”.²¹ Três meses depois, ele desistiu dessa “experiência”: voltou a se apoiar nos ombros das mulheres, assim como voltou a adotar os cuidados pessoais ao seu físico. Para os mais próximos, ele explicou “numa Carta Circular”, em setembro de 1938, a inocência dos banhos que tomava com Sushila: “Nosso entendimento no banho resume-se no seguinte: ela toma banho no espaço atrás da banheira enquanto eu mantenho os meus olhos fechados. Eu não tenho a mínima ideia de como é o seu banho — se ela se banha nua ou com sua roupa íntima. Pelo som, eu sei que ela usa sabão. Eu vi apenas as partes do seu corpo que todos aqui já viram”. Ela, então, passava a massagear o seu corpo nu.²² Ele censurava a condição moralmente decrépita do Congresso a respeito de seu *brahmacharya*.²³

Ele continuaria perturbado com os préstimos dessas mulheres a ponto de relatar para Vallabhbhai Patel, em fevereiro de 1939: “Desde ontem deixei de dormir próximo a elas, ou seja, as garotas ficam distantes o suficiente do alcance dos meus braços”.²⁴ Na década de 1970, ao ser questionada, Sushila reveladamente colocou o contato físico com mulheres como um estilo de vida; essa elevação para uma experiência de *brahmacharya* foi em resposta à crítica a respeito desse comportamento. Ela disse: “Posteriormente, quando as pessoas começaram a questionar o seu contato físico com mulheres — com Manu (sua sobrinha-neta), com Abha (outra sobrinha-neta) e comigo —, foi desenvolvida a ideia das experiências do *brahmacharya*”.²⁵

Quando a guerra contra a Alemanha foi declarada, em setembro de 1939, a Índia estava automaticamente envolvida e também estava em guerra. Os domínios tomaram suas próprias decisões, comprometendo-se a ficar ao lado da Inglaterra (como a Índia teria certamente feito se tivesse direito à escolha). A Inglaterra cometeu um grave erro ao não conceder, pelo menos aparentemente, uma democrática consulta antes de comprometer o subcontinente à guerra. As memórias da Lei de Rowlatt ainda eram fortes na Índia — era razoável temer que os poderes emergenciais, adotados como medida em tempo de guerra, fossem prorrogados.

O Congresso declarou que queria envolver-se numa guerra em defesa da democracia, mas também queria que a democracia total fosse estabelecida na Índia, com políticos indianos tendo o direito de determinar a sua própria constituição. Convidado pelo vice-rei para discutir sobre a guerra, Gandhi disse ter sentido as lágrimas nos olhos ao pensar na Abadia de Westminster e os edifícios do Parlamento sendo bombardeados. Mas ele não era capaz de transmitir esse afeto aos membros do Congresso: ao comitê em função ele disse que sentia “estar sozinho em pensar que qualquer apoio à Inglaterra deveria ser dado incondicionalmente”.²⁶ Mas, em 14 de setembro de 1939, o Congresso emitiu uma declaração ditada por Nehru dizendo insistentemente: “Se a Inglaterra estiver lutando pela manutenção e extensão da democracia, então ela deveria necessariamente acabar com o imperialismo em seus próprios domínios, estabelecendo plena democracia na Índia e com o povo indiano tendo o direito à autodeterminação no estabelecimento de sua própria constituição”.²⁷

Gandhi, então, seguiu fielmente a determinação do Congresso: sua política de apoiar os ingleses nessa guerra, tal como no levante zulu, na Guerra dos Bôeres e na 1ª Guerra Mundial, estava no fim. Nem sequer havia uma programada proposta de ação. Nehru escreveu: “Nossa posição é a de não cooperar, mas ainda não pensamos em qualquer outra coisa”.²⁸ Por outro lado, Jinnah estava preparado para dar o apoio da Liga Muçulmana, com a condição de que fossem aceitos como a única voz da Índia Muçulmana e de que nenhuma modificação constitucional fosse feita sem o consentimento da Liga. Os ingleses não estavam dispostos a aceitar essa proposta, mas, embora a Liga não estivesse totalmente apoiando o esforço dos ingleses para a guerra, eles nada fariam para impedi-la.

O então vice-rei, lorde Linlithgow, convidou os líderes, inclusive Gandhi, Nehru e Jinnah, para uma entrevista, emitindo uma declaração, em 17 de outubro, que o *status* de domínio era a meta da política britânica na Índia e que o Ato do Governo da Índia estaria aberto para modificações ao final da guerra. A falta de imaginação ou de sentido administrativo de Linlithgow contribuiu para os já sérios problemas de seu longo período na função (1936-43), período que envolveu os eventos mais dramáticos da política indiana, quando também ocorreu a escassez de alimentos em Bengala, o que poderia ter sido muito bem evitado.

Como sempre acontecia com as declarações da política britânica, as observações de Linlithgow foram insuficientes e demasiadamente tardias. Mas, se a abordagem britânica estava errada, a do Congresso foi um desastre. Os políticos do Congresso combaliam-se em discussões entre as vantagens do estado de domínio e as da independência total. Após muita argumentação, o Congresso resumiu-se em expressar uma recusa petulante em cooperar com os ingleses, descartando assim sua vantagem eleitoral e desistindo do que, para muitos, era a sua única experiência de governo. Eles também sacrificaram a pouca influência que tinham junto aos ingleses, que ainda eram e continuariam sendo os árbitros na elaboração do estabelecimento da constituição para qualquer Índia que viesse a emergir.

O comitê em função do Congresso reuniu-se em Wardha, em 22 e 23 de outubro de 1939, condenou a declaração do vice-rei e ordenou que todos os governos do Congresso se demitissem até o fim daquele mês. Isso resultou apenas na entrega da Índia aos separatistas muçulmanos e num exemplar fracasso político: o Congresso emasculou-se politicamente, beneficiando somente a Liga Muçulmana.

Jinnah declarou um “Dia de Libertação e de Graça em sinal de alívio pelo fato de o Congresso ter deixado de funcionar... eles provaram a falsidade da reivindicação do Congresso de que representasse todos os interesses, justa e plenamente, através de sua política decididamente antimuçulmana”.²⁹ Outros grupos minoritários, como Ambedkar e os seus intocáveis, apoiaram Jinnah que já havia decidido a favor de uma separada nação muçulmana, mas, como bom político que era, manteve-se quieto a esse respeito. Foi no ano seguinte, em março de 1940, que a Liga Muçulmana declararia um Paquistão separado.

Jinnah era um homem doente. Ele estava com uma tuberculose bem adiantada e entrou em colapso a caminho da Assembleia Legislativa Central, em Deli, alguns dias antes da reunião em massa em Lahore, onde havia anunciado o que viria a ser a “Resolução Paquistão” (embora ele mesmo nunca tivesse usado o termo). Apesar de fraco, ele dirigiu-se à multidão de 100 mil

peessoas, durante duas horas, mas poucos o compreenderam, pois falara em inglês. “Os muçulmanos não são uma minoria. Os muçulmanos são uma nação por qualquer definição”, ele disse. Se os ingleses estivessem seriamente interessados na paz e na felicidade, “o único caminho aberto para todos nós seria permitir que nações importantes tivessem pátrias separadas, dividindo a Índia em ‘estados nacionais autônomos’”.³⁰ Ele rejeitou a reivindicação de Gandhi de que hindus, muçulmanos, pársis e intocáveis fossem todos iguais: “Por que você não se apresenta como um líder hindu representando orgulhosamente o seu povo?”, perguntou-lhe Jinnah, “e deixe que eu me encontre com você orgulhosamente representando os muçulmanos?”.³¹ Mais tarde, a Liga passou uma resolução explicitamente declarando que as regiões a noroeste e leste da Índia deveriam ser estados independentes.

Gandhi ficou horrorizado: “Acredito com toda a minha alma que o Deus do Corão é o mesmo Deus do Gita e que todos nós, independentemente por qual nome somos designados, somos filhos do mesmo Deus. Estou indignado com o fato de que milhões de indianos, que um dia foram hindus, mudem sua nacionalidade por causa de religião”.³² Portanto, ele estava argumentando que, mesmo que não fossem hindus, os muçulmanos ainda eram indianos. Entretanto, Gandhi não estava sequer falando por todos os hindus. Membros da ortodoxia extrema, Rashtriya Swayamsevak Sangh, compartilhavam do mesmo ponto de vista de Jinnah, afirmando que não havia lugar na Índia para os não hindus.

Para notória decepção do Congresso, o grande sacrifício do poder pelo princípio não foi refletido em igualdade de entusiasmo pelo povo da Índia: um enorme número de jovens apresentou-se nos postos de recrutamento a fim de alistar-se para a guerra.

Em maio de 1940, Churchill foi promovido a primeiro-ministro. Ele sempre fora um oponente implacável dos nacionalistas indianos, embora fosse uma figura complexa, havendo declarado cinco anos antes que Gandhi subira em sua estima desde que começara a defender os intocáveis. Em julho de 1940, na época da Batalha da Inglaterra, Gandhi escreveu:

Apelo para todos os ingleses, independentemente de onde se encontrem agora, a aceitar o método da não violência em lugar da guerra para um entendimento nas relações entre as nações... Seus soldados estão aplicando o mesmo método de destruição usado pelos alemães... Quero que vocês combatam o nazismo sem armas ou, fazendo uso da terminologia da não violência, com armas não violentas... Devem convidar Herr Hitler e Signor Mussolini a tomarem o que desejam dos países que vocês chamam de possessões. Deixem que tomem posse de sua linda ilha com seus edifícios maravilhosos. Vocês entregarão tudo isso, mas não as suas mentes nem as suas almas. Se esses indivíduos optarem por ocupar suas casas, entreguem-nas a eles e, se não os deixarem sair, devem permitir deixar-se massacrar, mas vocês se recusarão a ser-lhes submissos.³³

O governo de Sua Majestade respondeu: “Não achamos que a política que você advoga seja uma possível de ser por nós considerada”.³⁴

Uma alternativa para a não cooperação do Congresso com os ingleses era aliar-se aos seus inimigos. Subhas Chandra Bose, contrariando o juízo de Gandhi, havia sido presidente do Congresso em 1939, posição que lhe permitiu propor que um ultimato fosse dado aos ingleses: sair do país em seis meses ou enfrentar a total desobediência civil. Gandhi e outros líderes do

Congresso acharam que a Índia não estava preparada para essa luta e que não somente estaria destinada ao fracasso, como também “levaria o Congresso ao descrédito e causaria um desastre à sua luta pela independência”. Mas a proposta de Bose foi derrotada³⁵ e, contrariado, ele saiu do Congresso para formar o seu próprio partido, o Forward Bloc, que passou a imitar o nacionalismo violento dos regimes alemão, italiano e japoneses.

Com a Liga Muçulmana decidindo sobre a política nacional, o Congresso foi marginalizado; e a sua comissão de trabalho, dividida. Apesar disso, em setembro de 1940, eles decidiram convidar Gandhi a voltar para liderá-los numa nova campanha de desobediência civil. Gandhi não estava disposto a liderar esse tipo de campanha por acreditar que o país estivesse despreparado, mas ele declarou que atos individuais de *satyagraha* deveriam ocorrer, especificamente personagens do Congresso falando contra a guerra. Nehru, Rajagopalachari e outros informaram as autoridades do que estariam fazendo, expondo-se a serem presos por seus discursos — Nehru foi preso antes mesmo de pronunciar o seu discurso e sentenciado a quatro anos de prisão. Depois da detenção de membros líderes, outros membros juntaram-se à campanha e, finalmente, no verão de 1941, constavam cerca de 20 mil condenações — um número insignificante considerando o volume de membros do Congresso e da população da Índia. O fato era que o público falhara em compreender o sentido do protesto, e os administradores britânicos também estavam perplexos. A guerra provou ser vantajosa para a economia indiana, pois ajudava a estimular a sua indústria, proporcionando emprego e dinheiro. A fim de lidar com a pressão da operação da guerra, o vice-rei expandira o seu conselho executivo para doze, oito dos quais agora eram indianos, indicando a continuada intenção de transferir o poder para os indianos. Além disso, o novo conselho executivo conseguiu convencer o vice-rei a soltar os personagens que participaram da campanha de desobediência civil que ainda estavam presos, inclusive Nehru, como medida conciliatória.

Eles foram libertados pouco antes de os japoneses lançarem seu ataque a Pearl Harbor e começarem a avançar pelo Sudeste da Ásia, tomando Hong Kong, Malásia, Cingapura e Birmânia. O líder chinês Chiang Kai-shek visitou a Índia em 1942, encontrando-se com Gandhi, Nehru e outros líderes a fim de impressioná-los sobre a importância do papel da Índia na guerra contra a agressão japonesa. Ao encontrar-se com Gandhi, Chiang apresentou-lhe um cenário vivo das atrocidades cometidas pelos japoneses na China. Gandhi continuou fiando durante toda a reunião com o líder chinês e, ao final, ele presenteou Chiang Kai-shek, certamente surpreso, com o fio que acabar de fiar.

Subhas Chandra Bose tentou negociar com o novo poder imperialista e recrutou o seu Exército Nacional Indiano, composto, em sua maioria, de prisioneiros de guerra indianos, sob o comando japoneses. Poucos indianos acreditavam que a vida sob o domínio japonês viria a ser benigna, e as ideias de Bose tiveram pouco sucesso no país. Uma exceção foi Bengala, onde incidentes terroristas contra os ingleses perduraram durante toda a guerra. No início de 1944, Bose e o seu exército estavam prestes a cruzar a fronteira da Índia, mas, nesse momento, os fados da guerra favoreciam a Inglaterra e seus aliados, e o Exército Nacional Indiano rendeu-se.

Em 1942, com o avanço japonês, a guerra, da qual era esperado que a Índia fosse participar,

não estava ocorrendo apenas na longínqua Europa, mas no país vizinho, Birmânia. Quando as próprias fronteiras da Índia foram ameaçadas, um novo consenso poderia ter surgido. Contrariando o conselho de Gandhi — como sempre, ele queria que a não violência fosse adotada —, o Congresso ofereceu total cooperação contra os japoneses em troca de um imediato governo nacional e a promessa de independência depois da guerra. Mas Churchill não estava interessado — o Congresso não havia sido digno de confiança no passado, e a Índia estava suportando bem a guerra.

O vice-primeiro-ministro, o líder trabalhista Clement Attlee, possuía um conhecimento genuíno sobre a Índia. Ele participara da Comissão Simon e agora chefiava o Comitê da Índia, formado em 1942, que estabeleceu os termos de referência de uma delegação a ser enviada para a Índia a fim de negociar um acordo político. Essa delegação foi chamada de Missão Cripps, chefiada por sir Stafford Cripps, um membro do governo de coalizão de Churchill e uma boa escolha para lidar com Gandhi. Austero socialista, abstêmio, vegetariano e pacifista da 1ª Guerra Mundial, Cripps era um homem de princípios firmes, que fizeram com que fosse, em certa época, expulso do Partido Trabalhista. Cripps encontrara-se com Gandhi anteriormente, visitara Wardha em 1939 e havia-se distinguido por tirar os sapatos ao entrar na cabana de Gandhi — uma cortesia pouco adotada por visitantes ingleses.

Cripps era um amigo bastante próximo de Nehru para estar presente durante as preparações do casamento de sua filha Indira com Feroze Gandhi. Feroze, um pársi, não tinha nenhum parentesco com Mohandas Gandhi, mas isso não prejudicou absolutamente a impressionante carreira política de Indira. O Mahatma não teve sucesso em pregar a castidade para os noivos, que tiveram dois filhos; o primeiro deles, Rajiv, tornou-se primeiro-ministro, tal como havia sido sua mãe e seu avô. A esposa de Rajiv viria a liderar o Congresso.

Cripps foi enviado com uma oferta, mas não tinha espaço para negociar; Churchill havia amarrado suas mãos. O trato era para que a Índia tivesse o estado de domínio, e uma assembleia constituinte esboçaria uma constituição, com o direito de as províncias recusarem qualquer decidida disposição constitucional. Isso significava que os principados ou os estados muçulmanos poderiam escolher permanecer com a Inglaterra. A política de defesa da Índia também ficaria sob controle da Inglaterra; Churchill, um fervoroso imperialista, não queria que Cripps fosse bem-sucedido, mas, sobretudo, ele queria acalmar os ingleses, os indianos e a cada vez mais importante opinião pública americana. Os americanos tinham orgulho por ter quebrado as correntes que os amarravam ao Império Britânico — eles não queriam ser vistos lutando para manter outras nações sob seu domínio. Cripps, que havia discutido soluções constitucionais com Nehru e Attlee em 1938, na Inglaterra (quando Nehru fora hospedado por Cripps), foi totalmente sincero em sua abordagem.

Gandhi viajou para Deli para esse encontro. Compreensivamente, ele rejeitou a oferta, principalmente devido à proposta de inclusão dos principados numa futura Índia, qualquer que fosse a forma que ela tomaria. Mesmo que fossem representados na Assembleia Constituinte, seus delegados seriam nomeados por seus governantes, estabelecendo um procedimento não democrático. Ele também rejeitou a possibilidade da não adesão da maioria muçulmana e de outros estados e, sem ser específico, ele se opôs à proposta da defesa.

Gandhi foi amplamente citado com o aforismo de que a oferta de Cripps fosse um “cheque pós-datado”, embora a frase não apareça em seus escritos ou nos relatórios de Cripps.³⁶ Ele não acrescentou “de um banco em falência”, que foi inventado por um jornalista — Gandhi não tinha nenhum prazer em constatar as dificuldades pelas quais a Inglaterra estava passando. Sua atitude implacável foi responsabilizada pelo fracasso da missão Cripps, embora a recusa da proposta a reconhecer a nação muçulmana fosse suficiente para ser também rejeitada por Jinnah. Certamente, houve uma total decepção com respeito à rejeição. Mais tarde, Attlee escreveu: “Foi uma grande pena os indianos terem rejeitado a oferta, pois a autonomia da Índia poderia ter sido antecipada em alguns anos”.³⁷

Enquanto aconteciam essas discussões, as forças navais japonesas haviam-se deslocado para o Oceano Índico, afundando seis navios ingleses no porto de Colombo, no Ceilão. Seguiram-se dois cruzadores ingleses, e, em apenas um dia, vinte navios foram afundados na Baía de Bengala. Outros ataques continuaram sobre portos indianos e bases de defesa aérea. Gandhi enviou uma resolução ao Congresso chamando para a resistência, ou seja, não violência e não cooperação contra os japoneses caso houvesse uma invasão japonesa. Isso, claramente, anulava qualquer participação ativa no esforço da guerra destinado a parar a invasão. Alguns líderes do Congresso eram contra essa proposta: Nehru queria organizar uma guerrilha contra os japoneses se a Índia fosse invadida; Rajagopalachari queria formar uma frente unida com os muçulmanos e outros.

O pensamento de Gandhi agora tomava um rumo curioso: “Estou convencido de que a presença inglesa seja o incentivo para o ataque japonês”, ele disse. “Se os ingleses sabiamente decidirem retirar-se e deixarem a Índia administrar seus próprios negócios da melhor forma possível, os japoneses poderão reconsiderar seus planos”.³⁸ Ele pensou que “fosse possível os japoneses não quererem invadir a Índia uma vez que a sua presa (os ingleses) se evadira”.³⁹ Isso era o que a propaganda japonesa divulgava — que uma das metas da guerra do Japão era libertar a Índia do domínio britânico. Isso, indubitavelmente, era verdade, porque o derradeiro objetivo era a Índia servir o Império Japonês. O atrativo da Índia para o Japão era o mesmo que fora para a Inglaterra e para os mongóis: a enorme riqueza e força de trabalho da Índia. Se tivesse sido permitido ao Japão invadi-la e se a oportunidade tivesse sido dada aos japoneses de cometer em Calcutá as atrocidades cometidas em Nanquim, a diferença entre o Império Britânico e o Império Japonês teria sido bem aparente.

Gandhi esperava que, com a retirada do poderio britânico, “sábios líderes verificariam suas responsabilidades, esqueceriam suas diferenças do momento e estabeleceriam um governo provisório”. Entretanto, ele admitiu que, “depois da formação do governo nacional, a minha poderá ser uma voz no deserto, e a Índia nacionalista poderá ir às loucuras com a guerra”.⁴⁰ Mas o que isso importaria, ele pensou. Se “uma luta não violenta tivesse sido iniciada, conforme aconselhei, e, mais tarde, houvesse um surto de violência, eu poderia aceitar isso também, porque, afinal, é Deus que me inspira, e tudo acontecerá de acordo com a Sua vontade. Se Ele quer destruir o mundo pela violência, usando-me como o Seu instrumento, nada posso fazer para impedi-Lo”.⁴¹

Cripps achara que Gandhi, “aparentemente, estivesse promovendo um estado de caos”.⁴² Esse pode ter sido um pensamento passageiro, causado pela frustração do fracasso de sua missão constitucional, mas algumas das declarações de Gandhi, naquele momento, parecem perigosamente próximas de uma proposta de experiência metafísica pela qual uma turbulência de paixões nacionais poderia produzir sanidade e ordem. “Deixe que eles entreguem a Índia a Deus ou, em outras palavras, à anarquia. Assim, todos os partidos brigarão entre si como cães ou, quando confrontados com a realidade, eles chegarão a um acordo razoável.”⁴³ Ele parecia estar a favor de um período de caos depois da retirada dos ingleses, pois “essa anarquia poderá levar a um temporário período de guerra intestina ou de bandidagem desenfreada a partir da qual deverá surgir a verdadeira Índia para substituir essa nossa falsa Índia atual”.⁴⁴ Ele via na destruição que os bombardeios aéreos provocavam na Europa o fim da civilização tecnologicamente avançada, a justificação de sua fé na roda de fiar: “A era das cidades está chegando ao fim. O slogan ‘De volta às aldeias’ nunca foi tão verdadeiro quanto hoje”.⁴⁵

Gandhi procurou convencer os seus céticos colegas sobre o mérito de fazer do subcontinente um campo de prova para a não violência, um caldeirão de caos cuja suposta solução para tudo seria a não violência. A resolução de Gandhi para a comissão de trabalho do Congresso a obrigaria a dizer que era “de opinião de que os ingleses devessem retirar-se da Índia... O comitê espera que o Japão não venha a ter nenhum plano com respeito à Índia”. Na eventualidade de um ataque, “o Comitê espera que todos aqueles que procuram o Congresso para orientação não ofereçam violência ou cooperação às forças japonesas, tampouco lhes prestem qualquer assistência”.⁴⁶

A resolução de Gandhi foi significativamente alterada por Nehru e outros colegas numa reunião da comissão de trabalho, de maneira a eliminar qualquer favoritismo aparente aos Poderes do Eixo, substituindo-o com afirmações de simpatia pelos Aliados. Essa ficou sendo conhecida como “a resolução Saiam da Índia” (a frase não era de Gandhi), que foi finalmente aprovada em 14 de julho de 1942 pela comissão de trabalho e colocada diante do Plenário do Congresso, em Bombaim, em 7 e 8 de agosto. Em deferência aos desejos daqueles que queriam continuar a guerra contra o Japão, ela incluía a garantia de que forças armadas aliadas podiam ficar na Índia a fim de resistir à agressão japonesa e, ao mesmo tempo, ajudar a China. Sem dúvida, também era uma consideração de que o Congresso não quisesse ofender a América, pois ela havia defendido a independência da Índia. Nehru não estava inclinado a causar problemas para os ingleses, que estavam ocupados em combater o fascismo, mas ele acompanhou o pensamento de Gandhi.

Gandhi deu ao comitê um mantra: “Faça ou Morra. Libertaremos a Índia ou morreremos tentando; não viveremos para ver a perpetuação de nossa escravidão”.⁴⁷ A resolução certamente conseguiu a unanimidade entre os indianos não partidários do Congresso: todos a condenaram, desde os muçulmanos e os liberais até os intocáveis e os príncipes. Jinnah considerou o objetivo da retirada dos ingleses, sem o estabelecimento de uma constituição, como a criação de um *raj* hindu cujos interesses das minorias seriam violentamente esmagados. O Congresso havia perdido o seu sentido de futuro e lutava as batalhas do passado: até Churchill, o arquiopponente da independência da Índia, havia concordado com que o estado

de domínio fosse concedido depois da guerra, e, então, a luta não seria mais com os ingleses pela independência. O Congresso precisava focar-se nos diversos grupos dentro da Índia, no pós-guerra, principalmente nos muçulmanos e nos principados.

Os escrúpulos de Gandhi em atacar um inimigo quando esse estivesse sofrendo desavenças não relacionadas ao assunto em questão parecem ter caído ribanceira abaixo. Três anos antes, ele advertira Subhas Chandra Bose de que a Índia não estava preparada para dizer aos ingleses que saíssem do país e, desde aquela época, nada aconteceu para deixá-la mais preparada. Ele também declarou sua intenção em não interromper a campanha caso a violência se pronunciasse — mas, se não pretendesse com isso incitar a violência, ele tampouco a desencorajaria.

Depois de receber a recusa à sua melhor oferta, o gabinete de guerra de Churchill estava preparado para a caótica alternativa e autorizou o vice-rei a tomar medidas drásticas contra o Congresso. O erro que cometeram, tal como o enxergavam, foi o fato de não terem detido Gandhi imediatamente, o que permitiu que o protesto do sal ganhasse ímpeto. Eles não cometeriam o mesmo erro novamente. A resolução “Saiam da Índia” foi aprovada na noite de 8 de agosto; nas primeiras horas da manhã seguinte, quase todos os membros da comissão de trabalho do Congresso foram detidos. Aqueles que não foram, esconderam-se e instruíram os partidários do Congresso a paralisar o governo de qualquer maneira possível. Grupos de manifestantes agora atacavam propriedades e símbolos do governo britânico, como as estações das ferrovias e os correios, deixando centenas destruídos ou danificados. Em protestos mais organizados, tentativas foram feitas para sabotar o esforço da guerra: cabos telefônicos e telegráficos foram cortados e pontes foram explodidas. Entretanto, as tropas do exército permaneceram leais, e as autoridades conseguiram revidar com força; centenas de indianos foram mortos, e o levante esmoreceu em semanas. Se uma prova fosse necessária de que a não violência seria a estratégia apropriada para o nacionalismo indiano, essa foi, sem dúvida, a falta de violência para conseguir qualquer objetivo político.

Gandhi foi internado com Sarojini Naidu, Mirabehn e Mahadev Desai no Palácio de Aga Khan, perto de Poona, que havia sido requisitado pelos ingleses para o serviço de guerra. Desai não ficou muito tempo com ele. Poucos dias depois de sua detenção, o fiel secretário de Gandhi sofreu um forte ataque cardíaco. Gandhi chamou o seu nome, dizendo: “Se ele pudesse abrir os olhos e olhar para mim, não morreria”, mas Desai, com apenas cinquenta anos, já estava morto.⁴⁸ Gandhi ficou perturbado com o fato da pouca repercussão da morte de Desai; não houve uma grande demonstração de pesar. Gandhi não foi capaz de perceber a diferença entre um homem que era importante para ele e um homem que era importante para a nação, talvez considerando que não houvesse diferença entre os dois.

Pyarelal teve permissão para se juntar a Gandhi como seu secretário no lugar de Desai. Como sempre, Gandhi mostrou suas melhores qualidades como líder, quando mais desafiado, reunindo seus colegas para lidar com a morte, preenchendo os dias com um cronograma bem atarefado: estudo, oração e outras atividades. “Devemos ocupar-nos muito para não termos tempo de pensar em coisas fúteis e deprimentes”, ele disse.⁴⁹ Ele foi convencido a adotar uma diversão: contar a sua própria história aos companheiros, e, assim, seus principais biógrafos,

Pyarelal e Sushila Nayar, ouviram muitos detalhes que não aparecem em suas autobiografias.

Embora não houvesse sido detida com a primeira leva, Kasturba foi presa um dia depois ao ameaçar fazer um discurso numa reunião de protesto em lugar de Gandhi. Sushila Nayar, que a havia acompanhado, também foi presa. Assim que teve a oportunidade, Kasturba admoestou seu marido: “Eu não lhe disse para não procurar briga com esse poderoso governo? Você não me atendeu, e agora todos nós devemos pagar por isso”.⁵⁰

O vice-rei culpou Gandhi pela violência que acontecia em toda a Índia, uma acusação que o perturbou tanto que, em 9 de fevereiro de 1943, ele iniciou um jejum de vinte e um dias. As autoridades esperavam que ele morresse e tinham preparado contingências como um curto apagão para que, na eventualidade de sua morte, o governo local tivesse tempo de se preparar para quaisquer tumultos que pudessem surgir. Porém, esse jejum, durante o qual a sua água era complementada por suco de limão, sal e outros minerais, passou sem incidentes. Lorde Linlithgow telegrafou para Churchill dizendo que Gandhi era “o mistificador de maior sucesso mundial” — os dois suspeitavam de um possível nível de fraude no jejum, mas nada foi provado. “É quase certo que o velho malandro volte ainda melhor de seu suposto jejum”, respondeu Churchill.⁵¹ Pode ser que outra pessoa, talvez Sushila, estivesse adicionando glicose ou outros nutrientes à sua água sem o seu conhecimento, embora ela explicitamente o negasse.

Relatos da vida de Gandhi na prisão incluem o seu continuado esforço na educação de sua esposa, educação que iniciara desde que se casaram: agora, ele estava ensinando-lhe a história e geografia da Índia. Dizem que certa vez ela perguntou infantilmente: “Por que você pede aos ingleses que saiam da Índia? Nosso país é muito grande, e todos nós podemos viver aqui. Deixe que fiquem se quiserem, mas diga-lhes para ficarem como irmãos”.⁵²

Kasturba sofria de arritmia cardíaca, de falta de ar e dores no peito. Ela teve um primeiro ataque no fim de 1943, e dois outros no início do ano seguinte. Ela sentava-se na varanda com Gandhi ao seu lado segurando a sua mão. Os remédios, tanto os ocidentais quanto os *ayurvédicos*, já não faziam efeito, e Gandhi suspendeu-os. Seus filhos e outros membros da família foram visitá-la, menos Harilal, por quem ela perguntou. Gandhi pediu à polícia que o procurasse, e descobriu-se que ele tentara visitar sua mãe, mas foi-lhe recusado passar pelo portão do Palácio de Aga Khan por estar completamente embriagado. Posteriormente, ele conseguiu vê-la, e, como Ramdas e Devdas também a estavam visitando, ela teve condição de ver três de seus quatro filhos (Manilal estava na África do Sul). Quando Harilal voltou a visitá-la, ele estava embriagado outra vez, o que deixou sua mãe tão abalada que ela começou a bater sua fronte com seus próprios punhos. Ele foi retirado do quarto e proibido de voltar.

Com Gandhi ao seu lado amparando-a, Kasturba morreu em 22 de fevereiro de 1944, depois de mais de sessenta anos de casamento. Ele participou com as mulheres do banho de seu corpo e envolveu-o num sári feito com fios que ele mesmo havia fiado, tal como ela desejara. O governo não quis um grande funeral público, o que poderia assumir a natureza de uma demonstração, de maneira que ela foi cremada no terreno do próprio palácio e com a lenha que havia sido trazida e reservada para o funeral de Gandhi, na época de seu jejum. Amigos e parentes tiveram permissão para entrar no local e assistir à cremação, que ocorreu num canto

do terreno onde Desai havia sido cremado anteriormente. Gandhi permaneceu ao lado da pira até ser reduzida a cinzas. Ele foi solicitado várias vezes a descansar um pouco, mas ele recusava dizendo: “Como posso deixá-la assim depois de sessenta e dois anos de companheirismo? Tenho certeza de que ela não me perdoaria”.⁵³ Os adornos de Kasturba (braceletes, pulseiras, colares, anéis) foram encontrados intactos nas cinzas — um ótimo sinal para aqueles que acreditam em sinais e símbolos.

“É como se uma parte de Bapu partisse com ela”, disse Mirabehn sobre a morte de Kasturba.⁵⁴ Ele aprendeu a pensar sobre o assunto, e, um ano depois de sua morte, foi possível para ele escrever: “Talvez você não saiba quantos dos meus planos em nada resultaram por causa das imperfeições de Ba. Exercitei a severidade o máximo possível. Mas a limitação nunca deixava de ser aparente”.⁵⁵

Anos mais tarde, ele dizia com prazer quanto havia aprendido com a resistência de Kasturba à sua vontade. Ela tanto infringia as regras de Gandhi que, de acordo com um residente, “Bapu acabou aceitando a derrota e declarou que Ba estava isenta das regras do *ashram*”.⁵⁶ Seu neto, Arun Gandhi, lembra-se de sua primeira visita ao *ashram*, com a idade de quatro anos. Ele estava com febre ao chegar, e Gandhi prescreveu que jejuasse durante uma semana. Depois do terceiro dia, a febre havia cedido, e a mãe perguntou se ele, então, poderia comer. Quando Gandhi respondeu negativamente, a criança começou a chorar. Sem argumentar sobre o assunto, Kasturba deu-lhe um copo de suco de laranja, dizendo: “Eu não vou deixar esta criança morrer de fome”. Gandhi desistiu, e Arun lembrou-se de seu “sorriso enigmático e o sinal de resignação”.⁵⁷

Mas, quando ela transgredia as regras relativas às campanhas nacionais, Gandhi a admoestava. Todos os seus seguidores deveriam boicotar os templos que se recusassem a deixar entrar os intocáveis. Numa visita a Orissa, Kasturba e a esposa de Mahadev Desai visitaram o templo Jagannath Puri, um dos mais importantes da Índia, mas que persistia em excluir os intocáveis. Gandhi denunciou essa discriminação numa pública reunião de oração, naquela mesma noite, mas culpou principalmente a si mesmo e a Mahadev por não educarem melhor suas esposas, e os dois iniciaram um jejum. Kasturba nunca se converteu ao gandhismo; ela sempre foi uma hindu ortodoxa e, como tal, tomava as partes do marido. É como lhe disse uma amiga: “Devemos manter os nossos pontos de vista ortodoxos, não permitir intocáveis em nossas casas nem beber água tocada por um muçulmano, mas essas coisas não são para você. O maior ideal para você é seguir o seu marido”.⁵⁸

Se ela realmente foi ou não, conforme Gandhi galantemente declarava, “minha professora na arte e na prática da não cooperação sem violência”, ela certamente compartilhou de suas mágoas.⁵⁹ De fato, Gandhi viveu a lição do herói de sua infância: o rei Harishchandra, cuja família sofreu por seus nobres princípios. Em 1948, com cinquenta anos, Harilal morreu de tuberculose exacerbada pelo alcoolismo.

Além das mortes de sua esposa e de seu secretário, Gandhi também foi abalado pela morte de dois amigos muito próximos. Charles Andrews, em 1940, e o comerciante de algodão Jamnalal Bajaj, em 1942. Nessa época, ele sofreu um grave ataque de malária, e sua pressão

sanguínea estava tão alta quanto estivera durante anos. Sushila, que monitorava a sua saúde, constatou que ele também sofria de anemia, verminose, disenteria, febre alta e depressão.

O novo vice-rei, lorde Wavell, pensou que uma terceira morte em cativeiro revigorara o movimento “Saiam da Índia”, que, naquele momento, estava praticamente desaparecendo. A situação militar também estava menos ameaçadora: o exército indiano era bem numeroso, em boa forma, e os japoneses estavam paulatinamente retrocedendo. Em 6 de maio de 1944, Gandhi foi libertado da cadeia pela última vez. Dos setenta e quatro anos de condenação à prisão na África do Sul e na Índia, na realidade, ele permaneceu na cadeia um pouco mais de seis anos.

Partição e morte

Lorde Wavell, um soldado de carreira, estava mais interessado em eficiência do que em represálias insignificantes. Ele recebia de bom grado o Congresso e outras autoridades, administrando os problemas da Índia de uma forma prática; não tinha nenhum respeito pelo movimento “Saíam da Índia” ou por qualquer slogan. Rapidamente organizou alívio para a cidade de Bengala, onde havia falta de alimento, uma tarefa que havia sido negligenciada pelo seu aristocrático antecessor. Culto e versátil, e um homem que compunha poesias, Wavell estava abismado com a pouca qualidade dos administradores que tinham sido deixados para trás para governar a Índia enquanto homens melhores estavam cuidando da guerra. Ele libertou Gandhi, embora tivesse dúvidas a esse respeito: “Pessoalmente, eu não enxergava vantagem alguma em soltá-lo no momento de sua morte; e, se não estivesse para morrer, não haveria necessidade de tanta pressa”.¹

Churchill havia concordado em soltar Gandhi, em parte porque parecia que ele nunca mais se restabeleceria para voltar às suas atividades políticas. Mas, com o seu habitual modo de surpreender os inimigos, Gandhi recuperou-se na casa de seus ricos partidários e retomou o seu velho espírito. Ele pediu para visitar os membros do comitê de trabalho do Congresso, que ainda estavam na prisão, e o vice-rei. O governador das Províncias Unidas, sir Maurice Hallett, considerou Gandhi “tão esperto quanto uma carreta lotada de macacos” e aconselhou Wavell a não atendê-lo.² Surpreso pelo fato de Gandhi ainda estar vivo, Churchill se opôs a que o vice-rei desse atenção a um prisioneiro recém-libertado por sua falta de saúde. Wavell simplesmente sugeriu que, se Gandhi tivesse “uma política definida e construtiva a propor para melhorar o bem-estar da Índia”, ele teria prazer em considerá-la. O movimento “Saíam da Índia” havia sido oneroso para os nacionalistas em termos de disposição que os ingleses estavam preparados a conceder. A vontade de Wavell de ser no mínimo cortês em sua correspondência foi frustrada pelo fato de que tivesse de submeter a Londres para aprovação tudo o que viesse a escrever para Gandhi, de maneira que seus esboços foram corrigidos no sentido de se mostrarem mais arrogantes pela intervenção de Whitehall.

Gandhi declarou com frequência: “Considero a partição da Índia um pecado”, mas, de fato, houve uma importante reviravolta de atitudes.³ O congressista sênior Rajagopalachari não havia tomado parte do movimento “Saíam da Índia” e, portanto, ele não fora preso. Respeitado como político e como homem de família (sua filha casara-se com Devdas, o filho de Gandhi),

ele tinha acesso a Gandhi e visitou o Palácio Aga Khan em fevereiro de 1943, onde apresentou a Gandhi um plano que foi, por esse último, aceito. O plano era conseguir um governo nacional formado pelo Congresso e pela Liga Muçulmana e um plebiscito para determinar se as províncias de maioria muçulmana queriam a partição. Na eventualidade de uma partição, acordos mútuos cobririam os tópicos, como a defesa, o comércio e as comunicações. Essa seria uma federação com a promessa de um governo local muçulmano nas províncias de maioria muçulmana.

O perspicaz Rajagopalachari, que viria a ser o primeiro governador-geral indiano, tinha dois objetivos: manter a integridade da Índia durante a guerra e enfrentar o desafio do Japão, que ele enxergava como principal inimigo do país, e, como segundo objetivo, manter a Índia inteira como um estado conjunto hindu e muçulmano, depois de a independência ser concedida, quando os temores de invasão e o ressentimento dos ingleses ficassem no passado; um governo popular teria de planejar o futuro da nação.

Em julho de 1944, Rajagopalachari estava pronto para apresentar a sua fórmula ao público. Ele disse a Jinnah que Gandhi não estava inflexível, mas Jinnah precisava ouvir isso da boca do próprio Gandhi, e encontros entre os dois sobre o futuro constitucional do país foram anunciados. As reuniões com Jinnah tiveram o efeito de estimular os partidários de Vinayak Savarkar, o extremista hindu, cujas opiniões Gandhi contestara em Londres, trinta e cinco anos antes, e, em resposta às quais, ele escrevera *Hind Swaraj*. Quando foi anunciado que Gandhi se encontraria com Jinnah, dois seguidores de Savarkar, Nathuram Godse e L.G. Thatte, acompanhados de um grupo de partidários, dirigiram-se para o *ashram* de Gandhi, em Sevagram, pretendendo formar um piquete para evitar a sua saída. A polícia prendeu os líderes, e um punhal foi encontrado nas roupas de Thatte, que alegou que um mártir mataria Gandhi. Como presidente dos hindus de toda a Índia, Mahasabha Savarkar advertiu o secretário de Estado para a Índia, Leo Amery: “Os hindus *sabhitas* nunca tolerarão a partição da união da Índia, sua pátria e terra sagrada”.⁴

Gandhi reuniu-se com Jinnah em catorze vezes, deslocando-se, todas as vezes, a pé de onde se hospedava, da casa dos Birlas, na estrada de Mount Pleasant, até a casa de Jinnah, na exclusiva área de Bombaim, Malabar Hill. Gandhi achou as reuniões com Jinnah exaustivas. Logo no começo, Jinnah perguntou-lhe qual seria o propósito de falar com ele, sendo que Gandhi representava apenas a si mesmo. Gandhi explicou para Rajagopalachari: “Foi um teste de paciência. Fiquei até surpreso com a minha própria paciência”. Pressionado sobre o Paquistão, Gandhi concedeu a Jinnah: “Eu endosso a fórmula de Rajagopalachari, e você pode chamá-la de Paquistão se quiser”.⁵

Portanto, Gandhi estava preparado para questionar o Congresso sobre uma secessão pós-independência por plebiscito, conforme a fórmula de Rajagopalachari. Mesmo assim, isso não foi suficiente para Jinnah, pois ele queria que o Paquistão fosse maior e com maiores poderes soberanos do que os que Gandhi estava disposto a endossar e ele queria isso *antes* da independência. O princípio foi concedido, mas, posteriormente, Gandhi retrocedeu. Ele começou novamente a criticar o princípio inteiro dos muçulmanos na Índia constituindo uma nação separada, particularmente pelo fato de que, no caso de um plebiscito, Jinnah não queria

que os não muçulmanos tivessem direito a votar sobre a questão das províncias de maioria muçulmana — um procedimento pouco democrático.

Embora Wavell pensasse que os dois líderes fossem “velhos homens obstinados, intransigentes e astutos”, ele, pelo menos, achou que poderiam conseguir alguma coisa. Mas as suas conclusões foram: “As duas grandes montanhas se reuniram e nada conseguiram”.⁶ Wavell analisou as diferenças entre os dois: Jinnah queria o Paquistão antes e a independência depois, “enquanto Gandhi queria primeiro a independência com algum tipo de autodeterminação muçulmana a ser concedida por meio de um governo provisório que seria predominantemente hindu”.⁷ Jinnah simplesmente acreditava que um governo de maioria hindu concederia qualquer nível significativo de autodeterminação muçulmana. Ele apostava em conseguir o Paquistão dos ingleses antes de sua saída.

Em 1945, eles não tiveram mais condição de continuar com as reuniões, que começaram a ficar cada vez menos cordiais, pois os dois adoeceram, Jinnah com pleurisia. Se Gandhi frequentemente se distinguiu por colocar todo o seu ser na luta nacional, Jinnah possuía essa mesma qualidade: ele mantinha uma perfeita aparência, embora seu corpo sofresse com uma saúde precária. Cada reunião pública exigia dele uma grande força de vontade.

Jinnah chegou até a confessar a Gandhi que tinha uma erupção nervosa em um de seus pés. Gandhi ajoelhou-se, insistiu em tirar os seus sapatos e meias e analisou a parte afetada, dizendo: “O que pode curá-lo eu lhe enviarei amanhã de manhã”. Ele, então, enviou uma caixa com terra curativa, que Jinnah aceitou com as suas costumeiras boas maneiras, mas, na realidade, ele nunca fez uso do que Gandhi tinha para lhe oferecer.⁸ Quanto à sua própria saúde, Gandhi estava sofrendo de exaustão, disenteria amébrica e bronquite. Sua cura para essas doenças era, é claro, sujeitar-se ao jejum. Com grande diplomacia, Rajagopalachari sugeriu um “jejum de trabalho” por um mês. Gandhi aderiu por seu gosto de novidade e empreendeu o que qualquer outra pessoa chamaria de descanso.

Wavell reuniu os políticos britânicos para resolver o problema da soltura dos outros líderes do Congresso — Churchill os mantivera presos até bem depois que a detenção servisse a qualquer propósito útil. Finalmente, o vice-rei decidiu anunciar pelo rádio a soltura do comitê de trabalho do Congresso em junho de 1945. Líderes indianos foram, então, convidados a falar com o vice-rei em Simla sobre a composição de um novo conselho transitório governamental. Convidado, Gandhi foi para a cidade a fim de ser consultado, mas não participou das reuniões. Em sua viagem de trem, ele foi saudado por multidões “delirantes de amor e de alegria”.⁹ Jinnah achou que a opção de não participar da conferência fosse “outro truque de Gandhi, ele pretendia não pertencer ao Congresso quando conviesse ao seu interesse, mas, quando necessário, ele aparecia como o ditador do Congresso, reconhecido por todos como tal”.¹⁰

Os procedimentos na conferência de Wavell foram bloqueados pela insistência de Jinnah de que somente a Liga devia representar os muçulmanos. Em parte, isso era atribuído à natureza de Jinnah, mas também era o resultado da política do governo. Nem Wavell, tampouco Churchill estavam preparados para presenciar uma conferência constitucional dominada pelo Congresso e, então, eles elevaram a Liga ao mesmo nível do Congresso, um perigo que o Congresso deveria ter previsto em 1939, quando eles se retiraram dos ministérios provinciais,

deixando um vácuo político que a Liga Muçulmana preencheu. A intransigência de Jinnah era, para ele, a correta postura política: ele ganhou terreno contra os correligionários da Liga não muçulmana, os quais sentiram que não conseguiriam nenhum progresso fora da Liga.

Em 1945, os acontecimentos foram acelerados pelas eleições inglesas com o Partido Trabalhista assumindo o poder em julho; uma vitória trabalhista ou liberal sempre favoreceu as políticas progressivas indianas. Agora, o governo era dirigido por Clement Attlee, que, em 1942, enviara Cripps para oferecer o *status* de domínio. Havendo sido membro da Comissão Simon, ele conhecia tanto os problemas constitucionais quanto a força do sentimento nacionalista indiano.

As eleições deveriam acontecer na Índia em 1945 e 1946 para a assembleia central e para as legislaturas provinciais. As eleições ocorreram, e a independência foi votada sob a legislação prevalecente, o Governo da Índia Lei de 1935. O Congresso realizou uma campanha baseada no princípio da independência e da Liga Muçulmana sobre a criação do Paquistão. Nesse virtualmente direto confronto entre os dois, a Liga Muçulmana venceu todos os mandatos reservados para muçulmanos e mais de 80 por cento dos mandatos muçulmanos nas legislaturas provinciais; o Congresso tornou-se o maior partido único da Assembleia e venceu 90 por cento dos mandatos provinciais, formando ministérios em oito províncias e a participação numa coalizão em outra província.

Gandhi não se interessou por esses assuntos. “Faz anos que não participo de eleições”, ele explicou.¹¹ Ele argumentou com Jawaharlal Nehru sobre a sua visão da Índia, conforme expressara em seu *Hind Swaraj*, a qual frequentemente expressou mais tarde: uma nação aldeia sustentada pela agricultura e pela fiação doméstica, gozando da influência purificadora do trabalho físico. Nehru já argumentava a favor do progresso por meio da ciência e da industrialização.

Gandhi havia promovido Nehru como o próximo presidente do Congresso, o que significava que ele viria a se tornar primeiro-ministro. Ele não havia sido o único candidato, mas Gandhi pressionara os outros dois, Vallabhbhai Patel e J.R. Kripalani, para que se retirassem. Portanto, Nehru fora selecionado como chefe do governo transitório, que ligaria a comunicação entre o governo britânico e a independência. Nehru era um líder por natureza, selecionado por Gandhi como o seu herdeiro apesar de suas diferenças. Subhas Chandra Bose não voltaria mais do Extremo Oriente: ele morrera num acidente de avião. Patel, a outra opção realista, era dominado por Gandhi e faria tudo o que ele dissesse.

De agosto a outubro de 1945, Gandhi voltou-se para a sua paixão de curar os doentes, trabalhando numa clínica perto de Poona. Ele costumava prescrever a repetição do nome de Deus (Ramanama), banho de sol, banhos de banheira e simples dietas eliminadoras, compostas de leite, fruta e sucos de frutas com bastante água fresca. Ele explicava: “Todas as doenças mentais e físicas são originadas de uma causa em comum. Portanto, é natural que também haja um remédio em comum para elas... Assim, eu prescrevo Ramanama e quase o mesmo tratamento para todos os pacientes que a mim vieram esta manhã”.¹² Ele também costumava visitar a casa dos pacientes, fazendo comentários sobre a limpeza e as disposições sanitárias.

Não comentava sobre a bomba atômica depois de seu uso sobre o Japão, em agosto de 1945,

respondendo a um jornalista de modo quixotesco: “Quanto mais eu penso, mais sinto que não devo falar sobre a bomba atômica. Devo agir, se eu puder”.¹³ Entretanto, ele usava-a como metáfora para um ciclo de violência: “O mundo chegou ao estágio da guerra atômica usando a violência contra a violência. Rezemos a Deus para que Ele nos salve dessa mentalidade de bomba atômica. Eu tentei convencer todos a observar o silêncio como resposta ao abuso ou à violência”.¹⁴

Ele havia voltado para o *ashram* e sempre se irritava com as brigas, as diferenças de opinião e os temperamentos dos *ashramitas*, pensando se não devesse fechá-lo e assumir uma vida peripatética. No início de 1946, em paralelo com o processo político — pois não era candidato às eleições, tampouco estava negociando com o governo —, Gandhi viajou para Bengala, Orissa e para o sul da Índia, onde as pessoas andariam várias milhas para ter um vislumbre desse ilustre personagem.

Com esse espírito incansável, ele continuou testando experiências em *brahmacharya*. “Quero deliberadamente tornar-me mentalmente um eunuco”, ele explicou. “Se conseguir, então eu me tornarei também um eunuco fisicamente.”¹⁵ Ele detalhou a exata dificuldade de controlar a ejaculação em circunstâncias sexualmente desafiadoras. “Eu fiz experiências com Ba, mas essas não foram suficientes. Se a ejaculação ocorresse, então, seria menos lamentável moralmente do que qualquer emissão que ocorresse agora.”¹⁶ Não está precisamente claro o que ocorria, mas é bem possível que as “experiências” não somente se referiam a estar na presença de mulheres nuas, mas também deveriam envolver outros tipos de estímulos, durante os quais ele deveria reter a ejaculação para que as experiências fossem consideradas um sucesso.

Ele havia abençoado o casamento casto de seu submisso gerente do *ashram*, Munnalal Shah, com a bem voluntariosa Kanchan, e não deixou de dar instruções de como o casal devia comportar-se. Para Munnalal: “Vocês não devem encontrar-se a sós, nem se tocarem, não devem se falar, tampouco trabalhar juntos ou pedir serviços um do outro. Eu aconselho-o a se afastar por algum tempo”.¹⁷ Numa carta posterior, Gandhi descreveu a Munnalal como ele obrigara Kanchan a dormir ao seu lado: “Abha dormiu comigo durante três noites. Kanchan dormiu ao meu lado apenas uma noite. O fato de Vina vir a dormir comigo pode ser chamado de acidente. Tudo o que posso dizer é que ela dormiu perto de mim”. Essa é uma observação interessante, sugerindo que o fato de entrar no espírito da experiência fosse algo mais do que apenas dormir perto de Gandhi. E ele continua: “O caso de Kanchan foi meio trágico. Eu não a havia compreendido. O que Abha ou Kanchan me disseram foi que Kanchan não tinha nenhuma intenção de seguir o *brahmacharya* e queria desfrutar do prazer do sexo. Portanto, ela ficou, mas com relutância, e despiu-se somente por temer ferir meus sentimentos. Se eu me recordo corretamente, ela ficou comigo menos de uma hora”.¹⁸ É de imaginar como essa informação afetou o casamento de Munnalal Shah.

Apesar da crítica ao seu comportamento, ele continuou o seu contato físico com mulheres, justificando-se por meio do argumento de que, caso abandonasse esse hábito, ele admitiria que estivesse errado. “Se eu parasse de dormir junto com mulheres, para sempre, significaria que eu errei em começar esse costume. Há um limite para que me abstenha de certas coisas

somente para satisfazer a opinião dos meus amigos.” Esse não era um caminho que outros devessem seguir, entretanto: “A experiência não deve ser imitada. Mas, se por meio dela eu pudesse me tornar um perfeito *brahmachari*, eu contribuiria um pouco mais para o bem-estar do mundo”.¹⁹ Dessa forma, ele estava ligando o grau de restrição sexual que ele pudesse alcançar à contribuição que ele poderia proporcionar para o bem da humanidade. Quanto mais pudesse resistir aos crescentes desafios sexuais, melhor ele se tornaria.

Depois da morte de Kasturba, Gandhi mostrou sinais de valorizar mais a sua família. Seu neto Arun, o filho de Manilal, visitou o pai no *ashram* em 1945 e 1946. Ele ficou “assombrado com a capacidade de Gandhi ser tão amoroso num momento e um político tão sério em outro. Ele ficava comigo durante uma hora, todos os dias, contando-me histórias e examinando as minhas lições”.²⁰

Manilal, que editara o *Indian Opinion* na África do Sul, notou quanto a atitude de Gandhi havia mudado desde a sua própria infância.

Minha impressão era que ele mimava as pessoas que lhe eram próximas por meio de seu extremo amor e afeto. Elas tornaram-se suas crianças mimadas depois que minha mãe foi chamada para outros horizontes... Uma das coisas que me surpreenderam foi a extrema suavidade da atitude do meu pai em comparação àquela assumida por ele quando meus três irmãos e eu éramos crianças... De vez em quando, eu dizia-lhe: “Bapu, você mudou muito desde a época em que éramos crianças e dependíamos de você. Você nunca nos mimou, e eu me lembro de quando nos obrigava a lavar roupa e a cortar lenha e, nas manhãs frias de inverno, a cavar no jardim, a cozinhar e a andar quilômetros a fio. Estou surpreso de ver como agora você mima as pessoas ao seu redor”.

Gandhi ouvia-o e depois caía na gargalhada e dizia: “Bem, crianças, vocês estão ouvindo o que Manilal está dizendo?”. Ele, então, bajulava-as e acariciava tal como seus próprios filhos tanto quisessem ter sido amados.²¹

Em 15 de março de 1946, o princípio da independência indiana foi concedido sem fanfarra pelo primeiro-ministro Attlee na Câmara dos Comuns. Um jornalista britânico, H.N. Brailsford, assim se expressou: “Quando o encontrei, Gandhi estava contente com o discurso do sr. Attlee no debate indiano, pois acabava de abrir o caminho para a independência da Índia. Ele estava bem e não aparentava a idade que tinha... Ele abandonara a sua atitude solene e, muitas vezes, relaxava com um sorriso maroto”.²²

O secretário de Estado do Partido Trabalhista para a Índia, Frederick Pethick-Lawrence, era um velho amigo que fora partidário do movimento sufragista. Gandhi havia conhecido sua esposa, Emmeline, quando apresentara uma palestra em Londres, antes da 1ª Guerra Mundial. Como pacifista, um socialista que também fora encarcerado por suas ações em apoio ao movimento das mulheres e também participara da greve de fome, ele foi o maior partidário de Gandhi do que qualquer outro político britânico. Em março de 1946, Pethick-Lawrence e Stafford Cripps foram enviados à Índia como parte de uma missão de gabinete com o objetivo de formar um governo nacional transitório e resolver o problema do Paquistão com um acordo constitucional. Pethick-Lawrence visitou Gandhi na colônia dos intocáveis, onde vivia, em Reading Road, Deli, e participava de suas reuniões de oração.

Entretanto, seria necessário muito mais do que boa vontade para conseguir um acordo para as aspirações da Índia. Wavell e a missão de gabinete encontraram-se com Gandhi em 3 de abril — “nu salvo por um *dhoti* e com a aparência notavelmente saudável”, observou Wavell desanimado. Ele notou como Pethick-Lawrence, com a sua benevolência piegas, dirigira-se a esse velho e malévolos político, o qual, apesar de todos os seus discursos carolas, tem, estou seguro, muito pouca suavidade em seu íntimo”.²³ Gandhi começou a falar a respeito do imposto sobre o sal; Wavell anotou em seu diário que nunca ouvira alguém, com exceção de Gandhi, sugerir que fosse opressivo, mas Gandhi queria que esse imposto fosse eliminado como compensação à sua vaidade, pois havia sido detido por causa desse assunto. Wavell achou que a missão de gabinete demonstrara uma “deferência absurda” a Gandhi, que “havia desenvolvido a arte da imprecisão, ou seja, de nunca expressar uma declaração que fosse, de alguma forma, assim qualificada ou enunciada que pudesse ser definida como tal”.²⁴ Gandhi não participou das específicas negociações, embora adiantasse as suas ideias de governo à missão: em primeiro lugar a independência, antes de qualquer movimento para a criação do Paquistão, com Jinnah liderando o governo, se isso fosse o que seria necessário para mantê-lo no processo.

A missão de gabinete negociou as perigosas águas das políticas indianas não apenas com muçulmanos e hindus, mas com os siques e os intocáveis também querendo ter uma representação na futura constituição. Outra conferência de Simla foi convocada em maio de 1946, da qual Gandhi novamente não participou, mas, permanecendo próximo, os líderes o visitavam todas as manhãs em sua moradia. Wavell anotou que Gandhi “parecia não estar incomodado com a possibilidade de uma guerra civil. Acredito que ele tenha adotado a tese de Patel, de que, ao se manter firme em sua proposição, os muçulmanos não lutariam”.²⁵ Os muçulmanos conheciam essa linha de raciocínio e tinham toda a intenção de lutar, e Jinnah teve muita dificuldade para controlar os seus correligionários.

Em 16 de maio de 1946, a missão de gabinete declarou um plano para uma Índia federada, com fortes governos provinciais e um governo central assumindo a responsabilidade pela defesa, pelas relações exteriores e pelas comunicações. Eles rejeitaram um Paquistão separado, mas as províncias formariam três grupos para uma administração intermediária: o Punjab, a Província Afegã (a Fronteira do Noroeste) e a combinação do Sind e do Baluchistão juntos — como um grande agrupamento provincial. O segundo grupo seria composto de Bengala, de maioria muçulmana, e da província vizinha de Assam. E o terceiro grupo, composto do remanescente da Índia. A missão queria que esse plano fosse a base constitucional sobre a qual uma assembleia se reuniria — um comprometimento sobre uma estrutura com a qual todos concordassem.

Parecia haver um progresso lento para um acordo. Cripps e Pethick-Lawrence mantiveram sua fé em Gandhi até 20 de maio, quando ele pediu aos ingleses que partissem, qualquer que fosse a posição constitucional, dizendo que deveria haver um governo nacional indiano antes da convocação de uma assembleia constitucional. Isso significaria que os ingleses partiriam sem um acordo sobre as reivindicações da Liga Muçulmana. Era efetivamente o que ele pedira em 1942 — para que os ingleses deixassem os indianos com suas disputas, o que, devido à

maioria hindu, resultaria em sua dominação sobre os muçulmanos —, exatamente o que Jinnah estava tentando evitar. Wavell apreciou o cenário: “Eu nunca vi três homens serem tão surpreendidos com a revelação de Gandhi em suas verdadeiras cores... Cripps e o secretário de Estado ficaram profundamente confusos”.²⁶ Eles estavam aprendendo os fatos da lógica gandhiana: ele não mentia, mas tinha sua própria interpretação da verdade. Pethick-Lawrence declarou que somente os membros da missão de gabinete deveriam encontrar-se com Gandhi no futuro e que anotações deveriam ser tomadas de todas as reuniões.

Depois de muitas semanas de discussões, o Congresso aceitou os planos de uma assembleia constitucional de longo prazo — o “agrupamento das províncias num proto-Paquistão” —, o que era uma indicação do declínio da influência de Gandhi, uma vez que ele se opusera a eles. Pyarelal registrou o momento em que ele admitiu a sua derrota, e o comitê de trabalho do Congresso, presidido por Abul Kalam Azad, um muçulmano em oposição à Liga Muçulmana, fez com que ele se retirasse: “O silêncio dominou a reunião. Ninguém falou durante algum tempo. Com sua costumeira percepção, Abul Kalam Azad, imediatamente, inteirou-se da situação. ‘O que vocês querem? Vocês acham que é necessário manter Bapu por mais tempo?’”, ele perguntou. Todos mantiveram o silêncio e compreenderam. Nesse momento de decisão, Bapu não era mais necessário e decidiram deixá-lo sair. Então, Bapu voltou para a sua residência”.²⁷

Jinnah e a Liga Muçulmana haviam aceitado o plano, com base na suposição de que, se o aceitassem e o Congresso o rejeitasse, Wavell pediria a Jinnah que formasse um governo transitório. A missão de gabinete voltou para a Inglaterra no fim de junho, acreditando ter alcançado seu objetivo.

Presumidamente influenciado por Gandhi, Nehru solapou o acordo no início de julho, depois de uma reunião do Congresso convocada para ratificá-lo. Ele alegou que o “agrupamento” não funcionaria — eles concordaram apenas que deveriam funcionar como uma assembleia e que essa assembleia estaria livre para fazer o que queria, derrubando, assim, os planos engendrados para satisfazer Jinnah. A Liga Muçulmana sentiu-se traída — eles haviam aceitado uma união indiana somente de acordo com as propostas ratificadas pela missão de gabinete. Se todos esses acordos não fossem realmente ratificados, eles não entrariam numa união indiana. Voltaram ao objetivo de um Paquistão totalmente independente, “para vingar sua honra e para eliminar a atual escravidão britânica e o contemplado domínio futuro da casta hindu”.²⁸

Nehru havia sido suave demais — um político mais experiente, como Patel ou Azad, não teria traído a subjacente intenção antes de o acordo ser fechado. Até Gandhi observou que o seu comentário sobre o acordo “não parece ser adequado. Se ele for corretamente relatado, alguma explicação se faz necessária”.²⁹ Gandhi era melhor em fiar uma teia de palavras para confundir o ouvinte. O resultado final foi o naufrágio do plano da missão de gabinete — a posição de Gandhi (independência primeiro, sem compromissos, e, depois, um acordo constitucional) foi a política assumida pelo presidente do Congresso. Wavell acreditava que Gandhi solapara tanto a sua conferência de Simla quanto o plano da missão de gabinete. Apesar disso, a influência de Gandhi declinava junto aos políticos que agora buscavam suas próprias futuras posições e poder.

Sem nenhum acordo entre os partidos, Wavell pediu a Nehru, como chefe do Congresso e partido maior, que formasse um governo transitório. A Liga Muçulmana poderia escolher a sua posição. Jinnah e a Liga elevaram a temperatura política por meio de um truque aprendido com Gandhi: eles anunciaram a sua própria greve muçulmana para o dia 16 de agosto.

A data ficou sendo conhecida como o início do “Grande Massacre de Calcutá”. Foi descrito, na época, como o pior tumulto comunitário na história da Índia, embora atualmente seja considerado como o prenúncio de coisas muito piores. Jovens muçulmanos armados de bastões e de punhais rondavam a cidade, gritando *slogans* pró-Paquistão e procurando matar os hindus fracos e desprotegidos. Casas e lojas foram saqueadas e queimadas. No segundo dia, os hindus revidaram com a mesma violência, e os siques juntaram-se aos ataques contra os muçulmanos. Os tumultos duraram quatro dias, com um resultado final de 5 mil mortos e 20 mil feridos. Um aspecto da destruição foi a imunidade dos europeus: eles já estavam sendo apartados — as lutas ocorreriam apenas entre indianos.

Em consequência desse trágico evento, Wavell convocou uma reunião com Gandhi e Nehru na residência do vice-rei para uma última tentativa de convencê-los a aceitar o plano da missão de gabinete, que o Congresso havia previamente endossado e cuja interpretação Nehru havia subsequentemente questionado. Wavell queria uma afirmação clara e inequívoca de que aceitassem o “agrupamento” das províncias antes da ocorrência de uma assembleia constitucional.

Gandhi começou a falar sobre questões legais, mas Wavell cortou a sua arenga, dizendo-lhe que ele não era advogado e que o assunto era outro. Com a discussão cada vez mais acalorada, de acordo com Wavell, Gandhi disse: “Se a Índia quer um derramamento de sangue, que seja feita a sua vontade”.³⁰ Wavell ficou chocado com essas suas palavras. Nós apenas temos esse registro de Wavell a respeito dessa observação. Entretanto, ela muito se assemelha a outras expressas por Gandhi sobre a Índia resolver os seus conflitos depois da saída dos ingleses. “Pode até haver um banho de sangue”, ele disse para Woodrow Wyatt, que havia participado da missão de gabinete. “Isso será resolvido em dois dias por meio da não violência caso eu possa convencer a Índia a seguir o meu caminho ou, então, o tumulto durará muito mais tempo.”³¹ Até o amigo e admirador de Gandhi, lorde Pethick-Lawrence, “começava a acreditar que Gandhi não se importava se 2 ou 3 milhões de pessoas morressem, preferindo que isso acontecesse a assumir um compromisso”.³²

Havia certa consistência nesse ponto de vista de Gandhi. Em 1941, em resposta às preocupações inglesas sobre o golfo, entre a Liga Muçulmana e o Congresso, ele disse que se os ingleses se retirassem,

eu prometo que o Congresso e a Liga e todos os outros partidos descobrirão que seus interesses estão na união de todos a fim de encontrar uma solução interna para o Governo da Índia. Pode não ser científica, tampouco no padrão ocidental, mas será duradoura. É possível que, antes de alcançarmos uma situação satisfatória, passemos a lutar entre nós mesmos. Mas, se concordarmos em não convidar a assistência de qualquer poder estrangeiro, o problema poderá, provavelmente, durar duas semanas. E isso não será nem um pouco comparado aos números de mortes acontecendo atualmente na Europa, pelo simples fato de que, graças à lei britânica, estamos desarmados.³³

Ele minimizou os perigos: “Serão os muçulmanos politicamente conscientes e os hindus que lutarão. Eles farão isso com bastões, paus e garrafas de água, mas eles logo se cansarão e, certamente, haverá suficientes homens sábios entre nós para levar-nos a uma paz honrada”.³⁴ Gandhi conhecia bem a natureza inflamada das paixões comunitárias da Índia. Ele julgou corretamente que os tumultos comunitários em quatro regiões, na primavera de 1941, eram “o ensaio de uma guerra civil” ou, como ele disse mais tarde, “uma guerra civil em miniatura”.³⁵ Ele estava despreparado para fazer qualquer coisa para evitar a violência, isso se “qualquer coisa” significasse dar um passo para a partição da Índia. Sua intransigência atrapalhou a melhor oportunidade de um acordo que teria assegurado a paz, pelo menos a curto prazo.

Nehru assumiu a função de primeiro-ministro em 2 de setembro de 1946. Naquela manhã, ele e seus ministros dirigiram-se ao bairro dos intocáveis, onde Gandhi estava morando. Era uma segunda-feira, dia em que Gandhi ainda mantinha o silêncio (uma disciplina que ele impôs a si próprio desde 1921), de maneira que o seu conselho ao primeiro-ministro teve de ser dado por escrito: “Você esteve em meu pensamento desde a oração da manhã. Elimine o imposto do sal; lembre-se da Marcha para Dandi. Reúna hindus e muçulmanos. Remova a Intocabilidade. Vá para Khadi”.³⁶ Gandhi deu a sua bênção a cada ministro, e, assim armados, ele foram confrontar-se com os problemas da Índia. O velho mágico nada tinha de novo para oferecer.

Jinnah considerou o dia como se fora um dia de luto — milhões de muçulmanos apareceram nas ruas empunhando bandeiras negras. A Liga Muçulmana reuniu-se com os governantes no mês seguinte, mas simplesmente obstruíram o seu funcionamento a fim de demonstrar que uma coalizão Congresso-Liga não era praticável: eles não tinham nenhum interesse em fazer com que uma Índia unida funcionasse.

Gandhi contemplou a possibilidade de voltar para o seu *ashram* de Sevagram, mas foi impedido ao receber as notícias dos massacres em Noakhali, em Bengala Oriental, onde uma pequena minoria hindu havia sido atacada por uma grande maioria muçulmana. Os refugiados contaram sobre um massacre em massa realizado por gangues bem organizadas que foram de aldeia em aldeia cometendo homicídios, conversões forçadas, estupros, casamentos forçados, destruição de lares, alimentação forçada de carne e violação dos templos.

Gandhi pensou que pudesse ir às aldeias de Noakhali a fim de tentar promover a paz. Independentemente de seus defeitos, ele possuía um supremo sentido de dever em face dos seus conterrâneos, que o levaram a uma posição de máxima adversidade e perigo, caso tivesse condição e pudesse ser de ajuda. E, assim, em 28 de outubro de 1946, com setenta e sete anos, ele pegou o trem para Calcutá. Como sempre, a sua viagem foi atribulada, pois o povo, sabendo de sua passagem, se aglomerava para vê-lo, para tocá-lo, para chamá-lo. Ele ficou sentado com seus dedos nos ouvidos por causa da ensurdecadora gritaria.

Ao chegar a Calcutá, a caminho de Noakhali, Gandhi soube que, em Bihar, haviam ocorrido retaliações de hindus contra muçulmanos. Havia outros líderes do Congresso tentando conter o que, potencialmente, era o início de uma guerra civil indiana. Nehru ameaçou um bombardeio aéreo para reprimir o tumulto (o que, em termos práticos, sugere uma falta de compreensão da capacidade do poderio aéreo). Gandhi respondeu: “Mas esse foi o meio usado pelos ingleses.

Ao reprimir os tumultos com a ajuda dos militares, eles vão reprimir a liberdade da Índia”.³⁷ Ele iniciou um regime de mínimo alimento e ameaçou jejuar num futuro próximo. Gandhi agora escrevia panfletos que eram amplamente distribuídos aos hindus de Bihar, onde, provavelmente, 7 mil muçulmanos haviam sido massacrados. “Vocês não devem descansar enquanto cada refugiado muçulmano não voltar para a sua casa que vocês mesmos deverão reconstruir e peçam aos seus ministros que os ajudem nesse sentido... O que fizeram foi humilhar a si mesmos e à Índia.”³⁸

Em 6 de novembro, ele viajou com a sua comitiva e vários oficiais do governo provincial para Noakhali, num trem reservado pelo governo de Bengala. Em Chandpur, eles embarcaram num navio a vapor que os levaria rio acima para a remota e exuberante região onde os ricos proprietários de terras, uma minoria de hindus, foram atacados pelos numerosos e pobres vizinhos muçulmanos. Uma choupana foi arranjada para ele em Srirampur, onde estabeleceu reuniões de oração e serviu como um centro para os políticos: o ministro provincial do comércio trabalhava com Gandhi e com a polícia local para montar um plano que pudesse restaurar a harmonia num lugar onde cerca de 300 casas haviam sido saqueadas e queimadas. A sua mente estava repleta do exemplo de Jesus, “um homem completamente inocente que se ofereceu em sacrifício para o bem alheio, inclusive de seus inimigos”. Respondendo a uma pergunta retórica quanto à verdade sobre a história de Jesus, ele disse: “Para mim, a vida dele é mais verdadeira do que a própria história, porque acredito em sua possibilidade, pois ela envolve uma lei eterna — a lei do sofrimento dos que se sacrificam e dos inocentes apresentada em seu verdadeiro sentido”.³⁹

Ele andou de aldeia em aldeia, viu a destruição das casas, os crânios das pessoas e seus restos carbonizados e as ruínas dos edifícios públicos. Fez esse trajeto descalço, considerando o fato como parte de sua penitência, apesar dos cacos de vidro, do entulho e da sujeira, às vezes deliberadamente espalhados em seu caminho. A sua passagem pelas aldeias produziu uma das imagens icônicas de Gandhi em sua tanga, cabeça raspada, trajando o *dhoti* com um grande relógio de bolso e, às vezes, um xale, carregando uma longa bengala de bambu.

Mas a imagem do sábio solitário encaminhando-se para enfrentar os males do mundo foi uma invenção jornalística. Além da própria imprensa, Gandhi estava acompanhado por sua habitual comitiva, pela polícia e por voluntários locais, inclusive Nirmal Kumar Bose, um professor que atuava como intérprete, e um faz-tudo local chamado Charu Chowdhury. Este último observou: “Toda a sua parafernália — os baldes, as banheiras, o vaso sanitário, as seringas e outras coisas — devia ser por nós transportada, não era fácil passar de aldeia em aldeia”.⁴⁰ Esse comentário é um pouco exagerado — havia apenas um vaso sanitário e uma bacia para lavar as mãos. A inclusão de seringas indica que Gandhi continuava com o seu regime de enemas. Ele também tinha uma biblioteca de viagem com vinte livros, que incluía *As Palavras de Maomé*, *Um Livro do Pensamento Judaico* e um livro de frases em bengali. Ele estava tendo aulas regulares nessa língua para ajudá-lo a comunicar-se com os moradores locais. Essa vontade de autoaperfeiçoamento nunca o abandonara — ele estava estudando uma frase em dialeto bengali no dia em que morreu.

Certa manhã, menos de duas semanas da sua chegada, Gandhi reuniu seus seguidores e fez

com que Pyarelal, Sushila, Abha e outras pessoas se instalassem em sete aldeias tumultuadas a fim de atuar como agentes da paz. Eles protestaram e “disseram que todos seríamos mortos se não nos mantivéssemos juntos. Mas Bapu insistiu que somente estando por conta própria é que eles poderiam encontrar suas orientações e testar a sua fé na verdade e na não violência, como também em Deus”.⁴¹ A ausência da maioria de seus acompanhantes significava menos apoio para Gandhi ao enfrentar os camponeses muçulmanos, mas, ao mesmo tempo, ele estava desimpedido dos desafios diretos sobre a “experiência” do *brahmacharya*, a qual, agora, considerava como sacrifício.

O que não parecia ser coincidência foi o fato de que, em 17 de dezembro de 1946, ele foi ouvido discutindo com Sushila quando ela foi visitá-lo. Eles estavam sozinhos e discutindo em voz alta, às 3h20, cerca de quarenta minutos antes da hora normal de despertar. Quando Bose foi verificar o que estava acontecendo, ele encontrou os dois chorando e Gandhi fazendo sinal à Sushila para que fosse embora. Depois do episódio, demorou alguns meses para que eles se reaproximassem. Essa ocorrência provavelmente está ligada ao fato de que, depois dessa discussão, Gandhi recomeçava suas experiências sexuais com uma mulher bem mais nova que Sushila, quase metade de sua idade.

Ele escreveu para o pai de Manu Gandhi, de dezenove anos, dizendo que ele precisava de seu apoio. Manu era a sua sobrinha-neta que ele costumava chamar de neta. Ela havia perdido a mãe com a idade de doze anos e fora criada por Kasturba; por sua vez, com a idade de dezesseis anos, Manu cuidou de Kasturba até os seus momentos finais, no Palácio de Aga Khan. Depois da morte de Kasturba, Gandhi assumiu o papel de “mãe” para a garota, dizendo-lhe como arrumar o cabelo, como vestir seus trajes e interessando-se por seu desenvolvimento físico, apesar da presença de várias mulheres ao redor de Gandhi, que poderiam instruí-la sobre assuntos íntimos — o seu envolvimento não era uma questão de necessidade, e achou a sua sexualidade, ou a falta dela, fascinante. Pyarelal registrou que ela “dizia ser uma completa estranha ao despertar sexual, geralmente associado a uma garota de sua idade”, e Gandhi sentia-se magneticamente atraído por essa castidade natural.⁴²

Quando entrou em contato com o seu pai, ele já havia escrito para Manu, de Noakhali, dizendo: “Eu ficarei feliz se você vier aqui para ter uma conversa comigo. Não quero pressioná-la, mas é o meu intenso desejo que você mantenha a sua virgindade até o fim de seus dias e passe a sua vida em serviço”.⁴³ Ela chegou à sua sede temporária, em Srirampur, em 19 de dezembro. Na manhã do dia 20, Bose entrou no quarto de Gandhi e os encontrou juntos na cama. Mais tarde, Gandhi explicou a Bose que eles estiveram conversando sobre “uma audaciosa e original experiência que provocaria uma grande agitação” e que somente as pessoas que viessem a compreendê-la e que estivessem preparados a manter seus postos deveriam permanecer com ele.⁴⁴

Gandhi explicou à Sushila, conforme ela contou posteriormente, que “até na primeira noite, Manu adormeceu em poucos minutos depois de deitar-se na sua cama. Algum tempo depois, ele disse à Manu: ‘Podemos ser mortos a qualquer momento pelos muçulmanos. Devemos submeter a nossa pureza ao derradeiro teste a fim de reconhecer que estamos oferecendo o mais puro dos sacrifícios e, agora, devemos começar a dormir juntos e nus’, e ela aceitou”.⁴⁵

No fim de dezembro, ele disse a Pyarelal: “Ela dorme nua, mas profundamente”.⁴⁶ Gandhi descreveu o seu conceito de um *brahmachari* da seguinte maneira:

É a pessoa que nunca teve nenhuma intenção libidinosa e que, por seu constante pensamento dirigido a Deus, se tornou uma evidência contra as emissões conscientes ou inconscientes; a pessoa que é capaz de deitar-se nua com mulheres nuas, por mais bonitas que sejam, sem ser, de qualquer modo, sexualmente despertada... e que atinge um progresso diário e constante em direção a Deus e cujos atos são realizados com essa e nenhuma outra finalidade.⁴⁷

Até então, o seu raciocínio era espiritual, mas, na confusão em que a Índia se encontrava quando da proximidade de sua independência, ele começou a considerar suas experiências sexuais como sendo de importância nacional: “Eu acredito que o verdadeiro serviço ao país exige essa observância”, ele declarou.⁴⁸ Pyarelal analisou os processos de seus pensamentos com relação a Manu:

Gandhiji afirmara que ele era uma mãe para ela, e ela confirmara essa declaração. Se a verdade pudesse ser testada, ela poderia proporcionar uma pista para o problema que o confundia. Incidentalmente, isso lhe permitiria verificar quanto progredira no caminho para a perfeição de *brahmacharya* — total assexualidade... Ele fez tudo o que uma mãe faria por sua filha. Ele supervisionou sua educação, sua alimentação, seus trajes, seu descanso e seu sono. Para uma supervisão e orientação mais próxima, ele fez com que dormissem juntos em sua mesma cama. Ora, uma garota, se a sua mente fosse inocente, nunca se sentiria embaraçada ao dormir com sua mãe.⁴⁹

Aparentemente, Manu aceitava o termo — um dos livros que escreveu a respeito de sua época com Gandhi ela intitulou *Bapu — Minha Mãe*.

Pyarelal explicou como isso se relacionava com o desafio que a Índia enfrentava: “Se a sua sinceridade pudesse ser nela impressa e nela evocar todas as excelências que ele almejasse, isso demonstraria que a sua busca pela verdade tivera êxito. A sua sinceridade deveria, então, ser impressa nos muçulmanos, seus oponentes da Liga Muçulmana, e até em Jinnah, que duvidava de sua sinceridade, a seu próprio prejuízo e a prejuízo da Índia”.⁵⁰ E, assim, Gandhi ligara o seu estado físico com a própria sobrevivência de uma Índia unida. Dizem que ele relatara suas experiências sexuais: “Se eu puder dominá-las, poderei ainda derrotar Jinnah”.⁵¹

O comportamento de Gandhi foi amplamente discutido e criticado. Ele escreveu para o seu filho Manilal: “Não deixe que o fato de Manu dormir comigo o perturbe. Acredito que tenha sido Deus a fazer com que eu tomasse esse passo”.⁵² Em resposta às críticas durante uma reunião de oração, reportada em seu jornal *Harijan*, em fevereiro de 1947, ele insistia que suas “experiências” eram parte integral do *yajna* (sacrifício) que estava realizando. Ele afirmou que muitos de seus amigos ficaram confusos com o seu comportamento, mas que encontrara uma forma de considerar essas objeções um motivo maior para continuar: “Se eu não aparecer às pessoas exatamente como sou por dentro, isso não será uma mancha em minha não violência?... Se eu não deixar Manu dormir comigo, embora considere essencial que deva, isso não será um sinal de minha fraqueza, e, nesse caso, devido ao fracasso na realização do

perfeito *ahimsa* (não violência), a morte não será a melhor coisa para mim?”.⁵³

Muitas vezes, ele costumava despertar Manu no meio da noite para conversar e tomar notas em seu diário. Em 2 de janeiro de 1947, ele escreveu: “Fiquei acordado desde as 2 horas. Apenas a graça de Deus é o meu apoio. Posso perceber em mim um grave defeito causando tudo isso. À minha volta, há somente escuridão. Quando será que Deus me removerá dessa escuridão para me colocar em Sua luz?”.⁵⁴ Não havia dúvida de que Manu estava em real perigo quando, voluntariamente, ela foi ao seu encontro em Noakhali. A violência sempre esteve presente, e a missão de Gandhi não era bem-vinda. Certa vez, o superintendente da polícia mostrou-lhe os cartazes, feitos por muçulmanos hostis, que pediam a sua expulsão. Eles continuaram com sua andança diária, e Gandhi continuou conversando e discutindo com os aldeões. À noite, Manu cuidava das feridas em seus pés causadas pelas andanças nas pedras, enquanto se abrigavam em choupanas fustigadas pelos ventos frios.

Ele perdeu duas pessoas que estiveram com ele em Noakhali: R.P. Parasuram, que atuara como seu secretário, e Nirmal Kumar Bose — dois membros de sua comitiva que criticaram o comportamento de Gandhi com Manu. Durante a sua ausência, dois partidários que editavam o *Harijan* também se demitiram depois de se recusarem a publicar partes dos sermões de Gandhi que tratavam de seus arranjos noturnos. Seu filho Devdas escreveu dizendo-lhe que estava no caminho errado. Os líderes do Congresso Patel e Kripalani (presidente do Congresso desde novembro de 1946) expressaram sua desaprovação, apesar de esse último assumir o *brahmacharya* — ele praticava um casamento casto com uma mulher chamada Sucheta, que, às vezes, tomava parte da comitiva de Gandhi.

O seu costume de dormir com Manu foi interrompido em março daquele ano para satisfazer Amritlal V. Thakkar, um dos principais discípulos de Gandhi e um dos homens mais importantes nas organizações de ajuda aos intocáveis e ao desenvolvimento das aldeias. Thakkar havia passado uma semana com Gandhi no fim de fevereiro e convenceu-o de que essa sua prática estava afetando o seu trabalho. Sabiamente, ele solicitou a Manu que pedisse a Gandhi para interromper essa prática. A intervenção de Manu na questão parece ter sido o fator decisivo: Gandhi parou de dormir com ela, mas sem admitir que cometera algum erro. Manu conhecia bem a controvérsia; em certo momento, foi registrado que ela traduziu para Bose a carta, em guzerate, de uma crítica sobre “Gandhiji estar obviamente sofrendo de uma autoilusão com respeito às suas relações com o sexo oposto”.⁵⁵

A devoção de Manu a Gandhi era genuína. Ela escreveu (ou esteve envolvida na autoria de) cinco livros e livretos a respeito dessa época com ele, não apresentando nenhuma queixa quando era solicitada por ele a fazer pequenas incumbências. Ela descreve as violentas chuvas e os fortes ventos, as estradas escorregadias e os lamaçais que tiveram de cruzar com a ajuda de improvisadas pontes de bambu. Suas recordações de Gandhi, apesar das brigas ocasionais, são profundamente afetuosas e agradáveis. Ela escreveu em seu diário sobre “minha boa sorte pela oportunidade de viajar com o santo que peregrina descalço nesse clima de frio cortante e opressivo”. Certa vez, ao cruzarem um rio, Gandhi encostou a cabeça no colo de Manu e adormeceu. Ela escreveu: “Eu estava sozinha no barco, salvo por um barqueiro que não nos fazia companhia e com um dos mais exaltados espíritos do mundo, cuja cabeça se apoiava em

meu colo com minha mão em sua fronte. Foi um fugaz momento de cinco minutos, mas, para mim, um momento de êxtase”.⁵⁶ Devido à atração da fama, todos os relatos sugerem que não faltavam jovens mulheres dispostas a servir Gandhi da forma que ele desejasse.

Até o sempre fiel Pyarelal, apesar da insistência de Gandhi para que reportasse as completas experiências de *brahmacharya*, foi surpreendentemente recatado. Ele relata as atividades de Gandhi com Manu, mas não aquelas com sua própria irmã Sushila. Havia uma outra dimensão no eterno psicodrama de Gandhi e de seus discípulos pelo fato de que Pyarelal, com quarenta e sete anos, estava obcecado por Manu e queria casar-se com ela. Gandhi não aprovava esse seu desejo, mas Sushila pressionava-a a aceitar Pyarelal, provavelmente para que Manu deixasse esse lugar que ela mesma cobiçava. Gandhi procurou ser compreensivo com Pyarelal: “Tenho a impressão de que você ficou terrivelmente decepcionado”, ele escreveu. “Você não imagina quanto lhe falei com ela tentando convencê-la.” Mas ele finalmente confessou para o seu assistente: “Posso perceber que você não terá condições de ter Manu como esposa”.⁵⁷

Muitas coisas genuinamente boas ocorreram em Noakhali — propriedades saqueadas foram devolvidas, e algumas mulheres sequestradas foram soltas. Os hindus que haviam fugido retornaram à aldeia. A atenção que Gandhi e seus seguidores atraíram desencorajava o mau comportamento. Os jornalistas também tiveram um papel importante em assegurar aos malfeitores que suas ações estavam sendo observadas pelo mundo. Gandhi sempre apreciou uma boa mídia. Muitos desses jornalistas eram bem objetivos em seu favoritismo, dois deles, da UPI e do *The Hindu*, que o acompanhavam nessa viagem passaram a ajudá-lo datilografando suas cartas a título de afeto.

Os muçulmanos haviam provocado Gandhi, dizendo que ele ali estava para os hindus sofrendores, mas o que ele tinha a dizer quanto aos muçulmanos que haviam sido atacados em Bihar? Lá, manifestantes hindus haviam matado cerca de 700 muçulmanos. Ele respondeu que não havia recebido nenhuma chamada, mas, quando o governo de Bihar lhe enviara uma mensagem convidando-o, ele de lá saiu, em março de 1947. Isso agradou ao governador de Bengala, sir Frederick Burrows, que disse a Wavell “estar muito aliviado por Gandhi ter saído de Bengala, pois havia designado vinte de seus melhores policiais para protegê-lo, mas mantinha-se sarcástico quanto a um artigo de um correspondente americano intitulado ‘Gandhi anda sozinho’”.⁵⁸

Essa violência em Bihar foi sentida mais profundamente por Gandhi porque, em alguns lugares, as multidões hindus haviam cometido barbaridades contra os muçulmanos gritando “*Mahatma Gandhi ki jai*” (Vitória a Mahatma Gandhi). Ele novamente pediu aos hindus para fazerem qualquer reparação possível: “Reconstruam suas casas com as próprias mãos, limpem seus poços, perfurem novos poços para substituir aqueles que foram preenchidos com cadáveres dos muçulmanos massacrados”.⁵⁹ Ele disse aos funcionários do Congresso, alguns dos quais ele acreditava que tivessem participado dos distúrbios: “Eu jurei fazer ou morrer. Não descansarei e não deixarei ninguém descansar. Andarei por todas as partes a pé e perguntarei aos esqueletos espalhados pelo chão como isso pode ter acontecido. Há dentro de mim um fogo tão intenso que não se apagará enquanto não encontrar uma solução para tudo isso”.⁶⁰

Enquanto Gandhi testemunhava os horrores do comunalismo afetando sua preferida vida de aldeia, a Índia estava avançando cada vez mais para o fim do domínio britânico e de seu estado unificado. Attlee anunciou que a transferência para o controle indiano ocorreria no máximo até junho de 1948, mesmo que isso significasse transferir o poder a governos provinciais. Ele também anunciou a saída de Wavell da Índia; o vice-rei deu a Gandhi uma cópia de sua antologia em versos, *Other Men's Flowers* (Flores de Outros Homens), a título de recordação. O seu substituto era o supremo comandante aliado da liberada área do Sudeste da Ásia, lorde Mountbatten, primo do rei e oficial da marinha. Quando Mountbatten chegou, em 1947, seu objetivo era estabelecer um governo unitário de acordo com o plano da missão do gabinete. Caso não conseguisse realizá-lo até 1º de outubro, ele deveria reportar-se com propostas alternativas realistas de como transferir o poder.

Em nível de gabinete, a Liga Muçulmana havia conseguido tornar a Índia ingovernável e, agora, recusava-se a tomar parte da assembleia constituinte. Os realistas no Congresso estavam chegando a termos com o fato de que tivessem uma escolha entre a partição e a guerra civil — qualquer que fosse a guerra civil, provavelmente, resultaria em partição. A intranquilidade no Punjab era tal que, em março daquele ano, já estavam resignados à partição de pelo menos dessa província ser dividida em áreas muçulmanas e áreas não muçulmanas. O Congresso, então, enviou em segredo uma proposta para Londres, mas com o consentimento de Wavell, sugerindo a transferência do poder a dois governos, sendo que os dois teriam o *status* de domínio sob a Coroa. De maneira que, afinal, o estado de domínio seria aceito, cinco anos penosos depois de ele ter sido oferecido como parte da missão Cripps.

Em seus primeiros dias de ofício, Mountbatten encontrou-se com as principais figuras das políticas indianas, inclusive Gandhi, que impressionou o vice-rei com a sua personalidade forte, como sempre fizera em primeiras reuniões. Ele sugeriu chamar Jinnah para que nomeasse a sua própria administração, numa tentativa de manter a Índia unida, uma noção que, inicialmente, interessou a Mountbatten. Porém, o Congresso rejeitou a ideia, e os conselheiros do vice-rei identificaram-na como uma proposta antiquada e impraticável. As experiências de Gandhi em Bengala e Bihar não o levaram a mudar de opinião sobre as causas do problema; o secretário de imprensa de Mountbatten registrou a posição de Gandhi dessa forma: “O sistema britânico de ‘dividir e governar’ havia criado uma situação pela qual as únicas alternativas eram o governo britânico continuar a manter a lei e a ordem ou, então, deixar que um banho de sangue ocorresse na Índia. O banho de sangue deve ser enfrentado e aceito”.⁶¹

Instigado por Mountbatten, Jinnah concordou em assinar um apelo para encerrar a violência e o incitamento à violência, mas o líder muçulmano insistiu que duas pessoas apenas o assinassem: ele mesmo representando os muçulmanos e Gandhi representando os hindus, dessa forma fazendo do apelo humanitário uma declaração política. Gandhi voltou a Bihar, e os poderes, em Deli, prosseguiram para uma resolução sem a sua participação. Nehru disse a Mountbatten que a partição fora aceita, mas que eram as próprias províncias que deveriam ser desmembradas — elas não poderiam ser separadas em sua totalidade. Jinnah ficou indignado, mas Mountbatten explicou que qualquer argumento para a partição da nação indiana em muçulmana e não muçulmana se aplicava igualmente à partição de suas províncias.

A urgência de Jinnah em ver a materialização de sua nova nação foi apressada não apenas pela saída dos ingleses: ele sabia que seus dias estavam contados; ele estava magérrimo, esquelético, conservando a sua energia sempre que podia. Se quisesse o Paquistão, ele teria de agir rapidamente. Finalmente, veio a aceitar um Paquistão “esfarrapado”, como ele o denominou. O plano de Mountbatten para a partição foi formalmente anunciado em 3 de junho de 1947, com a maioria das províncias a oeste da Índia separando-se e as partes não muçulmanas do leste de Punjab e do oeste de Bengala continuando unidas à Índia. Gandhi ficou abismado: “Não cabe ao governo britânico alterar o mapa da Índia”, ele disse. “Tudo o que tem de fazer é retirar-se da Índia e, se possível, de maneira ordenada ou então caótica, mas que se retire de qualquer forma.” Ele agora percebia os méritos da posição da missão de gabinete que desprezara anteriormente, dizendo que “incentivaria cada patriota e, certamente, o poder britânico, independentemente da pior espécie de violência, a fazer com que a Índia ficasse de acordo com o documento da missão de gabinete”.⁶²

Mountbatten já conseguira a concordância dos líderes hindus, siques e muçulmanos sobre a partição e foi assim que, com certa apreensão, ele passou a esclarecer o acordo para Gandhi, pois temia que o velho sábio estragasse o plano. Para a satisfação de Mountbatten, quando Gandhi chegou ao palácio do vice-rei, em 2 de junho de 1947, ele entrou na sala com o dedo sobre os seus lábios: era o dia de seu silêncio. Mountbatten explicava o plano, e Gandhi respondia escrevendo notas no verso de velhos envelopes. Havia uma provisão que lhe permitia quebrar o silêncio nesse dia a fim de falar com um superior como o vice-rei sobre assuntos prementes, mas, claramente, ele decidira ficar calado.

Mountbatten, temendo ainda que Gandhi viesse a sabotar o plano, falou novamente com ele, insistindo que considerasse o acordo não como um plano de Mountbatten, mas do próprio Gandhi, pois, segundo o vice-rei, ele havia incorporado nesse plano os principais conceitos de Gandhi como a não coação, a autodeterminação e a data mais próxima possível para a retirada dos ingleses. Trata-se de um testemunho à diplomacia de Mountbatten o fato de que, na reunião de oração daquela noite, Gandhi disse: “O governo britânico não é responsável pela partição. O vice-rei nada teve a ver com isso. De fato, ele não aprova a partição tal como o próprio Congresso, mas, se nós — hindus e muçulmanos — não conseguirmos entrar num acordo mútuo, então o vice-rei não tem outra opção senão a partição”.⁶³

Algum acordo sobre a partição já era previsto, mas o cronograma surgiu de surpresa quando Mountbatten a anunciou numa conferência de imprensa, em 4 de junho: a transferência de poder ocorreria em 15 de agosto — o domínio britânico terminaria num período de setenta e dois dias. “O trabalho de minha vida parece ter chegado ao fim”, observou tristemente Gandhi. “Espero que Deus me poupe de outras humilhações.”⁶⁴ Como símbolo permanente da rejeição da nação ao que Gandhi tivera para oferecer, a bandeira da nova Índia era o tricolor do Congresso, mas sem a roca que Gandhi havia colocado em seu centro. Em seu lugar estava a roda de Asoka, o rei do século III a.C. de uma Índia unificada.

Gandhi dirigia-se para Bihar, mas, ao passar por Calcutá, os muçulmanos da cidade pediram-lhe que ali ficasse até a independência. Ele concordou desde que usassem sua influência com a Liga Muçulmana para assegurar que os hindus de Noakhali não fossem

atacados. Ele tomou residência numa das casas abandonadas pelos muçulmanos que haviam fugido do saque e do massacre. Mas, agora, estava sendo criticado pelos hindus, que o acusavam de tomar o partido dos muçulmanos. Ele exerceu uma calma influência no ambiente. Em comparação com o Punjab, Bengala era um lugar de paz. Galantemente, Mountbatten pagou-lhe tributo chamando-o de “One-Man Boundary Force” (Força Limite de Um Só Homem).⁶⁵

No fim de 1947, ele tinha parado de dormir com Manu, mas, em maio, voltou aos desafios da castidade, acreditando que, se tivesse um equilíbrio perfeito, ele poderia espantar a violência ao seu redor — e a violência contínua significava demonstrar uma pureza cada vez mais espiritual. “Essa é a culminação do esforço dos meus últimos sessenta anos”, ele disse para Manu. “Você tornou-se um instrumento para isso. Nesse sacrifício, vislumbrei o ideal da verdade e da pureza que ambicionei.”⁶⁶

Abha, a esposa de dezoito anos do sobrinho-neto de Gandhi, Kanu Gandhi, juntou-se à sua comitiva em julho, e, no fim de agosto, Gandhi estava dormindo com as duas garotas ao mesmo tempo. Desde os dezesseis anos, Abha estivera dormindo com ele, embora com menos disposição que Manu. Mais tarde, Abha lembrou: “Ele pediu que eu tirasse a minha roupa. Mas eu me lembro de que ficava com o saiote e o corpete”.⁶⁷ Os homens da comitiva de Gandhi, inclusive Kanu, pediam-lhe que parasse, mas ele insistia em continuar com essas suas experiências. É possível que sentisse a necessidade de uma força espiritual maior para os desafios da época. A resistência para os charmes de uma adolescente nua não era suficiente — talvez duas, ao mesmo tempo, pudessem proporcionar o necessário poder desses tempos difíceis. É difícil pensar no que mais ele poderia ainda imaginar para essas suas experiências.

A maior oposição a Gandhi não era provocada pelos muçulmanos, mas pelos próprios hindus que acreditavam que ele havia tomado o partido dos muçulmanos, sacrificando a Índia. O Paquistão parecia estar sendo formado de uma maneira não funcional para uma nação, com uma grande ala ocidental, através de milhares de quilômetros na Índia, e uma populosa ala oriental em Bengala. As possessões da antiga Índia unida — instituições governamentais, ferrovias, estabelecimento militar, finanças — agora eram compartilhadas entre o que restou da Índia e o novo estado.

Ao ser solicitado para formular uma declaração sobre a vitória final dos nacionalistas, Gandhi recusou tristemente — não era tempo para celebrações. Ele passou o dia 15 de agosto, Dia da Independência, jejuando e fiando. Manu escreveu: “Seu rosto era sério. Enquanto as pessoas em seu quarto exultavam, sua mente estava voltada para o povo que sofria em regiões fustigadas por tumultos”.⁶⁸

O pior ainda estava para acontecer. O relatório da comissão de fronteiras para a divisão de Bengala e do Punjab foi adiado para depois das celebrações da independência. Alguns dias depois do anúncio, siques e hindus atacavam os muçulmanos do Punjab oriental enquanto muçulmanos atacavam os siques no Punjab ocidental. O massacre provocou outro êxodo de refugiados composto de milhões de pessoas cruzando a fronteira indo-paquistanesa — possivelmente, um contingente de 11 milhões de pessoas e, provavelmente, a maior migração humana da História, nesse curto período de tempo. Ninguém imaginara que o país pudesse

chegar a essa péssima situação, embora o choque maior fosse sofrido pelos líderes do Congresso devido à sua prévia ilusão confortável de que a violência comunal fosse um produto do imperialismo — tal como Nehru dissera: “Quando os ingleses saírem, não haverá mais violência comunal na Índia”.⁶⁹ Enormes comboios em marcha com suas carretas e trouxas eram atacados; os trens com refugiados chegavam a seus destinos sem nenhum ser vivo a bordo — todos os passageiros haviam sido massacrados. O pensamento de Gandhi de que qualquer violência que acompanhasse a independência não poderia ser extrema devido à proibição britânica do porte de armas aos indianos provou ser monstruosamente errado: a violência entre vizinhos foi ainda mais intimamente horrenda justamente por falta de armas — as mortes eram executadas com implementos agrícolas e instrumentos de cozinha. Milhares de pessoas foram trucidados com os instrumentos mais primitivos, às vezes sofrendo humilhações e torturas antes da morte. Embora Gandhi não soubesse (e ele nunca apreciara o completo horror do que ocorreu no Punjab), cerca de meio milhão de pessoas morreu em um mês desse tipo criminoso de orgia, além de ter ocorrido um número incontável de estupros e sequestros de mulheres. Gandhi comentou: “Disseram-me que eu devia contar os números. Quais números eu deveria contar?... E o que eu devo fazer ao conhecer esses números?”.⁷⁰

Duas semanas depois do Dia da Independência, uma multidão de jovens irados e inclinados à violência invadiu a casa na qual Gandhi se encontrava, em Calcutá, quebrando portas, janelas e ventiladores de teto. Gandhi estava na cama entre Abha e Manu. Ele levantou-se e abordou os invasores, saudando-os tradicionalmente com as mãos. Ele levou um soco, e um tijolo que lhe era destinado atingiu um muçulmano ao seu lado. Manu e Abha permaneceram ao seu lado. Embora fosse o seu dia de silêncio, a eles se dirigiu dizendo: “O que está acontecendo? Matem-me, matem-me... Por que vocês não me matam? O meu Deus está me chamando, onde está você... Estou sofrendo profundamente”.⁷¹ A polícia chegou, expulsou os invasores da casa e dispersou a multidão da rua com gás lacrimogêneo. Gandhi registrou que ele gritara para a multidão, mas não conseguiu silêncio, pois se tratava de uma turba de bengalis, e ele estava se expressando em hindustâni; um esforço fútil. “Sinto-me totalmente perdido”, ele escreveu para Vallabhbhai Patel, no dia seguinte.⁷² Alguns líderes do Congresso haviam entendido a mensagem de Gandhi, mas ignoraram a parte da não violência, a qual era interpretada como sendo uma ferramenta usada contra o regime inglês. Eles também rejeitaram o universalismo, acreditando, assim como Patel, que fosse melhor cortar o “braço com gangrena” do poder muçulmano na Índia do que permitir a sua continuada influência.

Gandhi decidiu jejuar depois de ver os corpos de alguns muçulmanos mortos quando uma granada foi jogada no caminhão que deveria levá-los em segurança. Para as pessoas que tentavam dissuadi-lo de expor-se ao perigo mortal ele disse: “Se os tumultos continuarem, o que eu posso fazer ao continuar vivo? Qual seria a utilidade de minha vida? Se eu não tiver o poder de pacificar o povo, o que resta para eu fazer?”.⁷³ Assim que o jejum foi anunciado na noite de 1º de setembro, ele já causava o seu efeito: os crimes e os saques diminuíram. Muitos policiais e pessoas de Calcutá empreenderam o simbólico jejum de um dia em sinal de respeito, estudantes de universidades coletaram armas das ruas e das casas e entregaram-nas a Gandhi. Bandos de arruaceiros perfilavam-se ao lado de sua cama para vê-lo, comprometendo-

se a desistir da violência. As armas foram empilhadas nos portões de sua casa. Em 4 de setembro, a polícia relatou que a paz reinou na cidade durante vinte e quatro horas.

Ele seguiu adiante para Deli pretendendo continuar até o Punjab, onde esperava promover a paz, mas acabou ficando em Deli com a sua comitiva que incluía Manu e Abha; Pyarelal juntou-se a eles mais tarde. Eles não puderam ficar no bairro dos intocáveis devido à quantidade de refugiados que ali se encontravam. E, assim, foram hospedados pelo amigo de Gandhi na Casa de Birla, o rico industrial. Havia muito trabalho para Gandhi em Deli, onde a violência irrompeu em 5 de setembro. Refugiados hindus e síques entraram em desespero e atacaram as casas e os negócios dos muçulmanos, transformando os residentes em refugiados dentro de sua própria cidade. Refugiados do Punjab ocidental reuniram-se em três campos. Gandhi rezou para que Deus lhe tirasse a vida a fim de não permitir que visse a Índia sofrer. Ele decidiu ficar em Deli até que a cidade se recuperasse, propondo-se a seguir para o Punjab posteriormente. “Eu tenho de fazer ou morrer aqui”, ele disse. “Se a unidade do coração não for restaurada em Deli, eu posso ver chamas ardendo em toda a Índia.”⁷⁴

As autoridades estavam sobrecarregadas. Nehru fazia o que podia, às vezes colocando-se entre gangues de matadores e suas vítimas. Ele visitava Gandhi todas as noites para conforto espiritual. A esposa do vice-rei, Edwina, também visitava Gandhi frequentemente, empreendendo uma missão autoimposta de organizar as instalações sanitárias e médicas nos campos de refugiados. A filha de Nehru, Indira, trabalhava com os refugiados acampados ao redor da casa de seu pai até Gandhi pedir-lhe que trabalhasse nos campos muçulmanos. Ela ainda estava fraca pelo seu recente parto, mas aderiu ao seu pedido. Ela perguntou-lhe quem a acompanharia, e Gandhi respondeu: “Minha querida, se eu tivesse outra pessoa, eu não teria feito esse pedido a você”.⁷⁵ Ela reportava-se a Gandhi todos os dias ou, se não houvesse tempo, ele lhe mandava uma flor ou uma mensagem.

Sushila Nayar conta que certa vez estava num carro com Gandhi, em Deli, quando se depararam com um grupo ameaçador de refugiados muçulmanos. O motorista acelerou procurando fugir rapidamente. Gandhi pediu que parasse, mas ele recusou. Furioso, Gandhi gritou que parasse, o que ele, finalmente, fez. O grupo, que estava um pouco atrás, correu e cercou o carro. Sushila escreveu:

Gandhiji saiu do carro — uma figura frágil e triste — e, colocando suas mãos no ombro de dois jovens zangados para que lhe dessem apoio, pediu ao grupo que fosse até a grama. Todos se sentaram, e Gandhiji a eles se dirigiu. Eles podiam ver e sentir a força de seu amor e o desejo de ajudá-los. Os olhos que emitiam faíscas de ódio pouco antes estavam agora cheios de lágrimas, e eles começaram a contar-lhe sobre seus sofrimentos e queixas de várias espécies, inclusive a falta de cuidados médicos.

Gandhi enviou Nayar para que cuidasse deles em sua capacidade de médica.⁷⁶

Depois da partição, a adesão dos principados, à Índia ou ao Paquistão, tornou-se o maior problema constitucional para o subcontinente. A maioria dos principados que tinham uma população hindu aderiu à Índia, alguns sob ameaça, mas nenhum com derramamento de sangue. A Caxemira tinha uma população muçulmana com um governante hindu, embora os muçulmanos da Caxemira tivessem sido tradicionalmente mais próximos do Congresso do que

da Liga Muçulmana. O Paquistão reivindicava a Caxemira, mas o seu marajá preferiu aderir à Índia. A Caxemira havia sido invadida por algumas tribos, encorajadas por líderes paquistaneses a fim de forçar sua adesão ao Paquistão. A Índia imediatamente enviou tropas por avião, e o exército paquistanês invadiu a Caxemira. Foi assim que a primeira guerra entre Índia e Paquistão começou.

O governo da Índia tentou pressionar o Paquistão retendo o saldo de 550 milhões de rúpias, a parte que lhe cabia dos ativos da velha Índia. Gandhi achou que a Índia estivesse se comportando de maneira desonrosa, pois ele sempre fora escrupuloso com relação a dinheiro e, principalmente, quanto ao pagamento de dívidas. Essa era uma grande qualidade de Gandhi, mas, como Patel dissera, com esse dinheiro os paquistaneses comprariam armas para matar indianos. Não teria sido uma falta de princípio usar o dinheiro como meio de negociação a fim de salvar vidas em Caxemira. No entanto, Gandhi iniciou um jejum em 13 de janeiro de 1948 para a paz em Deli, esse dinheiro devido ao Paquistão simbolizava a paz entre hindus e muçulmanos. Dessa vez, ele não teve o costumeiro apoio; os oponentes montaram piquetes ao redor da casa de Birla com faixas dizendo “Deixem Gandhi Morrer”.

Valabhbhai Patel ofereceu renunciar se Gandhi interrompesse o seu jejum, mas Gandhi queria que ele e Nehru ficassem juntos no governo. Três dias mais tarde, em 16 de janeiro, o governo da Índia anunciou a sua decisão de liberar o saldo devido ao Paquistão. Patel chorou no dia em que a reunião do gabinete tomou essa decisão — e bem que essa decisão mereceu essas suas lágrimas, pois a falta de acordo sobre a Caxemira teve consequências terríveis: sessenta anos mais tarde, a província ainda sofria de conflitos que dela resultaram.

Do lado positivo, o gesto foi apreciado pelo Paquistão: ajuda foi oferecida para resgatar as abduzidas mulheres hindus e siques. Uma delegação representativa das comunidades religiosas visitou Gandhi, comprometendo-se a encorajar os muçulmanos refugiados em Deli a voltar para suas casas e a devolver as mesquitas que haviam sido interditadas. Com esse compromisso, Gandhi encerrou o seu último jejum com um copo de suco de laranja, em 18 de janeiro.

Na noite do dia 20, enquanto apresentava o seu sermão pós-oração, houve uma grande explosão — uma carga de explosivos havia sido colocada numa parede perto do lugar onde Gandhi se sentara. Manu segurou-se em suas pernas, apavorada. “Suponha que alguém aqui viesse para nos matar, o que você faria?”, Gandhi perguntou-lhe.⁷⁷ E, dirigindo-se à plateia, com uma voz claramente registrada por *All India Radio*, ele disse: “Ouçam! Ouçam! Ouçam! Nada aconteceu”. A ordem foi restaurada, e ele voltou ao seu sermão — sua coragem física sempre foi irrepreensível. O ataque a Gandhi falhara. Os assassinos haviam planejado atacar Gandhi com revólveres e granadas, depois da explosão, mas eles entraram em pânico e fugiram na confusão — com exceção de um, um refugiado do Paquistão chamado Madanlal Pahwa, que acabou sendo detido.

Dez dias mais tarde, às 17 horas do dia 30 de janeiro, Gandhi saiu da casa de Birla com suas mãos no ombro de Manu e de Abha. Ao passar pela congregação de oração, ele tirou as mãos do ombro das garotas para cumprimentar as pessoas. Um rapaz forte, trajando uma jaqueta cáqui, forçou o caminho em sua direção. Manu pensou que ele quisesse tocar os pés de Gandhi

em sinal de respeito e o repreendeu dizendo que as orações já tinham terminado. Ele empurrou-a violentamente causando a queda de seu caderno de anotações, da cuspideira e do rosário que ela carregava. Ao abaixar-se para recuperar os seus objetos, o homem sacou uma Beretta de 9 mm e disparou três tiros em Gandhi, que caiu, dizendo: “Ú Rama” ou “Raa...m”.⁷⁸ Abha segurou a sua cabeça ao cair, e a multidão correu para acudir. Mas ele já estava morto, às 17h17, deitado no chão e com o sangue ensopando a sua roupa branca. Seu corpo foi levado de volta para a casa de Birla. Manu, ainda atordoada pelo som dos tiros e com a roupa manchada pelo sangue de Gandhi, procurou ajudar. A caixa de primeiros socorros de Sushila “não continha nenhum remédio eficiente”, ela disse, pateticamente.⁷⁹

Gandhi dissera que esperava encontrar a morte “calmamente, com um sorriso e lembrando, o tempo todo, o Deus que escolhi”.⁸⁰ Ele dissera a Manu: “Se acontecer de eu pronunciar o nome de Rama em meu último respiro, ele deve ser tomado como prova do sucesso em minha tentativa [de alcançar o perfeito desapego]”.⁸¹ Manu também escreveu que ele esperava ter uma boa morte. Somente ela mencionou as suas últimas palavras; quando o assassino foi entrevistado, ele lembrou que Gandhi nada dissera. É possível que ela simplesmente pensasse ter escutado suas últimas palavras como sendo o nome de Deus. Talvez o fizesse, pois, devido às circunstâncias, ele poderia ter dito “Ú Deus!”, quando foi ferido. Ou, devido à sua constante repetição do nome de Deus, não seria improvável que, de qualquer forma, essa tenha sido a sua última palavra.

Um médico chegou ao local e realizou um exame detalhado, declarando-o morto em consequência de três balas disparadas contra o seu corpo, sendo que uma delas ainda estava alojada em seu pulmão direito. Nehru, Patel e Mountbatten chegaram ao local. Uma multidão irada havia-se juntado, e alguém falou que tinha sido um muçulmano que matou Gandhi. Imediatamente, Mountbatten rebateu essa afirmação dizendo: “Seu estúpido, todos sabem que foi um hindu!”. Na realidade, ele nada sabia, mas pensou que, se fosse um muçulmano o autor do crime, a violência logo seria desencadeada.⁸² Dizem que Nehru estava desesperado, chorando sobre o corpo de Gandhi durante alguns momentos, mas logo se recuperou e voltou a ser o homem de Estado. Mountbatten sugeriu-lhe fazer um pronunciamento à nação a fim de acalmar a tensão. E, assim, Nehru fez um grande e memorável discurso:

Amigos e companheiros! A luz apagou-se de nossa vida, e a escuridão prevalece em todos os lugares. Eu não sei o que e como dizê-lo. O nosso amado líder, Bapu como costumávamos chamá-lo, o Pai da Nação, não está mais entre nós. Talvez eu esteja errado em dizer que não o veremos novamente tal como o vimos durante todos esses anos. Não mais o procuraremos para pedir seu conselho ou sua proteção, e esse é um terrível golpe não somente para mim, mas para os milhões desta nação... A luz se apagou, eu disse, mas eu estava errado, pois a luz que brilhou neste país não era uma luz qualquer... essa luz representava muito mais do que o presente imediato, ela representava as vivas e eternas verdades, lembrando-nos do caminho correto, prevenindo os nossos erros e levando esta terra antiga para a liberdade.⁸³

Manu e Devdas, filho de Gandhi, prestaram os últimos serviços a Gandhi, banhando o seu corpo. Eles ungiram-no com óleo de sândalo e colocaram o rosário em suas mãos junto com

uma guirlanda fiada à mão. O corpo foi disposto num quarto cheio de flores. “He Rama” estava escrito com pétalas de rosas junto à sua cabeça. Multidões acorriam para vê-lo, e o corpo foi levado para a sacada da casa e colocado sobre uma plataforma para que as pessoas pudessem vê-lo.

No dia seguinte, 31 de janeiro, as bandeiras esvoaçavam a meio mastro enquanto o funeral estava sendo preparado. O corpo foi transportado num caminhão do exército, por uma distância de oito quilômetros, até o local da cremação. Em deferência à sua oposição, o caminhão foi puxado por 200 homens uniformizados. A multidão gritava “Mahatma Gandhi tornou-se imortal” e tocava conchas sagradas à medida que o cortejo prosseguia lentamente. As pessoas enchiam os telhados das casas para vê-lo passar. Aviões da Força Aérea Indiana rodeavam acima jogando flores. Uma plataforma havia sido erguida em Rajghat, perto do Rio Jamuna. Ramdas, filho de Gandhi, realizou os rituais védicos; madeira de sândalo foi colocada em cima do corpo de Gandhi, e a pira foi acesa lançando altas chamas vermelhas para o céu. Manu encostou seu rosto no peito de Patel e chorou. A pira ardeu por catorze horas, durante as quais os sacerdotes recitaram textos inteiros do *Bhagavad Gita*.

Manu, que conservou as unhas cortadas dos dedos de Gandhi como última relíquia, foi logo retirada da cena. Apesar do que Gandhi escrevera a Ramdas: “Pedi a ela que escrevesse sobre o seu compartilhamento da cama comigo”, os protetores de sua imagem procuravam agora silenciá-la.⁸⁴ Devdas, Sushila e outras pessoas acompanharam-na à estação de Deli. O trem estava atrasado, e Devdas aproveitou a oportunidade para conversar com Manu, a sós. Ela escreveu: “Seu particular assunto da conversação foi o meu diário... Kaka (Tio) avisou-me para não revelá-lo a ninguém e, ao mesmo tempo, proibiu-me de divulgar o conteúdo de cartas importantes... Ele disse: ‘Você é muito jovem, mas possui um valioso cabedal de literatura, como também você não é sofisticada’”.⁸⁵ Embora escrevesse cinco livros sobre Gandhi, ela nunca revelou a sua parte nas experiências de *brahmacharya*.

As cinzas de Gandhi foram espalhadas nos rios Ganges, Hooghly, Sabarmati e em outros importantes rios da Índia, em 12 de fevereiro, e em quatro pontos do mar. Nathuram Godse, o assassino de trinta e sete anos, editor do jornal marati *Hindu Rashtra* (Política Hindu), fora um dos conspiradores que explodiram a bomba dias anteriores. Dentre cerca de oito outros envolvidos na conspiração estavam Narayan Apte, de trinta e quatro anos, o gerente do jornal, o dono de um hotel e o irmão do assassino, Gopal.

O líder extremista hindu Vinayak Savarkar, com o qual Gandhi argumentara em Londres, em 1909, antes de escrever *Hind Swaraj*, também estava associado, embora não diretamente ligado com a conspiração. Sabia-se que Godse e Apte haviam-se encontrado com ele em agosto de 1947 e, possivelmente, duas outras vezes em janeiro de 1948. No julgamento, no qual Savarkar foi inocentado, foi testemunhado que eles o haviam visitado e que ele lhes havia desejado “dias de sorte”, antes do primeiro atentado.

Godse foi imediatamente detido e não demonstrou nenhum remorso. Ele era um dos homens que fizeram o piquete à frente do *ashram*, em 1944, para evitar que Gandhi saísse ao encontro de Jinnah. Ele também foi membro de vários grupos extremistas hindus. Seus motivos eram o ressentimento da simpatia de Gandhi pelos muçulmanos, assim como o seu ódio pela não

violência e pelo que a roca de fiar representava. Em sua opinião, Gandhi estava enfraquecendo a sociedade.

O assassinato teve grandes repercussões políticas. Em Bombaim, um professor que procurara ajudar Madanlal Pahwa ficou chocado quando soube que o jovem refugiado do Paquistão havia sido detido pelo primeiro atentado. Ele lembrou-se de Pahwa falando de uma conspiração para assassinar Gandhi e havia informado as autoridades, alertando membros líderes do governo de Bombaim sobre o plano. A informação foi transmitida para Patel, que avisou Gandhi, mas Gandhi recusou a presença da polícia em suas reuniões de oração e também permitiu que os praticantes fossem revistados em busca de armas. Pistas para outros conspiradores não foram seguidas, o que os deixou livres para lançar o segundo ataque. A ineficiência de Patel nesse caso desacreditou-o e enfraqueceu os seus confrontos com Nehru. Ele nunca mais recuperaria o prestígio anterior.

Conforme demonstraram as mensagens de condolências enviadas por todas as partes do mundo, independentemente das diferenças que as pessoas possam ter encontrado em Gandhi, ele foi o hindu mais reconhecido e mais respeitado da Terra. A nação perdia um de seus maiores patrimônios. Algumas semanas depois de sua morte, em seu estilo inimitável, tanto íntimo quanto grandiloquente, Nehru escreveu um artigo para o *Harijan*, o jornal de Gandhi: “Nossas memórias de Gandhi serão as recordações do Mestre, cujo passo foi leve até o fim, cujo sorriso era contagiante e cujos olhos eram cheios de riso. Não lhe associaremos nenhuma falta de poder, seja físico, seja mental. Ele viveu como morreu, no ápice de sua força e de seus poderes, deixando, em nossa mente e na mente da era em que vivemos, uma imagem que nunca se apagará”.⁸⁶

Legado

A maior crítica feita a Gandhi e ao gandhismo foi formulada, sem nenhuma surpresa, pelo homem que o matou, Nathuram Godse. Ele optou pelo papel de assassino, consciente de que seria preso e sem nenhum plano para fugir, justamente para que pudesse ter, em seu julgamento, uma plataforma da qual pudesse condenar Gandhi. Em 8 de novembro de 1948, em inglês, ele falou durante cinco horas seguidas. Gandhi teria secamente afirmado que o seu assassino usara um típico truque gandhiano: aceitando a punição por uma ação que ele considerava honrada a fim de usar o consequente julgamento como veículo para as suas ideias.

Nascido em 1910 de uma família brâmane, em Maharashtra, Godse foi um dos primeiros seguidores de Gandhi. Convicto nacionalista, ele também era partidário da reforma hindu: “Eu publicamente me associei a movimentos anticastas acreditando que todos os hindus deveriam ser tratados em condições de igualdade quanto aos direitos sociais e religiosos, e deveriam ser superiores ou inferiores apenas de acordo com o próprio mérito”. Ele costumava participar de jantares anticastas, nos quais milhares de hindus quebravam as regras das castas jantando juntos.¹ Subsequentemente, ele associou-se a organizações pró-hindus e foi influenciado por Savarkar, que lhe proporcionou fundos para editar um jornal a fim de divulgar os seus pontos de vista.

Ele não se opunha aos princípios da verdade e da não violência de Gandhi: “Nenhuma pessoa sensata e esclarecida poderia negar esses princípios. De fato, eles não têm nada de novo ou de original. Eles são implícitos em cada movimento público constitucional”. Ele continuou dizendo que isso era apenas um sonho, pois não era possível considerar que a não violência pudesse ser aplicada em todas as situações quando a honra, o dever e o amor pela família e pela pátria viessem a exigir o uso da força. Gandhi era, “embora possa parecer paradoxal, um pacifista violento que causou calamidades indizíveis ao país em nome da verdade e da não violência”.²

Godse elogiou o trabalho de Gandhi na África do Sul, mas disse que quando voltara para a Índia,

ele desenvolvera uma mentalidade subjetiva pela qual somente ele seria o juiz final do que fosse certo ou errado. Caso optasse por sua liderança, o país teria de aceitar também a sua infalibilidade... ou o Congresso teria de se render à sua vontade e ficar satisfeito em assumir um papel secundário, concordando com a sua excentricidade, seus caprichos, sua metafísica e sua visão primitiva, ou seguir

em frente sem Gandhi. Somente ele era o juiz de tudo e de todos... “Um *satyagraha* nunca pode falhar” era a sua fórmula para declarar sua própria infalibilidade, e ninguém, salvo ele, sabia o que era um *satyagrahi*. Assim, o Mahatma tornou-se o juiz e o conselheiro de sua própria causa. Essas inanidades e teimosias infantis combinadas com uma severa austeridade de vida, um trabalho contínuo e uma personalidade imponente tornaram Gandhi formidável e irresistível.³

De acordo com Godse, longe de ser o pai da nação, Gandhi havia encorajado e acalmado os muçulmanos, assistindo-os no desmembramento da nação; ele não foi o pai da nação, mas o pai do Paquistão. Ele achava que Gandhi fosse uma contínua influência maligna para o governo, e a única forma de pará-lo seria matando-o. Apesar dos pedidos de clemência por parte de Manilal e de Ramdas Gandhi, Godse e Apte foram enforcados em 15 de novembro de 1949.

A leitura de Godse sobre a situação estava totalmente errada. Gandhi havia sido uma influência em declínio desde, no mínimo, o estrago cometido pela campanha “Saiam da Índia”. O sucesso de seu jejum pelo pagamento imediato do dinheiro devido ao Paquistão foi provavelmente o seu último suspiro. O seu próximo passo teria sido o de desfazer o Congresso como partido político e fazer com que os seus partidários se dedicassem a promover boas ações em todo o país. Suas expectativas sobre a alta mentalidade entre os políticos seriam certamente decepcionadas: poucas pessoas que lutaram por tanto tempo pela independência política renunciariam à oportunidade do poder, sem mencionar a posição pessoal e a riqueza. O declínio de sua posição já estava estabelecido.

Politicamente, a coisa mais importante que Godse fez ao martirizar Gandhi foi desacreditar os hindus de linha dura que somente se recuperariam do golpe sofrido cinquenta anos mais tarde. Foi apenas em 2002 que o partido hindu Bharatiya Janata (BJP) viria a reconhecer Vinayak Savarkar como seu herói e figura culta. Quanto à reputação de Gandhi, o ato de Godse completou o processo de endeusamento de sua vítima. Gandhi é um símbolo perene da Índia. Junto com Buda, ele é um dos dois indianos a respeito dos quais o mundo todo já ouviu falar e cuja imagem pode imediatamente vir à mente.

Gandhi sempre foi orgulhoso de suas realizações, muitas das quais aguentaram o teste do tempo. Na primeira década modernista do século XX, suas ideias pareciam ser ultrapassadas, particularmente para progressistas como Nehru. Mas o século XXI trouxe um mundo no qual muitas de suas ideias, consideradas excêntricas, se tornaram bem atuais. Gandhi encontraria uma causa comum no mundo desenvolvido com sua intolerância ao fumo, que ele considerava pior do que a bebida alcoólica; certamente, o fumo é bem menos tolerado atualmente na Europa. Suas experiências dietéticas, em sua época, eram a marca da própria excentricidade. Hoje, milhões de pessoas prestam a maior atenção aos detalhes das dietas, tal como comer certa quantidade de calorias por dia, comer apenas uma espécie de alimento, evitar os carboidratos, comer cinco vegetais por dia e outras dietas do gênero. Gandhi poderia muito bem ser um nutricionista moderno, e as suas qualidades, como poupança e autossuficiência, hoje são consideradas virtudes, sendo representadas como a salvação do planeta.

Gandhi é permanentemente lembrado por seu jejum público, um exercício espiritual que ele adaptou para propósitos políticos. Ele jejuou com êxito pela paz em Calcutá, mas também

jejuou quando membros de seu *ashram* foram culpados do que ele considerava lapsos morais pelo fato de casais se acharem atraentes. Em seu “épico jejum” para um eleitorado conjunto de hindus de casta e intocáveis, o seu êxito não foi devido à sua pureza espiritual, mas porque haveria um massacre dos intocáveis, caso morresse pela causa deles.

O jejum controlado é uma prática-padrão na maioria das religiões. Entretanto, aqueles que empreendem jejuns à morte para conseguir propósitos políticos foram geralmente ligados a organizações terroristas, tal como o do Exército Republicano Irlandês, dos Tigres de Tâmil e dos militantes dos direitos dos animais. O ato de jejuar está associado à militância da violência reprimida, uma violência que não pode causar nenhum dano, mas volta-se contra si própria. O poder de quem jejua o do anoréxico ou do mudo voluntário que tem controle sobre uma pequena área, a área das funções de seu próprio corpo, e determina dominá-la ao máximo. Afinal, jejuar até a morte é um ato agressivo, é como o suicida que diz: “Eu vou realmente me machucar para que você se arrependa”. Gandhi teve alguns imitadores nesse campo, e os governos geralmente estiveram mais preparados para vê-los morrer do que ceder.

Na semana anterior à independência indiana, Gandhi escreveu: “Enquanto minha fé arder brilhante, como espero que o faça mesmo que eu esteja sozinho, estarei vivo em minha tumba e, além disso, dali continuarei falando”.⁴ Sem falsa modéstia, ele disse: “Se assim posso me expressar, sem arrogância e com a devida humildade, minha mensagem e método são, de fato e fundamentalmente, dirigidos ao mundo todo”.⁵ Realmente, ele levou algum tempo para aplicar a sua mensagem de igualdade dos direitos humanos mais amplamente, e não somente e apenas aos indianos de sua própria classe. O seu argumento na África do Sul era que os governantes políticos brancos deveriam tratar os indianos como tratavam, mais propriamente, a si mesmos, em termos de direitos políticos, e de maneira menos própria de como tratavam os africanos nativos. Nisso, ele demonstrou uma tácita aceitação da inferioridade africana. Entretanto, com o passar do tempo, Gandhi enxergaria outras campanhas nacionalistas à mesma luz de suas próprias campanhas. Em 1944, ele argumentava que “a liberdade na Índia proporcionaria esperança para os asiáticos e para outras nações exploradas. Atualmente, não há esperança para os negros, mas a liberdade indiana os encherá de esperanças”.⁶

O movimento dos direitos civis americanos chegou a citar Gandhi como um padrinho. Os afro-americanos haviam lido sobre a sua mensagem a respeito da honrosa resistência em jornais como *The Crisis*, desde a década de 1920. Martin Luther King, às vezes referido como o “Gandhi Negro”, passou um mês na Índia, em 1959. “Para outros países, eu posso ser considerado um turista. Mas para a Índia eu sou um peregrino”, ele disse.⁷ Em sua juventude, tendo ouvido uma palestra de Gandhi, ele comprou vários livros sobre a sua vida e obras. Ele disse que eles lhe ensinaram que a injunção à não violência, a qual ele achava ser válida somente em conflitos entre indivíduos, poderia ser aplicada a grupos raciais em conflitos com nações. Ele interpretou a mensagem de Gandhi como “resistência não violenta ao mal”. Quando esteve em Montgomery, Alabama, como pastor, acabou achando-se porta-voz do movimento dos direitos civis, ele disse que foi levado a pensar no Sermão da Montanha e no Método de Gandhi.⁸

Nelson Mandela cita a influência de Gandhi em sua luta contra o *apartheid* da África do Sul.

Gandhi é “o arquétipo do revolucionário anticolonial. Sua estratégia de não cooperação, sua afirmação de que podemos ser dominados somente se cooperarmos com os nossos dominadores e a sua resistência não violenta inspiraram movimentos anticoloniais e antirracistas internacionalmente, em nosso século”.⁹ Os ideais de Gandhi eram a força inspiradora para movimentos nacionalistas no continente africano, até a década de 1960. Entretanto, Mandela concordou com o fato de que o Congresso Nacional Africano fora capaz de seguir os ideais de Gandhi até certo limite, mantendo uma resistência não violenta ao máximo possível, mas sentindo-se, então, estrangido a lançar mão de uma guerrilha, em 1961, com a fundação da ala da Lança da Nação. Foi em consequência do seu envolvimento com essa organização que Mandela foi encarcerado por mais de vinte cinco anos antes de ser libertado para se tornar o primeiro presidente de uma África do Sul democrática.

Gandhi não valorizou mais a diversidade sexual do que a média conservadora de sua época, o que torna irônico o fato de que alguns dos mais importantes protestos gandhianos tenham sido sexuais. Depois de dois homens serem detidos por se beijarem em público no centro de Londres, o grupo ativista homossexual *OutRage!* promoveu uma manifestação de beijos (*kiss-in*) na estátua de Eros, na Praça Piccadilly Circus, em setembro de 1990, durante a qual, como ato de desobediência civil não violenta, os manifestantes simplesmente se beijavam em desafio à polícia presente, sabendo que qualquer ato de repressão refletiria mal para as autoridades. Da mesma forma, o produtor de filmes Michael Moore, para um programa de televisão que ele estava realizando, dirigiu um “sodomóvel” pelos estados americanos nos quais as leis de sodomia ainda vigoravam, proclamando que atos proibidos estavam sendo realizados em seu veículo. É claro que fazer vigorar essas leis absurdas somente causaria o escárnio das autoridades e, ao mesmo tempo, geraria publicidade para o próprio Michael Moore. O espírito de protesto do sal por parte de Gandhi brilha através desses gestos de desafios humorísticos.

A Campanha para o Desarmamento Nuclear também gosta de considerar Gandhi como padrinho espiritual, embora ele tenha dito a um jornalista que duvidava muito de que o advento da era atômica iria, basicamente, afetar os problemas humanos.¹⁰ Pressionado sobre o assunto, posteriormente ele disse: “Ahimsa (não violência) é uma arma muito mais poderosa do que a bomba atômica, e, embora as pessoas de Hiroshima pudessem ter morrido aos milhares com orações e boa vontade em seus corações, a situação poderia ter sido transformada como por milagre”.¹¹ Gandhi não pode ser desafiado por não ter todas as respostas para uma corrida às armas nucleares que havia apenas começado quando morreu, mas isso aponta para uma falha recorrente em sua percepção: sua visão moral era profunda, mas dizia respeito à realização individual. Ele podia conceber a animosidade pessoal, mas a destruição genocida estava além de sua compreensão. Quando confrontado com a maldade em massa — os massacres armênios, os massacres japoneses, o Holocausto Nazista —, a sua filosofia vacilava. Ela oferecia sofrimento infinito, mas nenhuma salvação. Gandhi era um grande nacionalista, mas seu adversário, Churchill, era um modelo melhor para os desafios enfrentados pelas nações do mundo, na década de 1930.

A contribuição de Gandhi foi uma abordagem que funcionou onde houvesse um princípio comum e uma expectativa de obediência civil; onde houvesse uma estrutura legal por meio da

qual os tribunais tivessem condições de apresentar um mínimo de objetividade; onde houvesse um padrão de decência comum para a qual apelar; onde houvesse uma imprensa livre para publicar a injustiça e uma população preocupada a esse respeito; onde as fileiras de oponentes contivessem simpatizantes com a causa nacionalista e estivessem livres para expressar seus pontos de vista. No caso da Índia, ele estava operando numa situação em que os britânicos já haviam concedido o princípio da derradeira independência. A questão era de quando ela deveria acontecer. Não havia nenhuma comparação com a vida sob um domínio totalitário. A sugestão de Gandhi de uma equivalência moral entre as democracias e os Poderes do Eixo demonstra a sua ignorância ou falta de interesse por saber em que consistia a verdadeira ditadura.

Ao dar as costas ao modelo constitucional ocidental de progresso nacionalista, assumido por Jinnah, e insistindo num modelo de aldeia, Gandhi promoveu a divisão entre os nacionalistas. As suas ideias, sua crença na ação espiritual trabalhando nos elementos aqui na Terra e suas noções apocalípticas do que a independência poderia realizar funcionavam muito bem nas zonas rurais, mas esses não eram material próprio de um estadista.

Além do demócídio do próprio processo de partição e do conflito de Bangladesh, a participação foi desastrosa para o subcontinente em nível de futuro. A partição também foi uma catástrofe administrativa; ela destruiu a unidade militar, econômica e administrativa desenvolvidas pelos britânicos durante mais de um século. Um resultado disso foi o mísero desempenho econômico do Paquistão em comparação ao da Índia; o Paquistão tornou-se o estado teocrático subdesenvolvido que Gandhi esperava que a Índia se tornasse. A partição nem sequer conseguiu acabar com os problemas comunais da Índia, e a violência comunal vem ocorrendo todos os anos desde a independência. Há evidência de que a situação esteja piorando. A Índia e o Paquistão lutaram uma guerra em quase todas as décadas, desde a independência, sendo que os dois países agora possuem armas nucleares.

Seria Gandhi, de alguma forma, responsável pela partição, a principal acusação apresentada por seu assassino? Os nacionalistas indianos tinham dois conceitos errados que Gandhi apoiava: que a tensão comunal fosse o resultado do sistema imperial britânico e que o Oriente fosse espiritualmente mais elevado do que o Ocidente. Gandhi explicou: “São os homens de Estado britânicos os responsáveis pelas divisões das classes indianas, e as divisões continuarão enquanto a espada britânica mantiver a Índia na escravidão”.¹² Ao testemunhar as crueldades comunais, os nacionalistas indianos consolavam-se com a ficção de que a desunião hindu-muçulmana resultasse da política inglesa de “dividir e governar” e que sem a presença britânica não haveria desunião. Era óbvio que a desunião tinha de estar presente em primeiro lugar para que um governante pudesse explorá-la.

Gandhi, seus seguidores e aventureiros espirituais, como Annie Besant e Charles Andrews, haviam promovido a noção da superioridade moral indiana, mas ela entrou em colapso poucos dias depois da independência, quando as terríveis atrocidades aconteceram, atrocidades que nunca haviam acontecido sob o domínio britânico. Siques e hindus comportaram-se da pior forma possível e em igualdade de condições. Ninguém se destacou pela restrição de sua crença ou pelo controle de uma liderança ordenada. A contribuição de Gandhi a favor da paz era

corajosa e bem-vinda, mas Gandhi estava ausente na maioria dos lugares e somente chegava depois dos massacres. É uma triste verdade, mas não eram a superioridade espiritual do Oriente e o fracasso da ética no Ocidente que ficaram aparentes nos eventos da década de 1940, mas um fato mais sóbrio; a unicidade moral da humanidade — a maldade existente tanto de um lado quanto do outro.

Esses conceitos significavam que a própria base sobre a qual os nacionalistas funcionavam — de que tudo ficaria melhor depois da independência — estava tristemente errada. Os cínicos britânicos e o determinado Jinnah tinham um sentido melhor das realidades da vida. Para Gandhi, as políticas eram a arte do impossível — os seculares conflitos entre hindus e muçulmanos poderiam ser reconciliados dentro de uma Índia unida ao impor um modelo moralmente melhorado no relacionamento das aldeias. Políticos mais experientes imploraram para que ele aceitasse uma solução para os problemas constitucionais da Índia. A criação do Paquistão havia sido rejeitada pela missão de gabinete, porque isso não resolveria o problema comunal — o “agrupamento” de províncias em áreas de maioria muçulmana seria preferível. Não era possível afirmar se o agrupamento funcionaria ou não, mas sabemos que Jinnah viria a morrer treze meses depois da independência. Se o esquema da missão de gabinete tivesse sido estabelecido, até mesmo com Jinnah querendo separar suas províncias de maioria muçulmana do resto da Índia, é possível que, sem a sua habilidade e determinação, o Paquistão não chegasse a ser criado. É claro que Gandhi teve certa responsabilidade ao recusar dar apoio à proposta da missão de gabinete e aceitá-la quando já era tarde; e a criação do Paquistão, inevitável.

Gandhi deve ser responsabilizado pelo fato de os muçulmanos desejarem tanto o Paquistão a ponto de aceitarem o desmembramento da Índia para consegui-lo. Pode-se dizer que ele foi responsável pela hinduização das políticas, fazendo com que os muçulmanos se sentissem isolados dentro de uma nação na qual a maioria hindu esperava o retorno do “Senhor Rama”. Os objetivos políticos de Gandhi estavam ligados à reforma do hinduísmo. Sua realização era levar as massas dos devotos hindus às políticas; seu fracasso foi ligar a independência mais intimamente às metas da reforma hindu, na qual não havia espaço, politicamente falando, para a enorme minoria de muçulmanos ou para os intocáveis, para os quais o hinduísmo não oferecia nenhum benefício, apenas insultos. Pior ainda foi o fato de ele envolver as políticas indianas numa névoa religiosa de maneira que tudo tinha de ser interpretado em termos de realização espiritual — uma atmosfera que alienou Jinnah e outros políticos seculares, mas proporcionou poder a hipócritas cujas expressões de sentimentos religiosos eram suficientes para o próprio progresso.

O trabalho de Gandhi a favor dos intocáveis, a outra grande minoria da Índia, trouxe resultados, mas não da forma que ele esperava. Ao resistir a um eleitorado separado para os intocáveis, ele queria que os hindus se conscientizassem de suas obrigações espirituais para com essa classe desprestigiada e concordassem em abraçá-la. O que subsequentemente ocorreu se baseou muito mais no autointeresse. Na época de Gandhi, os intocáveis consistiam em uma pequena porcentagem do total da população unida da Índia. As “castas inferiores” constituem cerca de 20 por cento da população da Índia moderna. Suas necessidades não podem ser

ignoradas pelos políticos que esperam ser eleitos. Os partidos políticos precisam ter os intocáveis em suas cartilhas se quiserem ser representantes das populações locais. Um eleitorado separado, conforme solicitado pelo adversário de Gandhi, B.R. Ambedkar, teria confirmado sua assumida diferença; um eleitorado conjunto a elimina.

Ambedkar esboçou a constituição da Índia para ilegalizar a prática da intocabilidade, e um grande progresso foi conseguido nas cidades. Ironicamente, é nas aldeias idealizadas por Gandhi que o “pecado da intocabilidade” é mais aparente na Índia atual. O seu modelo anti-industrial da vida indiana não foi aceito por outros líderes nacionalistas: Nehru, por exemplo, incentivou a industrialização em toda a nação, com um ambicioso programa nuclear. Agora, a força econômica da Índia é assunto de orgulho nacional. Foi motivo de grande satisfação o fato de que o homem mais rico da Inglaterra, no início do século XXI, fosse o industrial indiano Lakshmi Mittal. Além disso, em 2007, o Grupo Indiano Tata assumiu o controle do que havia sido a poderosa indústria britânica de aço. Os membros da família Tata haviam contribuído para as obras de Gandhi desde o seu período na África do Sul. Um futuro de industrialização e concomitante prosperidade não era o que Gandhi previra ou desejara para a Índia. Ele ficaria espantado com o fato de que entre 15 e 25 por cento dos indianos (dependendo do critério usado) ainda vivessem na pobreza extrema. Entretanto, seus sucessores puderam ter a satisfação de ver esses números declinarem, qualquer que fosse o critério usado, desde meados da década de 1970, em virtude do contínuo crescimento industrial.

Para o público, Gandhi é mais bem revelado no livro *Gandhi*, de Richard Attenborough, do que no filme *Gandhi, Meu Pai*, de Feroz Abbas Khan, que descreve o seu truculento relacionamento com a família. Se Gandhi fosse alguma espécie de modelo, ele não o seria como marido ou como pai. Ele comportou-se da pior maneira com Kasturba; comportou-se mal com seus filhos e nem sempre bem com os seus amigos e partidários, mas maravilhosamente bem com pessoas desconhecidas e com uma transbordante benevolência espontânea para com as massas trabalhadoras, que ele nunca viria a conhecer pessoalmente.

O deplorável tratamento de seus próprios filhos originava-se do desgosto da carnalidade de sua criação, como se visse nos filhos apenas a incorporação da necessidade copulatória que devia ser domada. Conforme mencionado anteriormente, o ressentimento de Gandhi contra o seu próprio casamento infantil era o de ter sido forçado a explorar a sua sexualidade antes de ter a oportunidade de renunciá-la e dedicar-se à sua natureza espiritual. Um indivíduo contaminado pelo sexo, já na juventude, precisava de níveis mais altos de disciplina a fim de purificar-se do que ele poderia alcançar como adulto pela simples abstinência. As preocupações sexuais de Gandhi eram bem conhecidas e já estavam prejudicando a sua reputação quando ainda estava vivo. A hierarquia do Partido do Congresso advertira-o, assim como membros de sua comitiva e outras pessoas que trabalhavam para ele, inclusive aquelas que foram encarregadas de editar o seu jornal enquanto estava em Noakhali, os quais preferiram demitir-se a publicar os relatórios de Gandhi sobre o seu comportamento sexual. Alguns de seus partidários, inclusive Nehru, puderam ignorar os seus pecadinhos sexuais ou tratá-los com exasperada tolerância, mas seus oponentes não. Sir C.P. Ramaswami Iyer, primeiro-ministro de Travancore, disse a Mountbatten que Gandhi era “um perigoso maníaco

sexual semirrepressivo”.¹³ Esse não era um insulto insignificante, pois o ministro estava em negociações para prevenir que as riquezas de seu Estado, inclusive o depósito de tório, caíssem nas mãos de um Partido do Congresso dominado por um homem como Gandhi.

Os devaneios de Gandhi sobre sexo não eram ocasionais nem superficiais: seus relatos eram frequentes e detalhados. Seu estenógrafo Pyarelal, sabendo que ele próprio seria criticado, defendeu a sua prática de *brahmacharya* e escreveu sobre Gandhi dizendo que isso era “fundamental e integral para a filosofia de vida de Gandhiji, da grande importância que ele próprio lhe dava e de sua própria ligação comigo nesse sentido”.¹⁴ Gandhi era muito claro quanto à relativa importância que ele dava à sua vida política em comparação à sua vida espiritual: “Minha posição como Mahatma é insignificante, pois ela é consequência de minhas atividades externas e de minhas políticas, que é a parte mínima de mim mesmo e, portanto, evanescente. O valor real está em minha insistência na verdade, na não violência e no *brahmacharya*”.¹⁵

Os pensamentos e os escritos de Gandhi estavam repletos de sexo. Ao lidar com ele tão publicamente, estava bem afinado com a última parte do século XX e início do XXI, que presenciaram o aumento de sexualização da sociedade. A diferença é que, apesar de o discurso de Gandhi ter sido dirigido ao desencorajamento do sexo, a ele se referia constantemente, de maneira que o sexo estava sempre presente.

Se “fazer sexo” significa a penetração genital, então, durante os últimos quarenta anos de sua vida, Gandhi, como ele diria, manteve-se puro. Mas, se pensarmos que o estímulo sexual se torna mais generalizado com a idade, para Gandhi isso não aconteceu. Se ele tivesse passado mais tempo tentando compreender o sexo em vez de reprimi-lo, ele teria observado que, para homens de idade mais avançada e com o declínio de produção de testosterona, o sexo tende a ser mais prolixo. Enquanto para os jovens a penetração e a ejaculação são imperativos, para as pessoas de mais idade um erotismo menos específico parece ser suficiente — o som das vozes femininas, o toque de uma mulher, a visão da nudez. É claro que seria possível argumentar que isso ocorre porque os homens de mais idade têm menos oportunidades para desempenhar um sexo ativo e que ficam satisfeitos com o pouco que lhes é oferecido. De qualquer maneira, Gandhi certamente maximizou as suas oportunidades sexuais em seus termos e ele o fez a fim de que a sua renúncia pudesse ser ainda mais pronunciada — para o desdém dos colegas do Congresso que eram mais homens do mundo do que ele.

Aos sessenta e setenta anos, com suas massagens diárias aplicadas por mulheres nuas, seus banhos acompanhados e sua cama compartilhada por lindas mulheres, Gandhi conseguia muito mais contato íntimo feminino do que qualquer indústria do sexo e qualquer rico sibarita. A honesta Sushila, cujo conceito da verdade correspondia a um padrão mais aceito do que o de Gandhi, disse que ele primeiro começou a dormir com mulheres e que a noção de que fosse algum tipo de experiência espiritual surgiu depois que o seu comportamento foi criticado.

Sushila morreu solteira em 2001. Com a idade de cerca de sessenta anos, ela transferiu seus afetos espirituais para outro guru, Sathya Sai Baba. Abha morreu com sessenta e oito anos, em 1995; ela e seu marido Kanu Gandhi dedicaram suas vidas ao Ashram de Kasturba, um dos poucos memoriais a Kasturba. Manu Gandhi casou-se com Surendra Mashruwala e morreu em

1969, com quarenta anos.

Embora existam celibatários nas religiões hindu e cristã, Gandhi era notável pela importância que atribuía ao celibato. Entretanto, o impacto de suas experiências sexuais e de seus pontos de vista sobre castidade no mundo tinha sido nulo ou funcionou em detrimento de seus ensinamentos. Geralmente, seus admiradores reverenciam a sua não violência, mas não a castidade, por ele considerada um supremo aspecto importante de sua vida. Gandhi era explícito sobre o que as pessoas deviam fazer para seguir os seus passos e por que deviam fazê-lo. Ele sabia que a verdade poderia ser um assunto subjetivo; portanto, aquele que estivesse em busca da verdade — identificada por ele como Deus — deveria padronizar suas condições, tal como as condições de uma experiência científica devem ser padronizadas a fim de que essa experiência possa ser realizada. Ele declarou: “Aqueles que empreenderem uma busca diligente pela verdade — Deus — devem assumir o seguinte: o compromisso da verdade — falando e pensando na verdade —, o compromisso do *brahmacharya*, da não violência, da pobreza e do desapego. A violação desses cinco compromissos impede a realização dessa experiência”.¹⁶

O desejo de despir-se de todas as coisas desse mundo levou-o a uma pobreza ostentosa, uma espécie de pauperismo que tinha de ser destacado por seus ricos partidários e que devia ser mantida na estrada durante as viagens de Gandhi pela Índia em trens especialmente fretados, com apenas vagões de terceira classe. “Se ao menos Bapu soubesse quanto custa mantê-lo na pobreza”, foi a constante queixa de Sarojini Naidu.¹⁷ A última crítica possível de ser feita a Gandhi é à sua mesquinhez: há sempre a suspeita de que sua preocupação com roupas, alimento e abstinência sexual fossem um desperdício de seus atributos. Para esse desafio, ele teria respondido que o seu corpo era o instrumento de seus ensinamentos e que ele devia refinar esse instrumento.

Gandhi era amplamente considerado como o homem que conseguira a independência da Índia e, certamente, ele era o líder mais conhecido da Índia, na época da independência. Seus princípios de não violência são mais frequentemente mencionados como exemplos morais do que postos em prática, mas, seguramente, foram uma inspiração para outros. Sua renúncia ao sexo, ao álcool e até a uma refeição interessante não produziu um mundo de imitadores. Entretanto, a sua resistência ao racismo e o valor que ele dava a todas as religiões demonstram uma nota bastante moderna. Como pessoa, ele era extremamente notável por tornar cada dia, talvez cada minuto, um propósito para ir adiante e nunca parar em sua longa e complicada jornada espiritual.

Ele nunca desistiu. Com seus setenta anos, ele ainda se esforçava, sentindo que a sua visão da verdade e da não violência “se torna a cada dia mais clara”.¹⁸ Derradeiramente, ele foi heroico, o guerreiro metafísico. Tal como declarou desafiadoramente nas florestas de Noakhali, quando tinha apenas mais um ano de vida: “O mundo todo pode me esquecer, porém não ouse deixar o que eu considero como verdade. Pode ser uma ilusão ou uma armadilha, mas isso sou eu quem deve descobrir. Eu já corri o risco da perdição anteriormente. Que essa seja a realidade, se isso deve acontecer”.¹⁹



Bibliografia

- Adams, Jad e Whitehead, Phillip. *The Dynasty: The Nehru-Gandhi Story* (Londres: Penguin), 1997.
- Ambedkar, B.R., *What Congress and Gandhi Have Done to the Untouchables* (Bombaim: Thacker & Co.), 1945.
- Andrews, C.F., *Mahatma Gandhi's Ideas* (Londres: Allen & Unwin), 1931.
- Avon, Earl of. *The Eden Memoirs: Facing the Dictators* (Londres: Cassell), 1962.
- Birkenhead, Earl. *Halifax* (Londres Hamish Hamilton), 1965.
- Bolitho, Hector, *Jinnah: Creator of Pakistan* (Lahore: Oxford University Press), 1969.
- Bose, N.K. *My Days with Gandhi* (Calcutá: Nishana), 1953.
- Brown, Judith, *Gandhi: Prisoner of Hope* (New Haven: Yale University Press), 1989.
- Campbell-Johnson, Alan, *Mission with Mountbatten* (Londres: Hamish Hamilton), 1985.
- Chadha, Yogesh. *Rediscovering Gandhi* (Londres: Century), 1997.
- Clarke, Peter. *The Cripps Version: The Life of Sir Stafford Cripps* (Londres: Allen Lane), 2002.
- Clarke, Ronald O. "The Narcissistic Guru: A Profile of Bhagwan Shree Rajneesh", em Aveling, Harry (ed.). *Osho Rajneesh and His Disciples* (Nova Deli: Motilal Banarsidass), 1999.
- Cousins, Norman (ed.). *Profiles of Gandhi: America Remembers a World Leader* (Nova Deli: Indian Book Company), 1969.
- Curtis, Lionel. *Civitas Dei* (Londres: Macmillan), 3 vols. 1934-7.
- Desai, Mahadev. *The Diary of Mahadev Desai* (Ahmedabad: Navajivan), 1953.
- Desai, V.G., *Day to Day with Gandhi*, 9 vols. (Varanasi: Sarva Seva Sangh Prakashan), 1968-74.
- Erikson, Erik H. *Gandhi's Truth: On the Origins of Militant Nonviolence* (Londres: Faber & Faber), 1970.
- Fischer, Louis. *The Life of Mahatma Gandhi* (Londres; Jonathan Cape), 1951.
- Gandhi, Arun. *Daughter of Midnight: The Child Bride of Gandhi* (Londres: Blake Publishing), 1998.
- Gandhi, M.K. *Hind Swaraj or Indian Home Rule* (Amedabad: Navajivan), 1938.

- *Bapu's Letters to Mira* (Ahmedabad: Navajivan), 1949.
- *Satyagraha in South Africa* (Ahmedabad: Navajivan), 1955.
- *Gokhale, My Political Guru* (Ahmedabad: Navajivan), 1955.
- *Collected Works of Mahatma Gandhi* (Nova Deli: Divisão de Publicação, Ministério da Informação e da Divulgação, Governo da Índia), 1958-97. Vols. 1-90 são cronológicos (embora o vol. 1 tenha sido reformatado posteriormente e reeditado). Os vols. 91-7 são documentos coletados depois da publicação inicial; 98-100 são índices. Uma nova edição de obras coletadas em um CD-ROM levou a uma controvérsia quando a sua veracidade foi desafiada pelos estudiosos de Gandhi. Uma versão digitalizada foi colocada on-line pela Fundação GandhiServe em 2002.
- *An Autobiography or The Story of My Experiments with Truth* (Londres: Penguin), 1982.
- Gandhi, Manu. *Last Glimpses of Bapu* (Deli: Shiva Lal Agarwala & Co.), 1962.
- *The End of an Epoch* (Ahmedabad: Navajivan), 1962.
- Gandhi, Rajmohan, *Gandhi: The Man, His People and the Empire* (Londres: Haus), 2007.
- Gilbert, Martin. *Winston S. Churchill*, vol. 5 1922-1939 (Londres: Heinemann), 1976.
- Godse, Nathuram. *Why I Assassinated Mahatma Gandhi* (Nova Deli: Surya Bharti Parkashan), 1993.
- Gopal, Sarvepalli. *Hawaharlal Nehru: A Biography* vol. 2 1947-1956 (Londres: Jonathan Cape), 1979.
- Harris, Kenneth, *Attlee* (Londres: Weidenfeld & Nicolson), 1982.
- Hills, A.F. *Essays on Vegetarianism* (Londres: Ideal Publishing Union), 1894.
- Hunt, James D. *Gandhi in London* (Nova Deli: Promilla & Co.), 1978.
- Kramer, Joel e Alstad, Diana. *The Guru Papers: Masks of Authoritarian Power* (Berkeley: Frog, Ltd.), 1993.
- Kumar, Girja. *Brahmacharya: Gandhi and his Women Associates* (Nova Deli: Vitasta Publishing), 2006.
- Lester, Muriel. *Entertaining Gandhi* (Londres: Ivor Nicholson & Watson), 1932.
- Mansergh, Nicholas. *The Transfer of Power 1942-7*, 12 vols. (Londres: HMSO), 1970-83.
- Mehta, Ved. *Mahatma Gandhi and His Apostles* (Londres: Penguin), 1977.
- Millin, Sarah Gertrude. *General Smuts* vol. 1 (Londres: Faber & Faber), 1936.
- Mountbatten, Lorde Mountbatten's *Report on the Last Viceroyalty* (Nova Deli: Manohar), 2003.
- Nanda, B.R. *Mahatma Gandhi: A Biography* (Nova Deli: Oxford University Press), 1996.
- Nayar, Sushila. *Kasturba: Wife of Gandhi* (Wallingford, Pensilvânia: Pendle Hill), 1948.
- *Mahatma Gandhi*, vol. 4. *Satyagrahaat Work* (Ahmedabad: Navajivan), 1989.
- *Mahatma Gandhi*, vol. 5. *India Awakened* (Ahmedabad: Navajivan), 1994.
- *Mahatma Gandhi*, vol. 6. *Salt Satyagraha: The Watershed* (Ahmedabad: Navajivan), 1995.
- *Mahatma Gandhi*, vol. 7. *Preparing for Swaraj* (Ahmedabad: Navajivan), 1996.
- *Mahatma Gandhi*, vol. 8. *Final Fight for Freedom* (Ahmedabad: Nivajivan), 1997.
- Nehru, Jawahrlal, *Speeches*, vol. 1. *setembro de 1946-maio de 1949* (Deli: Divisão de Publicações, Governo da Índia), 1949.

- *Uma Autobiografia* (Londres: Bodley Head), 1953.
- Noorani, A.G. *Savarkar and Hindutva: The Godse Connection* (Nova Deli: Leftword Books), 2002.
- Pandit, Vijaya Lakshmi. *The Scope of Happiness* (Londres: Weidenfeld & Nicolson), 1979.
- Patel, Rajibhai. *Hind Ke Sardar* (Ahmedabad: Navajivan), 1972.
- Paxton, George. *Sonja Schlesin: Gandhi's South African Secretary* (Glasgow: Pax Books), 2006.
- Pyarelal. *The Epic Fast* (Ahmedabad: Mohanlal Maganlal Bhatt), 1932.
- *Mahatma Gandhi*, vol. 1. *The Early Phase* (Ahmedabad Navajivan), 1965.
- *Mahatma Gandhi*, vol. 2. *The Discovery of Satyagraha—On the Threshold* (Ahmedabad: Navajivan), 1980.
- *Mahatma Gandhi*, vol. 3. *The Birth of Satyagraha: From Petitioning to Passive Resistance* (Ahmedabad: Navajivan), 1986.
- *Mahatma Gandhi*, vol. 9. *The Last Phase*, parte 1 (Ahmedabad: Navajivan), 1997.
- *Mahatma Gandhi*, vol. 10. *The Last Phase*, parte 2 (Ahmedabad: Navajivan), 1997.
- Rawal, Munni. *Dadabhai Naoroji: A Prophet of Indian Nationalism* (Nova Deli: Anmol Publications), 1989.
- Read, Anthony e Fisher, David. *The Proudest Day: India's Long Road to Independence* (Londres: Jonathan Cape), 1997.
- Roberts, Andrew. *The Holy Fox: A Life of Lord Halifax* (Londres: Papermac), 1991.
- Rolland, Romain. *Mahatma Gandhi: The Man Who Became One with the Universal Being* (Nova York: Century Co.), 1924.
- Sanger, Margaret. *An Autobiography* (Londres: Victor Gollancz), 1939.
- Sarila, Narendra Singh. *Once a Prince of Sarila* (Londres: I.B. Tauris), 2008.
- Schofield, Victoria. *Wavell: Soldier and Statesman* (Londres: John Murray), 2006.
- Shukla, Chandrashanker (ed.). *Gandhiji As We Know Him* (Bombaim: Vora & Co.), 1945.
- Slade, Madeleine (Mirabehn). *The Spirit's Pilgrimage* (Londres: Longmans), 1960.
- Smuts, J.C. *Jan Christian Smuts* (Londres; Cassell), 1952.
- Swan, Maureen. *Gandhi: The South African Experience* (Johannesburgo: Raven Press), 1985.
- Tagore, Rabindranath. "The Cult of the Chakra". *Modern Review*, setembro de 1925. Tidrick, Kathryn. *Gandhi: A Political and Spiritual Life* (Londres: I.B. Tauris), 2006.
- Tinker, Hugh, *Viceroy: Curzon to Mountbatten* (Karachi: Oxford University Press), 1997, p. 94.
- Troyat, Henri. *Tolstoy* (Londres: Penguin), 1970.
- Tunzelmann, Alex von. *Indian Summer: The Secret History of the End of an Empire* (Londres: Simon & Schuster), 2007.
- Wavell, Archibald. *The Viceroy's Journal* ed. Penderel Moon (Londres: Oxford University Press), 1973.
- Weber, Thomas. *On the Salt March: The Historiography of Gandhi's March to Dandi* (Nova Deli: HarperCollins), 1997.
- Wolpert, Stanley. *Jinnah of Pakistan* (Nova Deli: Oxford University Press). 2005.



Glossário

Ahimsa: não violência.

Ashram: uma comunidade religiosa.

Ayurvédico: que diz respeito à antiga medicina indiana.

Ba: “mãe” em guzerate, usado também como apelido de Kasturba.

Bania: mercadores e comerciantes, uma subseção da casta *Vaishya* do povo comum, a terceira classe mais alta depois dos *Brâmanes* e dos *Kshatriyas*.

Bapu: “pai” em guzerate, frequentemente usado em sinal de respeito a Gandhi.

Brahmachari: um celibatário.

Brahmacharya: literalmente viver no Brahma, o absoluto; de maneira geral, é o celibato, considerado essencial para atingir o estado exaltado de Brahma.

Brâmane: membro da casta mais alta, um sacerdote.

Charkha: a roca de fiar.

Darshan: uma visão santificada (os buscadores de darshan conseguem mérito espiritual ao olhar para uma pessoa glorificada).

Dharma: dever em vida, particularmente dever espiritual.

Dhoti: um pano trajado por homens indianos ao redor da cintura.

Guru: um líder espiritual pessoal.

Harijan: “filhos de Deus”, um nome que Gandhi deu aos intocáveis.

Hartal: greve.

Karma: a lei da retribuição transcendental; as ações das pessoas que determinam seu futuro espiritual.

Khadi: tecido feito à mão.

Khilafat: o “Califato”, ou soberania sobre lugares santos do Islão, reivindicados pelo Império Otomano.

Ki Jai: vitória para, como em “Mahatma Gandhi Ki Jai” (Vitória para Mahatma Gandhi).

Kshatriya: membro da segunda mais alta casta ou guerreiro.

Lathi: um longo cassetete usado pela polícia para manter a ordem.

Mahatma: grande espírito ou grande alma.

Malish: uma massagem com óleo.

Moksha: realização espiritual, liberação do ciclo de vida e morte.

Raj: governo ou domínio.

Ram, Rama: o nome de Deus.

Ramanama: o ritual da repetição do nome de Deus.

Sabha: uma assembleia.

Sadhu: um homem santo errante.

Sangh: uma associação, sociedade.

Satyagraha: firmeza na verdade, traduzido às vezes como “força da alma”.

Satyagrahi: aquele que pratica o *satyagraha*.

Shudra: membro da mais baixa casta, um servo.

Swadeshi: produção caseira (tecido etc.).

Swaraj: autonomia de governo.

Vakil: requerente de tribunal.

Yajna: sacrifício.



Índice remissivo

Abdulla, Dada [75](#), [76](#), [77](#), [80](#), [81](#), [84](#), [86](#), [87](#), [100](#), [101](#), [102](#)

Acampamento de Fênix

Acampamento [143](#), [144](#), [171](#), [174](#), [179](#), [184](#), [193](#), [211](#)

Comunidade Itinerante [208](#)

Ver também: *ashrams*

África do Sul

Apartheid [183](#), [423](#)

Campanha p/ apoio à Índia [97-8](#)

Congresso Indiano de Natal [98](#), [106](#), [116](#), [184](#), [193](#)

Entrada negada a Gandhi [100-2](#)

Gandhi atacado [165-6](#)

Racismo [75-83](#), [114](#), [137](#)

Ver também: Lei do Registro de

Asiáticos; Bôeres; Curtis, Lionel;

imigração; trabalhadores servis;

Indian Opinion; carreira em direito;

Natal; Estado Livre de Orange;

acampamento de Fênix; Smuts,

Jan; *satyagraha*; Fazenda Tolstói;

Transvaal; rebelião zulu.

Ahmedabad [147](#), [156](#), [178](#), [211](#), [215-7](#), [223](#), [230-1](#), [246](#), [291](#)

Alam, Mir [165-6](#)

Álcool [23](#), [59-60](#), [434](#)

Harilal Gandhi [240-5](#), [330](#)

Alexander, Jane [102](#)

Alexander, Richard [103](#)

Ali, Choudhary Rahmat [336](#)

Ali, Mohammad [225](#)

Ali, Mohammad Jinnah [22](#), [58](#), [121](#), [205](#), [223](#), [336](#)

Allinson, Dr. Thomas [60-1](#), [148](#), [204](#)
Ally, Haji Ojer [152](#), [154](#), [161](#)
Ambedkar, dr. B.R. [308-9](#), [314-7](#), [332](#), [349](#), [429](#)
América do Norte [294](#), [304](#), [354](#), [422-4](#)
Amery, Leo [370](#)
Ampthill, lorde Oliver [181](#), [196](#)
Anasuya [30](#)
Andrews, Charles Freer [208](#)
Anti-Industrialização [198-9](#), [230-1](#), [256-7](#), [335](#)
 Ver também Hind Swaraj; khadi; fiação manual
Apartheid [183](#), [423](#)
Apelo para o Vegetarianismo [51](#), [53](#)
Apte, Narayan [414](#)
Arjuna [274](#)
Armas Atômicas [424](#)
Arnold, Edwin [62-3](#), [66](#)
Ashram Bhajanavali [321](#)
Ashrams
 Comunidade de Fênix [140-4](#), [171](#), [174](#), [184](#)
 Comunidade Itinerante de Fênix [208-10](#)
 Fazenda Tolstói [173-4](#), [182-3](#), [189](#), [211](#)
 Harijan [319](#)
 Kasturba [433](#)
 Satyagraha/Sabarnati [211](#), [262](#), [277](#), [281](#), [369](#)
 Sevagram [320](#)
Asoka [402](#)
 Assam [380](#)
 Assassinato de Gandhi [414](#)
 Assim falou Zaratustra [33](#)
Associação Indo-Britânica [129](#), [152](#), [166](#)
Associação das Indústrias das Aldeias de Toda a Índia [335](#)
Associação Nacional Indiana [121](#), [196](#)
Associação Voluntária Nacional [274](#)
Ass. dos Fazendeiros Britânicos [228](#)
Ataque a bomba contra Gandhi [409-10](#)
Ataturk, Kemal [270](#)
Attenborough, Richard [429](#)
Attlee, Clement [353](#), [355](#), [373](#), [378](#), [398](#)
Autobiografia [14](#), [15](#), [33-4](#)
Azad, Abul Kalam [336](#), [381](#)

Baha'i [111](#)

Bajaj, Jamnalal [320](#)
Baker, Albert [83](#)
Baldwin, Stanley [286](#)
Bania [42](#), [312](#)
 Ver também *Modh Bania* [42](#)
Bandeira do Congresso Nacional da Índia [257](#), [288](#), [402](#), [433](#)
Banker, Shankerlal [271](#) B
Batalha de Spion Kop [115](#)
Bengala
 Escassez de alimento [348](#)
 Separação e agrupamento [135-6](#), [195-6](#), [382](#), [400](#)
 Terrorismo [197](#), [310](#)
 Ver também Noakhali
Besant, Annie [50](#), [64](#), [125](#), [200](#), [218](#), [221](#), [226](#), [235](#), [244](#), [248](#), [255](#), [281](#)
Bhagavad Gita [23](#), [25](#), [62](#), [123](#), [130](#), [162](#), [239](#), [271-4](#), [296](#), [413](#)
Bhagwan Shree Rajneesh (Osho) [281](#)
Bharatiya Janata (Partido Político BJP) [419](#)
Bhave, Vinoba [320](#), Bhowanaggee, sir Mancherji [154](#)
Bíblia [62](#), [132](#), [162](#), [271](#),
 Ver também Cristandade, Jesus
Bihar [227](#), [229-30](#), [283](#), [333](#), [387](#), [397](#), [399](#), [402](#)
 Campanha do Anil [219-22](#)
 Tumultos [268](#), [275](#), [312](#), [362](#), [383](#), [385](#), [387](#), [404](#), [406](#)
Birla, Chanshyam Das [202](#), [301](#), [370](#), [406](#), [409-10](#)
Birmânia [285](#), [353](#)
Blavatsky, madame Helena [63-4](#), [281](#)
Bôeres [62-85](#)
 Guerra dos, [128](#)
 Racismo [434](#)
 Ver também O Estado Livre de
 Orange; África do Sul; Transvaal
Boicote Swadeshi [197](#), [231](#), [252](#), [254](#), [305](#)
Bolchevismo [201](#)
Bombay Chronicle [243](#), [247](#)
Bombay Corporation [98](#)
Bose, Nirmal Kumar [389](#), [394](#)
Bose, Subhas Chandra [287](#), [319](#), [351](#), [353](#), [359](#), [374](#)
Botha, Louis [181-2](#)
Boicotes [198](#), [216](#), [254](#), [265](#), [268](#), [286](#)
 Ver também, desobediência civil;
 Congresso Nacional Indiano; não

violência; *satyagraha*; *swadeshi*
Brahmo, Samaj [125](#) Brailsford, H.N.
Brockway, [378](#)
Brockway, Fenner [303](#)
Buda/Budismo [62](#), [97](#), [110-1](#), [131](#), [420](#)
Bunyan, John [15](#)
Burrows, sir Frederick [397](#)

Califato *ver* Khilafat [225](#), [441](#)
Campanha do “Aluguel Zero” [312](#)
Campanha do Anil [219](#)
Campanha para o Desarmamento
Nuclear [424](#)
Carlyle, Thomas [62](#)
Carne [223](#), [253](#), [341](#), [387](#)
Ver também: dieta; vegetarianismo
Carpenter, Edward [198](#)
Cartwright, Albert [163](#), [167](#)
Casta brâmane [22](#)
Ver também: sistema de casta
Casta Shudra [22](#)
Casta Vaishya [21](#)
Castidade/Celibato [14](#), [60](#), [112-3](#), [121](#), [137](#), [142](#), [145](#), [147-8](#), [179](#), [193](#), [199](#), [211-4](#), [250](#), [326](#),
[343-4](#), [354](#), [390](#), [402](#), [433](#)
Catolicismo [145](#)
V ertambém: Bíblia; Cristianismo; Jesus
Caxemira [336](#), [408-9](#)
Celibato/Castidade
Ashrams [142](#), [211-2](#)
Casamentos castos [250](#), [277](#), [284](#), [377](#)
Gandhi, Kasturba [112-3](#), [145](#), [179](#), [328](#), [375](#)
Promoção do, [193](#), [199](#)
Tradições hindu e jainista [144-5](#)
Ver também: compromisso
brahmacharya; sexualidade
Chamberlain, Joseph [127-9](#), [135](#),
Charlie Chaplin [304](#)
Chelmsford, lorde [226](#), [235-6](#), [238](#), [242](#)
Chesterton, G.K. [201](#)
Chiang Kai-shek [352](#)
China [18](#), [76](#), [353](#), [359](#)
Choudhurani, Saraladevi [258](#)

Choudhuri, Rambhuj Dutt [258](#)
Chowdhury, Charu [389](#)
Churchill, Winston [296](#), [335](#), [424](#)
Civilização: Sua Causa e Cura [139](#), [200](#)
Colônia do Cabo [77](#), [114](#)
Comitê Britânico do Congresso Nacional
 Indiano [58](#), [154](#)
Comitê da Índia [353](#)
Comitê Indiano de Durban [87](#)
Comitê de Sedição [241](#)
Comissão e Relatório Simon [287-8](#),
Compromisso *Brahamacharya* [114](#), [145](#), [284](#), [376](#), [395](#), [431](#)
 Ejaculação
 Experiências [342](#), [375-6](#), [432](#)
 Ver também: celibato; castidade;
 Gandhi, Manu; sexualidade
Comunidades, ideais, Ver *ashrams*
Comunismo [201](#)
Condições de aprisionamento [162](#), [172](#)
 Ver também: desobediência civil;
 satyagraha.
Conferência de mesa-redonda [236](#), [288](#), [295](#), [299](#), [300](#), [311](#), [315](#), [334](#), [336](#)
Congresso Indiano de Natal [93](#), [98](#), [105](#)
Congresso Nacional Africano [192](#), [423](#)
Congresso Nacional Indiano [58](#), [63](#), [119](#), [121](#), [124](#), [193](#), [195](#), [224](#), [242](#)
 Alienação muçulmana [341-343](#), [428](#)
 Estado de Domínio vs. Independência
 Total [348](#)
 Gandhiem Londres (1931) [39-71](#)
 Gandhieleito presidente [284](#)
 Grande Guerra [226](#), [241-2](#)
 Greve nacional [245-6](#)
 Khilafat [225-6](#), [252-5](#), [270](#), [285](#), [340](#)
 Lucknow [224-5](#), [248](#)
 Negociações sobre independência [379-385](#)
 Partição da Índia [398](#)
 Partido Swaraj [273](#)
 Proposta do Congresso-Liga
 Muçulmana [368](#)
 Propostas e Lei de Rowlatt [248](#)
 Protestos de não-cooperação [242](#), [254-5](#), [269](#)

Renúncia de Gandhi [333](#)
Resolução “Saíam da Índia” [360-1](#),
Sessão de Calcutá [119](#), [195-8](#)
Violência hindu-muçulmana [386-7](#), [404](#)
Ver também: Grã-Bretanha e
Governo Britânico; Missão de
Gabinete; Gokhale, Gopal Krishna;
Independência Indiana; Jinnah,
Mohammad Ali; Nehru, Jawaharlal;
Nehru Motilal; não violência; Patel,
Vallabhbhai; Rajagopalachari,
Chakravarti; marcha do sal; 2ª Guerra
Mundial; intocáveis
Conselho Legislativo Imperial [244](#)
Controle de natalidade [60](#), [326](#), [329](#)
Corão [110](#), [131](#), [162](#), [271](#), [321](#), [349](#),
Ver também: Islão; Maomé;
Muçulmanos
Corelli, Marie [50](#)
Corpo de Ambulâncias [115](#)
Corte de Rajasthanik [26](#)
Crewe, lorde [181](#)
Cripps, sir Staford [354](#)
Missão Cripps [399](#)
Missão de Gabinete [400](#), [427](#)
Crise [422](#)
Cristianismo [59](#), [90](#), [202](#), [338](#)
Corpo de Ambulâncias [204](#)
Curtis, Lionel [236](#)

Dada Abdulla & Co. [75](#), [76](#), [77](#), [80](#), [81](#), [84](#), [86](#), [87](#), [100](#), [101](#), [102](#)
Ver também: Abdulla, Dada
Dandi [12](#), [201](#), [292](#), [319](#), [386](#)
Ver também protestos do sal
Darshan [210](#), [331](#)
Darwin, Charles [50](#)
Das, C.R. [273](#)
Dave, Mavji [39](#)
Decreto de Licenças para Comerciantes [106](#)
Defesa de Sócrates [203](#)
Departamento Asiático, Transvaal [128-9](#)
Deportação [172](#), [247](#)

Desai, Mahadev [14](#), [218-9](#), [260](#), [262](#), [264](#), [280](#), [301](#), [312](#), [322](#), [325](#), [329](#), [360-1](#), [363](#), [365](#)

Desobediência civil [17](#), [156](#), [208](#), [243-4](#), [268-9](#), [289-90](#), [295-6](#), [299](#), [300](#), [310](#), [312](#), [318-20](#), [351](#), [423](#)

Ver também: Lei de Registro Asiático;
não violência; Lei de Rowlatt; protesto
do sal; satyagraha

Deus [12](#), [16-18](#), [23-26](#), [35](#), [50](#), [53](#), [56](#), [65](#), [78](#), [83](#), [108](#), [110-1](#), [113](#), [131-2](#), [146](#), [152-3](#), [166-7](#), [170](#), [174](#), [176](#), [184](#), [232](#), [245](#), [252-3](#), [257](#), [267](#), [279](#), [284](#), [287](#), [301](#), [310](#), [317](#), [322](#), [333](#), [342](#), [349-50](#), [357](#), [374-5](#), [389](#), [391-4](#), [402-5](#), [407](#), [411](#), [433](#)

Ver também: cristianismo; islão;
hinduísmo; Jesus; Ramayana; verdade

Dhingra, Madanlal [195-6](#)

Dietas [12](#), [14](#), [19](#), [34](#), [53-4](#), [59](#), [60](#), [66](#), [96](#), [112](#), [146-8](#), [157](#), [174](#), [204](#), [238-9](#), [263](#), [282](#), [290](#), [374](#), [420](#),
Arnold Hills [59](#), [66](#), [72](#)
Carne [33-35](#), [45](#), [57](#)
Celibato [145](#), [278](#), [283](#), [433](#)
Experiências [148](#), [171](#), [204](#), [264](#), [282](#)
Ver também: jejum; vegetarianismo

Direito, Lei [158](#)
Carreira [71-75](#), [83](#), [92-3](#), [105](#), [108](#), [126-129](#)

Disputa dos operários [230](#)

Doke, Rev. Joseph [156](#), [166](#)

Dudabhai, família de, [216](#)

Duncan, Patrick [153](#)

Dyer, Reginald, General-Brigadeiro, [246](#)

Educação [29](#), [32](#), [38](#), [47](#), [52](#), [72](#), [79](#), [85](#), [99](#), [107](#), [122](#), [138](#), [145](#), [174-8](#), [183](#), [220](#), [231](#), [255-6](#), [260](#), [309](#), [327](#), [331](#), [341](#), [362](#), [392](#),
Ashrams [174](#), [214-6](#), [327](#)
Filhos de Gandhi [107](#), [177-8](#), [361](#)
Gandhi, Kasturba [108](#), [325](#), [361-2](#)
Ver também: direito; estudo em Londres

Eduardo, Príncipe de Gales
(Posteriormente Eduardo VIII) [267](#)

Elgin, lorde [154](#)

Enemas [283](#), [323](#), [325](#), [389](#)

Epidemia [94](#), [100](#), [133](#), [137](#), [231](#)

Erikson, Erik [53](#)

Escombe, Harry [86](#), [89](#), [101-4](#), [115](#)

Estado Livre de Orange [86-7](#), [117](#), [124](#), [168](#)
Ver também: Racismo; África do Sul;

Transvaal;
Evidência indiana [126](#)
Excomunhão [69](#)
Exército Nacional Indiano [353](#)
Exposição Mundial, Paris (1889) [65](#)

Faering, Esther [261](#)
Fazenda Tolstói [173](#), [182-3](#), [189](#), [211](#)
Federação Democrática Social [50](#)
Festivais [21](#), [211](#)
Festival de Divali [21](#)
Fiar manualmente [251-2](#), [257-8](#), [264-266](#), [271-2](#), [292](#), [325](#), [353](#), [357](#), [401-2](#), [414](#)
Fry, Elizabeth [135](#)
Fumo [23](#), [59-60](#), [136](#), [169](#), [174](#), [330](#), [420](#)
Funeral [363](#), [412](#)

Gait, sir Edward [230](#)
Gandhi, Mohandas Karamchand
 (Mahatma) [21-2](#), [354](#)
 Antecedentes da família [192](#)
 Aparecimento [98-9](#)
 Ataques [101](#), [166](#), Casamento infantil [430](#)
 Detenção [161](#), [169](#), [188](#), [270-5](#), [294](#), [311](#), [360-5](#),
 Educação [25-40](#)
 Infância [21-25](#)
 Morte e funeral [410-415](#)
 Paternidade [107](#), [176-180](#), [218](#), [378](#), [429](#)
 Pobreza assumida de, [111](#), [181](#), [223](#), [434](#)
 Ver particularmente: *ashrams*;
 celibato/castidade; desobediência
 civil, vestuário; dieta; jejum Gandhi,
 Kasturba; saúde, *Hind Swaraj*;
 independência da Índia; Congresso
 Nacional da Índia; Londres; não
 violência; *satyagraha*; 2ª Guerra
 Mundial; sexualidade; África do Sul;
 fiando à mão; intocáveis

Gandhi [433](#)
Gandhi, Abha [323-6](#), [376](#), [405](#)
Gandhi, Arun [364](#), [377](#)
Gandhi, Chaganlal [140](#), [145](#), [176-7](#), [283](#)
Gandhi, Devdas (filho) [394](#), [412-3](#)

Gandhi, Feroze [354](#),
Gandhi, Gokaldas [99](#), [117](#)
Gandhi, Gulab [133](#), [220](#), [240](#)
Gandhi, Harilal (filho) [39](#), [70](#), [75](#), [107](#), [117](#), [133](#), [176-8](#), [180](#), [219-20](#), [240](#), [281](#), [330](#), [363-5](#),
Gandhi, Kanu [321](#), [403](#), [433](#),
Gandhi, Karamchand (pai) [21-2](#), [29](#), [36-8](#), [40-2](#)
Gandhi, Karsandas (irmão) [26-7](#), [29](#), [208](#)
Gandhi, Kasturba (esposa) [22](#), [203](#), [429](#)
 Ashrams [144](#), [217-8](#), [321](#)
 Casamento [27-33](#), [71-73](#), [99-101](#), [106-108](#), [130-143](#), [170](#), [185](#), [258](#), [324](#), [343](#)
 Celibato [114](#), [146](#), [171](#), [179](#), [329](#), [375](#)
 Detenção e aprisionamento [161](#), [169](#), [188](#), [270-5](#), [294](#), [311](#), [360-5](#),
 Doença e morte [170-1](#), [363-4](#), [391](#)
 Educação [107](#), [325](#), [347](#)
 Excomunhão [43](#), [69](#)
 Maternidade [38-9](#), [112](#)
Gandhi, Laxmidas (irmão) [131-3](#), [208](#)
Gandhi, Maganlal [140](#), [145](#), [155](#), [208](#), [217-8](#), [239](#), [252](#), [272](#), [283](#),
Gandhi, Manilal (filho) [70](#), [75](#), [117](#), [126-7](#), [133](#), [143](#), [176](#), [178-9](#), [204](#), [219-20](#), [275-6](#), [363](#),
 [377-8](#), [393](#), [419](#)
Gandhi, Manu [346](#), [390-6](#), [402-5](#), [410-13](#), [433](#)
Gandhi, Meu Pai [429](#)
Gandhi, Nirmala [277-9](#), [283](#)
Gandhi, Putlibai (mãe) [22](#), [24-5](#), [31](#), [69](#)
Gandhi, Rajiv [354](#)
Gandhi, Raliatbehn (irmã) [26](#)
Gandhi, Ramdas (filho) [112](#), [127](#), [133](#), [143](#), [277-9](#), [413](#), [419](#)
Gandhi, Santokben [217](#)
Gandhi, Sumitra [327](#)
Gandhi, Tulsidas [40](#)
Gandhi, Uttamchand [22](#)
Gandhi-Irwin, Pacto, (1931) [299](#)
Genocídio [340](#)
Gladstone, William [55](#), [123](#)
Godfrey, James W. [132](#)
Godse, Gopal [414](#)
Godse, Nathuram [221](#), [369](#), [414](#), [417-20](#)
Gokhale, Gopal Krishna [99](#), [122-6](#), [175](#), [182-185](#), [193](#), [204-5](#), [207-10](#), [212](#), [221-2](#)
Gool, Fatima [275](#)
Governo Autônomo Indiano [313](#)
 Ver: Hind Swaraj

Grande Guerra [226](#), [241-2](#)
Grande Massacre de Calcutá [383](#)
Greve Nacional (1919) [245](#)
Greves [4950](#), [135](#), [186-90](#), [232-4](#), [244-6](#), [267](#), [341](#), [378](#), [383](#)
Griffith, Sir Francis [245](#)
Grupo Indiano Tata [429](#)
Grupos extremistas [414](#)
 Ver também: tumultos; Savarkar;
 Vinayak; terrorismo; violência;
 opiniões de Gandhi
Guerras
 Dos Bôeres [114](#)
 Grande Guerra [226](#), [241-2](#)
 Índia e Paquistão [408](#)
 Ver também: 2ª Guerra Mundial
Guerra Civil [18](#), [380](#), [385](#), [387](#), [398](#)
 Ver também: tumultos; violência;
 guerra
Gujarat [22](#), [25](#), [57](#), [125](#), [206](#), [211](#), [224-5](#), [238](#), [268](#), [276](#),
 Ver também Kathiawar
Gurus [31](#), [65](#), [123](#), [182](#), [207](#), [214](#), [433](#)

Habib, Haji [152-3](#), [163](#), [181](#)
Halifax, lorde [298](#), [339](#)
 Ver: Irwin, Lorde
Hallett, Sir Maurice [368](#)
Hamidia, Mesquita de, Johannesburgo, [168](#)
Hardinge, lorde [190](#), [221](#)
Harijan Sevak [317](#)
Harijans *ver* Intocáveis
Harishchandra, rei [365](#)
Hawks, Arthur [134](#)
Heróis e veneração de heróis [62](#)
Hills, Arnold [59-60](#)
Hind Swaraj [197-200](#), [202-3](#), [209](#), [245](#), [257](#), [369](#), [374](#), [414](#),
Hindu, The, [397](#)
Hindu Rashtra [414](#)
Hinduísmo [16](#), [18](#), [24-5](#), [43](#), [60](#), [62-3](#), [91](#), [152](#), [215](#), [223](#), [254](#), [308-10](#), [317](#), [330](#), [332](#), [343](#), [428](#)
 Casamento [16](#), [27-31](#), [183](#), [275-6](#)
 Castidade [144-5](#)
 Jejum e alimentação [24](#), [34](#), [46](#)
 Rama/Ramanama [26](#), [30](#), [166](#), [174](#), [180](#), [267](#), [271](#), [374](#), [410-1](#), [412](#), [428](#)

Reencarnação [18](#), [50](#)
Ritual da limpeza e poluição [38](#), [43](#), [69](#)
Ver também: sistema de castas;
intocáveis
História de um Soldado da Verdade [170](#)
História de minhas experiências com a Verdade [273](#)
Ver Autobiografia
Hitler, Adolf [338-9](#), [350](#)
Hoare, sir Samuel [313](#)
Holmes, John Haynes [302](#)
Holocausto [424](#)
Horniman, B.G. [243](#)
Housman, Laurence [302](#)
Hume, Allan [121](#)

Idiomas [41](#), [96-7](#), [134](#), [143](#), [169](#), [175](#), [206](#), [213](#), [220-1](#), [389](#)
Ver também: sânscrito
Igreja Reformada Holandesa [78](#)
Imigração, Sul Africana [106](#), [168](#), [181-2](#)
Império Otomano [225](#)
Ver também: Turquia
Impressora gráfica [134-142](#)
Ver também: Indian Opinion
Independência Indiana [19](#), [50](#), [63](#), [115](#), [123](#), [194](#), [196](#), [203](#), [211](#), [222-3](#), [225](#), [235-6](#), [250](#), [258](#),
[267](#), [270](#), [273](#), [287-8](#), [291](#), [297](#), [300](#), [308](#), [313](#), [348](#), [351](#), [353](#), [359](#), [370-1](#), [373-4](#), [379](#), [383](#),
[392](#), [402](#), [404-5](#), [419](#), [421](#), [425-8](#), [434](#)
Ver também: Grã-Bretanha e Governo
britânico; grupos extremistas; *Hind*
Swaraj; Congresso Nacional Indiano;
Jinnah, Mohammad Ali; Nehru,
Jawaharlal; Liga Muçulmana; não
violência; tumultos; Lei de Rowlatt;
protestos do sal
India House, Highgate, [196](#)
Indian Opinion [134-141](#), [146](#), [151](#), [153](#), [155-6](#), [159-161](#), [167](#), [170](#), [174](#), [181](#), [184](#), [193](#), [200](#),
[203](#), [211](#), [248](#), [276](#), [377](#),
Indian Sociologist [202](#)
Industrialização: *ver*
Anti-Industrialização; *Hind Swaraj*;
fiar à mão
Infância de Gandhi [21-25](#)

Inglaterra e Governo Britânico [22](#), [33-4](#), [40-50](#), [58](#), [75](#), [139](#), [221](#), [235](#), [287](#), [426](#)

Ver também: Guerra dos Bôeres;
Missão de Gabinete; Churchill,
Winston; Clement, Attlee; Relatório
Cripps; Curtis, Lionel; Grande Guerra;
Independência da Índia; Congresso
Nacional Indiano; Irwin, lorde;
Linlithgow, lorde; Londres; Relatório
Montagu-Chelmsford; Mountbatten,
lorde; Liga Muçulmana; Conferência
de Mesa Redonda; Lei de Rowlatt;
protestos do sal; 2ª Guerra Mundial;
Comissão de Simon; África do Sul;
Wavell, lorde.

Inner Temple, Londres, [52](#)

Intocabilidade [78](#), [91](#), [212](#), [215](#), [218](#), [257](#), [265](#), [274](#), [292](#), [297](#), [309-310](#), [316-320](#), [332-3](#), [386](#),
[429](#)

Intocáveis [25](#), [91](#), [94](#), [108](#), [122](#), [216-8](#), [257](#), [269](#), [274](#), [285-6](#), [292](#), [297](#), [308-310](#), [313-317](#), [319-320](#), [331-2](#), [338](#), [349-350](#), [359](#), [365](#), [379-380](#), [386](#), [395](#)

Irlanda [257](#), [296](#)

Irving, Washington [170](#)

Irwin, lorde (posteriormente lorde Halifax) [288](#), [296](#), [339](#)

Isaacs, Rufus, *ver* Reading, lorde,

Islão [330](#), [332](#),

Ver também: Corão; Maomé; Liga
Muçulmana; Muçulmanos; Paquistão

Jainista e Jainismo [24-5](#), [34](#), [112](#), [125](#), [145](#)

Japão [337](#), [356](#), [358-9](#), [369](#), [375](#)

Jejum [24](#), [133](#), [146](#), [177-8](#), [204](#), [210](#)

Disputa dos operários [233-4](#)

Doença [127](#), [239](#), [365](#), [372](#)

Guerra Indo-Paquistanesa [409](#), [418](#)

Intocabilidade [78](#), [91](#), [212](#), [215](#), [218](#), [257](#), [265](#), [274](#), [292](#), [297](#), [309](#), [316-320](#), [332](#), [386](#), [429](#),

Tumultos [135](#), [268](#), [312](#), [362](#), [383](#), [387](#), [404](#)

União Hindu-Muçulmana [246](#), [249](#), [265](#), [274](#), [341](#), [426](#)

Jesus [59](#), [62](#), [83](#), [97](#), [110-1](#), [131-2](#), [202](#), [316](#), [388](#)

Sermão da Montanha [62](#), [110](#), [150](#), [422](#)

Ver também: Bíblia;

Catolicismo;

Cristianismo.

Jinnah, Mohammad Ali, [22](#), [58](#), [121](#), [205-6](#), [222-4](#), [235](#), [240](#), [242](#), [244](#), [255-6](#), [273](#), [295](#), [334-6](#),

[341-3](#), [347-50](#), [355](#), [359](#), [368-373](#), [379-83](#), [386](#), [393](#), [399-400](#), [414](#), [425](#), [427-8](#)
Alienação muçulmana pelo Congresso
Nac. Indiano [342-3](#)
Congresso/Liga Muçulmana [368](#)
Doença [371](#), [400](#)
Negociações de independência [379-380](#)
Resolução do Paquistão e Partição [349](#), [370](#), [400](#), [428](#)
2ª Guerra Mundial [347-8](#)
Ver também: Congresso Nacional
Indiano; Liga Muçulmana; Nehru,
Jawaharlal
Jorge V [295](#)
Jornal Independente [285](#)
Joynes, Kate [53](#)
Judeus [194](#), [338](#)

Kallenbach, Hermann [338](#),
Kantak, Primabehn [329](#)
Kapadia, Gokaldas [99](#), [117](#)
Kapadia, Kasturbai *ver* Gandhi, Kasturba
Kapadia, Vraikunwerba [30](#)
Kathiawar [22](#), [27](#), [30](#), [49](#), [54](#), [72-4](#), [92](#), [112](#), [208](#)
Keightley, Archibald e Bertram [63](#)
Khadi [256](#), [258-9](#), [264-6](#), [273-4](#), [386](#)
Khadijah [131](#)
Khan, Feroz Abbas [430](#)
Khilafat [225-6](#), [252-5](#), [270](#), [285](#), [340](#)
King, dr. Martin Luther [422](#)
Kingsley Hall, Londres [303](#), [306](#)
Kipling, Rudyard [271](#)
Kitchin, Herbert [156](#)
Krause, F. E. T. dr. [83](#)
Kripalani [374](#), [394](#)
Krishna [111](#), [274](#)
Krishna Varma, Shyamji [202](#)
Kruger, Paul [114](#)
Kshatriya, casta [22](#)
Kuhne, Louis [126](#)
Kumbha Mela, festival [210](#)

Lakshmi, Vijaya (antes Sarup Nehru) [250](#)
Lança da Nação [423](#)

Laughton, Frederick [102](#), [115](#)
Lei Agrária de Champaran [230](#)
Lei de Defesa da Índia [225](#)
Lei do Governo da Índia [250](#)
Lei do Registro Asiático (1907) [154](#)
 Gandhi atacou a, [106-7](#),
 Jan Smuts [151](#), [162-3](#)
 Não cooperação [254-6](#), [262](#), [265](#), [267-9](#), [274](#), [285](#), [351](#), [356](#), [365](#), [423](#)
 Proposta [151](#)
Lei de Rowlatt (1919) [248](#), [250](#), [346](#)
Lenin, Vladimir [201](#)
Lester, Muriel [303-4](#)
Levante da Páscoa, Dublin [226](#)
Liga do Governo Autônomo [248](#)
 Ver também: *Hind Swaraj*;
 Independência Indiana; Congresso
 Nacional Indiano
Liga de Proteção Europeia [101](#)
Limpeza
 Higiene pessoal [84](#), [94](#),
 Ritual [24](#), [69](#)
 Ver também: sanitização
Linlithgow, Lorde [347-8](#), [362](#)
Lloyd George, David [304](#)
Lokamanya ver Tilak, Bal Gangadhar
Londres [39-40](#), [45](#), [49](#), [150](#), [177](#)
 Chegada de Gandhi [49-50](#)
 Dieta [49-50](#), [52-53](#)
 Direito, estudo de, [39](#), [50-1](#), [69-72](#)
 Vegetarianismo [58-65](#)
 Visitas de Gandhi [301-6](#)
 Ver também: Educação
Lucknow, Congresso e Pacto [224](#), [248-50](#),
Luz da Ásia [62](#)

MacDonand, Ramsay [295](#), [306](#), [310](#), [313-6](#)
Madras Mail [211](#)
Maharishi Mahesh Yogi [281](#)
Mahatma, definição de, [227-8](#)
Mahatma Gandhi: O Homem que Se Tornou
 Um com o Ser Universal [278](#)
Mandela, Nelson [423](#)

Manning, Cardeal Henry [49-50](#)
Mao Tsé-tung [255](#)
Maomé, profeta [62](#), [110-1](#), [131](#), [170](#)
Marxistas [201](#)
Mahasabha Savarkar [369](#)
Mashruwala, Surendra [433](#)
Massacre de Amristar [248](#), [250](#), [258](#), [261](#)
Massacre das vacas [253-4](#), [275](#), [342](#)
Materialismo *ver* pobreza, aceitação
da, Medalha de Guerra do Império
Britânico [116-7](#)
Medalha Kaisar-i-Hind [207](#), [254](#)
Mehta, dr. Pranjivan [51](#), [176](#)
Mehta, Pherozeshah [222](#)
Mehta, Ved [324](#)
Mehtab, Sheikh [33-5](#), [43](#), [95](#)
Miller, Webb [294](#)
Milner, Alfred [150](#)
Minas de carvão [189](#)
Mirabehn [279](#), [298](#), [301](#), [315](#), [322](#), [324](#), [342-4](#), [360](#), [364](#)
Missão de Gabinete [379-384](#), [400](#), [427-8](#)
Missão Geral Sul-Africana [83](#)
Mittal, Lakshmi [429](#)
Modh [22](#)
Modh Bania [30](#), [42-3](#), [69](#)
Mohammed, Tyeb Khan [77](#), [84](#)
Moksha [18-9](#), [112-3](#)
Mongóis [45](#)
Monoteísmo [24](#), [111](#)
Montagu, Edwin [235-8](#), [242](#), [248](#)
Morley, lorde [154](#), [235](#)
Morris, William [139](#)
Mountbatten, Edwina [407](#)
Mountbatten, lorde [411-2](#), [430](#)
Muçulmanos [33](#), [46](#), [79](#), [84](#), [90-2](#), [97](#), [121-2](#), [140](#), [152-3](#), [161](#), [170](#), [183](#), [194](#), [206](#), [221-6](#), [245](#),
[253-7](#), [265-8](#), [274](#), [285](#), [290](#), [295](#), [308](#), [313](#), [331](#), [334-6](#), [341](#), [348-350](#), [354](#), [359](#), [370-3](#),
[380-409](#), [414](#), [419](#), [427-8](#)
África do Sul [78-9](#), [89](#), [152](#), [161](#), [194](#)
Ver também: Congresso Nacional
Indiano; Islão; Jinnah, Mohammad
Ali; Khilafat; Corão; Maomé, profeta;

Liga Muçulmana; partição; Paquistão; tumultos.

Munusamy, Valliamma [185](#)

Mussolini, Benito [311](#), [350](#)

Nascimento de Gandhi [21](#)

Nativos africanos [91](#), [136-7](#), [170](#), [192](#)

Netos de Gandhi [220](#), [327](#)

Naidoo, Thambi [186](#)

Naidu, Sarojini [11-2](#), [57](#), [205](#), [243](#), [274](#), [292](#), [294](#), [301](#), [315](#), [360](#), [434](#)

Naoroji, Dadabhai [57-8](#), [121](#), [154](#)

Natal, África do Sul [75-116](#), [149](#)
Ver também: *ashrams*; Lei de Registro dos Asiáticos; trabalhadores servis; carreira em direito; não violência; Estado Livre de Orange; *satyagraha*; África do Sul; Transvaal; rebelião zulu

Navajivan [248](#), [273](#), [284](#), [293](#)

Nayar, Pyarelal ver Pyarelal [14](#), [147-8](#), [215](#), [261-4](#), [280](#), [301](#), [316](#), [322](#), [325](#), [361](#), [381](#), [389-393](#), [396](#), [421](#)

Nayar, Sushila [14](#)

Nazar, Mansukhlal [140](#), [156](#)

Nehru, Indira [246](#), [354](#), [407](#)

Nehru Jawaharlal [135](#), [226](#), [248-253](#), [269-70](#), [287-8](#), [291](#), [294](#), [300](#), [374](#)
Morte de Gandhi [412-414](#)
Negociações de independência [382-3](#)
Primeiro-ministro [386-7](#)
Protestos do sal [291-4](#), [300](#)
2ª Guerra Mundial [17](#), [298](#), [335](#), [346-358](#)
Violência pós-independência [405-408](#)
Ver também: Congresso Nacional Indiano; Jinnah, Mohammad Ali; Liga Muçulmana

Nehru, Motilal [224](#), [230](#), [240](#), [248-250](#), [255](#), [273](#), [275](#), [285](#), [287-8](#), [291](#), [294](#), [296](#)

Nehru, Sarup (posteriormente Vijaya Lakshmi) [249](#)

Nehru, a família de, [222](#), [268](#)

Nightingale, Florence [135](#)

Noakhali, tumultos e consequências [386-8](#), [391](#), [394](#), [396](#), [402](#), [430](#), [435](#)

Não violência e não cooperação
Não violência [17](#), [25](#), [66](#), [79](#), [110](#), [193](#), [212](#), [215](#), [219](#), [237-8](#), [251](#), [262](#), [265](#), [287](#), [290](#), [337](#), [340](#), [350](#), [353](#), [356](#), [358](#), [384](#), [389](#), [393](#), [405](#), [414](#), [418](#), [422](#), [424](#), [431](#), [433-4](#)
Não cooperação [156](#), [254-6](#), [262](#), [265](#), [267-9](#), [274](#), [285](#), [351](#), [356](#), [365](#), [423](#)

2ª Guerra Mundial [17](#), [298](#), [335](#)

Ver também: Lei do Registro dos Asiáticos (1907); desobediência civil; *satyagraha*.

Olcott, Henry [64](#)

Oldfield, Josiah [53-4](#), [62](#)

Ollivant, Charles [73-4](#)

Ordem dos Advogados da Inglaterra [248](#), [296](#)

Orissa [365](#), [375](#)

Osho [281](#)

Owen, Robert [139](#)

Pacto de Déli (1931) [299](#) Pahwa, Madanlal [410](#), [414](#)

Palácio de Aga Khan [360](#), [363](#), [368](#), [390](#)

Paquistão [336](#), [349](#), [370-1](#), [373](#), [379-383](#), [400](#), [403](#), [408-410](#), [414](#), [419](#), [426-8](#)

Ver também: partição; Liga

Muçulmana

Panflete Verde [98](#), [100](#)

Parasuram, R.P. [394](#)

Paris [65](#), [310](#)

Pársi [57](#), [79](#), [92](#), [100-2](#), [110](#), [125-6](#), [183](#), [190](#), [196](#), [223](#), [268](#), [308](#), [321](#), [349](#), [354](#)

Partição [9](#), [311](#), [340](#), [367-370](#), [385](#), [398](#), [400-1](#), [408](#), [425-6](#)

Ver também: Paquistão

Partido *Forward Bloc* [351](#)

Partido Swaraj [273](#)

Pashtun [165](#)

Patel, Vithalbhai [242](#), [273](#)

Pethick-Lawrence, Frederick [378-0](#), [381](#), [384](#)

Pilgrim's Progress [15](#)

Pioneer [97-8](#), [100](#)

Platão [162](#), [170](#), [199](#), [203](#)

Pobreza, aceitação da, [19](#), [122](#), [145](#), [182](#), [199](#), [211](#), [429](#), [433-4](#)

Ver também: anti-industrialização; *ashrams*; vestuário; *Hind Swaraj*; *khadi*; *fiação manual*.

Polak, Henry (Harry) [137-8](#), [142-4](#), [156](#), [158](#), [189-190](#), [218](#), [230](#), [252](#), [306](#), [316](#)

Polak, Millie [142](#), [230](#), [261](#)

Polícia [83](#), [95](#), [102-3](#), [130](#), [151](#), [166](#), [189-190](#), [246](#), [268-270](#), [292](#), [299-300](#), [312](#), [369](#), [388-9](#), [397](#), [405-6](#), [415](#)

Porbandar [21-2](#), [29-30](#), [40](#), [73](#), [75](#), [208](#)

Prasad, Rajendra [228](#), [295](#)

Presídio Central de Sabarnati [215](#)

Pretória *ver* África do Sul, Transvaal

Principados [22](#), [26](#), [40](#), [306](#), [335](#), [354-5](#), [359](#), [408](#)

Prisão de Yeravda [271](#)

Protestos do sal [291-4](#), [300](#)

Punjab [258-9](#), [286](#), [336](#), [380](#), [398](#), [400](#), [402](#), [404-7](#)

Pyarelal [14](#), [147-8](#), [215](#), [261-4](#), [280](#), [301](#), [316](#), [322](#), [325](#), [361](#), [381](#), [389-393](#), [396](#), [421](#)

Queixas dos Indianos Britânicosna

África do Sul [97](#)

Racismo [75-83](#), [114](#), [137](#)

África do Sul [78-9](#), [89](#), [152](#), [161](#), [194](#)

Apartheid [183](#), [423](#)

Protestos contra Gandhi [75-82](#)

Ver também África do Sul, Transvaal.

Rai, Lala Rajput [286](#)

Rajagopalachari, Chakravarti [277](#), [311](#), [316](#), [352](#), [356](#), [368-72](#)

Rajagopalachari, Lakshmi [277](#)

Rajasthanic, Corte de, [26](#)

Rajkot [22](#), [26](#), [29](#), [31](#), [38](#), [41-2](#), [71](#), [73](#), [94](#), [97](#), [99](#), [122](#), [125-6](#), [208](#)

Rama/Ramanama [26](#), [30](#), [166](#), [174](#), [180](#), [267](#), [271](#), [374](#), [410-1](#), [412](#), [428](#)

Ramayana [174](#), [180](#), [224](#), [229](#)

Rand Daily Mail [162](#)

Rashtriya Swayamsevak Sangh (RSS) [274](#), [350](#)

Raychandbhai [112](#)

Reading, lorde [265](#)

Reencarnação [18](#), [50](#)

Reforma Morley-Minto (1909) [235](#)

Refugiados [265](#), [386](#), [404](#), [406-7](#), [409](#)

Ver também: tumultos

Reino de Deus, O, [110](#)

Relações hindu-muçulmanas [275](#), [284](#)

Ver também União hindu-muçulmana;

Congresso Nacional Indiano; Khilafat;

Liga Muçulmana; Paquistão; partição;

tumultos

Reino de Deus Está Dentro de Você, O, [110](#)

Relatório Montagu-Chelmsford (1918) [236](#), [242](#)

Relatório Nehru [287](#)

Relatório de Rowlatt [242](#)

Retrato de Dorian Gray [57](#)

Reuters [98](#), [100](#)
Ripon, lorde [88](#), [91](#)
Roberts, Dama Cecília [204](#)
Roberts, lorde [204](#)
Rolland, Romain [278-9](#), [310-1](#)
Rowlatt, Justice Sidney [241](#), [242](#), [250](#)
Ver também Lei de Rowlatt
Ruskin, John [138-9](#), [162](#), [173](#), [198](#), [200](#), [203](#), [245](#), [281](#), [335](#)
Rússia [63](#), [135](#)
Rustomji, Jivanji [102-4](#), [106](#), [140](#)

Sabarnati, Ashram [291](#), [303](#), [319](#), [322](#)
 ver também Ashram Satyagraha
Sacrifício, animal [125](#)
Sadhus [118](#), [266](#)
Salisbury, lorde [49](#)
Salt, Henry [53](#), [66](#)
Samaldas College, Bhavnagar [38](#)
Sanger, Margaret [326](#)
Saneamento e Higiene [40](#), [94](#), [122](#), [169](#), [187](#), [220](#), [321](#)
Sânscrito [33](#), [53](#), [63](#), [175](#), [272](#)
Sarabhai, Ambalal [217](#), [230-2](#), [239](#)
Sarabhai, Anasuya [243](#)
Sastri, Srinivasa [242-3](#)
Sathya, Sai Baba [433](#)
Satyagraha [155-8](#), [167-8](#), [170-1](#), [183](#), [191](#), [193](#), [204](#), [208-9](#), [211](#), [225-6](#), [230](#), [234](#), [243-6](#), [249](#),
 [264](#), [271](#), [273](#), [352](#), [418](#)
 Definição e princípios [193](#)
 Gandhi, Kasturba [170-1](#)
 Lei de Rowlatt [248-250](#), [346](#)
 Protestos, Marcha do Sal [288-299](#)
 2ª Guerra Mundial [335](#)
 Taxação [189](#), [224](#)
 Ver também: Desobediência Civil; Lei
 de Registro de Asiáticos; não violência
Satyagrahana África do Sul [154](#), [271-2](#)
Saúde [243](#), [343](#)
 Cirurgias [244](#), [272](#)
 Constipação [147](#), [282](#)
 Dieta relacionada a doenças [238-9](#)
 Enemas [283](#), [323](#), [325](#), [389](#)
 Ver também: jejum

Savarkar, Vinayak [196](#), [274](#), [369](#), [414](#), [418](#), [420](#)
Schlesin, Sonja [158-9](#), [188](#), [218](#), [266](#)
2ª Guerra Mundial [17](#), [298](#), [335](#), [346-358](#)
Seita Panami [24](#)
Servos da Índia [123](#), [212](#)
Sexualidade [14-5](#), [31-2](#), [36-7](#), [61](#), [96](#), [114](#), [176-180](#), [199](#), [261](#), [390](#), [392](#), [430](#)
 Ejaculação [342](#), [375-6](#), [432](#)
 Experiências [179](#), [212-3](#), [344-5](#), [377-8](#), [389-390](#), [401-2](#), [431-2](#)
Sistema de castas [212](#), [230](#), [276](#), [309](#), [317](#)
 Ver também: compromisso *satyagraha*;
 celibato/castidade
Shah, Kanchan [376](#)
Shah, Munnalal [376](#)
Shaw, George Bernard [307](#)
Sherard, R.H. [200](#)
Shravana [25](#)
Shukla, Dalpatram [54](#)
Shukla, Rajkumar [226-7](#)
Siques [308-9](#), [380](#), [383](#), [400](#), [404](#), [406](#), [409](#), [427](#)
Silêncio, voto do, [265](#), [375](#), [386](#), [401](#), [405](#)
Simla, conferência [372](#), [380](#), [383](#)
Simon, sir John [286](#)
Singh, Bhagat [299](#)
Sistema de castas [21](#), [24](#), [30](#), [94](#), [212](#), [230](#), [276](#), [309](#), [317](#)
 Casamento [21](#), [26](#), [30](#), [275-6](#)
 Gandhi declarado umpária [43](#), [69](#)
 Ver também: *Brâmane*; hinduísmo;
 Modh Bania; intocáveis
Sita [30](#)
Slade, Madeleine ver Mirabein
Smuts, Jan [151](#), [155](#), [162-8](#), [182](#), [187](#), [190-1](#)
 Ver também: Lei de Demonstração
 Asiática
Socialismo [138-9](#), [287](#)
Sociedade Antivivisseccção [50](#)
Sociedade Ética de South Place [142](#)
Sociedade para a Pesquisa Psíquica [50](#)
Sociedade de Satyagraha [244](#)
Sociedade Socialista de Johannesburgo [174](#)
Sociedade Teosófica [50](#), [63-4](#), [110](#)
 Ver também: Annie Besant

Sócrates [162](#), [170](#), [203](#), [305-6](#), [316](#)

Sonata Kreutzer [145](#) Spiegel, Margarete [338](#)

Stent, Vere [116](#)

Sufragistas [159](#), [181](#)

Suíça [310](#)

Suicídio [27](#), [316](#)

Sundara, Ram [160-1](#)

Swan, Maureen [136](#)

Tabaco (Fumo) [23](#), [59-60](#), [136](#), [169](#), [174](#), [330](#), [420](#)

Tagore, Rabindranath [208](#), [213](#), [230](#), [255](#), [257-8](#), [333](#)

Tâmile [92-3](#), [97](#), [99](#), [134](#), [175](#), [185-6](#), [194](#), [421](#)

Ver também: trabalhadores servis

Tata, Ratanji Jamshedji [172](#)

Taxação (Impostos) [11](#), [93](#), [113-4](#), [142-3](#), [186-191](#), [214](#), [225](#), [230](#), [238](#), [243](#), [267](#), [289-91](#), [294](#), [299](#), [312](#), [319](#), [379](#), [386](#)

Ver também: Protestos do sal

Tecidos, estrangeiros [13](#), [256](#), [265-6](#)

Ver também: anti-industrialização;
fiação manual; boicote *swadeshi*

Templo Jagannath Pui [365](#)

Terremoto [332-3](#)

Terrorismo [197](#), [310-1](#), [353](#), [421](#)

Ver também: grupos extremistas;
tumultos; violência

Thakkar, Amritlal V. [395](#)

Thatte, L.G. [369](#)

Thompson, Edward [305](#)

Thoreau, Henry David [160](#), [198](#), [200](#)

Tilak, Bal Gangadhar [99](#), [122-3](#), [152](#), [198](#), [207](#), [222](#), [235](#), [254](#)

Time (revista) [304](#)

Times (jornal) [307](#)

Tolstói [18](#), [110](#), [135-7](#), [162](#), [173](#), [190](#), [198](#), [200](#), [278](#), [281](#), [335](#),

Trabalhadores servis [90](#), [93](#), [97](#), [106](#), [172](#), [183-4](#), [186](#), [189](#), [193](#), [206](#)

Transmigração *ver* reencarnação

Transvaal

Associação Indo-Britânica [129](#), [152](#), [164](#), [166](#)

Condições de Vida indiana [84-5](#)

Dada Abdulla, processo jurídico [82](#), [84](#)

Gandhi encontra racismo [83-86](#)

Lei da Restrição de Imigração [106](#), [168](#)

Opressão indiana [82](#), [86](#), [129](#), [251](#)

Ressentimento dos colonos brancos
contra Indianos [77](#)
Ver também: Lei do Registro de
Asiáticos (1907); Guerra dos Bôeres;
desobediência civil; não violência;
racismo; *satyagraha*; África do Sul
Transvaal Leader [163](#)
Tumultos [267-8](#), [342](#), [387](#)
Comissão anti-Simon [286](#)
Grande Massacre de Calcutá [383](#)
Greve nacional e Amristar [246-248](#)
Pós-independência [403-406](#), [427](#)
Resolução “Saia da Índia” [358](#)
Turquia [225](#), [253](#)
Tyabji, Raihana [207](#)

Últimos Dias de Sócrates [170](#)
União Cristã Esotérica [111](#)
União Hindu-Muçulmana [246](#), [249](#), [265](#), [274-5](#), [341-2](#), [426](#),
União Patriótica Colonial [101](#)
Universidade Hindu de Benares [221](#), [255](#)
Unto This Last (Até Este Fim) [138](#), [142](#), [203](#), [245](#)
Upanishads [110](#)
UPI [397](#)

Vaishnava [34](#)
Vegetarianismo [58](#), [65](#)
Ver também: dieta
Verdade [23](#), [26](#), [28](#), [36](#), [57](#), [62-64](#), [82](#), [84-5](#), [111](#), [123](#), [144](#), [150](#), [154-6](#), [160](#), [167](#), [170](#), [184](#),
[194](#), [199](#), [204](#), [212](#), [273](#), [279](#), [283](#), [308](#), [331](#), [381](#), [388](#), [389](#), [393](#), [402](#), [412](#), [418](#), [431-435](#)
Ver também: compromisso com
o brahmacharya; não violência;
satyagraha
Vestuário [13](#), [28](#), [44](#), [72](#), [434](#)
Dhoti [13](#), [206-7](#), [264](#), [266](#), [291](#), [321](#), [379](#), [388](#)
Europeu [41](#), [56](#), [89](#), [91](#), [190](#), [205](#)
Khadi [256](#), [258-9](#), [265-6](#), [273-4](#), [386](#),
Sunga [266-7](#), [298](#), [302](#), [311](#)
Trabalhadores rurais [174](#), [190](#), [205](#)
Traje pársi [99](#), [126](#), [190](#)
Ver também: fiação manual
Vila Beach Grove [89](#), [94](#), [106-7](#)

Violência, opiniões de Gandhi sobre a
violência
comunitária [246](#), [342](#), [384-8](#), [400-1](#), [426](#)
Grupos extremistas [196](#), [221](#), [414](#)
Ver também: desobediência civil; não
violência; tumultos; *satyagraha*; guerras

Vitória, rainha [49](#), [94](#)

Vohra, Gulab [133](#)

Votos (compromissos) [41-2](#), [66](#), [434](#)
Ver também: *brahmacharya*; jejum;
silêncio; fiar manualmente

Vyavaharik, Madanjit [134](#)

Wavell, lorde [366-372](#), [379-384](#), [397-399](#)

West, Albert [139-141](#), [346](#)

What is to be done? (O que há de ser feito?) [201](#)

White Slaves of England (Escravos brancos da Inglaterra) [200](#)

Wilde, Oscar [57](#)

Willingdon, lorde [207-8](#), [312](#), [319](#)

Wyatt, Woodrow [384](#)

Wyllie, sir Curzon [195](#)

Young India [15](#)

Zoroastrismo [57](#)

Ver também: Pársi

Zulus [114](#), [143-4](#)



Powered by



- 1 *Collected Works of Mahatma Gandhi* (Nova Deli: Divisão de Publicações, Ministério da Informação e Divulgação, Governo da Índia, vols. 1-100)–1958-97–CW 80 p. 209. c. 30 de maio de 1945.

2 Gandhi explicou o título que lhe fora atribuído: “A palavra ‘Mahatma’ foi invocada a fim de ficar inebriado com ela e cometer os piores crimes. Para mim, essa palavra cheira mal e, quando alguém insiste que todos devam me chamar de ‘Mahatma’, eu fico enojado a ponto de saturação, e a vida torna-se insuportável”. Mahadev Desai *Day to Day with Gandhi: Secretary’s diary* vol. 4 1968-9 (Varanasi: Sarva Seva Sangh Prakashan) p. 152, 31 de agosto de 1924. O título de “Mahatma” é evitado nesta biografia bem como outros títulos honoríficos como *pandit*, *maulana*, *sardar*, etc.

3 Thomas Weber. *On the Salt March* (Nova Deli: HarperCollins), 1997, conta a historiografia do evento.

4 CW 90. Introdução.

- 5 M.K. Gandhi. *An Autobiography or The Story of My Experiments with Truth* (Londres: Penguin), 1982, p. 16.

6 *CW* 8, 8 de fevereiro de 1908.

7 Sushila Nayar. *Mahatma Gandhi*, vol. 7 *Preparing for Swaraj* (Ahmedabad: Navajivan), 1996, p. 19.

8 *CW* 21, p. 61, 6 de outubro de 1921.

9 *CW* 51, p. 343, 4 de novembro de 1932.

[10](#) CW 80, p. 77, 6 de maio de 1945.

[11](#) Pyarelal. *Mahatma Gandhi* vol. 9 *The Last Phase*, parte 1 (Ahmedabad: Navajivan), 1997, p. 60.

[12](#) CW 55, p. 61, 29 de abril de 1933.

[13](#) CW 70, p. 203, 25 de setembro de 1939.

[14](#) CW 70, p. 181, 18 de setembro de 1939.

15 M.K. Gandhi *Hind Swaraj or Indian Home Rule* (Ahmedabad: Navajivan), 1938, p. 53.

[16](#) *CW* 9, p. 446, 1º de outubro de 1909.

17 *Autobiografia*, p. 14.

[18](#) CW 23, p. 349, 3 de abril de 1924.

[1](#) *CW* 1, p. 40, 4 de abril de 1991.

[2](#) *Autobiografia*, p. 19.

3 *Autobiografia*, p. 15.

4 V.G. Desai *The Diary of Mahadev Desai* (Ahmedabad: Navajivan). Vol. 1, p. 51, 1953.

5 *Autobiografia*, p. 20 e passim.

6 Pyarelal. *Mahatma Gandhi*, vol. 1 *The Early Phase* (Ahmedabad: Navajivan), 1965 citando *Young India*, 27 de abril de 1921.

⁷ Pyarelal. *Early Phase*, p. 215.

8 *Autobiografia*, p. 23 e passim.

9 Arun Gandhi. *Daughter of Midnight: The Child Bride of Gandhi* (Londres: Blake), 1998, p. 12.

[10](#) *Autobiografia*, p. 26; outros detalhes íntimos do casamento, *passim*.

[11](#) *Autobiografia*, p. 35.

[12](#) CW 72, p. 127 depois de 3 de junho de 1940.

[13](#) CW 72, p. 127 depois de 3 de junho de 1940.

14 *Autobiografia*, p. 37.

15 *Autobiografia*, p. 41.

[16](#) Pyarelal. *Early Phase*, p. 44 e passim.

17 *Inns of Court* no original inglês. (N. do T.)

[18](#) *CW* 1, p. 54, 13 de junho de 1891.

19 *Autobiografia*, p. 51.

[20](#) *CW* 1, p. 57, 13 de junho de 1891.

[21](#) *CW* 1, p. 4 (versão digital, não está na primeira edição de *CW*), 12 de novembro de 1888.

[22](#) *Autobiografia*, p. 51 e passim.

[23](#) *CW* 1, p. 58, 13 de junho de 1891.

24 *Autobiografia*, p. 53.

[25](#) *CW* 1, p. 59, 13 de junho de 1891.

26 *Autobiografia*, p. 54.

[27](#) *CW* 1, p. 10 (versão digital), 4 de setembro de 1888.

¹ *Autobiografia*, p. 58.

[2](#) *Autobiografia*, p. 87.

3 *Autobiografia*, p. 59.

[4](#) James D. Hunt. *Gandhi in London* (Nova Deli: Promilla & Co.), 1978, p. 27..

5 Pyarelal. *Early Phase*, p. 262.

6 *CW* 1, p. 32, 28 de fevereiro de 1891.

7 *Autobiografia*, p. 67.

8 *Autobiografia*, p. 63.

9 Guy A. Aldred. “Gandhi, Pacifism and India”, em *Gandhi Murder Trial: The Word Quarterly*, primavera de 1950, p. 6.

[10](#) Pyarelal, *Early Phase*, p. 252, e *Autobiografia*, p. 63.

[11](#) Pyarelal, *Early Phase*, p. 252.

[12](#) Hunt. *Gandhi* p. 7.

13 Pyarelal. *Mahatma Gandhi*, vol. 3. *The Birth of Satyagraha: From Petitioning to Passive Resistance* (Ahmedabad: Navajivan), 1986, p. 114.

[14](#) Mahadev Desai. *Day to Day with Gandhi* (Varanasi: Sarva Seva Sangh Prakashan), 1968-9, vol. 4, p. 243.

15 Munni Rawal. *Dadabhai Naoroji: A Prophet of Indian Nationalism* (Nova Deli: Anmol Publications), 1989, p. 13.

16 Rawal. *Prophet*, p. 14.

17 *Autobiografia*, p. 69.

[18](#) CW 1, p. 29, 21 de fevereiro de 1891.

19 A.F. Hills. *Essays on Vegetarianism* (Londres: Ideal Publishing Union), 1894, p. 247.

20 Hills. *Vegetarianism*, p. 79.

[21](#) Hills. *Vegetarianism*, p. 81.

[22](#) *Autobiografia*, p. 70.

23 *Autobiografia*, p. 80.

24 *Autobiografia*, p. 75.

[25](#) CW 16, p. 201, 1º de outubro de 1919.

26 Hunt. *Gandhi*, p. 34.

[27](#) CW 93, p. 228, 3 de janeiro de 1947.

28 *Autobiografia*, p. 93.

[29](#) *CW* 1, p. 52, 13 de junho de 1891.

[30](#) *CW* 1, p. 87, 28 de abril de 1894.

[31](#) *CW* 1, p. 64, 9 de abril de 1892.

[1](#) Arun Gandhi. *Daughter of Midnight: The Child Bride of Gandhi* (Londres: Blake), 1998, p. 46, e *Autobiografia*, p. 92.

[2](#) *Autobiografia*, p. 95.

3 *Autobiografia* p. 98.

⁴ *Autobiografia*, p. 101 e passim.

5 Pyarelal. *Early Phase*, p. 298.

6 *Autobiografia*, p. 115.

7 *Autobiografia*, p. 120.

8 *Autobiografia*, p. 133.

9 Pyarelal. *Early Phase*, p. 303.

10 *Autobiografia*, p. 126.

[11](#) *Autobiografia*, p. 126.

[12](#) *Autobiografia*, p. 137.

13 Maureen Swan. *Gandhi: The South African Experience* (Johannesburgo: Raven Press), 1985, p. 49.

14 *Autobiografia*, p. 138.

15 *CW* 2, p. 74. Palestra em Bombaim 26 de setembro de 1896. Um mês depois, ele usou a mesma noção, referindo-se à “política de degradar os indianos ao nível do mais grosseiro *Kafir*”. *CW* 2, p. 100.

[16](#) *CW* 1, p. 202. Petição a Lorde Ripon, maio de 1895.

17 M.K. Gandhi *Satyagraha in South Africa* (Ahmedabad: Navajivan), 1950, p. 9.

18 *Autobiografia*, p. 200.

19 *Autobiografia*, p. 151.

20 Swan. *Experience*, p. 47.

[21](#) CW 2, p. 317, antes de 21 de maio de 1897.

[22](#) *Autobiografia*, p. 153.

[23](#) *Autobiografia*, p. 159.

[24](#) CW 72, p. 127, depois de 3 junho de 1940.

25 *Autobiografia*, p. 157.

26 Pyarelal. *Mahatma Gandhi*, vol. 2. *The Discovery of Satyagraha — On the Threshold* (Ahmedabad: Navajivan), 1980, p. 6.

27 Gandhi. *Satyagraha*, p. 47.

28 *Autobiografia*, p. 181.

29 Swan. *Experience*, p. 66.

30 *Autobiografia*, p. 183.

31 *Autobiografia*, p. 191.

[32](#) *Autobiografia*, p. 255-6.

33 *Autobiografia*, p. 202.

[34](#) CW 1, p. 165-6, 1º de fevereiro de 1895.

[35](#) CW 1, p. 139, 3 de dezembro de 1894.

[36](#) CW 1, p. 166, 1º de fevereiro de 1895.

[37](#) CW 1, p. 90, junho de 1894.

38 *Autobiografia*, p. 194.

[39](#) Vere Stent citado em Apêndice VII de C.F. Andrews *Mahatma Gandhi's Ideas* (Londres: Allen & Unwin), 1931, p. 364.

40 *Autobiografia*, p. 209.

[1](#) M.K. Gandhi, *Gokhale, My Political Guru* (Ahmedabad: Navajivan), 1955, p. 47.

[2](#) *CW* 3, p. 214, 27 de dezembro de 1901.

3 *Autobiografia*, p. 222.

[4](#) *Autobiografia*, p. 226.

5 *Autobiografia*, p. 232.

6 A solução derradeira foi um arranjo confuso pelo qual a África do Sul se tornou um domínio do Império Britânico, mas cada uma das quatro colônias manteve a sua própria capital, legislação e administradores.

⁷ Gandhi. *Satyagraha*, p. 78.

8 *Autobiografia*, p. 245.

9 *CW* 6, p. 430 c., abril 1907. De fato, ele afirma: “Minha família inclui todos os seres vivos”.

10 Pyarelal. *Mahatma Gandhi*, vol. 3. *The Birth of Satyagraha: From Petitioning to Passive Resistance* (Ahmedabad: Navajivan), 1986, p. 370.

[11](#) CW 5, p. 334, 27 de maio de 1906.

[12](#) Pyarelal. *Birth*, p. 358.

13 Pyarelal. *Birth*, p. 26.

14 Pyarelal. *Birth*, p. 439.

[15](#) CW 6, p. 308, *Indian Opinion*, 2 de fevereiro de 1907.

[16](#) CW 6, p. 270, 5 de janeiro de 1907.

17 *Autobiografia*, p. 85.

18 Swan. *Experience*, p. 112.

[19](#) CW 3, p. 453, 24 de setembro de 1903.

20 *Autobiografia*, p. 274.

[21](#) Pyarelal. *Birth*, p. 435.

[22](#) CW 96, p. 32, 14 de novembro de 1909.

23 *Autobiografia*, p. 289.

[24](#) Gandhi. *Satyagraha*, p. 91, e *Autobiografia*, p. 289.

25 Desai. *Day to Day*, vol. 4, p. 249.

[26](#) CW 7, p. 457. *Indian Opinion*, 28 de dezembro de 1907.

[27](#) *Autobiografia*, p. 197.

28 *Autobiografia*, p. 299.

29 *Autobiografia*, p. 23.

[30](#) *CW* 5, p. 34, 27 de outubro de 1906.

[31](#) Pyarelal. *Mahatma Gandhi*, vol. 1. *The Early Phase* (Ahmedabad: Navajivan), 1965, p. 550.

[32](#) *CW* 9, p. 230, 29 de maio de 1909.

[33](#) CW 96, p. 13, 3 de julho de 1909.

[1](#) Louis Fischer. *The Life of Mahatma Gandhi* (Londres: Jonathan Cape), 1951, p. 72.

[2](#) Lionel Curtis. *Civitas Dei* (Londres: Macmillan), 1934-7, vol. 1, p. 164.

3 J.C. Sits. *Jan Christian Smuts* (Londres: Cassell).

[4](#) *CW* 5, p. 417, 9 de setembro de 1906.

[5](#) *CW* 5, p. 441, 22 de setembro de 1906.

6 Gandhi. *Satyagraha*, p. 97.

⁷ *CW* 7, p. 72, 6 de julho de 1907.

8 *CW* 4, p. 105, 14 de janeiro de 1904.

9 Gandhi. *Satyagraha*, p. 101.

[10](#) Sushila Nayar. *Mahatma Gandhi*, vol. 4. *Satyagraha at Work* (Ahmedabad: Navajivan), 1989, p. 122.

[11](#) CW 96, pp. 9, 25, 21 de junho de 1909 e 30 de agosto de 1909.

[12](#) Nayar. *Satyagraha at Work*, p. 463.

[13](#) CW 96, pp. 25, 26, 30 de agosto de 1909 e 10 de setembro de 1909.

14 Gandhi. *Satyagraha*, p. 165.

[15](#) CW 8, p. 24, nota referente a 10 de janeiro de 1908.

[16](#) CW 84, p. 295, 6 de junho de 1946.

¹⁷ George Paxton. *Sanja Schlesin: Gandhi's South African Secretary* (Glasgow: Pax Books), 2006, p. 10. O discurso de Schlesin foi, na realidade, lido por Gandhi.

[18](#) CW 6, p. 30, 26 de outubro de 1906.

[19](#) CW 6, p. 336, 23 de fevereiro de 1907.

[20](#) *CW* 7, p. 230, 14 de setembro de 1907.

[21](#) *CW* 8, pp. 3-4, 4 de janeiro de 1908.

[22](#) CW 8, p. 99, 22 de fevereiro de 1908.

[23](#) Gandhi. *Satyagraha*, p. 141.

24 Reproduzido em *CW* 7 oposto à p. 441.

[25](#) CW 7, p. 443, 21 de dezembro de 1907.

26 Swan. *Experience*, p. 162.

[27](#) Sarah Gertrude Millin. *General Smuts*, vol. 1 (Londres: Faber & Faber), 1936, p. 238.

28 Gandhi. *Satyagraha*, p. 147.

29 Idem.

30 Gandhi. *Satyagraha*, p. 157.

[31](#) *CW* 9, p. 149, 16 de janeiro de 1909.

[32](#) CW 8, p. 120, 76 de março de 1908.

[33](#) CW 8, p. 135, 7 de março de 1908.

[34](#) CW 9, p. 161, 23 de janeiro de 1909.

35 Arun Gandhi, *Daughter of Midnight: The Child Bride of Gandhi* (Londres: Blake), 1998, p. 158.

[36](#) CW 10, p. 447, carta para Maganlal 9 de março de 1911.

[37](#) CW 96, pp. 182-3, para Kallenbach 12 de abril de 1914.

38 Gandhi. *Satyagraha*, p. 214.

39 Henri Troyat. *Tolstoy* (Londres: Penguin), 1970, p. 874. Gandhi imprimiu e distribuiu uma longa carta de Tolstói como “Carta a um hindu”; a carta criticava os indianos por sua tolerância em aceitar o domínio britânico.

40 Gandhi. *Satyagraha*, p. 222.

[41](#) Gandhi. *Satyagraha*, p. 217.

⁴² CW 10, p. 282, 2 de julho de 1910.

⁴³ *Autobiografia*, p. 309.

[44](#) Narendra Singh Sarila. *Once a Prince of Sarila* (Londres: I.B. Tauris), 2008, p. 30; Gandhi. *Satyagraha*, p. 242.

45 Gandhi. *Satyagraha*, p. 223.

⁴⁶ CW 9, p. 495, 22 de outubro de 1909.

⁴⁷ CW 12, p. 190, 18 de setembro de 1913.

[48](#) CW 10, p. 429, 5 de março de 1911.

49 Arun Gandhi. *Daughter of Midnight*, p. 175.

50 CW 11, p. 78, 18 de maio de 1911.

[51](#) Sushila Nayar. *Mahatma Gandhi*, vol. 5. *India Awakened* (Ahmedabad: Navajivan), 1994, p. 243.

52 *Autobiografia*, p. 313. Ao se lembrar dos jejuns, trinta e cinco anos mais tarde, ele escreveu: “Manilal foi culpado de um grave erro pelo qual eu jejuei durante sete dias e deixei de comer uma refeição todos os dias durante um ano. Jejuei durante catorze dias por causa de Jeki”. CW 72, p. 143, c. 6 de junho de 1940.

53 Nayar. *Satyagraha at Work*, p. 599.

[54](#) CW 12, p. 410, 22 de abril de 1914.

55 *CW* 96, p. 189, 13 de maio de 1914.

56 Kathryn Tidrick *Gandhi: A Political and Spiritual Life* (Londres: I.B. Tauris), 2006, p.97.

[57](#) CW 6, p. 431, c. 20 de abril de 1907.

58 Yogesh Chadha. *Rediscovering Gandhi* (Londres: Century), 1997, p. 145.

59 Arun Gandhi. *Daughter of Midnight*, p. 167.

60 Gandhi. *Satyagraha*, p. 227.

61 Arun Gandhi. *Daughter of Midnight*, p. 176.

62 Gandhi. *Satyagraha*, p. 244.

63 Gandhi. *Satyagraha*, p. 257.

64 Gandhi. *Satyagraha*, p. 259.

65 *CW* 96, p. 150, 23 de outubro de 1913.

66 Chadha. *Rediscovering*, p. 183.

67 Gandhi. *Satyagraha*, p. 271.

68 C.F. Andrews. *Mahatma Gandhi's Ideas* (Londres: Allen & Unwin), 1931, p. 194.

69 Chadha. *Rediscovering*, p. 191.

[1](#) Gandhi. *Hind Swaraj*, p. ix.

[2](#) Chadha. *Rediscovering*, p. 146.

[3](#) *CW* 9, p. 508, 30 de outubro de 1909.

[4](#) *CW* 10, p. 245, 11 de dezembro de 1909.

5 Erik H. Erikson. *Gandhi's Truth: On the Origins of Militant Nonviolence* (Londres: Faber & Faber), 1970, p. 217.

6 Gandhi. *Hind Swaraj*, p. ix.

7 Gandhi. *Hind Swaraj*, p.xii.

8 Gandhi. *Hind Swaraj*, pp. xi, 183.

9 Gandhi. *Hind Swaraj*, p. 59.

10 Gandhi. *Hind Swaraj*, p. 88.

[11](#) Nayar. *Satyagraha at Work*, p. 497.

[12](#) Gandhi. *Hind Swaraj*, pp. 131, 142 & 143.

[13](#) CW 37, p. 380, 21 de outubro de 1928.

[14](#) *CW* 43, p. 40, em ou antes de 11 de março de 1930.

15 Shyamji Krishnavarma. *Indian Sociologist*, outubro de 1913, p. 3.

16 Sushila Nayar. *Mahatma Gandhi*, vol. 6. *Salt Satyagraha: The Watershed* (Ahmedabad: Navajivan), 1995, p. 402.

[17](#) CW 10, p. 245, 7 de maio de 1910.

[18](#) Sushila Nayar. *Mahatma Gandhi*, vol. 5. *India Awakened* (Ahmedabad: Navajivan), 1994, p. 7.

[19](#) CW 12, p. 524, 8 de agosto de 1914.

[20](#) CW 12, p. 39, 19 de abril de 1913.

[21](#) Stanley Wolpert. *Jinnah of Pakistan* (Nova Deli: OUP), 2005, p. 37.

[22](#) Ved Mehta. *Mahatma Gandhi and His Apostles* (Londres: Penguin), 1977, p. 211.

23 *Autobiografia*, p. 340.

24 Gandhi. *Hind Swaraj*, p. v.

[25](#) CW 96, p. 203, 2 de março de 1915.

[26](#) CW 12, p. 410, 22 de abril de 1914.

[27](#) *Autobiografia*, p. 352.

28 *Autobiografia*, p. 353.

[29](#) CW 13, p. 54, 22 de abril de 1915.

[30](#) CW 13, p. 38, depois de 14 de março de 1915.

31 *Autobiografia*, p. 358.

[32](#) C.F. Andrews. *Mahatma Gandhi's Ideas* (Londres: Allen & Unwin), 1931, pp. 101, 105. A resposta de Gandhi é da versão mais refinada: *CW* 13, p. 229 “Speech on Ashram Vows”.

[33](#) CW 12 pp. 46, 50, 51, 26 de abril de 1913.

34 “A castidade subverte a relação sexual quando apresentada como um estado superior à intimidade sexual. Isso, de fato, faz com que os casais cedam mais a seus gurus do que entre si mesmos. Os gurus podem exercer controle sobre seus seguidores nas áreas mais básicas decretando se a relação sexual é permitida, se os casais podem coabitar e até se podem procriar e como educar os filhos.” Joel Kramer e Diana Alstad. *The Guru Papers: Masks of Authoritarian Power* (Berkeley: Frog Ltd.). 1993. p. 92.

35 Pyarelal. *Early Phase*, p. 15.

[36](#) CW 13, p. 232. “Speech on Ashram Vows”, 16 de fevereiro de 1916.

37 *Autobiografia*, p. 359.

[38](#) *CW 13*, p. 127, 3 de setembro de 1915.

[39](#) CW 50, p. 222, 11 de julho de 1932.

[40](#) Erikson. *Gandhi's Truth*, p. 311.

⁴¹ CW 96, p. 237, 24 de junho de 1916.

[42](#) Arun Gandhi. *Daughter of Midnight*, p. 212.

⁴³ CW 96, p. 240, 10 de setembro de 1916.

[44](#) Nathuram Godse. *Why I Assassinated Mahatma Gandhi* (Nova Deli: Surya Bharti Parkashan) 1993, p. 63.

⁴⁵ CW 13, p. 214, 6 de fevereiro de 1916.

[46](#) Raojibhai Patel. *Hind Ke Sardar* (Ahmedabad: Navajivan), 1972, p. 33.

47 Nayar. *India Awakened*, p. 147. Dizem que Tagore foi o primeiro a usar o termo; sem dúvida, isso deve ter ocorrido a muitas pessoas ao mesmo tempo.

48 *Autobiografia*, p. 373.

[49](#) Erikson. *Gandhi's Truth*, p. 299 de sua entrevista com Ambalal Sarabhai.

50 CW 14, p. 256, 15 de março de 1918.

[51](#) CW 14, p. 263, 17 de março de 1918.

52 Erikson. *Gandhi's Truth*, p.352.

53 Erikson. *Gandhi's Truth*, p. 356.

54 Anthony Read e David Fisher. *The Proudest Day: India's Long Road to Independence* (Londres: Jonathan Cape), 1997, p. 134.

55 Rajmohan Gandhi. *Gandhi: The Man, His People and the Empire* (Londres: Haus), 2007, p. 194.

56 *Autobiografia*, p. 403.

57 CW 14, p. 438, 21 de junho de 1918.

58 CW 14, p. 440, 22 de junho de 1918.

[59](#) CW 13, p. 483, 14 de julho de 1918.

60 CW 14, p. 171, 24 de janeiro de 1918.

61 *Autobiografia*, p. 405.

62 Nayar. *India Awakened*, p. 235.

[63](#) CW 15, p. 70, 10 de janeiro de 1919.

64 *CW* 15, p. 65, 26 de novembro de 1918.

¹ *CW* 15, p. 87, 9 de fevereiro de 1919.

[2](#) *Autobiografia*, p. 413.

³ Nayar. *India Awakened*, p. 262.

[4](#) *CW* 15, p. 195, 7 de abril de 1919.

5 *Autobiografia*, p. 425.

6 Jawaharalal Nehru. *An Autobiography* (Londres: Bodley Head), 1953, p. 35.

⁷ Jad Adams e Phillip Whitehead. *The Dynasty: The Nehru-Gandhi Story* (Londres: Penguin), 1997, p. 55.

8 Vijaya Lakshmi Pandit. *The Scope of Happiness* (Londres: Weidenfeld & Nicolson), 1979, p. 63.

9 Pandit. *Happiness*, p. 73.

[10](#) Nehru. *Autobiography*, pp. 45, 46.

[11](#) Nehru. *Autobiography*, p. 54.

[12](#) CW 31, p. 369, 8 de setembro de 1926.

[13](#) CW 96, p. 274, 17 de junho de 1920.

14 Desai. *Day to Day*, vol. 2 1968, p. 154.

15 Desai. *Day to Day*, vol. 2, p. 163.

16 C.F. Andrews. *Mahatma Gandhi's Ideas* (Londres: Allen & Unwin), 1931, p. 360.

[17](#) CW 18, p. 104, 1º de agosto de 1920.

[18](#) CW 19, p. 30, 26 de novembro de 1920.

19 Stanley Wolpert. *Jinnah of Pakistan* (Nova Deli: OUP), 2005, p. 70.

20 Rabindranath Tagore. “The Cult of the Chakra.” *Modern Review*, setembro de 1925.

[21](#) CW 18, p. 130, 10 de agosto de 1920.

[22](#) CW 16, p. 497, 23 de janeiro de 1920.

[23](#) CW 16, p. 375, 2 de maio de 1920.

[24](#) CW 17, p. 366, 1º de maio de 1920.

25 Margaret Sanger. “A Summit Meeting on Birth Control”, em Norman Cousins (ed.). *Profiles of Gandhi: America Remembers a World Leader* (Nova Deli: Indian Book Company), 1969, p. 39.

[26](#) CW 19, p. 138, 17 de dezembro de 1920.

[27](#) Millie Polak em Chandrashanker Shukla (ed.) *Gandhiji as We Know Him* (Bombaim: Vora & Co.), 1945, p. 47.

28 Pyarelal. *Mahatma Gandhi* vol. 1 *The Early Phase* (Ahmedabad: NBavajivan), 1965, p. 8.

29 Pyarelal. *Early Phasem*, p. 7.

30 Pyarelal. *Early Phase*, p. 10.

31 Pyarelal. *Early Phase*, p. 12.

[32](#) Pyarelal. *Early Phase*, p. 12.

33 Pyarelal. *Early Phase*, p. 12.

[34](#) Hugh Tinker. *Viceroy: Curzon to Mountbatten* (Karachi: OUP), 1997, p. 94.

35 Nayar. *India Awakened*, p. 354.

[36](#) CW 20, pp. 381-2, 17 de julho de 1921.

37 Nayar. *India Awakened*, p. 355.

[38](#) CW 47, p. 307, 18 de agosto 1931.

[39](#) CW 21, p. 183, 22 de setembro de 1921.

[40](#) CW 18, p. 235, 8 de setembro de 1920.

[41](#) B.R. Nanda. *Mahatma Gandhi: A Biography* (Nova Deli: OUP), 1996, p. 234.

[42](#) CW 22, p. vii, 8 de fevereiro de 1922.

[43](#) Nehru. *Autobiography*, pp. 81-2.

[44](#) Nehru. *Autobiography*, p. 85.

⁴⁵ CW 23, pp. 118-19, 18 de março de 1922.

- 1 Sushila Nayar. *Mahatma Gandhi*, vol. 5 *India Awakened* (Ahmedabad: Navajivan), 1994, p. 411.

[2](#) *CW* 23, p. 93, 13 de março de 1922.

³ Nayar. *Salt Satyagraha*, p. 413.

[4](#) *CW* 25, p. 200, 22 de setembro de 1924.

[5](#) *CW* 35, p. 229, 3 de abril de 1926.

6 *CW* 33, p. 55, 8 de fevereiro de 1927.

⁷ *CW* 13, p. 277, 5 de junho de 1916.

8 *CW* 13, p. 301, antes de outubro de 1916.

9 *CW* 21, p. 188, 23 de setembro de 1921.

10 Mehta. *Mahatma Gandhi*, p. 48.

[11](#) Mehta. *Mahatma Gandhi*, p. 51.

[12](#) Romain Rolland. *Mahatma Gandhi* (Nova York: Century Co.), 1924, p. 3.

13 Rolland. *Mahatma Gandhi*, p. 239.

14 M.K. Gandhi. *Bapu's Letters to Mira* (Ahmedabad: Navajivan), 1949, p.5.

[15](#) CW 29, p. 298, 4 de dezembro de 1925.

[16](#) CW 41, p. 78, 24 de junho de 1929.

[17](#) CW 47, p. 49, 24 de junho de 1931.

[18](#) CW 49, p. 157, 25 de fevereiro de 1932.

[19](#) Sushila Nayar. *Mahatma Gandhi* vol. 5 *India Awakened* (Ahmedabad: Navajivan), 1994, p. 243.

20 Mehta. *Mahatma Gandhi*, p. 7.

[21](#) Mehta. *Mahatma Gandhi*, p. 213. Não havia tantas garotas europeias próximas a Gandhi na África do Sul; deve suspeitar-se de que essa pessoa fosse Sonja Schlesin.

[22](#) Mehta. *Mahatma Gandhi*, p. 50.

[23](#) CW 36, p. 261, 26 de abril de 1928.

[24](#) *CW* 40, p. 210, 8 de abril de 1929.

25 Nayar. *Salt Satyagraha*, p. 201.

[26](#) CW 26, p. 244, 7 de março de 1925.

[27](#) Mehta. *Mahatma Gandhi*, p. 216.

[28](#) Adams e Whitehead, *Dynasty*, p. 79.

29 Tinker. *Viceroy* p. 116.

[30](#) CW 1, p. 25, 7 de fevereiro de 1891.

[31](#) CW 11, p. 169, 22 de outubro de 1911.

[32](#) CW 43, p. 5, 2 de março de 1930.

[33](#) CW 43, p. 5, 2 de março de 1930.

[34](#) Nayar. *Salt Satyagraha*, p. 236.

35 Thomas Weber. *On the Salt March: The Historiography of Gandhi's March to Dandi* (Nova Deli: HarperCollins), 1997, p. 224.

36 Nayar. *Salt Satyagraha*, p. 257.

[37](#) CW 43, p 420, 25 de maio de 1930.

38 Chadha. *Rediscovering*, p. 296.

39 Chadha. *Rediscovering*, p. 297.

[40](#) CW 51, p. 71, 26 de janeiro de 1931.

[41](#) Adams e Whitehead. *Dynasty*, p. 89.

[42](#) Martin Gilbert. *Winston S. Churchill*, vol. 5 1922-1939 (Londres: Heinemann), 1976, p. 390.

[43](#) Gilbert. *Churchill*, pp. 356-7.

[44](#) Earl Birkenhead. *Halifax* (Londres: Hamish Hamilton), 1965, p. 299.

45 Birkenhead. *Halifax*, p. 299.

[46](#) Andrew Roberts. *The Holy Fox: A Life of Lord Halifax* (Londres: Papermac), 1991, p. 39.

[47](#) Tinker. *Viceroy*, p. 122.

48 Nehru. *Autobiography*, p. 258.

¹ *CW* 47, p. 384, 29 de agosto de 1931.

[2](#) *CW* 47, p. 133, antes de 15 de julho de 1931.

3 John Haynes Holmes em Chandrashanker Shukla (ed.) *Gandhiji As We Know Him* (Bombaim: Vora & Co.), 1945, p. 99.

[4](#) *CW* 47, pp. 119-20, 9 de julho de 1931.

5 Muriel Lester. *Entertaining Gandhi* (Londres: Ivor Nicholson & Watson), 1932, p. 241.

6 James D. Hunt. *Gandhi in London* (Nova Deli Promilla & Co.), 1978, p. 200.

⁷ Lester. *Entertaining*, p. 69.

8 Hunt. *Gandhi*, p. 213.

[9](#) *The Times*. Obituário de 31 de janeiro de 1948, p. 6.

[10](#) *CW* 48, pp. 272-3, 6 de novembro de 1931.

[11](#) CW 48, pp. 297-8, 13 de novembro de 1931.

[12](#) Louis Fischer. *The Life of Mahatma Gandhi* (Londres: Jonathan Cape), 1951, p. 319.

[13](#) Tinker. *Viceroy*, p. 130.

[14](#) V.G. Desai. *The Diary of Mahadev Desai*, vol. 1 (Ahmedabad: Navajivan), 1953, p. 130.

[15](#) *CW 50*, p. 383, 18 de agosto de 1932.

16 B.R. Ambedkar. *What Congress and Gandhi Have Done to the Untouchables* (Bombaim: Thacker & Co.), 1945, p. 85.

17 Nehru. *Autobiography*, p. 370.

[18](#) Ambedkar. *Untouchables*, p. 313.

[19](#) CW 50, p. 102, 20 de setembro de 1932.

20 Pyarelal. *The Epic Fast* (Ahmedabad Mohanlal Maganlal Bhatt), 1932, p. 49.

[21](#) Ambedkar. *Untouchables*, p. 88.

[22](#) Ambedkar. *Untouchables*, p. 260.

[23](#) CW 52, p. 312, 31 de dezembro de 1932.

[24](#) CW 53, p. 3, 11 de janeiro de 1933.

[25](#) CW 62, p. 121, 16 de novembro de 1935.

[26](#) Sushila Nayar. *Mahatma Gandhi*, vol. 7. *Preparing for Swaraj* (Ahmedabad: Navajivan), 1996, p. 5.

27 Mehta. *Mahatma Gandhi*, p. 7.

28 Mehta. *Mahatma Gandhi*, p. 11.

[29](#) CW 61, p. 36, 21 de setembro de 1935.

30 Mehta. *Mahatma Gandhi*, p. 13.

31 Mehta. *Mahatma Gandhi*, p. 203.

[32](#) Mehta. *Mahatma Gandhi*, p. 200.

33 Mehta. *Mahatma Gandhi*, p. 14.

[34](#) CW 13, p. 301, antes de outubro de 1916.

35 Desai em Shukla (ed.). *Gandhiji*, p. 123.

36 Margaret Sanger. *An Autobiography* (Londres: Victor Gollancz), 1939, p. 458.

37 Mehta. *Mahatma Gandhi*, p. 54.

38 Nehru. *Autobiography*, p. 514.

[39](#) CW 62, p. 159, 3-4 de dezembro de 1935.

40 Sanger. *Autobiography*, p. 460.

⁴¹ CW 62, p. 212, 29 de fevereiro de 1936.

[42](#) CW 62, p. 372, 6 de maio de 1936.

⁴³ CW 62, pp. 428-9, 21 de maio de 1936.

[44](#) CW 59, p. 111, 3 de outubro de 1934.

⁴⁵ CW 61, p. 37, 5 de maio de 1935.

⁴⁶ CW 63, p. 7, 6 de junho de 1936.

⁴⁷ CW 64, p. 253, 16 de janeiro de 1937.

[48](#) CW 64, p. 37, 13-14 de novembro de 1936.

[49](#) CW 57, p. 44, 24 de janeiro de 1934.

[50](#) CW 57, p. 51, 26 de janeiro de 1934.

[51](#) CW 57, p. 87, 2 de fevereiro de 1934.

[52](#) CW 57, p. 392, 15 de abril de 1934.

[53](#) CW 59, p. 4, 17 de setembro de 1934.

[54](#) CW 59, pp. 214, 218 23 de outubro de 1934.

55 *CW* 65, p. 231, 22 de maio de 1937.

[1](#) CW 68, pp. 203-4, 12 de dezembro de 1938.

[2](#) *CW* 68, pp. 137-8, 20 de novembro de 1938.

[3](#) *CW* 68, pp. 138-9, 20 de novembro de 1938.

4 *CW* 72, p. 70, 15 de maio de 1940. “Ele [Hitler] não tem vícios. Não se casou. Dizem que seu caráter é limpo.” *CW* 75, p. 177, 17 de dezembro de 1941.

5 *CW* 73, p. 255, 24 de dezembro de 1940.

6 *CW* 76, p. 187, 6 de junho de 1942.

⁷ *CW* 73, p. 254, 24 de dezembro de 1940.

⁸ Earl Avon de. *The Eden Memoirs: Facing the Dictators* (Londres: Cassell), 1962, p. 516.

9 *CW* 66, p. 436, 27 de março de 1938.

[10](#) CW 66, p. 82, 28 de agosto de 1937.

[11](#) O discurso de Jinnah em Lucknow, 15 de outubro de 1937, reproduzido em *CW* 66, p. 468.

[12](#) CW 70, p. 288, 22 de outubro de 1939.

[13](#) CW 67, p. 61, 3 de maio de 1938.

14 CW 67, p. 117, 11 de junho de 1938. Prabhavati era a esposa de Jayaprakash Narayan, um membro socialista do Congresso. Depois que Prabhavati ficou sob a influência de Gandhi, ela impôs a castidade em seu casamento.

[15](#) CW 67, p. 37, 22 de abril de 1938.

16 Stanley Wolpert. *Jinnah of Pakistan* (Nova Deli: OUP), 2005, p. 166.

[17](#) CW 67, p. 117, 11 de junho de 1938.

[18](#) CW 67, p. 60, 3 de maio de 1938.

[19](#) CW 67, p. 104, 2 de junho de 1938.

[20](#) CW 67, p. 18, 11 de junho de 1938.

[21](#) CW 93, p. 175, depois de 2 de junho de 1938.

[22](#) CW 93, p. 204, 12 de setembro de 1938.

[23](#) CW 67, p. 194-8, 23 de julho de 1938.

[24](#) CW 93, p. 237, 3 de fevereiro de 1939.

25 Mehta. *Mahatma Gandhi*, p. 203.

[26](#) *CW* 70, p. 175, 15 de setembro de 1939.

[27](#) CW 70, p. 411, 14 de setembro de 1939.

28 Wolpert. *Jinnah*, p. 175.

[29](#) Wolpert. *Jinnah*, p. 176.

30 Read e Fisher. *Proudest Day*, p. 295.

[31](#) Wolpert. *Jinnah*, p. 181.

[32](#) CW 71, p. 412, 9 de abril de 1940.

[33](#) *CW* 72, pp. 229-30, 6 de julho de 1940.

[34](#) *CW* 72, p. 232, 10 de julho de 1940.

[35](#) *CW* 69, p. 390, 4 de julho de 1939.

36 Peter Clarke. *The Cripps Version: The Life of Sir Staford Cripps* (Londres: Allen Lane), 2002, p. 305; Nicholas Mansergh. *The Transfer of Power* vol. 1 (Londres: HMSO), 1970, p. 498, 27 de março de 1942.

37 Kenneth Harris. *Attlee* (Londres: Weidenfeld & Nicolson), 1982, p. 203.

[38](#) CW 76, p. 67, 26 de abril de 1942.

[39](#) CW 76, p. 106, 14 de maio de 1942.

[40](#) *CW* 76, p. 186, 6 de junho de 1942.

[41](#) CW 76, p. 334, 26 de julho de 1942.

[42](#) Carke. *Cripps Version*, p. 306.

⁴³ CW 76, p. 197, 14 de junho de 1942.

[44](#) CW 76, p. 105, 14 de maio de 1942.

[45](#) CW, p. 75, p. 205, 8 de janeiro de 1942.

[46](#) CW 75, p. 64, antes de 24 de abril de 1942.

⁴⁷ CW 76, p. 392, 8 de agosto de 1942.

48 Chadha. *Rediscovering*, p. 383.

[49](#) Sushila Nayar. *Kasturba: Wife of Gandhi* (Wallingford, Pensilvânia: Pendle Hill), 1948, p. 36.

50 Nayar. *Kasturba*, p. 43.

[51](#) Chadha. *Rediscovering*, p. 391.

[52](#) Nayar. *Kasturba*, p. 44.

53 Nayar *Kasturba*, p. 70.

54 Read e Fisher. *Proudest Day*, p. 346.

55 *CW* 79, p. 84, 1º fevereiro de 1945.

56 Arun Gandhi. *Daughter of Midnight*, p. 265.

57 Idem.

58 Nayar. *Kasturba*, p. 40.

59 Sushila Nayar. *Mahatma Gandhi*, vol. 8. *Final Fight for Freedom* (Ahmedabad: Navajivan), 1997, p. 527.

[1](#) Victoria Schofield. *Wavell: Soldier and Statesman* (Londres: John Murray), 2006, p. 316.

² Wolpert. *Jinnah*, p. 230.

[3](#) *CW* 76, p. 120, 18 de maio de 1942.

[4](#) Nicholas Mansergh. *The Transfer of Power 1942-7*, vol. 4 (Londres: HMSO), 1973, p. 1123.

5 *CW* 8, pp. 87-8, 9 e setembro de 1944.

6 Schofield. *Wavell*, p. 91.

⁷ Schofield. *Wavell*, p. 321.

8 Hector Bolitho. *Jinnah: Creator of Pakistan* (Lahore: OUP), 1969, p. 152.

9 *CW* 80, p. 367, 25 de junho de 1945.

[10](#) Archibald Wavell. *The Viceroy's Journal* ed. Penderel Moon (Londres: OUP), 1973, p. 147.

[11](#) CW 81, p. 310, 3 de outubro de 1945.

[12](#) Pyarelal. *Mahatma Gandhi*, vol. 9 *The Last Phase* part 1 (Ahmedabad: Navajivan), 1997, p. 138.

[13](#) CW 81, p. 420, 26 de outubro de 1945.

[14](#) CW 87, p. 70, 11 de março de 1947.

15 *CW* 79, p. 193, 1º de maio de 1945.

[16](#) *CW* 79, p. 192, 1º de março de 1945.

[17](#) *CW* 67, p. 81, 14 de maio de 1938; *CW* 70 p. 220 30 de setembro de 1939.

[18](#) CW 79, p. 212, 6 de março de 1945.

[19](#) CW 79, p. 222, 7 de março de 1945.

20 Arun Gandhi. *Daughter of Midnight*, p. 305.

[21](#) Fischer. *Life*, pp. 230-1.

[22](#) CW 83, p. 276, 17 de março de 1946.

[23](#) Wavell. *Viceroy Journal*, p. 236.

[24](#) *Viceroy Journal*, p. 314.

25 *Viceroy Journal*, p. 260.

26 Read e Fisher. *Proudest Day*, p. 388.

[27](#) Pyarelal. *Last Phase*, parte 1, p. 228.

28 Wolpert. *Jinnah*, p. 282.

29 Nehru havia dito que iriam para a assembleia “totalmente desprovidos de acordos e livres para confrontar todas as situações à medida que surgissem”. *CW* 85, p. 5, 17 de julho de 1946.

30 Wavell. *Viceroy Journal*, p. 341. Outra versão dizia: “Gandhi afirmou que, se um banho de sangue fosse necessário, ele aconteceria apesar da não violência”. Nicholas Mansergh. *The Transfer of Power 1942-7*, vol. 8, 1979, p. 313.

[31](#) Pyarelal. *Last Phase*, parte 1, p. 201.

[32](#) Alex von Tunzelmann. *Indian Summer: The Secret History of the End of an Empire* (Londres: Simon & Schuster), 2007, p. 142.

[33](#) CW 74, pp. 14-15, 25 de abril de 1941.

[34](#) CW 75, p. 349, antes de 9 de dezembro de 1941.

[35](#) CW 74, p. 132, 30 de junho de 1941, e p. 113, 15 de junho de 1941.

36 Pyarelal. *Last Phase*, parte 1, p. 6.

37 Chadha. *Rediscovering*, p. 419.

[38](#) CW 86, pp. 451-2, 6 de novembro de 1946.

[39](#) CW 92, pp. 345-6, 18 de outubro de 1946.

40 Mehta. *Mahatma Gandhi*, p. 187.

41 Idem.

[42](#) Pyarelal. *Last Phase*, parte 1, p. 575.

⁴³ CW 92, p. 310, 11 de outubro de 1946.

[44](#) M.K. Bose. *My Days With Gandhi* (Calcutá: Nishana), 1953, p. 117.

45 Mehta. *Mahatma Gandhi*, p. 203.

[46](#) CW 94, p. 333, 30 de dezembro de 1946.

⁴⁷ CW 87, p. 108. Para Rajkumari Amrit Kaur, 18 de março de 1947.

48 Pyarelal. *Last Phase*, parte 1, p. 600.

[49](#) Pyarelal. *Mahatma Gandhi*, vol. 10 *The Last Phase*, parte 2, pp. 215-16.

50 Pyarelal. *Last Phase*, parte 2, p. 219.

51 Erikson. *Gandhi's Truth* p. 404.

[52](#) CW 86, p. 415, 1º de fevereiro de 1947.

[53](#) CW 86, p. 453, 10 de fevereiro de 1947.

[54](#) CW 86, p. 302, 2 de janeiro de 1947.

55 Bose. *May Days*, p. 160.

56 Girja Kumar. *Brahmacharya: Gandhi and his Women Associates* (Nova Deli: Vitasta Publishing), 2006, pp. 223-4.

[57](#) CW 94, pp. 334, 335, 337, 30 de dezembro de 1946 e 6 de janeiro de 1947.

58 Wavell. *Viceroy Journal*, p. 428.

[59](#) CW 87, p. 126, 2 de março de 1947.

[60](#) CW 87, p. 118, 19 de março de 1947.

[61](#) Alan Campbell-Johnson. *Mission with Mountbatten* (Londres: Hamish Hamilton), 1985, p. 52.

[62](#) CW 88, p. 13, 26 de maio de 1947.

63 Campbell-Johnson. *Mountbatten*, p. 110.

64 Pyarelal. *Last Phase*, parte 2, p. 210.

65 CW 89, p. 116, Mountbatten para Gandhi, 26 de agosto de 1947.

[66](#) *CW* 87, p. 384, 29 de abril de 1947.

67 Mehta. *Mahatma Gandhi*, p. 201.

68 Manu Gandhi. *The End of an Epoch* (Ahmedabad: Navajivan), 1962, p. 15.

69 Adams e Whitehead. *Dynasty*, p. 129.

[70](#) CW 89, p. 232, 24 de setembro de 1947.

71 Manu Gandhi. *Epoch*, p. 16.

[72](#) CW 89, p. 126, 1º de setembro 1947.

[73](#) CW 89, p. 134, 2 de setembro de 1947.

[74](#) CW 90, p. 61, 18 de novembro de 1947.

75 Adams e Whitehead. *Dynasty*, p. 132.

76 Nayar. *Preparing for Swaraj*, p. 201.

77 Manu Gandhi. *Epoch*, p. 29.

78 Pyarelal. *Last Phase*, parte 2, p. 861, Pyarelal acredita que as últimas palavras não foram “He Rama”, mas “Rama, Rama”.

79 Manu Gandhi. *Epoch*, p. 43.

[80](#) CW 87, p. 408, 4 de maio de 1947.

[81](#) CW 87, p. 462, 13 de maio 1947.

[82](#) Pyarelal. *Last Phase*, parte 2, p. 775.

[83](#) Jawaharlal Nehru. *Speeches*, vol. 1 *Setembro de 1946 — Maio de 1949* (Deli: Publications Division, Government of India), 1949, p. 42.

84 *CW* 86, p. 335, 10 de janeiro de 1947.

85 Manu Gandhi. *Lat Glimpses of Bapu* (Deli: Shiva Lal Agarwala & Co.), 1962, p. 334.

86 Servepalli Gopal. *Jawaharlal Nehru: A Biography*, vol. 2, 1947-1956 (Londres: Jonathan Cape), 1979, p. 25.

- 1 Nathuram Godse. *Why I Assassinated Mahatma Gandhi* (Nova Deli: Surya Bharti Parkashan), 1993, p. 26.

[2](#) Godse. *Assassinated*, pp. 19-40.

3 Godse. *Assassinated*, pp. 49-50.

[4](#) *CW* 89, p. 16, 7 de agosto de 1947.

5 Rajmohan Gandhi. *The Man*, p. 286.

6 *CW* 77, p. 351, 4-6 de julho de 1944.

- 7 Martin Luther King Jr. “Pilgrimage to Nonviolence”, em Norman Cousins (ed.). *Profiles of Gandhi America Remembers a World Leader* (Nova Deli: Indian Book Company), 1969, p. 206.

8 King “Pilgrimage”, em Cousins (ed.). *Profiles*, p. 209.

9 Nelson Mandela. “The Sacred Warrior”, *Time*, 3 de janeiro de 2000.

[10](#) CW 90, p. 511, 27-28 de janeiro de 1948.

[11](#) CW 90, p. 522, 29 de janeiro de 1948.

[12](#) CW 74, p. 13, 25 de abril de 1941.

13 Mountbatten, *Lord Mountbatten's Report on the Last Viceroyalty* (Nova Deli: Manohar), 2003, p. 227. O conhecimento do público de seus hábitos antiquados estimulava muitas das críticas da época, como, por exemplo: “Ele vestia um *dhoti* todo sujo e ainda dorme entre duas virgens”; a referência do “sanduíche virgem” de Gandhi pode ser encontrada na Internet.

14 Pyarelal. *Last Phase*, parte 1, p. xxiii. Pyarelal observou em seu capítulo sobre *brahmacharya*: “A importância-chave deste capítulo, para um completo entendimento da filosofia de vida de Gandhi, não deve ser exagerada”. *Last Phase*, parte 1, p. ix.

[15](#) CW 30, p. 16, 14 de fevereiro de 1926.

[16](#) CW 48, p. 403, 8 de dezembro de 1931.

[17](#) Campbell-Johnson. *Mountbatten*, p. 145, e amplamente divulgado por outros autores.

[18](#) CW 80, p. 222, 31 de maio de 1945.

19 CW 87 24 de fevereiro de 1947.